



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Luiza Aguiar dos Anjos

**DE “SÃO BICHAS, MAS SÃO NOSSAS” À “DIVERSIDADE
DA ALEGRIA”: UMA HISTÓRIA DA TORCIDA COLIGAY**

Porto Alegre

2018

LUIZA AGUIAR DOS ANJOS

DE “SÃO BICHAS, MAS SÃO NOSSAS” À “DIVERSIDADE DA ALEGRIA”: UMA HISTÓRIA DA TORCIDA COLIGAY

Tese apresentada ao Programa Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2018

Luiza Aguiar dos Anjos

Conceito final: A

Aprovado em 24 de agosto de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arlei Sander Damo – UFRGS

Prof. Dr. Gustavo Andrada Bandeira – UFRGS

Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo – UFSCar

Orientador – Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner – UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Anjos, Luiza Aguiar dos

De "São bichas, mas são nossas" à "Diversidade da alegria": uma história da torcida Coligay / Luiza Aguiar dos Anjos. -- 2018.

388 f.

Orientadora: Silvana Vilodre Goellner.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Coligay. 2. Grêmio. 3. torcida. 4. sexualidades. 5. masculinidades. I. Goellner, Silvana Vilodre, orient. II. Título.

À minha mãe, quem mais me ensinou a colocar
o coração em tudo que faço.

AGRADECIMENTOS

Nada mais justo do que começar meus agradecimentos pelos integrantes da Coligay, xs quais protagonizaram as histórias que me sinto tão privilegiada de contar. Muito obrigada principalmente a Careca (Osmar), Marcelly, Miguel, Serginho e Volmar, que tiveram a generosidade de compartilhar suas memórias comigo! Estendo os agradecimentos especiais as demais pessoas que me concederam entrevistas, esclareceram dúvidas e abriram diversas outras portas: André, Bobis (Luiz Heitor), Carlinhos, Célio, Cleber, David, Diogo, Dona Ema, Dr. Hélio, Fernando, Gerson, Jairo, Lauro, Léo, Luiz Afonso, Mário, Oberdan, Pancho, Paulo, Peninha, Ricardo, Roger, Rosa, Tarciso, Vô, Yura.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento durante parte da pesquisa, o qual foi essencial para que eu tivesse condições de me dedicar ao trabalho.

À Silvana, cujas críticas, sugestões, comentários e elogios me possibilitaram não apenas qualificar minha Tese, mas também crescer como pesquisadora. Por isso, serei sempre grata pelas oportunidades oferecidas por meio do CEME e do GRECCO. Agradeço, também, pelo seu acolhimento, carinho e parceria, fundamentais para que Porto Alegre se tornasse um lar.

A pessoas que admiro imensamente e que tive a honra de ter em minha banca: Arlei, Wagner, Carla e Gustavo. Obrigada por se disporem a contribuir com meu trabalho, em diálogos que foram muito além das exigências formais estabelecidas pela Universidade.

Agradeço, em especial, ao Gustavo pelo acompanhamento da produção da pesquisa desde o seu início, sendo praticamente um consultor sobre o Grêmio e a torcida gremista, e alguém sempre aberto à conversas e trocas que inegavelmente qualificaram minhas reflexões. E para além da ajuda na Tese em si, agradeço pela amizade construída entre disciplinas, eventos acadêmicos e festividades.

Ao William e ao Ian pela contribuição na pesquisa e pela parceria no nosso tempo de atuação juntos no CEME.

À professorxs e colegas da UFRGS e de outras instituições, que entre disciplinas, apresentações em eventos, trocas de e-mails e whatsapp, conversas de corredores e bares me ajudaram a produzir novos dados, levantar novas questões e construir novos olhares. Vocês me fazem acreditar no poder da coletividade, mesmo no competitivo ambiente acadêmico!

À Ana, Márcia e Ariadne, cujo trabalho competente e tratamento carinhoso garantem que a burocracia não nos trave, nem enlouqueça.

Aos/as funcionárixs da ESEFID por garantirem o bom funcionamento da escola. Em especial, agradeço ao Paulo Sefrin, companheiro das viagens ao Museu da Comunicação.

Ao Robertinho e todo pessoal do RU por nos alimentarem diariamente com comida gostosa e afeto.

Agradeço, também, àqueles que há alguns anos me incentivaram a permanecer por mais um tempo na Universidade. Ao Sílvio e ao GEFuT, que me fizeram me apaixonar ainda mais pelo futebol; e ao Rafa, cujos ensinamentos obtidos durante a orientação no mestrado ainda carrego, e quem primeiro sugeriu a ideia de tentar o Doutorado.

À Xisti, que me ajudou muito em vários pontos da tese, mas cuja principal contribuição foi ser uma grande amiga! As risadas, papos cabeça e desabafos foram fundamentais pra manter a sanidade e ter inúmeras lembranças boas desses 4 anos. Que eles continuem independentemente de para onde a vida nos leve.

Às amigades que Porto Alegre me deu. Ayllu e Isa, pela companhia pra discutir e rir da vida. Publius, Luiz e toda a galera da Trilegalo, por trazerem um pedacinho de Minas pra cá. Aline e Maurício, por me fazerem me sentir da família. À Dani, pelos encontros sempre prazerosos. Naty e May, pela colaboração generosa em tudo que precisei e pela amizade que fez do ambiente de trabalho um lugar um pouco mais leve.

Às amigades de BH, que a cada vinda pra casa me reenergizavam. Às mulheres incríveis Marina e Bárbara, amigas de toda hora, inclusive pra dar uma super mão na fase final de escrita. Ao DA, pela amizade da EEEFTO pra vida. Ao Tiba e à Amica, amigos do coração cujo amor não muda com distância e tempo. Às Pacas, que fazem a vida mais acolhedora e divertida.

Às musas que o IF me trouxe: Isa, Marcela e Vanessa. Tem sido um prazer compartilhar trabalho e diversão com vocês. Essa fase final foi mais leve com o apoio de vocês!

À minha família pelo amor e estrutura: Mams, pai, Hermana, Primas-irmãs, tias e tios queridxs.

E à Suby, meu Amorzinho, minha companheira, minha “conje”. Obrigada por aguentar as oscilações de humor, as ansiedades, a falta de tempo. Obrigada pelas tantas “mãozinhas”. Obrigada por estar do meu lado durante esse árduo período e por me dar tanto amor. Agosto, enfim, chegou.

RESUMO

A Coligay é uma torcida do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre que esteve em atividade entre 1977 e os primeiros anos de 1980. Como o nome indica, essa torcida era formada predominantemente por homens identificados como gays, o que já parece ser motivo de surpresa e curiosidade no contexto futebolístico brasileiro, no qual a heterossexualidade, mais do que tomada como norma, é enfatizada como valor. Mas esse agrupamento fez-se notório não (apenas) porque explicitava a homossexualidade de seus integrantes em sua retórica, mas, sobretudo, porque fazia de tal identidade sexual o norteador da performance estética do grupo nas arquibancadas. Uma vez extinta, a torcida caiu em esquecimento, ausente em grande parte dos registros da história do Grêmio e da memória de muitos torcedorxs. Recentemente, a Coligay tem retornado à visibilidade com destaque à produção de um livro, um documentário e reportagens, além da presença da torcida em um painel no Museu do Grêmio. Tendo esse cenário em vista, esta tese tem como objetivo descrever e analisar a trajetória e memória da torcida Coligay, dando destaque às tensões referentes a gênero e sexualidade que emergem a partir da presença de um coletivo afirmadamente gay no universo futebolístico. Para tal, me embaso na fundamentação teoria dos Estudos *Queer*. Utilizo como fontes entrevistas realizadas na perspectiva teórico-metodológica da História Oral junto a integrantes da Coligay, outrxs torcedorxs do Grêmio, jornalistas, assim como ex-jogadores, dirigentes e funcionários do clube. Às fontes orais, acrescento fontes documentais, sendo elas: registros de periódicos, o acervo documental e iconográfico do Museu do Grêmio, livros que tratam da história do clube e artefatos culturais sobre a Coligay e o Grêmio, tais como notícias de sítios eletrônicos, publicações do *Facebook* e um documentário. Identifiquei que houve, naquele período, um cenário de permissividade à formação da Coligay, assim como de outras “torcidas gays”, acompanhando movimentos potencialmente subversivos no campo da cultura. Ainda assim, a existência da Coligay foi possível diante de certas características e estratégias que contribuíram para sua aceitação. Evidenciei que a torcida possui inegável importância entre as torcidas gremistas, não apenas por refutar o suposto caráter universalmente cisheterossexual e viril do futebol, mas também pelo pioneirismo em diversas iniciativas de organização torcedora e performance nas arquibancadas. A Coligay serviu, também, como um espaço de sociabilidade de LGBTs que, através dela, se aproximaram e apropriaram do futebol. Apesar de sua performance torcedora, em muitos aspectos, ser similar àquela de outras torcidas, é recorrente que suas manifestações sejam marcadas pelo que as diferencia: a afeminação que atravessa suas

gestualidades. Há constantes deslizamento entre o que entendem como masculinidades e feminilidades, ainda que dentro de limites que xs próprios integrantes se impõem, os quais necessariamente estão articulados à norma e às consequências concretas que sua ultrapassagem representaria. Por fim, lanço a hipótese de um deslocamento em curso sobre o significado da torcida - de “São bichas, mas são nossas” para a “Diversidade da alegria” – inserido em um projeto de afirmação de uma tradição de pluralidade no Grêmio.

Palavras-chave: Coligay. Grêmio. Torcida. Sexualidades. Masculinidades.

ABSTRACT

Coligay is a group of supporters from Grêmio Foot-ball Porto Alegrense that was active between 1977 and the early 1980s. As their name indicates, this crowd was formed predominantly by men identified as gay, which already seems to be cause for surprise and curiosity in the Brazilian football context, in which heterosexuality, rather than taken as a norm, is emphasized as value. But this grouping became notorious not only because it exposed the homosexuality of its members in their rhetoric, but above all because it made such sexual identity the guiding force of the group's aesthetic performance in the stands. Once extinct, the crowd fell into oblivion, largely missing from the records of Grêmio's history and the memory of many supporters. Recently, Coligay has returned to visibility, featuring the production of a book, a documentary and articles, besides the presence of the supporters in a panel in Grêmio's Museum. With this scenario in view, this thesis aims to describe and analyze the trajectory and memory of the Coligay fans, highlighting the tensions related to gender and sexuality that emerge from the presence of an assertively gay collective in the football universe. To that end, I have grounded on the perspectives of the Queer Studies. I use as sources interviews conducted in the theoretical-methodological perspective of Oral History with members of Coligay, other supporters of Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, journalists, as well as former players, officials and employees of the club. To the oral sources, I add documentary sources, such as: periodicals, documentary and iconographic collection of Grêmio's Museum, books dealing with the history of the club and cultural artifacts about Coligay and Grêmio, such as news from electronic sites, publications of Facebook and a documentary. I identified that there was, in that period, a scenario of permissiveness to the formation of Coligay, as well as other "gay supporting groups", accompanying potentially subversive movements in the field of culture. Nevertheless, the existence of Coligay was possible in the face of certain characteristics and strategies that contributed to its acceptance. I pointed out that the crowd has undeniable importance among Grêmio's supporting groups, not only for refuting the supposed universality of cis/heterosexual and virile character of football, but also for the pioneering in several initiatives of supporter's organization and performance in the football stands. Coligay also served as a space for sociability of LGBTs who, through it, approached and appropriated football. In spite of its supporting performance, in many ways, being similar to that of other fans, it is recurrent that its manifestations are marked by what differentiates them: the effeminacy that crosses its gestualities. There are constant slips between what they understand as masculinities and femininities, even within the limits that their own members impose themselves, which

necessarily are articulated to the norm and the concrete consequences that their overtaking would represent. Finally, I propose the hypothesis of an ongoing shift over the meaning of the crowd - from “They are fags, but they are ours” to the “Diversity of Joy” - inserted in a project of affirmation of a tradition of plurality in Grêmio.

Keywords: Coligay. Grêmio. Supporters. Sexualities. Masculinities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Coligay expondo faixa dedicada ao goleiro recém-contratado Walter Corbo	57
Figura 2 - Desfile da Coligay no intervalo de um Gre-Nal no Estádio Beira-Rio, no dia 18 de setembro de 1977	63
Figura 3 - Coligay com suas bandeiras, na arquibancada do Estádio Olímpico, na final do Campeonato Gaúcho de 1977, entre Grêmio e Internacional	65
Figura 4 - Coligay e o colunista do jornal Zero Hora, Paulo Santana, em frente ao prédio da redação do jornal.....	67
Figura 5 - Coligay em desfile no Estádio Olímpico no evento de entrega das faixas de Campeão Gaúcho de 1977 ao Grêmio.....	69
Figura 6 - Coligay com bandeira com seu nome em meio à torcida do Corinthians, no segundo jogo da final do Campeonato Paulista de 1977, em que o time da capital enfrentou a Ponte Preta, no Estádio do Morumbi.....	71
Figura 7 - Coligay com bandeira escrita “Grêmio” em meio à torcida do Corinthians, no segundo jogo da final do Campeonato Paulista de 1977, em que o time da capital enfrentou a Ponte, no Estádio do Morumbi	72
Figura 8 - Convocação do Grêmio para sua torcida e do Internacional para suas partidas finais do Campeonato Gaúcho de 1978.....	74
Figura 9 - Coligay na arquibancada do Estádio Olímpico, no jogo entre Grêmio e Brasil, no qual o primeiro conquistou o título do Campeonato Gaúcho de 1979, no 9 de setembro daquele ano	77
Figura 10 - Charge ilustrando a cobrança da Torcida Organizada Terremoto à Coligay	78
Figura 11 - Integrantes da “segunda geração” da Coligay	84
Figura 12 - Volmar Santos tremulando uma bandeira junto à Coligay	92
Figura 13 - Miguel (à direita) e um colega de Coligay	97
Figura 14 - Sala de estar da residência de Osmar Dziekaniaki Rodrigues (Careca).	99
Figura 15 - Registro do jornal Zero Hora sobre o número de torcidas organizadas de clubes do Rio de Janeiro	128
Figura 16 - Torcida Eurico Lara em jogo do Grêmio	132
Figura 17 - Ilustração da em referência à Coligay (do Grêmio/RS).....	170
Figura 18 - Ilustração da notícia do conflito entre a torcida Torja (do Náutico/PE), e o treinador da equipe, Pinheiro.....	170

Figura 19 - Ilustração da notícia que anuncia a criação da Gayviões da Fiel (do Corinthians/SP)	171
Figura 20 - Ilustração da notícia da reclamação de João Bombom, líder da Gayviões da Fiel (do Corinthians/SP), direcionada à Clóvis Bornay, que supostamente queria participar da criação da Fiel Gay (também do Corinthians/SP)	171
Figura 21 - Ilustração em referência à torcida Peraltas do Fogão (do Botafogo/RJ)	172
Figura 22 - Cartão produzido pelo Nuances ilustrando a autorização dos órgãos de censura ao show Cabaret, da boate Flowers	177
Figura 23 - Charge com referência à Coligay	191
Figura 24 - Coligay nas arquibancadas do Estádio Olímpico	203
Figura 25 - Integrantes da Coligay	203
Figura 26 - Departamento Eurico Lara (acima) e Coligay (abaixo) desfilam na cerimônia de entrega de faixas de campeão gaúcho de 1977 ao Grêmio	205
Figura 27 - Integrante da Coligay desfilando no Estádio Olímpico em cerimônia anterior à partida em que o Grêmio se sagrou campeão gaúcho de 1979	206
Figura 28 - Imagem em referência à Coligay	209
Figura 29 - Charge tematizando a Coligay	243
Figura 30 - Imagens veiculadas por clubes da Série A e B no Dia do Orgulho LGBT, em 2017	261
Figura 31 - Partes do painel dedicado a Coligay exposto no Museu do Grêmio	323
Figura 32 - Manequins no Memorial do Grêmio, no Estádio Olímpico	327
Figura 33 - Faixa “Coligay” estendida na partida entre Caracas e Grêmio, na cidade de Caracas, no dia 27 de maio de 2009.....	329
Figura 34 - Trapo exposto pela Tribuna 77 em homenagem aos 40 anos da fundação da Coligay, na partida entre Grêmio e Deportes Iquique, válida pela Copa Libertadores da América, no dia 11 de abril de 2017.....	334
Figura 35 - Imagem da Coligay, na publicação da página do Facebook da Tribuna 77, em função do Dia Internacional contra a Homofobia, em 2016	338

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Integrantes da Coligay identificados e dados referentes ao contato	33
Quadro 2 - Entrevistas realizadas com torcedorxs, (ex-)funcionários e ex-jogadores do Grêmio F. B. P. A. e jornalistas.....	36
Quadro 3 - Integrantes da Coligay e relações com TOs e com torcedores	87
Quadro 4 - Integrantes de outras TOs do Grêmio entrevistados para a pesquisa.....	122
Quadro 5 - Menções a Coligay no Jornal Zero Hora divididas por linguagem utilizada (abril/1977-dezembro/1983).....	240
Quadro 6 - Elementos, características ou valores associados ao futebol brasileiro e, em oposição, ao futebol europeu	281

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5	Ato Institucional Número Cinco
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
BA	Bahia
C	Coligay
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEME	Centro de Memória do Esporte
CID	Classificação Internacional de Doenças
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DF	Distrito Federal
DOI-CODI Interna	Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa
DTG	Departamento do Torcedor Gremista
DVD	Digital Video Disc
EA	Explosão Azul
EL	Eurico Lara
ESPN	Entertainment and Sports Programming Network
FA	English Football Association
FA	Força Azul
FGF	Federação Gaúcha de Futebol
FICO	Torcida Força Independente Colorada
FIFA Futebol	Fédération Internationale de Football Association / Federação Internacional de
GAPA	Grupo de Apoio à Prevenção da aids
GEFuT	Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
GLT	Gays, Lésbicas e Travestis

GT	Garra Tricolor
HIV	Human Immunodeficiency Virus / Vírus da Imunodeficiência Humana
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	Ministério da Educação
MG	Minas Gerais
MT	Máquina Tricolor
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organizações Não-Governamentais
PE	Pernambuco
PM	Polícia Militar
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PROFUT Brasileiro	Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro
RBS	Rede Brasil Sul
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
RTJ	Real Torcida Jovem
SM	Santa Maria
SP	São Paulo
SRG	Super Raça Gremista
STJD	Superior Tribunal de Justiça Desportiva
TJ	Torcida Jovem
TO	Torcida Organizada
UEEs	União Estaduais de Estudantes
UEFA Futebol	Union of European Football Associations / União das Federações Europeias de Futebol

UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNE	União Nacional dos Estudantes
ZH	Zero Hora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS E PRODUÇÃO DE FONTES	25
2.1 A CONDUÇÃO DA PESQUISA POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL	25
2.2 AS FONTES ORAIS	28
2.3 AS FONTES DOCUMENTAIS	40
3 O FUTEBOL E A EMERGÊNCIA DA COLIGAY	46
3.1 UMA HISTÓRIA DA COLIGAY	46
3.2 CONHECENDO XS INTEGRANTES DA COLIGAY	86
3.2.1 O torcedor Volmar.....	89
3.2.2 O torcedor Miguel.....	95
3.2.3 O torcedor Careca.....	98
3.2.4 O torcedor Serginho.....	102
3.2.5 A torcedora Marcelly	107
3.2.6 Articulando histórias	111
3.3 AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO GRÊMIO: O CENÁRIO FUTEBOLÍSTICO EM QUE A COLIGAY EMERGE E SE TRANSFORMA.....	121
3.4 A EMERGÊNCIA DE TORCIDAS GAYS NO FUTEBOL BRASILEIRO	151
3.5 DIMENSÕES E ARTICULAÇÕES POLÍTICAS DA COLIGAY	173
3.5.1 A Coligay e o combate à ditadura civil-militar	175
3.5.2 A Coligay e a militância LGBT	183
4 ADMIRAÇÃO, ACEITAÇÃO, REPULSA E JOCOSIDADE.....	191
4.1 MANIFESTAÇÕES DE UMA TORCIDA GAY	195
4.2 UMA BOA TORCIDA GAY	219
4.3 UM DOS OUTROS OU UM DE NÓS?.....	228
5 DO ESQUECIMENTO AO RESSURGIMENTO	249
5.1 INDÍCIOS DE UM APAGAMENTO DAS MEMÓRIAS DA COLIGAY	249
5.2 CAMINHOS PARA O RESSURGIMENTO DAS MEMÓRIAS DA COLIGAY	257
5.2.1 As discussões recentes acerca da homossexualidade e da homofobia no futebol brasileiro	258
5.2.2 A conquista de direitos, espaços e visibilidade por LGBTs	265

5.3 A COLIGAY E O GRÊMIO	278
5.3.1 O que o Grêmio representa e o que significa ser gremista?	279
5.3.1.1 Nós e os outros: o Rio Grande do Sul e o Brasil	279
5.3.1.2 Nós e os outros: o Grêmio e o Inter	285
5.3.2 O ressurgimento da Coligay	294
5.3.2.1 Coligay: Tricolor e de todas as cores.....	295
5.3.2.2 Coligay nos espaços da memória oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre: Memorial Hermínio Bittencourt e Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt	316
5.3.3 Ressignificando a Coligay e atualizando a tradição gremista	327
5.3.3.1 Deslocamentos dos significados das memórias da Coligay	328
5.3.3.2 A Coligay e a atualização da tradição gremista.....	344
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	358
REFERÊNCIAS	363
PERIÓDICOS	375
DEPOIMENTOS	380
ANEXO A – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DO PROJETO GARIMPANDO..	383
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM JORNALISTA	384
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM TORCEDOR	385
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX-JOGADOR DO GRÊMIO	386
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX-FUNCIONÁRIO DO GRÊMIO	387

1 INTRODUÇÃO

No dia 27 de março de 1977, o Grêmio de Foot-Ball Porto Alegre¹ fez sua estreia na 57ª edição do Campeonato Gaúcho de Futebol². O clube iniciava sua caminhada no torneio com a esperança de acabar com um longo período sem títulos, assim como interromper a série de conquistas estaduais do rival – o Sport Club Internacional³ vinha de uma sequência de oito campeonatos consecutivos, sagrando-se campeão anualmente desde 1969. Para agravar o incômodo gremista com o sucesso do principal adversário, a equipe colorada não se impunha apenas em seara local, tendo sido bicampeã nacional ao conquistar a Copa Brasil de 1975 e 1976.

Ao longo da competição, os dois maiores times do estado⁴ fizeram o que se esperava deles: superaram os demais e ficaram em primeiro lugar de seus respectivos grupos. Na fase final, novamente fizeram valer sua suposta superioridade, empatando na liderança da competição, o que os levou à um jogo-extra para a disputa do título. Para além da incerteza do resultado inerente a qualquer jogo de futebol, àquela altura do torneio o desempenho das equipes, de fato, não apontava para um favoritismo do então octacampeão. A vitória de qualquer um dos postulantes à conquista não seria motivo de surpresa.

O jogo derradeiro que definiu o campeão gaúcho daquele ano aconteceu no dia 25 de setembro. Para o Grêmio, que jogava em casa, bastava uma vitória para sagrar-se campeão, visto que tinha obtido vantagem ao vencer o rival ainda na fase final. Ao Internacional, restava a esperança de impor um terceiro jogo, para isso precisando vencer o Grêmio no Estádio Olímpico⁵.

O teor dramático da partida começou quando, aos 22 minutos de jogo, foi marcado um pênalti a favor do Grêmio. O atacante Tarciso⁶, batedor oficial e com boa média de acertos, lançou a bola por cima do travessão mantendo o empate sem gols. Mas não tardou para o placar ser inaugurado. Em um embate de ânimos cada vez mais exaltados, aos 42 minutos, ainda no

¹ A partir de agora, irei me referir ao clube apenas como Grêmio.

² Destaco que me refiro a edição disputada entre equipes de homens, suprimindo a utilização do “masculino” em sua alcunha por utilizar a nomenclatura do torneio adotada pela sua promotora, a Federação Gaúcha de Futebol.

³ A partir de agora, irei me referir ao clube apenas como Internacional ou Inter.

⁴ A noção de superioridade no futebol é sempre uma discussão polêmica e subjetiva. Tomo Grêmio e Internacional como os maiores do Rio Grande do Sul pela combinação de elementos como longevidade, número de torcedores, conquista de títulos estaduais, nacionais e internacionais e patrimônio.

⁵ Naquele momento, o estádio do Grêmio.

⁶ José Tarciso de Souza. Nascido em 1951, atuou no Grêmio entre 1973 e 1986. No momento de escrita da tese, era o atleta que mais atuou pelo tricolor gaúcho (721 jogos) e seu segundo maior artilheiro (226 gols). Após o fim da carreira futebolística, elegeu-se vereador de Porto Alegre em 2008, 2012 e 2016, adotando o nome político de “Tarciso Flecha Negra”, em alusão ao apelido recebido nos tempos de Grêmio.

primeiro tempo de jogo, o atacante André Catimba fez a festa dxs⁷ gremistas. O momento tornou-se ainda mais memorável pois, na comemoração, o jogador tentou executar um salto mortal, mas interrompeu o movimento de impulsão ao sentir uma distensão muscular, caindo de forma desajeitada. Com a aproximação do fim da partida, a torcida tricolor não conteve a comemoração do título, pulando das arquibancadas e ocupando o campo. Trinta minutos passados da invasão, sem condições de retomar o jogo, o árbitro declarou seu encerramento. Após oito anos, o Grêmio voltava a levantar a taça de campeão estadual.

Em meio ao furor dessa conquista, na edição do dia seguinte à partida, o jornal Zero Hora⁸ (ZH) reservou uma página inteira para tratar da história da constituição de uma nova torcida gremista que, desde o início do Campeonato, chamava a atenção dxs frequentadorxs do Estádio Olímpico: a Coligay. Como o nome indica, essa torcida era formada predominantemente por homens homossexuais, o que já parece ser motivo de surpresa e curiosidade no contexto futebolístico brasileiro, no qual a heterossexualidade, mais do que tomada como norma, é enfatizada como valor. Contudo, tal agrupamento fez-se notório não (apenas) porque explicitava a homossexualidade de seus integrantes em sua retórica, mas, sobretudo, porque fazia de tal identidade sexual o norteador da performance estética do grupo nas arquibancadas: trajavam longas batas com as cores do Grêmio, cada uma delas com uma letra na frente que formava o nome do clube, complementadas por “rebolados frenéticos e gritinhos um tanto histéricos” (TORCIDA..., 1977, p.42).

Essa e outras matérias jornalísticas que citavam a Coligay a descreviam como um grupo que se destacava por sua animação e assiduidade nos jogos do tricolor gaúcho. A torcida manteve-se presente nas arquibancadas enquanto grupo até os primeiros anos da década de 1980. Assim, tanto pela longevidade quanto por sua distinção entre os outros ocupantes das arquibancadas, seria pouco provável que esse conjunto de torcedorxs⁹ passasse despercebido pelos demais agentes envolvidos no espetáculo esportivo, como de fato não ocorreu.

⁷ Utilizo o “x” com o intuito de adotar uma linguagem não-binária. A escolha visa descaracterizar a ideia de que as palavras são masculinas ou femininas, assim como a utilização do masculino como referência. Ao usar o “x” busco contemplar igualmente homens, mulheres e aqueles que fogem da norma binária. Especificamente nos momentos em que for tratar de agrupamentos que possuem exclusivamente pessoas identificadas como homens mantenho o uso do masculino.

⁸ Periódico diário pertencente ao Grupo RBS, vendido no estado do Rio Grande do Sul. É o jornal de maior tiragem do estado.

⁹ Durante o processo de pesquisa, identifiquei a presença de travestis, além de homens e mulheres heterossexuais, que compuseram a Coligay, juntamente com os gays cuja presença está marcada na alcunha do grupo. Nesse sentido, opto pelo uso do termo **torcedorxs**, usando **x**, quando me referir ao coletivo de torcedores e torcedoras que fizeram parte da torcida.

Apesar de sua notoriedade, em especial para xs que testemunharam sua existência, pouco se sabe acerca da Coligay. Um processo de rompimento desse silenciamento se observou a partir da publicação do livro intitulado **Coligay: tricolor e de todas as cores**, de autoria de Léo Gerchmann, publicado em 2014, quase quarenta anos após a fundação da torcida. Não se pode dizer, contudo, que a torcida estava de todo esquecida, sobretudo porque recorrentemente era lembrada por colorados¹⁰ com o intuito de questionar a masculinidade dos gremistas.

O interesse da academia em analisar as relações possíveis entre as homossexualidades – e demais sexualidades dissidentes – e o futebol parece pouco expressivo. Segundo Caudwell (2011), análises críticas que analisam o preconceito na modalidade dão maior atenção ao machismo/sexismo e ao racismo. Como ilustração, ao fazer uma busca na base de dados do Portal de Periódicos CAPES/MEC¹¹, com diferentes composições de palavras-chaves que identificam tal temática (homossexualidade + futebol; homossexual + futebol; homofobia + futebol) encontrei cinco trabalhos – quatro artigos e uma dissertação – que a têm como questão central. Fazendo as mesmas buscas, mas utilizando a língua inglesa¹² (*homosexuality + soccer/football; homosexual/gay + soccer/football; homophobia + soccer/football*), por sua vez, encontrei onze artigos. Ainda que essa busca definitivamente não represente toda a produção acerca das homossexualidades no futebol, os dados são indicativos da pouca atenção dispensada à questão¹³.

Essa carência se reflete em poucos trabalhos que analisam e problematizam a especificidade do futebol no que tange à reiteração do heterossexismo¹⁴ e à naturalização de manifestações homofóbicas, assim como nos que registram e visibilizam as experiências de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros nessa modalidade esportiva. Cashmore e Cleland (2012) evidenciam, ainda, que, enquanto o número de trabalhos focando atletas homossexuais vêm crescendo desde a década de 1990, poucas pesquisas dedicadas à percepção de torcedorxs sobre a homossexualidade em esportes coletivos de contato foram

¹⁰ Forma como os torcedores do Internacional, maior rival do Grêmio, são popularmente chamados.

¹¹ Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

¹² Fez-se as buscas utilizando tanto gay, quanto homossexual, visto que ambos são usados de forma recorrente também em textos acadêmicos. Também utilizou-se para o futebol as traduções tanto estadunidense – soccer – quanto inglesa – football.

Artigos de periódicos não científicos e resenhas foram desconsiderados.

¹³ Rosa (2008), verificou similar desinteresse no tema pela Educação Física. Em um levantamento que reuniu 6 mil produções de revistas e anais de congressos da área do intervalo de 1979 a 2007, encontrou apenas três referências a um dos termos “homofobia”, “homossexual”, “homossexualismo” (sic) e “homo”.

¹⁴ Segundo Miskolci (2012, p.43), “heterossexismo é a pressuposição que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais”. Borillo (2010) destaca, ainda, que o heterossexismo assume a existência de uma diferenciação elementar entre homossexuais e heterossexuais, reservando ao último uma posição privilegiada. Dessa maneira, para o autor, o heterossexismo caracteriza-se como uma forma de dominação que parte da crença em uma hierarquia entre duas sexualidades previstas, homo e hetero.

realizadas. Por fim, ainda me parece pertinente o apontamento de Rosa (2010, p.152) de que “as histórias das organizações esportivas relacionadas a bichas, sapatonas, travestis ou quaisquer outras pessoas que desempenhem práticas ou desejos dissidentes, ainda está por ser contada”. Essa pesquisa pode, desse modo, dentre outras coisas, contribuir para a redução dessa lacuna ao produzir uma história de uma dessas organizações, a já apresentada torcida organizada Coligay.

O tema de uma pesquisa acadêmica, possivelmente todx pesquisadorx concordará, diz muito de nós mesmxs. Não pesquisamos nada ao acaso ou, ao menos, não deveríamos. No meu caso, a escolha desse tema é fruto, sobretudo, de minha paixão pelo futebol e de meus incomôdos e questionamentos quanto à processos normativos sexuais e de gênero que essa modalidade reitera em nossa cultura.

Desde 2009, faço parte do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse espaço, impulsionada por minhas inquietações como mulher e lésbica, iniciei meus investimentos acadêmicos no futebol, os quais vieram acompanhados também de pesquisas sobre gênero, num primeiro momento focando na participação de mulheres nesse esporte. No mestrado, uma intenção inicial de pesquisar diversos modos de preconceito no futebol, entre os quais o machismo e a homofobia, acabou se voltando para um episódio específico da segunda forma, e tendo como *locus* não mais o esporte bretão, e sim o voleibol¹⁵. Esse desvio me levou aos estudos sobre homossexualidades e homofobia, temas até então relegados ao segundo plano em minha (curta) vida acadêmica.

O fim do meu mestrado coincidiu com o surgimento, na rede social *Facebook*¹⁶, de comunidades autointituladas “torcidas *queer*” ou “torcidas livres”. Galo *Queer*, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre, Grêmio *Queer*, Queerlorado¹⁷, entre outras são resultantes da articulação de torcedorxs com o objetivo primordial de se posicionarem contra manifestações machistas e homofóbicas no contexto do futebol. No espaço virtual que elas ocupam, são divulgados conteúdos próprios ou de terceiros (textos opinativos e matérias jornalísticas) relacionados ao seu clube e ao combate à homofobia (e, após algum tempo de existência, também com outras pautas, como o enfrentamento ao racismo, por exemplo).

¹⁵ ANJOS, Luiza Aguiar dos. Quando o silêncio é rompido: homossexualidades e esportes na internet. 2013. 191f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

¹⁶ Rede social virtual criada em 2004. Nela, usuários criam perfis em que podem postar mensagens, imagens, vídeos e links de sites. Xs usuárixs podem adicionar outrxs usuárixs como amigos ou conhecidos possibilitando-os visualizar automaticamente os conteúdos por eles compartilhados. Há, ainda, a possibilidade de criar grupos por interesse, eventos e páginas institucionais.

¹⁷ Torcidas dos clubes Atlético Mineiro, Cruzeiro, São Paulo, Palmerias, Grêmio e Internacional, respectivamente.

Nesse mesmo ano, o futebolista estadunidense Robbie Rodgers¹⁸ anunciou publicamente que é homossexual. A “saída do armário” de Rodgers foi a primeira de um jogador de futebol das principais ligas do mundo desde Justin Fashanu¹⁹.

Paralelamente, meu time do coração, o Galo²⁰, em sua incursão pelos países latino-americanos durante a Copa Libertadores, também no ano de 2013, descobriu o grito de “Eeeeeehhhh...Puto!” que as torcidas dos clubes locais bradavam no momento do tiro de meta da equipe adversária²¹. Resolveu criar sua própria versão na língua pátria, fazendo surgir o “Oooooohhhh...Bicha!”, variação que, especialmente após a Copa do Mundo de 2014, se espalhou por diversas torcidas do país²², tendo sido, também, entoada durante os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro.

Ainda nesse ano, Felipeh Campos²³, publicamente conhecido por sua participação no extinto programa “Qual é a música?”²⁴, anunciou a criação da torcida Gaivotas Fiéis, com o intuito de reunir os homossexuais que torcem para o Corinthians²⁵. A torcida rapidamente gerou a revolta de várixs torcedorxs corintianos, especialmente da torcida Gaviões da Fiel, que acusou Felipeh de plagiar o nome e o escudo de sua entidade. Xs torcedorxs rivais, por sua vez, tomaram a torcida como argumento para ridicularizar os alvinegros paulistanos, questionando sua masculinidade.

Esses tantos episódios foram determinantes para que eu definisse que minha pesquisa abordaria as homossexualidades. Essa decisão me levou a lembrar da Coligay, uma torcida cuja existência já tinha me interpelado em uma leitura ou outra.

O palco principal de ação desse agrupamento, o estádio de futebol, privilegia um tipo bastante específico de masculinidade, associada, sobretudo, à virilidade e agressividade, traços também enfatizados na cultura gaúcha²⁶. A reafirmação desses valores perpassa com frequência

¹⁸ Robbie Rodgers nasceu em 12 de maio de 1987 em Rancho Palos Verdes (Califórnia, Estados Unidos). Ao longo de sua carreira atuou em equipes dos Estados Unidos, Holanda e Inglaterra. O atleta aposentou-se em 2017.

¹⁹ Justin Fashanu foi um futebolista inglês que assumiu-se homossexual em 1990. Após a declaração, a carreira do atleta entrou em declínio. Em 1998, já aposentado, Fashanu foi acusado de abusar sexualmente de um menor. A acusação foi posteriormente encerrada por falta de provas, mas antes disso o ex-jogador suicidou-se. Sua história marcante fez dele um ícone da Comunidade LGBT, sobretudo quando aborda-se a homofobia no esporte.

²⁰ Clube Atlético Mineiro.

²¹ Tal prática é chamada por alguns grupos que o criticam como “ódio no tiro de meta”.

²² Meu relato não visa identificar o Atlético como pioneiro em tal prática. A cronologia dessa manifestação que descrevi (primeiro Atlético, depois outras equipes) diz respeito a minha experiência pessoal.

²³ Formado em jornalismo, atua em programas de televisão, geralmente comentando a vida de celebridades. Estreou na carreira artística no “Qual é a música” na função de dublador na segunda fase do programa, transmitida entre 1999 e 2007.

²⁴ Programa que promovia uma competição entre cantores e/ou bandas com desafios relacionados à música. Era apresentado por Silvio Santos e foi transmitido entre 1976 e 1991, e 1999 e 2007.

²⁵ Sport Club Corinthians Paulista, de São Paulo (SP).

²⁶ A valorização da virilidade na cultura gaúcha será discutida no tópico 5.4.1.

pela definição e representação²⁷ dos homossexuais como a antítese desse modelo de masculinidade, o que os legitimou como alvos históricos da violência verbal e, por vezes, física de torcedorxs de futebol. A representação atribuída a cada um desses grupos – homossexuais e torcedorxs de futebol – é limitada (ANJOS, 2014b; 2015) e seus integrantes, certamente, se identificam com esses coletivos de forma diversa. Contudo, no imaginário social, essas subjetividades são comumente ofuscadas, subordinadas à identidade coletiva (BANDEIRA, 2009). A Coligay acaba por desarticular a expectativa de desencaixe e inadequação de homens homossexuais ao espaço futebolístico, sem que ela se mostre uma torcida “igual às outras”. Ela compactuou com códigos do futebol, se dispoñdo ao confronto físico e verbal, empunhando bandeiras e apoiando intensamente a sua equipe. Por outro lado, impôs seus requebros, suas vestimentas espalhafatosas, seu linguajar debochado e provocativo.

Isso posto, me parece inegável a pertinência e potencialidade de um estudo acerca dessa torcida. Minha mudança de Belo Horizonte para Porto Alegre, já planejada desde o mestrado, parecia um sinal de que a Coligay era o objeto ideal. Estava definido.

Essa pesquisa se orientou, então, a partir de algumas questões: Como ocorreu o processo de constituição, manutenção e desarticulação da Coligay? Qual a trajetória de torcedorx de seus/suas integrantes até o ingresso nessa torcida organizada? Que aspectos históricos, políticos e culturais contribuíram para ser possível a emergência de uma torcida gay naquele período? Que relações foram estabelecidas entre a Coligay e outros agentes do universo futebolístico em que transitavam (outros torcedorxs, jogadores, dirigentes, jornalistas etc)? Como eram as performances dessa torcida e em que medida elas dialogavam com questões de gênero e sexualidade? Quais elementos a assemelham e a diferenciam de outras torcidas organizadas (TOs) gremistas? De que modo ela se configurou como espaço de sociabilidade entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e trasngêneros (LGBTs)²⁸? Como a memória dessa torcida foi mantida e/ou ressignificada após o seu fim?

Tendo em vista todos esses questionamentos, o objetivo que defino para essa pesquisa é descrever e analisar a trajetória e memória da Coligay, dando destaque às tensões referentes a gênero e sexualidade que emergem a partir da presença de um coletivo afirmadamente gay no universo futebolístico.

²⁷ Representação é aqui entendida como um instrumento para entender e atribuir sentido às coisas, produto de um processo histórico e relacional entre um autor e o mundo em que vive (HALL, 2003).

²⁸ Adoto a sigla atualmente mais comum para se referir coletivamente à pessoas cujas identidades destoam do referente cisgênero heterossexual. Reconheço que sua adoção não é consensual, visto que há debates políticos mesmo dentro dos movimentos de militância em torno de qual deveria ser a sigla adotada para se referir a tais sujeitos e seus coletivos representativos.

Para isso, tomei como fontes principais para essa pesquisa os relatos orais de alguns/algumas de seus/suas integrantes e outras pessoas que vivenciaram, de alguma forma, a atuação do grupo e/ou de seu processo de rememoração – líderes e integrantes de outras Torcidas Organizadas, torcedorxs comuns²⁹, dirigentes do clube, jornalistas e profissionais do campo esportivo, atletas e membros de comissões técnicas atuantes no período de atividade da torcida. Para isso, faço uso do arcabouço teórico-metodológico da História Oral. Complementarmente, me apoio em registros documentais – matérias, fotografias e charges publicados em periódicos, livros e filme –, os quais serão descritos no próximo capítulo.

Minhas análises são ancoradas em uma fundamentação teórica dos Estudos de Gênero pós-estruturalistas e nos Estudos *Queer*. Seguindo tais perspectivas, nego a fixidez de identidades e binarismos de gênero e sexualidade, assim como busco visibilizar processos heteronormativos³⁰, reconhecendo e problematizando a produção de saberes e verdades que sustenta a heterossexualidade como sistema dominante em nossa cultura e como referente de normalidade (ENG, 2006; JARVIS, 2006). Me proponho a visibilizar práticas, atos e discursos protagonizados pela Coligay, tendo em vista a hipótese que muitos deles escapam à essa norma, desafiando a manutenção desses pressupostos como hegemônicos no futebol. Trata-se, assim, não de argumentar que LGBTs são iguais aos heterossexuais, ou de celebrar seu orgulho identitário, mas sim de, partindo da experiência da abjeção, discutir a produção da fronteira entre aceitação e o rechaço social com eixo na sexualidade (MISKOLCI, 2011) e analisar o exercício de resistências que se dão em meio às relações de poder (LOURO, 2004).

Dessa forma, apoio-me no conjunto de premissas inseridas nessa perspectiva teórica para definir, dentre inúmeras formas possíveis de olhar para meu objeto de pesquisa, aquela que adotarei. Esse arcabouço orienta a delimitação de minhas perguntas, assim como de minhas estratégias metodológicas. Nesse sentido, meu olhar de pesquisadora é norteado a partir do encontro entre tais referenciais teóricos, os objetivos desse trabalho e minhas fontes.

²⁹ Ainda que a referência ao caráter **comum** seja questionável, o termo torcedorx comum é comumente utilizado no contexto do futebol, tanto no campo acadêmico quanto no midiático, podendo ser considerado um termo nativo, motivo pelo qual adoto-o.

³⁰ Segundo Miskolci (2009, p.156-157), a “heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade (CHAMBERS, 2003; COHEN, 2005, p.24). Muito mais do que o *aperçu* de que a heterossexualidade é compulsória, a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo àqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e ‘natural’ da heterossexualidade” (MISKOLCI, 2009, p.156-157). Ao longo do trabalho, o conceito será melhor explorado.

A estrutura desse texto apresenta seis capítulos, sendo essa introdução o primeiro deles. O segundo, “Caminhos investigativos e modos de olhar”, aborda, brevemente, alguns referenciais da História Oral que guiam meu modo de fazer pesquisa, seguidos da articulação desses depoimentos com o material documental que também compõe meu *corpus*, evidenciando meus percursos investigativos e opções metodológicas. O terceiro “O futebol e a emergência da Coligay” apresenta uma narrativa sobre o surgimento, atuação e encerramento da torcida, seguida de uma apresentação da trajetória de torcedorxs de alguns de seus integrantes. Ainda nesse capítulo, descrevo o processo de constituição das torcidas organizadas no Brasil, com destaque aos agrupamentos gremistas e situando a Coligay nesse processo. No subcapítulo que encerra esse item, destaco a (suposta) emergência de torcidas gays em outros clubes e cidades brasileiras. O quarto capítulo, “Admiração, aceitação, repulsa e jocosidade à Coligay” analisa a trajetória da Coligay focando nos atravessamentos de gênero e sexualidade a partir de dois vieses: o primeiro focando na performance estética do grupo, e o segundo na sua apropriação como tema de duelos verbais entre torcedorxs. O quinto capítulo trata de aspectos que seguem ao fim da Coligay, focando no processo de esquecimento e ressurgimento de suas memórias. Primeiramente, justifico minha impressão de um apagamento da memória dessa torcida. Em seguida, descrevo e analiso o cenário recente no qual os temas da homossexualidade e homofobia no futebol tornam-se mais frequentes. Trato, enfim, do processo de ressurgimento da Coligay e como esse processo dialoga com aspectos identitários do Grêmio. Para isso, discuto o que representa o Grêmio e o ser gremista. Em seguida, descrevo como a Coligay é representada em dois espaços: o livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores” e o Museu do Grêmio. Por fim, uma última sessão aborda como a rememoração dessa torcida se insere em um processo mais amplo de atualização de tradições do Grêmio. Encerro, então, o trabalho com minhas considerações transitórias, no Capítulo 6.

2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS E PRODUÇÃO DE FONTES

Nesse capítulo, descrevo os percursos de minha pesquisa empírica, apresentando, primeiramente, alguns pressupostos da História Oral que guiaram meu processo de produção de fontes e de suas análises.

2.1 A CONDUÇÃO DA PESQUISA POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL

Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas; elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante (PORTELLI, 1997, p.37).

Essa assertiva de Portelli (1997) exprime o primordial motivo pelo qual opto pela História Oral como fundamentação teórico-metodológica adotada para pesquisar a história da Coligay. Ainda que, no texto em questão, o autor estivesse tratando da não hegemonia da classe operária, entendo que o mesmo raciocínio pode ser aplicado para o contexto dessa pesquisa, de uma sexualidade não hegemônica (ou normativa, como prefiro defini-la³¹).

Como outras histórias de grupos segregados, as histórias sobre as homossexualidades, especialmente no campo esportivo, parecem invisíveis. São raros os exemplos de futebolistas que tornam pública sua homossexualidade, reprimidos pelo preconceito e intolerância³². A mídia, por sua vez, até recentemente não parecia interessada em problematizar a questão, tratando-a como tema polêmico e, como tal, mantido sob silêncio, como algo marcado para não ser percebido (ANJOS, 2014a).

Ao contar uma dessas histórias tantas vezes ignorada ou silenciada, entendo ser primordial que eu o faça centralmente a partir de seus/suas protagonistas, xs integrantes da torcida. Essa escolha passa por um posicionamento político de valorizar aqueles que criaram o grupo pesquisado ou dele participaram, mas também decorre do entendimento que seus relatos são capazes de trazer informações que outras fontes não poderiam oferecer, sejam elas os elementos subjetivos acerca dessa trajetória, as impressões e emoções dxs torcedorxs sobre os episódios por elxs vivenciados. Assim, por meio das entrevistas realizadas, viso conhecer mais do que dados e fatos, busco narrativas, pois desejo extrapolar a objetividade, de forma a

³¹ Opto pelo uso do termo para dar ênfase à dimensão normativa da produção desse referente. Destaco que o considero um ideal contingente, dinamicamente produzido por meio de uma constante e repetida performatização vinculada à regimes regulatórios do sexo (BUTLER, 2011).

³² No Brasil não há jogadores de clubes populares que tenham tomado tal atitude. No âmbito internacional, podem ser citados o inglês Justin Fashanu, o alemão Thomaz Hitzlsperger e o estadunidense Robbie Rodgers.

produzir não apenas uma cronologia, mas uma história da Coligay, para a qual a subjetividade intrínseca aos relatos de seus participantes é indispensável.

A subjetividade é questão fundamental para a História Oral. É através dela que os sujeitos constroem e atribuem significado às suas experiências, exercício que se materializa para x pesquisadorx por meio da narração. Nessa perspectiva, essa característica não apenas é reconhecida como inerente ao ser humano, mas entendida também como um elemento desejável na pesquisa. Nesse sentido, para Portelli (1996):

Nossa tarefa não é, pois, de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais (PORTELLI, 1996, p.63-64).

Reconhecer a presença da subjetividade, pressupõe, ainda, ter em vista que a narrativa é produzida no presente, sendo, então, capaz de contemplar uma série de reflexões e apontamentos acerca do fato sobre o qual se fala, inexistentes no momento de sua vivência.

No diálogo entre pesquisadora e entrevistadx, busquei valorizar a riqueza de suas impressões singulares. Não houve, assim, a tentativa de direcionar discursos ou opiniões de cada um com vista à construção de **uma** imagem dos grupos à que pertencem, como se meus entrevistados fossem representativos da coletividade dxs integrantes da Coligay ou dos homossexuais da época, por exemplo. O valor ou a representatividade dessas experiências singulares para discussões sociais mais amplas não se faz, desse modo, a partir da possibilidade de uma generalização dentro da própria Coligay ou para além dela, de dados quantitativamente reproduzíveis a um universo mais amplo. Como afirma Portelli (1996, p.69), “representatividade não significa normalidade, nem significa média (uma representação mais qualitativa do que quantitativa se baseia fundamentalmente na exceção)”. E mais adiante:

No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada (PORTELLI, 1996, p.70).

Cabe destacar, ainda, meu papel como pesquisadora ao trabalhar com essas narrativas. Sobre isso, primeiramente é necessário reconhecer que aquilo que é dito pelx colaboradorx da pesquisa durante sua entrevista é fruto de um diálogo. Nesse sentido, reconheço minha

participação direta como pesquisadora na produção do documento que é, em seguida, analisado, sobretudo a partir da definição do que será perguntado, em que momento e de que forma.

Em segundo lugar, o trabalho que se segue envolve não apenas tratar o que foi registrado e organizar as informações obtidas, mas também interpretar e analisar a entrevista, inclusive junto a outras fontes, orais ou não (SANTHIAGO, 2008). Essas interpretações e análises têm o intuito não de julgar, desqualificar ou negar certa informação ou posicionamento das pessoas entrevistadas. É uma posição de quem, ainda que reconhecendo que todas as narrativas são válidas, entende que elas são fontes e não a própria realidade, o próprio passado (ALBERTI, 2003), assim como também não o são o texto final de qualquer pesquisa. Como afirma Jenkins (2004, p.27):

precisamos entender que o passado e a história não estão unidos um ao outro de tal modo que se possa ter uma, e apenas uma leitura de qualquer fenômeno; que o mesmo objeto de investigação é passível de diferentes interpretações por diferentes discursos, e que, até no âmbito de cada um desses discursos, há interpretações que variam e diferem no espaço e no tempo.

Por fim, informo que utilizarei a História Oral temática, partindo de um assunto específico e preestabelecido, a fim de acessar as memórias dos entrevistados sobre uma questão particular: a Coligay.

Essa pesquisa se insere no Projeto Garimpando Memórias³³, vinculado ao Centro de Memória do Esporte (CEME), que tem por objetivo preservar e divulgar a memória do esporte, da Educação Física, da dança e do lazer no Brasil. Baseado no aporte teórico-metodológico da História Oral, sua principal ação é a realização de entrevistas com pessoas que integraram ou presenciaram acontecimentos referentes ao campo das práticas corporais e esportivas.

Reconhecendo que, em grande medida, as histórias das práticas corporais são narradas a partir da perspectiva dos vencedores e da oficialidade de instituições como clubes, associações e federações, o Projeto assume, ainda, o compromisso político de voltar-se sobretudo para aqueles sujeitos que “não raras vezes encontram-se nas sombras da história oficial, visto que não são reconhecidos como protagonistas de histórias de superação, vitória e sucesso”, caso de “mulheres atletas, membros das comunidades indígenas e negras, praticantes de manifestações populares e de equipes esportivas de periferia, professores e professoras de educação física” e, acrescento, torcedorxs de futebol de gênero e/ou sexualidade dissonantes (MACEDO; BERTÉ; GOELLNER, 2016, p.45).

³³ Coordenado pela profa. Silvana Vilodre Goellner, este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007710.

Passo agora, a explicar os caminhos de pesquisa percorridos, primeiramente no que tange às fontes orais e, em seguida, às fontes documentais.

2.2 AS FONTES ORAIS

Esse trabalho é minha primeira experiência investigativa com História Oral. Contudo, antes dessa pesquisa própria, pude ter contato com esse método de produção de fontes e investigação científica a partir do meu envolvimento em outras pesquisas desenvolvidas no CEME, espaço no qual passei a atuar desde minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, em 2014.

Entre tantas experiências e aprendizados, destaco um processo de especial relevância no meu caminho de pesquisa: a busca pelas pessoas a serem entrevistadas. No momento da minha chegada ao CEME, o grupo estava envolvido com uma série de pesquisas que tratavam das vidas e trajetórias de esportistas. Nesse universo, a dificuldade de acesso aos/as entrevistadxs se fazia principalmente com relação as/aos atletas ou profissionais do esporte de maior fama e renome, cujo contato telefônico ou endereço de e-mail não eram tão facilmente obtidos ou respondidos. Em outros momentos, superada essa fase, as pessoas com frequência não se dispunham a encontrar tempo em suas agendas para nos atender.

Minha pesquisa, por sua vez, me apresentou dificuldades diferentes. Ainda que pessoas que galgam de certa fama, como jogadores e jornalistas, componham meu corpus de entrevistadxs em potencial, eram os torcedorxs da Coligay e quem com elxs conviveu que mais me interessavam. Sujeitos esses que, a princípio, não são figuras notórias, o que dificultou até mesmo a definição daqueles que seriam meus entrevistadxs.

O lançamento de um livro tematizando a torcida no ano de 2014³⁴ me proporcionou algumas oportunidades. Em 2014, por ocasião da Feira do Livro de Porto Alegre, o autor da obra, Léo Gerchmann, e o fundador e líder da Coligay, Volmar Santos, compuseram uma mesa no evento. Nessa atividade, além de ouvir o relato de ambos, pude solicitar – e conseguir – o contato telefônico de Volmar, possibilitando a primeira entrevista da tese.

Eu esperava que, a partir dele, obteria a indicação de vários outrxs integrantes, o que não ocorreu. Volmar contou ter perdido o contato com tais companheirxs ao longo do tempo, além de afirmar que muitos já haviam falecido³⁵.

³⁴ GERCHMANN, Léo. Coligay: Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

³⁵ Em uma segunda entrevista, ele chegou a se recordar de algumas referências das imediações do antigo trabalho de um integrante, mas ao procurá-lo em tal local soube de seu falecimento.

Assim, a ideia inicial de seguir a técnica da bola de neve, na qual xs entrevistadx me indicariam possíveis novos participantes para a pesquisa de modo sucessivo (BALDIN; MUNHOZ, 2011), se mostrou pouco eficiente logo no início, demandando de mim criatividade e persistência na localização de sujeitos que pudessem contribuir com meu trabalho.

Em nada me parece impreciso chamar de “percurso investigativo” as estratégias a que precisei recorrer para identificar, encontrar e conseguir acesso aos/as integrantes da torcida. Evitando me alongar em cada episódio, descrevo um deles, referente à Miguel Ribeiro.

Logo que cheguei à cidade de Porto Alegre, a fim de iniciar a pesquisa de doutorado, um amigo – Gustavo Bandeira – me informou que seu cabeleireiro tinha sido integrante da Coligay. No momento de iniciar as entrevistas, procurei-o para obter seu contato. Ele me passou o telefone do salão em que Miguel trabalhava e me atentou para uma personalidade pouco previsível do cabeleireiro, às vezes muito simpático e falante, às vezes fechado e arredo.

Fiz a ligação para o salão no começo de outubro de 2015, quando conversei com Miguel apenas rapidamente, uma vez que ele estava atendendo umx cliente. O interlocutor em potencial me passou o número de seu celular e pediu que ligasse após as 18 horas, horário em que saía do trabalho. Atendendo às orientações, liguei as 19h30 do dia seguinte, mas, novamente, ele estava trabalhando. Ele foi bastante gentil e disse que retornaria a ligação ao terminar, mas não o fez. Tentei novamente dois dias depois, sem reparar que era dia de jogo do Grêmio. Ele estava a caminho do estádio, com muito barulho em sua volta. Pedi que ligasse na manhã seguinte. Assim fiz e, finalmente, conseguimos ter algum tempo de diálogo. Expliquei do que a pesquisa se tratava e comentei ter realizado uma entrevista com Volmar Santos. Desconfiado, ele perguntou o que eu queria saber e se já não tinha obtido todas essas informações com Volmar. Em meio à minha resposta, nossa ligação caiu e, nas tentativas de retomá-la, Miguel não atendeu. À noite, consegui contatá-lo, mas sua resposta ao convite para a entrevista foi direta: “Vou ser bem franco com você. Não quero dar entrevista não. Me liga daqui a 15 dias”.

Esperei três semanas para a ligação seguinte, mas a resposta foi a mesma. De forma delicada, mas firme, ele reafirmou que não queria realizar a entrevista. Já estava conformada com o fato de que dificilmente conseguiria mudar sua opinião, quando, em novembro de 2015, uma torcedora do Grêmio – Rosa Foresti –, durante uma entrevista, me contou ser cliente de Miguel há mais de 40 anos, sendo muito próxima dele. Quando relatei minhas tentativas para entrevistá-lo, ela se ofereceu para ajudar. Disse que ligaria para ele a fim de tentar convencê-lo. Na mesma semana recebi uma ligação dela. Disse que ele tinha aceitado a entrevista e que eu deveria fazer novo contato para combinarmos o encontro.

Cheguei a conversar com ele duas vezes, sem sucesso em encontrar uma data na qual ele estivesse disponível, mas na terceira consegui marcar de tomarmos um sorvete em uma tarde de sábado em local a ser definido no próprio dia. Na data em questão, telefonei para Miguel em torno de 11h. Ele confirmou o encontro, mas pediu que ligasse após o almoço para acertarmos os detalhes. Assim fiz inúmeras vezes, sem que ele me atendesse.

Voltei a falar com ele algumas vezes ainda em 2015, mas ele seguidamente afirmou estar indisponível no momento. Sendo o fim de ano um momento de bastante movimento em seu campo profissional, ele solicitou que voltássemos a nos falar para agendar a entrevista no ano seguinte.

Em janeiro, voltei a procurá-lo, me deparando com as mesmas dificuldades de antes: muitos telefonemas não atendidos, muitas afirmações de indisponibilidade e muitos pedidos para ligar depois. Chegamos a combinar que faríamos a entrevista no fim de semana imediatamente após o Carnaval, quando novamente ele não atendeu minha ligação no dia acertado.

Pouco tempo depois, em uma conversa por telefone em março de 2016, ele voltou a negar interesse e disponibilidade em participar da pesquisa: pediu desculpas, mas disse que não estava bem no momento e que não queria me conceder uma entrevista naquele período, e que faria contato comigo quando estivesse melhor. Cheguei a ligar para Rosa, sua cliente e amiga, para ouvir sua opinião. Ela disse que o tinha visto na semana anterior. Segundo ela, ele estava muito bem, e que sua impressão era de que ele simplesmente não queria tratar daquele tema.

Aceitar a ausência da fala de Miguel no meu trabalho era bastante difícil. Além de estar encontrando dificuldades para identificar outrxs integrantes da torcida, ele era um dos poucos cujo nome era citado em entrevistas com torcedorxs do Grêmio que conheceram membros da Coligay, indicando sua participação ativa no grupo. Além disso, o próprio líder, Volmar Santos, destacava sua importância.

Resolvi então, tentar uma estratégia em alguma medida arriscada. Marquei um corte de cabelo com ele. Imaginei que sua opinião sobre realizar a entrevista poderia mudar caso ele me conhecesse e adquirisse alguma confiança em mim. Por outro lado, a atitude poderia ser mal interpretada, vista como um desrespeito a seu posicionamento. Na situação na qual me encontrava, cheguei à conclusão de que valia o risco.

Assim relatei o nosso encontro em um Diário de Campo:

De forma educada e simpática, Miguel me cumprimentou e perguntou se era minha primeira vez cortando com ele, ao que confirmei. Ele, então, me perguntou sobre como gostaria do corte enquanto nos dirigimos para o local

onde meu cabelo seria lavado. O breve diálogo foi suficiente para ele identificar meu sotaque “de fora”. Ele perguntou de onde eu era. Respondi que vinha de Minas Gerais, mas que já morava há algum tempo por aqui e emendei um relato sobre minha dificuldade de desapegar de realizar certos serviços em Minas, entre eles o corte de cabelo. Ele então me perguntou sobre quem o teria indicado. Respondi que tinha sido um amigo, o Gustavo. Não estava de todo mentindo. De fato, o amigo Gustavo cortava religiosamente seu cabelo com ele, o que é, de certo modo, um elogio que pode ser lido como indicação subliminar ou não intencional. Foi também o Gustavo quem primeiro me informou sobre o fato de seu cabeleireiro ter sido integrante da Coligay, essa sim, uma indicação intencional e não subliminar dele, que conhece minha pesquisa.

Ao citar o Gustavo, abri o jogo com Miguel. Era eu a Luiza que tanto o tinha telefonado em busca de uma entrevista. Deixei claro, contudo, que estava ali para cortar o cabelo e, se ele não quisesse falar da Coligay, tudo bem.

Miguel elogiou minha dedicação e insistência, mas reafirmou o não desejo por realizar a entrevista naquele momento. Informou que tinha perdido um amigo que fazia parte da torcida recentemente e não tinha vontade de falar dela. Todavia, alguns minutos de conversa o fizeram mudar de ideia, dizendo que ele marcaria, sim, um dia para realizarmos a tão batalhada entrevista (Diário de campo, 19 de abril de 2016).

Quando sentei para iniciar o corte, Miguel disse que eu poderia lhe fazer perguntas sobre a torcida e conversamos durante todo o tempo sobre a Coligay, mas também sobre ele, de forma geral, assim como de amenidades cotidianas, diálogo esse que registrei no Diário de Campo posteriormente. Apesar de eu ter preparado um roteiro de entrevistas, nesse encontro optei por estabelecer uma conversa informal, focando mais em conquistar a simpatia do cabeleireiro do que de obter informações sobre a torcida gremista.

A promessa de entrevista feita naquele dia pouco durou. Na semana seguinte ele disse que não a faria em função de uma gripe. Aguardei dez dias para retomar meus contatos, mas o telefone voltou a não ser atendido. No quarto dia de tentativas, utilizei um telefone fixo e Miguel atendeu. Contudo, novamente, ele pediu desculpas e afirmou que não iria conceder a entrevista. Pensei, então, que o motivo para a negativa poderia ser simplesmente o desinteresse de ocupar seu tempo com minha pesquisa. Se, de fato, fosse esse o problema, ele não se importaria de conversar comigo durante o próximo corte de cabelo. Assim, no dia seguinte, enviei uma mensagem via *Whatsapp*³⁶ perguntando se poderíamos conversar durante o corte. Rapidamente ele enviou um “sim” seguido de um coração azul. No mesmo momento liguei para o salão e marquei um corte para a quarta-feira seguinte, dia 22 de junho. Voltamos, então, a nos encontrar quase nove meses após o meu primeiro contato.

³⁶ *Whatsapp* é um aplicativo de troca de mensagens instantâneas e chamadas de voz via internet para smartphones.

Na ocasião desse segundo corte, perguntei se poderia registrar nosso diálogo com o gravador, ao que ele negou. Disse que não gostava de sua voz e não mudou de ideia mesmo eu dizendo que a gravação era utilizada exclusivamente para a transcrição e, em seguida, descartada. Assim, diferente das demais pessoas entrevistadas, a fala de Miguel está registrada exclusivamente via Diário de Campo.

Essa estratégia tem suas limitações. A primeira é a dificuldade em memorizar tudo o que foi dito ao longo da conversa, de forma a trazer as informações para o Diário. Por outro lado, cortei meu cabelo com ele quatro vezes, tendo encontrado com ele mais do que com qualquer outro colaborador, havendo oportunidades suficientes para compensar parte dos esquecimentos.

A segunda limitação que identifico é a perda do caráter propriamente oral do que é dito. A fim de minimizar esse efeito e como um esforço ético de tornar o registro o mais fidedigno possível àquilo que Miguel afirmava, no terceiro encontro/corte de cabelo que tivemos – em agosto de 2016 – optei por ler os Diários anteriores de forma a que ele pudesse alterar, excluir ou incluir o que julgasse necessário. Esse processo foi repetido no último encontro, em junho de 2017.

Para além de Miguel e Volmar, também tentei encontrar outrxs integrantes da torcida. Recorri a Léo Gerchamann para tentar obter, por meio dele, os contatos daquelxs que ele tinha entrevistado para a escrita de seu livro. O jornalista, por motivos éticos, não quis fornecer o contato dxs torcedorxs³⁷. Tentei, ainda, encontrá-los no Facebook, mas não obtive retorno daqueles que localizei. Na mesma rede, fiz algumas postagens públicas buscando pessoas que tivessem integrado a Coligay ou que a tivessem visto ou conhecido. Não cheguei a localizar integrantes através dessa estratégia, mas ela foi útil na identificação de alguns gremistas que conviveram com a torcida.

Resumo no quadro abaixo (Quadro 1) xs integrantes da Coligay que fui capaz de identificar a partir das fontes consultadas, a forma de identificação e localização dxs mesmxs, assim como o resultado dos esforços de contato para entrevistá-los. Pontuo que, quando remeto à torcedores organizados, informo entre parênteses a sigla do grupo a que pertenceram: Eurico Lara (EL); Força Azul (FA); Torcida Jovem (TJ); Garra Tricolor (GT); Super Raça Gremista (SRG); Máquina Tricolor (MT).

³⁷ Destaco a gentileza do jornalista que apesar de não se sentir confortável para ajudar nesse aspecto, ofereceu contatos de algumas figuras públicas que ele entrevistou para o livro, além de conceder uma entrevista para essa Tese.

Quadro 1 - Integrantes da Coligay identificados e dados referentes ao contato

Nome	Forma de identificação/localização	Resultado do contato
Volmar Santos	Citado no livro de Léo Gerchmann e em todas as entrevistas. Encontrado pessoalmente na Feira do Livro de Porto Alegre.	Duas entrevistas realizadas por mim e outras duas entrevistas realizadas por outrxs pesquisadorxs e cedidas ao meu trabalho.
Miguel Ribeiro	Inicialmente indicado por um amigo, e, novamente, por Rosa Foresti. Ambos são seus clientes do salão de cabeleireiro onde ele trabalha. Foi citado ainda por Cleber Vieira (GT), Francisco Rivas – Pancho (GT), Fui ao salão para encontrá-lo.	Quatro conversas registradas em Diário de Campo.
Osmar Dziekaniaki Rodrigues (Careca)	Citado no livro de Léo Gerchmann e na Zero Hora, assim como por Cleber Vieira (GT), Luiz Afonso da Rocha (MT) e Luiz Heitor da Costa (TJ; SRG).. Encontrei-o na rede social <i>Facebook</i> , onde não obtive resposta. Contato pelo telefone obtido com Luiz Afonso da Rocha (MT)	Uma entrevista realizada.
Sérgio Luiz Cunha, “Serginho”, “Shampoo”, “Cabelo” (Serginho)	Citado por André dos Santos (FA), por Cleber Vieira (G.T), Luiz Afonso Oliveira da Rocha (MT) e Luiz Heitor da Costa (TJ; SRG). Contato obtido por uma ex-integrante da Força Azul, que não pôde ser entrevistada por motivos particulares, e por Luiz Afonso da Rocha (MT).	Uma entrevista realizada. Além disso, nos comunicamos por mensagens via <i>Whatsapp</i> e nos encontramos por ocasião de uma mesa-redonda. Nessa ocasião, ele me relatou sobre alguns/algumas integrantes da torcida a partir de fotos da Coligay que o mostrei.
Marcelly Malta	Indicada por um amigo.	Uma entrevista realizada
Milton Bordini, “Miltinho”	Citado no livro de Léo Gerchmann e por André dos Santos (FA), Luiz Heitor da Costa (TJ; SRG), Paulo Bertotto (SRG), Volmar Santos e Osmar Rodrigues. Volmar Santos me informou, ainda, a região e indicações sobre onde ele trabalhava.	Encontrei o local onde ele trabalhava e uma funcionária informou de seu falecimento há aproximadamente um ano da data de minha visita, em maio de 2016. Posteriormente, a informação foi confirmada por Paulo Bertotto (SRG).

João Carlos, “Joanita”	Citada por Marcelly Malta, Miguel Ribeiro, Osmar Rodrigues e Paulo Bertotto (SRG).	Segundo todos, já falecida ³⁸ .
Elton Lopes	Citado por Volmar Santos, Osmar Rodrigues e Paulo Bertotto (SRG), e na Zero Hora.	Não consegui encontrá-lo.
Luiz Roberto Machado, “Beto”, “Betinho”, “Beta”, “Betinha”	Citado por Osmar Rodrigues e Luiz Heitor da Costa (TJ; SRG) e Paulo Bertotto (SRG). Também citado na Zero Hora como alguém para quem Volmar passaria a liderança da Coligay ao final de 1977 (o que parece não ter ocorrido).	Não consegui encontrá-lo.
“Rosinha”	Citada por Luiz Heitor da Costa (TJ; SRG) e Paulo Bertotto (SRG).	Os colaboradores não lembram do nome completo, nem de outra referência. Não consegui encontrá-la.
Dora Costa e Silva	Citado por Osmar Rodrigues. Também citada na Zero Hora como “relações públicas da Coligay”	Não consegui encontrá-la. OBS: Volmar nega existir tal cargo e afirmou desconhecer a pessoa.
Frank	Citado por Osmar Rodrigues. Também citado na Zero Hora.	Não consegui encontrá-lo.
Plínio Oliveira	Citado por Sérgio Cunha. Também citado na revista Veja.	Não consegui encontrá-lo.
“Tita”	Citada por Sérgio Cunha.	O colaborador não lembra do nome completo, nem de outra referência, mas afirma que ela já faleceu.
Pedro	Citado por André dos Santos (FA).	O colaborador não lembra do nome completo, nem de outra referência. Não consegui encontrá-lo.
“Eli”	Citado por Cleber Vieira (GT).	O colaborador não lembra do nome completo, nem de outra referência.

³⁸ Pelo relato de todos os entrevistados que lembravam de Joanita, ela se identificava como um homem gay, mas sempre foi referenciada como a Joanita. Diante disso, opto por adotar, tal qual seus antigos colegas, o artigo feminino.

		Não consegui encontrá-lo.
“Macaca”	Luiz Heitor da Costa (TJ; SRG)	Não consegui encontrá-lo.
Carla Campos	Citada por Miguel Ribeiro.	Segundo Miguel, já falecida.
Carlos Vinícius	Citada por Miguel Ribeiro.	Segundo Miguel, já falecido.
Paulo Ricardo	Citada por Sérgio Cunha.	Não consegui encontrá-lo.
Luiz, “Luiza do Morro”	Citada por Sérgio Cunha.	Não consegui encontrá-lo.
Flávio “Beijo”	Citada por Sérgio Cunha.	Não consegui encontrá-lo.
Ariane ³⁹	Citada no livro de Léo Gerchmann.	Não consegui encontrá-la.
“Cigano”	Citado na Zero Hora por uma performance feita como promessa a uma vitória do Grêmio em 1978.	Não consegui encontrá-lo.
Luiz Carlos Krummenauer Rocha, “Frey Rocha”	Citado na Placar (1987) como “um dos cabeças da Coligay”	Não consegui encontrá-lo.

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Além das pessoas listadas contatei outras três que foram identificadas por terceiros como integrantes da Coligay, xs quais atribuo os nomes fictícios de Cláudio, Flavinho e Nino/Nina. Nesses casos, preferi não utilizar os nomes verdadeiros, pois essas pessoas negaram participar da pesquisa.

Cláudio foi indicado por uma desconhecida em uma postagem pública que fiz, na qual anunciava a procura por pessoas que integraram ou conheceram a Coligay. Ela afirmou que ele fez parte do grupo, lembrava de muitas histórias, além de ter fotos. Liguei para ele e, no telefone, ele negou ter integrado a Coligay e ser homossexual, mas disse ter conhecido a torcida e se dispôs a realizar a entrevista. Entretanto, em todos os inúmeros contatos que fiz para a agendarmos algum problema surgia. Insisti ao longo de aproximadamente 18 meses, sem sucesso, até que desisti.

Já Flavinho foi indicado por André, entrevistado que integrou a Força Azul, que citou que ele era um dos ex-integrantes da Coligay que ele conheceu nessa TO. Quando conversamos, o gremista também negou ter integrado a Coligay, mas deixou implícito que era homossexual. Afirmou que se mudou para Porto Alegre na década de 1980, quando a Coligay já tinha sido extinta. Não quis ser entrevistado, justificando que não tinha informação nenhuma sobre a

³⁹ Citada no livro de Léo Gerchmann, não desejou revelar seu nome de registro. Preferiu ser identificada como Ariane, nome utilizado quando atuava como profissional do sexo.

torcida. Eu informei que sua experiência na Força Azul e de convívio com antigos integrantes da Coligay também seria útil à pesquisa. Ainda assim, ele educadamente negou o pedido.

Por fim, Nina foi indicada por Carlos Roberto Saraiva da Costa Leite, coordenador do setor de pesquisa do Museu da Comunicação⁴⁰, onde desenvolvi minhas pesquisas em periódicos. Ele havia a conhecido há muito tempo e me informou o salão no qual trabalhava na época. Fui ao estabelecimento próximo do meio dia e o local estava fechado, com um bilhete afirmando que estavam em horário de almoço assinado por Nina. Aguardei seu retorno na porta. Uma pessoa chegou e perguntei “Oi, tudo bem? Você que é a Nina?”. “Nino”, fui corrigida. Seu corpo possuía uma ambiguidade de gênero que, dadas as minhas referências culturalmente produzidas, assumi como feminino, impressão reforçada pela indicação de Beto e pela assinatura do bilhete como “Nina”. Senti que meu deslize provocou certo desconforto de ambas as partes. Pedi desculpas, aceitei a masculinidade reivindicada e perguntei se ele tinha participado da Coligay, se tinha integrado alguma torcida organizada ou mesmo se era gremista. Ele negou todas as perguntas de forma monossilábica, já abrindo a porta do salão, claramente querendo encerrar o diálogo. Agradei e fui embora.

Dadas as informações detalhadas que recebi sobre os três, acredito que, apesar das negativas de Cláudio e Nino, todos participaram da Coligay ou conviveram com alguns de seus/suas integrantes. O desinteresse em compartilhar comigo as memórias de suas experiências nas torcidas organizadas e no futebol e a forma como isso ocorreu me indicam que, para eles, era incômodo ou indesejado rememorar-las e/ou expô-las a uma pessoa desconhecida. Parece-me, assim, pertinente mencioná-los a fim de evidenciar que nem todas as pessoas que procurei tinham o mesmo interesse e orgulho de tratar de suas lembranças da Coligay.

Além de integrantes da torcida, entrevistei, também, sujeitos que conheceram a Coligay à distância, sem dela fazer parte, como torcedorxs, ex-jogadores e dirigentes do Grêmio, e jornalistas esportivos. As dificuldades de acesso aos/as integrantes da torcida, meus/minhas colaboradorxs principais, me levaram a procurar desde cedo tais sujeitos. No quadro abaixo (Quadro 2), elenco as entrevistas realizadas:

Quadro 2 - Entrevistas realizadas com torcedorxs, (ex-)funcionários, dirigente e ex-jogadores do Grêmio e jornalistas

Categoria	Entrevistadx	Descrição
Torcedorx do Grêmio	André Luís Carmos dos Santos	Ex-integrante da TO Força Azul
	Carlos Caleghero (Carlinhos)	Frequentador da Geral do Grêmio

⁴⁰ Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, em Porto Alegre.

	Carlos Roberto Wedman (Vô Vida Loka)	Ex-integrante da TO TIGRE e integrante da TO Jovem
	Célio Golin	Fundador e atual presidente do Nuances - Grupo pela livre expressão sexual
	Cleber Vieira	Ex-integrante da TO Garra Tricolor
	Francisco Jackson Rivas (Pancho)	Ex-integrante da TO Garra Tricolor
	Gerson Vieira	Ex-integrante do Departamento Eurico Lara
	Jairo Prezzi	Torcedor do Grêmio
	Luiz Afonso Oliveira da Rocha	Ex-integrante da Máquina Tricolor
	Luiz Heitor Meireles da Costa (Bobis)	Ex-integrante da Super Raça Gremista
	Paulo Gilberto Bertotto	Ex-integrante da Super Raça Gremista
	Ricardo Heine	Torcedor do Grêmio
	Roger Canal	Integrante do coletivo de gremistas Tribuna 77
	Rosa Foresti	Foi consuleza do Grêmio da cidade de Alvorada (RS), é conselheira do Grêmio e fundadora do Núcleo de Mulheres Gremistas
Jornalista	David Coimbra	Jornalista, radialista e escritor. Atualmente trabalha na Rádio Gaúcha e no Jornal Zero Hora.
	Diogo Olivier	Jornalista. Atualmente trabalha na RBS.
	Eduardo Bueno (Peninha)	Jornalista, escritor e tradutor, além de torcedor gremista. Atuou na ZH, onde atuava quando escreveu a primeira reportagem publicada sobre a Coligay; foi editor da Revista do Grêmio Atuou na ZH; foi editor da Revista Imortal Tricolor; autor de livros sobre o Grêmio.
	Fernando Bueno	Jornalista e fotógrafo, além de torcedor gremista, integrando a Geral do Grêmio. Autor de livros sobre o Grêmio.
	Lauro Quadros	Jornalista e radialista. Atuou em diversas emissoras de rádio e televisão do Rio Grande do Sul, estando atualmente aposentado.
	Léo Gerchmann	Jornalista do jornal Zero Hora. Autor do livro Coligay: tricolor e de todas as cores
	Mario Marcos de Souza	Jornalista com passagem por diferentes jornais e revistas.

(Ex-)Funcionário ou Dirigente do Grêmio	Carlos Eduardo Moll dos Santos	Historiador e pesquisador do Museu do Grêmio, onde atua desde 2008, hoje sendo seu coordenador.
	Ema Tereza Facchin Coelho de Souza	Torcedora e ex-conselheira do Grêmio. Criou o Museu do Grêmio em 1983, no qual trabalhou até 2013.
	Hélio Dourado	Sócio do Grêmio desde 1941, conselheiro desde 1968, presidente entre 1975 e 1981 e nomeado patrono do Grêmio em 2014
Ex-jogador do Grêmio	José Tarciso de Souza (Tarciso)	Jogador do Grêmio entre 1973 e 1986.
	Júlio Titow (Yura)	Jogador do Grêmio entre 1971 e 1980.
	Oberdan Nazareno Vilain	Jogador do Grêmio entre 1977 e 1978. Também foi treinador do clube em 1980.

Fonte: Elaborado pela autora

Os critérios para a escolha dxs entrevistadxs são diferentes em cada caso. Léo Gerchmann, Eduardo Bueno, Hélio Dourado, Ema Coelho, Carlos Moll dos Santos e Célio Golin foram escolhidos de forma intencional. Léo pela escrita do livro sobre a Coligay, Eduardo Bueno por ter escrito a primeira reportagem sobre o grupo, Hélio por ser presidente do Grêmio no momento de criação da Coligay, Ema por ter coordenado o Museu do Grêmio, Carlos por coordená-lo atualmente e Célio pela atuação no movimento LGBT de Porto Alegre.

No caso dos jogadores, busquei aqueles que atuaram no Grêmio no período de 1977 a 1983 (período referenciado em fontes diversas como o início e fim da trajetória da Coligay), priorizando o plantel de 1977, devido a visibilidade que a Coligay teve naquele ano.

Com relação aos jornalistas, havia o interesse de contemplar tanto profissionais atuantes e com certo renome durante a existência da torcida, quanto outrxs que tenham alcançado maior reconhecimento recentemente. Enquanto xs primeirxs potencialmente têm melhores condições de compartilhar a relação da imprensa com a Coligay durante seu período de atividade, xs outrxs podem oferecer uma visão contemporânea acerca da memória que se constrói do grupo na mídia.

Quanto aos/as torcedorxs, recebi indicações de amigos e colegas, além de divulgar virtualmente que buscava “torcedorxs que tivessem visto a Coligay no estádio”. Era uma intenção minha diversificar esse grupo, em especial contemplando homens e mulheres, pessoas que tenham integrado Torcidas Organizadas e, também, que não tenham, além de gremistas e

colorados. Apenas seguindo as indicações oferecidas, consegui atender, ainda que parcialmente, a esse critério, exceto no que tange ao clubismo, visto que nenhum/a torcedorx do Internacional foi indicadx. Os torcedores organizados foram aqueles que me apresentaram mais dados, lembrando-se com maior riqueza de detalhes da performance da torcida e de alguns episódios que ela protagonizou, além de alguns deles terem convivido com ex-integrantes da Coligay dentro de outras TOs. Por esse motivo, priorizei-os em relação aos/as torcedorxs comuns.

Inclui, ainda, dois torcedores que não conheceram a Coligay em atividade, por terem nascido posteriormente a isso: Carlos Caloghero (Carlinhos) e Roger Canal. A inclusão deles entre xs entrevistadxs se deu por estarem atualmente envolvidos em torcidas gremistas, podendo compartilhar impressões acerca desses grupos no que tange à recente lembrança da Coligay.

Pelo exposto, espero ter deixado claro que as pessoas entrevistadas não são vistas como representantes de sua categoria ou como mais capacitadas do que outras para essa pesquisa.

Ponto que irei me referir aos/as entrevistadxs a partir da forma como pediram para serem chamados durante as entrevistas, sendo essas, geralmente, as formas como são identificados no universo futebolístico. Assim, na maior parte das vezes, utilizo seus primeiros nomes, mas em alguns casos, faço uso de apelidos, os quais, nas tabelas, sucedem os nomes, colocados entre parênteses.

Além disso, procurei ouvir as narrativas de tais sujeitos não apenas a fim de complementar informações que não pude obter pela carência de integrantes da Coligay entre meus/minhas interlocutorxs, mas, sobretudo, a fim de perceber o olhar “de fora” provocado por aquela torcida, assim como as relações por ela estabelecidas com tais indivíduos.

No que tange aos aspectos procedimentais das entrevistas, segui os passos propostos pelo **Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas**, do Projeto Garimpando Memórias.

As entrevistas foram realizadas em local, dia e horário conforme disponibilidade dxs entrevistadxs e da pesquisadora, tendo a maior parte delas ocorrido em locais de maior conveniência dessxs colaboradorxs, tais como seus locais de trabalho, residência ou proximidades de um desses. Quando o encontro presencial não foi possível, optou-se por entrevistas via *Skype*⁴¹ ou telefone.

⁴¹ *Software* que permite comunicação por voz e vídeo pela Internet.

Foram utilizados roteiros semiestruturados construídos para cada entrevistadx, havendo uma base comum, sobretudo entre pessoas integrantes de uma mesma categoria (jornalista, torcedorx, ex-jogador, (ex-)funcionário do Grêmio). A medida que as entrevistas foram ocorrendo, alguns ajustes foram realizados nesses roteiros. Apresento nos Apêndices A, B, C e D os roteiros utilizados com uma pessoa de cada uma dessas categorias.

As entrevistas foram registradas por meio de gravador digital e, em seguida, passaram pelas etapas previstas no Manual previamente citado para a conversão da gravação em documento escrito, sendo elas: transcrição, conferência de fidelidade (escuta da gravação para verificar se o transcrito corresponde ao áudio), copidesque (adequação ao texto escrito visando uma melhor leitura, buscando manter a fidelidade do conteúdo), pesquisa (inserção de notas de rodapé, que contextualizam ou explicam palavras, expressões ou citações mencionadas na entrevista), conferência pelx entrevistadx (que tem liberdade para fazer alterações no texto), assinatura da carta de cessão⁴², revisão final e publicação⁴³. Destaco que todas as pessoas entrevistadas consentiram que seus nomes fossem citados no trabalho.

As tentativas de contato, os diálogos durante as negociações para marcação das entrevistas, assim como o que se passou antes e depois das entrevistas foram registradas em um Diário de Campo.

No próximo item, apresento os documentos utilizados como fontes complementares a essa pesquisa.

2.3 AS FONTES DOCUMENTAIS

Complementarmente às entrevistas, incluo entre minhas fontes alguns documentos, sendo eles:

- 1) Registros de periódicos da mídia impressa (jornais e revistas);
- 2) Acervo exposto no Museu do Grêmio - Hermínio Bittencourt;
- 3) Livros que tematizam aspectos relacionados à história do Grêmio;
- 4) Artefatos culturais sobre a Coligay e o Grêmio, tais como notícias de sítios eletrônicos, publicações do Facebook e um documentário.

⁴² Tal carta concede ao CEME os direitos sobre a entrevista e autoriza sua divulgação em suportes diversos. Esse documento encontra-se no Anexo A.

⁴³ A entrevista é publicada na íntegra no Lume - Repositório Digital da UFRGS e, após esse processo, o áudio da entrevista é descartado. Para mais informações acerca das opções metodológicas do Projeto Garimpando Memórias, ver Macedo, Berté e Goellner (2016). As entrevistas dessa pesquisa ainda não foram publicadas.

Nesse *corpus*, busco não apenas um amplo volume de informações sobre a Coligay. A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, compreendo que diferentes artefatos culturais carregam também suas pedagogias (PARAÍSO, 2014). Nesse sentido, os conteúdos sobre a Coligay são analisados como parte de currículos de masculinidade e do torcer (BANDEIRA, 2017).

No que tange aos registros de periódicos optei por pesquisar os jornais Zero Hora, Correio do Povo e Folha da Manhã, a revista Placar, o jornal Lampião da Esquina e os periódicos produzidos pelo Grêmio.

Optei por incluir dois jornais diários de grande popularidade no Rio Grande do Sul no período estudado e de diferentes companhias jornalísticas de grande porte, a **Zero Hora**⁴⁴, da Rede Brasil Sul, e o **Correio do Povo**⁴⁵, da Companhia Jornalística Caldas Júnior. Incluí, ainda, o **Folha da Manhã**⁴⁶, também da Caldas Junior, por ele adotar uma linha editorial que diferenciava dos demais. Arrojado, o periódico tratava de temas polêmicos e utilizava de grandes reportagens, produzindo um jornalismo interpretativo e crítico (HENN, 2003).

O recorte temporal estabelecido inicia-se em abril de 1977 e termina em dezembro de 1983. A data de início foi escolhida pelo fato de mais de uma fonte indicar que o primeiro jogo com participação da torcida ter ocorrido em 10 de abril de 1977. Optei, assim, por começar a consulta no início do mês apontado. Se com relação ao momento de fundação da Coligay encontrei consenso entre minhas fontes, esse não é o caso de seu fim. Diante das divergências encontradas, opto por estender minha pesquisa até a data mais distante mencionada, sendo essa o ano de 1983.

Cada edição do jornal foi manuseada, página a página, a fim de identificar não apenas registros específicos acerca da Coligay, mas também aquilo que pudesse agregar à compreensão do período no qual ela existiu. Nas sessões não esportivas foquei especificamente no que se refere ao governo ditatorial e ao contexto artístico da época, enquanto na sessão esportiva, além da Coligay, havia o interesse em perceber as representações acerca das torcidas, o que era destacado e valorizado. Aquilo que era entendido como possivelmente relevante era fotografado e preservado para uma futura análise mais minuciosa.

⁴⁴ Em circulação desde o ano de 1964, em 1970 passou por mudanças administrativas e editoriais a partir da tomada completa de controle do periódico pela Rede Brasil Sul (RBS) promovendo uma renovação que lhe renderam o título de maior folha do estado em vendas e tiragem (STRELOW, 2008).

⁴⁵ O periódico circulou de forma ininterrupta entre 1895 e junho de 1984, reiniciando sua publicação em 31 de agosto de 1986. Em 2007, foi adquirido pelo Grupo Record.

⁴⁶ O periódico circulou entre 1969 e 1980.

As consultas dos periódicos supracitados foram realizadas no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, situado em Porto Alegre e administrado pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. Pontuo que a limitação nos horários disponibilizados à pesquisa⁴⁷ pelo Museu e alguns períodos de fechamentos temporários para manutenção do acervo e, em seguida, para reparo na estrutura do edifício que o sedia (que duraram aproximadamente 14 meses), foram obstáculos à condução do trabalho de pesquisa nesse material.

A revista **Placar**, por sua vez, foi escolhida por ser uma revista voltada para a temática dos esportes, com predominância no futebol, sendo a mais antiga do ramo do país – publicada desde 1970 – e com reconhecido prestígio entre leitores e jornalistas (SALDANHA, 2009). Pontuo outras diferenças para os jornais analisados. Enquanto todos eles eram periódicos com circulação diária no estado do Rio Grande do Sul, a Placar, para além do modelo em revista, possuía periodicidade semanal e circulava em âmbito nacional. O acervo da Placar foi consultado virtualmente pela plataforma Google Books⁴⁸.

Já o jornal **O Lâmpião da Esquina** foi eleito como possibilidade de trazer discursos que emergem do seio da comunidade homossexual, visto que é um periódico produzido por e para homossexuais. O Lâmpião foi publicado entre abril de 1978 e julho de 1981, como previamente dito, focado em questões de interesse do público homossexual e sendo parte da chamada imprensa alternativa⁴⁹. O jornal é apontado, ainda, como um dos marcos do início dos movimentos homossexuais no Brasil, tendo sido um importante articulador de suas ideias e discussões (GREEN, 2000; FACCHINI, 2003; ROSA, 2010; TREVISAN, 2011). O acervo do Lâmpião foi consultado virtualmente pelo site do Grupo Dignidade⁵⁰.

Também para a revista Placar e para o jornal O Lâmpião da Esquina adotei os mesmos recortes temporais utilizados para os jornais: início em abril de 1977 e término em dezembro de 1983.

Recorri, ainda, ao acervo de jornais disponibilizado na Hemeroteca Digital. Tal fonte foi utilizada não apenas para identificação de novos periódicos que tratassem da Coligay, além dos já consultados, mas sobretudo para identificar notícias de outras torcidas gays de clubes brasileiros. Tal esforço se justificou pois o trabalho empírico – tanto os periódicos quanto as

⁴⁷ Quando iniciei meu trabalho no local, em setembro de 2015, a instituição tinha recentemente reduzido seus horários de pesquisa em jornais. Antes abertos de sexta a sábado com 11 turnos disponíveis, eles passaram a oferecer apenas três turnos semanais, cada um com duração de quatro horas.

⁴⁸ Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Placar_Magazine.html>. Acesso em: 31 mai. 2018.

⁴⁹ A imprensa alternativa, ou imprensa nanica, era constituída por publicações que se opunham ao regime militar, ao modelo econômico, à violação dos direitos humanos e à censura.

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

entrevistas – me indicaram que outros grupos de perfil similar já tinham ocupado as arquibancadas dos estádios brasileiros. Diante da peculiaridade de tais grupos no contexto do futebol no país, acredito que o conhecimento acerca dessas outras torcidas me traz elementos para a compreensão da Coligay. A busca iniciou-se por torcidas já previamente conhecidas por mim, Coligay e Fla-Gay⁵¹, e ampliou-se a partir da menção a outras torcidas gays nas próprias notícias referentes aos coletivos gremista e flamenguista.

Agreguei ao *corpus* empírico, ainda, os periódicos produzidos pelo Grêmio⁵² a fim de incluir em minha análise, também, um discurso, em alguma medida, institucional acerca de suas torcidas, em especial, sobre a Coligay. Foram consultadas as revistas mantidas no acervo do Museu do Grêmio, sendo elas: Grêmio 70, Revista do Grêmio, Nação Tricolor e Imortal Tricolor.

Ainda no âmbito de uma “memória institucional”, analisei os acervos documentais e iconográficos expostos no Museu do Grêmio - Hermínio Bittencourt⁵³. O atual Museu do clube localiza-se em seu estádio, a Arena do Grêmio, tendo sido aberto ao público em novembro de 2015. Antes disso, o clube possuía um Memorial no Estádio Olímpico, inaugurado em 1989. Quando iniciei a pesquisa o antigo Memorial já havia sido fechado, impossibilitando que eu pusesse ter analisado também sua exposição. Fiz duas visitas ao Museu. Uma primeira em 2016, guiada pelo coordenador do espaço, Carlos Eduardo Moll dos Santos, e uma segunda, em 2017, sozinha. Em ambas passei por toda a exposição e realizei registros fotográficos.

Soma-se a isso, livros que tratam do Grêmio publicadas a partir de 1977, buscando verificar em quais delas a Coligay é abordada, analisando tais menções. Pelo foco específico na história da Coligay, se destaca o livro “Coligay: tricolor e de todas as cores”. Além dele, utilizei os livros: “A América aos nossos pés: 25 anos de uma Libertadores de verdade” (2008) e “Grêmio: campeão acima de tudo” (2009), de Eduardo Bueno e Fernando Bueno; “Grêmio: nada pode ser maior” (2005), de Eduardo Bueno; “Imortal Tricolor” (2002) e “Jogos Monumentais: memórias do estádio Olímpico” (2012), de Marcelo Ferla; “Grêmio hoje e

⁵¹ Há registros que utilizam a grafia “flagay”. Nas citações diretas, repito as nomenclaturas originalmente utilizadas, mas, em minha escrita, opto por me referir à torcida como Fla-gay, visto que foi o termo que encontrei com maior frequência.

⁵² Segundo alguns entrevistados, ao longo de sua história, mas não de forma contínua, o clube produziu diversos periódicos adotando diferentes nomes. O Museu do Grêmio possui um acervo com tais documentos, no momento indisponível para consulta.

⁵³ Na entrevista realizada com Dona Ema, responsável pela fundação do Memorial do Grêmio e voluntária no mesmo até 2013, fui informada da existência de pastas com recortes que tematizam as torcidas do clube, entre elas, a Coligay. Esse acervo, contudo, foi remanejado do Memorial, sediado no Estádio Olímpico, para seu atual museu, na Arena do Grêmio, novo estádio do clube. Em conversa com o atual coordenador desse novo espaço, Carlos Moll dos Santos, fui informada de que todo o acervo que não está exposto na nova casa estava passando por um processo de organização, durante o qual não podia ser consultado ou emprestado.

sempre: a história tricolor em cada dia do ano” (2012), de Fernando Leite e Vicente Fonseca; “Heróis de 77: A história do maior campeonato gaúcho de todos os tempos” (2017), de Daniel Sperb Rubin; “Até a pé nós iremos” (2000), de Ruy Carlos Ostermann; “Coração tricolor: História completa do Grêmio de 1903 a 2007” (2008), de Gianfranco Spolaore; “Dicionário Gremista” (2010), de Paulo Seben. Diante do grande número de obras já escritas sobre a memória do clube, a escolha ocorreu pela viabilidade do acesso às publicações, que se deram pela consulta no acervo do Museu do Grêmio, por empréstimo com amigos e por meio de minha aquisição.

Outro artefato cultural que utilizei foi o documentário sobre a Coligay “Para o que der e vier”, lançado em 2016. Com roteiro e direção de Pedro Guindani, a obra tem duração de 25 minutos e foi financiada com recursos do Fundo de Apoio a Cultura Pró-Cultura RS.

Destaco, ainda, que ao longo da realização da pesquisa, me deparei também com muitas matérias veiculadas na internet que tematizavam a Coligay ou que ao menos a citavam. Elas foram encontradas de forma ocasional, algumas sendo de canais de internet, outras de canais de televisão e estações de rádio ligados a grandes empresas de Comunicação⁵⁴. Nenhum desses materiais trouxe dados que eu já não tinha identificado em minhas fontes, mas agregam à compreensão acerca da construção da memória da Coligay.

Por fim, tinha o intuito de incluir no corpus empírico acervos pessoais contendo documentos conservados (fotos, recortes de jornal, anotações etc) acerca da Coligay. Nenhum dos colaboradorxs, todavia, informou possuir algum arquivo do tipo. Houve apenas um deles que me enviou fotos de sua casa atual, decorada com itens do Grêmio, a fim de ilustrar sua forte vinculação clubística.

Dadas minhas perspectivas teórico-metodológicas, o desenho metodológico desse trabalho não foi definido *a priori*. Busquei acessar e articular tudo aquilo que poderia contribuir à compreensão de meu objeto, em uma bricolagem que desconsidera barreiras e hierarquias entre disciplinas, entre ciência e literatura, conhecimento e ficção, arte e ciência, filosofia e comunicação (PARAÍSO, 2014). Esse processo, cabe destacar, necessariamente envolve o uso das ferramentas teóricas aqui adotadas.

Assim, os caminhos que me levaram a considerar esse conjunto de fontes a partir de certos questionamentos foram paulatinamente definidos ao longo da pesquisa, em diálogo com um conhecimento continuamente buscado em outras produções tanto sobre meu tema

⁵⁴ Cito como exemplos: uma matéria no programa Globo Esporte, da Rede Globo de Televisão; um trecho de debate do programa Sala de Redação, da Rádio Gaúcha, vinculada ao Grupo RBS; uma matéria no programa Virada Sport, do canal, plataforma de internet e produtora de vídeos OCTO.

quanto sobre a teorização que adoto, com as quais busquei dialogar e me inspirar a fim de produzir novas reflexões sobre a Coligay. Como sugerem Meyer e Paraíso (2014, p.19), realizei um movimento de ziguezaguear no espaço entre meu objeto “de investigação e aquilo que já foi produzido sobre ele, para aí estranhar, questionar, desconfiar”.

Conduzi, então, minha escrita, no que tange ao processo analítico-descritivo, inspirada pela estratégia descrita por Paraíso (2014) de montagem, remontagem e desmontagem sobre os ditos que fui reunindo e produzindo acerca da Coligay.

A operação aqui é juntar – aquilo e aqueles/as que podem ser considerados comuns, semelhantes, parecidos – e separar – aquilo e aqueles/as que afirmam coisas diferentes, distintas, contrárias, conflitantes. Para montar esse mapa ou esse discurso, desmontamos os ditos e escritos resumindo, sintetizando, separando os argumentos, as teses, os significados que vamos interrogar, questionar, desconstruir, ressignificar. Estabelecemos relações entre os diferentes “ditos e escritos” em tempos e lugares diferentes. Interrogamos e analisamos. Por fim, remontamos, de um modo diferente, tudo que foi desmontado (PARAÍSO, 2014, p.37-38).

Uma vez apresentados meus processos empíricos de pesquisa, passo, no próximo capítulo, à apresentação da história da Coligay e de seus/suas integrantes, situando-a num processo mais amplo de emergência de torcidas organizadas.

3 O FUTEBOL E A EMERGÊNCIA DA COLIGAY

A história de qualquer grupo não pode ser vista como algo isolado. Ela é produzida pelos sujeitos que o integram, ela ocorre a partir das possibilidades de seu tempo e está conectada à sociedade em que se insere. Nesse capítulo, abordo algumas dessas articulações que fazem parte da trajetória da Coligay.

Para isso, apresento uma narrativa que trata do surgimento, atuação e encerramento da torcida. Abordo, então, a trajetórias de construção e vivência do gremismo de algumas pessoas que pertenceram à torcida. Adiante, descrevo a constituição de torcidas do Grêmio, situando a Coligay e seus/suas componentes nesse processo, assim como destacando as diferenças e semelhanças entre esses coletivos de torcedorxs. Em seguida, discorro sobre outras torcidas gays de clubes brasileiros contemporâneas à Coligay, algumas que chegaram a se fazer presente nos estádios, outras que não chegaram a se formar, além de um terceiro grupo cuja existência, tendo em vista os dados que obtive, permanecem sob dúvida. Encerro o capítulo tratando de duas dimensões extra-esportivas da Coligay, eventualmente questionadas diante do caráter subversivo que carrega: sua posição com relação ao governo militar e seu envolvimento com os movimentos de militância LGBT⁵⁵.

3.1 UMA HISTÓRIA DA COLIGAY

Como anunciado na introdução desse trabalho, o ano de 1977 começou para o Grêmio sob forte pressão da torcida. Xs gremistas, já detentorxs de certa fama de impacientes e pouco tolerantes, alimentavam sua cobrança no descontentamento acumulado ao longo de oito anos sem títulos: a última taça erguida pelo clube tricolor, que outrora gozava da hegemonia estadual⁵⁶, tinha sido conquistada no – futebolisticamente falando – longínquo ano de 1968.

É nesse contexto aparentemente desfavorável para celebrar o Grêmio que o empresário Volmar Santos resolve criar uma nova torcida para apoiar o clube, a Coligay. Não chega, contudo, a ser uma contradição a fundação dessa torcida nesse momento. Não raro, longos

⁵⁵ No momento em que a Coligay esteve em atividade, os militantes ainda se definiam como parte do “movimento homossexual” ou “movimento gay”. Tendo em vista que minhas discussões não se restringem à tal período, quando utilizo o termo movimento LGBT me refero ao que se gestava desde aquele momento.

⁵⁶ Antes do Internacional iniciar essa sequência de oito títulos estaduais entre 1969 e 1976, o Grêmio vinha de um heptacampeonato (1962-1968) e um pentacampeonato (1956-1960).

períodos de maus resultados de um clube provocam uma espécie de mobilização de seus/suas torcedorxs a fim de apoiá-lo, ajudando-o a superar a crise⁵⁷. Assim foi com Volmar, que afirma que a ideia lhe ocorreu durante uma partida no Olímpico: “o Grêmio há muitos anos não ganhava o campeonato e entrei dentro do estádio e vi que a torcida estava muito morna, achei que faltava ânimo para aquela torcida e aí me veio a ideia de formar uma torcida organizada” (SANTOS, 2015a, p.5).

A impressão de Volmar de que o Grêmio possuía uma torcida pouco atuante naquele período também é compartilhada por outrxs torcedorxs gremistas, além da imprensa:

Eu sempre achei a torcida do Grêmio “bunda mole”. Porque a torcida do Grêmio só se manifestava quando o Grêmio tava bem. A maioria dos jogos era sentado. [...] a torcida do Grêmio era difícil. O time precisando do apoio e a torcida estava sentada (RIVAS, 2015, p.10).

Era ficar sentado, vendo, levantar, dar uma gritada com o juiz, alguma coisa assim, mas ficava mais sentado. Não é... Na época a gente falava dos argentinos, que os argentinos passavam o tempo inteiro cantando, pulando e cantando, aqui não era normal isso aí. [...] todo mundo ficava sentado, vendo o jogo, não tinha assim essa coisa de ficar gritando. Era bem mais tranquilo, mais “light”. (HEINE, 2016, p.4)

Os torcedores do Grêmio são tradicionalmente silenciosos, manifestando-se somente em momentos difíceis ou para comemorar um gol (DEZ MINUTOS..., 1977, p.32).

Até o surgimento da Coligay havia duas torcidas organizadas do Grêmio: a Eurico Lara⁵⁸ e a Força Azul. A Eurico Lara começou como uma espécie de torcida oficial, vinculada ao clube e constituindo-se em um Departamento. A Força Azul, por sua vez, era autônoma, sendo reconhecida como a primeira torcida organizada gremista independente⁵⁹. Na década de 1980, à medida que mais torcidas organizadas gremistas surgiram, a Eurico Lara tornou-se o setor responsável por coordenar e apoiar, inclusive financeiramente, as atividades desses agrupamentos de torcedorxs.

A Coligay constituiu-se também como uma torcida independente, não recebendo auxílios financeiros do clube, opção adotada, segundo seu líder, porque ele era contra a lógica de subsídios adotada pelo Departamento, conforme explica:

⁵⁷ São recorrentes episódios, por exemplo, de altas médias de público quando um clube luta para não ser rebaixado em um Campeonato, assim como quando disputa seu retorno à uma série superior.

⁵⁸ O nome da torcida remete ao ex-goleiro Eurico Lara, que atuou no Grêmio entre 1920 e 1935. O atleta faleceu logo após a disputa de um Gre-Nal, tendo o atleta jogado mesmo ciente de seus problemas cardíacos. Ele ficou marcado como um atleta que deu a vida pelo Grêmio. Disso, surgiu uma lenda de que, na partida, ele teria defendido um pênalti tão forte que teria feito seu coração parar, levando-o à morte ainda. No hino do clube, composto por Lupicínio Rodrigues, o atleta é homenageado nos versos “Lara, o craque imortal/ Soube seu nome levar/ Hoje com mesmo ideal/ Nós saberemos te honrar”.

⁵⁹ Essa informação considera a fala de diversos entrevistados, assim como dos registros de jornal que analisei.

[...] eu acho que a torcida tem que dar apoio total e irrestrito ao time, mas não tirar, não tirar do clube. O clube já tem as suas despesas e suas coisas. Não tem razão de tirar. Como é que os outros pagam? Tem que ser todo mundo igual. Sou contra isso. (SANTOS, 2016, p.24).

Além disso, seria pouco provável que as pessoas lideradas por ele fossem aceitas na Eurico Lara. O líder da torcida/departamento, o diretor gremista José Buaes, manifestava publicamente seu desgosto pelo grupo chegando a classificar sua presença nos estádios como “lamentável” (FONSECA, 1977, p.49). De forma mais tolerante, outro diretor da Eurico Lara, Elton Lopes, afirmou, em reportagem de 1977: “Se eles querem ajudar ao Grêmio torcendo como qualquer outra pessoa, acho que não haverá problema. Nós realmente não gostamos muito daquilo, mas cada um na sua, não é?” (BUENO, 1977, p.44). Já Gerson (VIEIRA, 2017), ex-integrante da TO, não se recorda de haver uma relação de hostilidade de seu agrupamento com a Coligay, indicando que, talvez, os maiores incomodados fossem membros da diretoria e não os componentes. Na outra ponta da relação, Volmar Santos confirmava a existência das tensões, tendo dito, na mesma reportagem previamente citada, que “nosso principal inimigo são algumas pessoas do Departamento Eurico Lara. Eles estão fazendo tudo para acabar conosco” (BUENO, 1977, p.44).

A Força Azul, por sua vez, acolheu a nova torcida gremista sem maiores restrições. “Logo que a Coligay surgiu, nós a recebemos muito bem. Sempre que chegam grupos novos, ou até mesmo torcidas de outras cidades, nós tratamos de dar força. E eles, já que torcem para o Grêmio, ainda têm mais razões para serem aceitos”, afirmou um de seus membros, Jorge Menezes (BUENO, 1977, p.44).

De todo modo, não me parece em momento algum que o idealizador da Coligay tinha interesse de se integrar a uma TO que não fosse liderada por ele, levando a cabo suas ideias de fazer coisas **diferentes**, aspecto que ele costuma salientar. Sinal disso é o fato de Volmar nunca ter sido parte de nenhuma outra torcida, e ter fundado e liderado não apenas a Coligay, mas também a Garra Alviverde, torcida do Gaúcho⁶⁰, clube de sua cidade natal. Se o mesmo não se pode dizer de outros integrantes, que chegaram a compor outras torcidas organizadas antes e/ou depois da Coligay, é fato que uma torcida voltada especificamente ao público LGBT foi um elemento bastante atrativo entre todxs.

Volmar buscou xs companheirxs para sua nova empreitada dentro da boate gay que administrava, o Coliseu, por isso o nome escolhido para a torcida foi Coligay: Coli, de Coliseu, e gay do público que a compôs. Presenciei repetidas vezes Volmar explicando a origem desse

⁶⁰ Sport Club Gaúcho, de Passo Fundo (RS).

nome, aparentemente com o intuito de enfatizar a importância que a boate teve na constituição da torcida, como ele explica:

O Coliseu era a sede oficial da Coligay, lá era o lugar dos encontros da Coligay, lá onde o pessoal se divertia a noite inteira, muitos dos componentes faziam shows lá dentro da boate também. O Coliseu... Tudo aconteceu dentro do Coliseu, se não fosse o Coliseu não teríamos tido a Coligay. Porque foi lá dentro que foi fundada a torcida, com o público que frequentava, como eu disse (SANTOS, 2015a, p.20).

Analisando os relatos dxs integrantes da Coligay que entrevistei, não me parece um exagero de Volmar afirmar que “se não fosse o Coliseu não teríamos a Coligay”. Primeiramente, no contexto da época de uma homossociabilidade cerceada e guetificada, e no qual ainda não havia grupos de militância LGBT, talvez seja improvável pensar outra forma de reunir um grupo de homossexuais e travestis que não através de uma boate voltada a esse público. Mas a importância do Coliseu vai além da formação da torcida, sendo um ponto de apoio fundamental para a manutenção da torcida ao longo de toda a sua trajetória.

Tal qual a sede de uma TO, era ali onde começava a preparação para a ida aos jogos, mas que, nesse caso, era antecedido também pela fruição da noite na boate. Os componentes iam ao Coliseu na noite do sábado, onde viravam a madrugada se divertindo, e, na manhã seguinte, ali mesmo se organizavam e seguiam para o estádio em que o Grêmio fosse jogar. Como lembra Careca (RODRIGUES, 2017, p.12):

O espaço era a boate. As outras torcidas não, as outras torcidas eram dentro da sala. A Máquina, a Força Azul, eram dentro da sala, a Coligay não, a Coligay era dentro da boate, ali é que surgia tudo. Durante aquela meia hora que nós íamos para o estádio é que já saía “ah eu vou levar essa pluma”, saía com a pluma, “ah eu vou levar isso”, saía com aqueles chapéus. Era assim que era feito o negócio.

Serginho complementa: “ele [Volmar Santos] nos dava pão com mortadela e nós saíamos do Coliseu direto pro Olímpico, já dançando desde o Coliseu até o Olímpico, que era próximo, ou íamos para o interior ou então assistíamos os jogos no Olímpico aqui” (CUNHA, 2017, p.3).

O vínculo com a boate, por outro lado, foi visto com desconfiança por Miguel. Segundo ele, interessava a Volmar circular e tornar-se conhecido entre outros empresários, especialmente aqueles do emergente mercado LGBT (Diário de Campo, 31 de agosto de 2016). A mesma hipótese foi levantada pelo repórter Divino Fonseca, em reportagem de 1977. A ele, Volmar respondeu que era sócio do Grêmio há dois anos e que ia ao estádio desde garotinho, provando seu gremismo. Como torcedor apaixonado, ele viu a possibilidade de ajudar o clube

criando uma torcida mais animada que a de então e que, ao recrutar adeptos para uma torcida, era natural que buscasse “gente como ele” (FONSECA, 1977, p.50).

Não cabe a mim avaliar as intenções de Volmar, mas é inegável que a torcida trouxe visibilidade à boate, constantemente citada nas reportagens que apresentavam a Coligay e lembrada pelo próprio nome do grupo. O líder, comumente citado em matérias de jornais, com frequência mencionava que xs integrantes tinham vindo do Coliseu direto para o estádio, reforçando o vínculo da torcida com o espaço. Outra evidência é uma nota na Zero Hora, que faz um anúncio de uma festa na casa noturna, fazendo um convite em nome da torcida:

A torcida Coligay – considerada como pé quente no ano em que o Grêmio venceu o campeonato regional – está convidando todos gremistas para uma festa muito especial na Boate Coliseu, hoje à noite. Será uma noite memorável, com a entrega dos troféus dos destaques de 1977, para os artistas e clientes da boate (COLIGAY..., 1978, p.30).

Gerchmann (2014, p.35) também reconhece a notoriedade que a torcida deu à casa e afirma que, em função disso, jornalistas, radialistas e jogadores passaram a frequentá-la “em busca de diversão garantida, boa bebida, companhia agradável e ambiente acolhedor”. O ex-jogador Tarciso confirma que ele e outros atletas gremistas costumavam frequentar a casa: “É, depois do jogo a gente dava uma passada lá, principalmente quando ganhava pra dar um abraço na rapaziada e partir depois pra noite, e ir embora...” (SOUZA, 2016, p.15). A presença recorrente de jogadores já levou até mesmo o técnico Telê Santana a ir ao Coliseu procurá-los, com o intuito de garantir que seus atletas estavam descansando adequadamente e não curtindo noitadas (SANTOS, 2015a; GERCHMANN, 2014).

A estreia da Coligay foi planejada para ser marcante. Confeccionaram bandeiras e roupas especialmente para a ocasião, além de organizarem uma charanga. Empolgado, Careca, anunciava: “Vamos renovar todo o esquema de torcer no Rio Grande do Sul. Estamos muito excitados com essa ideia” (BUENO, 1977, p.45).

O financiamento da Coligay ocorria principalmente por meio de apoiadores do próprio universo LGBT e/ou de torcedores gremistas, que eram procurados por Volmar. Em matéria da ZH, o presidente da torcida afirmava: “Somos sustentados pelo movimento gay de Porto Alegre. São todos nossos amigos. Há muitas pessoas da alta sociedade” (BUENO, 1977, p.44). Para a Placar, ele citou a contribuição de “pessoas bem nascidas” por meio de um Livro de Ouro e de jantares beneficentes (FONSECA, 1977, p.50). Careca menciona “cabeleireiros grandes que ajudavam, mas não participavam, que não queriam botar o nome na jogada” (RODRIGUES, 2017, p.12). Miguel informa que Volmar “arrumava dinheiro de alguma maneira, talvez com o

próprio clube”, e que empresários, amigos do líder da torcida, costumavam doar carne e cerveja para suas festas (Diário de Campo, 22 de junho de 2017). Reportagens da ZH citaram, também, o patrocínio da boate LGBT Whisky Geg (A BOATE..., 1978; COLIGAY (1), 1978). O próprio Volmar, por sua vez, afirma ter obtido patrocínios de conselheiros do Grêmio que eram empresários e que, quando necessário, também usava do próprio dinheiro, vindo da boate (SANTOS, 2015a).

Serginho relata, ainda, que os componentes frequentemente ajudavam, adquirindo algumas peças que eram usadas pelo grupo (CUNHA, 2017). A torcida, contudo, não vendia blusas, casacos ou bonés próprios, como veio a ser comum entre TOs da década de 1980 em diante. A todas as demais estratégias, somavam-se ações pontuais como pedágios (SANTOS, 2016; TORCIDA..., 1977) e shows informais em espaços públicos (CUNHA, 2017).

Diferentemente de seus integrantes, a charanga da Coligay não foi composta por frequentadores do Coliseu. Entendendo que ela era fundamental a uma TO, Volmar quis garantir uma banda profissional que os acompanhasse. Assim, convidou alguns instrumentistas da Escola de Samba Imperadores do Samba, cujo mestre de bateria, Neri Caveira, ele e outros integrantes conheciam. Os instrumentistas eram contratados, compartilhando o churrasco e cerveja com os componentes da torcida, mas também recebendo um cachê (FONSECA, 1977; SANTOS, 2015a; Diário de campo, 22 junho 2016). A qualidade da banda é uma lembrança entre muitos torcedores gremistas: “tinha uma batucada muito boa. Pessoal tinha uma banda super boa, a deles” (COSTA, 2017, p.15).

Volmar lembra que eles compunham versos para ser cantados para os atletas, nos quais muitas vezes utilizavam a própria homossexualidade como artifício lúdico, como nos exemplos: “vamos todas para o altar, que chegou o Baltazar”; “Com tanga ou sem tanga, queremos o Manga” (SANTOS, 2015a, p.15-16; PARA O QUE DER..., 2016).

Serginho lembra que, a influência argentina nos cânticos atuais da torcida do Grêmio não estava presente naquela época, quando a banda da Coligay tocava apenas sambas. “Na época não tinha muito isso. Na época da Coligay era muito samba, era carnaval, eu te falei, carnaval, era muito sambão” (CUNHA, 2017, p.16). Ele não se recorda da criação de composições próprias da torcida, mas lembra de seu hino. Quando perguntei se eles cantavam o hino no estádio, ele respondeu: “Cantava. E chegávamos cantando nos lugares que a gente ia, nos jogos, nos campos. Não precisavam cantar o hino pra dizer que era da Coligay, mas tudo bem né? Ele [Volmar Santos] fazia questão, então a gente cantava. [risos]” (CUNHA, 2017, p.16).

O hino foi criado com a ajuda do jornalista Hamilton Chaves, parceiro de composição de Lupicínio Rodrigues, autor do hino do Grêmio (GERCHMANN, 2014; SANTOS, 2015a; PARA O QUE DER..., 2016). A canção versa:

Nós somos da Coligay
 Com o Grêmio eu sempre estarei
 É bola pra frente
 Campeão novamente
 É Grêmio, força e tradição
 Sou tricolor pra valer
 Pra vibrar e vencer
 Para o que der e vier
 Nós, Coligay de pé-quente
 Estaremos presentes
 Onde o Grêmio estiver
 (GERCHMANN, 2014, p.38; SANTOS, 2015a, p.31)

Nota-se que o hino exalta qualidades do Grêmio – vitorioso (“campeão novamente”), forte e fiel a suas tradições – e da torcida – participação constante (“com o Grêmio eu sempre estarei”; “estaremos presentes onde o Grêmio estiver”), dotada de intenso pertencimento clubístico (“Sou tricolor pra valer”) e sortuda (“pé-quente”). Em nenhum verso há referência à homossexualidade de seus integrantes ou a especificidades relativas à performance da TO.

O primeiro jogo da Coligay aconteceu no dia 10 de abril de 1977, em um jogo contra o Santa Cruz, no Estádio Olímpico (SANTOS, 2016; GERCHMANN, 2014; FONSECA, 1977; PARA O QUE DER..., 2016). Volmar relembra:

O primeiro dia que nós entramos foi um escândalo dentro do estádio ninguém imagina, ninguém sabia o que estava acontecendo. Inclusive houve, quase houve, agressão ao nosso pessoal, e graças a Brigada Militar é que isso não aconteceu [...] (SANTOS, 2015a, p.7-8).

A quase agressão⁶¹ impedida pela chegada da Brigada Militar, segundo ele, não se repetiu: “a partir dali começou, algumas pessoas faziam alguns comentários, gritavam, apupavam como se dizia na gíria, mas nada que fosse para agredir” (SANTOS, 2016, p.10).

Já na lembrança de Careca sobre esse ocorrido, quem estabeleceu a paz na partida de estreia da torcida não foi o policiamento, e sim um dos membros da Coligay:

A primeira vez que nós fomos ao estádio foi um horror, porque a gente saiu da boate de manhã e fomos para... Tudo caracterizado, pintado, com aquele

⁶¹ Segundo Volmar, trataram-se de ameaças verbais: “Foi verbal até o momento que chegou a Brigada, mas poderia ter sido mais grave, né? Porque eu não tinha ideia que podia acontecer um tipo de coisa dessas” (SANTOS, 2016, p.10).

camisão, aquela camisola escrita Grêmio, lá começa uma confusão porque a torcida não queria aceitar, eu vou falar palavrão...

L.A. – Pode falar, não tem problema [riso]

O.R. – Lá quando nós sentamos, tinha um negrinho que se chamava Frank que fazia dublagem na boate e aí a briga rolando, a bicha saiu toda se rebolando, sai para frente e grita “Para, para, para! Tem cú pra todo mundo” [riso]. Desde aí a torcida começou a ser respeitada (RODRIGUES, 2017, p.2).

A reação de Frank à situação enfrentada, produz seu sentido cômico ao caracterizar aquela briga como uma disputa por um parceiro sexual, invertendo o desgosto em desejo. A piada desestabiliza a masculinidade que supostamente estava sendo reafirmada pela agressão homofóbica. Mais do que o fato em si, o sentido que carrega essa situação anedótica justifica sua rememoração pelos componentes daquela torcida em formação.

Ademais, o relato, que menciona tanto a “briga rolando”, quanto a caracterização do grupo e interpelação debochada de Frank, já anunciava um pouco do que estava por vir com aquele novo coletivo de torcedores: uma torcida que estava disposta ao conflito físico para defender seu direito de ocupar as arquibancadas, e que adotava orgulhosamente uma performance ao mesmo tempo caricata e jocosa. Tanto um quanto outro ponto são frequentemente mencionados por diversos torcedores como aspectos que fizeram com que a torcida conquistasse o respeito e a admiração entre gremistas. Destaco como o primeiro ponto, a disposição ao embate físico, é um valor associado à uma masculinidade normativa, que levou os integrantes a serem considerados corajosos, ou mesmo, “machos”; já o segundo aspecto relaciona-se justamente com um desajuste ao padrão de gênero normativo, o que, na forma e contexto em que foi apresentado, foi predominantemente interpretado como algo divertido, alegre e engraçado⁶².

Mas antes que esse respeito e admiração fossem conquistados, prevendo a possibilidade de reações violentas em meio à multidão que se reunia nos estádios, tendo em vista o preconceito sofrido por homossexuais no Brasil, Volmar tomou providências preventivas. Desde o primeiro jogo, o líder recrutou os seguranças do Coliseu para acompanhar a torcida a todos os jogos a que compareciam (Diário de campo, 19 de abril de 2016 e 31 de agosto de 2016; FONSECA, 1977; GERCHMANN, 2014; SANTOS, 2015a).

Além disso, foram oferecidas aulas de karatê a alguns membros do grupo, ampliando a capacidade de defesa do coletivo (SANTOS, 2015a; SANTOS, 2016; RODRIGUES, 2017;

⁶² Essa discussão será aprofundada no Capítulo 4.

CUNHA, 2017; GERCHMANN, 2014; PARA O QUE DER..., 2016)⁶³. Serginho, lembra que as aulas também eram momentos de diversão. Ele narra que, nas aulas, “cada um queria ir mais produzido que o outro”, usavam shorts de lycra curtos e camisetas justas, “era um **show** quando nós chegávamos” (CUNHA, 2017, p.18. Ênfase do entrevistado.).

Mesmo preparados para uma briga, conforme as normas da torcida, os torcedores jamais deveriam agredir alguém, apenas defender-se, caso necessário. Ainda que eventualmente mencionem episódios de confronto, os integrantes enfatizam a diferença entre violência e defesa:

Se possível, nunca agredir ninguém, nunca brigar com ninguém, só se defender. Tanto é que eu falei aqui, nós colocamos eles no Karatê pra aprender a se defender, simplesmente isso (SANTOS, 2016, p.10).

A gente não batia, a gente se defendia. Só em caso que não desse mesmo (CUNHA, 2017, p.5).

A primeira menção à Coligay encontrada nos periódicos que consultei foi da Folha da Manhã, e data de 2 de maio de 1977. O texto anunciava:

Além da Força Azul, grupo independente de torcedores do Grêmio e responsáveis pelo renascimento desse movimento nos dois últimos anos, agora o clube tem o (sic) “Coligay”. Esse grupo, com enorme faixa, surgiu há duas rodadas e fica sempre atrás da goleira onde o Grêmio ataca. Vale a pena ver (ALÉM..., 1977, p.27).

Apesar desse primeiro registro e do tom de aprovação ao acontecimento, a Folha da Manhã pouco noticiou a Coligay, assim como pouco abordava as demais torcidas organizadas. Pela linha editorial do periódico, essa invisibilidade me surpreendeu. A impressão é compartilhada por Eduardo Bueno, um de meus entrevistados. Para ele o jornal era um dos melhores jornais do Brasil, com grandes repórteres e com posicionamento de esquerda, o que lhe fazia acreditar que a Coligay seria tema de interesse da publicação. Autor da primeira reportagem sobre a Coligay, quando atuava como repórter da ZH, Bueno conta que ao defender a pauta em sua redação afirmou: “se a gente não fizer, a Folha da Manhã vai fazer, vamos fazer antes” (BUENO, E., 2017, p.31).

⁶³ Há aqui um dissenso. Enquanto Volmar, Careca e Serginho afirmam que as aulas foram realizadas por integrantes da torcida, Miguel afirma que elas foram cursadas por membros – heterossexuais – da banda que os acompanhava aos jogos (não entendidos propriamente como integrantes da Coligay na fala dos próprios entrevistados), e que eles já praticavam a atividade mesmo antes do ingresso na Coligay (Diário de campo, 22 de junho de 2016; Diário de campo, 31 de agosto de 2016).

Os poucos registros sobre a Coligay e TOs em geral se repetiu no Correio do Povo⁶⁴. A Zero Hora, por sua vez, dava bastante atenção às TOs, não só registrando sua atuação nas arquibancadas, como também publicando relatos dos bastidores das agremiações, além de informes das mesmas. Especificamente no ano de 1977, a atenção dispensada à Coligay é notável, havendo um número de notícias a ela dedicado bastante superior às outras TOs.

Os primeiros registros do grupo na Zero Hora vieram na edição do dia 9 de maio, uma segunda-feira após um Gre-Nal⁶⁵ ocorrido no Dia das Mães, no qual o Grêmio, jogando com uma equipe mista, perdeu por 1 a 0 o rival. Na sessão de esportes, a torcida foi brevemente mencionada em meio a uma matéria de página inteira que noticiava o jogo anterior: “Nas arquibancadas, a nova torcida do Grêmio, a “**Coligay**” rebojava ao som do batuque” (TELÊ..., 1977, p.40, grifo do original). Na mesma sessão, uma pequena nota dava destaque à fundação da torcida:

COLIGAY

Esse novo grupo de torcedores do Grêmio começou com pouca gente e uma faixa: Torcida Coligay. Eram torcedores que costumam frequentar a boate Coliseu. Muita animação, passos de dança, requebros, o grupo já apareceu com novos adeptos ao Beira-Rio.
(COLIGAY, 1977, p.40, grifo do original)

A terceira menção, por sua vez, apareceu na Sessão Humor, escrita por Carlos Nobre⁶⁶, na qual eram publicadas uma série de piadas curtas, geralmente de uma ou duas frases, sobre assuntos diversos. Aproveitando-se da data comemorativa do dia anterior, assim zombou Nobre: “Como ontem era o dia delas, o Grêmio levou ao Beira-Rio a COLIGAY, a torcida das mães” (NOBRE, 1977a, p.55).

A importância do jogo e o fato da torcida já ter crescido ao longo do primeiro mês, parecem ter despertado a atenção do público e do periódico para o surgimento daquela nova TO. Pouco após a partida, Volmar afirmou: “Acho que [foi] naquele jogo que começou nossa consagração. Os torcedores do Grêmio chegavam e gritavam Coligay, Coligay” (BUENO, 1977, p.45).

Esses primeiros registros são também representativos das formas como frequentemente a Coligay era mencionada na Zero Hora. Com presença regular, entre 1977 e 1979⁶⁷, nas duas

⁶⁴ Foram no total: sete menções no Folha da Manhã, todas no ano de 1977, e uma no Correio do Povo, em 1979.

⁶⁵ Gre-Nal é a forma como tradicionalmente é nomeado o confronto entre Grêmio e Internacional.

⁶⁶ Carlos Nobre era o pseudônimo de José Evaristo Vilalobos Junior. Nascido em Guaíba (RS) em 1929, o humorista trabalhou em jornais impressos e emissoras de rádio, além de escrever peças de teatro. Faleceu em 1985.

⁶⁷ Nesses três primeiros anos (abril de 1977 a dezembro de 1979), houve um total de 99 menções na Sessão Esporte (média de 4,9/mês em 1977, 2,25/mês em 1978 e 2,3/mês em 1979) e 54 na Sessão Humor (média de 3/mês em 1977, 1/mês em 1978 e 1,25 em 1979).

sessões, Esporte e Humor, era citada por vezes em tom descritivo, por vezes em tom elogioso, mas eventualmente em tom jocoso, aspecto que discutirei no item 4.2.

A notícia da ZH já evidenciava, também, o breve crescimento da jovem torcida. Representando um espaço seguro e divertido de vivência do futebol à LGBTs, a Coligay continuou ganhando adeptos a cada jogo, como descreve Serginho:

No início era muito crescimento. Muito. A cada fim de semana entrava dez, quinze bichas. Nós já tínhamos um bom, não me lembro também quantos, mas um bom número. Nós fazíamos um bom número dentro do Olímpico (CUNHA, 2017, p.25).

Em outra reportagem publicada na semana seguinte, foi dito que o grupo já alcançava 150 integrantes⁶⁸. Essa outra matéria era uma reportagem especial que tematizava exclusivamente a Coligay, e ocupava duas páginas inteiras na sessão esportiva da Zero Hora. Esse destaque evidencia o pioneirismo e originalidade logo identificados pela imprensa gaúcha na participação daquela torcida nas arquibancadas. Sobre a percepção da torcida como acontecimento midiático, Eduardo Bueno, autor da matéria, descreve:

[...] eu só sabia que aquilo, pelo meu faro normal, que aquilo era uma puta notícia, uma puta matéria, que aquilo tinha que ficar registrado e que aqueles caras tinham um lado heroico, assim, e eu, uma coisa que eu me lembro, é que o que eu associei muito a eles era a resistência, porque eram anos de resistência e aqueles caras eram um núcleo de resistência gremista, era um núcleo de resistência dos direitos civis, era um núcleo de resistência de liberdade, tinha uma pitada anarquista, tinha um confronto com o regime militar, com a ordem estabelecida e ainda por cima eram do meu time, então porra, isso eu percebi no ato, isso eu quis escrever (BUENO, E., 2017, p.31).

Com o título “Grêmio está recebendo um incentivo diferente”, logo de início, seu autor, Eduardo Bueno, expunha a compreensão de que aquela torcida destoava das demais. As “inovações na maneira tradicional de torcer”, como se refere o jornalista, não são claramente explicadas, mas implicitamente parecem se referir a forma de pular, cantar e gesticular, caracterizadas como frenéticas e afeminadas (BUENO, 1977, p.44-45).

A reportagem era ilustrada com duas imagens do jogo do dia anterior, um amistoso contra o Novo Hamburgo, que tinha como maior atrativo ao torcedor gremista a estreia do goleiro uruguaio Walter Corbo. Nos registros, vê-se uma faixa que a Coligay fez, dedicada à nova contratação, outro indício de seu empenho no incentivo ao Grêmio e seus jogadores:

⁶⁸ É recorrente a menção ao número de integrantes em matérias sobre a Coligay em periódicos. Em todas as menções faz-se referência a um crescimento, ainda que os números citados não sigam aumentando com o passar do tempo.

Figura 1 - Coligay expando faixa dedicada ao goleiro recém-contratado Walter Corbo



Fonte: Zero Hora (1977).

O texto de Bueno destacava, ainda, o fato da torcida possuir uma Kombi, de ter feito um investimento de Cr\$20 mil em instrumentos para sua charanga e de oferecerem os ingressos e os lanches dxs componentes (BUENO, 1977). Os luxos da torcida também incluíram a confecção de fantasias especiais pelo renomado alfaiate porto-alegrense Reis (REIS..., 1977).

Ainda em maio desse ano, a Coligay foi também tema de uma longa reportagem (3 páginas) da revista Placar. Tal qual na matéria especial da Zero Hora, também nessa a Coligay é marcada por suas diferenças ante as demais TOs, sendo esse texto iniciado com a frase “Há algo de **novo** nas arquibancadas do Rio Grande” (FONSECA, 1977, p.48, grifo meu.). Mas além do comportamento e estética afeminados, o jornalista Divino Fonseca, também aponta um outro diferencial da torcida: “superava em animação as outras, batendo seus tambores e berrando em um jogo que o time levava fácil” (*ibidem*, p.48).

O conjunto da performance da Coligay, foi assim caracterizado por Diogo Olivier:

Ah, era uma torcida, colorida, sempre roupas... Assim, do ponto de vista cênico, era uma coisa meio carnavalesca, sabe? Roupas diferentes, perucas, e levavam aqueles como é que chama? Aqueles... Como é? Não é... Aquelas cruces, assim, que tu levanta e tem um C, um O, um L... Eles ficavam levantando assim e tal. E, não me lembro se tinham banda. E não era um grupo muito grande assim também, não era uma galera, não era muita gente. Mas a ideia, a imagem é sempre de uma coisa assim festiva, pra cima, nada para baixo, sempre festejando, não vaiava, só aplaudia, tavam la para se divertir.

Não tinha palavrão, que eu me lembre, alguma coisa assim, não ficavam vaiando, era uma coisa festiva mesmo, para cima (OLIVIER, 2016, p.9).

Nos relatos de entrevistas com torcedorxs, jornalistas, ex-jogadores e dirigentes que conheceram a torcida gremista, reitera-se a ideia de que a Coligay é uma **torcida diferente** em função de um conjunto de distinções em sua performance nas arquibancadas, quando comparada à outras TOs. Ainda que as características claramente se sobreponham, agrupei-as em quatro categorias, de forma a melhor evidenciá-las, destacando os aspectos mais acionados na descrição da manifestação da torcida.

A primeira é o **torcer ininterrupto**:

E aquilo chamava muito a atenção, pela alegria, porque eles cantavam os noventas minutos, o Grêmio ganhando ou perdendo, coisa que hoje, por exemplo, a Geral do Grêmio, uma torcida organizada que caracteriza o Grêmio e que muitas torcidas de outros clubes do Brasil nasceram depois desse modo da Geral do Grêmio, que canta noventa minutos, e hoje quase todos os clubes tem, naquela época não tinha isso (FORESTI, 2015, p.6-7).

na época não tinha muita coisa de vibração de torcida, todo mundo ia no estádio para assistir ao jogo e pronto, e eles foram os caras começaram, que passavam o tempo inteiro com uma puta de uma charanga, cantando e dançando (VIEIRA, 2015, p.6).

A segunda é a **animação**, se opondo a um perfil mais passivo da torcida como um todo:

[Sobre a performance da Coligay] Eles ficavam todo o tempo cantando e mexendo as bandeiras assim, que eu me lembre é isso aí. Eles ficavam... Eles torciam bem mais, gritavam, incentivavam bastante os jogadores, isso eu me lembro deles (HEINE, 2016, p.3).

o comportamento era insano! Entendeu? Os caras ocupavam um espaço pelo comportamento, tu entendestes? Eles eram uma bandeira viva. Então eles dançavam o tempo inteiro, eles duplicavam o espaço pela coreografia (BUENO F., 2017, p.22).

[...] eles eram uma torcida menor, mas eles eram carinhosos, eram umas pessoas queridas, eram pessoas que nos incentivavam, eles incentivavam mesmo, mesmo que a gente estivesse perdendo eles estavam torcendo [...] Na forma de torcer eles eram fantásticos, eles não paravam e, outro detalhe, eles vinham até em treinamentos, até nos coletivos, eles estavam lá com a faixa deles torcendo para que tudo dê certo, eles foram fantásticos sempre, eles foram um capítulo bom da torcida organizada do Grêmio (TITOW, 2016, p.9)

A terceira é a **estética chamativa e original** adotada pelo grupo, sobretudo sua indumentária. Eles utilizavam kaftas⁶⁹, chapéus, paetês e outros acessórios que os destacavam

⁶⁹ Kafta é uma espécie de túnica longa de origem indiana.

na multidão torcedora. Uma roupa se destaca na memória dxs entrevistadx: seis túnicas, cada uma com uma letra para compor o nome do clube: G-R-E-M-I-O (ver Figura 1, anterior).

Eu sempre adorei eles, sempre adorei porque eles vestiam roupas... Naquela época não tinha o que tem hoje de camisetas e de blusinhas, hoje o que tu imaginar em uma loja da Grêmio Mania, tu vê qualquer adereço de Grêmio. Na época não tinha, na época para tu comprar a camisa oficial dos jogadores só se tu ganhasse de algum porque não tinha para vender. E eles criaram roupas diferentes, eles usavam umas túnicas azul, preto e branco, eles arrumaram os tecidos entende? E aquilo chamava muito a atenção [...] (FORESTI, 2015, p.6)

Por fim, a quarta é sua gestualidade e formas de interação marcadas pela **afeminação**. Se decerto havia uma heterogeneidade nas masculinidades dos integrantes da Coligay, em suas ações coletivas haviam marcas dessa expressão de gênero culturalmente associada aos homossexuais. Nas falas, isso é marcado por referências à suas danças e rebolados e à certo tipo de piada ou brincadeiras que faziam:

Não paravam nunca [...] Eles não paravam, estavam sempre brincando, sempre brincando, sempre dançando, rebolando... (RIVAS, 2015, p.11).

a Coligay tinha uma coreografia e era uma coreografia gay (BUENO F., 2017, p.22)

eles eram muito alegres, eram muito gay, porque além de tudo isso eles eram gay, **gay**, quer dizer alegre, tu sabe né, originalmente, então eles eram alegres, eram histriônicos, eram ruidosos, eram estridentes entendeu? E cantavam e, pô, de túnica e uns diziam ‘não tenho nada por baixo, só a minha paixão pelo Grêmio’ (BUENO E., 2017, p.35, ênfase do entrevistado).

A presença da Coligay nas arquibancadas do Olímpico, segundo o colunista Antônio Carlos Porto, “eclodiu no Grêmio uma guerra muito explosiva”, pois muitos torcedores acreditavam que o Grêmio poderia virar uma piada nacional (PORTO, 1977, p.30). Já Eduardo Bueno, afirmava que “os frenéticos incentivos da Coligay desagradam muita gente” (BUENO, 1977, p.44). O próprio Volmar na época percebia certa rejeição: “por honestidade, devo reconhecer que a maioria que passa perto de nós, faz uma cara de desaprovação e sai a passos rápidos” (FONSECA, 1977, p.50). Mas o líder também diz que, com o tempo, xs torcedorxs foram se acostumando com elxs e vieram a se tornar receptivos à sua presença (SANTOS, 2016). Segundo a ZH, “ao final do decagonal [do Campeonato Gaúcho de 1977] ninguém mais era contra a Coligay” (O GRITO..., 1977, p.50).

Além dxs colegas de arquibancada, a Coligay buscou obter, também, o apoio do Grêmio. Para isso, Volmar empenhou-se para realizar uma reunião com o então presidente Hélio

Dourado a fim de explicar as intenções daquela nova torcida que vinha chamando tanta atenção do público e da mídia.

Eu fui várias vezes até o gabinete dele e não fui atendido, fui barrado. Até que um dia eu fui um pouco mais cedo. Sabia onde é que era tudo, então entrei e fiquei parado perto da porta e quando ele chegou eu enfrentei ele. Disse “Doutor Hélio”. E ele olhou “pois não”. Aí eu disse “meu nome é Volmar Santos, assim, assim, assim, assado e eu preciso falar com o senhor”. E ele me recebeu. Aí ele chamou mais o [Nelson] Olmedo, que na época era diretor, e outros diretores lá. E eu conversei, expliquei toda a situação e disse a ele que compreendia e tal a situação, mas que não era bem assim, que ele tinha que me conhecer para ver que realmente não era bem assim a coisa. Convidei ele para ir na boate e tudo. Ele não foi, mas convidei (SANTOS, 2016, p.16)

As falas de Volmar evidenciam a desconfiança inicial do presidente gremista e dos diretores que o acompanhavam. Essa impressão também está presente na descrição do jornalista Divino Fonseca de uma partida do Grêmio contra o Juventude, na qual afirmou que

[...] o presidente Hélio Dourado passeava pela pista e sorria diante dos aplausos das torcidas organizadas. Ao passar diante da Coligay, diminuiu o passo, franziu o cenho, e depois prosseguiu. Ainda desconhecia as características do grupo. Hoje, nega-se a abordar o assunto (FONSECA, 1977, p.49).

De forma similar, o repórter identificou reações arredias dos jogadores do clube quanto a opinar sobre a Coligay:

Estes [os jogadores], por seu lado, falam com reserva em relação à Coligay, a maioria reagindo como Iúra:
 - O que? Eu opinar, que é isso? Olha bem pra minha cara!
 Walter Corbo, que recebeu faixa de incentivo em sua estreia, mostra espanto:
 - Que raro, no?!
 Tarciso se conforma:
 - O mundo tá mesmo virado. A gente não pode se surpreender com mais nada (FONSECA, 1977, p.50).

Mas tanto o presidente gremista, quanto os jogadores, parecem ter superado os estranhamentos iniciais⁷⁰. A Coligay tornou-se presença cativa em todas as ações institucionais que envolviam TOs gremistas, indicando a aceitação do mandatário, antes ressabiado. Também os jogadores acolheram xs torcedorxs que antes lhes provocavam desconforto. Perguntado se a Coligay era motivo de incômodo ou era usada como chacota por algum atleta, Yura me respondeu:

⁷⁰ Com isso não quero afirmar que eles, necessariamente, se desfizeram de todo eventual sentimento preconceituoso, passando a estar isentos de qualquer incômodo ou restrição, o que não tenho condições de afirmar com minha pesquisa, nem é o seu objetivo.

Não, por incrível que pareça. O que incomodava eram as torcidas lá que vaiavam e gritavam, mas os jogadores tinham respeito, todos os jogadores, nós parávamos, eu parava o carro lá, cumprimentava eles, tirava fotos com eles, eles me recebiam maravilhosamente bem, não tinha dúvida que era, e, assim, estava o Éder, o Oberdan... Todo mundo parava para conversar com eles, nós tínhamos respeito pelo que eles eram como torcedores do Grêmio. No restante não tinha nada que ver com a vida particular de cada um. Todos têm o seu lado e fazem o que bem entenderem. O que era importante é que nós, jogadores, nunca desrespeitamos eles. Eu nunca vi uma pessoa falando mal deles, eu vi pessoas elogiando o trabalho que eles faziam para o Grêmio (TITOW, 2016, p.10).

[...] e olha que eu era um líder, de uma maneira que todos os jogadores, quando acontecia qualquer coisa fora ou dentro do campo, eles vinham contar pra mim o que tinha acontecido. Eu era acho que o fofoqueiro da turma toda, então os caras me contavam tudo que acontecia, na noite e no dia a dia, eles vinham contar pra mim. Então eu nunca vi um jogador reclamar, nunca vi jogadores fazer alguma crítica para eles (TITOW, 2016, p.10).

Para Oberdan, a Coligay não era vista de forma diferente em relação a outros agrupamentos de torcedorxs: “Isso nunca foi motivo de maior atenção, essa situação envolvendo sexualidade. Nunca prestamos atenção nisso. Sabíamos da extrema importância dela, e da potência que possuía ao torcer. Nos impulsionava e nos mantinha atentos” (VILAIN, 2016, p.6). O atacante Tarciso, por sua vez, afirma que tinha muito carinho por eles, que desenvolveu uma relação de amizade com alguns deles e que, por isso, chegou a frequentar o Coliseu (SOUZA, 2016). O treinador Telê Santana, que já conhecia um agrupamento similar do antigo clube, Cruzeiro (BUENO, 1977; TELÊ GOSTOU..., 1977), defendia que

eles têm direito de assistir o jogo como qualquer outra pessoa. Querem incentivar o time e realmente conseguem isso. Eu observo o grupo no túnel e vejo que gritam muito. Acho que qualquer iniciativa para incentivar o Grêmio deve ser bem aceita (GERCHMANN, 2014, p.95).

A boa relação com os atletas também é descrita nas entrevistas com xs componentes da Coligay. Marcelly lembra que “eles vinham, abraçavam a gente e falavam com a gente. Não tinha aquela coisa de preconceito” (MALTA, 2015, p.4). Serginho conta que antes e depois dos jogos, xs torcedorxs costumava ir ao encontro dos atletas que ficavam em uma espécie de varanda atrás da social do Olímpico e que eles sempre retribuía os beijos e abanos que a torcida mandava (CUNHA, 2017). Para Miguel, os jogadores lhes tratavam como amigos e queriam fazer gols para ver sua alegria (Diário de Campo, 22 de junho de 2017).

Os registros de periódicos reiteram a percepção dessa aceitação processual. Enquanto nos primeiros meses de existência da Coligay, era comum em periódicos a menção de incômodos como os citados, com o tempo eles tornaram-se cada vez mais raros, possivelmente pelo fato da torcida mostrar-se tão ou mais disposta a apoiar o Grêmio, quanto qualquer outra.

Um registro da ZH de agosto de 1977, mostra como já havia o reconhecimento do valor da agremiação:

A Coligay esteve mais inflamada do que nunca. As danças, músicas e a peculiar maneira de incentivar o time não pararam um só minuto durante o jogo. Em poucos meses de existência, a torcida dos alegres rapazes da banda tricolor tornou-se uma das mais importantes do Grêmio. Seus roupões listrados se destacam nas arquibancadas (NA TORCIDA..., 1977, p.43).

A aceitação dos pares não impediu que os rivais tentassem fazer da Coligay um motivo de chacota e ofensa aos gremistas. A Folha da Manhã registrou que, em um Gre-Nal de maio de 1977, uma faixa com os dizeres “Planeta das Bixas” foi colocada em frente às sociais do Grêmio (UMA FAIXA..., 1977). Volmar relembra, também, de um convite feito pelo Internacional para que desfilassem no Beira-Rio antes de outro clássico:

Um dos fatos mais pitorescos de Gre-Nais, foi quando o Internacional convidou, acredito que com um único objetivo, de desmoralizar a Coligay, convidou para que a Coligay desfilasse na pista do Beira-Rio, isso foi inédito também. E eu aceitei. Aí botei o pessoal desfilar, e eles jogavam tudo que tu pode imaginar das arquibancadas, mas foi um sucesso que vocês não tem ideia. [...] Se o objetivo deles era desvalorizar, pelo contrário, enalteceu ainda mais a Coligay (SANTOS, 2015a, p.18).

Serginho também se recorda do evento e do retorno positivo da torcida gremista que os assistiu das arquibancadas:

Nós invadimos o Beira-Rio, fomos pra pista atlética, demos toda a volta olímpica, todos nós de kaftas. Levamos radinho, pilha, sapatos, por cima, que atiravam em nós, mas a torcida do Grêmio veio abaixo porque nós viemos atrevidos, muito, muito atrevidos. Pra fazer esse tipo de coisa nessa época, eu digo, pras pessoas, tinha que ser muito macho, senão ninguém conseguiria (CUNHA, 2017, p.7).

O desfile ocorreu no Gre-Nal do dia 18 de setembro de 1977 e a Coligay desfilou com charanga, perucas, plumas e paetês (COLIGAY..., 1977b). Para a ocasião, foram confeccionadas uma série de faixas com dizeres que incentivavam a paz e o respeito entre torcidas e torcedorxs, entre os quais “Esporte é para todos, O mais importante é cultivar amigos, A Coligay saúda a Camisa 12 e toda a torcida colorada, A Coligay saúda Eurico Lara, Força Azul e os 74 anos de glória do nosso Grêmio” (NO COMEÇO..., 1977, p.48). Também uma faixa “A Camisa 12 saúda a Coligay e o Eurico Lara” foi colocada na arquibancada junto à torcida do Internacional (*ibidem*, p.48). No momento do desfile da Coligay, contudo, a rivalidade preponderou e vaias e xingamentos partiram do lado colorado, enquanto aplausos vieram da parte do estádio ocupada pelos tricolores (*ibidem*).

Figura 2 - Desfile da Coligay no intervalo de um Gre-Nal no Estádio Beira-Rio, no dia 18 de setembro de 1977



Fonte: Zero Hora (1977).

As ofensas e o lançamento de objetos pelos rivais não são lembrados ou destacados pelos entrevistados como atitudes agressivas ou como um exemplo de situação de conflito com os colorados. O mesmo ocorre com episódios similares, como um em Passo Fundo no qual um torcedor jogou uma laranja em um integrante da Coligay, que reagiu indo até o agressor para batê-lo – “O cara ficou desmoralizado e a torcida, imagina, fez a maior festa”, conta Volmar (SANTOS, 2015a, p.12) – ou quando usaram seus tamancos de cepa para defenderem-se de torcedores rivais em Caxias do Sul (CUNHA, 2017). Ainda que reconheçam a violência presente nos confrontos, tratam-nos como lembranças nostálgicas de suas trajetórias como torcedores organizados.

O desfile no Beira-Rio antecedeu a partida que definiria o Campeonato Gaúcho de 1977. Como o Grêmio estava há oito anos sem nenhum título, os gremistas estavam ansiosos e mobilizados para o jogo.

A Coligay, prestes a viver sua primeira disputa junto ao clube, realizou um pedágio, nomeado como “pedágio da vitória”, a fim de recolher contribuições para promover uma grande festa no caso de alcançarem o título. “Eles foram para a esquina da João Pessoa com Venâncio Aires, encheram o lugar com bandeiras, levaram a charanga para o meio da rua e paravam todos os carros pedindo contribuições” (TORCIDA, 1977, p.42). Volmar assim descreve a ação:

o pessoal se vestiu como se vestia nos jogos, com kaftas e tal, com bandeiras do Grêmio e tudo. E o pessoal chegava nos carros e falava que eram da Coligay e tal, que necessitavam pra apoiar a equipe, justamente porque os custos eram muito altos. Se o pessoal pudesse ajudar tudo bem, se não pudesse a gente agradecia igual. Alguns ficavam bravos, outros ficavam faceiros, outros doavam, e assim ia (SANTOS, 2016, p.12).

Cleber, que anos depois fundou a TO Super Raça Gremista, relembra o fato:

eu morava na [Rua] Olavo Bilac, em Porto Alegre, na Cidade Baixa, e do outro lado da rua do prédio em que nós morávamos tinha o Coliseu. E o Coliseu era uma boate gay, e justamente dali que surgiu a Coligay. E eu lembro, tinha 12 anos em 1977, e eles fizeram tipo um pedágio na [Avenida] João Pessoa, para arrecadar fundos pro jogo e tal. Era uma coisa muito engraçada. E foi realmente diferente. Mudou muito a história. Pra época era uma coisa totalmente... (VIEIRA, 2015, p.1).

Na derradeira partida, a Coligay desde cedo aguardava a abertura dos portões do Olímpico, animadamente tremulando suas bandeiras (AS TORCIDAS..., 1977). Como de praxe, o grupo tinha virado a noite na boate, indo direto para o estádio (TORCIDA..., 1977).

Figura 3 - Coligay com suas bandeiras, na arquibancada do Estádio Olímpico, na final do Campeonato Gaúcho de 1977, entre Grêmio e Internacional



Fonte: Zero Hora (1977)

Como descrito previamente nesse trabalho, o jogo envolveu muitas emoções. Tarciso perdeu um pênalti, André, autor do gol do Grêmio, teve que ser substituído ao sentir uma lesão justamente ao tentar executar um salto em comemoração ao gol, e a ansiedade pelo fim da partida por parte dos torcedores gremistas fez com que muitos se acumulassem na pista atlética atrás do gol aguardando para comemorar em campo, o que logo virou uma invasão minutos antes do apito final. Com 30 minutos de jogo interrompido, era evidente a inviabilidade da retomada da partida, e o árbitro, então, decretou o fim do jogo. O Grêmio, enfim, se despedia do sofrimento de quase uma década sem conquistas⁷¹. E por ter surgido no ano de redenção do clube tricolor, a Coligay ficaria, assim, marcada como uma torcida “pé-quente”, status até hoje lembrado e exaltado nas menções ao coletivo.

As comemorações tomaram o entorno do estádio e as ruas da cidade de Porto Alegre. O Jornal dos Sports relatou que o “carnaval pela cidade” durou toda a madrugada, com desfiles de carros, passeatas e fogos, sendo a Coligay quem liderava a festa (CARNAVAL..., 1977, p.7).

⁷¹ Oficialmente, o título gremista foi confirmado apenas no ano seguinte, visto que o Internacional levou o resultado à Justiça Desportiva em função do término antecipado da partida.

Miguel relembra de sua experiência. Foi embora do jogo acompanhado de amigos em seu carro e o trajeto acabou se tornando uma passeata de gremistas celebrando a conquista, em meio a coloradxs decepcionados tentando voltar para casa. Ele ficava com o corpo fora da janela do carro comemorando efusivamente. No caminho, tomou uma paulada de uma colorada. Mas isso não lhe impediu de seguir festejando. Foram para a frente do Coliseu, onde estacionou o carro, e passaram a pular entusiasmados sobre o veículo. Ao fim, Miguel descobriu que seu braço estava fraturado, além do carro ter ficado destruído. Nada que lhe provoque arrependimentos (Diário de Campo, 22 de junho de 2016).

Alguns/algumas integrantes, no dia seguinte, foram ainda comemorar no prédio da RBS, onde fica a Redação da Zero Hora, como conta Careca:

Quando o Grêmio, em 1977, no primeiro ano, foi campeão Gaúcho nós fomos para a Zero Hora, para frente da Zero Hora, eu vestido de mosqueteiro que eu tinha uma fantasia de mosqueteiro que eu vestia e fomos para frente da Zero Hora junto com o Paulo Santana⁷² comemorar a vitória do Grêmio na frente da Zero Hora (RODRIGUES, 2017, p.23).

Paulo, que veio a fundar a Super Raça Gremista, se recorda de ter presenciado a cena:

Eu estava na faculdade, e na época até o Paulo Santana estava fazendo Direito lá na PUC⁷³. E aí estava lá e tal, e tinham combinado de fazer uma festa, tinham levando bandeira, tinha charanga lá na PUC, e aí nós começamos a entrar nos prédios, entramos em um prédio e encontramos o Santana, aí “tá, vamos para a redação da RBS”. Aí quando nós estávamos chegando na redação da RBS, chegou a Coligay, e aí a Coligay entrou e aí la dentro eu não sei o que eles fizeram, mas disseram que eles tinham entrado na Redação, tinham subido em cima de mesas, fizeram o escarcéu dentro da RBS lá (BERTOTTO, 2017, p.24)

Paulo Santana, além de recepcionar o grupo, também registrou o ocorrido em sua coluna, em que expôs uma foto sua com a torcida e o texto:

Na foto, eu e a torcida Coligay defronte o prédio de Zero Hora, quando aquele alegre e espontâneo grupo da torcida gremista invadiu o nosso jornal, fazendo os colorados daqui, que nos tocam flauta durante 8 anos, fugir em disparada como ratos (SANTANA, 1977b, p.41).

⁷² Paulo Santana era um gremista fanático que trabalhou como colunista da Zero Hora de 1971 a 2014, além de ter atuado, ao longo de sua carreira, no rádio e na televisão.

⁷³ Pontifícia Universidade Católica.

Figura 4 - Coligay e o colunista do jornal Zero Hora, Paulo Santana, em frente ao prédio da redação do jornal



Fonte: Zero Hora

Paulo Santana tinha uma coluna diária na Zero Hora e por expor abertamente – e enfaticamente – sua torcida pelo Grêmio, tinha o apreço de muitos tricolores. A Coligay chegou a exibir uma faixa em homenagem ao jornalista no Olímpico, fato registrado com um agradecimento pelo colunista (SANTANA, 1977a).

No dia seguinte à conquista, uma matéria de página inteira da ZH retratava a trajetória da Coligay, na qual destacavam como a torcida foi crescendo, superando a desconfiança de alguns e conquistando o apreço de tantos, sendo apontada como “uma das grandes sensações do Gauchão” (TORCIDA..., 1977, p.42). Uma outra nota, publicada na mesma edição do periódico, resume o significado dessa aceitação para muitos dos gremistas:

Um torcedor colorado resolveu provocar os alegres integrantes da Coligay que se dirigiam ao Olímpico e gritou:

– Bichonas!

A resposta veio em cima, de um torcedor gremista:

– São bichas, mas são nossas (SÃO NOSSAS, 1977, p.30).

A nota enuncia a percepção que obtive pelo conjunto dos meus dados. Não me parece que em poucos meses a homossexualidade deixava de ser um problema àquelxs gremistas previamente incomodadxs, mas sim que ela passava a ser tolerada, uma vez que a Coligay tinha provado seu gremismo. Ao longo de seu primeiro ano de torcida, aquelexs torcedorxs conquistaram seu status de **um de nós**.

No domingo seguinte ao título, outra reportagem da ZH volta a exaltar a importância da Coligay. Intitulada “O grito (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio ser campeão”, a matéria inicia relatando o mesmo diálogo acima citado, reiterando a relevância do sentido que ele carrega para a compreensão da trajetória da torcida. O texto tem conteúdo bastante similar àquele publicado na segunda-feira pós-jogo⁷⁴, trazendo como principal diferencial a fala de um sociólogo que interpreta a aceitação da torcida gay gremista:

O que aconteceu – segundo o sociólogo André Foster, analisando o grupo – é que as pessoas não racionalizaram a sua aceitação à Coligay. Simplesmente elas descobriram que aquele grupo era mais um interessado em que o Grêmio fosse campeão. Descobriram que eles estavam ali para incentivar o time, como todos os outros. Além disto, eram simpáticos então foram aceitos. Não como uma classe, e sim como um grupo de apoio ao Grêmio. A sorte é que o clube venceu e eles conservam a imagem simpática. Se o Grêmio perdesse, eles seriam linchados (O GRITO..., 1977, p.50).

A busca do jornal por um especialista para interpretar aquela situação demonstra que a aceitação da Coligay é motivo de surpresa para x autorx da matéria. Em sua análise, não apenas a demonstração do pertencimento clubístico, mas também a simpatia dxs integrantes e a sorte de terem surgido em um momento de vitória do clube são destacados como elementos importantes para seu acolhimento, perspectiva com a qual concordo.

Acompanhava essa matéria uma coluna de Ibsen Pinheiro. O título “Novos ares” destaca a mudança que representa a Coligay no contexto futebolístico, como é desenvolvido no restante texto: “Em nosso futebol trágico, a Coligay foi uma fresca aragem renovadora. Positiva, por isso” (PINHEIRO, 1977, p.50). Na perspectiva do autor, a Coligay teria contribuído à capacidade de convívio e à civilidade do Rio Grande do Sul, definido como uma região de tantos machismos, assim como para o enriquecimento do ambiente geralmente carrancudo das arquibancadas. O colunista reafirma a redução das reações contrárias ao grupo ao longo do tempo e a importância do status de pé-queente: “foram diminuindo rodada a rodada. E mais diminuíram, quase desaparecendo, quando os rapazes da Coligay provaram uma virtude que no futebol tem enorme prestígio: o pé quente” (*ibidem*, po.50).

Para a entrega das faixas de campeão gaúcho, o Grêmio promoveu um grande evento no Estádio Olímpico, que envolvia uma partida festiva contra o Palmeiras, com uma série de apresentações que aconteceriam no intervalo do jogo:

A primeira parte começa com 20 mil balões, com as cores azul, branco e preto, que serão soltos no gramado. Depois começam os desfiles. Primeiro, as

⁷⁴ Ambas, por sua vez, inspiram-se na primeira reportagem publicada pela Zero Hora sobre a Coligay: “Grêmio está recebendo um incentivo diferente”, de autoria de Eduardo Bueno.

torcidas organizadas com suas charangas: Eurico Lara, Força Azul, Coligay e Gre-Puc. Após, desfilam na pista do Olímpico cerca de dois mil componentes das categorias inferiores do Grêmio, a maior parte da Escolinha.

Aí é a vez das bandas dos colégios São João, das Dores, N. S. do Carmo e possivelmente do colégio Gonzaga de Pelotas, campeão Nacional de Bandas. Depois entram ginastas, ciclistas, carros alegóricos, artistas do Circo Orlando Orfei e Escolas de Samba de Porto Alegre, além das misses do Rio Grande do Sul e do Grêmio. Finalmente, uma gigantesca queima de fogos de artifícios com as luzes do estádio apagadas, com uma surpresa final que ainda está sendo preparada. Depois, as duas equipes entram em campo, com a entrega da faixa de Campeão Gaúcho de 77 (QUINTA-FEIRA..., 1977, p.43).

A descrição da festa, com muitas e diversas atrações, demonstra a importância atribuída à conquista daquele título⁷⁵. Além disso, o fato de desfilarem também a Força Azul, a Coligay e a Gre-Puc⁷⁶, e não apenas a Eurico Lara, torcida pertencente ao Grêmio, indica uma boa relação do clube com essas outras agremiações, como um todo, e com a Coligay, em específico, ao menos naquela ocasião.

Figura 5 - Coligay em desfile no Estádio Olímpico no evento de entrega das faixas de Campeão Gaúcho de 1977 ao Grêmio



Fonte: Zero Hora.

⁷⁵ Pontuo, ainda, que as festas de comemoração dos títulos estaduais seguintes, de 1979 e 1980, são claramente mais simples.

⁷⁶ Segundo a Folha da Manhã, na matéria “A preparação para a festa de amanhã”, a Gre-Puc formou-se a partir da mobilização dos estudantes comemorando o título no prédio da faculdade. O episódio foi narrado nesse trabalho pelo entrevistado Paulo Bertotto.

O rótulo de pé-queute obtido com o título estadual do Grêmio, atraiu Vicente Matheus, então presidente do Corinthians, clube que amargava quase 23 anos sem conquistas⁷⁷. Interessado nos bons agouros que a Coligay poderia trazer-lhes, o dirigente convidou a torcida para ir à São Paulo torcer para seu clube, caso ele chegasse às finais de sua competição estadual, dispondo-se a arcar com os custos da viagem (CHEQUE..., 1977; CUNHA, 2017; GERCHMANN, 2014; RODRIGUES, 2017; SANTOS, 2015a, 2016; Diário de campo, 19 de abril de 2016 e 31 de agosto de 2016).

A equipe alvinegra chegou à final e o presidente corinthiano providenciou a vinda dxs torcedorxs da Coligay, como relata Volmar: “fomos recebidos pelo Vicente Matheus que na época era o presidente [...] nos pagou tudo, pagou alimentação, estadia, tudo para nós” (SANTOS, 2016, p.19-20).

Quanto a recepção corinthiana no Estádio de Morumbi, Volmar disse acreditar que eles achavam que eram gremistas quaisquer apoiando o clube paulistano. “Eles acharam bacana e não se deram conta que ali estava a torcida Coligay” (SANTOS, 2016, p.20). Careca destacou o acolhimento dxs torcedorxs corinthianxs e, em especial, da torcida Gaviões da Fiel:

Quando chegamos lá, nós fomos saudados pela torcida do Corinthians, muito bem recebidos. Não foi muita gente, mas foi, vamos dizer, vinte, trinta carros em que a gente fez essa recepção ao Corinthians e **casualmente** o Corinthians ganhou da Ponte Preta, o Corinthians foi campeão e nós fomos saudados como heróis daquele jogo, aonde nós ficamos mais dois ou três dias em São Paulo por conta do pessoal da própria torcida do Corinthians, dos Gaviões da Fiel (RODRIGUES, 2017, p.21, ênfase do entrevistado).

Segundo Serginho, a Coligay já tinha um histórico de um bom relacionamento com a Gaviões da Fiel. Sobre a experiência da final do paulista, ele narra:

Quando nós íamos [a Gaviões da Fiel] sempre nos esperava onde a gente parava, nos levavam pra boates gays, diziam que não eram gays, eu também não tava preocupado com a opção deles, não me interessava né. Mas era muito bafão⁷⁸, eu te falei bafão, Luiza. Eu não tinha medo, porque eu nunca fui de ter medo, mas tinha pessoas que meio que recuavam, assim, pra ir. Eu não tinha medo. Aí nós fomos convidados pra assistir o jogo Corinthians e Ponte Preta, primeira partida da final. E o Corinthians ganhou, então, a sorte quem levou fomos nós, na cabeça dele deles né? Ai no segundo jogo, eu não lembro se foi um ou três ônibus que eles mandaram, eles mandaram pra nós. No segundo jogo também nós fomos, aí o Corinthians perdeu, aí já não éramos tão maravilhosos né? Mas não tem problema nenhum. Ai no terceiro e definitivo jogo, eles mandaram não sei se foi dez, quinze, vinte passagens pra

⁷⁷ No ano de 1966, o Corinthians foi campeão do Torneio Rio-São Paulo. Todavia, nessa edição da competição quatro clubes foram declarados campeões, entre os 10 participantes. Assim, a conquista compartilhada acabou pouco considerada, fazendo com que o último título lembrado fosse o do Campeonato Paulista de 1954.

⁷⁸ Perguntado sobre o significado da expressão, Serginho explicou que remetia à bagunça e desorganização, de brigarem com frequência e por qualquer motivo.

determinadas pessoas, daí esse menino escolheu, eu estava entre eles. E aí, tu imagina, um time depois de vinte e tantos anos sem ser campeão, a Coligay convidada, na primeira vez deu sorte, na segunda vez perdeu, terceira vez foi campeão. Até hoje quando eu falo com algum amigo do Corinthians, também já velhinho como eu, eles... a gente sempre comenta né daquelas histórias, como é que foi... Gente, a gente, nesse último jogo, eles nos botaram num hotel, eles nos botaram num hotel. A gente saiu do hotel com um ônibus deles... Nós fomos de avião, e aí nós fomos pra um hotel, nós saímos do hotel lá pro Morumbi, que o jogo foi no Morumbi, depois pro hotel e o ônibus podia vir embora. Sem gasto nenhum, Luiza, nenhum. Foi maravilhoso (CUNHA, 2017, p.23-24).

Nos jornais, não encontrei referências à ida da Coligay à primeira partida da final que, como explicou Serginho, envolveu três confrontos. Esse primeiro jogo ocorreu no dia 5 de outubro, um dia antes da cerimônia de entrega de faixas de campeão ao Grêmio, da qual a torcida participou. Assim, a ausência de registros pode significar tanto que a torcida gremista de fato não compareceu a esse confronto ou que a mídia gaúcha não deu tanta importância à final paulista.

A presença no segundo jogo, por sua vez, foi noticiada, inclusive com imagens em que se pode ver bandeiras com os nomes “Coligay” e “Grêmio”, expostas abaixo.

Figura 6 - Coligay com bandeira com seu nome em meio à torcida do Corinthians, no segundo jogo da final do Campeonato Paulista de 1977, em que o time da capital enfrentou a Ponte Preta, no Estádio do Morumbi



Fonte: Zero Hora (1977).

Figura 7 - Coligay com bandeira escrita “Grêmio” em meio à torcida do Corinthians, no segundo jogo da final do Campeonato Paulista de 1977, em que o time da capital enfrentou a Ponte, no Estádio do Morumbi



Fonte: Zero Hora (1977).

Quanto ao terceiro e último confronto da final paulista, novamente não encontrei notícias que relatassem a presença da Coligay. Há, contudo, uma nota da Zero Hora informando que as passagens já estavam compradas e que Vicente Matheus tinha enviado mais Cr\$150 mil para garantir a presença do grupo na derradeira partida (COLIGAY PRESENTE, 1977).

O ano de 1978 começou com movimentações das TOs gremistas. Em comunicado à Zero Hora, Volmar mandou dizer “que 1978 será um ano tão bom quanto 1977 para o Grêmio e aproveita para convidar: quem estiver disposto a torcer com a Coligay, é só aparecer que será bem aceito” (TEM..., 1978, p.44). Na mesma nota, o jornal dizia que o presidente da Força Azul tinha procurado a Coligay para trabalharem juntos.

O furor que o surgimento da Coligay provocou já tinha passado, mas no início do ano a torcida mostrou que desejava manter sua presença e animação. Em abril, no primeiro Gre-Nal do ano, válido pelo Campeonato Brasileiro, a ZH narrava que mesmo antes do início do jogo já se ouvia o batuque das TOs do Grêmio e que a mais eufórica era a Coligay (ALEGRIA..., 1978). Ao jornalista, Volmar relatou que torcida tinha aumentado muito, alcançando 60 membros, e vangloriou-se da dedicação do grupo “Chegamos ao estádio às 7h30, depois de uma noite de boate. E comprovamos que a Coligay é a torcida mais entusiasmada, sempre presente aos jogos do Grêmio” (*ibidem*, p.42)

Entretanto, há indícios de que a torcida se desmobilizou durante algumas partidas desse ano, anunciando, posteriormente, um retorno às arquibancadas:

Soltando plumas, como é do seu feitio e gosto, a torcida Coligay, do Grêmio, anuncia sua volta triunfal ao estádio Olímpico, no próximo domingo, pela manhã, quando seu time enfrentará o Goiás. Equipada com roupões e bandeiras novas, a Coligay acertará os detalhes preliminares de sua volta na boate Zenzibar, que a partir de amanhã abrirá suas portas também para o público Gay (TORCIDA..., 1978, p.37).

Estamos voltando ao Estádio porque o Grêmio está melhor e esse problema do Trimedal⁷⁹ não vai afetar em nada. Se houver novos jogos vamos fazer um Carnaval maior que o do ano passado (Volmar (*sic*) Santos, 26 anos, chefe da Torcida Coligay) (TRIMEDAL..., 1978, p.43)

Na segunda matéria citada, Volmar menciona, ainda, que uma empresa estaria prestes a firmar um patrocínio para subsidiar novos uniformes e as viagens para os jogos do Campeonato Brasileiro (TRIMEDAL..., 1978). Adiante, foi publicada uma nota na qual a Coligay prometia empurrar o time do Grêmio na próxima fase do campeonato nacional. “E não só em Porto Alegre, porque a Coligay decidiu acompanhar o time nas viagens devidamente uniformizada, sob o patrocínio da boate ‘Whisky Geg’” (A BOATE..., 1978; COLIGAY (1), 1978). Pouco mais de dois meses depois, os novos uniformes foram estreados, em uma partida do Campeonato Gaúcho contra o São Borja⁸⁰ (COLIGAY (2), 1978).

As viagens pelo interior do estado são lembradas como momentos de muita diversão pelos integrantes da Coligay. A festa começava na viagem, durante a qual brincavam e dançavam (CUNHA, 2017). Chegando no destino, antes da partida, desfilavam pelas ruas da cidade vestidos com seus tradicionais kaftas, tremulando bandeiras e cantando o hino do Grêmio (Diário de Campo, 22 de junho de 2017). Faziam também pequenos shows na praça principal dos municípios, atraindo a atenção da população local (SANTOS, 2015a; PARA O QUE DER..., 2016).

Ainda no campeonato estadual de 1978, o gremismo da Coligay foi colocado à prova. Em função de um regulamento problemático, na rodada final da primeira fase da competição, o Grêmio precisava perder para o Juventude⁸¹ para classificar-se de forma automática para o hexagonal final. Empatando, dependeria do resultado de outra partida, e ganhando teria que

⁷⁹ Em uma partida contra o Inter, o zagueiro do Esportivo, Tadeu Menezes foi flagrado pelo exame anti-doping, justificado pelo uso do medicamento Trimedal. O jogo teve como placar um empate, fazendo com que o clube colorado buscasse a conquista dos pontos da partida na justiça esportiva, fato que modificaria os resultados do Campeonato.

⁸⁰ Sociedade Esportiva São Borja, de São Borja (RS).

⁸¹ Esporte Clube Juventude, de Caxias do Sul (RS).

disputar a vaga por meio de um quadrangular. Situação similar era enfrentada pelo Internacional, que seria beneficiado com uma derrota para o Caxias⁸². O próprio Grêmio ironicamente mobilizou as torcidas da dupla Gre-Nal para torcerem para seus rivais, como demonstra a convocação publicada na Zero Hora:

Figura 8 - Convocação do Grêmio para sua torcida e do Internacional para suas partidas finais do Campeonato Gaúcho de 1978



Fonte: Zero Hora (1978)

Diante da vantagem da derrota, a Coligay chegou a anunciar que iria vestida de verde para torcer para o Juventude (A TORCIDA..., 1978; É DE RIR..., 1978). Na ocasião, acabou mantendo o tradicional preto, branco e azul, mas “não sambou e foi embora antes” do fim do jogo (A TORCIDA..., 1978, p.49).

Ao longo de sua trajetória, a Coligay também se mostrou participativa além das arquibancadas. Um exemplo foi seu envolvimento nas eleições do clube para a gestão de 1979. No fim de 1978, a disputa pela presidência do Grêmio opunha Hélio Dourado, ocupante do cargo desde 1976, e Alberto Galia, que contava com o apoio do então vice-presidente de futebol Nelson Olmedo. Volmar Santos, junto a um representante da TO Camisa 12, foram à sede do

⁸² Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul, de Caxias do Sul (RS).

clube manifestar seu apoio à Dourado, prometendo ir até o Olímpico com todos os seus membros no dia da eleição (SANTANA, 1978; AGITA-SE..., 1978).

No dia da votação, representantes da Coligay, da Força Azul e da Camisa 12⁸³ ocupavam o alambrado do gramado suplementar, vestidos com camisetas do clube e equipados com bandeiras, faixas e suas charangas (AS TORCIDAS..., 1978). Todas as TOs distribuíam panfletos em apoio a Dr. Hélio. Com a declaração da vitória, soltaram foguetes e festejaram madrugada adentro enquanto aguardavam a saída do presidente reeleito (*ibidem*).

Outra ação extracampo da Coligay foi sua participação na campanha promovida pelo Grêmio para a finalização do segundo anel do Estádio Olímpico. O projeto de ampliação do estádio se iniciou em 1977, se estendendo até 1980, quando a obra foi concluída. A busca de financiamento se fazia por meio de carnês “Bolão Tricolor”, além de doações. A fim de impulsionar as contribuições, o presidente gremista Hélio Dourado visitou 157 cidades do interior gaúcho, conseguindo a doação de 26 mil sacos de cimento (FERLA, 2012). As excursões também se estenderam para outros estados do país, como conta o antigo dirigente: “Viajei o Brasil todo buscando dinheiro, todo Brasil. Tu não imagina o que tem de gremista nesse mundo brasileiro tá? Impressionante! De lá eu trouxe muito dinheiro, não tirei um tostão do banco para terminar o estádio” (DOURADO, 2015, p.4).

A contribuição da Coligay nessa ação é algo amplamente valorizado por Volmar Santos, indo ao encontro de seu discurso de que a função da torcida é ajudar o clube, inclusive financeiramente:

[...] nós ajudamos a construir o Estádio Olímpico. Isso também é importante salientar, nós ajudamos muito, em campanhas de cimento, levamos muita coisa para lá. Até hoje o doutor Hélio Dourado agradece a nós (SANTOS, 2015a, p.10).

Por tudo que nós fizemos pelo Grêmio, por tudo que eu fiz pelo Grêmio, eu acho que eu merecia até uma placa lá dentro do Estádio [riso]. Mas é verdade, porque a gente ajudou muito, principalmente o Estádio Olímpico. A gente ajudou a construir, a gente colaborou muito, fizemos muita campanha... (SANTOS, 2015a, p.30).

Miguel destaca que todos os componentes contribuíram doando cimento e tijolos (Diário de Campo, 22 de junho de 2017). Serginho concorda e lembra que doou dois caminhões de sacos de cimento (CUNHA, 2017). Além das doações de seus/suas integrantes, a torcida buscava mobilizar outrxs gremistas a colaborar com a campanha (COLIGAY (2), 1978).

⁸³ A Eurico Lara, por ser vinculada ao Grêmio, foi proibida pelo próprio Hélio Dourado de envolver-se no pleito (SANTANA, 1978).

Às ações voltadas ao engrandecimento do próprio ao Grêmio, somavam-se iniciativas de cunho filantrópico. Cito uma campanha de recolhimento de doações de roupas e alimentos à moradores de Pelotas acometidos por uma enchente, recebidos na boate Coliseu e levados pelos integrantes à cidade aproveitando sua ida à cidade para o jogo contra a equipe local (COLIGAY..., 1977a; GERCHMANN, 2014). Outra foi voltada à residentes de Viamão, também atingidos por um forte temporal (COLIGAY (1), 1978). Para essa segunda campanha, organizaram-se para receber donativos durante uma partida no Olímpico e no dia de eleições presidenciais do clube, no qual espalharam-se por diversos pontos da cidade devidamente uniformizados “com chapeuzinho azul e branco, calça preta e camisa com a inscrição ‘Coligay’” (COLIGAY (2), 1978, p.56).

A contribuição dentro e fora de campo da torcida, motivou Paulo Santana a fazer uma reivindicação em prol do grupo:

O entusiasmo daqueles jovens gremistas que se atiram por todas as partes atrás do Grêmio, estimulando toda a torcida à agitação das gerais já está por merecer mais um reconhecimento da torcida do Grêmio.

E depois, se a grandeza do Estádio Olímpico não foi feita para abrigar tal tipo de apaixonados pelo seu clube, para que está sendo erigida? A Coligay é uma emoção consagrada (SANTANA, 1979).

No mês seguinte a essa publicação, uma nota informava que a Torcida Jovem reivindicava o privilégio de uma sala, tal qual tinham Força Azul e Coligay, indicando que o espaço já havia sido conquistado (A “TORCIDA JOVEM”..., 1979).

Pelos relatos acerca desse local, percebi que se tratava basicamente de um cômodo no qual eram guardados materiais grandes ou pesados, cujo transporte fosse difícil. Como Volmar explica: “nos ofereceram uma sala, e a gente aceitou porque era muito trabalho carregar taquaras, bandeiras, instrumentos, aí nós tínhamos a nossa sala lá. Mas a gente só se reunia depois que chegava lá para pegar o material para levar para dentro do estádio” (SANTOS, 2015a, p.21). Marcelly ratifica: “Tinha uma sala dentro do estádio do Grêmio onde deixavam o material. [...] nós tínhamos uma sala lá, específica para guardar o material e aquela coisa toda” (MALTA, 2016, p.10).

Especificar a função desse cômodo é importante para evidenciar que, mesmo representando uma conquista junto ao clube e um facilitador para a logística da torcida, ele não se constituiu como um local de convívio dos integrantes, o que ampliaria os momentos de apropriação do estádio Olímpico para além das partidas. Careca, tendo integrado outras TOs cujas salas serviam não apenas de armazenamento de materiais, mas também de encontro da

torcida, nem mesmo considera o espaço que a Coligay utilizava como “uma sala”, como fica evidente na fala:

A Coligay era a única que não tinha sala, a Coligay sempre teve sala dentro da boate, era tudo guardado dentro da boate, nada... A gente só guardava uma época, parece, era as bandeiras por causa dos bambus que eram grandes, mas... Guardava-se dentro do Estádio Olímpico, entendeu? (RODRIGUES, 1977, p.17).

Tendo passado o ano de 1978 sem títulos, em 1979, o Grêmio volta a ser campeão estadual. Diferentemente da emoção que envolveu a conquista de 1977, nessa, o Grêmio teve facilidade, garantindo a taça de campeão faltando três rodadas para o fim do torneio⁸⁴.

Figura 9 - Coligay na arquibancada do Estádio Olímpico, no jogo entre Grêmio e Brasil, no qual o primeiro conquistou o título do Campeonato Gaúcho de 1979, no 9 de setembro daquele ano



Fonte: Zero Hora (1979)

⁸⁴ Nessa edição da competição, dois turnos de confrontos definiam oito equipes que iriam pra fase final, quando se enfrentariam em jogos dentro e fora de casa. A equipe que mais pontuasse na fase final era decretada campeã.

Diante da crença de que obteriam o título naquele jogo, o Grêmio planejou uma festa, na qual o troféu de campeão seria entregue à sua equipe após o fim da partida. O ritual, todavia, acabou não ocorrendo, pois a torcida gremista invadiu o gramado, inviabilizando a cerimônia.

Desde antes do jogo, já se iniciaram as atividades em clima de comemoração, contando, inclusive, com a participação da Coligay:

A primeira manifestação de carnaval iniciou com toda a torcida “Coligay” que desfilou pelas gerais do Olímpico, tendo à frente “uma colombina cor-de-rosa”. A torcida, desde a preliminar se agitava, com muitas plumas, embaixo de uma faixa dando força para o técnico Orlando Fantoni: “Titio, a Coligay está com o senhor e não abre”.

As outras torcidas também colaboraram para que as comemorações fossem bem animadas. Entre elas, a Eurico Lara, a Fiel Tricolor, a Força Azul, a TOIFA e a nova ala, a Terremoto, apresentando a faixa “Mais um coração tricolor” (EMOÇÃO..., 1979, p.44).

Ainda no ano de 1979, um episódio envolvendo a Coligay chamou a atenção da Zero Hora, que publicou quatro notícias sobre o caso, além de uma nota jocosa do humorista Carlos Nobre. Por meio do jornal, a TO gremista Terremoto reivindicava uma dívida não paga pela Coligay no valor de CR\$15 mil (GUERRA I, 1979).

Figura 10 - Charge ilustrando a cobrança da Torcida Organizada Terremoto à Coligay



Fonte: Zero Hora (1979).

O periódico noticia, duas semanas depois, uma suposta ameaça da Coligay à Terremoto:

Numa carta manuscrita de aproximadamente 12 linhas, creditada ao grupo e endereçada a Terremoto, a Coligay estende a ameaça de extermínio a todas as outras torcidas organizadas do Grêmio: Força Azul, Eurico Lara, Torcida Jovem e Fiel. “Nós somos mais nós e mandamos em todo mundo”, vangloria-se ela, afirmando que somente ela terá direito a continuar como torcida representante do clube (GUERRA II, 1979, p.32).

No documento, a Coligay teria, ainda, se gabado de receber de Hélio Dourado a quantia de Cr\$200 mil para seu fortalecimento. A ZH pondera que não sabe se há qualquer fundamento na carta, mas, de certa forma, alimenta a rixa informando que Fernando Lemos, líder da Terremoto, acreditava que teria sido um carro do grupo o responsável por causar um acidente no qual um veículo que conduzia sua torcida para um jogo do Grêmio em Florianópolis se envolveu (GUERRA III, 1979, p.32).

Todo o conteúdo da carta informado faz crer ser um documento falso, incoerente com as características da Coligay identificadas por inúmeras fontes: tanto pela ameaça de violência, quanto pela ambição em ser a única torcida gremista e pelo apoio financeiro fornecido por Hélio Dourado.

Falsidade à parte, o episódio gerou um comentário do colunista Cid Pinheiro Cabral que demonstra o reconhecimento e força que a Coligay já tinha galgado nos círculos do clube. Cid identifica a Coligay como uma torcida “poderosa e já firmada” e que “tanto tem cooperado [...] para as campanhas tricolores”. Para ele, se o desejo de “mandar em todo mundo” fosse verdadeiro “vai ser duro para a novata ‘Terremoto’ impor-se” (CABRAL, 1979b, p.47).

Em 1980, como já mencionado, ocorreu a conclusão da obra de fechamento do anel superior do Estádio Olímpico, transformando-o no Olímpico Monumental. O feito foi comemorado no dia 21 de junho, com uma partida amistosa contra o Vasco da Gama, vencida pelo Grêmio por 1 a 0. Apesar da importante realização, no decorrer do ano houve momentos de protestos dos torcedorxs gremistas contra a direção pelo desempenho do time. Cabe destacar que, em 1979, o Internacional foi campeão brasileiro invicto, o que colocava uma nova pressão por títulos em seu principal rival. Por fim, o Grêmio conseguiu encerrar bem o ano: no campeonato estadual, terminado em novembro, foi campeão com um empate sem gols contra a equipe colorada, no último jogo do hexagonal final do torneio.

Ao longo desse ano, nenhuma menção é feita à Coligay nos periódicos gaúchos. Em 1981, isso praticamente se repete. Há uma única citação que reforça sua ausência, pois se refere justamente a um possível retorno da torcida, caso o candidato da situação, Rafael Bandeira, vencesse as eleições pela presidência do Grêmio. Fábio Koff, da oposição, venceu. Em janeiro

de 1987, matéria da revista Placar afirmava que há seis anos, desde 1981, portanto, não se via a torcida nos estádios (BARRERO, 1987).

Tais dados levantam dúvidas sobre o momento de extinção da Coligay ter ocorrido em 1983, fato informado por Gerchmann (2014), seguindo a informação do líder Volmar Santos – que a reiterou em minhas entrevistas (SANTOS, 2015a, 2016) –, e reproduzida no Museu do Grêmio. Em favor da tese de que a torcida se desfez antes disso, além dos indícios levantados a partir dos periódicos, somam-se dados obtidos através das entrevistas.

Miguel não se recorda ao certo o momento do fim, mas afirma que o auge da torcida vai até 1978 e que “terminou tudo antes de 1980” (Diário de Campo, 22 de junho de 2016 e 22 de junho de 2017).

Careca, que permaneceu na Coligay até seu fim, relembra:

Não sei se foi no ano de 1979, 1980, eu acho que foi... Eu acho que 1979, 1980, eu acho, que foi finalizada a Coligay. Não tenho certeza disso não...
L.A. – Nos títulos do Brasileiro, da Libertadores e do Mundial, de 1983, você já estava na Máquina Tricolor [torcida que fundou após a saída da Coligay]?
O.R. – Siiiiim, (RODRIGUES, 2017, p.24)

Assim como Careca já estava na Máquina Tricolor antes de 1983, outros torcedores da Coligay participaram da fundação da Real Torcida Jovem, criada em 1981, casos de Elton, Milton, Joanita e Beto (BERTOTTO, 2017). Um desses torcedores, Milton, é ainda o integrante identificado por Volmar Santos como aquele a quem ele confiou a liderança da torcida no momento de sua saída (SANTOS, 2016), reforçando que isso ocorreu antes do ano de conquista do Mundial.

Ademais, se tomarmos como referencial de um possível fim do grupo o ano de 1983, como afirmam Volmar Santos (SANTOS, 2015a, 2016; PARA O QUE DER..., 2016) e Léo Gerchmann (2014), seria esperado que o envolvimento da torcida nos títulos do Grêmio que seguiram ao Estadual de 1977, em especial (pela dimensão das conquistas), o Brasileiro de 1981 e a Libertadores e Mundial de 1983, estariam na memória de seus integrantes. Todavia, isso não acontece. Aqueles entrevistados que mencionam esses títulos situam suas experiências justamente em um momento pós-Coligay (CUNHA, 2017; RODRIGUES, 2017; Diário de Campo, 31 de agosto de 2016). Do mesmo modo, outros torcedores não se recordam de sua presença durante as campanhas dessas conquistas:

Aí eu não me lembro, não sei se ela continuou forte depois. Eu me lembro muito de 1977, 1978, que foram os anos de Telê Santana no Grêmio, mas depois disso eu... 1979 talvez, mas no campeonato brasileiro ali, 1981,

primeiro campeonato brasileiro do Grêmio ali, eu não lembro assim, de uma presença marcante dela ali, da Coligay (COIMBRA, 2016, p.7-8)

Já quanto ao motivo do fim, ainda que eu tenha encontrado dissensos, parece-me assertivo associa-lo à influência da saída de Volmar Santos. O presidente da torcida abandona o cargo ao retornar à sua cidade natal, Passo Fundo, motivado pelo adoecimento de sua mãe.

Exercendo uma liderança centralizadora, Volmar era o responsável por obter o aporte financeiro para o custeio de adereços e viagens, estabelecer diálogos com o Grêmio, paramentar a torcida com fantasias, faixas e bandeiras, organizar excursões para jogos fora de Porto Alegre, entre outras atividades. Como já dito, o líder relata ter deixado a Coligay sob a responsabilidade de Milton, mas que diante das dificuldades da função, sobretudo para obtenção de recursos financeiros, não conseguiu manter a torcida em atividade:

Eu fui embora, mas deixei convicto que a pessoa que ia ficar responsável ia dar conta do recado, mas não foi bem assim né? É muito difícil. Deixei, dei todas as dicas, como deveria proceder, procurar os conselheiros... É que eu sabia os canais então era diferente, eu sabia qual era a porta que eu ia bater pra conseguir alguma coisa, entende? E as pessoas não tinham muita cultura, era meio difícil de chegar e explicar. Muitas vezes eu chegava e explicava ou dizia que era da Coligay, que eu ia buscar algum recurso e as pessoas não aceitavam né? E eu tinha que convencê-las de que a coisa era boa realmente. Então isso aí eu acho que é um dom que a gente tem. Fica mais fácil. (SANTOS, 2016, p.12)

Careca também destaca a falta de Volmar como determinante para o término da Coligay:

Quando o Coliseu fechou, o Volmar, se eu não me engano, foi para São Paulo e aí que a Coligay morreu, entendeu? Porque daí não tinha mais quem punisse, quem administrasse, foi aí que paralisou a Coligay, entendeu? Mas foi nesse momento em que o Coliseu fechou e aí a torcida Coligay praticamente desapareceu.

L.A. – É depois do fechamento do Coliseu e da mudança do Volmar, houve um esforço de tentar manter a torcida?

O.R. – Houve sim, mas não teve resistência mais, entendeu? Ai já não teve mais resistência, então aí teve essa paralisação (RODRIGUES, 2017, p.20).

A menção feita por Careca ao Coliseu também é relevante⁸⁵. Mesmo que os integrantes pudessem continuar se encontrando em outra boate nas noites que antecedessem às partidas, é inegável que a condição de proprietário de Volmar era o que garantia que aquele espaço pudesse funcionar como uma sede da torcida, como tratei anteriormente nesse subcapítulo.

⁸⁵ Miguel afirma que o Coliseu não foi fechado com a saída de Volmar, aspecto que não altera a discussão proposta.

Entre xs demais integrantes da Coligay que entrevistei, Marcelly afirmou ter deixado o grupo antes de seu fim e não tinha conhecimento do que levou a isso, enquanto Serginho e Miguel apontaram outros fatores como razões para a desarticulação da Coligay.

Rossi (2004), a partir de uma entrevista com Serginho, afirma que o grupo se dissolveu por falta de apoio e incentivo por parte do Grêmio. A mim, o mesmo torcedor, quando perguntado acerca do processo de extinção da torcida, afirmou:

Teve um problema com o Grêmio. Eu não sei, não sei lembrar, não sei te dizer qual foi o episódio mas teve um problema com o Grêmio. Porque no final, o Grêmio, eu não quero te mentir, te dizer uma coisa que não foi verdade, mas o Grêmio parece que tava meio que ajudando a Coligay, assim, dando ônibus, ou ingressos, alguma coisa assim. E aí quando mudou a direção, também não me pergunta quem foi o presidente, ou vice de futebol, seja lá quem for, que meio que trancou. E aí então a gente resolveu “tá chega, né gente, vamo cada um viver a sua vida e acabou a história”. Mas, assim, o motivo mesmo eu não sei te dizer (CUNHA, 2017, p.25).

A fala do torcedor remete a interrupção de um apoio financeiro do clube à torcida. Por outro lado, em outro momento da entrevista ele é enfático na afirmação de que o Grêmio nunca ofereceu transporte, ingressos ou outros subsídios ao grupo. “Nós não tínhamos nada do Grêmio, eu volto a repetir, nada” (CUNHA, 2017, p.11).

Miguel, por sua vez, em nosso primeiro encontro, afirmou que a epidemia da aids teria sido um dos fatores responsáveis pelo fim da torcida. Em meu Diário de Campo, registrei:

Ele relata que a epidemia da aids tinha levado muitos dos integrantes ao falecimento, e que isso acabou fazendo com que a torcida acabasse. Ele conta que a Coligay perdeu uns 50 integrantes pela aids e questiona: “Como ia continuar uma torcida eu e Volmar?” Seu relato deixa clara a dimensão do vírus na vida de seus amigos e colegas. “Dos meus colegas, hoje eu sou o único que não tem aids”. Ao falar disso, Miguel ainda manifesta sua forte religiosidade, afirmando que: “Foi Deus que me tirou daquilo” (Diário de campo, 19 de abril de 2016).

Ao longo dos nossos encontros ele citou vários amigos, entre os quais alguns ex-integrantes da Coligay, que faleceram em decorrência da aids e manifestou seu alívio por não ter sido infectado pelo HIV. Gerchmann (2014) também cita as menções de Miguel à epidemia, relacionando-as a morte e saudade. É notável como o tema lhe é sensível. É improvável, todavia, que esses falecimentos tenham determinado o fim da torcida, já que o primeiro diagnóstico de aids confirmado no Brasil ocorreu em 1982, e no Rio Grande do Sul em 1983 (PINTO *et al.*, 2007).

Junto à essa questão, Miguel identifica também que, ao longo do tempo, pessoas deixaram de frequentar a torcida pela dificuldade de conciliar suas obrigações profissionais com

aquele lazer, tendo em vista o ritmo intenso que a Coligay tinha. Ele lembra que, naquela época, iam das noitadas na boate direto para o estádio, perdendo noites de sono (Diário de Campo, 22 de junho de 2016). Esse aspecto também é mencionado por Serginho, ainda que associando à redução do número de integrantes da Coligay, e não ao fim do grupo:

Aí depois, também, aquela coisa, as pessoas moravam em Alvorada, eu morava em Viamão, trabalhava em Cachoeirinha⁸⁶, outro morava em não sei aonde, e aí as pessoas também... É complicado, né? As pessoas trabalham no outro dia, enfim, então ficavam... E aí foram indo, outros não foram vindo, e aí não iam na boate, a gente não sabia nada, não tinha endereço... (CUNHA, 2017, p.25).

Na citação, Serginho destaca não apenas o desgaste que o envolvimento da Coligay gerava àquelxs que trabalhavam, mas também a impossibilidade de fazer contato com xs que deixaram de comparecer ao grupo, para tentar motivá-lxs a retornar. O desconhecimento de telefones ou endereços dxs colegas de torcida indica que a relação entre elxs se baseava nos encontros na boate e no estádio. Outro antigo integrante, Frey Rocha, em matéria da Placar, afirma que a Coligay “definiu aos poucos. Houve desânimo, dissidências e repressão velada” (BARRERO, 1987, p.80).

Assim, considerando todos os fatores descritos, acredito que a Coligay tenha sido desarticulada ao longo do ano 1980. Esse fim, contudo, não foi abrupto, havendo uma tentativa inicial de dar continuidade à torcida mesmo sem a condução de Volmar. É possível, ainda, que alguns integrantes tenham se mobilizado em momentos pontuais. Sobre tal possibilidade, não mencionada nas entrevistas, pontuo que o Jornal do Brasil registrou a presença da Coligay na recepção ao Grêmio após a conquista do Campeonato Brasileiro, em 1981, além de afirmar que ela foi “o principal destaque do carnaval gremista, desfilando com exóticas fantasias nas cores azul-branco-preto do clube pelas ruas de Porto Alegre” (TORCIDA..., 1981b, p.20).

Mais adiante, já em 1983, houve a organização de um retorno da Coligay em 1983 (CUNHA, 2017; ROSSI, 2004). A ideia partiu de Serginho e de Plínio de Oliveira, um colega gremista que trabalhava produzindo fantasias de carnaval, participando de desfiles e concursos. Outrxs antigxs integrantes da torcida juntaram-se a eles, como Elton, Milton e Joanita (CUNHA, 2017). Plínio foi quem ocupou a função de líder da torcida (CUNHA, 2017; ROSSI, 2004; O PRESIDENTE..., 1983).

Nessa “segunda fase” da Coligay, o número de integrantes era menor e já não havia charanga, faixas ou bandeiras. Como explica Serginho: “aí a gente ficava só mesmo, digamos,

⁸⁶ Alvorada, Viamão e Cachoeirinha são municípios que integram a Região Metropolitana de Porto Alegre.

brincando. E aí era meia dúzia, dez, doze, mas sempre quando entrávamos era um show né? Tinha um showzinho a parte, depois a gente ficava torcendo pro Grêmio” (CUNHA, 2017, p.6). Eles também não voltaram a usar as famosas kaftas com as letras do Grêmio. Exceto por ele, que às vezes usava o macacão azul colado ao corpo, os demais utilizavam camisetas do Grêmio, tendo como único adereço sombrinhas azuis, pretas e brancas. “Logo que a presença da Coligay for novamente assimilada pelo restante dos torcedores, os antigos uniformes voltarão à ativa”, dizia uma reportagem da Placar (A COLIGAY..., 1983), indicando que as escolhas estéticas menos chamativas se relacionam com o receio do grupo de reações negativas contra elxs.

Nesse retorno, xs gremistas também optaram por ocupar um local diferente daquele no qual a Coligay ficava anos antes. Isso porque preferiram estar em uma parte da arquibancada que costumava ficar mais vazia. Serginho explica que, por serem poucxs integrantes, “também não dava pra querer se impor em alguma coisa” (CUNHA, 2017, p.16).

Figura 11 - Integrantes da “segunda geração” da Coligay



Fonte: Placar (1983)

Por outro lado, o uso de guarda-chuvas, as camisas com o nome “Coligay” e o “showzinho” antes das partidas mostram que, apesar da maior discrição desse grupo, quando comparado à primeira composição da torcida, não demonstrava um esforço de camuflar-se entre outras torcidas e torcedorxs. O relato de Serginho sobre sua própria ornamentação, evidencia isso. Ele conta que o grupo entendia que “tinha que ir alguém mais montado, e para esse alguém sempre me escolhiam” (CUNHA, 2017, p.6). Ele usava, então, um macacão azul e uma faixa de “Rainha da Coligay”.

Naquele ano, a torcida acompanhou a campanha do Grêmio até a conquista da Copa Libertadores, alcançada após superar o Peñarol⁸⁷ nas finais. Ao fim da temporada, como

⁸⁷ Club Atlético Peñarol, do Uruguai.

campeão das Américas, o Grêmio disputou o título de campeão do mundo contra o vencedor da Liga dos Campeões da UEFA daquele ano, o Hamburgo⁸⁸. A equipe tricolor saiu-se, novamente, vitoriosa, ao ganhar a partida única contra a equipe alemã, disputada em Tóquio. Diante dos altos custos, a torcida não esteve presente *in loco* para assistir a disputa.

Nessa fase o grupo também não tinha uma boate como sede, nem uma sala no Olímpico. O Bar do Ramon era um ponto de encontro utilizado para a convocação dos integrantes para reuniões (O PRESIDENTE..., 1983, p.53).

Segundo Serginho, a torcida permaneceu frequentando o estádio por mais dois ou três anos, encerrando suas atividades sem nenhum motivo específico: “do nada, a gente resolveu voltar e também do nada a gente terminou” (CUNHA, 2017, p.17). Em 1987, outro grupo capitaneado por um antigo ex-integrante – Frey Rocha – anunciou que estavam se organizando para ressuscitar a torcida, o que aparentemente não ocorreu (BARRERO, 1987).

A trajetória do Grêmio do Campeonato Gaúcho de 1977, passando pelos estaduais de 1979 e 1980, e, finalmente, pelo Campeonato Brasileiro de 1981, Copa Libertadores da América de 1983, até o Mundial Interclubes de 1983, é comumente tratada como uma fase da história do clube. David Coimbra (2016, p.5, ênfase do entrevistado) afirma que “o Grêmio em seguida ganhou o campeonato nacional, depois ganhou o campeonato do mundo e tal, mas foi a partir **dali** [do título estadual de 1977]”. Na fala de Diogo Olivier:

E aí depois daquele título de 77 né, o Grêmio começou uma caminhada diferente. Aí o Grêmio reformou o Olímpico, naquele ano, que era praticamente um estádio novo. Ele só tinha o anel de baixo, com o anel de cima virou outro estádio, aí um estádio novo, aí depois o Grêmio foi Campeão Brasileiro em 1981, aí depois vieram a Libertadores e o Mundial, então a partir dali foi quase que, assim, uma, uma, uma, acabou a terapia entende? Ganhei alta do analista, entende? Não aguentava mais perder (OLIVIER, 2016, p.15).

Essa visão também se manifesta nos livros sobre o clube. Eduardo Bueno e Fernando Bueno (2009, p.166-167) disseram que “a partir daquele 25 de setembro [data da conquista de 1977] [...], o Grêmio ganhou tudo o que se pode ganhar no planeta bola. Dominamos a cidade, o estado, o Brasil, a América e o mundo”. Ferla (2002, p.135) identifica o título de 1977 como aquele que dá início à retomada da “hegemonia do futebol gaúcho” e quando se dá a “gestação dos títulos dos anos de 1980”. Leite e Fonseca (2012, s.p.) definem o ano de 1977 como “o início de uma era vitoriosa” e afirmam que “com esse título, considerado o mais importante estadual da história do Grêmio, o Tricolor iniciou uma nova fase, de grandes feitos, que culminaria com o título brasileiro de 1981 e o da Libertadores e do Mundial em 1983”.

⁸⁸ Hamburger Sport-Verein, da Alemanha.

Vê-se, pelos exemplos, que o título de 1977 é apontado como um marco que dá início a esse ciclo vitorioso em que o Grêmio conquista, sequencialmente, os títulos nacional, sul-americano e mundial. Afirmar, assim, que a Coligay foi extinta em 1983, é associar sua trajetória a um dos períodos mais gloriosos e memoráveis da história gremista.

Silva (2001, p.30), ao analisar os sacrifícios pelos quais alguns torcedores se submetem para acompanhar seus clubes, afirma que isso “só pode ser entendido pela necessidade que essas pessoas têm de ser parte do momento histórico, de dizerem: ‘eu estava lá’, ‘eu ajudei meu time’”. Similar interpretação pode ser utilizada para a adoção da narrativa de que a Coligay foi de 1977 a 1983. Tendo participado ativamente de muitos momentos ao longo desse período, desconsiderar as interrupções, mudanças e descontinuidades e de forma objetiva afirmar esse período de existência é enfatizar que a Coligay **estava lá** e que **ajudou o Grêmio** nessas conquistas. Mais além, é reafirmar o status de pé-quento que, como visto, foi tão importante para o reconhecimento dessa torcida.

3.2 CONHECENDO XS INTEGRANTES DA COLIGAY

Segundo Gerchmann (2014), a Coligay chegou a reunir cerca de 200 integrantes. Conforme tratei em capítulo dedicado a meus procedimentos metodológicos, a tarefa de identificá-los e encontrá-los foi desafiadora e, por fim, cheguei a 28 nomes de possíveis ex-integrantes da torcida, sendo que há discordâncias com relação a participação de quatro pessoas desse total⁸⁹. Dos demais 24, consegui entrevistar cinco.

Abaixo, exponho um quadro com xs 24 torcedorxs indicados como integrantes da Coligay por alguma de minhas fontes (sem que houvesse discordâncias), apontando as torcidas organizadas (TOs) de que fizeram parte, assim como xs torcedores que entrevistei que se recordaram de sua presença nas arquibancadas do Olímpico e/ou fontes documentais em que eles são citados (Quadro 3). A fim de melhor situar xs entrevistadxs que menciono, insiro entre parênteses a sigla referente à TO da qual elxs participaram: Eurico Lara (EL); Força Azul (FA);

⁸⁹ Consegui contato com três deles. Dois negaram a participação, mostrando-se, inclusive, incomodados com meu questionamento sobre terem integrado a torcida. O terceiro negou a participação na Coligay, informando que não residia em Porto Alegre no período – sem, todavia, mostrar-se incomodado com a pergunta – e mencionou ter participado de outra TO. Outros colaboradores reiteraram isso, dizendo que ele era homossexual, mas veio a participar apenas dessa outra torcida. Por fim, não tive acesso ao quarto torcedor, mas fui informada por outros entrevistados que, tal qual o caso anterior, essa pessoa também era um homossexual assumido que integrou apenas uma outra TO.

Coligay (C); Torcida Jovem (TJ); Real Torcida Jovem (RTJ); Garra Tricolor (GT); Super Raça Gremista (SRG); Máquina Tricolor (MT); Explosão Azul (EA).

Quadro 3 - Integrantes da Coligay e relações com TOs e com torcedores

Nome	Experiências como torcedorx organizado do Grêmio	Lembradx por quais torcedores entrevistados / Citadx por qual fonte documental
Volmar Santos	Coligay	Todxs Livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores” ZH; Placar
Miguel Ribeiro	Força Azul e Coligay	Volmar Santos (C); Marcelly Malta (C); Sérgio Cunha (C; FA; GT; MT); Cleber Vieira (GT); Francisco Rivas - Pancho (GT); André Carmo dos Santos (FA) Livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores” Zero Hora
Osmar Dziekaniaki Rodrigues, “Careca”	Eurico Lara, Força Azul, Coligay e Máquina Tricolor	Miguel Ribeiro (FA; C); Sérgio Cunha (C; FA; GT; MT); Gerson Vieira (EL); Cleber Vieira (GT); Luiz Afonso da Rocha (MT); Luiz Heitor da Costa (TJ; SRG). Livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores” Zero Hora
Sérgio Luiz Cunha, “Serginho”, “Shampoo”, “Cabelo”	Coligay, Força Azul, Garra Tricolor e Máquina Tricolor	Miguel Ribeiro (FA; C); Osmar Rodrigues (EL; FA; C; MT); André Carmo dos Santos (FA); Cleber Vieira (GT); Luiz Afonso Oliveira da Rocha (MT); Luiz Heitor da Costa (TJ; RTJ; SRG).
Marcelly Malta	Coligay	
Milton Bordini, “Miltinho”	Coligay, Explosão Azul, Real Torcida Jovem e Força Azul	Volmar Santos (C); Miguel Ribeiro (FA; C); Osmar Rodrigues (EL; FA; C; MT); Sérgio Cunha (C; FA; GT;

		MT); André Carmo dos Santos (FA), Luiz Heitor da Costa (TJ; SRG), Paulo Bertotto (TJ; RTJ; SRG), Volmar Santos (C)
João Carlos, “Joanita”	Coligay, Explosão Azul e Real Torcida Jovem	Marcelly Malta (C), Miguel Ribeiro(C), Sérgio Cunha (C; FA; GT; MT) e Paulo Bertotto (TJ; RTJ; SRG).
Elton Lopes	Coligay, Explosão Azul, Real Torcida Jovem e Força Azul	Volmar Santos (C), Osmar Rodrigues (EL; FA; C; MT) e Paulo Bertotto (TJ; RTJ; SRG). Livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores”
Luiz Roberto Machado, “Beto”, “Betinho”, “Beta”, “Betinha”	Coligay, Explosão Azul, Real Torcida Jovem e Força Azul	Osmar Rodrigues (EL; FA; C; MT); Luiz Heitor da Costa (TJ; RTJ; SRG); Paulo Bertotto (TJ; RTJ; SRG). Zero Hora
“Rosinha”	Coligay	Luiz Heitor da Costa (TJ; RTJ; SRG) e Paulo Bertotto (TJ; RTJ; SRG).
Dora Costa e Silva	Coligay	Osmar Rodrigues (EL; FA; C; MT); Miguel Ribeiro (FA; C); Zero Hora
Frank	Coligay	Osmar Rodrigues (EL; FA; C; MT) Zero Hora
Plínio Oliveira	Coligay	Sérgio Cunha (C; FA; GT; MT) Revista Veja
“Tita”	Coligay	Sérgio Cunha (C; FA; GT; MT)
“Eli”	Coligay*	Cleber Vieira (GT).
“Macaca”	Coligay	Luiz Heitor da Costa (TJ; SRG)
Carla Campos	Coligay	Miguel Ribeiro (FA; C)
Carlos Vinícius	Coligay	Miguel Ribeiro (FA; C);

Paulo Ricardo	Coligay	Sérgio Cunha (C; FA; GT; MT)
Luiz, “Luiza do Morro”	Coligay	Sérgio Cunha (C; FA; GT; MT)
Flávio, “Flávio Beijo”	Coligay	Sérgio Cunha (C; FA; GT; MT)
Ariane	Coligay.	Livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores”
“Cigano”	Coligay	Miguel Ribeiro (FA; C); ZH
Frey Rocha	Coligay	Placar

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

* Cléber Vieira se lembra de Eli no convívio com torcedores organizados após o fim da Coligay, indicando que ele fez parte de outra TO também, mas ele não se recorda de que TO era essa.

Reconhecendo a heterogeneidade dos modos de ser torcedorx e a fim de valorizar as trajetórias dxs integrantes da Coligay que entrevistei, apresentarei a seguir uma descrição acerca da vivência enquanto gremista de cada uma dessas pessoas, para então, refletir acerca do significado para esses sujeitos do torcer para o Grêmio, assim como da participação em torcidas organizadas e, mais especificamente, na Coligay.

Esse item, assim, cumpre um duplo papel. Em primeiro lugar, permite apresentar mais informações acerca de cada um desses torcedorxs, melhor atendendo ao propósito de conhecê-los, abarcando não apenas suas experiências individuais na Coligay, como outras memórias relacionadas ao Grêmio. Tal esforço contribui, ainda, para valorizar a participação de integrantes que, diferentemente de Volmar Santos, pouco (ou nada) são mencionados na maior parte de registros acerca da Coligay, fato que verifiquei ao longo da minha pesquisa. A segunda função, por sua vez, é de, a partir das narrativas dessxs torcedorxs, evidenciar a pluralidade de modos de ser torcedorx que compuseram o coletivo de gremistas que integrou a Coligay.

Antecipo que, eventualmente, a menção a alguns episódios vivenciados junto a essa torcida se repetirá, o que considero um mal justificado, ao possibilitar a exposição das memórias de cada torcedorx acerca dessas situações.

3.2.1 O torcedor Volmar

Volmar Santos nasceu em Passo Fundo (RS), em 1948. O gremista fiel, credita o início de seu vínculo com o futebol em grande parte à escolarização realizada no Instituto

Educacional⁹⁰, o qual, conforme o mesmo relata, valorizava muito os esportes (SANTOS, 2016). Se, por um lado, ele não se interessou pela prática de nenhuma modalidade acabou criando gosto por assistir os colegas praticarem, o que lhe fez se apaixonar pelo esporte bretão. Logo passou a torcer pelo Gaúcho⁹¹, um dos clubes tradicionais do município, e, em seguida, também pelo Grêmio⁹². A forte relação criada, contudo, lhe faz afirmar que já havia nascido gremista (SANTOS, 2015a).

Volmar conta que desde criança costumava frequentar os estádios da agremiação de sua cidade natal, apesar de não ter companhias regulares para essa atividade. Além disso, também acompanhava desde cedo o clube de coração da capital, ouvindo as partidas pelo rádio enquanto residia em Passo Fundo e, quando passou a morar na capital gaúcha, “ia quase todos os dias ao estádio. Assistia treinos, inclusive” (SANTOS, 2015a, p.3).

O torcedor mudou-se de Passo Fundo aos 18 anos, vivendo em Santana do Livramento (RS) por um ano, para servir ao Exército. Partiu, em seguida, para a Porto Alegre, tendo como objetivo seguir a carreira de cantor. Ganhou notoriedade na cidade participando de programas de televisão e atuando como *crooner*⁹³ em bares, restaurantes e boates. Resolveu alçar novos vãos na cidade de São Paulo, onde também participou de uma série de programas e conseguiu gravar um disco. Voltou para Porto Alegre no início da década de 1970 para ficar mais próximo de sua mãe, que ainda residia em Passo Fundo e estava com a saúde debilitada (SANTOS, 2015a; SANTOS, 2016).

Na capital gaúcha, além de continuar cantando, passou também a gerenciar boates. Observando o sucesso da boate gay Flowers, resolveu usar o dinheiro acumulado nos anos de trabalho como cantor para fundar um estabelecimento similar. Adquiriu, então, uma boate chamada Coliseu, espaço voltado para casais heterossexuais e que, segundo ele, não era muito movimentado. Sua ideia era adaptá-lo para se tornar uma boate para o público homossexual (SANTOS, 2015a).

O nome Coliseu fazia referência a arquitetura do local. Segundo Volmar, uma casa linda que já foi considerada a mais bela casa gay do Brasil. Tal qual a inspiração Flowers, o Coliseu era uma boate que recebia shows de artistas de renome, inclusive alguns/algumas de fora do

⁹⁰ Instituto Educacional Metodista de Passo Fundo.

⁹¹ Sport Club Gaúcho, de Passo Fundo (RS).

⁹² A bifiliação clubística é algo comum entre torcedores de clubes de menor tradição ou projeção nacional. Sobre isso, ver Campos e Toledo (2013).

⁹³ *Crooner* é um cantor de músicas populares, que geralmente canta acompanhado de uma orquestra ou um conjunto musical.

estado e de fama nacional, e promovia muitos concursos de miss travesti (SANTOS, 2015a; SANTOS, 2016).

É nesse momento de sua vida que surge a ideia de criar a Coligay, fruto da junção do desejo de contribuir com o clube em um momento de especial dificuldade (o Grêmio estava há oito anos sem títulos), com a crença de que os demais torcedores que via nas arquibancadas não cumpriam tal tarefa da forma que acreditava ser necessária, como ele narra em sua entrevista:

[...] eu estava sempre dentro do Estádio Olímpico assistindo os jogos, quando um dia eu fiquei um pouco decepcionado, porque o Grêmio há muitos anos não ganhava o campeonato e entrei dentro do estádio e vi que a torcida estava muito morna, achei que faltava ânimo para aquela torcida e aí me veio a ideia de formar uma torcida organizada. Aí eu pensei “meu Deus, formar uma torcida organizada, mas quem é que vai participar dessa torcida?” Porque já existia, existia a Eurico Lara e existia a torcida organizada Força Azul, do Grêmio. Eu disse, “mas dali eu acho que ninguém vai participar”. Daí eu pensei “mas quem sabe eu faço alguma coisa diferente? Ao invés de ser uma torcida igual as outras, que o objetivo não era esse, era uma torcida que animasse realmente, quem sabe eu faço uma torcida do público que frequenta o Coliseu, que é o público gay?” Aí eu amadureci a ideia, conversei com alguns amigos, e o pessoal adorou a ideia. Então, eu reuni um grupo grande de frequentadores da boate e os convidei para que participassem (SANTOS, 2015a, p.6-7).

Conforme descreve, é, então, junto aos frequentadores da boate que gerenciava que Volmar reuniu os integrantes da torcida que desejava formar. De forma a dar visibilidade ao local que deu origem ao grupo, batizou a torcida como Coligay: Coli de Coliseu – nome da boate – e gay do público que a compôs.

A torcida chamava a atenção pela ininterrupta animação, pela qualidade de sua bateria, e pela indumentária incomum ao ambiente do futebol, composta de kaftas, chapéus, plumas e paetês, todos nas cores do tricolor gaúcho.

Figura 12 - Volmar Santos tremulando uma bandeira junto à Coligay



Fonte: Placar (1977).

Afora o apoio ao Grêmio nas arquibancadas, a Coligay também contribuiu para a campanha do fechamento do anel superior do Estádio Olímpico, cujas obras foram concluídas em 1980, além de promover ações filantrópicas. É notável o orgulho de Volmar, não apenas por ter idealizado a torcida, mas também por tê-la coordenado nessas diferentes atividades.

O comportamento da torcida também era um motivo de preocupação e tornou-se um orgulho de Volmar.

O comportamento foi uma das coisas que eu sempre exigia do pessoal. Lá fora eles podiam fazer o que eles bem entendessem, mas dentro da torcida era rígido o regulamento, tinha que ter comportamento. Se possível, nunca agredir ninguém, nunca brigar com ninguém, só se defender. Tanto é que eu falei aqui, nós colocamos eles no Karatê pra aprender a se defender, simplesmente isso (SANTOS, 2016, p.10.).

A fala acima ilustra, ainda, a forma como Volmar dirigia o grupo, envolvendo um certo grau de autoritarismo, reconhecido por ele mesmo: “Eu comandava, era como um líder, era um líder. Eu era a grande liderança deles, porque eles tinham que fazer o que eu mandava, na época era ditadura, então [risos], o pessoal convivia dessa forma” (SANTOS, 2015a, p.15). Sua personalidade como líder foi forjada também fora do universo esportivo, como ele conta: “já fui líder estudantil aqui na cidade aqui de Passo Fundo, participei de vários Grêmios Estudantis, com muito sucesso, inclusive. Fui diretor social de todos os clubes da cidade” (*ibidem*, p.26).

Careca, antigo integrante da Coligay, enfatiza que Volmar fazia questão que os integrantes da torcida seguissem um regime de ordem e disciplina, ainda que permissivo às brincadeiras: “[...] tinha orientação, o Volmar também era muito rígido com **todo mundo**. Ele dava um berro, todo mundo tinha que baixar a cabeça e ficar naquilo ali” (RODRIGUES, 2017, p.13. Ênfase do entrevistado.).

Esse comportamento autoritário, muitas vezes, é vinculado pelo próprio presidente da torcida à uma preocupação com a imagem do grupo além da segurança dos integrantes, como demonstra seu relato acerca das experiências de viagens do Coligay:

V.S. – [...] a gente fazia essas viagens e tal, principalmente, para o interior do Rio Grande do Sul, era muito difícil, realmente, porque até comandar... Era difícil comandar o pessoal a fazer parte da torcida, o pessoal queria se dispersar de um lado para outro, e eu não permitia isso. Porque se isso ocorresse poderia causar o maior dos problemas, tanto é que nós tínhamos instruções quanto a isso, da própria polícia.

L. A. – Mas você acha que essa preocupação era pelo fato de ser a Coligay, de ser um conjunto de homossexuais, ou de ser simplesmente uma torcida organizada?

V. S. – Era pelo fato de ser a Coligay, e era pelo fato da responsabilidade que eu tinha com o pessoal que frequentava. **Imagina se acontecesse alguma coisa com as pessoas, quem era o responsável? Era o Volmar.** Então, a gente cuidava muito essa parte e eu falava muito, muito, sempre, sempre para todos, que tomassem cuidado, que não estavam na cidade deles, que a gente não conhecia, tinha que cuidar (SANTOS, 2015a, p.21-22, grifo meu).

Cabe destacar, também, que ao longo de meus encontros e conversas com Volmar ficou evidente que a responsabilização pelo cuidado de pessoas com quem convive é característica de sua personalidade até os dias de hoje. Quando viajei a Passo Fundo para a nossa primeira entrevista, ele fez questão de me buscar na rodoviária, levar para almoçar e, no momento da minha volta, aguardou até que meu ônibus partisse. Ele também citou diversas vezes sua atenção com sua mãe, inclusive sendo o desejo de estar mais próximo dela, devido a piora de sua condição de saúde, o motivador para sua mudança de São Paulo para Porto Alegre e, em seguida, de volta para Passo Fundo.

A noção de responsabilidade, citada em sua fala, não se limitava, ainda, à garantia da segurança dos integrantes, mas também à mobilização para a obtenção de tudo o que fosse entendido como uma necessidade da torcida. Era ele quem procurava os conselheiros do Grêmio para a obtenção de auxílios financeiros para a aquisição de instrumentos, roupas, faixas, papel picado, além de ingressos, transporte para jogos fora de casa e bebidas para animar o grupo antes da partida; assim como foi ele quem reuniu-se com Hélio Dourado, então presidente do

Grêmio para pedir o seu aval para a manutenção da torcida e para solicitar uma sala no estádio Olímpico onde pudessem armazenar seus materiais. Tais tarefas foram reconhecidas por ele (SANTOS, 2016), Miguel (Diário de campo, 31 de agosto de 2016) e o jornalista Léo Gerchmann (GERCHMANN, 2014). Ele afirma, ainda, que se necessário fosse, usava os lucros das festas do Coliseu para garantir tal estrutura⁹⁴.

Em síntese, o entendimento de Volmar acerca da função de liderança que ocupava é marcado por um senso de responsabilidade manifesto sob diferentes aspectos, desde a garantia do financiamento da torcida (utilizando recursos próprios ou buscando apoiadores), até a segurança dxs integrantes (recorrendo a seguranças particulares e oferecendo a elxs aulas de karatê), e a manutenção de um comportamento ordeiro e pacífico por parte do grupo (SANTOS, 2015a).

Foi também seu senso de responsabilidade, agora com relação à sua mãe, que o faz abandonar a torcida que criou. Em função da piora do quadro de saúde da progenitora, o gremista decidiu voltar a Passo Fundo para dedicar-se aos seus cuidados de forma mais efetiva.

No retorno à cidade, formou uma torcida organizada de seu outro clube do coração, o Gaúcho, batizada de Garra Alviverde (SANTOS, 2016). Volmar reitera seu vínculo com a agremiação do interior, afirmando que foi ele quem gravou o seu hino: “Inclusive eu gravei o hino do Sport Club Gaúcho. Sou eu que gravei, fui eu que gravei e agora, na inauguração do estádio, eu vou cantar o hino do Gaúcho, na hora do hasteamento das bandeiras e tal” (SANTOS, 2016, p.3).

Na cidade natal, Volmar também já foi presidente da Escola de Samba Bom Sucesso, fato que reforça sua relação com o contexto de festas e manifestações populares, além de seu perfil de liderança. Lá, também já foi vereador, tendo sido eleito em 1988⁹⁵ (SANTOS, 2015b). Em 2016, candidatou-se novamente, mas não se elegeu. Ele conta que nas duas eleições apresentava-se como um candidato assumidamente homossexual (SANTOS, 2015b). Curiosamente, no pleito de 2016 candidatou-se pelo Partido Republicano Brasileiro, ligado à Igreja Universal do Reino de Deus. De forma pragmática, explicou a escolha: “é o partido que eu tenho mais chances de me eleger e fui convidado, e eu coloquei ‘Vocês não têm preconceito?’ ‘Não, não’. ‘Tá’” (SANTOS, 2015b, p.16-17).

⁹⁴ Tal fato foi negado por Miguel Ribeiro, que afirmou que exceto pelos instrumentos, ele não chegou a investir dinheiro próprio no grupo (Diário de campo, 31 de agosto de 2016). Sergio Cunha, por outro lado, acredita que houve sim, investimentos da boate na torcida (CUNHA, 2016). Independentemente dessa divergência, me parece claro que não apenas a idealização e fundação, mas também a organização e condução da Coligay esteve concentrada na atuação de Volmar Santos.

⁹⁵ No site da Câmara de Vereadores de Passo Fundo não consta o nome de Volmar Santos na lista de legislaturas anteriores. Disponível em: <<http://www.camarapf.rs.gov.br/legislaturasanteriores>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

No momento de nossas entrevistas – anos de 2015 e 2016 - era servidor público, atuando na Secretaria de Cultura, onde participava da organização de diversos eventos na cidade, entre os quais a parada gay.

Mesmo à distância, Volmar continua acompanhando o Grêmio, inclusive vindo a Porto Alegre para ir ao estádio sempre que possível.

3.2.2 O torcedor Miguel

Miguel Ribeiro, Mimi para alguns⁹⁶, nasceu em 1954, em Porto Alegre, onde reside até hoje. Ele é cabeleireiro, profissão que o conquistou ainda quando criança. Aos oito anos, pediu para sua mãe deixá-lo cortar os cabelos dela. Ela autorizou e o resultado foi surpreendentemente positivo (considerando a idade que ele possuía) e, desde então, Miguel passou a ser o cabeleireiro de toda a família, exceto do pai. Isso porque, com receio de que ele pudesse não gostar que seu filho estivesse fazendo uma atividade socialmente representada como feminina, preferiram que o ofício fosse mantido em sigilo. Aos poucos, passou também a cortar os cabelos de vizinhos. O pai acabou descobrindo o segredo, mas não apenas não se incomodou, como resolveu capitalizar os serviços do filho. Montou uma espécie de salão de beleza nos fundos do quintal da casa, onde o jovem cabeleireiro atendia seus clientes. Ao me contar essa história, rindo, Miguel destacou a nacionalidade portuguesa do pai ao lembrar que ele ficava apenas com parte do valor pago ao corte, ficando o restante com o próprio pai (Diário de Campo, 19 de abril de 2016).

O patriarca foi também o responsável pelo vínculo de Miguel com o Grêmio. O cabeleireiro se recorda que, em sua infância, o pai chamava vários outros gremistas para assistir aos jogos no quintal de sua casa e, quando a equipe tricolor marcava gols, pedia que os filhos fossem para a frente da residência gritar em comemoração. Ele afirma que, com o tempo, virou fanático porque seu pai lhe ensinou esse fanatismo (Diário de campo, 22 de junho de 2016). Ele é o caçula de doze irmãos, todos gremistas, entre os quais ele se classifica como o mais fiel e apaixonado.

Miguel começou a frequentar estádios com aproximadamente 19 anos e, em um ou dois anos, ingressou em uma torcida organizada, a Força Azul. O torcedor afirma que passou a se

⁹⁶ Essa forma carinhosa de se referir ao torcedor foi mencionada por alguns entrevistados que conviveram com ele nas décadas de 1970 e 1980. O próprio Miguel, contudo, nunca citou tal apelido, motivo pelo qual seguirei referindo-me a ele pelo nome, e não pelo apelido.

aproximar do grupo nas arquibancadas ao perceber alguns “torcedores diferentes”, indicando se referir à homens que aparentavam ser gays. Acabou, em seguida, sendo convidado por alguns deles a integrar a Coligay (Diário de campo, 19 de abril de 2016).

Na época, Miguel também era presença frequente na noite gay de Porto Alegre. Entre os estabelecimentos a que ia regularmente estava a boate gay Coliseu, cujo proprietário, Volmar Santos, era um amigo próximo. Um dia, Volmar, já ciente de sua forte relação com o Grêmio, lhe chamou para formar uma torcida junto a outros frequentadores da casa noturna, que viria a ser chamada de Coligay. Por achar que essa torcida seria mais divertida que a Força Azul, Miguel aceitou o convite e fez parte da fundação da nova agremiação, assim como fizeram vários colegas homossexuais que também compunham a Força Azul (Diário de campo, 22 de junho de 2016).

O gremista relata que o surgimento da Coligay foi um grande acontecimento para os homossexuais da cidade, afirmando que foi como um “evento mundial”, ao qual tinham que comparecer toda semana. Mas o apreço pela Coligay não se limitou àqueles que vieram a se tornar seus/suas componentes. Muitos torcedores gremistas adoravam ver a performance do grupo. Miguel conta que recebiam aplausos, pedidos de fotos e autógrafos (Diário de campo, 31 de agosto de 2016).

Apesar do orgulho de ter integrado a torcida, nunca utilizou um dos kaftas com as letras que compunham a palavra “Grêmio”, uma das marcas distintivas da Coligay. Ele diz que achava a vestimenta horrível, sendo incompatível com suas escolhas estéticas. Miguel foi recorrentemente referenciado, por si e por outros interlocutores com quem conversei, como uma “bicha chique” (Diário de campo, 19 de abril de 2016). Em nossos encontros pude notar que ele é um homem, de fato, vaidoso e “estiloso”, demonstrando preocupação com sua imagem⁹⁷ e utilizando sempre roupas e acessórios que estão na moda.

⁹⁷ Ele não quis tirar fotos, nem autorizou a gravação dos nossos diálogos por não gostar de sua voz, por exemplo.

Figura 13 - Miguel (à direita) e um colega de Coligay



Fonte: Revista Veja (1977); Placar (1977)

Ele resume suas motivações para integrar a Coligay na diversão e no desejo de torcer pelo Grêmio, esclarecendo que o apoio ao clube era sempre prioritário. Isso se evidencia na sua recusa em viajar com a torcida para apoiar o Corinthians na final do Campeonato Paulista de 1977, quando foram convidados pelo presidente da agremiação paulistana para levar sua boa sorte em prol de seu clube na final que disputavam. Miguel foi enfático que seu “negócio era Grêmio”, concluindo de forma taxativa: “Imagina! Vou torcer pro Corinthians?!” (Diário de campo 31 de agosto de 2016).

Miguel permaneceu na Coligay até a sua extinção. Quando perguntado sobre o que sentia falta daquela experiência, ele afirmou que “da alegria, do carinho, da diversão, da visibilidade, das pessoas os aplaudirem, reconhecerem, chamarem, pedirem para tirar foto” (Diário de campo, 22 de junho de 2016).

Durante algum tempo continuou frequentando o estádio onde ficavam as torcidas organizadas, além de comparecer em festividades promovidas por elas, sendo lembrado por muitos integrantes desses outros grupos. Ele comenta que sempre foi tratado com carinho e era muito querido pelos gremistas (Diário de campo, 22 de junho de 2016).

Aos poucos, entretanto, foi se afastando do ambiente das torcidas organizadas em função da percepção de que o consumo de drogas, a violência e a homofobia estavam aumentando nesses grupos. Não deixou, contudo, de continuar frequentando regularmente o Olímpico e, em seguida, a Arena do Grêmio. Ele agora fica no setor de cadeiras atrás do banco de reservas, e reitera que opta pela distância das TOs em função da homofobia e violência. Ele prefere também ir aos jogos sozinho e justifica que vai ao jogo para torcer, não para conversar ou namorar, e que evita até mesmo ir ao banheiro (Diário de campo, 31 de agosto de 2016).

Seu perfil no Facebook é exemplo de que a paixão pelo Grêmio continua tão viva quanto nos tempos de Força Azul e Coligay: ele publica frases sempre utilizando um fundo azul, frequentemente posta notícias ou comentários sobre o clube, além de publicar fotos suas na Arena a cada partida do tricolor gaúcho, sempre com a camisa do clube e de óculos com lentes azuis.

3.2.3 O torcedor Careca

Osmar Dziekaniaki Rodrigues, mais conhecido como Careca, nasceu em 1948 na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Foi lá onde cresceu e formou suas primeiras referências e preferências clubísticas, identificando-se com o Rio Grande⁹⁸, agremiação notabilizada por ser o mais antigo clube em atividade do país. O vínculo com o Rio Grande vinha também acompanhado por certo apreço pelo Grêmio, fato esse (torcer também por um dos grandes clubes da capital de seu estado) comum entre muitos torcedores de clubes de menor expressão midiática nacional.

Aos 18 anos, Careca mudou-se para Porto Alegre, passando a residir com uma tia gremista que frequentava regularmente os jogos no Estádio Olímpico. O jovem passou a acompanhá-la e, em pouco tempo, o tricolor gaúcho tornou-se o clube principal de sua vida, de quem se tornou um fiel e apaixonado torcedor. Hoje, esse pertencimento é expresso por Careca até mesmo na decoração de sua casa, localizada na cidade de Maricá, no estado do Rio de Janeiro. Nela, todos os cômodos são coloridos em azul, preto e branco e com escudos do clube. Não à toa, ele relata que “aqui onde eu moro, [...] se na entrada perguntar pelo Osmar ninguém sabe, mas se perguntar pelo gremista todo mundo sabe aonde eu moro” (RODRIGUES, 2017, p.5).

⁹⁸ Sport Club Rio Grande, de Rio Grande (RS).

Figura 14 - Sala de estar da residência de Osmar Dziekaniaki Rodrigues (Careca).



Fonte: Acervo particular de Osmar Dziekaniaki Rodrigues.

A ampliação e o fortalecimento desse vínculo ocorreram de forma paralela à sua participação em torcidas organizadas. Esse envolvimento começou quando, nas arquibancadas, fez amizade com outros jovens, passando a torcer juntos e se organizando para confeccionar bandeiras e papel picado. A animação e iniciativa os levaram a serem convidados a integrar a Eurico Lara, única torcida organizada do Grêmio existente até então, vinculada à direção do clube.

Careca relata que ele e seu grupo participaram de uma série de transformações na Eurico Lara como a implantação de uma bateria, o uso de bandeiras grandes e a utilização de uniformes pelos membros da torcida. Ele também informa que foram eles que lançaram o, hoje habitual, grito do “Grêêêêmiooooo! Grêêêêmiooooo”, alongando as vogais do nome do clube (GERCHMANN, 2014; RODRIGUES, 2017).

O vínculo da Eurico Lara com o clube, contudo, impedia que a torcida manifestasse discordâncias com a diretoria, o que levou alguns de seus integrantes, entre os quais Careca, a formarem a primeira torcida organizada independente do Grêmio, a Força Azul, fundada em 1974 (BUENO, 1977; GERCHMANN, 2014; RODRIGUES, 2017).

O gremista informa que a Força Azul era uma torcida familiar, o que não necessariamente significava que havia vínculos de parentesco entre todos os seus integrantes, mas sim que as relações construídas entre eles eram de muita proximidade, afeto e respeito. Havia casais, filhos e filhas, irmãos e irmãs, mas também muitos integrantes que eram, assim como Osmar, vindos de cidades do interior e com poucos ou nenhum familiar na cidade, o que,

inclusive, contribuía para reforçar o vínculo com os colegas de torcida. A casa de uma das integrantes fazia a função de sede do grupo, onde frequentemente se reuniam para se prepararem para os jogos ou para realizar festividades.

Careca guardou poucas lembranças do momento em que deixou a Força Azul. O que se recorda é que a saída ou afastamento de algumas lideranças gerou uma “desavença de poderes”, levando a disputas entre o grupo e mesmo ao enfraquecimento da torcida. Em meio a esse processo, ele resolveu deixá-la.

Naquele período – década de 1970 –, ele era frequentador regular do Coliseu. Como gremista apaixonado que era, foi uma das pessoas que Volmar Santos, proprietário da casa noturna, chamou para a fundação da Coligay.

Careca fala com orgulho dos tempos em que participou da torcida. Lembrando da atenção que a torcida atraía, Careca afirma que “a atração principal era por causa daquela camisola, aquele camisão grande que tinha as letras que formava as letras do Grêmio”, conta Careca (RODRIGUES, 2017, p.11). A qualidade de sua charanga, liderada pelo mestre Neri Caveira, foi outro ponto destacado. Segundo Careca, “igual àquela, não tinha outra não” (RODRIGUES, 2017, p.8).

Tanto a autonomia de uma torcida independente, quanto a performance do grupo empolgavam Careca, que afirmou na época:

Quando surgiu a Coligay, entrei com muita alegria para o grupo. Só que agora, não vamos admitir nenhuma espécie de interferência no nosso trabalho. Vamos renovar todo o esquema de torcer no Rio Grande do Sul. Estamos muito excitados com essa ideia (BUENO, 1977, p.45).

Segundo Volmar, Careca foi um integrante muito participativo, destacando sua importância para a constituição e manutenção da Coligay (SANTOS, 2015a).

Entre suas tantas lembranças como torcedor organizado, Careca define como a mais marcante o dia em que desfilou junto com a Coligay no campo do Beira-Rio, antecedendo à disputa de um Gre-Nal em 1979. Se, talvez para os colorados, o desfile tenha sido promovido com a intenção de tripudiar o Grêmio em função de sua torcida gay, os gremistas não se incomodaram e adoraram ocupar um espaço de destaque dentro da casa do adversário.

Careca permaneceu na Coligay até sua extinção, quando o grupo se desarticulou com a saída do líder Volmar Santos.

Não tardou, todavia, para que Osmar se mobilizasse junto a outro grupo de gremistas para criar uma nova torcida organizada, a Máquina Tricolor. Isso aconteceu em 1982, a partir de torcedores que se encontravam regularmente no Bar do Ramon, estabelecimento próximo ao

Estádio Olímpico frequentado por muitos gremistas, especialmente antes e depois das partidas (ROCHA, 2017).

Entre seus integrantes, havia muitas famílias e a torcida chegou até a ter um núcleo mirim, com componentes de até 15 anos (TORCIDAS, 1997). Novos casamentos também aconteceram entre alguns de seus integrantes, aumentando as famílias presentes no grupo (ROCHA, 2017). O agrupamento também tinha um grande número de mulheres, em proporção bem maior à das demais TOs (ROCHA, 2017; TORCIDAS... (3), 1996).

Como integrante da Máquina, Careca teve a oportunidade de ir à Tóquio assistir à partida em que o Grêmio se sagrou campeão mundial, em 1983, viajando junto com a delegação do clube. Isso ocorreu porque o Grêmio organizou uma ação para ajudar às suas TOs a levar representantes para acompanhar sua delegação e assistir ao jogo único contra o Hamburgo, então campeão europeu. As próprias torcidas deveriam vender camisetas autografadas e carnês “Jogada de Campeão” para financiar a ida desses representantes (CRUZ, 1983). A escolha dxs premiadxs cabia à organizada e Careca foi um dos dois membros selecionados pela Máquina Tricolor, o que demonstra a valorização da sua contribuição à torcida pelos seus pares.

Osmar viajou pilchado⁹⁹, “com bombachas pretas e um pala branco com listras azuis, além de uma boina preta” (TORCIDA..., 1983, p.41). “Quero mostrar aos japoneses como é nosso gaúcho típico. Por isso vou chegar à Tóquio vestido assim”, disse à Zero Hora, que registrou o acontecimento (*ibidem*, p.41).

A saída de sua terceira torcida organizada ocorreu quando Careca foi morar na cidade do Rio de Janeiro, ainda na década de 1980. Anos depois, ele mudou-se novamente, agora para Maricá, no interior do mesmo estado. Lá, ele mantém o hábito de, mesmo pela televisão, assistir a todas as partidas do Grêmio. Sobre seu gremismo e a disciplina com que trata os momentos de jogos, ele diz:

O Grêmio não é só um time para mim, o Grêmio é uma religião minha, eu tenho uma doença que se chama Grêmio, ‘Grêmio Mania’, que eu... Dia de jogo do Grêmio se você vir me perturbar eu mando você para puta que pariu, porque é a hora que eu tô fazendo a minha oração e não quero ser perturbado por ninguém (RODRIGUES, 2017, p.4).

Quando ainda vivia na capital fluminense, ele continuou acompanhando o Grêmio como pôde. Reunia-se a outros gremistas em bares e nos estádios sempre que o clube enfrentava as equipes cariocas. Por nove anos, ele organizou uma comemoração de aniversário do Grêmio

⁹⁹ Pilcha é a endumentária tradicional gaúcha, portanto pilchado refere-se a quem está caracterizado com tal vestuário.

em meio às festividades da Semana Farroupilha¹⁰⁰, como ele descreve: “na data do aniversário do Grêmio, a gente fazia a missa campeira, a gente dava brinde e a gente pedia para que todo mundo fosse com a camiseta do Grêmio” (RODRIGUES, 2017, p.4).

Ao rememorar sua trajetória de torcedor, nos diferentes espaços por que passou, grupos que integrou e pessoas com as quais conviveu, não há relatos de dificuldades encontradas no ambiente do futebol por ser assumidamente homossexual. Careca relata que nunca foi vítima nem presenciou atitudes de preconceito ou discriminação com ele, com outros homossexuais ou com a Coligay: “Naquela época nós viajamos a qualquer lugar e nós éramos respeitados aonde chegássemos” (RODRIGUES, 2017, p.9), “A bicharada passava por tudo que era lugar e era bem recebido em qualquer parte” (*ibidem*, p.18).

Especificamente sobre o seu convívio dentro das TOs do Grêmio, conta que, igualmente, havia respeito e que a relação era de muita harmonia. Assim como ele, outros integrantes da Coligay chegaram a compor outras torcidas organizadas, casos de Serginho, Miguel, Miltinho, entre outros. Ele relata, ainda, que diante de sua atuação em diferentes TOs, foi procurado por gremistas que desejavam fundar seus próprios grupos: “Em todas as outras torcidas que estavam sendo fundadas dentro do Grêmio, como a Jovem, Raça, Tigre, eu tive muita participação de orientação, porque o pessoal ia na minha casa pedir orientação” (RODRIGUES, 2017, p.2).

Também com os atletas do Grêmio, Careca descreve uma relação amistosa. Integrantes da torcida e jogadores eventualmente se encontravam no Bar do Ramon, e, por vezes, mesmo nos vestiários, visto que, naquela época, o acesso de torcedores a esse espaço era mais facilmente permitido. O torcedor afirma que era uma figura conhecida no clube, sendo, inclusive, chamado pelo apelido “Careca” por todos, denotando intimidade.

Hoje, ainda residindo em Maricá, afirma não contar com muitos gremistas para acompanhá-lo na assistência das partidas do Grêmio. Ainda assim, ele afirma que convence muitos amigos a apoiar o clube: “quem está do meu lado vai ser gremista [riso], porque é uma religião, é tipo uma lavagem, ‘ou tu é meu amigo ou não é?!’” (RODRIGUES, 2017, p.4).

3.2.4 O torcedor Serginho

¹⁰⁰ A Semana Farroupilha é um evento festivo da cultura gaúcha, comemorado na semana que antecede ao Dia da Revolução Farroupilha, 20 de setembro.

Sergio Luiz Silva da Cunha, o Serginho, nasceu em 1957 em Porto Alegre. Ele integra uma família de gremistas, sendo que seu pai foi conselheiro do clube: “eu já nasci dentro do Grêmio, digamos” (CUNHA, 2017, p.1).

Ele conta que se assumiu gay ainda criança – “eu com, acho que, nove, dez anos, eu botei a boca no trombone ‘eu gosto de meninos, não gosto de meninas’” (*ibidem*, p.1) – e que isso não interferiu no desenvolvimento do seu interesse pelo futebol. Além disso, a homossexualidade não foi vista como um problema para sua família, que o apoiou desde cedo.

Mesmo com os muitos familiares tricolores, Serginho começou a frequentar estádios sozinho. Adorava futebol e, especialmente, de assistir as partidas no estádio. Morava na zona norte da cidade e pegava dois ônibus para chegar ao Estádio Olímpico. Lá, em função da idade, tinha que pedir a algum adulto que fingisse ser seu responsável para que permitissem sua entrada. Aos pais, contava que estava na casa de colegas do bairro.

Nas arquibancadas, se encantava com as manifestações da Eurico Lara. Ele conta que tinha vontade de integrá-la, mas a obrigatoriedade imposta pela torcida da autorização dos responsáveis para a participação de menores de idade, como ele, lhe impediu de seguir o desejo. O torcedor acredita que os pais poderiam se incomodar por ele ir sozinho, querer lhe impor regras ou mesmo acompanhá-lo. “Nada contra, mas eu não queria... Ah, sei lá, sair, digamos expandir, pular, vibrar, sem ficar preocupado se meu pai tá do lado, se minha mãe tá do lado, meu irmão, minha tia, sei lá o que for” (CUNHA, 2017, p.3).

Já adulto, Serginho pôde, enfim, realizar o desejo de participar de uma torcida organizada quando foi convidado para integrar a Coligay. Ele não participou da fundação da torcida, mas já a via nas arquibancadas do Olímpico. Sendo um assíduo frequentador de estabelecimentos voltados para o público gay, entre os quais o Coliseu, foi convidado para integrar a torcida por diferentes conhecidos, entre os quais Miltinho, Tita e o idealizador do grupo, Volmar. Mas, segundo ele, foi um episódio ocorrido no estádio que definiu sua entrada:

Nunca vou esquecer que eu tava abaixo deles [da Coligay], já louca pra entrar e aí uma das bibas, que até não está mais conosco, infelizmente, tava com uma flor e ela me entregou essa flor e disse pra mim assim “vem mana, vem pra cá”. Aquilo foi o empurrão, assim, e são coisas que eu não esqueço. (CUNHA, 2017, p.4).

Refletindo sobre o que a participação na Coligay lhe trouxe, que diferenciavam de sua experiência como torcedor que frequentava os estádios sozinho, ele descreve:

Eu acho que a gente podia se expandir mais, vibrar mais, fazer muitos amigos né? Porque eu tinha muita vontade de ter muitos amigos dentro do meio

GLS¹⁰¹. Eu tinha muita vontade, mas ao mesmo tempo sabe, aquela repressão de governo, de um monte de coisa me dava um certo medo, não de família, com isso eu nunca tive problema, graças a Deus. Então, na Coligay, eu me sentia, assim, como se eu tivesse protegido, entendeu? Porque eram cinquenta, sessenta, setenta, oitenta, eu não sei quantas eram, porque tinha umas que eu não sabia nem o nome, mas era “oi, oi, oi guria, oi mana”, enfim né essas coisas assim. E aí então essa foi a... como é que eu posso dizer assim... a causa de eu querer ficar nessa torcida, que queria participar pra me expandir, pra eu conhecer pessoas, enfim, pra eu ser o que eu sou hoje. (CUNHA, 2017, p.4).

O relato evidencia como o convívio entre muitas pessoas não-heterossexuais foi aspecto fundamental da experiência de Serginho na Coligay, tanto pela possibilidade de fazer amizades quanto pela proteção e liberdade para se expandir. Mas ele faz questão de enfatizar que “na hora do jogo era torcer pro Grêmio”. “Nós pulávamos, brincávamos, nos divertíamos muito, mas torcíamos **mesmo**, nós éramos gremistas, e somos ainda, **mesmo!**” (CUNHA, 2017, p.3-4. Ênfase do entrevistado.).

Entre os momentos marcantes vividos junto à torcida, mais do que partidas vitoriosas, Serginho destaca um episódio de conflito no interior do estado:

Eu não lembro de títulos, eu lembro de pauleira em Caxias do Sul, onde os heteros entre aspas, correram todos para os ônibus e nós ficamos brigando. Nós usávamos umas tamanquinhas de cepa, que não é do teu tempo, né amiga? E com aquele tamanquinho nós batíamos, nós nos defendíamos muito. A gente não batia, a gente se defendia. Só em caso que não desse mesmo. E isso foi o que mais me marcou, eu dizia “pô, tão machos, tão heteros, tão só querem saber de mulheres”, que eu não tenho nada contra também, mas na hora do pega pra capar quem fazia a linha de frente sempre éramos nós, o pessoal da Coligay. (CUNHA, 2017, p.5).

Apesar da lembrança, ele afirma que os confrontos físicos eram raros e que a intenção do grupo era torcer para o Grêmio e fazer festa, e não brigar. A afirmação de que “a gente não batia, a gente se defendia” reitera isso. Havia, contudo, a preocupação de que os integrantes estivessem preparados para defenderem-se. Para isso, Volmar disponibilizou a eles aulas de karatê em uma academia de lutas. Serginho conta que conseguiu aprender a luta e que guarda as lições até hoje. Sobre tais aulas, ele narra:

Não era só de defesa pessoal, né, só assim... Nós íamos também todos montados de... Eu lembro que na época nem se usava aqueles shortzinho de, de... Que na minha época era lycra, mas antes disso não sei, depois foi stretch, depois foi não sei o que, que os jogadores usam hoje, aquele shortzinho por

¹⁰¹ A sigla GLS designa Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Sua origem está associada à primeira metade da década de 1990 e ao jornalista André Fischer, idealizador de eventos como o Mercado Mundo Mix e o Festival de Cinema Mix Brasil da Diversidade Sexual, além do portal Mix Brasil. Por meio do universo do consumo, a categoria GLS deu nova forma à abertura dos “guetos” homossexuais a todos aqueles que dele quisessem participar (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

debaixo do calção... Nós usávamos aquele shortzinho com calção bem puxado, bem dobrado, bem curtinho, e aquelas camisetinhas “papai sou gay”, “mamãe sou gay”, “mamãe sou forte”, coisas do gênero assim. Esse era nosso uniforme pra academia, que era um show quando nós chegávamos. [risos] [...] cada um queria ir mais produzido que o outro, era muito engraçado (CUNHA, 2017, p.18).

Serginho conta que “um babado” do qual não se recorda bem deu fim à Coligay entre o final dos anos 1970 e início de 1980. Em 1983, entretanto, quando o Grêmio disputava a Copa Libertadores da América, ele e Plínio, um amigo que produzia fantasias para o carnaval, resolveram retomar a torcida. Reuniram aproximadamente quinze pessoas, e, segundo conta, chegaram até a desfilar no campo na partida final, entre Grêmio e Peñarol.

[...] eu me montei, de macacão azul, horrível [risos], fui, botei uma faixa de rainha da Coligay, que eu não tinha outra, é claro, e entramos no campo onde demos a sorte de que o Grêmio foi campeão né? Da Libertadores, o primeiro ano. E aí pra nossa alegria a gente fomos, assim, endeusados, ovacionados, que o Grêmio ganhou porque a Coligay voltou. Nada a ver, né? Mas era o que eles diziam e pra nós isso é maravilhoso, bárbaro! (CUNHA, 2017, p.6).

A retomada não teve a dimensão do primeiro período de atividade da Coligay. Eram poucos integrantes, sendo que apenas Serginho fantasiava-se com o macacão azul mencionado. Já não tinham mais uma bateria ou faixas, apenas sombrinhas nas cores azul, preto e branco, adereço também utilizado por outras torcidas. A alegria e animação de outrora, contudo, mantinha-se: “era meia dúzia, dez, doze, mas sempre quando entrávamos era um show né? Tinha um showzinho a parte, depois a gente ficava torcendo pro Grêmio” (CUNHA, 2017, p.6). Eles, também, não permaneceram ativos por muito tempo, se desarticulando sem um motivo específico: “do nada, a gente resolveu voltar e também do nada a gente terminou. Não foi muito tempo não, não foi muito tempo” (CUNHA, 2017, p.17).

Ao relembrar das histórias vivenciadas em meio à torcida, o gremista repetiu inúmeras vezes que tudo aquilo foi maravilhoso, além de se dispor a participar atualmente de uma hipotética “nova Coligay”. “Eu faria tudo de novo, Luiza, tudo de novo. Até mesmo nessa idade, se surgisse a Coligay eu estaria lá, com certeza. E hoje tô com sessenta anos!” (CUNHA, 2017, p.24).

Além da Coligay, Serginho fez parte de várias outras torcidas organizadas. A primeira delas foi a Máquina Tricolor, tendo participado de sua fundação a convite de outro antigo integrante da Coligay, o Careca. Ele relata, porém, ter tido receio em integrar uma torcida na qual os homossexuais eram uma minoria.

Eu fui entrando, assim, aos pouquinhos, eu não ia muito, com muita frequência, porque eu tinha... Porque antes nós [a Coligay] éramos, sei lá, oitenta, cem, duzentos, não sei, era diferente. E também eu sempre tive um visual muito agressivo né, cabelão, muito cabelo... Eu não me vestia, nem me sentia mulher, não, eu sempre assumi o meu lado gay, mas eu gostava de roupas diferentes, então eu tinha um certo receio, assim, de quando eu entrasse sozinho, né? Mas não, nunca tive problemas, foi só impressão minha na verdade. Foi legal (CUNHA, 2017, p.26).

Durante um curto período Serginho chegou, até mesmo, a assumir a presidência da Máquina Tricolor, indício de que, de fato, a torcida não apresentou problemas com seu “lado gay”. Ele conta que, apesar de achar a Máquina uma torcida maravilhosa, disse que não era o que queria, como explica: Eles eram “muito organizadinhos e eu queria uma coisa mais enlouquecida” (CUNHA, 2017, p.14).

Assim, Serginho optou por sair, mas continuou frequentando os jogos junto às TOs e participando de seus eventos, chegando a ser um membro informal da Garra e da Real Torcida Jovem. Foi então chamado por Mário, um amigo que fez parte de outras TOs, para retomarem a Força Azul, que havia se extinguido alguns anos antes. Aceitou e nela permaneceu até o surgimento da Geral, quando passou a escolher outros setores do Olímpico para assistir aos jogos. “Eu dizia ‘Gente, eu fazia duas vezes avalanche, na terceira eu caia dura dentro do fosso e não volto mais. Não quero mais organizadas’. E desisti, e parei” (CUNHA, 2017, p.13).

Serginho relata que, em função do seu trabalho como cabeleireiro, pouco participava dos encontros de sábado à tarde das torcidas, quando ajeitavam faixas, bandeiras e outros materiais para o jogo de domingo. Afirma que ia quando tinha folga ou em dias de jogos importantes, quando as atividades se estendiam até a noite. Ele conta também que a Força Azul se reunia também toda noite de quinta ou sexta-feira para um jantar da torcida, do qual ele participava regularmente, inclusive da organização.

Apesar de ter abandonado as TOs, Serginho continua frequentando os jogos e mantendo as relações de amizade feitas nos grupos. Ele, inclusive, faz parte de um grupo de *Whatsapp* denominado “Velha Guarda”, do qual integrantes de diferentes torcidas gremistas da década de 1980 fazem parte. O grupo é bastante ativo e, além dos diálogos virtuais, organiza encontros uma ou duas vezes ao ano, aos quais Serginho nunca compareceu: “mas esse ano eu disse que vou e vou montada [risos]” (CUNHA, 2017, p.13). Além dessa, também participa de um grupo menor, apenas de integrantes da Força Azul, cujo nome é “Vovozona”, uma homenagem debochada ao próprio Serginho.

O torcedor se orgulha, também, de ter feito com que três sobrinhos de família colorada tornassem-se gremistas fanáticos. A estratégia para a conversão clubística envolveu a compra

de camisetas e outros adereços do Grêmio e principalmente levá-los aos jogos no Olímpico. Para a sua alegria, um desses sobrinhos, Carlos Miguel, tornou-se jogador de futebol e alcançou seu auge justamente no tricolor gaúcho¹⁰².

Em função do sobrinho, Serginho tinha acesso às dependências do Grêmio e contato direto com os demais jogadores. Afirma ainda, que todos sabiam que era gay e que isso não era motivo de incômodos, como conta:

Eu entrava no vestiário, saía do vestiário normalmente assim, sem problema nenhum. Ainda brincavam, jogavam a toalha por cima, “ah, chegou uma moça, agora não posso...”, brincavam muito comigo, “ah, a tia¹⁰³ do Miguel tá aí” (CUNHA, 2017, p.32).

As narrativas de Serginho, assim como as observações feitas em nossos encontros e conversas¹⁰⁴, permitem perceber sua personalidade bem-humorada e brincalhona. Mais especificamente, suas interações são marcadas pela jocosidade com que trata as expectativas normativas quanto ao gênero masculino: a referência a si com artigo feminino, o uso das roupas de lycra nas aulas de karatê, o uso do macacão colado no retorno da Coligay são alguns exemplos. Na descrição de Miguel sobre o colega de torcida “o Serginho ia [para a Coligay] para tornar a viadagem mais alegre” (Diário de Campo, 22 de junho de 2017).

3.2.5 A torcedora Marcelly

Marcelly nasceu em Mato Leitão, Rio Grande do Sul, em 1951. Ela integra uma família toda de gremistas e, ainda criança, passou a também identificar-se assim. A torcedora lembra, inclusive, que quando tinha em torno de sete anos, ela e sua irmã sugeriram que o irmão que estava por nascer fosse batizado de Airton, em homenagem ao então zagueiro do Grêmio, sugestão essa que foi acatada.

Ao longo da adolescência, desenvolveu seu interesse pelo futebol e pelo Grêmio, tendo apreço por assistir às partidas, ainda que não gostasse de praticar a modalidade.

Na juventude mudou-se para Porto Alegre, onde reside até hoje. Estando na capital, tinha vontade de ir a estádios de futebol, mas resistia pelo receio de possíveis violências contra

¹⁰² Carlos Miguel da Silva Junior profissionalizou-se no Grêmio em 1992, onde ficou até 1997. Depois retornou ao clube, ali jogando nos anos de 2003 e 2004.

¹⁰³ Todos os sobrinhos, entre eles Carlos Miguel, chamam-lhe de “tia”.

¹⁰⁴ Apesar de ter realizado uma única entrevista com Serginho, nos encontramos em um evento no qual ele foi palestrante, conversamos por telefone e trocamos mensagens via celular.

si, em função de sua identidade de gênero. Conforme diz, “eu não ia assim sozinha, assim como travesti” (MALTA, 2015, p.2).

Foi apenas quando ingressou na Coligay que passou a acompanhar o Grêmio no Olímpico. A entrada na torcida se deu por meio do convite da amiga Joanita. Mesmo se tratando de uma torcida gay, Marcelly afirma que não estava de todo segura sobre ir a uma arena futebolística.

Negócio de futebol muitas vezes é a questão da violência, entendeu? Que naquela época já existia, hoje é maior, mas naquela época era muito grande na questão de tua... de tua sexualidade. Os gays não eram vistos com tanto preconceito, mas as travestis eram vistas como marginais, como marginais da sociedade (MALTA, 2015, p.2).

Sua fala evidencia a situação de vulnerabilidade em que viviam as travestis. Mesmo ambientes seguros para homossexuais, ainda poderiam ser arriscados para elas. Exemplificando outras situações de desigualdade no universo LGBT ela cita, por exemplo, que havia boates gays em que travestis eram proibidas de entrar ou outras que cobravam entradas mais altas para esse público.

Apesar dos temores, Marcelly foi surpreendida positivamente. Ela conta que a torcida tinha uma boa relação com outrxs torcedorxs e torcidas organizadas, e até mesmo com os jogadores do Grêmio. Além disso, no Olímpico nunca passou por alguma situação discriminatória.

Nunca senti. Em relação ao preconceito, não. Eles mexiam, “ai, gostosa”, aquela coisa toda. Mas de ter... A gente circulava por tudo lá, entendeu? Circulava por tudo que é lugar sem problema nenhum. De sofrer agressões, de sofrer dentro do estádio do Grêmio, nunca senti isso! Preconceito, discriminação... Se tinha preconceito, não sei, nunca deixaram a gente perceber isso. Eu acho que era mais... Era bem liberal dentro do estádio do Grêmio, era bem tranquilo, sem problema nenhum (MALTA, 2015, p.10).

A torcedora afirma que possui lembranças extremamente boas dos momentos junto à torcida e sempre enfatiza que a Coligay era uma **festa**. O uso que ela faz desse termo parece remeter tanto à animação que havia naquele ambiente, quanto à sociabilidade que ele proporcionava. Ela menciona, por exemplo, que “a gente ia porque era um fervo” (MALTA, 2015, p.10) e “a gente ia mais por causa dos amigos que a gente encontrava, as pessoas que a gente encontrava nessa torcida” (MALTA, 2015, p.8).

Ela destaca também o fato da Coligay ser uma torcida grande e organizada, e que lhe dava orgulho fazer parte de um espetáculo tão bonito quanto aquele produzido durante as partidas, como narra:

Cada jogo que tinha no estádio do Grêmio, tu ia, era aquela festa muito grande. O que apavorava era quando era Gre-Nal, daí a gente se apavorava. Era **muita** gente, enchia, soltavam balões, foguetes, aquela coisa toda, aquela fumaceira. A gente se emocionava, era uma emoção muito grande estar no meio dessa torcida. Isso foi umas das coisas mais importantes. E da gente ter aqueles elogios, da sociedade saber que a gente fazia parte. Elas citavam no microfone “Ah, hoje presente a torcida Coligay”, aquela coisa toda. Era muito bom nesse sentido. (MALTA, 2015, p.4, ênfase da entrevistada).

A fala demonstra, ainda, a importância dada pela gremista ao reconhecimento e valorização da sociedade à torcida. Tal fato é reiterado em outros momentos, como quando diz que “o mais gostoso dessa torcida, pra mim, foi tu conhecer pessoas, as pessoas vêm falar contigo, te elogiar, te parabenizar, aquela coisa toda” (MALTA, 2015, p.14). Quando afirma isso na entrevista, ela ilustra tal sentimento narrando um episódio no qual um ex-jogador do Grêmio, cerca de vinte anos após o fim da Coligay, lhe abordou em Belo Horizonte, lembrando de seu nome e de sua participação na torcida.

Marcelly conta que acabou se afastando da Coligay pela dificuldade de conciliar a participação na torcida com o trabalho que exercia na época, como profissional do sexo. Ela conta que saía a noite para trabalhar, em seguida ia para a boate e, de manhã, já seguia junto com a torcida para o estádio. Com o tempo, as seguidas noites sem dormir foram se tornando mais cansativas, ela foi reduzindo a frequência com que ia aos jogos, até que parou de ir em definitivo.

Ela ainda se mantinha informada sobre o grupo por meio de Joanita, que costumava lhe contar como tinham sido as partidas. Ela cita que, dessa forma, soube que a Coligay, com o tempo, foi se desfazendo.

Eu não me lembro porquê e qual que foi o motivo. Não foi a direção, foi o pessoal que cada um foi pra um lado, eu acho que essa parte até mais quem poderia falar é o Volmar. Não sei o que ele falou sobre isso, porque que ela foi desfeita... Eu não me lembro. Porque a gente tinha tanta coisa, entendeu? Era... Como é que se diz? Boates pra ir, festas e tudo, então jogo, isso ficou pra... (MALTA, 2015, p.5)

Sua fala reforça que a participação na Coligay representava, para ela, uma de várias opções de lazer, indicando que seu interesse pelo futebol e por torcer pelo Grêmio não era tão intenso a ponto de semanalmente priorizar essa diversão. Sua relação com o clube também pode ser ilustrada na fala em que ela compara seu pertencimento com o de Joanita:

[...] ela era **doente** pelo Grêmio, nossa, ela era muito doente. Eu era, assim, uma torcedora, mas não era de chorar, de gritar, espernear. Isso nunca fui, pra

nenhum time. Acho que não vale nem a pena. Mas eu me lembro dela, que ela era assim muito. Ela brigava por causa do Grêmio, ela chorava desesperadamente quando o Grêmio perdia. Eu não, ficava naquela, na minha (MALTA, 2015, p.11, ênfase da entrevistada).

Marcelly descreve Joanita como uma típica torcedora fanática, alguém cujo humor está intimamente relacionado à situação que vive seu clube e cujas demonstrações de emoção diante do que ocorre com ele são intensas. Suas manifestações, por sua vez, demonstram indiferença e racionalidade: agir daquele modo “não vale[ria] a pena”.

Tendo um vínculo clubístico aparentemente frágil, alguns anos após sua participação na Coligay, Marcelly passou a frequentar um bar ao lado do Ginásio Gigantinho, propriedade do Internacional, o que a motivou a trocar de clube, passando a torcer pelo Inter. De forma simples e objetiva, ela explica a mudança: “tinha um bar vermelho e branco onde **todas** as travestis iam e eu me senti mais acolhida no Internacional” (MALTA, 2015, p.3).

Sua participação na Coligay parece, assim, estar norteada centralmente pelo convívio entre LGBTs em um contexto de diversão. O vínculo com o clube, ainda que presente, parece secundário. Outro indício dessa percepção é a comparação que Marcelly faz entre manifestação de uma torcida organizada com as paradas de orgulho LGBT: “Eu acho que era uma grande festa. Eu acredito que seja uma coisa, assim, parecida como quando a gente se prepara pra parada livre” (MALTA, 2015, p.4).

Após o período na Coligay, foram poucas as oportunidades em que Marcelly voltou a frequentar estádios de futebol. Apesar de manifestar sua vontade, o já citado receio de agressões é repetidamente mencionado como motivo de seu afastamento dos campos, como quando relatou sobre um tempo em que residiu na Itália:

Seleção brasileira eu gosto. Inclusive na Copa de 1990, eu fui pra Roma. Assisti um jogo, porque como o ingresso era caro... E eu gostei muito. Assisti um jogo no estádio em Roma. Porque eu gosto de futebol. Aí de lá eu já peguei e fiquei dois anos. Mas, assim, de acompanhar na Itália, jogos, só pela TV. No estádio eu não ia porque, assim, a questão também... Tu não conhece o outro país, tu não conhece como que são as pessoas, como que são as torcidas organizadas, como eles vão te acolher. Eu acredito que seria bem, mas lá eu nunca fui, só um jogo que eu fui (MALTA, 2015, p.6).

O temor também a impediu de conhecer o estádio de seu clube atual, o Internacional. Apesar de não ir mais à campo regularmente, ela continua gostando de futebol e assiste jogos com frequência, dando preferência às partidas da equipe colorada e da seleção brasileira.

Ainda na década de 1980, Marcelly começou a atuar junto à população de travestis e transexuais em ações de prevenção à epidemia de aids. Na época ela era funcionária da

Secretaria de Saúde de Porto Alegre e foi convidada para atuar no recém-criado Grupo de Apoio à Prevenção da aids (GAPA), especificamente com esse público. Na década de 1990, passou a ser uma militante em prol dos direitos da população de travestis e participou da fundação da Igualdade - Associação de Travestis e Transexuais do Estado do Rio Grande do Sul, da qual, atualmente, é presidenta.

Por meio de sua atuação como militante, Marcelly teve, em 2012, a oportunidade de retornar, depois de muito tempo, a um estádio. Na 10ª edição do Jogo Contra a Pobreza, uma partida de futebol beneficente promovida pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), ela foi uma das convidadas oficiais, por estar ocupando o cargo de presidenta do Conselho Municipal de Direitos Humanos de Porto Alegre. Keila Simpson, também travesti e presidenta nacional do Conselho, também compareceu à ação. O evento ocorreu na Arena do Grêmio e contava com a presença de vários ex-jogadores da seleção brasileira, entre os quais ela cita Zico, Bebeto e Roberto Carlos. Quando retrata o episódio, Marcelly destaca o orgulho de ter sido “convidada como celebridade”, assim como a satisfação pelo fato de um evento de futebol ter entre xs convidadxs duas travestis (MALTA, 2015, p.2).

3.2.6 Articulando histórias

Apresentadxs alguns dxs torcedorxs que compuseram a Coligay, dedico-me a articular seus relatos, analisando similaridades e particularidades, mas principalmente discutindo os sentidos dados ao seu gremismo e à participação em TOs e, mais especificamente, na Coligay. Desse modo, atendo-me aqui não às características e feitos coletivos da mencionada torcida, mas às vivências individuais de seus integrantes no universo do futebol e em sua relação com o Grêmio, ainda que com destaque à experiência tida dentro dessa torcida em específico. Nesse exercício, permito-me não me restringir às trajetórias das cinco pessoas entrevistadas, buscando explorar também percepções e lembranças acerca de seus/suas colegas de arquibancada.

Inicio essa reflexão buscando compreender como foi gestado o vínculo dessas pessoas com o Grêmio. Trabalhos acadêmicos indicam que a definição das pessoas de um clube para o qual torcer ocorre sobretudo na infância e motivados por influência familiar (DAMO, 1998; SILVA, 2001). Em pesquisa realizada com porto-alegrenses em 1997, citada por Damo (1998), foram apontadas como principais razões para a escolha do time de futebol de preferência, a família (32,50%), o pai (29,54%), os amigos (10,93%), as cores do time (8,12%) e a fase do

time (5,32%)¹⁰⁵. Apesar dos dados destacarem pessoas – família, pai e amigos – como os maiores responsáveis pela escolha de um clube por outrem, essa mesma pesquisa identifica que a maior parte dos gremistas entrevistados (51,7%) estava na faixa etária entre 15 e 25 anos, enquanto o maior percentual de colorados (58,08%) possuía entre 25 e 40 anos, mostrando que tais torcedores viveram suas infâncias, idade em que a maioria das pessoas define suas preferências clubísticas¹⁰⁶, nas fases de grande sucesso esportivo desses clubes¹⁰⁷. Assim, se a maioria dxs participantes mencionam outros fatores como determinantes de sua escolha, os dados indicam que a performance do clube é também um fator de influência. Conforme explica Damo (1998, p.82):

Quando a “fase do time” é “boa”, a rede de sociabilidade que vai determinar a escolha encontra-se mobilizada, indo mais vezes ao estádio, consumindo mais mercadorias e inventando as “flautas” mais intempestivas. Em outras palavras, a efervescência da “militância” gremista ou colorada depende dos resultados e acaba, indiretamente, vinculando a performance da equipe à escolha do “clube do coração”.

O nascimento dxs integrantes da Coligay que entrevistei ocorreu entre 1948 e 1957 e, segundo contam, a maioria dos demais integrantes tinha idade aproximada a delxs. Tendo em vista que o Grêmio foi campeão gaúcho em doze das treze competições estaduais ocorridas de 1956 a 1968, possivelmente muitos membros da Coligay, ao longo de sua infância, contavam com uma rede de sociabilidade mobilizada que contribuiu para sua definição como gremista.

Cabe apontar, também, que nenhum delxs manifestou que questões referentes a seu gênero e/ou sexualidade tenham interferido na construção de seu apreço pelo futebol, nem pelo Grêmio. Isso, pois, apesar do esporte, de forma geral, impor muitas barreiras à participação de LGBTs, de diferentes modos os sujeitos são capazes de negociar sua ocupação desses espaços, eventualmente obtendo sucesso (WELLARD, 2006). Cabe ressaltar, também, que isso não significa que o envolvimento e suas vivências relacionadas ao esporte e ao clube ocorram à margem de suas sexualidades, dada a própria participação em uma “torcida gay”, assim como pelas performances torcedoras ali desenvolvidas, as quais são reconhecidamente caracterizadas por uma estética relacionada à homossexualidade.

¹⁰⁵ Completam os resultados: outros (8,86%) e não sabe (4,73%).

¹⁰⁶ A própria pesquisa apresenta dados que reiteram tal crença. Nela, 43,36% dxs entrevistadxs afirmam terem escolhido seu “clube do coração” entre 0 e 5 anos, 26,70% entre 6 e 10 anos, 11,8% entre 11 e 15 anos, 11,21% entre 16 e 20 anos e 6,93% não lembra.

¹⁰⁷ Refiro-me à década de 1970 no caso do Internacional, quando foi octacampeão gaúcho e tricampeão brasileiro, e às décadas de 1980 e 1990 para o Grêmio, quando conquistou dois Campeonatos Brasileiros, duas Libertadores da América e um Mundial Interclubes.

Apesar do traço comum que torcedorxs de um mesmo clube compartilham¹⁰⁸, são muitos os modos de torcer e de reconhecer-se torcedorx, orientados por diferentes vínculos e sentimentos perante o clube, expectativas, interesses, personalidades. Conforme afirma Nunes (2011, p.4), a condição de torcedorx, no limite, “poderá ir do êxtase até à indiferença perante o fado do clube”. Silva (2001) acrescenta que:

não existe homogeneidade no torcer, visto que o sofrer, o comemorar, a alegria ou a tristeza são construídos de forma diferente em cada/por cada sujeito torcedor e, portanto, geram sentidos diversos em cada um. No torcer, como na vida, porque torcer é também uma dimensão da vida, constroem-se caminhos diferentes de identidade (p.37).

Além dessa heterogeneidade identificada entre xs torcedorxs, também umx mesmx torcedorx, em diferentes momentos, pode ter variações em seus sentimentos pelo clube e na forma de manifestá-los.

Somos mais fanáticos numa determinada época das nossas vidas, amortecemos a paixão em alguns momentos para voltarmos a nos apaixonar em outros, inventamos novas rivalidades, reavivamos e reivindicamos a emoção torcedora na chegada de um filho, escutamos, de torcedores nos estádios, geralmente após derrotas humilhantes ante archi-inimigos, que não voltarão mais a torcer, para tudo recomeçar novamente num outro instante, enfim, infinitas situações põem à prova a vontade torcedora, contorcendo a identidade (clubística, nacional) a todo instante (TOLEDO, 2010, p.183).

Em consonância, identifiquei entre xs integrantes da Coligay diferentes vínculos com o Grêmio, assim como distintos modos de manifestar sua pertença e sentimentos, e de expressar-se durante as partidas, além de mudanças nesses aspectos com o passar do tempo.

Meus dados indicam que poucxs daquelxs que vieram a ser integrantes da torcida eram, já a priori, frequentadores de estádios de futebol (MALTA, 2015; SANTOS 2015; Diário de campo, 31 de agosto de 2016). Ainda que alguns deles tenham sido descritos por si e/ou por outrxs entrevistadxs como torcedores fiéis e apaixonados, além de frequentadores regulares dos estádios em que o Grêmio jogava, eles mesmos reconhecem ser uma exceção no momento de criação da torcida. A maioria dos demais, eles contam, tiveram que ser convencidos de que o torcer *in loco* seria uma opção de lazer divertida.

Quanto ao envolvimento com o futebol e com o Grêmio, há uma divergência entre os posicionamentos de Volmar Santos e Miguel Ribeiro. Para Miguel, quem não gostava de futebol saía da boate e ia para casa dormir, defendendo que aqueles que se juntaram à torcida

¹⁰⁸ Parto do pressuposto que ao torcer para um clube, assumimos também uma dada identidade, aspecto que desenvolverei no próximo subcapítulo.

já tinham algum apreço pelo futebol e pelo Grêmio (Diário de campo, 31 de agosto de 2016). Já Volmar, afirma que a maioria nem gostava de futebol, justificando pela máxima do senso comum de que “o público gay também não gosta muito de futebol, não entende muito de futebol” (SANTOS, 2015a, p.7). Todavia, ele declara que, se a princípio a motivação era a festa e o encontro com os amigos, aos poucos desenvolveram o interesse pelo Grêmio:

Eles se apaixonaram pelo Grêmio, acabaram se apaixonando pelo Grêmio, não entendiam nada de futebol, depois eles sabiam a escalação e até dos reservas. O tempo fez com que o pessoal acreditasse, acho que isso foi um bem, também, que foi feito para o Grêmio, porque muita gente que não torcia para time nenhum de futebol, começou a torcer para o Grêmio justamente por isso (SANTOS, 2015a, p.27).

Sua afirmação é exemplificada no relato de uma integrante chamada Ariane, citado na obra de Léo Gerchamnn (2014, p.80): “Eu não ligava muito para futebol, era gremista sem convicção, mas me tornei gremista de coração, não tinha como ser diferente. [...] Ainda acompanho o Grêmio pela TV. Virou uma mania”.

Em contraposição à Volmar, Miguel defende que os integrantes já possuíam algum gosto pelo futebol, mas reconhece que não foi apenas esse interesse que os levou a integrar a Coligay, tendo havido um processo de convencimento que foi facilitado em função dos outros atrativos que a experiência do jogo naquele grupo possuía, para além da partida em si. Estar em meio à Coligay era uma oportunidade de sociabilidade entre LGBTs, e uma na qual havia um ambiente de muita animação e alegria; além disso eles bebiam cerveja e faziam churrasco antes das partidas, muitas vezes financiados pela torcida (Diário de campo, 31 de agosto de 2016).

A narrativa de Marcelly Malta reforça a impressão de Miguel. Mais de uma vez ela afirma que a torcida “era uma grande festa” (MALTA, 2015). Ela fala, ainda, que era gremista e gostava de futebol, mas que a principal motivação para comparecer às partidas eram os amigos que ali encontrava. Ela diz, também, que tentou levar para a Coligay amigas que eram também travestis, mas não eram torcedoras.

Outras eu tentei levar também, outras travestis, mas elas não queriam. Falavam “É perda de tempo estar torcendo, não vai ganhar nada”, aquela coisa toda “Ah, mas é uma festa. É uma coisa boa!”, eu dizia. Porque não tinha muita opção naquela época, né? Onde que a gente vai domingo? Não tinha muita opção, principalmente pra nós. Então a questão da Coligay acho que era uma coisa, assim, mais pra pessoas que não tinham alguma outra atividade no domingo (MALTA, 2015, p.5).

A referência à carência de opções de lazer “pra nós” como argumento para convencer as amigas a integrar da torcida gremista, reforça seu entendimento de que a Coligay

representava, para ela, sobretudo, uma atividade de diversão para as travestis ou, mais amplamente, para o público LGBT.

Complementando essa perspectiva, Serginho afirma que a Coligay era um espaço em que se sentia protegido, podendo fazer amizades e manifestar-se de forma mais livre: “queria participar pra me expandir, pra eu conhecer pessoas, enfim, pra eu ser o que eu sou hoje” (CUNHA, 2017, p.4). Apesar disso, ele enfatiza a prioridade do grupo: “a gente ia pra torcer pro Grêmio em primeiro lugar, mas aproveitávamos antes do jogo, nos intervalos, depois do jogo, pra fazer uma festa e tudo virava festa mesmo” (CUNHA, 2017, p.8).

De forma similar, Miguel sintetiza que ia ao estádio com a Coligay para se divertir e para torcer para o Grêmio, igualmente esclarecendo que em primeiro lugar ia para torcer para o clube, apenas em segundo para se divertir (Diário de Campo, 31 de agosto de 2016). Remetendo ao grupo como um todo, disse também que não podiam ir para o jogo para namorar, que a obrigação era torcer para o Grêmio.

Cabe destacar que, também em outras TOs, a participação não está orientada nem se manifesta exclusivamente na prática de torcer e em atividades propriamente voltadas ao clube e à torcida, havendo contextos de diversão e sociabilidade que transbordam o universo do futebol. Um exemplo disso é o fato de algumas torcidas organizadas paulistanas representarem-se também em escolas de samba ou blocos carnavalescos¹⁰⁹, ampliando o exercício da relação com o clube e com a torcida para o tempo-espaço do Carnaval. Tratando dessa presença, Toledo (1996) relata que:

Alguns dizem que sair no bloco é mais pra fazer folia e zoar no carnaval. Para outros, porém, a participação das Torcidas Organizadas nesses desfiles compõe um projeto coletivo de inserção em um domínio popular que é legitimado e que só faz a torcida crescer, pois atrai outro tipo de sócio, para além da molecada, e até mesmo patrocinadores (p.96).

Ambos os argumentos identificados pelo autor reiteram a ideia de que o envolvimento com a torcida pode relacionar-se com interesses outros que não o vínculo clubístico.

¹⁰⁹ Em 2017, oito dessas agremiações desfilaram em São Paulo: Gaviões da Fiel (Corinthians), Mancha Verde (Palmeiras), Dragões da Real (São Paulo), Torcida Independente (São Paulo), Camisa 12 (Corinthians), TUP – Torcida Uniformizada do Palmeiras (Palmeiras), Pavilhão Nove (Corinthians) e Torcida Jovem (Santos). Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/oito-torcidas-organizadas-desfilam-em-sao-paulo-no-carnaval-2017-10022017>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

Bueno (2015), ao estudar o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel, verificou que mesmo entre aqueles que atuam na escola de samba, há uma hierarquia de afetos no a primeira posição é do Corinthians, seguido da torcida e, por último, o carnaval. Um de seus interlocutores repetidamente afirma, inclusive, que a Gaviões seria uma escola de samba entre aspas. Enfatizo que os blocos carnavalescos das demais torcidas organizadas não necessariamente seguem a mesma lógica.

Além disso, são também diversos os exemplos de torcidas que se constituem a partir de uma característica em comum de seus integrantes, além do clube que apoiam. Isso pode ser observado tanto em grupos criadas nas últimas décadas, como o Núcleo de Mulheres Gremistas¹¹⁰, a Galo Metal¹¹¹ ou a Motozeiros¹¹², por exemplo, como também no contexto de emergência das TOs, quando a criação das Torcidas Jovens foi acompanhada do surgimento de torcidas mirins, de mulheres, de moradores de um bairro etc (HOLLANDA, 2009).

Apesar da reunião de um determinado perfil de torcedores não ser uma exclusividade da Coligay, o fato de reunir homossexuais e travestis representava para aquele grupo, mais do que torcer entre pares.

Se a intenção de Volmar em fundar a torcida não estava pautada na oferta de um espaço de sociabilidade para LGBTs, como seus relatos deixam claro, as narrativas dxs demais entrevistadxs evidenciam que a existência da torcida envolveu a construção de um raro espaço de liberdade, assim como de diversão em um contexto de afirmação e celebração de suas identidades sexuais e de gênero. Tais elementos não podem ser desconsiderados como fatores relevantes para atrair novxs integrantes, sejam elxs de antemão amantes do futebol, gremistas, torcedorxs organizadxs, ou não, o que não significa que a relação com o Grêmio era algo de menor importância. A entrada de colorados, por exemplo, não era permitida (SANTOS, 2015a; FONSECA, 1977; GERCHMANN, 2014; BRITO, 2006) e, se por um lado, a condição prévia de gremista não era exigida, a manifestação de apoio ao clube durante as partidas o era, além do fato de que a convivência na torcida acabou por produzir em muitos dxs integrantes o vínculo de amor e pertencimento pelo Grêmio, como já foi relatado.

A experiência de Marcelly parece útil para discutir a legitimidade do gremismo da Coligay e seus integrantes, assim como de seu questionamento, em face ao seu interesse assumido pelo elemento “festa”. Como descrito no item a ela dedicado, Marcelly é de uma família gremista e passou também a reconhecer-se como torcedora do Grêmio ainda enquanto criança. Ela, contudo, passa a frequentar “um bar vermelho e branco onde **todas** as travestis iam” que era ao lado do Ginásio Gigantinho, do Internacional (MALTA, p.3. Ênfase da entrevistada), onde se sentia acolhida, o que fez com que se tornasse colorada. Ao trocar de

¹¹⁰ Grupo que reúne mulheres Gremistas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/N%C3%BAcleo-de-Mulheres-Gremistas-548717785160233/>>. Acesso em 10 jun. 2018.

¹¹¹ Grupo que reúne atleticanos interessados em rock’n roll. Disponível em: <<https://www.facebook.com/GaloMetal/>>. Acesso em 10 jun. 2018.

¹¹² Grupo que reúne cruzeirenses que são também motociclistas. Disponível em: <<https://www.facebook.com/motozeiros.torcidaemotoclube>>. Acesso em 10 jun. 2018.

clube, sobretudo já em idade adulta, ela, então, rompe com um princípio basilar e estruturante do clubismo, a fidelidade.

Trocar de clube é algo amplamente malvisto entre torcedorxs de futebol, sendo interpretado como uma traição, uma falha moral. Sobre isso, Damo (1998, p.83) discorre:

Se “virar a casaca”, como é popularmente designada a mudança de clube, é desaconselhável, tanto mais grave é o fato de trocar o Grêmio pelo Inter, ou vice-versa. Como se aprende com o pertencimento clubístico, é preferível ser sofredor a ser infiel. De mais a mais, gremistas e colorados sabem que estão “brincando” de “montanha-russa”, como se refere Luis Fernando Veríssimo [...]. Ou seja, pouco adianta mudar de clube se de um momento para outro poderá haver uma total inversão das performances. Mudar outra vez? E quantas serão necessárias? Como justificá-las sem arranhar a credibilidade e a honradez?

A citação anterior parece pressupor que o único motivo que levaria um torcedor a “virar a casaca” seria a má fase de sua equipe. O caso de Marcelly evidencia que não. Mesmo em uma fase de grandes vitórias do Grêmio, ela opta por passar a torcer pelo seu rival, diante da receptividade que tinha num ambiente colorado, junto a um grupo de travestis. Se, entre torcedorxs, é improvável que qualquer argumento seja entendido como aceitável para a mudança de pertencimento, sobretudo entre clubes rivais, os motivos dessa troca, ao menos para o exercício dessa pesquisa, merecem ser considerados. A aproximação de Marcelly com o Grêmio, via Coligay, e com o Inter, através do “bar vermelho e branco”, indica que suas escolhas clubísticas passam menos pelo crivo da fidelidade e mais (ou, ao menos, também) pela receptividade no ambiente futebolístico dada sua identidade de travesti.

É necessário ter em vista que o futebol é uma modalidade em que parâmetros cisheterossexistas, já presentes em toda a sociedade, são ainda mais reiterados e valorizados. No Brasil, esse esporte é um símbolo da masculinidade normativa, motivo pelo qual o apreço de uma travesti por essa modalidade é tido no senso comum como improvável. A improbabilidade, todavia, costuma ser interpretada como uma rejeição das travestis ao que esse esporte representa. Sem negar esse motivo, é preciso também considerar que esse hipotético desinteresse também se relaciona com a invisibilidade e, mesmo, a repulsa manifesta no universo futebolístico aos corpos que escapam aos parâmetros normativos ali valorizados¹¹³.

¹¹³ A pesquisadora Bárbara Gonçalves Mendes me relatou em diálogo pessoal que, durante sua participação na pesquisa “Direitos e Violência na Experiência de Travestis e Transexuais na cidade de Belo Horizonte: Construção de um perfil social em diálogo com a sociedade”, notou que o futebol era recorrentemente utilizado como instrumento para posicionar os corpos de travestis e transexuais junto ao universo da masculinidade, ilustradas em falas direcionadas à elas como a registrada “João, hoje tem pelada?”. Tais evidências não chegaram a ser publicadas. Bárbara mencionou, também, ter tomado conhecimento de duas travestis apaixonadas por futebol e por seus clubes, que tinham muita vontade de frequentar os jogos no estádio, e que não o faziam por receio de violências, preocupação similar à descrita por Marcelly.

A experiência de Marcelly mostra que se, por um lado, ela desenvolveu gosto pelo futebol, por outro, ela mantém-se constantemente temerosa quanto a como seria tratada por outrxs torcedorxs. Sua afirmação de que, com exceção do período da Coligay, não frequentou nem frequenta estádios pelo medo da violência, reitera que a relação que construiu com o futebol foi acompanhada desse permanente sentimento de receio. Isso se evidencia quando ela responde sobre quais seriam os jogos que lhe traziam lembranças especiais:

Acho que o Gre-Nal, que sempre foi uma das coisas que a gente... Era um dos momentos mais esperados sempre. A questão da torcida, aquela organização, que a gente se preparava. Acho que sempre foi a melhor coisa que tem. Mas eu fui em poucos Gre-Nais. Assim, o que sempre me apavorou foi muita gente, sempre me apavorou muito, entendeu? Não gosto muito, até hoje eu sou assim, meio... Tenho fobia... Porque na época existia muito, na rua, muitas manifestações de rua, nos anos 1980, e eu apanhei muito da polícia. Aquela coisa de que a primeira pessoa que batiam era em negro, pobre e travesti. Então eu sempre tive um receio muito grande, vamos supor, se tivesse muito tumulto num lugar desse e não tivesse lugar pra sair. Essa era uma coisa que eu tinha muito receio, mas em outros jogos eu ia bem tranquila porque não ia tanta gente, ia metade do estádio, que enchia só, mas quando era Gre-Nal eu me sentia um pouco acuada (MALTA, 2015, p.13).

Ao mesmo tempo que os Gre-Nais são identificados como as partidas que lhe trazem memórias positivas, sendo caracterizados como “a melhor coisa que tem”, são também situações nas quais se sentia especialmente em risco, o que a levou, inclusive, a optar em muitas ocasiões por evitá-los. Ela volta, também, a ressaltar como seu medo associa-se a sua condição de vulnerabilidade enquanto travesti.

A Coligay apresenta-se, assim, como um espaço de acolhimento e segurança para aquelxs torcedorxs cuja identidades e/ou performances sexuais e de gênero, de antemão, lhes coloca em condição de rejeição e risco. Destaco que, apesar de principalmente a experiência de Marcelly realçar essa característica, ela está presente, de algum modo, na trajetória de todxs elxs. Ainda que alguns/algumas poucxs já frequentassem estádios ou mesmo torcidas organizadas, é inegável que a Coligay proporciona um novo tipo de sociabilidade torcedora (SOUSA; CAMARGO, 2015).

Soma-se a isso, o orgulho demonstrado pelxs integrantes de receberem retornos positivos pela sua participação na torcida, serem reconhecidos, aplaudidos, elogiados, como demonstram algumas falas:

eu chegava na televisão para dar entrevista, quando eu ia nas entrevistas das rádios, [...] “agora nós vamos receber aqui o Careca da Máquina, o Careca da Força Azul, o Careca da Coligay” e eu me sentia orgulhoso daquilo, porque

eu acho que não tinha nada de homofobia, não tinha nada de preconceito (RODRIGUES, 2017, p.9)

A reiteração de que não eram alvo de preconceito ou discriminação no ambiente futebolístico é outro consenso entre as pessoas que entrevistei. Isso é mencionado tanto nas falas dxs próprixs integrantes da Coligay, como dos membros das outras TOs, como a de André (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.15): “preconceito sempre teve, sempre vai ter, mas as pessoas no estádio eu lembro muito bem disso, ninguém falava nada, ninguém, ninguém recriminava assim de forma pública, aberta, ninguém incitava violência contra eles, com eles, nunca vi nada”. Chama atenção o fato da existência de preconceito ser negada pelos ex-componentes da Coligay, mas ao mesmo tempo, de mencionarem situações em que não se sentiam seguros no ambiente futebolístico e o fato de tomarem certas precauções.

Em muitos casos, a torcida serviu também como uma porta de entrada para o universo das TOs. A proximidade entre os integrantes das diferentes TOs gremistas gerou relações de convívio e amizade que permitiram que, uma vez extinta a Coligay, alguns/algumas seus/suas ex-integrantes viessem a ingressar em outros agrupamentos de torcedores gremistas.

No que tange à experiência de diversão proporcionada pelo grupo, é interessante pontuar que ela se mostra atrativa tanto a torcedorxs como Marcelly, cujo vínculo clubístico pode ser caracterizado como frágil, como a torcedores apaixonados, casos de Volmar, Miguel, Careca, Serginho, entre outrxs. Em alguma medida, a Coligay abarcava diferentes manifestações de pertencimento clubístico e diferentes formas de apropriação da própria torcida.

Quanto àqueles gremistas mais apaixonados, torcedorxs que conviveram com alguns/algumas delxs em outras TOs enfatizam a intensidade desse sentimento que nutriam pelo Grêmio. André Carmo dos Santos, que fez parte da Força Azul e diz ter convivido com vários deles, entre os quais cita Miguel, Serginho, Miltinho e Luizinho, afirma que:

Como torcedores eles eram **extremamente** gremistas, **extremamente** gremistas. Não tinha essa coisa de “ah, porque esse cara é gay, porque é cabelereiro, é um cara que se identifica menos, que se preocupa menos”... Eles eram extremante preocupados com as coisas da torcida. Tinham um zelo pela sala da Força Azul, pelos materiais, se entregavam na hora de ir para as gráficas, comprar camiseta, para a serigrafia escolher malha das camisetas, por organizar as festas da torcida (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.7, ênfase do entrevistado).

Na fala de André, destaca-se, ainda, a dedicação que empenhavam nas tarefas referentes à torcida, as quais nem sempre são atividades propriamente divertidas, demonstrando um envolvimento para além do interesse imediato da fruição junto àquele grupo. A própria participação de antigos membros da Coligay em outras TOs, fato lembrado por todos os

torcedores organizados que entrevistei, também é sinal do interesse desses não apenas pelo futebol e pelo Grêmio, mas também pelo tipo de experiência que se obtém como torcedorx organizadx.

Em síntese, aponto que a Coligay se apresentava como uma oportunidade de lazer relacionada tanto como tempo-espço de manifestação de pertencimento clubístico, quanto de sociabilidade LGBT. Como busquei evidenciar, essas motivações não se excluem. Em que pese as variações na influência de um ou outro interesse, a festa e o Grêmio apenas raramente não se sobrepunham como razões para a participação no grupo.

Ponto que alguns/algumas de meus/minhas colaboradorxs também mencionaram a presença de homossexuais que integraram outras TOs sem ter participado anteriormente da Coligay. Um deles, inclusive, presidiu durante alguns anos sua torcida. Esse e outros dois foram citados nominalmente, sendo todos homossexuais assumidos, indicando que o motivo pelo qual integraram outra torcida não se relaciona com a impossibilidade de pertencer à Coligay por desejar manter-se “no armário”, tratando-se de uma escolha.

Por fim, é fundamental destacar como as narrativas acerca da participação de ex-integrantes da Coligay em diferentes TOs e de homossexuais que atuaram apenas nessas outras torcidas gremistas indicam que o protagonismo desses sujeitos que não se limitou à torcida gay gremista. Tendo isso em vista, destaco como histórias de e sobre sujeitos LGBTs que circularam (e circulam) nos ambientes futebolísticos podem trazer novas contribuições para a compreensão da complexidade da identidade torcedora e do contexto social do futebol, indo além do simples pressuposto da rejeição, invisibilidade ou ausência desses sujeitos nas arquibancadas, contribuindo com trabalhos que já vêm buscando relativizar o estereótipo de lideranças torcedoras, marcadas pela masculinidade cisheteronormativa¹¹⁴ e pela violência (HOLLANDA, 2010).

Tendo isso em vista, no próximo item, dedico-me a tratar do movimento de constituição e transformação das torcidas organizadas, em especial das do Grêmio, situando a Coligay e seus/suas integrantes nesse processo.

¹¹⁴ Por vezes faço uso do conceito de **cisheteronormatividade**, a fim de dar ênfase ao fato de que não apenas a matriz heterossexual impõe-se como organizadora das designações compulsórias e experiências das identidades de gênero, mas também a matriz cisgênera, conforme sugerem Mattos e Cidade (2016).

3.3 AS TORCIDAS ORGANIZADAS DO GRÊMIO: O CENÁRIO FUTEBOLÍSTICO EM QUE A COLIGAY EMERGE E SE TRANSFORMA

As torcidas organizadas (TOs) são um dos temas que mais atraem a atenção de pesquisadores que se debruçam o futebol como fenômeno social. Essa curiosidade acadêmica foi impulsionada, sobretudo, quando, ao longo da década de 1990, se tornaram comuns os tantos episódios de violência as envolvendo, levando à busca de justificativas e de propostas de como resolver a problemática (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010). Todavia, as torcidas, assim como os torcedorxs e o torcer, demonstraram também ser campos relevantes para inúmeras discussões que não a da violência.

As TOs se constituem como formas de organização e manifestação coletiva de apoio a uma agremiação, mas também como espaços de sociabilidade, que ampliam as vivências de doação e proximidade com o clube e com outros torcedores para além dos jogos. O relato de André Luiz Carmo dos Santos, ex-integrante da Força Azul, sobre o cotidiano das torcidas desse clube, expressa isso:

Todos os sábados, as pessoas passavam a tarde no [estádio] Olímpico, arrumando instrumento, arrumando bandeira, tinha churrasco, tinha almoço, tinha janta, tinha café e torneios de futebol das torcidas. Então era um ambiente em que tu conhecia todo mundo, era uma função, era um evento ser de torcida. Isso que eu acho que era o diferencial, porque no final das contas tu indo no jogo como sócio ou como torcedor comum, tu faz a mesma coisa, tu torce, tu vibra, mas o antes e o depois dos jogos, tu fazer parte da associação de uma torcida torna isso diferente (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.3-4).

As TOs também são as protagonistas do espetáculo das arquibancadas. São elas que criam, iniciam e/ou coordenam a maioria dos gritos e cânticos proferidos ao longo dos jogos, produzem e expõem a maior parte das faixas e bandeiras, distribuem balões, papel picado, talco, apitos, entre outros materiais. Essa responsabilidade na realização de tais atividades é apontada por Pancho, ex-integrante da Garra Tricolor, como o diferencial entre um torcedor organizado e um torcedor comum:

O diferente era isso, era uma coisa, assim, que eu era mais focado pra torcida do que pro próprio jogo, porque muitas vezes eu não via o jogo. Eu ficava na função de tocar um bumbo, de balançar uma bandeira, de brigar ali “cara levanta, está dois a zero, mas nós vamos virar”, sabe? Então é uma coisa bem diferente (RIVAS, 2015, p.3).

Para Pancho, ainda, era necessário que a torcida conquistasse os demais torcedores, a fim de que todo o estádio contribuísse nas manifestações de apoio ao time, tarefa que relata ser exaustiva diante do perfil desanimado da torcida gremista:

Eu chegava em casa roco, cansado, então era uma função, assim, era um trabalho, era um trabalho. Eu tinha um trabalho. O que que era o meu trabalho? Motivar os outros torcedores, que era uma coisa difícil porque a torcida do Grêmio era difícil (RIVAS, 2015, p.11).

Reconhecendo a emergência das TOs, assim como suas mudanças, como fenômenos históricos, dedico-me nesse item a descrever tal processo no âmbito da cidade de Porto Alegre e, mais especificamente, na torcida do Grêmio. Como já percebido, optei por abordar a trajetória da Coligay em um item a parte (3.1), de forma a dar centralidade àquele que é o objeto da pesquisa. Neste subcapítulo, a intenção é compreender o fenômeno mais amplo de surgimento e transformações de agrupamentos de torcedores gremistas, no qual essa torcida específica se insere. Assim, quando convém, remeto à Coligay e àqueles que a integraram, de modo a visibilizar a participação dessas pessoas no universo das TOs gremistas, de uma forma geral. Me ateno, principalmente, às décadas de 1970 e 1980, quando a Coligay emerge e se extingue, e muitos de seus integrantes inserem-se em outras TOs. Trato, todavia, das mudanças que se sucederam nas décadas seguintes, no intuito de: a) refletir sobre a inexistência de uma torcida gay na atualidade e da descrença de meus entrevistados sobre tal possibilidade; b) apontar questões acerca do cenário futebolístico desse período posterior que serão relevantes para minha discussão futura acerca do processo de recente ressurgimento das memórias da Coligay.

Para isso recorro, principalmente, às entrevistas com integrantes de outras torcidas organizadas do Grêmio, além da Coligay. Apresento abaixo, tais colaboradores, destacando em negrito a torcida na qual o entrevistado teve um envolvimento mais intenso¹¹⁵, quando houver:

Quadro 4 - Integrantes de outras TOs do Grêmio entrevistados para a pesquisa

Nome	Data de nascimento	TOs que integrou
Sérgio Luiz Cunha (Serginho; Cabelo; Shampoo)	21/03/1957	Coligay (1977 – 1983), Máquina Tricolor (1984 - ?) e Força Azul (?)
Osmar Dziekaniaki Rodrigues (Careca)	29/09/1948	Eurico Lara (?), Força Azul (1974 - 1977), Coligay (1977 - ?), Máquina Tricolor (1984 - ?).

¹¹⁵ A intensidade desse vínculo foi apontada e valorizada pelos próprios entrevistados. Apesar de muitos deles terem passado por diferentes torcidas, com frequência identificam a si mesmos a partir do pertencimento a uma delas, como “Paulo, da Raça” ou “Luiz, da Máquina”, por exemplo, motivo pelo qual considero relevante fazer tal indicação.

Gerson Luiz de Almeida Vieira	31/10/1960	Força Azul (1977) e Eurico Lara (1977 - 1979)
Paulo Gilberto Bertotto	09/12/1955	Jovem e Real (1981) e Raça (1981 - 1995 diretoria/2005 frequentador)
Luiz Heitor Meireles da Costa (Bobis)	21/12/1962	Jovem (1978-1981) e Real (1981) e fund. e integ. da Raça (1981 - 1984)
Cleber Luiz de Almeida Vieira	20/11/1965	Garra Tricolor (1982 - 1985)
Francisco Jackson Rivas (Pancho)	09/05/1966	Garra Tricolor (1982-1984)
Luiz Afonso Oliveira da Rocha	12/05/1955	Máquina Tricolor (1986 – 2000)
Carlos Roberto Wedman (Vô Vida Loka)	28/12/1952	TIGRE (1983 - 1992), Jovem (1992 – 2003; 2016 - atual ¹¹⁶) e da Geral (2003 – 2015)
André Luís Carmos dos Santos	28/06/1977	Força Azul (1989 - 1992)

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

É comum entre os estudiosos do futebol, fazer uma diferenciação entre dois modelos de torcidas: as torcidas uniformizadas, que emergem na década de 1940, e as torcidas organizadas, que têm seus primeiros embriões no final da década de 1960 (TOLEDO 2000; HOLLANDA, 2009).

Os primeiros agrupamentos de torcedorxs a que se costuma fazer referência são a Torcida Uniformizada do São Paulo¹¹⁷(SP) e a Charanga, do Flamengo¹¹⁸ (RJ) (TOLEDO, 1996).

Segundo Toledo (1996), a Torcida Uniformizada do São Paulo é apontada por muitos como a mais antiga do Brasil. O grupo data do final da década de 1930 e início de 1940 e foi fundada por Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel. A Charanga, por sua vez, foi criada em 1942 por Jaime de Carvalho, notório por ser o primeiro torcedor naquela cidade a equipar com uniformes e música o conjunto de simpatizantes que o acompanhava a fim de incentivar o escrete rubro-negro. O sucesso da empreitada fez com que o clube passasse a financiar as despesas da torcida (TOLEDO, 1996). Versões similares a das iniciativas pioneiras

¹¹⁶ Na entrevista, realizada em 2016, Carlos Roberto Wedman informou que estava “voltando às suas raízes” e retornando à Jovem.

¹¹⁷ São Paulo Futebol Clube, de São Paulo (SP).

¹¹⁸ Clube de Regatas do Flamengo, do Rio de Janeiro (RJ).

paulatinamente foram formadas não apenas nessas duas capitais, mas em diversas cidades do Brasil (TOLEDO, 2000).

Toledo (2002) resume duas funções coexistentes nesses agrupamentos: vigiar a conduta dos torcedores comum e coordenar de maneira organizada o incentivo à equipe. Essas agremiações eram formadas majoritariamente por jovens de classe média, muitos dos quais sócios dos clubes. O coletivo animava e incentivava a equipe acompanhado de pequenas orquestras musicais e sob a orientação de um líder, possuidor de vínculos estreitos com o clube e com os meios de comunicação (HOLLANDA, 2009). Esses líderes são figuras centrais desses grupos, torcedores-símbolos que chegavam a personificar aquele coletivo (TOLEDO, 1996). Assim, a essas torcidas eram atribuídas “um papel dirigente, capaz de integrar, regular e até mesmo manter a ordem na assistência nos espetáculos esportivos” (TOLEDO, 2000, p.61).

Ao longo das décadas de 1940, 1950 e 1960 tais agremiações se estabeleceram nas arquibancadas. Vinculadas e financiadas pelos próprios clubes, esses grupos tradicionais eram tidos como “representantes oficiais dos torcedores”, cujos líderes se tornaram, também, os principais interlocutores entre público e dirigentes, jogadores e repórteres (HOLLANDA, 2009; TOLEDO, 1996)¹¹⁹.

Em meados da década de 1940 o Grêmio já havia criado um departamento para coordenar tais ações de incentivo à equipe, o Departamento do Torcedor Gremista (DTG). O setor era oficialmente coordenado por Francisco Maineri, mas foi Salin Nigri, que inicialmente atuava na biblioteca do clube, quem de fato o comandou. Ao DTG cabia garantir o entusiasmo do grupo, organizar as excursões para jogos fora de Porto Alegre e paramentar os torcedores com faixas, foguetes e instrumentos (DUARTE, 2012). Conforme conta Duarte (2012), o DTG surgiu em resposta à criação da versão colorada, o Departamento de Cooperação e Propaganda Colorada, criado por Vicente Rao em 1940, que posteriormente veio a ser um dos fundadores da Camisa 12, notória torcida organizada do clube, até hoje presente nas arquibancadas.

Damo (1998) lembra que a efetivação de Salin Nigri no DTG ocorreu após o episódio em que o então bibliotecário foi responsabilizado por organizar a excursão de gremistas para um amistoso em Novo Hamburgo, em 1945. De forma surpreendente, os gremistas lotaram dezoito vagões de trem que foram destinados ao seu transporte ao jogo. Diante do sucesso na

¹¹⁹ Cabe destacar como ilustração do reconhecimento da importância de um “chefe de torcida” o fato de Jaime de Almeida, líder da Charanga, ter sido encarregado pelas autoridades responsáveis pela Copa do Mundo do Brasil, em 1950, do controle do comportamento dos torcedores nesse evento. Para os organizadores, o chefe de torcida poderia contribuir para o trabalho do chefe de polícia. O êxito de Jaime em sua tarefa, lhe rendeu outros convites para acompanhar o escrete nacional e a conquista do status de Embaixador da torcida brasileira no exterior (HOLLANDA, 2012)

mobilização para a partida, Salin Nigri, então com 19 anos, interessado em ter maior autonomia para organizar os torcedores, foi direcionado à função. Todavia, pelo receio de entregar um cargo de tamanha responsabilidade a alguém tão jovem, é que Francisco Maineri foi colocado como “seu chefe”.

Nigri foi figura fundamental para a carnavalização da torcida gremista, inserindo faixas e foguetes à festa tricolor (DAMO, 1998). Foi ele, também, quem providenciou a produção de uma faixa com os dizeres “Com o Grêmio, onde estiver o Grêmio”¹²⁰, frase (com a sutil mudança na ordem das palavras finais) posteriormente imortalizada no hino do cinquentenário do clube composto por Lupicínio Rodrigues, além de utilizar nas faixas e bandeiras da torcida a imagem do recém-criado Mosqueteiro¹²¹, figura que tornar-se-ia uma das mascotes do clube (DAMO, 1998; DUARTE, 2012).

A busca da manutenção da ordem nas arenas esportivas estava no cerne do surgimento das torcidas uniformizadas. Conforme verifica Holanda (2012), os relatos de dirigentes, chefes de polícia, jornalistas e presidentes de federação demonstram preocupação quanto ao comportamento das massas. Para o autor, o objetivo daquelas associações de torcedorxs era “inculcar disciplina entre torcedores em suas horas de diversão nas praças de esporte, com a supressão das palavras de baixo-calão e a contenção dos distúrbios que volta e meia faziam ressurgir o espectro da turba também nos estádios” (HOLLANDA, 2012, p.92).

Tais demandas de controle pareciam necessárias diante da presença de multidões cada vez maiores nas praças esportivas, tendo como ápice a fundação do Maracanã, em 1950. Esforços de ampliação dos espaços que abrigavam os torcedorxs vinham acontecendo ao longo da crescente popularização do futebol e outros estádios de porte similar viriam a surgir em anos posteriores.

A esse modelo de torcida, sucedeu aquele que pode ser entendido como o embrião das torcidas organizadas contemporâneas¹²². Esse novo enquadramento surge na virada da década de 1960 para 1970, quando a unidade interna das torcidas de cada time é rompida pela erupção de uma série de dissidências (HOLLANDA, 2009).

A fim de compreender o processo de formação desses novos grupos, Holanda (2009) afirma que, no decorrer da segunda metade do século XX, é possível perceber alterações

¹²⁰ Damo (1998) destaca que a autoria do slogan é fruto de controvérsias, havendo quem atribua-a ao dirigente gremista Alfredo Obino.

¹²¹ O símbolo do Mosqueteiro em referência ao Grêmio foi uma criação do chargista Pompeu no jornal Folha da Tarde, em 1946 (DAMO, 1998; DUARTE, 2012).

¹²² Atualmente, em muitos clubes, competem em popularidade com as torcidas organizadas, grupos autointitulados “torcidas de alento” (RODRIGUES, 2012) ou “movimentos populares” (MENEZES, 2017).

contínuas na frequência, comportamento e perfil dos estádios, acompanhando transformações oriundas da sociedade.

Em pesquisa cujo lócus é a cidade do Rio de Janeiro, o autor identifica o surgimento, nos anos de 1967 e 1968, desses agrupamentos de torcedorxs denominados de Torcidas Jovens. Para o historiador, esse fenômeno se configurou como novo núcleo de arregimentação juvenil em meio a outras manifestações oriundas da “crise de gerações” que no Brasil e no mundo deu origem a uma identidade jovem, associada principalmente ao espírito de liberdade e rebeldia.

Para além da maior homogeneidade do perfil etário, o ponto central da diferenciação das Torcidas Jovens ante as Torcidas Uniformizadas era a inclusão de manifestações de protesto e crítica em períodos de crise da equipe, facilitada pela ausência de vínculos diretos com os dirigentes, característica que, para Holanda (2009), é a justificativa maior para o surgimento das novas agremiações.

O mesmo autor destaca que na cidade de São Paulo o surgimento de novas torcidas ocorre apenas após o ano de 1969, quando o Ato Institucional nº 5 estava implantado e vivia-se um período de intenso cerceamento às liberdades de expressão e participação política. Assim, ele defende que, na formação desses grupos, a busca por autonomia frente aos clubes e às lideranças tradicionais das torcidas, foi impulsionada por motivações extradesportivas relacionadas àquele momento político em que eram limitados os espaços possíveis de engajamento juvenil.

Retomando o contexto carioca, após o primeiro impulso dissidente localizado no biênio 1967-1968, Holanda (2009) verifica um “boom de associações torcedoras” nas arquibancadas. A comunicação entre torcedorxs na sessão de cartas do *Jornal dos Sports*¹²³, aponta o autor, dava a impressão de que o ingresso em uma torcida organizada se tratava de uma moda, uma novidade atraente, para jovens tanto do sexo masculino, quanto feminino. Nesse sentido, o autor aponta que, mesmo sob críticas e manifestações de repúdio, também foram criadas torcidas formadas exclusivamente por mulheres nos quatro grandes clubes cariocas. Florenzano (2017) também menciona a existência desestabilizadora ao *status quo* masculino do futebol de torcidas de mulheres entre os grandes clubes paulistas, assim como destaca o amplo número de agremiações torcedoras, citando que, na final paulista de 1977, o Corinthians contava com o apoio de 32 TOs.

¹²³ Utilizado como fonte por Holanda (2009), o *Jornal dos Sports* foi um periódico de notícias esportivas com sede no Rio de Janeiro. No período analisado pelo autor, o jornal se configurava como o mais vendido do Brasil de seu segmento.

A filiação a uma torcida passou a envolver mais do que o compartilhamento de uma fidelidade clubística comum. Como explica Hollanda (2009, p.259):

O pertencimento ao grupo se situava para além dos dias de jogo e se identificava em um estilo de vida expresso nas marcas de identidade fornecidas pela camisa e por outros símbolos visuais de apelo estético para o autorreconhecimento de cada agremiação. O resultado disto seria a disseminação de uma série de novas torcidas que se desgarravam umas das outras ou surgiam de maneira autônoma para veicular uma identidade cada vez menor, cada vez mais particular. Se a primeira imagem de uma torcida remetia a um genérico agregado familiar – a Charanga –, de onde se originava um segmento juvenil – as Torcidas Jovens –, na década de 1970 a vinculação a um território – as torcidas de rua, de bairro ou de município –, a uma faixa etária – a torcida Pequenos Vascaínos, fundada em 1975 por e para adolescentes – ou mesmo a um gênero – as torcidas femininas – passava a respaldar e a ser a razão da existência das minorias, de várias torcidas organizadas de pequeno porte, em um duplo processo de autonomia e heteronomia.

Analisando o cenário paulista, Toledo (1996) destaca também uma mudança no modo de torcer das torcidas anteriores para as emergentes, expressa em outras formas de relacionamento entre elas próprias, com os dirigentes, imprensa e com o próprio futebol profissional. Ele defende ainda que:

se, no período anterior, as torcidas eram personificadas naqueles torcedores-símbolo, agora são representadas por coletividades mais autônomas, impessoais e independentes de torcedores, que passam a se comportar de modo diverso daqueles (TOLEDO, 1996, p.28).

Para Toledo (1996), essas novas agremiações de torcedores consolidam-se definitivamente ao longo da década de 1980, tanto em termos de organização burocrática, quanto em termos de participação e visibilidade. Em consonância, mas tratando do contexto carioca, Teixeira (2003) afirma que

as [torcidas] Jovens crescem e se organizam de forma expressiva entre meados da década de 80 e o início da década de 90. Os informantes ponderam que, desde então, elas vêm assumindo um aspecto cada vez mais profissional, ganhando visibilidade enquanto empresas pautadas por uma organização interna e projetos comuns que norteiam suas ações. O caráter empresarial dessas agremiações é valorizado pelos torcedores como uma condição a ser consolidada (p.54-55).

Meus dados indicam que, em Porto Alegre, ocorre um processo que destoa em alguns elementos do que descrevem tais pesquisadores, dando-lhe especificidade. Diferentemente do “boom de associações torcedoras” observadas por Hollanda (2009) no Rio de Janeiro já no final da década de 1960, na capital gaúcha foi apenas na década seguinte que torcidas desvinculadas

aos clubes começam a surgir e, mesmo assim, em menor número¹²⁴ quando comparadas ao cenário carioca. O grande número de TOs do futebol do Rio de Janeiro¹²⁵, e em especial do Flamengo, foi inclusive motivo de notícia no jornal gaúcha Zero Hora, em 1978, reforçando a impressão dessa diferença entre os estados.

Figura 15 - Registro do jornal Zero Hora sobre o número de torcidas organizadas de clubes do Rio de Janeiro



Fonte: Zero Hora (1978).

Além do momento de surgimento e de sua quantidade, identifiquei nas TOs porto-alegrenses características dos grupos e modos de organização que também parecem distinguir-se dos agrupamentos cariocas e paulistas.

Pontuo de que focarei minha análise nas torcidas gremistas, mas que, paralelamente, também o Internacional, em período similar, viu emergir diversas TOs, assim como clubes do interior do estado, casos de São Paulo (Rio Grande), Caxias (Caxias do Sul), Internacional

¹²⁴ Até o final da década de 1970, pelas fontes consultadas, chegaram a ser fundadas dez torcidas do Grêmio: além da Eurico Lara (torcida vinculada ao clube), haviam Força Azul (fundada em 1974), Coligay (fundada em 1977), Torcida Jovem (fundada em 1977), Gre-Puc (fundação desconhecida), Camisa 12 (fundação desconhecida), Império Azul (fundação desconhecida) e Fiel Terremoto Tricolor, união da Fiel Tricolor e da Terremoto (todas fundadas em 1979). Já no Internacional, foram fundadas seis TOs: Camisa 12 (fundada em 1969), A F.I.CO. – Força Independente Colorada (fundada em 1977), Dragões Rubros (fundada em 1978), Inter Jovem (fundação desconhecida), Falcão Povão (fundada em 1979) e Falcão Grande do Sul (fundada em 1979).

¹²⁵ É fundamental mencionar que, na década de 1970, enquanto Porto Alegre tinha aproximadamente 900.000 habitantes, o Rio de Janeiro possuía em torno de 4,3 milhões. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

(Santa Maria) e Brasil (Pelotas) e mesmo equipes de menor expressão da capital, como Cruzeiro e São José¹²⁶.

Em Porto Alegre, foi a partir do início da década de 1980 que mais torcidas, sobretudo aquelas com o perfil juvenil, passaram a ser criadas, de toda forma ainda em um número restrito. Entre as torcidas que se tornaram mais numerosas nota-se tanto agrupamentos com predomínio de jovens, quanto TOs de um perfil mais familiar, no qual há pessoas de idades variadas e com uma presença grande de mulheres. Ademais, tratando especificamente das torcidas do Grêmio, o vínculo com o clube se mantinha a partir de um suporte do Departamento Eurico Lara que, de torcida única, veio a tornar-se o setor responsável pelos múltiplos agrupamentos de torcedores que vinham se formando¹²⁷. Era, inclusive, dentro do estádio Olímpico que se localizavam as salas das maiores TOs que vieram a surgir ao longo da década de 1980, o que, em si, já traz uma maior proximidade entre torcida e clube.

A fim de visibilizar as particularidades das torcidas gremistas e situar a emergência da Coligay, apresento de forma sucinta a trajetória de constituição desses grupos, iniciando pela torcida que o Grêmio abrigava em sua instituição, a Eurico Lara.

A Eurico Lara, que durante algum tempo era a única torcida do Grêmio, pode ser caracterizada como uma espécie de sucessora do DTG, de Salin Nigri. Constituída como um departamento do clube, tinha como função o “comando e orientação da torcida” e contava com a atuação de uma série de dirigentes, sob a direção geral de José Dantur Buaes (TORCIDA..., 1973, p.24). A seção estava organizada em três setores, cada um gerido por um supervisor que liderava um conjunto de colaboradores, sendo eles: Setor de Faixas e Bandeiras, Setor de Letras¹²⁸ e Setor de Papel Picado. Além dos integrantes de cada setor, Buaes tinha sob sua liderança um subdiretor e oito assessores diretos. A atuação da equipe era norteada por um regulamento pautado nos elementos “disciplina, trabalho intenso, deveres e, acima de tudo, gremismo” (*idem*, 1973, p.25).

Segundo matéria da Revista do Grêmio, publicada em 1973, as atividades a que se dedicavam estavam distribuídas ao longo de toda a semana. Na segunda-feira produziam um

¹²⁶ Cito aqueles clubes cuja participação de suas TOs tenha sido mencionada em minhas fontes, notadamente no jornal Zero Hora, tendo ciência da possível existência de outras.

¹²⁷ Diferentes formas de subsídios às torcidas organizadas estiveram e estão presentes em muitos clubes, independentemente da existência de um departamento voltado aos seus cuidados. Assim como nos demais clubes, no Grêmio, as relações políticas travadas entre dirigentes e essas torcidas influenciaram em maiores ou menores apoios em momentos específicos, fato reiterado nos dados dessa pesquisa. Por não ser o foco desse trabalho, as mudanças ocorridas nas relações entre o clube e as TOs, ainda que eventualmente mencionadas, não serão aprofundadas.

¹²⁸ As letras a que esse setor remete tratam-se de placas com letras seguradas cada uma por um torcedor a fim de e formar palavras e, em seguida, frases de apoio ao time.

relatório acerca das atividades empreendidas pelo departamento na semana anterior; na terça-feira realizavam uma reunião geral; na quarta-feira era realizada uma reunião de sua ala feminina, grupo que não participava das atividades do setor junto à torcida, possuindo atividades específicas; na quinta-feira, os membros se reuniam por motivos de diversão, encontrando-se na sede para jogarem pingue-pongue, xadrez, dama, minisnoquer, futebol de mesa e futebol de salão; por fim, na sexta-feira e no sábado preparam-se para o jogo de domingo:

O início dos preparativos para o jogo da semana ocorre sexta-feira. A separação das bandeiras e faixas, a preparação do papel picado, das buzinas, das letras, dos apetrechos, e tudo o mais que entra no rol muito longo de objetos utilizados para motivar a torcida nas competições. Sábado é de continuidade dos preparativos. É hora de providenciar centenas de metros de cordas para fixar as faixas, de revisar as bandeiras, as letras, as buzinas. E enfim, vem domingo, com suas alternativas: ou jogo em casa, ou excursão (TORCIDA..., 1973, p.25).

Os integrantes da torcida Eurico Lara eram meninos jovens, em sua ampla maioria menores de idade e estudantes do segundo grau¹²⁹. A rígida disciplina exigida para a participação na torcida é um de seus traços marcantes. A manutenção de um grupo ordeiro começava pela seleção de novos integrantes, que ocorria apenas mediante indicações e contava com uma espécie de avaliação do candidato. Eles deveriam, ainda, ser autorizados pelos responsáveis a participar do grupo, apresentar seus boletins escolares mensalmente, além de cumprir uma série de normas (FONSECA, 1977), como ilustram alguns relatos de Gerson Vieira (2017), um de seus antigos integrantes:

[...] tu não podia aprontar muito, sabe? Não podia aprontar muito. Tu tinha que andar na linha, era meio um colégio, assim. Tem que ir aos sábados de tarde, tem que voltar, tem que chegar no estádio tal hora, tinha que colocar aquelas bandeiras lá pra cima (p.5).

[...] tu não podia xingar muito nome, xingar o cara “oh, filho da puta”, aquela coisa toda, não podia brigar... (p.6).

Tais exigências eram apresentadas como necessárias diante do fato de ser aquela uma torcida institucional do Grêmio, que representava o clube, portanto. E para garantir o cumprimento dessas normas, José Buaes sempre acompanhava os garotos nas partidas e demais atividades.

O ex-presidente gremista, Hélio Dourado, enfatiza a imposição e o cumprimento de tais normas: “toda a torcida que é do clube, aquela que é a torcida, ela é comandada, então evita de

¹²⁹ Atual Ensino Médio.

uma série de coisas erradas, pois se tu deixares a torcida só pela torcida, essas que enche o estádio tu vê o que acontece. Pedrada, briga, uma loucura” (DOURADO, 2015, p.7). Ele conta que Buaes era uma grande comandante e que a Eurico Lara foi “uma torcida muito gritante, mas isso **no jogo**. Era muito obediente, inclusive” (DOURADO, 2015, p.6).

No Estádio Olímpico, ficavam na parte central do campo, separados dxs demais torcedorxs por uma corda que os cercava. Para entrar e sair da área da torcida era preciso pedir autorização do funcionário responsável. Eles deveriam, também, chegar ao estádio em horário pré-determinado, sempre algumas horas antes do início da partida, para se organizarem (VIEIRA, 2017).

Diferente do que retrata a Revista do Grêmio, o ex-integrante Gerson relata que os encontros do grupo se concentravam nos sábados¹³⁰, quando preparavam as bandeiras, o papel picado, os apitos, entre outros materiais que usavam, além de divertirem-se:

[...] passava a tarde de sábado lá fazendo papel picado, tinha salinha de jogos, pingue-pongue, *snooker*¹³¹, ai ficava dançando, ai liberavam o [campo] suplementar pra gente jogar bola no final da tarde. Então tudo isso encantava né? (VIEIRA, 2017, p.6).

A esses atrativos, somavam-se a gratuidade no ingresso das partidas e no transporte para os jogos fora de casa, carteira de identificação da torcida, camisetas, além do departamento eventualmente promover jantares, churrascos e outras festividades. Como comenta o torcedor: “Tudo que um adolescente gostaria, ali tinha, toda a estrutura. Tu só entrava com o corpo. Era muito bom!” (VIEIRA, 2017, p.3).

Sobre as marcas da torcida que chamavam atenção nas arquibancadas, o gremista Bobis, que integrou a TO Super Raça Gremista, relembra:

Tinha lá um sistema que eles iam... Durante o jogo eles mudavam letras e aí formavam frases. Então eles tinham várias placas com as mesmas letras e aí formavam frases, “Vai Grêmio!” Enfim, tinha todo um [riso]... E tinha uma buzina também que ficou super conhecida, que ficou até o ano de 1978. Ela ia com o Grêmio lá no Beira Rio, em qualquer parte que o Grêmio fosse estava lá aquela buzina, que era bem chata [risos], mas era bacana. Eu me lembro dela com saudades (COSTA, 2017, p.3).

A buzina mencionada é lembrada por muitos torcedores, que enfatizam o som alto que produzia, além do fato dela funcionar a gás, o que demandava que a torcida sempre transportasse para os jogos não apenas a buzina, mas também um botijão (RODRIGUES, 2017).

¹³⁰ É possível que os encontros diários ocorressem entre membros da diretoria.

¹³¹ Sinuca, em inglês.

Na imagem abaixo, é possível ver as letras citadas pelo torcedor formando a frase “Pra frente Grêmio”.

Figura 16 - Torcida Eurico Lara em jogo do Grêmio



Fonte: Revista do Grêmio (1973).

Também se vê no fundo da imagem a faixa “Com o Grêmio onde estiver o Grêmio”, que a Eurico Lara continuava a utilizar. Sobre ela, Rosa Foresti (2015, p.3-4) relata:

Era tão marcante a faixa, porque não tinha faixa, bandeira, charanga, não tinha tanto assim. Na minha época, que eu frequentei, não tinha aquilo, tu ia à campo de futebol, tu escutava radinho, aí o pessoal gritava, mas era diferente. E aí a Eurico Lara botava a faixa, tinha uns tamborzinho, fazia um barulho diferente. E aí tu sabia que ali estava a torcida do Grêmio, foi uma forma de identificar a torcida do Grêmio. Então foi um embrião de torcida organizada, eu acho..

Como lembrado pela torcedora, a Eurico Lara possuía também uma bateria para contribuir com sua animação, elemento implantado pelo grupo que futuramente formaria a TO dissidente Força Azul, entre os quais o ex-Coligay, Careca (RODRIGUES, 2017). Seus ensaios ocorriam nos encontros de sábado e eles tocavam basicamente sambas. Segundo Gerson, não criavam músicas e cânticos próprios, recorrendo a composições de clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, substituindo o nome da equipe em questão por “Grêmio” (VIEIRA, 2017).

A caracterização da Eurico Lara indica sua proximidade ao modelo das torcidas uniformizadas, marcadas pelo vínculo com o clube, da importância e referência atribuída a seus líderes e pela atuação ordeira e, ao mesmo tempo, disciplinada e disciplinadora. É a partir da formação de sua primeira dissidência, que o novo modelo de participação das TOs, mais popular, contendor e questionador, começa a se formar nas arquibancadas gremistas.

Conforme previamente anunciado, é dentro da Eurico Lara que, em 1974, é formado o grupo que viria a constituir a primeira torcida independente gremista: a Força Azul. Seu surgimento foi assim noticiado pela Revista do Grêmio:

Merece um destaque especial o setor mais novo do Departamento Eurico Lara. Nascida de um movimento espontâneo, a ideia ganhou corpo e a partir de um detalhado estudo a Força Azul foi oficializada. Num coquetel, realizado no dia primeiro de agosto, o Departamento Eurico Lara prestou significativa homenagem ao jogador Loivo, fazendo-o padrinho do novo movimento. A Força Azul destaca-se pela cor, pois a ideia principal do movimento é colorir, com as cores do clube, todos os estádios que o Grêmio estiver (A ALEGRE..., 1975, p.26).

Considerando o texto em questão, no momento de sua constituição como um setor da Eurico Lara, a Força Azul parece compactuar com o burocrático *modus operandi* da torcida que a acolhe: para a concretização de sua formação foi submetida e um detalhado estudo e sua oficialização foi anunciada em um coquetel, sendo apadrinhada por um atleta com longa trajetória no clube. Ademais, o sentido da constituição do grupo é atrelado a questões estéticas: colorir os estádios por onde o Grêmio estiver.

Não se sabe se desde sua origem os integrantes da Força Azul já mostravam insatisfações com a gestão do Departamento Eurico Lara, mas fato é que, passado algum tempo, as regras de comportamento ali impostas (FONSECA, 1977; GERCHMANN, 2014) e a impossibilidade de manifestar-se contra a direção do clube (RODRIGUES, 2017) motivaram esses jovens a emanciparem-se, formando a primeira torcida organizada independente do Grêmio.

Entre os fundadores da Força Azul estava um dos futuros integrantes da Coligay, o Careca. Além dele, outros vários membros da torcida gay gremista também vieram a participar dessa TO em diferentes momentos (BUENO, 1977; CARMO DOS SANTOS, 2015; CUNHA, 2017; RODRIGUES, 2017).

A entrada na Força Azul, em seus primórdios, tal qual na Eurico Lara, demandava uma indicação por outro integrante. Ela também mantinha registros dos seus membros, exigindo dos ingressantes que se apresentassem com seu documento de identidade e uma foto, além de uma bandeira do Grêmio (VIEIRA, 2017).

As reuniões do grupo ocorriam na casa de uma integrante, onde também eram guardados os materiais da torcida. Mas diante do apoio que exerciam na arquibancada, o Grêmio acabou cedendo à Força Azul uma sala no estádio Olímpico, ainda que bastante inferior à da Eurico Lara, conforme descreve Vieira (2017). Enquanto a da Força Azul é definida como “uma sala ali na Carlos Barbosa, no subsolo, embaixo da arquibancada”, ele diz que a da Eurico Lara “já

era outra estrutura, já era lá na social, tinha uma sala com tudo... [...] era uma coisa mais organizada, assim, mais estruturada” (p.3).

É nesse cenário, no ano de 1977, que emerge a Coligay. Verifica-se, assim, que seu surgimento, antecede um movimento mais amplo de formação de novos agrupamentos de torcedores. O baixo número de TOs nesse período se verifica, por exemplo, no desfile de comemoração do título estadual de 1977, conquistado pelo Grêmio. Em evento realizado em outubro do ano da conquista, houve a participação de quatro TOs: Eurico Lara, Força Azul, Coligay e Gre-Puc (QUINTA-FEIRA..., 1977; SANTANA, 1977b). Menos de quatro anos depois, nota-se o aumento dessas associações de torcedorxs: em um Gre-Nal disputado em julho de 1981, já era registrada a presença de oito TOs do Grêmio nas arquibancadas, acompanhadas de onze agrupamentos do rival.

É, assim, no início da década de 1980 que um número maior de torcidas começa a surgir. O Grêmio, então, reconfigura a função da Eurico Lara, que passa a atuar como departamento de torcidas¹³², dando suporte à atuação das TOs que se formavam, inicialmente ainda sob comando de José Buaes. Nesse novo cenário, o clube disponibilizou à cada uma das organizadas uma sala no estádio Olímpico, além de subsidiar (integralmente ou parcialmente) as entradas nas partidas e o transporte em jogos fora de casa (BERTOTTO, 2017; CALOGERO, 2017; COSTA, 2017; VIEIRA, 2015; RIVAS, 2015; ROCHA, 2017; TORCIDAS... (2), 1996). Houve momentos em que o clube também contribuiu com dinheiro para a compra de materiais como camisetas, bambus, faixas etc (CARMO DOS SANTOS, 2015)¹³³.

A vinculação ao departamento impunha um conjunto de formalidades, que envolvia o fornecimento de informações como lista de integrantes (com nome, endereço, onde estudava ou trabalhava etc), finalidade da torcida, se faria cobranças de mensalidade, entre outros dados, além do cumprimento de certas normas de conduta (RIVAS, 2015). Regularmente, eram convocadas reuniões em que se organizavam questões do cotidiano das TOs nos jogos, como a logística dos ônibus para a ida em jogos fora de casa, por exemplo. Nesses encontros, também era recorrente a cobrança quanto a um bom comportamento desses torcedores, e as possíveis consequências do contrário: “as pessoas falavam demais a questão de ‘olha, não vamos fazer confusão, é o nome do Grêmio, do Departamento, isso depois vai pra mídia, a gente é punido,

¹³² Já em 1978, a Zero Hora menciona que o Departamento Eurico Lara “congrega as torcidas organizadas gremistas” (AS TORCIDAS..., 1978b, p.68). Contudo, é apenas na década seguinte que, diante do maior número de TOs, sua atuação passa a centrar-se na mediação e apoio junto às associações de torcedores.

¹³³ Conforme dito na nota 63, as entrevistas indicam variações no que era oferecido para as torcidas organizadas em diferentes momentos. Além disso, mesmo as torcidas independentes tiveram algumas formas de apoio. A Força Azul, por exemplo, mesmo quando era desvinculada ao Departamento, tinha uma sala no Olímpico.

o Grêmio corta ônibus, corta dinheiro” (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.16). Torcidas novas precisavam demonstrar seu valor nas arquibancadas antes de pleitear sua inclusão no Departamento Eurico Lara. Diante do apoio oferecido, logo que podiam as torcidas costumavam optar pelo vínculo (BERTOTTO, 2017).

Cabe pontuar que o Departamento Eurico Lara também promovia ações voltadas aos torcedores comuns e ao público em geral, como excursões para os jogos fora de Porto Alegre, para as quais a venda era aberta, e festas em comemoração de títulos, por exemplo (GRANDE..., 1977; DOURADO, 2015).

Entre as torcidas gremistas que emergiram nesse período, aquelas que mais cresceram e tiveram trajetórias mais duradouras, ativas até ao menos meados da década de 1990, foram a Torcida Jovem, a Super Raça Gremista, a Garra Tricolor, e a Máquina Tricolor¹³⁴.

A mais antiga dessas é Torcida Jovem, fundada em outubro de 1977 por uma turma de amigos que se conheceu no estádio Olímpico (TORCIDAS... (1), 1996). Nos primeiros anos, ela se resumia a um grupo pequeno, muito menos numeroso do que as demais torcidas (TORCIDAS... (1), 1996; COSTA, 2017). Em 1978, a Zero Hora já destacava o potencial da TO: “Ainda são poucos, mas tem o essencial para melhorarem: dinamismo (não param nunca) e criatividade (as bandeiras são muito bonitas)” (AS TORCIDAS ORGANIZADAS, 1978, p.55). Em 1979, ela já reivindicava junto ao Grêmio a concessão de uma sala no Olímpico, tal qual possuíam suas congêneres Força Azul e Coligay (A “TORCIDA JOVEM”..., 1979). Nos anos seguintes, junto ao surgimento e ampliação de outros agrupamentos, a torcida incorpora mais integrantes, cresce e ganha maior notoriedade entre os torcedores gremistas (MENEGOTTO, 2011).

Já a Super Raça Gremista, mais comumente chamada apenas de Raça, estreou de forma independente no ano de 1981. Um de seus fundadores, Bobis, menciona que o surgimento da torcida se relaciona com um processo anterior de dissidência da Torcida Jovem. Segundo relata, houve uma tentativa de parte dos integrantes da Jovem, entre os quais ele estava, de juntarem-se com outras torcidas, dando origem à Real Torcida Jovem (COSTA, 2017). Paulo, que também participou desse processo, afirma que a intenção era que todos os torcedores

¹³⁴ Bertotto (2017) relata que além dessas torcidas maiores e mais renomadas, havia também algumas torcidas formadas por poucos integrantes, muitas das quais se identificavam por uma única faixa nas arquibancadas, sem bateria ou bandeiras. Ele cita, por exemplo, a Leão e Leão II, Leões do Olímpico, João Severiano e Sangue Azul. Luiz Heitor, outro ex-integrante da Raça, também se recorda da Sangue Azul, “que era os meninos ricos lá do Grêmio, filhos de sócios e tal [...] não eram muitos, eram acho que uns vinte” (COSTA, 2017, p.7). Destaco, ainda, a Torcida Independente Gremista, também conhecida como TIGRE, criada “pelos anos 1980” por um grupo de gremistas da cidade de Canoas, que, segundo Vô Vida Loka, um de seus fundadores, foi a primeira TO gremista de fora da capital (WEDMAN, 2016, p.2).

organizados do Grêmio se reunissem para formar uma torcida única (BERTOTTO, 2017), que seria mais forte politicamente junto ao Grêmio (COSTA, 2017).

Entre os torcedores que compuseram a Real também estavam vários ex-componentes da Coligay (VIEIRA, 2015; COSTA 2017; BERTOTTO, 2017), entre os quais Miltinho, Joanita, Elton e Beto, que naquele momento faziam parte da torcida Explosão Azul (BERTOTTO, 2017).

A ideia de constituir essa torcida surgiu durante uma excursão de torcedores do Grêmio para São Paulo, sendo uma proposta defendida sobretudo por Miltinho, que como já dito era membro da Explosão Azul, e Paulo, então integrante da Jovem. Logo na estreia da nova torcida, contudo, viram que a ideia não teve aceitação de todos, como o próprio Paulo narra:

A ideia era todas as torcidas que estavam voltando naquele ônibus, fossem dissolvidas e formassem uma única torcida. Daí eu disse “a única imposição que eu coloco...”, porque na época a Jovem era a maior de todas, “é que no nome da torcida, tem que ter torcida Jovem”. Daí a ideia foi ficar Real Torcida Jovem [...] Todas eram para ser extintas. E aí aconteceu o que? Aí no dia que a gente inaugurou a torcida, que fundou, primeiro jogo foi em Novo Hamburgo, se não me engano, fomos para lá, aí estávamos nós, que éramos a Real Torcida Jovem, e daqui a pouco entrou o pessoal da Jovem com faixa e bandeira, tudo. Então ficou as duas, né? E aí começou aquele problema, tinha a Real Torcida e a Torcida Jovem, e assim foi aquela confusão, confusão (BERTOTTO, 2017, p.2).

Paulo menciona que poucos – entre doze e quinze pessoas – foram os que insistiram na manutenção da Torcida Jovem, a maioria integrantes antigos da agremiação. Todavia, o fato da nova torcida possuir um nome quase idêntico a ela, fazia com que as ações de uma, fossem confundidos com feitos da outra. Diante disso, alguns integrantes da Real propuseram que o nome da torcida fosse paulatinamente substituído por “Super Raça Gremista”:

[...] “vamos manter a Real Torcida Jovem e vamos dar um nome para a gente trabalhar em cima, para mudar com o passar do tempo”. Então a ideia foi assim, “então tá, vai ser a ‘Real Torcida Jovem, a Super Raça Gremista’”. Era essa a ideia, tu forçar aquele nome Super Raça Gremista (BERTOTTO, 2017, p.2).

Miltinho era um dos contrários à proposta. Para decidirem o que enfim seria feito, marcaram uma reunião. Paulo relembra que, nesse encontro, também estavam Beto e Elton, enfatizando a participação ativa deles na torcida. A discussão se estendeu até as três da madrugada sem que o grupo chegasse a um consenso.

No dia seguinte, nas arquibancadas do Olímpico, antes de uma partida, treze torcedores de diferentes organizadas, muitos dos quais então membros da Real, decidiram, então, fundar

uma nova torcida: a Super Raça Gremista (BERTOTTO, 2017). Paulo relata que isso gerou um distanciamento entre ele e Milton, que permaneceu na Real Torcida Jovem:

Teve tipo uma... não foi um rompimento de relações, com o Milton. Ele começou a fazer parte de uma torcida e eu de outra, e a gente era os líderes da torcida. Aí deu discussão de material e tal. E aí abrimos mãos de tudo, e vamos tocar, cada um tocou sua vida e foi (BERTOTTO, 2017, p.3).

Mantiveram-se com Milton na Real todos os ex-componentes da Coligay citados anteriormente, além de futuramente se juntarem a eles outros homossexuais gremistas que os integrantes convidavam. Serginho, também ex-Coligay, era um deles. Apesar de não ter integrado a torcida oficialmente, ele frequentava os jogos junto do grupo por ter vários amigos ali. Segundo ele, a Real “era torcida também de muitas gargalhadas e purpurinas, mas não era uma torcida gay. Isso na cabeça deles, né? Porque era. [riso]” (CUNHA, 2017, p.15).

Cleber (2017), ex-integrante da Garra, lembra-se da Real como uma espécie de continuidade da Coligay, ainda que destaque que ela não era uma torcida exclusivamente (ou afirmadamente) de gays: “Não, ali já era mais misto o negócio. Já era mais misto, já tinham os dois” (VIEIRA, 2015, p.6). Quando o perguntei acerca da performance dessa torcida, se tinham um tom caricato similar ao da Coligay, ele afirmou que “tinha também, tinha também. Até os enfeites que eles colocavam, tipo prateados e tal, balões, o jeito que eles enfeitavam a parte deles era diferente” (*ibidem*, p.6). Ele se lembra, ainda, que a torcida tinha como um de seus cânticos uma adaptação da música Realce, de Gilberto Gil: “eles cantavam ‘Real, Real, quanto mais purpurina melhor. Real, Real com gol do Newmar e do Baltazar, que beleza’. Era muito engraçado, os caras eram muito bons” (*ibidem*, p.2). A música de Gil também foi citada pela Zero Hora como uma das canções entoadas por torcedores gremistas que recepcionaram os jogadores no aeroporto Salgado Filho, em 1981 (ENQUANTO..., 1981). Reiterando o protagonismo de homossexuais na Real, em 1982, as eleições internas da torcida tinham dois ex-integrantes da Coligay na disputa: Milton, na chapa 1, e Elton, na chapa 2 (REAL ELEGE, 1982).

A Real continuou em atividade por alguns anos¹³⁵, sendo citada na Zero Hora até 1983, quando finalizo minha coleta de periódicos. Nas imagens, contudo, não identifiquei faixas e bandeiras suas e, entre meus entrevistados, quando eu perguntava sobre as TOs gremistas da década de 1980, ela muitas vezes foi esquecida, o que indica que ela pode não ter alcançado a grandiosidade e/ou a longevidade de suas contemporâneas.

¹³⁵ Meus/minhas colaboradorxs não souberam informar até quando a torcida esteve ativa. Em minha pesquisa no jornal Zero Hora, de 1977 à 1983, sua presença é noticiada do surgimento (1981) até o fim do recorte (1983).

O processo relatado que, ao fim, deu origem à Real e à Raça são representativos do momento que viviam xs torcedorxs organizados do Grêmio. Havia diversas pessoas interessadas em compor torcidas, mas com expectativas, disponibilidade e projetos de participação diferentes, fazendo com que muitas TOs criadas estivessem suscetíveis à extinção, assim como a possibilidade de constituição de um novo grupo se apresentava como uma alternativa à torcedorxs insatisfeitos.

Até mesmo a tradicional Força Azul chegou a ser dissolvida em 1983 (APELO, 1983; IDEIAS, 1983), em função da saída de algumas antigas lideranças e disputas de poder entre os que permaneceram (RODRIGUES, 2017; CUNHA, 2017). O grupo, contudo, acaba retornando ainda na mesma década, por iniciativa de um antigo integrante, Mário¹³⁶ (CUNHA, 2017). Segundo Serginho, outro que participou do retorno, o grupo que retomou a torcida era composto pelo “pessoal mais antigo e a gurizada com que a gente se dava”. Entre esses também estava Miltinho, que possivelmente se uniu a eles após o fim da Real Torcida Jovem (CUNHA, 2017; CARMO DOS SANTOS, 2015). André (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.14), que ingressou na TO em 1989, afirma que “na época, na Força Azul [...] ninguém era mais criança, fora eu e um pequeno grupo. Tinha muita gente acima dos quarenta, dos cinquenta anos”.

É um dos integrantes da “primeira fase” da Força Azul, o responsável pela fundação de outra notória TO gremista, a Garra Tricolor. Luis Carlos Dal Pai saiu dessa TO por discordar de vantagens e benefícios que certos membros da torcida obtinham (RIVAS, 2015) e, em 1982, mobilizou um grupo de jovens para a fundação da nova TO. Um desses primeiros selecionados, Pancho, discorre sobre o perfil buscado pelo líder do coletivo:

ele [Luiz Carlos Dal Pai] pegava aquela gurizada, assim, que tinha o compromisso no sentido de apoiar o time na hora que precisava, quando convocado ir lá, como te disse, pra picar papel, ajeitar uma bandeira... E ele dava preferência pra gurizada que já tava no processo de trabalhar e estudar (RIVAS, 2015, p.5).

Por fim, a última das maiores e mais duradouras TOs gremistas a ser fundada foi a Máquina Tricolor, formada em 1982 (TORCIDAS... (3), 1996; ROCHA, 2017). A Máquina foi uma iniciativa de Careca, torcedor que já tinha passado pela Eurico Lara, Força Azul e Coligay. O grupo que deu origem à torcida era constituído de frequentadores do tradicional Bar do Ramon (RODRIGUES, 2017; TORCIDAS... (3), 1996). A experiência do idealizador e seu modo de conduzir o grupo se evidenciam pelos relatos da partida de estreia da torcida:

¹³⁶ Não identifiquei o nome completo do torcedor, nem consegui contato para entrevistá-lo.

Na primeira entrada da Máquina Tricolor no estádio Olímpico nós saímos do Bar do Ramon, fizemos a volta olímpica pelo Grêmio para entrar na geral com a faixa e bandeira e a bateria, aonde todo mundo nos recebeu bem. Era bonito porque era, assim, era coisa de escola e a gente tinha essa coisa de liderança, de formar uma coisa e estar junto por aquela coisa que a gente queria, que se chamava Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (RODRIGUES, 2017, p.20).

O dia que a Máquina foi inaugurada a gente entrou no estádio Olímpico com charanga, o Careca adorava essas coisas de charangas e passistas, e danças, e sambas e coisas (CUNHA, 2017, p.12).

A torcida é lembrada pelos gremistas como a “torcida família”, perfil forjado em sua formação inicial e mantido ao longo de sua trajetória (ROCHA, 2017; RODRIGUES, 2017; TORCIDAS... (3), 1996). Segundo Luiz, que presidiu a Máquina por 14 anos, a torcida “não era a maior do Grêmio, mas era a mais unida, mais presente em todos os sentidos” (ROCHA, 2017, p.4). Sinal da união entre aqueles que integraram o agrupamento é que, mesmo a torcida tendo sido extinta em 2000, realizam festas de reencontro, além de manter uma página de *Facebook* ativa onde compartilham fotos antigas da torcida, de seus encontros e conteúdos sobre o Grêmio (ROCHA, 2017). Segundo o torcedor, o perfil dxs componentes se traduzia, também, em modos diferentes de torcer:

Tu tinha que ser mais light, tu tinha que manejar... Pegar o pessoal, chamar para manejar com o palavreado porque tinha muitas pessoas, senhoras idosas, que levavam suas filhas. Por mais que, de repente, uma ou outra se soltasse um pouquinho mais, mas tu tinha que respeitar” (ROCHA, 2017, p.13).

A orientação descrita evidencia como a presença das famílias frequentemente cria uma demanda por certo controle de expressões vistas como desrespeitosas, fato também notado na pesquisa de Bandeira (2017).

Mesmo reconhecendo que há uma heterogeneidade interna dentro de cada torcida, os relatos acerca das características das TOs gremistas, indicam uma distinção maior entre dois grupos, como sintetizado nos relatos de André Carmo dos Santos, da Força Azul:

A Força Azul era muito parecida com a Máquina, eram torcidas mais familiares, porque tinha pai, tinha mãe, tinha tio, núcleos da mesma família, gremistas que faziam parte da mesma torcida. A Jovem, a Garra e a Raça eram diferentes (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.7).

A Jovem e a Garra tinham uma característica muito parecida, eles eram guris, uma gurizada, nos erámos de idades próximas, mas eles eram um pouco mais velhos que eu, então eu devia ter uns 13, 14, entrei com 12 eu acho, e eles 19, 18, 17, 20, 21, mas era uma gurizada assim que era da arruaça, gostava de uma bagunça. Eu percebo que eles saíam juntos em festas, gostavam de arrumar uma confusão, já eram uns caras que gostavam de cantar as gurias nos estádios, as poucas que iam, então a Jovem tinha esse perfil e a Garra também, era um perfil muito próximo. (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.11)

A lembrança de Pancho, integrante da Garra, acerca das três torcidas de perfil jovem coaduna a impressão de André:

Havia três torcidas bem identificadas que era a torcida Jovem, a Raça Tricolor e a Garra. E as nossas camisetas eram pretas a gente usava uma camiseta de linha. Um calor, um calor, um calor! Quente! Na época se usava essas malhas. A Jovem eram camisetas brancas e a Raça era azul. Isso era uma coisa bem definida. E tinha aquela coisa de adolescente, parecia que eu tava em uma ganguezinha, a gente estava em um mesmo ideal sabe? Claro, era o futebol? Era... E havia Gre-Nais que muitos iam para brigar e eu já não ia para brigar, eu era bem pelo contrário, a gente ia para harmonizar, tinha um grupo que ia para harmonizar e outro grupo que ia pra procurar confusão, principalmente no Beira Rio (RIVAS, 2015, p.3).

A fala de Pancho evidencia a presença das brigas como uma das motivações de integrantes de TOs, elemento ausente nos relatos dos primórdios das TOs gremistas, quando Eurico Lara, Força Azul e Coligay eram os principais grupos. Apesar do reconhecimento da ocorrência regular de confrontos entre torcedores rivais, é consensual entre meus/minhas entrevistadxs que eles eram de pequena gravidade, como mostram alguns relatos:

Sempre teve... De vez em quando tinha. Lá no Beira-Rio... E... lá no Olímpico eu não me lembro, mas sempre teve alguma briga, assim. Na época, eu acho, não era tanta violência, não tinha arma de fogo, nada, mas era mais comum porque não tinha tanto policiamento (COSTA, 2017, p.17)

Não tinha essa brigaçada. O cara ia a pé, “ah, hoje eu vou direto pro estádio”, ia de camiseta, com bandeira. Se encontrava [um torcedor rival] tomava flauta e tudo, mas não tinha essa brigaçada de hoje. Hoje tá ferrenho o negócio, hoje não dá pra... bah... (VIEIRA, 2017, p.12).

tu ia no Beira-Rio, tu ia no estádio adversário, né? Então tu tinha que redobrar os cuidados, cuidar dos materiais, tomar conta, se preocupar com a torcida rival, claro, por mais que nós somos adversários, a violência era **muito** menor naquela época, então ficava tudo muito no campo da especulação, do místico, “a torcida deles, cuidado, cuida dos materiais eles são perigosos”. Não tinha perigo nenhum [risos] no frígir dor ovos, ninguém ia te matar, ninguém ia te bater, eram só provocações basicamente (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.5, ênfase do entrevistadp).

Era mais pelo pessoal que tava alcoolizado “que que tá olhando?”, “que que houve”, “senta aí”, aquela coisa “senta aí”, “não gostou, sai”, aquela coisa, “olha o mijo” e jogava mesmo [riso]. Enchiam os copinhos e jogavam mesmo. Então era isso aí, mais era uma coisa assim do jogo, mas nada de tu formar grupinhos, ganguezinhas, marcar um encontro pra se... Isso aí nunca houve. Eu andava tranquilo, eu andava tranquilo. Eu podia ir num Gre-Nal com a camisa do Grêmio no Beira-Rio (RIVAS, 2015, p.2).

Na arquibancada não chegou a dar [briga], com a gente pelo menos não. Mas dava assim, por exemplo, tu tava com uma bandeira, aquelas bandeiras enormes e aí o cara “abaixa a bandeira!”, e o cara “não!”, “abaixa a bandeira!”, e aí já tocava o negócio, e ia todo mundo para cima (BERTOTTO, 2017, p.22).

As situações de confronto não eram representativas de uma constante inimizade entre torcedores adversários. Integrantes de diferentes TOs relatam um convívio predominantemente harmonioso entre torcidas gremistas e coloradas. Gerson relata que era comum que integrantes da Eurico Lara se juntassem com membros da FICO¹³⁷ e da Camisa 12¹³⁸ para jogarem futebol antes das partidas no Beira-Rio.

A gente se dava com a FICO, com a Camisa 12, eu jogava bola até em cima na, tinha... Porque a gente chegava muito cedo no estádio, né? E encontrava os caras, batia papo, trocava... Às vezes a gente fazia um futebolzinho lá em cima, naquele espaço que tem atrás do mercado (VIEIRA, 2017, p.12).

Careca destaca que “havia consideração de uma torcida com a outra, quando havia festa de aniversário de uma torcida vinha sempre representante deles, na nossa casa, como nós íamos na casa deles, e era sempre respeitado” (RODRIGUES, 2017, p.5). Registro da ZH endossam essa amistosidade. Em 1982, o periódico noticiou a presença de várias TOs gremistas – Força Azul, Real Torcida Jovem, Super Raça, Torcida Jovem, além de um diretor do Departamento Eurico Lara – na comemoração do segundo aniversário da torcida colorada PX-Inter (A BOA..., 1982, p.46). Outra nota do mesmo ano informava que a ex-presidente da Força Azul havia mandado um telegrama felicitando o clube rival pela conquista do bicampeonato gaúcho (PARABÉNS, 1982, p.40).

Houve também um registro de uma união momentânea entre as torcidas do São Paulo¹³⁹, de Rio Grande, e do Grêmio em um confronto entre os clubes no Estádio Olímpico (TORCENDO..., 1981). Da parte tricolor, tratavam-se de integrantes da Raça, que estreavam nas arquibancadas. Paulo, integrante da TO, relembra o ocorrido:

[...] no primeiro jogo a gente entrou com trinta, trinta e seis componentes na geral, embaixo ali na [entrada da Avenida] Carlos Gomes, não, na [Avenida] Carlos Barbosa, embaixo do placar que tinha ali. E naquele jogo era Grêmio e São Paulo de Rio Grande, aí nós estávamos na geral e a torcida do São Paulo em cima. Aí durante o jogo, primeiro tempo, o pessoal de cima com um bandeirão **enorme**, e aí um cara do Grêmio lá debaixo, que não era do nosso grupo, pegou a bandeira e puxou para baixo, e no que eles puxaram para baixo, nós fomos lá, pegamos o cara, tiramos a bandeira, amarramos a bandeira na nossa e alcançamos para os caras lá em cima. E aí, começamos a conversar, nós embaixo e eles em cima e tal. Terminou o primeiro tempo, a gente saiu para fora do estádio e subiu, foi lá para cima com os caras, ficamos juntos. As duas torcidas juntas. Inclusive no placar, que era aquele placar de letrinhas, estava escrito “Feliz, é torcer juntos!”. Bah e aquilo ali no dia seguinte saiu no jornal e era todo mundo com papelzinho “tu viu, olha, aqui, olha aqui”, tipo

¹³⁷ Torcida Força Independente Colorada

¹³⁸ Torcida Organizada Camisa 12

¹³⁹ Sport Club São Paulo, de Rio Grande (RS).

gurizada, pô, eu, com mais de vinte anos nas costas, parecia um pivete lá. E assim foi. O primeiro jogo foi esse (BERTOTTO, 2017, p.4, ênfase do entrevistado).

O relato da tentativa de captura da bandeira adversária por um grupo de gremistas, em oposição ao gesto de devolução por parte da Raça, demonstra a divergência entre torcedorxs em relação aos limites entre as práticas de rivalidade compreendidas como legítimas e aquelas vistas como inapropriadas ou desrespeitosas. Uma nota da ZH do dia seguinte à anterior menciona que, após a união entre as torcidas, torcedorxs que permaneceram na geral os vaiaram (TORCIDAS II, 1981). Diferentes modos de expressão de rivalidade e parceria coexistiam e confrontavam-se.

Luiz, da Máquina, lembra do hábito de muitos líderes de TOs de correponderem-se por cartas:

[...] de 1989 a 2000, quando eu saí lá do Grêmio, eu fui considerado o melhor relações públicas do Brasil em termos de cartas. Eu respondia mais de seiscentas cartas/mês, eu tinha um álbum que ele tinha essa altura assim ó [com a mão indica uma altura próxima de 15cm]. 1992, parece que tinha mais de, sei lá, quatro mil cartas. Então eu tinha contato com Portugal, com Espanha, e a gente... Hoje tu vai em qualquer estado aí, tem pessoas “ah, o fulano, o beltrano” sabe? É importante isso aí. Lá em Minas eu tenho muitos contatos. No Rio, em São Paulo, Minas Gerais, em Recife, Paraíba, enfim, Brasil a fora. Se tinha torcida organizada, eu tinha contato [...]

L.A – Que tipo de coisas vocês escreviam nessas cartas?

L.R – Ah, tu contava como é que estava o clube naquela semana, como é que foi a torcida, materiais novos que estavam sendo lançados, o jornalzinho que se fazia na época. Se fez um jornal que saia trimestral, se não me engano, que ali tinha datas de nascimento das torcidas, endereços, materiais, valores, mensalidades, como se associar, tudo isso aí (ROCHA, 2017, p.15-16).

Nota-se que as cartas eram formas de divulgar a TO, assim como compartilhar informações de seu cotidiano. Luiz menciona que a comunicação rendeu amizades duradouras com outrxs torcedorxs e que hoje muitos deles se falam com regularidade por meio de um grupo de *Whatsapp* denominado “Elite das Cartas”.

No que tange à sua rotina, as TOs gremistas seguiam ritmos similares. Aos sábados encontravam-se em suas respectivas salas, no Estádio Olímpico, para pintar faixas, bandeiras, picar papel, organizar os instrumentos, entre outras tarefas que envolviam a preparação para os dias de jogos. Como já relatado, esses dias também eram momentos de confraternização, em que os torcedorxs faziam almoços, churrascos, pipoca, disputavam jogos de pingue-pongue, futebol de prego, futebol etc. Era comum também que fossem promovidos jantares na residência de algum/a dxs componentes. Além disso, em datas de aniversário, as TOs realizavam comemorações, geralmente na Churrascaria Ovelhão, localizada no pátio interno do Estádio

Olímpico (PARABÉNS..., 1982; UM ANO..., 1982; BAIXADA, 1982). E além de apoiarem a equipe gremista durante os jogos, eventualmente recebiam a delegação ou uma nova contratação no aeroporto. Algumas torcidas buscavam ainda estender sua presença às partidas das equipes das categorias de base e de outras modalidades esportivas além do futebol (GRE-NAL..., 1979; FESTA..., 1982; MOBILIZAÇÃO, 1982).

Muitas dessas atividades colocavam as torcidas em contato umas com as outras. Dado que suas salas se situavam todas no Estádio Olímpico e próximas umas das outras, havia um convívio constante entre seus/suas integrantes que se estendia para além dos jogos. Além disso, em partidas fora de Porto Alegre, frequentemente compartilhavam os ônibus cedidos pelo Departamento Eurico Lara (RIVAS, 2015; VIEIRA, 2015 COSTA, 2017; VIEIRA, 2017). Havia, assim, uma proximidade entre torcedorxs organizadxs de diferentes associações, como retrata André, da Força Azul:

no início dos anos 90, as torcidas organizadas do Grêmio eram muito pequenas. Então tu conhecia todo mundo que era de todo o Departamento Eurico Lara: da Torcida Jovem, da Garra, da Raça, da Máquina, da Força Azul, não cheguei a pegar o tempo da Coligay, eles são anteriores, mas era uma grande família. Tinha uma família menor dentro da tua própria torcida, mas tu conhecia todas as torcidas, todas as pessoas. Por jogo, a torcida que tinha mais gente botava cem pessoas, então não tinha como tu não conhecer esse universo (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.3).

Essa relação entre as TOs gremistas, ainda que predominantemente amistosa, envolvia também muita rivalidade, como relatam os torcedores organizados que entrevistei:

[...] tinha muita rivalidade. Sempre teve. Um querendo ser mais bonito que o outro (COSTA, 2017, p.9).

Uma vez teve um Gre-Nal no Beira Rio que nós brigamos entre nós pelo melhor espaço para colocar uma faixa e eu me lembro que os colorados começaram a rir da nossa cara e viramos “porra cara, olha o que nós estamos fazendo, nós estamos brigando entre nós” (RIVAS, 2015, p.5)

[...] os caras assim “ah, tu era da Garra, tu não podia ser amigo de um cara da Raça”. Então eu fui um cara que lutei muito contra isso. Ah, cara nós somos do mesmo time! Então, de repente, eu ia num jogo cedo e ajudava os caras da Raça a montar faixa, eles ajudavam a gente a botar tal e tal. Só que tinha uns presidentes, uns integrantes, que não gostavam dessa relação, que acho que não tinha nada a ver, cara (VIEIRA, 2015, p.7).

Tinha alguns componentes que se atritavam de graça assim, e aí a gente tinha que estar apartando, separando. [...] Não tinha motivo [riso], o problema era, era assim, era de graça (BERTOTTO, p.21-22)

[...] eu acho que a gente tinha, não uma rivalidade besta, era uma rivalidade de... Isso aí pegava todas as torcidas... Vamos dizer, na época tinha uma briga muito forte entre Jovem e Raça de beleza, quem era maior, quem cantava mais

e aquilo pegava. Então se uma torcida tivesse, na época, muito superior às outras, as outras se juntavam contra ela no campo. (ROCHA, 2017, p.7)

Sinal de que os conflitos vivenciados nesse período não eram de grandes proporções é o fato de muitos dos participantes dessas TOs recentemente terem se mobilizado para se reunir e promover o “Encontro da Velha Guarda do Grêmio” (BERTOTTO, 2017; ROCHA, 2017). Além de realizarem novas edições do encontro periodicamente, esses gremistas mantêm-se em diálogo por meio de um grupo de *Whatsapp*.

Destaco que a Coligay não participou desse circuito de relações. Tal fato pode ser justificado por dois motivos centrais. Primeiramente, acredito que essa torcida tenha interrompido suas atividades entre fim de 1979 e o decorrer de 1980, retornando em meses em 1983, já com outra composição e forma de atuação, como demonstrei no item 3.1, dedicado especificamente à sua trajetória. O segundo ponto é que as possibilidades de encontro da Coligay com os outros agrupamentos eram restritas quando comparadas às entre eles. No que tange ao convívio nas salas no Olímpico, apesar da Coligay também possuir uma, esse era um espaço utilizado meramente para o armazenamento de materiais, não envolvendo atividades de sociabilidade. Eles também não frequentavam o Olímpico aos sábados, quando as outras TOs se reuniam para se preparar para as partidas. Além disso, em jogos fora de Porto Alegre, enquanto as demais TOs compartilhavam ônibus cedidos pelo Grêmio, a Coligay fazia sua própria excursão. Por fim, por não ser vinculada ao Departamento Eurico Lara não participava de suas reuniões.

Ao longo da década de 1980, as ações promovidas para e por TOs se multiplicavam, incentivando a permanência e o ingresso nesses grupos, além de alimentar tanto a interação quanto a competitividade entre eles. A Real Torcida Jovem promoveu o “Troféu Real Torcedor”, premiando a melhor caravana gremista vinda do interior (REAL TORCEDOR, 1982), as TOs coloradas organizaram uma disputa pela maior, mais bonita e mais original bandeira (BANDEIRAS, 1982), a FICO realizava o “Troféu Destaque FICO”, em que premiava os destaques esportivos do ano (FICO, 1983), partidas de futebol eram realizadas entre TOs gremistas e coloradas (EFICÊNCIA, 1983).

Em 1983, o Departamento Eurico Lara lançou um concurso de torcidas organizadas, no qual estavam concorrendo Super Raça Gremista, Garra, Torcida Jovem, Máquina Tricolor e Real Torcida Jovem. Os critérios da disputa eram visual, ritmo, harmonia, comportamento geral e número de componentes (CONCURSO..., 1983). Paulo, integrante da TO vencedora, a Raça, conta que o concurso os motivou a se empenharem ainda mais no espetáculo que produziam:

[...] começou um campeonato entre as torcidas organizadas, e aí já começou mais trabalho, porque a gente tinha que ornamentar o local onde a gente ficava, fazer visual, pendurar faixa, balão, bandeira. Então era **muita** correria, era trabalho direto, por isso que eu te falei que os componentes iam para o estádio no sábado, mas o pessoal da diretoria era todas as noites a gente se encontrava no estádio lá, ou no estádio ou na casa do outro rapaz que foi fundador. [...] teve três ou quatro anos e a gente ganhou todos eles (BERTOTTO, 2017, p.13, ênfase do entrevistado).

Nota-se, também, que as torcidas buscaram se articular no âmbito político dos clubes. Nos momentos de eleição presidencial ou do Conselho das agremiações, a maioria manifestava suas preferências e fazia campanha para seus candidatos. Em 1978, na disputa entre Hélio Dourado e Nelson Olmedo, tanto Coligay quanto Força Azul estavam na sede do clube acompanhando a apuração e torcendo pela continuidade de Dourado no cargo, o que veio a ocorrer (AS TORCIDAS..., 1978a). Já em 1981, as TOs se dividiram: a Real apoiava Rafael Bandeira dos Santos, candidato da situação, enquanto Raça e Jovem estavam com o opositor Fábio Koff. A Força Azul optou por não posicionar. A notícia da Zero Hora registrava ainda que, caso Rafael vencesse, a “antiga Coligay” voltaria aos campos (TORCIDA..., 1981a). O esforço da Real, sob a liderança de Miltinho, para o sucesso de Rafael foi expressivo: realizou 100 visitas à conselheiros em busca de votos, fez faixas, panfletos e camisetas com o rosto do candidato, organizou um abaixo-assinado em defesa de Rafael e no dia da eleição fez uma concentração no pórtico do Estádio Olímpico. Apesar disso, Koff foi o vencedor do pleito.

Também houve ações de articulação entre as TOs. Em setembro de 1979, foi realizado um Congresso de Torcidas Organizadas em Curitiba (AS TORCIDAS..., 1979). Enquanto o Internacional foi representado pela Camisa 12, o Grêmio não mandou representantes. Na ocasião foi marcado um Congresso Nacional para o mês de março do ano seguinte, em São Paulo, sobre o qual não encontrei informações.

Já em agosto de 1981, o Grêmio, por meio do Departamento Eurico Lara, promoveu a I Convenção Estadual de Torcidas Organizadas do Rio Grande do Sul. Compareceram representantes de Grêmio, Internacional, São Paulo, de Rio Grande, e Internacional¹⁴⁰, de Santa Maria (Inter-SM). A ausência de enviados de muitos clubes do interior foi atribuída ao fato de muitas agremiações estarem ainda disputando pontos importantes no estadual, diferentemente da dupla da capital que não atuava no final de semana do encontro. Entre os temas tratados, a Zero Hora destacou “a violência nas torcidas, o policiamento nos estádios de futebol, a presença das mulheres e as formas de manifestação das torcidas organizadas” (TORCIDAS

¹⁴⁰ Esporte Clube Internacional, de Santa Maria (SM).

ORGANIZADAS..., 1981, p.24). Consensualmente, os representantes das TOs argumentaram que a violência partia dos torcedores comuns, que teriam menor consciência para lidar com situações de conflito e rivalidade. Para eles, era necessário que aos grupos organizados servissem de exemplo e conscientização aos demais.

Em outubro do mesmo ano, foi a vez do Internacional sediar a II Convenção Estadual de Torcidas Organizadas do Rio Grande do Sul (TORCIDAS, 1981, p.42). A segunda edição do evento já tinha sido agendada no primeiro encontro, tendo como expectativa que dessa vez mais torcidas de equipes do interior estivessem representadas. Apesar de anunciar a ocorrência da atividade, a ZH não noticiou mais detalhes acerca do evento.

Ao longo do tempo, as torcidas foram se modificando e, sobretudo, crescendo. Mesmo que existisse um desejo de manter certas normas do grupo, o controle quanto ao ingresso de novos membros que existia na Eurico Lara e nos primórdios da Força Azul foi extinto. Todas as TOs, buscando ser “a maior torcida do Grêmio”, tornam a entrada de novxs integrantes aberta a qualquer interessadx, inclusive divulgando recorrentemente nos jornais informações referentes ao processo de inscrições.

Associar-se à uma torcida representava uma economia para alguém que fosse um frequentador regular dos jogos do Grêmio. Isso porque, via de regra, as TOs cobravam um determinado valor de mensalidade (lembrado pelos torcedores como baixo), o que lhes garantia gratuidade ou desconto no ingresso das partidas. Assim, muitos dxs registradxs como sócios de uma TO não se envolviam de forma efetiva na torcida, associando-se no momento em que tinham maior interesse de acompanhar as partidas do clube. Paulo, abordando esse cenário, rememora a situação vivida como integrante da Torcida Jovem no Campeonato Brasileiro de 1981: “em todos os jogos a gente colocava vinte, trinta componentes para os jogos, que era o máximo da torcida, aí chegava na final chegava a seiscentos” (BERTOTTO, 2017, p.16-17).

Independentemente de algumas presenças serem efêmeras, o crescimento das TOs era notório e levou as agremiações a criarem estratégias de organização, coletivamente debatidas por meio de reuniões regulares. Os grupos passaram a fazer prestação de contas, as presidências passaram a ser definidas por meio de eleições e foram criados estatutos para nortear direitos e deveres dos componentes. Paulo remonta à construção desse documento na Super Raça Gremista:

[...] nós fizemos um estatuto, nós montamos um estatuto, muitas madrugadas a gente foi nesse endereço na [rua] Coronel Massot [onde residia um dos fundadores da torcida], discutindo o estatuto, que tem até hoje o estatuto lá, de normas do componente, o que o componente era obrigado a fazer, quais eram os direitos, deveres e tudo ali, tinha que seguir aquilo ali, a gente tentava

o **máximo** seguir à risca aquilo ali, para as pessoas sentirem assim, que elas tinham... Que elas poderiam desfrutar daquilo que a gente dava para ela, que o Grêmio dava, que era o ingresso de graça, mas em contrapartida ele deveria torcer por noventa minutos, não poderia sentar na arquibancada, tinha que sempre tentar fazer amizade com outras torcidas, e assim a gente fazia (BERTOTTO, 2017, p.17-18, ênfase do entrevistado)

Foi na década de 1990 que o aumento das TOs gremistas foi mais expressivo. Com o intuito de ilustrar esse aumento, cito o número de membros mencionado pelas TOs em matérias dedicadas a elas, publicadas nos anos de 1996 e 1997, na Revista Nação Tricolor: Torcida Jovem, 2.997 sócios, sendo 800 atuantes; Garra Tricolor, 1200 inscritos, sendo 300 frequentadores; Máquina, 140 integrantes, com média de 70 pessoas por jogo; Super Raça Gremista, 1500 componentes atuantes¹⁴¹ (TORCIDAS... (1), (2), (3), 1996; TORCIDAS... (1), (2), 1997).

Paulo, da Raça, conta que em meados da década de 1990, especialmente após o título da Libertadores de 1995, a torcida teve um sensível aumento, chegando a reunir quatro a cinco mil pessoas em uma partida.

A torcida deu um “boom” e aí um ano, dois anos depois, eles alugaram uma casa na Rua Dona Otília, que é o cruzamento com a entrada ali do Grêmio, ali na [Avenida] José de Alencar. E aí alugaram uma casa ali, e aí a torcida realmente inchou, mas no meu ponto de vista ela cresceu, mas ela foi crescendo para os lados e o miolo foi quebrando, foi se desmanchando, porque era muita gente. Então, faziam muita coisa errada na volta ali, briga, roubar camisa, começou assim, rixa entre torcidas e estragou. Acabou com a torcida foi isso aí, quando saiu para fora do estádio (BERTOTTO, 2017, p.7).

Ele conta também que nesse momento a torcida passou a contratar instrumentistas para tocar em sua bateria, ao invés de ter os próprios integrantes desempenhando tal função, o que ele interpretou como algo negativo, um sinal de desvinculação dxs integrantes com as práticas que lhes conferem valor e que servem de prova de dedicação ao Grêmio.

A fala de antigos integrantes das TOs demonstrou que os desdobramentos do crescimento e desenvolvimento organizacional das agremiações não agradou a todos, como descreve também Cléber, da Garra:

Na época [década de 1980] era uma coisa nova. Bah! Tu dizer que era de torcida organizada era uma coisa bacana, [...] não tinha briga, era todo mundo mais amigo, minha mãe costurava bandeira, era coisa mais no amor mesmo né? Não tinha esse jogo de interesse. Depois eu acho que o futebol ficou muito profissionalizado e as torcidas também começaram a ficar mais profissionalizadas também (VIEIRA, 2015, p.4).

¹⁴¹ A forma de identificação das pessoas de cada TO que utilizo – como sócios, inscritos, frequentadores ou atuantes – é a mesma citada em cada matéria.

Rodrigues (2012) relata que apesar da gestão das TOs, nesse momento, adotar um modelo empresarial e democrático, contando com estatutos, estrutura burocrática e eleições regulares, havia a perpetuação de certos torcedores no poder, além de constantes suspeitas de corrupção e favorecimento pessoal de algumas lideranças. Ocorriam, ainda, disputas entre suas subdivisões regionais, vinculadas à bairros, vilas ou cidades que compõem a Grande Porto Alegre.

Também na década de 1990 acirraram-se os episódios de violência protagonizados pelas TOs, sobretudo pelas torcidas Jovem e Raça, as maiores naquele momento. Rodrigues (2012), afirma que o final dessa década foi de especial dificuldade a tais agrupamentos, diante das medidas tomadas contra eles, justificadas pela sua responsabilização pelo quadro crescente de violência.

A direção do Grêmio, por precaução e como parte do seu projeto de elitização, diminuiu e em alguns momentos encerrou a distribuição de ingressos para membros de torcidas organizadas. Foi vedada também a entrada de instrumentos musicais (surdos e caixas), bem como foi proibida a entrada de bandeiras com cabos de bambu. Materiais que faziam parte de um conjunto de elementos de alegoria e percussão de um tipo de torcida que se consolidara nos anos oitenta e ainda era preponderante dentre as torcidas gremistas em 1998 (RODRIGUES, 2012, p.43).

Além dessas medidas, foi imposto a torcedores filiados às TOs que utilizassem um número de inscrição impresso nas camisetas da agremiação, a qual deveria ser usada no trajeto e dentro dos estádios, de forma a identificá-los mais facilmente.

Em oposição à recorrente atribuição de responsabilidade pelos episódios de violência no futebol às TOs, em especial pelos clubes e pela mídia, Campos e Toledo (2013, p.134) defendem que as “transgressões no futebol existem e partem tanto de atitudes individuais, entevos alimentados pela paixão e por interesses outros, quanto pelas coletividades torcedoras, seja qual for o modelo que possam assumir, TOs ou outros arranjos”. Ademais, os autores atentam para necessidade de considerar a crescente espetacularização e elitização do futebol, assim como as alianças entre TOs e dirigentes, na análise o incremento dos episódios de violência no futebol. De todo modo, é nesse contexto de crise das organizadas gremistas que, em 2001, surge nas arquibancadas do Olímpico um novo modo de mobilização torcedora: a Geral do Grêmio.

A Geral surge a partir de um grupo de seis antigos integrantes da Torcida Jovem que decidem mobilizar-se de maneira informal – sem cadastros, carteirinhas, camisas de identificação, estatutos, atas – e autônoma – não prestariam contas ao Grêmio, nem dele

receberiam subsídios (RODRIGUES, 2012). Queriam estar “livres das amarras institucionais e disputas políticas que engessavam as atividades das torcidas organizadas” (*ibidem*, p.48). Para iniciar a empreitada, o grupo deslocou-se para um novo lugar no Olímpico, o setor geral, localizado atrás do gol e com ingressos mais baratos.

Nas práticas torcedoras por elxs empreendidas há forte inspiração das *hinchadas* argentinas. Têm como princípio o apoio ininterrupto durante toda a partida, por meio de gritos e cânticos chamados ali de alentos. Diferentemente das TOs, que cantam de forma gritada, mas em momentos pontuais da partida, a Geral opta por cantar mais baixo e de forma cadenciada, e o tempo todo (RODRIGUES, 2012).

Outro elemento característico da Geral é a adoção de trapos ao invés de faixas ou bandeiras comuns. Os trapos são pequenas faixas produzidas de forma artesanal pelos próprixs torcedorxs: um pedaço de pano em que se pinta uma mensagem ou uma figura. A precariedade do acessório reforça a imagem popular que se forjava nesse novo movimento.

Mas possivelmente a principal marca da Geral era a Avalanche. Apropriada de torcidas sul-americanas, é um movimento consiste na atitude dxs torcedorxs de correr em direção à mureta inferior da arquibancada após os gols do Grêmio¹⁴².

Com o tempo, mais torcedorxs foram se identificando com aquela forma de torcer e a Geral foi conquistando novxs adeptxs, muitxs dxs quais egressos de TOs¹⁴³. Atualmente, ainda que haja outros agrupamentos de torcedores gremistas que frequentem regularmente as arquibancadas da Arena do Grêmio, a Geral é praticamente tida como a única torcida do clube, dada a discrepância numérica entre ela e as demais. Tal argumento é defendido pelo torcedor André Carmo dos Santos (2015, p.12):

O que eu vejo, com o surgimento da Geral do Grêmio, as torcidas do Grêmio, quase todas, acabaram, as organizadas. A que resiste, que eu vejo na Arena com faixa e com pessoas lá, não com a faixa somente, é a Jovem. Inclusive, perto de onde a gente estaciona o carro, é a sede da Jovem, e eu vejo ali tem duzentos, as vezes cem, cento e cinquenta que ainda resistem com essa forma de torcida antiga, com camiseta da organizada, com materiais, num espaço determinado. Eu acho que a Geral do Grêmio tomou conta do que se diz e se entende por torcida quase organizada dentro do estádio.

¹⁴² No projeto da Arena do Grêmio, a Geral reivindicou e conquistou a existência um setor do estádio sem cadeiras, possibilitando a realização da coreografia. Entretanto, um acidente ocorrido um mês após a inauguração do novo equipamento levou à colocação de gradis ao longo da arquibancada, restringindo a possibilidade de realização da Avalanche. Apesar disso, a Geral ainda é lembrada pelo movimento.

¹⁴³ A migração dessxs torcedorxs também pode ser associada aos processos de controle justificados pela prevenção à violência, assim como da diminuição e eventuais cortes dos subsídios do clube e do distanciamento dos fóruns decisórios junto ao Grêmio, às Federações e ao Estado (RODRIGUES, 2012).

Para Rodrigues (2012), a Geral protagonizou um novo momento de intensificação das manifestações de diferenças entre gremistas e colorados. “O torcedor da Geral transforma a acusação de pobreza material ou a popularidade exaltada pelo colorado, em pobreza de espírito, considerando-os torcedores sem dedicação, sem entrega, sem alma. Este último também expresso no termo “macaco” (RODRIGUES, 2012, p.36). A resposta colorada vem no sentido de reafirmar seu caráter popular e local. Sua torcida de alento, não ao acaso denominada de Guarda Popular, “adotou para si os lemas canto (em oposição ao alento, termo de origem castelhana para os cânticos da torcida do grêmio inspirado nas torcidas argentinas), churrasco (provável referência a congregação de amigos que essa comida proporciona) e cachaça (bebida barata, “do povão”)”¹⁴⁴.

A Geral ganhou protagonismo e, com isso, influência política no clube. Sinal da força do agrupamento junto à direção gremista é o fato de terem conquistado a construção um setor popular no novo estádio tricolor, a Arena Grêmio, inaugurada em 2012. Nele, a ausência de cadeiras e os degraus baixos foram pensados de forma a possibilitar a realização da *Avalanche*¹⁴⁵.

Entretanto, tal poder de negociação do coletivo é relativo e contingente. Segundo descreve Reale (2016), os dirigentes gremistas reconhecem que, atualmente, é a Geral a principal responsável pela produção de uma “atmosfera de estádio” e um “clima de caldeirão”, que contribuiria para o desempenho do time e para a própria produção do espetáculo esportivo. Por outro lado, também impera entre eles uma visão mercadológica interessada em torcedorxs que tragam dinheiro para o clube.

Além disso, um grupo de torcedores entorpecidos, sem camisa, suados, pulando e correndo pelas arquibancadas e cantando “Tomo cerveja, cocaína e lsd...”, como a Geral canta em quase todos os jogos, constitui-se algo desconfortável em um ‘club respeitável’, como o Grêmio sempre se pensou, desde a sua fundação (REALE, 2016, p.204-205)

Ações no sentido de excluir torcedores populares, entre os quais (ou em especial) aqueles com comportamentos como os descritos acima, estão intimamente associadas ao processo de modernização dos estádios. Tal processo teve início a partir da década de 1990, e alcançou seu ápice com a construção de uma série de “novas arenas” viabilizadas pelos

¹⁴⁴ Os lemas da Geral do Grêmio são amizade, trago e alento.

¹⁴⁵ Mascarenhas (2014) pondera que a reserva de um espaço específico destinado à coreografia representa um esforço de domesticação dessa manifestação, ao estabelecer precisamente onde e o que será realizado pelos torcedores “rebeldes”.

financiamentos voltados à realização da Copa do Mundo FIFA de 2014 no país (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2006; MASCARENHAS, 2014).

Apesar desse novo modelo não se impor de forma hegemônica nas praças futebolísticas nacionais, visto que não alcança centenas de estádios de prefeituras, clubes de pequeno porte e agremiações não profissionais, no circuito dos ditos grandes clubes a adequação ao “padrão FIFA”¹⁴⁶ é um imperativo.

A mudança arquitetônica dos novos espaços estaria acompanhada de alterações no público frequentador:

O atual “modelo FIFA” concebe o moderno estádio como equipamento destinado a um público específico, seletivo, disposto a pagar caro por tecnologia, conforto e segurança. Um público “familiar”, “ordeiro”, que vai ao estádio consumir o espetáculo, e não buscar tradicionais formas de protagonismo que não interessam ao novo modelo de futebol-espetáculo (MASCARENHAS 2014, p.216).

Para Bandeira (2017), o recente processo de modernização dos estádios brasileiros trouxe uma maior atenção aos/as torcedorxs e suas práticas. Contribuiu com isso, ainda, o estabelecimento de normativas vindas da FIFA e de federações nacionais, as quais impõem interdições a práticas historicamente autorizadas nos estádios de futebol, entre elas a cânticos e gritos de guerra que fazem uso de termos machistas, racistas e homofóbicos.

Penso que a lembrança da Coligay não pode ser abordada como um fenômeno desconectado do que se passa atualmente nas arquibancadas da Arena Grêmio. Retomarei esse argumento ao longo do trabalho. No próximo item, volto a observar o cenário das décadas de 1970 e 1980, focando nas torcidas organizadas formadas por LGBTs que, tal qual a Coligay, surgiram nesse período.

3.4 A EMERGÊNCIA DE TORCIDAS GAYS NO FUTEBOL BRASILEIRO

Começam a proliferar, no Brasil, as torcidas gay. Em breve, creio, todos ou quase todos os grandes clubes a terão, embora a reação de Márcio Braga contra um grupo do gênero que quis se organizar no Flamengo. A verdade, porém, é que a coisa cresce... (CABRAL, 1979a, p.45).

¹⁴⁶ A expressão refere-se à adequação dos estádios aos padrões impostos pela FIFA para que as praças esportivas possam receber jogos da Copa do Mundo.

A fala do então colunista da Zero Hora Cid Pinheiro Cabral indica que a existência da Coligay, uma **torcida gay**, não foi um fenômeno isolado no universo do futebol brasileiro. Mas apesar da percepção do jornalista de uma proliferação de torcidas gays no período, sua previsão de que todos ou quase todos os grandes clubes as teriam não se concretizou. Naquele momento, contudo, sua aposta não era descabida. Eram muitas as notícias acerca da formação de novos grupos com tal definição pelo Brasil, além de que a experiência mais próxima a ele, a Coligay, mostrava-se bem-sucedida.

Como referência das torcidas gays cujo surgimento vinha notabilizando-se a ponto de Cabral identificar uma proliferação, cito aquelas que encontrei a partir de uma busca na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Identifiquei menção à treze torcidas organizadas de dez clubes diferentes, sendo elas: Coligay, do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (RS); Fla-Gay, do Clube de Regatas do Flamengo (RJ); Fo-gay e Peraltas do Fogão, do Botafogo de Futebol e Regatas (RJ); Flu-gay, do Fluminense Football Club (RJ); Baleia gay, do Santos Futebol Clube (SP); Fiel Gay e Gayviões da Fiel, do Sport Club Corinthians Paulista (SP); Palgay, da Sociedade Esportiva Palmeiras (SP); Sãogay e Faugay, do São Paulo Futebol Clube (SP); Guagay, do Guarani Futebol Clube (Campinas, SP); Galo-Gay, do Clube Atlético Mineiro (MG). Além dessas, nas coletas realizadas no jornal Zero Hora, identifiquei também: Maré Vermelha, do Esporte Clube Internacional (Santa Maria, RS); Zé Gay, do Esporte Clube São José (RS); Torja, do Clube Náutico Capibaribe (PE); Força Amor Azul, do Goytacaz Futebol Clube (Campos dos Goytacazes, RJ); Leão-Gay, do Sport Club São Paulo (Rio Grande, RS); Lobogay, do Esporte Clube Pelotas (Pelotas, RS). E, por fim, no Lampião da Esquina, foi citada, ainda, a Bragay, do Brazão¹⁴⁷ (Muriaé, MG) e na revista Placar, a Raposões Independentes, do Cruzeiro (MG). Na atualidade, as menções mais recorrentes a tais torcidas remetem à própria Coligay e à Fla-Gay, sendo incomum o reconhecimento ou a lembrança de outras agremiações ditas gays¹⁴⁸.

Diferentemente de sua congênere gaúcha, a Fla-Gay não conseguiu se fazer presente nas arquibancadas. O impedimento envolveu torcedorxs e TOs rubro-negras, mas teve como protagonista o presidente do Flamengo na ocasião, Márcio Braga, que não apenas manifestou-

¹⁴⁷ Em pesquisa, não identifiquei o nome completo da agremiação mencionada no periódico.

¹⁴⁸ Evidenciei isso nas minhas entrevistas e em buscas *on-line* sobre os temas “torcidas gays”, “homossexualidade e futebol” e “homofobia e futebol”.

se contra a formação da torcida, como impediu sua oficialização¹⁴⁹. O embate entre opositores e a TO foi acompanhado diariamente pela imprensa carioca, e é um dos motivos pelos quais o grupo é lembrado.

A resistência à torcida se formou tão logo o anúncio de sua formação foi divulgada. Em 7 de outubro de 1979, o *Jornal dos Sports* noticiava o lançamento da nova facção¹⁵⁰, que seria presidida pelo radialista Pedro Paradela e teria como figurinista o premiado carnavalesco Clóvis Bornay (*TORCIDA DESLUMBRARÁ...*, 1979). Bornay, a matéria lembra, era botafoguense, mas teria mudado de clube. O texto dizia, ainda, citando Paradela, que o grupo não era pioneiro em termos de torcidas gays no Rio de Janeiro e que Fluminense¹⁵¹, Vasco¹⁵² e Botafogo¹⁵³ também tinham “essa facção, mas são mais discretos” (*ibidem*, p.7).

Dois dias depois, o mesmo jornal já estampava uma manifestação contrária à TO, vinda do supervisor do Flamengo, Domingo Bosco: “Sou totalmente contrário à criação da Fla-Gay. O Flamengo não é lugar pra isso” (*DOIS...*, 1979, 14). Torcedores e representantes de TOs do Flamengo também reclamaram e protestaram junto ao clube na tentativa de impedir a fundação da TO gay, tanto por telefone quanto pessoalmente (*MÁRCIO PÕE...*, 1979; *MÁRCIO PEDE...*, 1979). Na mesma semana do anúncio, representantes das TOs Flamante, Dragões Rubronegros e Raça Rubronegra foram à sede do clube expor seu descontentamento: “disseram que a Fla-Gay é ‘uma desonra para o clube e não fará qualquer evolução’” (*DRAGÕES...*, 1979, p.26). Vários representantes de outras facções, por sua vez, procuraram o chefe do policiamento do Maracanã solicitando-o que não permitisse que a Fla-Gay ingressasse no estádio, sob o risco de confrontos entre eles: “Segundo esses torcedores, a responsabilidade de qualquer conflito será da própria Polícia Militar já que pelas suas tradições o Flamengo não poderá ter uma torcida gay” (*ibidem*, p.26). De forma similar, o chefe da Raça Rubronegra afirmou à Márcio Braga que “não sabe o que poderá acontecer com os integrantes da Fla-Gay se aparecerem no Estádio” (*MÁRCIO PÕE...*, 1979, p.26).

É evidente o tom de ameaça dos torcedores organizados citados nas reportagens. Ademais, a possibilidade de violência física é tratada de forma naturalizada, como se possíveis agressores estivessem cumprindo uma obrigação ao fazer uso da força para impedir a formação

¹⁴⁹ No Flamengo, a oficialização de uma nova TO dependia da aprovação do Conselho diretor do clube, seguido de recomendação à Suderj (Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro) e à Federação Carioca de Futebol, responsáveis por definir o local em que o grupo deveria ficar no estádio. Márcio Braga não permitiu que a torcida fosse aprovada no parecer do Conselho.

¹⁵⁰ Nesse período, as TOs no Rio de Janeiro eram nomeadas como facções da torcida dos clubes.

¹⁵¹ Fluminense Football Club, do Rio de Janeiro (RJ).

¹⁵² Club de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro (RJ).

¹⁵³ Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro (RJ).

de uma torcida que não se adéqua a pressupostos heterossexistas, entendidos por eles como parte das tradições do Flamengo. Na perspectiva apresentada por esses torcedores, caberia à Polícia Militar evitar qualquer episódio do tipo, impedindo a Fla-Gay de ingressar no Maracanã. Ou seja, o compartilhamento das arquibancadas com essa torcida, não era cogitado.

Coincidência ou não, a torcida, que pretendia comparecer ao Maracanã pela primeira vez no Fla-Flu¹⁵⁴ que ocorreria no fim de semana seguinte, dia 14 de outubro, adiou a estreia para o próximo clássico que o Flamengo disputaria, sendo esse contra o Vasco, no dia 28 de outubro (BATISMO..., 1979; DRAGÕES..., 1979). O motivo informado na imprensa foi o atraso nos trabalhos de construção de carros alegóricos, fantasias e demais alegorias, que comporiam o espetáculo da torcida.

Impulsionado pela pressão contrária de torcedores e TOs¹⁵⁵, o presidente flamenguista rapidamente posicionou-se publicamente como desfavorável à formação da Fla-Gay: “O esporte não tem lugar para minorias. O Flamengo, em nome do seu Conselho Diretor, não aceitará a criação da Fla-Gay e não a reconhecerá. Temos de preservar o princípio de mens sana in corpore sano¹⁵⁶” (MÁRCIO PÕE..., 1979, p.26). Márcio Braga telefonou, ainda, para a Polícia Militar (PM) solicitando que representantes da torcida fossem “impedidos de estender faixas no Maracanã ou realize (*sic*) qualquer tipo de manifestação” (*ibidem*, p.26). Em outra matéria, o dirigente era citado afirmando que “as minorias não podiam misturar-se à torcida” e sua iniciativa junto à PM foi noticiada como um pedido de proteção contra o “mau que representa a Fla-Gay” (MÁRCIO PEDE..., 1979, p.14).

A referência à citação latina “uma mente sã, em um corpo são” é repetida em diferentes falas do dirigente, reproduzidas em algumas matérias encontradas (MÁRCIO PÕE..., 1979; MÁRCIO PEDE..., 1979; ESCALAÇÃO..., 1979). Ademais, a perspectiva do dirigente encontrou coro em outros posicionamentos frequentemente estampados nos jornais. Walter Oaquim, representante do clube na Federal Estadual, afirmou que a criação da Fla-Gay deveria ser tratada como um problema social: “Trata-se de uma **enfermidade social** e o Flamengo não vai abrigar **esse tipo de coisa**” (FLA-GAY..., 1979, p.5, grifos meus). Já a torcedora Elizabeth, em carta enviada ao Jornal dos Sports, definiu o grupo como uma **peste** e afirmou que “Pra ser FLAMENGO tem que ser machão, não **gente degenerada** como essas” (É UMA VERGONHA, 1979, grifos meus), enquanto Maria Celeste, também correspondente do mesmo

¹⁵⁴ Fla-Flu é a forma como tradicionalmente é nomeado o confronto entre Flamengo e Fluminense.

¹⁵⁵ Uma reportagem do Jornal dos Sports afirmou que apenas uma TO do Flamengo era a favor da criação da Fla-Gay, a Flamor (MÁRCIO PEDE..., 1979).

¹⁵⁶ Expressão em latim “uma mente sã em um corpo são”, originária da Sátira X do poeta romano Juvenal.

periódico, definiu os homossexuais como “**aberrações cromossomiais**” (FALA..., 1979, p.2, grifos meus).

Os termos destacados associam a homossexualidade à um problema e, mais especificamente, à uma espécie de doença, à um mal físico e mental. Para Borillo (2010), há diferentes construções intelectuais que buscam explicar a homossexualidade como uma manifestação de sexualidade anormal. O discurso que se apoia na medicina para defender a homossexualidade enquanto uma patologia é um deles. O autor afirma que essa perspectiva foi sendo forjada ao longo do século XIX, substituindo a normatização que se baseava na religião. Se anteriormente, os homossexuais eram excluídos, na nova visão, devem ser curados. A retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais pela *American Psychiatric Association* ocorreu apenas em 1974, constituindo-se em um primeiro marco da desmedicalização de práticas homoeróticas. Esse reconhecimento pela medicina foi, também, fundamental para a paulatina desconstrução de discursos que se apoiam nessa crença – ainda que eles não tenham desaparecido por completo –, caso das citações referentes à Fla-Gay citadas que, cabe lembrar, foram ditas em 1979.

Apesar das afirmações explicitamente preconceituosas que já eram direcionadas à Fla-Gay, a repulsa maior ao grupo ocorreu após o jogo contra o Fluminense, o qual originalmente constituiria a estreia da torcida. A partida era válida pela fase final do Campeonato Carioca, na qual o Flamengo já tinha vencido as três partidas disputadas. Além disso, o clube rubro-negro tinha sido líder das duas fases que a precederam e era o atual campeão estadual, além de contar com um ótimo elenco, liderado pelo craque Zico. Apesar de todas essas credenciais, a equipe foi derrotada pelo escrete tricolor pelo placar de 3 a 0. Mesmo não estando presente nas arquibancadas, em função do adiamento já mencionado, a Fla-Gay foi, de forma jocosa, apontada pelo presidente Márcio Braga como a culpada pela derrota por 3 a 0 no clássico e sua afirmação “Foi praga da Fla-Gay” estampou, no dia seguinte, a capa do *Jornal dos Sports* (MÁRCIO..., 1979, p.1).

Pinto (2017) destaca que a presença dessa afirmação na capa do periódico é fruto de uma escolha do jornal pela adoção de um tom sensacionalista, dando visibilidade a uma fala isolada proferida por um único personagem da partida. Ademais, o autor destaca que o *Jornal dos Sports*, na época o periódico esportivo mais popular do Rio de Janeiro, nas matérias que antecederam ao Fla-Flu, vinha caracterizando a formação da Fla-Gay como um acontecimento alheio ao mundo do futebol, “descrevendo as ações da torcida como se esta estivesse se preparando para ir a um desfile de fantasias ao invés de ocupar um espaço em uma arquibancada para apoiar o time de coração” (PINTO, 2017, p.57). Tal abordagem, somada ao espaço cedido

às manifestações de desaprovação à essa torcida, em especial nas sessões de cartas, teria contribuído para sua rejeição entre flamenguistas e dificultado seu reconhecimento e legitimação como uma torcida organizada no campo futebolístico.

Em que pese a intensa rejeição de rubro-negros com força institucional, alguns registros evidenciaram que uma TO, a Flamor, era receptiva à presença de homossexuais. Ela foi a única TO do clube a manifestar seu apoio à criação da Fla-Gay (MÁRCIO PEDE..., 1979). Além disso, a agremiação tinha em seu corpo de integrantes alguns homossexuais que tinham o intuito de formar uma ala própria dentro da torcida, projeto cancelado diante do ocorrido com sua congênere (A.P., 1979).

O posicionamento de Braga repercutiu também nas páginas do Lampion da Esquina. Antônio Chrisóstomo, editor do jornal e flamenguista, por meio de uma carta aberta manifestou sua decepção e descontentamento pela interdição arbitrária à Fla-Gay, assim como pelos argumentos utilizados pelo mandatário rubro-negro (CHRISÓSTOMO, 1979, p.9).

Ainda que em menor número, houve também registros nos demais periódicos de críticas à Márcio Braga. Uma carta publicada no Jornal do Commercio destacou que a postura adotada pelo presidente flamenguista era não apenas machista e totalitária, como também incoerente:

[...] o presidente do Flamengo adotou uma postura repressiva e incompreensível em quem, como ele, vive enchendo a boca com declarações sobre reabertura, democratização, participação – que só parecem aceitáveis e necessárias quando favorecem suas aspirações de assumir posição mais destacada no esporte (MÁRCIO BRAGA..., 1979, p.5).

Crítica similar foi levantada pelo colunista José Inácio Werneck (1979, p.27):

No Brasil, as pessoas só costumam ser liberais em causa própria. Aposto como as convicções igualitárias do presidente Márcio Braga acabam quando no momento em que alguém falar em extinguir a vitaliciedade de seu cartório. Nem precisaríamos ir tão longe: ainda há dias, ao pedir ação policial para debandar a Fla-Gay, ele tomou uma atitude que, na Inglaterra acima citada, seria considerada ditatorial e intolerante.

Nas citações, tratam-se de críticas que se baseiam não no caráter homofóbico das atitudes e declarações de Márcio Braga, e sim de seu cunho repressor e antiliberal. O dirigente era integrante do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que fazia oposição ao governo militar, e mostrava-se um defensor da democracia e das liberdades. Em uma entrevista da Revista Cruzeiro, ele teve oportunidade de explicar a aparente incoerência:

Lembrado sobre seu comportamento democrático e liberal, e homem sem preconceitos ou ressentimentos, e indagado como permitiria transparecer uma imagem de incoerência, o presidente da “nação rubro-negra” – depois de dar

uma aula jurídica sobre Nação – foi objetivo ao opinar sobre sua posição contrária da criação da flagay.

- É bom a gente dividir as posições. Como torcedor, como cidadão, entendo, admito e sou favorável às mutações sociais, aos diferentes comportamentos das pessoas e à liberdade de ação de cada um, ou de grupos. Realmente admito, também, que o Maracanã ficaria muito mais colorido e alegre, entusiasmado e empolgado, com a presença da flagay (foi lembrado a Márcio Braga os benefícios que a pioneira torcida *gay*, do Grêmio porto-alegrense, trouxe ao campeão gaúcho). Entretanto, não tenho direito a assumir atitudes de cunho pessoal, quando participo de uma diretoria, e exerço a presidência do nosso Flamengo como representante de sua torcida. [...] Tenho aqui documentos que a totalidade das torcidas organizadas do Flamengo, incluindo até uma de Córdoba-Argentina, se manifestaram, oficialmente, contra a regularização da flagay. De qualquer forma, jamais impedirei que espontaneamente a flagay se apresente no Maracanã [...] (O DESPORTISTA..., 1979).

O tom ameno e conciliador destoa dos posicionamentos anteriores de Márcio Braga. Ainda que mantenha a contrariedade à oficialização da Fla-Gay, responsabiliza as demais TOs pela decisão, e já passa a admitir a atuação informal da torcida nos estádios. Além disso, diferentemente das manifestações anteriores, nesta ele não faz nenhuma crítica ou ofensa à homossexualidade, chegando mesmo a dizer que os torcedores fariam do estádio “mais alegre e colorido”. Parece evidente que o político se ajustou às pressões e críticas de seu entorno.

No que tange à sua posição quanto à Fla-Gay, cabe resgatar, ainda, uma manifestação anterior à 1979. Em setembro de 1977, uma reportagem do *Jornal dos Sports* informava acerca da iminente formação da Fla-Gay, a qual dizia que Márcio Braga seria um apoiador. A matéria tratava de uma visita ao Maracanã por um flamenguista e um vascaíno. O flamenguista era o carnavalesco Evandro de Castro Lima, quem afirma que “uma nova e poderosa torcida está em vias de surgir no cenário esportivo” e completa:

até o Márcio Braga apoia. Ele diz que vai ser uma beleza quando a Fla-Gay aparecer no Mário Filho. Só tem uma coisa: ela não vai ficar espremida na arquibancada. Ficará por aqui, nas cadeiras. Vai ser um barato. Eu vou me incorporar (EVANDRO..., 1977, p.5).

Minha pesquisa não indicou novas menções à Fla-Gay em periódicos até o novo esforço de formação do grupo capitaneado por Clóvis Bornay e Pedro Paradela, em 1979. Aparentemente, a fundação naquele primeiro momento não se concretizou. A menção isolada ao apoio de Braga, e informada não por ele próprio, deixa dúvidas se, de fato, o presidente flamenguista chegou a manifestar seu assentimento à torcida naquela ocasião, tendo mudado de opinião sobre a questão dois anos depois, em meio à forte pressão das TOs.

De todo modo, o tratamento hostil do dirigente desanimou Clóvis Bornay, que disse não saber se a torcida conseguiria concretizar sua formação (BORNAY..., 1979), fato que realmente

não ocorreu. Mas sua possível desistência fez com que seu nome fosse eventualmente associado a constituição de outras torcidas gays.

Em 17 de outubro de 1979, o produtor musical¹⁵⁷ Carlos Imperial anunciava a criação da torcida botafoguense Fo-Gay e informava que convidaria o antigamente também alvinegro Bornay para se juntar a seu grupo (CONCORRENTE..., 1979). As demais matérias encontradas sobre a agremiação indicam que a torcida não chegou a estreitar. Cabe destacar que Imperial era uma figura pública polêmica, que em diversos momentos da carreira sabidamente forjou histórias e situações para trazer atenção midiática a artistas para os quais estava trabalhando¹⁵⁸. Se por um lado, ele era um botafoguense apaixonado, por outro, sua identificação como homem cisgênero e heterossexual, somada à fama descrita, levantam dúvidas se a Fo-Gay realmente representava um projeto com intenção de ser concretizado ou apenas uma “piada”. E, mesmo se fosse um projeto, restaria o questionamento se sua finalidade era reunir homossexuais para apoiar o Botafogo ou simplesmente atrair a atenção popular para si.

Independentemente das intenções pessoais de Carlos Imperial, a forma com que ele apresentava a torcida que dizia estar formando era permeada de afirmações jocosas, como evidencio pelos trechos de uma entrevista ao Jornal dos Sports: “O Maracanã, aliás, visto do alto, redondinho do jeito que é, é um símbolo autêntico da torcida gay”; “Aos 100 primeiros inscritos, vamos sortear no Maracanã um fuzileiro naval”; “Queremos representantes de todas as cidades. Campinas e Pelotas [cidades com fama de terem muitos homossexuais] já estão conosco” (IMPERIAL..., 1979, p.3). Na mesma entrevista, também em tom debochado, ele questiona a orientação sexual de uma série de personalidades públicas.

Ainda que confirmando que uma torcida gay pode ajudar um time (“Com seus aplausos, pode”), tendo reiterado uma manifestação de apoio do presidente da Federação Paulista de Futebol que afirmava que “o futebol precisa de todas as torcidas, até a torcida gay”, e classificando como “uma pena” que Márcio Braga não tenha entendido os objetivos de Bornay com a Fla-Gay, a ironia e as piadas sobre a homossexualidade preponderaram ao longo da entrevista (*ibidem*, p.3). O apreço do grupo de homossexuais que comporiam a Fo-Gay pelo futebol e pelo Botafogo não são abordados.

De toda forma, a torcida volta a ser noticiada. Charles Borer, então presidente do Botafogo, quando questionado sobre a Fo-Gay, disse não ser contra nem a favor, e negou que

¹⁵⁷ Carlos Imperial também exerceu várias outras ocupações ao longo da vida como compositor, ator, diretor de televisão, apresentador, entre outras.

¹⁵⁸ Algumas situações são narradas em reportagem d’O Globo que noticia o lançamento do documentário sobre Imperial. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/carlos-imperial-tem-sua-historia-contada-em-livro-musical-documentario-15827415>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

tomaria providências para impedir sua efetivação: “Se a torcida for criada, não tomarei qualquer atitude porque esse é um direito que assiste a todos os torcedores” (BORER..., 1979, p.7). Rogério Correia, vice-diretor de futebol do clube, em concordância com a posição de Borer afirmou que a “criação de mais essa torcida não difere da criação de outras torcidas. [...] Estamos vivendo num mundo democrático e humano. Nada tenho realmente contra a criação da Torcida Fo-Gay” (*ibidem*, p.7). Três jogadores do clube – Ziza, Renato Sá e Dé – foram também entrevistados e se manifestaram favoráveis à torcida. Renato Sá, que atuou no Grêmio quando a Coligay estava em atividade, afirmou que estava acostumado com gays e que, no sul, até brigavam pelo time. A Fo-Gay conquistou, ainda, o apoio do notório torcedor botafoguense Agnaldo Timóteo (TIMÓTEO..., 1979).

Apesar do consenso de diferentes representantes do clube, Russão, chefe da maior TO botafoguense, afirmou que ele e a maioria das facções era “totalmente contrária à torcida gay”. Seguindo o discurso ameaçador das TOs do Flamengo contra a Fla-Gay, afirmou que “até conflitos físicos poderão acontecer e toda a responsabilidade caberá exclusivamente a ele [Carlos Imperial]” e que, tal qual Márcio Braga, também buscaria o batalhão da polícia responsável pelo policiamento da Maracanã para impedir a chegada do grupo às arquibancadas (*ibidem*, p.7).

Acompanhando o ponto de vista do presidente alvinegro, o presidente do Fluminense, Francisco Horta, também se manifestou favorável à liberdade de constituição de TOs por homossexuais:

Eu sou a favor. Sou contra qualquer discriminação. Delirei com o Dzi Croquetes. Se vou a uma exposição desconheço se o pintor é homossexual. Isso não me interessa. Acho que todos têm o direito de torcer como quiser e, tenho certeza, isso contribuiria muito para a beleza do espetáculo (A.P., 1979, p.9).

Bornay voltou a ser associado à outra torcida gay no Diário de Pernambuco, em 4 de novembro, em matéria que levantava a hipótese de ele criar uma TO gay do Corinthians, a Fiel Gay (TORCIDA, 1979). Segundo a notícia, um dos diretores do clube paulistano teria ligado para o carnavalesco, convidando-o a liderar tal iniciativa no clube. Destaco que, em 1977, o Corinthians convidou e recebeu a Coligay junto à sua torcida, na ocasião da final do campeonato estadual daquele ano. Novamente, então, a agremiação estaria demonstrando ser aberta à tais grupos.

O possível envolvimento de Bornay na formação da Fiel Gay, contudo, havia sido negado no mês anterior na coluna de Moacir Japiassu, no Jornal da República. No texto, que

expõe as informações do torcedor corinthiano João Bombom, também é mencionado o envolvimento desse na criação de uma torcida gay no clube paulistano, a Gayviões da Fiel. Nas palavras do informante, citadas na coluna:

A gente não pediu e prefere morrer a pedir ajuda ao Clóvis Bornay para formar os Gayviões da Fiel. Ele é tão metido que andou dando entrevistas no Rio dizendo que está recebendo pedidos para liderar, aqui, uma tal de Fiel Gay. Mentira! Mentira! O nome não é esse, e está até registrado. É muito atrevimento daquela boneca! [...] **meu** grupo está criando uma alegre facção da torcida corinthiana. (JAPIASSU, 1979b, p.16, grifos meus).

Apesar de negar veementemente a participação de Bornay na torcida em formação, ele afirmava que não era por motivação pessoal. Ele admitia, inclusive, ser amigo do carioca, mas entendia que uma torcida do Corinthians, “um time do povo”, não poderia coligar-se com o Flamengo, “clube da aristocracia carioca”. Se fossem coligar-se, ele afirma, seria com a Galo Gay, que estava sendo organizada em Belo Horizonte, pelo “**nosso** pessoal” sob a liderança de Cintura Fina (*ibidem*, p.16, grifos meus).

A forma como João Bombom se referiu aos grupos que capitaneavam a criação das torcidas gays, como “meu grupo” e “nosso pessoal”, indica um sentimento de coletividade entre aqueles homossexuais inseridos no ambiente do futebol. Por outro lado, a rejeição à ajuda de Bornay demonstra que questões clubísticas também eram determinantes para a consideração acerca da formação de alianças.

A possibilidade de encontro entre duas torcidas gays também foi abordada na Zero Hora. Logo após o anúncio da criação da Fla-Gay, o jornal gaúcho informou que a Coligay enviaria um telegrama de felicitações à Clóvis Bornay, dizendo, ainda, que “os curiosos já estão imaginando um encontro entre os dois grupos quando os dois times forem jogar entre si” (A COLIGAY..., 1979, p.36). Segundo Volmar, um rapaz do Rio de Janeiro, na época, telefonou-lhe interessado em conhecer a estrutura da Coligay e utilizar os aprendizados na formação da torcida flamenguista. “Mas daí nunca mais ligou e morreu ali, e também não vingou a torcida”, conta o gremista (SANTOS, 2016, p.24). De forma similar, em 1983, Joanita, integrante da Coligay, afirmava em nota da Zero Hora que esperava uma recepção calorosa da Maré Vermelha, torcida gay do Inter-SM, na partida em que seus clubes se enfrentariam na cidade do interior gaúcho (TORCIDAS, 1983). É possível que tais encontros gerassem relações de parceria entre as torcidas, fortalecendo-as e, assim, contribuindo com sua continuidade frente às manifestações de opositores.

A formação – ou, pelo menos, a intenção e anúncio de formação – de torcidas gays em clubes de grande popularidade em todo Brasil, especialmente nos casos de Flamengo e

Corinthians, contribuiu para a crença de que a tendência se espalharia por outros clubes e regiões. No Diário de Natal, noticiou-se: “Nesse embalo poderemos ter em breve uma ABC-Gay ou Garrá-Gay, para ficarmos só nos times de massa” (GAY, 1979, p.15).

As notícias não se restringiram à hipótese de formação desses grupos. Algumas indicavam a já existência das agremiações ou mesmo narravam episódios que evidenciavam torcidas gays em atividade.

Telê Santana, treinador do Grêmio em 1977, ao acompanhar o surgimento da Coligay, afirmou que uma torcida gay não se tratava de uma novidade para ele, visto que em Minas Gerais a torcida do Cruzeiro também tinha um grupo parecido (BUENO, 1977; TELÊ GOSTOU..., 1977). Já o colunista Lauro Quadros, afirmava “Já tem Fluminense Gay, Cruzeiro Gay, Grêmio Gay” (QUADROS, 1977, p.24).

Ainda em 1977, a Zero Hora registrou que no clássico da cidade de Campos dos Goytacases, entre Goytacaz e Americano¹⁵⁹, as três TOs do Goytacaz estariam presentes, entre as quais mencionou a Força Amor Azul, identificada como “uma espécie de Coligay deles” (TORCIDA MUITO..., 1977).

Já em fevereiro de 1980, o mesmo periódico relata um conflito entre a Torja, identificada como um grupo gay criado dentro do Náutico, e o treinador da equipe, Pinheiro (BRIGAS..., 1980). O desentendimento se iniciou porque o técnico chamou os integrantes do grupo de cafajestes e vagabundos, responsabilizando-os pelo apedrejamento de jogadores da equipe pernambucana, ocorrido na partida anterior. Incomodados, os membros da Torja iniciaram um movimento para impedir que os torcedores assistissem aos próximos jogos da equipe. A diretoria, por sua vez, mostrou-se preocupada e anunciou que iria intervir a fim de solucionar a contenda.

Além da evidência da existência de uma torcida gay do Náutico, é pertinente apontar que a orientação sexual dos integrantes não parece ter sido algo que influenciou na situação noticiada. O desentendimento entre a torcida e o treinador, segundo a notícia, não foi motivado pelo fato da Torja ser “um grupo gay”, a orientação sexual de seus membros não é tomada como mote para as ofensas proferidas contra os integrantes e o clube se mostrou preocupado com a possibilidade de perder a participação desses torcedores, indicando valorizar sua torcida gay.

No mesmo ano, o Lampião da Esquina noticiou a existência da Bragay, do Brazão, de Muriaé (MG).

[...] o Brazão se fez acompanhar de sua torcida guei, recém-formada.

¹⁵⁹ Americano Futebol Clube.

E foi um desbunde! A esquadra visitante, incentivada pela Bragay, que festejou o tempo todo – isto é, nos tempos da partida, no intervalo e, segundo consta, nos vestiários, venceu por 1 a zero. E a meninada guei, preñhe de entusiasmo, empunhando flâmulas, bandeiras e faixas, com muita audácia, saltou das arquibancadas para o gramado e, junto com os atletas, fez uma volta olímpica *au complet*, sob aplausos da assistência que lotava o estádio (MINAS..., 1980, p.16).

No âmbito estadual, a Coligay também foi acompanhada de novas torcidas gays no estado. A mais antiga delas parece ter sido a previamente citada Maré Vermelha, do Inter-SM.

Maré Vermelha, a alegre “torcida gay” do Internacional de Santa Maria, estreou com sucesso, quarta-feira, no jogo contra o Juventude. Falam na cidade que ela é “pé-quente” pois a partida terminou empatada em 0 a 0. Domingo que vem, contra o Cachoeira, a Maré promete invadir o Manoel Vidal, com charanga, uniformes e bandeiras. Já estão garantidos cinco ônibus lotados (MARÉ..., 1979, p.46)

Uma antiga integrante da torcida, Marquita Quevedo, conta que a agremiação foi criada por alguns integrantes da ala gay da Escola de Samba Vila Brasil e que permaneceu em atividade por mais de quinze anos, quando desfez-se em função de uma discussão entre o líder da TO, Marcelino, e um dirigente do Internacional, que acabou em uma agressão ao integrante da Maré Vermelha¹⁶⁰ (QUEVEDO, 2017).

Na performance da Maré nos estádios não havia tentativa de disfarçar a identidade sexual e de gênero dxs integrantes (QUEVEDO, 2017). Trejeitos e afetações eram liberados e as travestis não abriam mão de seu reconhecimento. Além disso, eventualmente a torcida organizava jogos temáticos, em que se fantasiavam conforme certas datas comemorativas (*ibidem*). No dia 20 de setembro, data de celebração da Revolução Farroupilha, xs torcedorxs se vestiam de prendas, na Páscoa, de coelhinhos. Suas manifestações também envolviam elementos menos controversos, como coreografias e cânticos, acompanhados da charanga da Vila Brasil.

A torcedora classifica a relação da TO com o clube como ótima e diz que, até hoje, ela e outrxs integrantes são recebidxs de forma afetuosa quando visitam a sede. Marquita destaca, inclusive, que o Inter-SM também tinha outras torcidas organizadas, mas o grupo acabou se tornando uma espécie de torcida oficial do clube. Até mesmo um funcionário do clube, o

¹⁶⁰ Se esse foi o estopim para a desarticulação do coletivo, Marquita reconhece que a emergência da epidemia da aids no Brasil também contribuiu para que a receptividade dxs integrantes da torcida dentro e fora dos estádios não fosse mais tão acolhedora. Em uma reportagem sobre o grupo, outro ex-integrante, Matias, conta que “Alguns torcedores da Maré saíram porque tinham medo de sofrer agressões por conta do que alguns chamavam de ‘câncer gay’. Começou ali a ruptura do nó na relação, até o dia em que a Maré Vermelha deixou de fazer parte do Esporte Clube Internacional”. Reportagem “Maré Vermelha: uma parte (esquecida) da história do Inter-SM”, de Kauane Müller e Lucas Delgado. Disponível em: <<http://desacato.info/mare-vermelha-uma-parte-esquecida-da-historia-do-inter-sm/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

roupeiro Manovan Pereira Gomes, chegou a participar da agremiação. “Mano”, como é chamado, tinha uma participação bastante efetiva na Maré e era na casa de sua mãe que muitas das reuniões do grupo aconteciam.

A relação com as demais TOs, também segundo Marquita, era harmoniosa. Ela conta que equipes formadas por integrantes das torcidas do Inter-SM, inclusive a Maré, costumavam atuar em jogos preliminares (QUEVEDO, 2017). Além disso, no ano de 1979, as TOs do colorado de Santa Maria se uniram para uma manifestação contra a Federação Gaúcha de Futebol (FGF). O motivo do ato era a ameaça de desfiliação do clube santa-mariense pela Federação diante da tentativa do Inter-SM de interromper a continuidade do Campeonato Gaúcho por meio de um mandado de segurança. As torcidas Maré Vermelha, Fia-Fia e Pé quente mobilizaram mais de mil pessoas que fizeram uma passeata até a Praça Saldanha Marinho, onde queimaram um boneco simbolizando Rubens Hofmeister, presidente da FGF. Estavam presentes autoridades políticas, representantes de cinco municípios, dirigentes e torcedores do Inter-SM e de outros clubes que disputam a Divisão Especial (TORCEDORES, 1979). O fato de integrarem ações conjuntas indica que não havia restrições das demais TOs quanto a se envolverem com a torcida gay.

Se o ambiente interno ao Inter-SM era pacífico, no convívio com torcidas rivais isso nem sempre ocorria. Nos encontros com torcedores adversários, dentro e fora de Santa Maria, a torcida convivia tanto com o acolhimento quanto com lançamentos de laranjas, pedras e copos de urina¹⁶¹ (QUEVEDO, 2017), ainda que caiba reconhecer que tal fato que também era corriqueiro entre torcidas “não-gays”.

De forma geral, o surgimento de novas torcidas gays era tratado na ZH em tom de entusiasmo. Em outubro de 1979, o jornal estampava como destaque em sua contracapa a matéria intitulada “Está nascendo a ‘Leão-Gay’, a nova torcida do São Paulo”. No texto da reportagem, o jornal dizia:

O São Paulo de Rio Grande está ganhando uma nova torcida, a “Leão-Gay”, seguindo os exemplos da Coligay, do Grêmio, e da Fla-Gay, do Flamengo no Rio de Janeiro. Nos próximos jogos do clube pelo Brasileirão ela já deverá aparecer dando força à equipe.

Esse apoio poderá ser muito importante, principalmente nos três jogos decisivos que o São Paulo terá aos domingos em seu estádio [...] (ESTÁ..., 1979, p.40)

¹⁶¹ O vídeo “Violência: Maré vermelha nos estádios”, produzido pelo Boca Jornalismo, mostra alguns relatos de integrantes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ov2-_b5qMqc>. Acesso em: 19 mar. 2018.

Outra TO gay gaúcha foi a Zé-Gay, torcida do São José, de Porto Alegre. Criada em 1982, tinha como líder o cabeleireiro Clóvis que, em matéria da Zero Hora, prometia “um bom número de torcedores, inclusive uma caravana de Gravataí” (HOJE..., 1982, p.38). Serginho, que pertenceu à Coligay, era também um dos integrantes da torcida, que era composta por cabeleireiros que trabalhavam em salões na região do entorno da Avenida Assis Brasil (CUNHA, 2017). Segundo conta, eram poucos integrantes – ele menciona dez ou doze – e a torcida “não deu muito certo. Foi uma coisa muito rápida” (CUNHA, 2017, p.8). Apesar da trajetória curta, a torcida chegou a comemorar uma vitória sobre o Grêmio, justamente em sua estreia, como rememora Serginho: “O primeiro jogo da torcida foi contra o Grêmio no Olímpico e o São José ganhou. Nossa, as bibas queriam a minha cabeça!” (*ibidem*, p.8) A vitória contra um clube grande não impediu, contudo, que a torcida levasse a culpa pelas derrotas que seguiram, em uma fala registrada na Zero Hora: “Comentário de um torcedor do São José, depois do quinto jogo consecutivo sem vitórias: ‘Desde que apareceu essa torcida ‘ZéGay’, o time não ganha mais de ninguém” (TORCIDA..., 1982, p.38).

Também o Internacional, de Porto Alegre, eventualmente, é citado como um clube que teve uma torcida gay, a Inter-Flowers. A agremiação teria surgido como resposta à Coligay, o que justificaria o seu nome, visto que a Flowers, tal qual o Coliseu, era uma famosa boate gay de Porto Alegre naquele período.

Um anúncio sobre rumores acerca da formação dessa torcida é feito em reportagem da Zero Hora, de 1977: “Por enquanto ninguém confirma o boato, mas cada vez mais se comenta a formação de um grupo rival à Coligay: o Inter-Flowers, com sede na boate Flowers, do gênero semelhante ao Coligay” (BUENO, 1977, p.45). A hipótese também é mencionada em carta enviada à revista Placar: “Desgraça! Tragédia! Calamidade pública! Depois de nós, colorados, tanto gozarmos a Coligay, parece que vão fundar mesmo a Inter-Flowers [...]” (COLIGAY (I), 1977, p.33).

Alguns de meus interlocutores afirmam se lembrar da torcida nos estádios:

Claro! Me lembro direitinho, conheci os caras e tudo também. Nós íamos nos Gre-Nais, tinha contato com eles também. Eles colocavam... Tinha no Beira-Rio, lá em cima, tinha a chaminé do saci, eles colocavam a faixa deles “Inter-Flowers” aqui ó. Eles ficavam em cima ali pertinho da FICO. Dirnei Messias era o dono da Inter-Flowers. A minha colega chamada Carla, ela era minha colega de aula, ela era noiva do Dinei Dias, que é irmão do Dirnei, então a gente sabia das coisas, só que tu fala pra qualquer torcedor e eles negam isso, mas tem. [...] Eles eram igual a Coligay, igualzinha a Coligay, só que era do Inter, Inter-Flowers. Tu fala pra colorado eles não aceitam, mas existiu, eu vi, eu vi, me lembro direitinho. (VIEIRA, 2017, p.15).

[...] eu vi em Gre-Nal, mas ela foi bem posterior a Coligay, mas também foi muito rápido e a própria torcida do Internacional acabou com eles, correram com eles (WEDMAN, 2016, p.6).

Lembro. Ela não marcou tanto quanto a Coligay, porque a Coligay foi a primeira e tal, todo mundo falava “Coligay, Coligay, Coligay”. Eu me lembro assim, dos Gre-Nais, e outros jogos do Inter assim que tinha. Mas assim, a maneira de como se expressavam, eu não consigo lembrar exatamente, porque era... A Coligay ficou muito marcada tanto que até hoje se fala “Coligay, Coligay, Coligay”, se transformou em um símbolo de torcida gay no Brasil (COIMBRA, 2016, p.6-7).

A afirmação de que os colorados “negam isso” e “não aceitam” demonstra o entendimento de que o sentimento geral do coletivo colorado é de recusa à uma torcida gay de seu clube, como se isso fosse algo negativo e vergonhoso.

De encontro à informação de Gerson (VIEIRA, 2017), uma notícia da Zero Hora informou que Dirnei Messias tinha ido à redação do jornal prestar esclarecimentos quanto aos boatos sobre a Inter-Flowers. Ele dizia que não tinha qualquer envolvimento com a torcida, uma vez que era torcedor do Grêmio (INTER-FLOWERS...,1977), informação também lembrada por Volmar Santos (2015).

Os integrantes da Coligay que entrevistei não se recordavam da torcida colorada. Segundo Serginho, houve uma tentativa que não deu certo. Ele conta: “Não sei se teve algum jogo que eles foram, mas teve uma faixa que eles botaram, mas não vingou, não vingou. Nós fomos pioneiros em tudo né querida? Gremista é pioneiro em tudo [riso]” (CUNHA, 2017, p.9). Mário Marcos, que na época era repórter setorista de Grêmio e Inter afirma que apenas ouviu falar do grupo: “essa realmente não me marcou, como eu te disse, foi tão inexpressiva que não me marcou. Eu estava no estádio todos os dias, fazia setor” (MARCOS, 2016, p.11).

Foi recorrente, também, que a Inter-Flowers fosse acionada pelos entrevistados (heterossexuais) como uma espécie de comprovação de que, também entre colorados, houvesse homossexuais, como na fala abaixo:

L.A. – O senhor se recorda de ver a Coligay no estádio?

C.W. – Recordo, recordo, recordo... Inclusive uma das coisas muito importantes, porque falam, falam da Coligay, Coligay, Coligay do Grêmio, mas o nosso rival também teve a Inter-Flowers (WEDMAN, 2016, p.2-3)

De forma similar, outro torcedor remete a outras torcidas coloradas com a mesma intenção:

Então é uma coisa gozada, porque a torcida do Internacional brinca com a gente com a Coligay, e eu digo: “Mas vocês têm que lembrar que vocês tiveram a Juvinter e a FICO, só que não eram expostas que nem era a Coligay”. [...]

L.A - Você mencionou da Juvinter e a FICO, você mencionou isso porque eles tinham muitos homossexuais entre eles?

L.R - A FICO era mais o presidente, falecido... Não me recorde o nome dele agora. Muito meu amigo, gente fina pra burro, se eu lembrar eu te dou o nome dele. Mas na Juvinter era muito grande o número, mas era aquela coisa né, eles eram mais... Porque isso em todo o Brasil tem, torcida do Atlético, tem do Cruzeiro, tem Flamengo (ROCHA, 2017, p.8-9).

Novamente, essa reação parece supor que a presença de homossexuais seria algo que desqualificaria o clube e seus valores, um mal que seria amenizado pela evidência de que eles estariam não apenas no Grêmio, mas em qualquer clube e, o que mais importa, também no seu principal rival.

Foge a esse padrão a menção de Bobis, que remeteu à Inter-Flowers para valorizar a aceitação que a Coligay teve entre gremistas:

Agora eles [os torcedores gremistas] foram super receptivos [à Coligay], toda a torcida. Por exemplo, o Internacional teve, dizem, uma torcida chamada Inter-Flowers, mas os caras não conseguiram ir em nenhum jogo porque foram reprimidos na mesma hora. Então, ainda bem que lá no Grêmio não teve isso (COSTA, 2017, p.15).

A perspectiva que Bobis traz assemelha-se a que o Grêmio se baseia ao reavivar a memória da Coligay em seu Museu e em algumas ações institucionais, tratando a torcida como um trunfo de sua história, como prova de sua essência plural, fato que irei abordar no capítulo 5.

Tal qual a Fla-Gay encontrou a oposição de Márcio Braga, outras torcidas gays também encontraram opositores entre os diferentes atores do campo futebolístico. Em Belo Horizonte, segundo o informante João Bombom, citado em coluna do Jornal da República, a mídia esportiva era quem liderava as manifestações contra a Galo-Gay:

“O Cintura está animadíssimo com as adesões que recebeu”, afirma o baitola, “o único problema é superar a barreira de certa imprensa dominada por machões hipócritas”. E cita, como inimigos declarados do movimento em Minas, os cronistas Roberto Drumond (sic) e Hélio Fraga e o comentarista de rádio Kafunga, “que odeiam o Cintura!” (JAPIASSU, 1979b, p.16).

Na imprensa de outros estados também era comum encontrar manifestações de jornalistas contrários às torcidas gays. O próprio autor da coluna previamente citada, Moacir Japiassu, ao anunciar o nascimento da Gayviões da Fiel, iniciou o texto pedindo perdão aos corinthianos e tachou de “dolorosa” a notícia (JAPIASSU, 1979a, p.14). Nota-se, também, que recorrentemente ele se refere de forma pejorativa aos homossexuais como baitolas, como ocorre na citação anterior. Outros jornalistas adotavam um discurso de repúdio similar:

Vocês já pensaram o incrível Hulk com traços femininos? É assim que encaro a Fla-Gay dentro da torcida do Flamengo. Decididamente não faz o gênero do torcedor rubro-negro. **O pessoal “gay” deve continuar como estava: enrustido.** Como, aliás, tem muita gente nessa condição.

Negócio de missangas, paetês, lantejoulas, mis-em-plis e outros babados inerentes ao engraçado Clóvis Bornay, agridem a imagem do valoroso torcedor do mengão (TELLES, 1979, p.13, grifos meus.).

Nada tenho contra os adeptos e incentivadores desta facção [a Fla-Gay]. O problema é deles. Mas uma coisa eu tenho certeza: no Vasco isso não seria nem mesmo cogitado. Questão de princípio, certo? Os gays existem em todas as torcidas. **Tudo bem. Só que enrustidos** (NO CEARA..., 1979, p.5, grifos meus)

Xs autorxs supõe estar em um lugar privilegiado a partir do qual se sentem autorizados a definir os limites de visibilidade e existência dos homossexuais. Como uma espécie de conselho coercitivo, as falas reforçam a mensagem de que a permanência no armário seria uma possibilidade segura de circulação (SEDGWICK, 2007), inclusive, nos espaços futebolísticos.

Enquanto os jornalistas previamente citados defendem que os gays deveriam permanecer enrustidos, outros argumentam a favor da restrição do espaço de atuação de homossexuais. Elza Braga, esposa do presidente flamenguista, ao ser perguntada acerca de sua opinião sobre a Fla-Gay se disse “a favor da classe, mas contra a formação de uma facção desse tipo” (ELA..., 1979, p.5). Já a torcedora Elizabeth, cuja carta foi publicada no Jornal dos Sports, afirmou:

Eles em vez de ficarem em casa fazendo as fantasias para os concursos do carnaval, fiquem com suas plumas e brocados, não venham torrar o saco de quem está quieto, numa boa, sem amolar ninguém (É UMA VERGONHA, 1979, p.2).

A defesa da exclusão do espaço futebolístico às torcidas gays apoia-se na crença cisheterossexista de que esse esporte não é adequado àqueles que não compactuam com a cisgeneridade e a heterossexualidade compulsória. Reafirmando uma perspectiva generificada acerca de lugares e práticas em que os sujeitos devem ou não se apropriar, a torcedora menciona, ainda, que a produção de fantasias carnavalescas deveria se manter como reduto único desses sujeitos que, quando ousam ultrapassar as zonas socialmente previstas, geram incômodo.

Outras notícias também registraram a mobilização dos próprios torcedores contra as torcidas gays de seus clubes, tal qual observou-se também com a Fla-Gay e a Fo-Gay. Em outubro de 1979, o Jornal dos Sports relatava que a torcida Baleia-Gay havia sido impedida por outros santistas de entrar no estádio Vila Belmiro. A coluna relatava que estava crescendo “a onda contra a formação desses grupos no futebol de São Paulo” e que os organizadores da Gua-

Gay (Guarani), Fiel Gay (Corinthians), São-Gay (São Paulo) e Pal-Gay (Palmeiras), sem contar os da Baleia-Gay (Santos), queixavam-se de estar sofrendo uma campanha discriminatória (SALLES, 1979, p.5).

Tal cenário distingue-se do que encontrei em relação à Coligay. Nos periódicos, a maioria das menções feitas ao grupo apenas descrevia sua atuação, tal qual era feito com outras TOs “não-gays”. Havia, ainda, aqueles que elogiavam sua fidelidade e animação. Cabe a ressalva de que, na sessão de humor, ela era objeto de escárnio. De toda forma, em nenhum dos jornais consultados houve manifestação contrária a existência e participação da TO ou exposição que privilegiasse falas de eventuais opositores. No que tange à recepção pelos demais torcedores, por sua vez, tanto os periódicos quanto às entrevistas demonstram que não houve manifestações explícitas contrárias à presença daquela TO nas arquibancadas por torcedores e/ou outras TOs. Os descontentes se conformavam. Por fim, os dirigentes gremistas também contribuíram para que a torcida prosperasse. Num primeiro momento aceitaram sua atuação sem resistências e, posteriormente, ainda a acolheram, o que pode ser ilustrado pelo fato de ter sido contemplada com uma sala no Olímpico, além de participar de cerimônias promovidas pelo clube em que haviam desfiles de TOs¹⁶².

Apesar dos obstáculos encontrados, as demais torcidas gays também mostravam buscar estratégias de resistência. Tratando dos esforços de Cintura Fina na formação da Galo Gay, Japiassu (1979) citava a informação de João Bombom de que

o baitola mineiro tem força em outras áreas e atualmente está tentando o apoio de um “machão mais liberal, o jornalista Jadir Barroso. ‘Se o Cintura consegue cooptar o Jadir, a Galo-Gay de Belô estará sob a proteção do próprio PSD mineiro. Já pensou? O PSD!’ (JAPIASSU, 1979, p.16).

A existência de apoios parece ter sido algo importante para o sucesso da Coligay. Segundo o colunista Antônio Carlos Porto, estavam na torcida as “bichas mais famosas da nossa praça” (PORTO, 1977, p.30). Como sinal da força do grupo, contra as primeiras manifestações contrárias ao grupo, o líder Volmar Santos respondia confiante:

Ninguém pode tentar nada contra nós. Temos advogados e tudo mais, por isso sabemos que estamos perfeitamente dentro da Lei. Somos torcedores como

¹⁶² Apesar da maior parte de minhas fontes endossar o apoio gremista, Serginho afirma que nunca receberam nada do Grêmio e nega, inclusive, a existência da sala no Estádio Olímpico (CUNHA, 2017). À Rossi (2004), ele informou que o clube nunca aceitou a torcida e que Hélio Dourado sempre foi contra o grupo. Cabe pontuar, ainda, que a torcida Eurico Lara, abertamente contrária à Coligay, era uma torcida vinculada ao clube e comandada por um de seus funcionários, o que demonstra certa discordância interna quanto ao apoio ao grupo.

outros quaisquer, pagamos o ingresso e ninguém pode nos tirar do estádio (BUENO, 1977, p.44).

Só queremos paz e alegria, mas já vou avisando a quem quiser mandar contra nós: tem muita gente importante, que não pode aparecer, nos dando apoio (FONSECA, 1977, p.49).

O acesso a advogados e apoiadores para defendê-los indica que a Coligay era um grupo dotado de um certo capital social (BOURDIEU, 2007) que contribuía para garantir seu “direito de torcer”, aspecto fundamental para sustentar uma presença indesejada por muitos. Além da garantia do direito da Coligay estar representada nos estádios, a contribuição dessa “gente importante” envolveu auxílios financeiros fundamentais para a atividade da agremiação (A BOATE..., 1978; BUENO, 1977; COLIGAY (1), 1978; CUNHA, 2017; RODRIGUES, 2017; SANTOS, 2015a; Diário de Campo, 22 de junho de 2016). Também o Grêmio, de uma forma específica, agiu como outro importante apoiador da torcida, como previamente demonstrado.

Ainda sobre as outras torcidas, cabe destacar que nas notícias encontradas sobre a Fla-Gay, a Fo-Gay e a Gayviões da Fiel, é recorrente que a ênfase na descrição de sua estética e dos artefatos utilizados no espetáculo que elas iriam proporcionar:

João Bombom tem planos mirabolantes para os Gayviões: “As cores e desenhos dos estandartes estão com o Clô: o Clodovil, ora essa!” As alegorias terão o preto e o branco, para não ferir a tradição corinthiana, mas Bombom acha que é preciso **ter um pouquinho de rosa shocking aqui, purpurina ali; e paetês, vitrilhos, miçangas aos borbotões**. “Queridão, torcida tem de ser alegre e a nossa pretende transformar cada jogo do nosso time num autêntico carnaval; nuvens e nuvens de strasse” (JAPIASSU, 1979a, p.14, grifos meus).

Vamos fechar o Maracanã, dando um show de **plumas e paetês**, naturalmente, sempre incentivando o Mengão. [...] É lógico que não vamos para o Maracanã com as **fantasias luxuosas e maravilhosas** que ele [Clóvis Bornay] costuma apresentar nos concursos de carnaval. Mas iremos dentro do que se pode chamar de originalidade, com o que há de melhor e mais bonito em todo o Brasil (TORCIDA DESLUMBRARÁ..., 1979, p.7, grifos meus).

A exemplo dos Estados Unidos, a Fla-Gay contará com **50 balizas** que irão ao Maracanã com **plumas** rubro-negras e treinadas para formar, com evoluções, qualquer letra (BATISMO..., 1979, p.33, grifos meus)

– Uma torcida “Gay” pode muito bem incentivar um time de futebol e, além disso, **embelezar os estádios com seus gritos, suas fantasias, alegorias e danças**. Declarou, também, Carlos Imperial (TODO..., 1979, p.14, grifos meus).

As referências estéticas mencionadas aproximam a uma imagem estereotipada da homossexualidade, expressa especialmente no vestuário marcadamente extravagante e chamativo. A valorização desses aspectos ligados ao “mundo gay” em suas performances e adereços, se faz desacompanhada de similar importância no que tange a outros pontos

tradicionalmente valorizados em uma torcida no ambiente futebolístico, como a fidelidade, a animação, o apoio ininterrupto etc.

Se na descrição das torcidas gays, identifiquei abordagens diferentes sobre cada uma delas e entre os diferentes periódicos, no que tange à ilustração dessas agremiações por meio de imagens, um padrão similar é seguido: a representação de figuras caricatas e estereotipadas foi adotada em todas as ilustrações sobre alguma das torcidas gays. Apresento alguns exemplos:

Figura 17 - Ilustração da em referência à Coligay (do Grêmio/RS)



Fonte: jornal Zero Hora (1977)

Figura 18 - Ilustração da notícia do conflito entre a torcida Torja (do Náutico/PE), e o treinador da equipe, Pinheiro



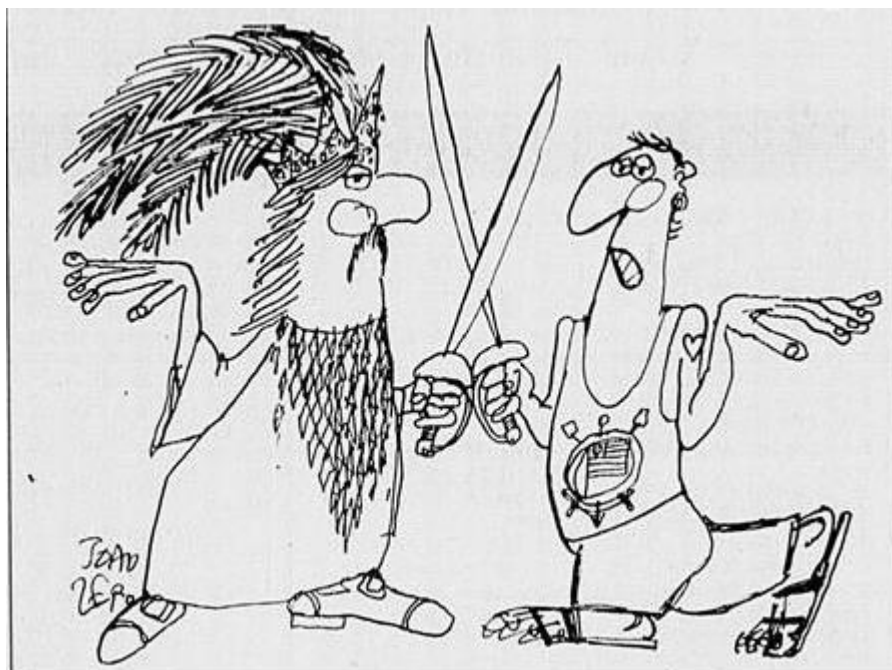
Fonte: jornal Zero Hora (1980)

Figura 19 - Ilustração da notícia que anuncia a criação da Gayviões da Fiel (do Corinthians/SP)



Fonte: Jornal da República (1979)

Figura 20 - Ilustração da notícia da reclamação de João Bombom, líder da Gayviões da Fiel (do Corinthians/SP), direcionada à Clóvis Bornay, que supostamente queria participar da criação da Fiel Gay (também do Corinthians/SP)



Fonte: Jornal da República (1979)

Figura 21 - Ilustração em referência à torcida Peraltas do Fogão (do Botafogo/RJ)



Fonte: Jornal da República (1989)

As personagens retratadas exibem símbolos da feminilidade normativa, como saltos altos, flores, blush e cílios grandes, assim como outros típicos de um estereótipo da homossexualidade, como roupas justas, mãos “quebradas” (com punho flexionado) e chiliques. Ainda que tragam também referências aos clubes de futebol, o exagero na caricatura do homem gay¹⁶³ parece buscar uma desconexão do personagem, um homossexual, e o contexto em que se encontra, o universo do futebol.

É importante ressaltar que é possível que sujeitos identificados com a representação ilustrada nas imagens se interessem por futebol e tenham integrado alguma torcida. Não se trata, assim, de recusar a existência ou a possibilidade de pertença ao universo futebolístico de homossexuais afeminados ou transgêneros. Trata-se, sim, de problematizar o uso dessa representação como aquela que define todo homossexual, assim como de utiliza-la de forma necessariamente pejorativa e jocosa.

Essa representação também é frequentemente acionada em momentos nos quais torcedores buscam ofender ou zombar do clube adversário identificando-os com a homossexualidade e a não-virilidade. Essa relação jocosa futebolística (GASTALDO, 2010) será o foco do item 4.3, mas cabe destacar aqui, como uma série de torcidas gays (que existiram ou inventadas) com frequência são citadas justamente com esse propósito, tanto por jornalistas quanto por torcedorxs, nas publicações dos jornais. Como algumas TOs são citadas poucas vezes, torna-se difícil precisar se elas de fato existiram ou são fruto da ironia dxs autorxs dos textos.

¹⁶³ Analisando as imagens não acredito que haja qualquer intenção de retratação de pessoas travestis ou transexuais. A exacerbação da feminilidade parece ser utilizada unicamente como modo jocoso de desqualificar as performances de gênero de homossexuais.

Em meio à tal incerteza, em 1983, a Placar identifica a Coligay como a “única torcida gay do futebol brasileiro” (A COLIGAY..., 1983, p.25). Se faltam dados para afirmar de forma definitiva que houve a criação ou, ao menos, a intenção de fundação, de muitas das torcidas gays citadas nos jornais pesquisados, também não há motivos para assumir *a priori* que os registros seriam afirmações irônicas dos jornalistas. Afinal, tal suposição seria a reiteração da crença que homossexuais dificilmente têm interesse no futebol e no torcer, aspecto que busco desconstruir nessa tese. As menções feitas, assim, abrem a possibilidade para que pesquisas futuras possam não apenas responder a essa dúvida, como também de, quem sabe, visibilizar a história de outras torcidas gays brasileiras.

3.5 DIMENSÕES E ARTICULAÇÕES POLÍTICAS DA COLIGAY

O período no qual a Coligay esteve em atividade é inegavelmente um período de grande efervescência política e cultural. Eram os anos finais da ditadura civil-militar¹⁶⁴ e o país conduzia-se para um processo de redemocratização. Há, então, um abrandamento do controle da imprensa (FAUSTO, 2002; TREVISAN, 2011), assim como da repressão, fazendo com que, aos poucos, manifestações populares de oposição voltassem a ser possíveis (GREEN; QUINALHA, 2014). Exemplos disso foram as mobilizações estudantis ocorridas em São Paulo, em 1977, que, em seguida, espalharam-se pelo país, e as greves ocorridas nas zonas industriais da mesma capital paulista, em 1978.

O campo das artes foi um espaço no qual, apesar das restrições impostas pela censura, circularam diversas ideias subversivas. O cinema, o teatro, a música popular, a literatura e as artes plásticas acompanhavam, a seu modo, o ritmo de contestação à ordem que se fazia nas ruas via luta armada. Debates estimulados pelo movimento da contracultura¹⁶⁵ como o uso de drogas, circuitos alternativos, poetas beats americanos, feminismos, movimento gay e black

¹⁶⁴ Muitos são os trabalhos que debatem a participação civil no golpe e no governo no período ditatorial. Se a existência de algum envolvimento parece consensual, sua dimensão é controversa. Sem apresentar os tantos argumentos presentes nesse debate, assumo a utilização do termo “civil-militar”, a fim de não invisibilizar o envolvimento da sociedade civil, sobretudo setores burgueses vinculados ao capital estrangeiro (banqueiros, empresários, industriais, latifundiários, comerciantes, políticos, magistrados e classe média) na tomada do poder, assim como na administração subsequente. Sobre isso, ver Aarão Reis Filho (2014).

¹⁶⁵ A contracultura foi um movimento internacional que teve sua ramificação brasileira. O eclético conjunto de referências desse movimento estético psicossocial envolvia orientalismo, drogas alucinógenas, pacifismo, ecologia, panssexualismo, discos voadores, um novo discurso amoroso, transformação here and now do mundo, entre outras (RISÉRIO, 2005). Para Coelho (2005), tal qual a luta armada, a contracultura foi um modo de combater a sociedade vigente, contestando o que, para seus integrantes, era entendido como o fundamento do autoritarismo: a racionalização da vida social.

power circulavam nas juventudes de classe média da época (GREEN, 2000; RODRIGUES, 2014). Obras de diversos artistas não apenas reivindicavam o retorno à democracia, mas também tiveram importante papel na ruptura com parâmetros tidos como adequados de uso e exploração dos corpos, envolvendo nesse bojo aspectos de gênero e sexualidade (ANTUNES; RIDENTI, 2007). Trevisan (2011) chega a afirmar que, na década de 1970, ocorreu um boom gay. Mais do que a simples exposição de uma orientação não-heterossexual, ele verifica uma série de iniciativas subversivas e questionadoras, desalinhadas aos padrões de ordem e moral hegemonicamente estabelecidos. Essas transformações não se restringiram ao universo artístico, sendo a maior liberdade no que tange ao comportamento uma das marcas daquela geração (VENTURA, 1988)

A ambiência revolucionária também se fazia notar no universo futebolístico. Se, por um lado, esse esporte foi utilizado pelo Estado ditatorial como ferramenta de disseminação de suas ideologias, em especial a partir da seleção nacional, o futebol também foi tomado por atitudes contestatórias. Os jogadores Reinaldo e Afonsinho, sabidamente contrários ao regime e seus métodos, utilizavam de sua visibilidade nos campos e na mídia para manifestarem sua contestação política (COUTO, 2010). Em 1979, em ação conjunta com o Comitê Brasileiro pela Anistia, a TO corinthiana Gaviões da Fiel expôs no Estádio do Morumbi uma faixa com os dizeres “Anistia ampla, geral e irrestrita” (BERTÉ, 2016). Anos depois, o mesmo Corinthians, liderado pelos atletas Sócrates, Casagrande e Wladimir, implementou no clube um modelo de gestão participativa e democrática, envolvendo o elenco, a comissão técnica e funcionários nas decisões institucionais (FLORENZANO, 2010). Também houve piquetes e boicotes de TOs de diferentes clubes cariocas cuja principal reivindicação era a redução do preço dos ingressos. Os agrupamentos chegaram, também, a unir-se formando a Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, a Astorj (HOLLANDA, 2009).

Para Florenzano (2017) a manifestação da diversidade nas torcidas que emergiam no nas décadas de 1970 e 1980, na qual a Coligay e torcidas de mulheres se incluem, insere-se nesse movimento mais amplo que exercia e reivindicava liberdade e democracia.

A República dos Torcedores, com efeito, contemplava a coexistência da diversidade das formas do torcer e ensejava inúmeras possibilidades de ser torcedor no espaço das arquibancadas. Esta coexistência, decerto, não estava isenta de tensões, não implicava a ausência de conflitos ou, mesmo, de manifestações de intolerância. Todavia, embora a partir de uma correlação de forças desigual, e a despeito das contradições internas, podemos afirmar que, para além da celebração da masculinidade viril, do ethos guerreiro e da heteronormatividade, ela assegurava ao mesmo tempo a possibilidade de ampliar o campo de atuação do “segundo sexo”, de multiplicar os pontos de resistência das “sexualidades ilícitas”, de conferir visibilidade às alteridades

extremas cujas presenças reordenavam o universo simbólico das organizadas, mantendo aberta a interrogação acerca do ato de torcer (FLORENZANO, 2017, s.p.).

Não tenho dúvidas que a Coligay foi um ato de rebeldia e que é justo afirmar que ela esgarçou as possibilidades de manifestação torcedora nas arquibancadas. Também me parece razoável assumir que o agrupamento estava conectado a seu tempo, sendo, consciente ou inconscientemente, influenciado pelas práticas contestatórias e subversivas que a cercavam, sejam elas militantes, éticas ou estéticas. Por outro lado, isso não significa que todas essas ações estavam alinhadas, apresentando as mesmas motivações, estratégias e significados.

Tendo isso em vista, nesse item, foco especialmente em duas considerações acerca do posicionamento político da Coligay, as quais eventualmente são hipotetizadas diante de seu período de ocorrência¹⁶⁶. A primeira seria uma postura de combate, mesmo que informal, à ditadura civil-militar. A segunda de uma vinculação ao emergente movimento homossexual.

Trata-se, aqui, de perceber como o grupo interpretava sua atuação diante desses dois temas – governo ditatorial e militância homossexual – e de que modo o coletivo se relacionava com eles, sem, com isso, supor que o envolvimento da torcida com modos tradicionais de atuação política seria necessário para o reconhecimento de seu caráter subversivo e politizado.

3.5.1 A COLIGAY E A DITADURA CIVIL-MILITAR

A discussão sobre o posicionamento da Coligay ante o governo ditatorial é especialmente relevante, pois as homossexualidades¹⁶⁷ foram um dos alvos privilegiados de políticas de repressão e controle do Estado (GREEN; QUINALHA, 2014). Por outro lado, é também nesse período que, especialmente as grandes capitais, observam a ampliação do número de estabelecimentos voltados a esse público, além da conquista de maior visibilidade de LGBTs, seja pela maior circulação em espaços públicos, seja nos meios culturais e intelectuais, aos poucos mais tolerantes (*ibidem*). É também quando seus movimentos de militância passam a se organizar (SIMÕES; FACCHINI, 2009). Diante do cenário complexo envolvendo opressões e resistências, Green e Quinalha (2014) levantam as dúvidas:

¹⁶⁶ Essas hipóteses foram levantadas no meu projeto de ingresso e qualificação, assim como em outros trabalhos que tratavam da Coligay: Pinto (2017); Rosa (2010); Rossi (2004).

¹⁶⁷ Os autores explicam que, nesse período, a travestilidade e a transgeneridade eram vistas, hegemonicamente, como formas de homossexualidade.

A situação de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros piorou ou melhorou sob a ditadura durante os anos 1960, 1970 e 1980? Houve uma consequência real na vida do “homossexual comum” quando os generais substituíram os civis no governo, quando a Lei de Segurança Nacional fortaleceu o poder arbitrário do Estado, quando a censura passou a exercer maior influência sobre a produção cultural e quando o novo regime acabou com as liberdades democráticas impondo uma moral baseada em valores conservadores?

Focando no meu objeto em específico, minhas reflexões voltaram-se para possíveis impactos do regime nas vidas dxs integrantes da Coligay, assim como em suas experiências enquanto coletivo através da torcida. Quais as memórias dos membros da Coligay em relação à ditadura? Teria sido a Coligay um alvo das políticas de repressão? E, de forma similar, também teria sido a sua sede, a boate Coliseu?

As fontes de que dispus indicam que o circuito de diversões voltados aos LGBTs de Porto Alegre não sofreu de forma mais ostensiva com as ações policiais da época. Celio Golin, estudioso da sociabilidade LGBT da capital gaúcha¹⁶⁸, em sua entrevista, quando perguntado acerca da ocorrência de algum cerceamento policial em espaços de diversão LGBT, assim responde:

Não, nem tanto assim, o que eu vou te dizer? O “Flowers” teve uma ação da Polícia Federal, o “Flowers” teve, foram lá e aí deu um bafó lá, aquela coisa toda, por causa da ditadura militar, por causa dos shows, eles faziam shows super provocativos, assim sabe? Não que fosse uma coisa assim criticando a ditadura militar, mas era mais em relação a sexualidade mesmo entendeu? Sabe? Umas coisas assim, Jesus, vestindo esses elementos. Eu sei que teve uma batida policial lá da Polícia Federal uma vez, inclusive nós temos ele digital, o documento com o carimbo da Polícia Federal para autorizar [...] (GOLIN, 2015, p.9).

A imagem abaixo (Figura 22) retrata o documento a que Celio se refere, do show intitulado Cabaret, realizado em 1971.

¹⁶⁸ O “Nuances - grupo pela livre expressão sexual”, ONG que atua na luta pelos direitos da população LGBT na qual Celio é co-fundador e na qual ainda atua, vem desenvolvendo pesquisas a fim de regatar memórias da vida LGBT em Porto Alegre. Esse trabalho inclui a identificação dos locais de sociabilidade desse público ao longo da história da cidade.

Figura 22 - Cartão produzido pelo Nuances ilustrando a autorização dos órgãos de censura ao show Cabaret, da boate Flowers



Fonte: Acervo Nuances – grupo pela livre expressão sexual

Fico (2014) afirma que a censura se constituía como parte de um efetivo aparato de repressão política, colocado em prática, sobretudo, a partir da instituição do AI-5.

Construiu-se no Brasil um aparato de repressão política bastante sofisticado e fundado em diversos pilares: a polícia política (representada, emblematicamente, pelos DOI-CODI¹⁶⁹), a espionagem (organizada a partir de grande rede de órgãos de informações), a censura política e moral, a propaganda política e o julgamento sumário de supostos corruptos (FICO, 2014, p.14).

¹⁶⁹ Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) foram dois órgãos complementares (por isso a frequente menção conjunta) subordinados ao Exército atuantes durante a ditadura civil-militar. Exerciam ações de inteligência e repressão contra indivíduos e organizações que representassem alguma ameaça à segurança do regime.

O autor destaca o fato do aparato incorporar uma dimensão “saneadora”, reagindo contra o indesejável, seja prendendo, interrogando, torturando e até mesmo matando os inimigos do regime, e uma dimensão “pedagógica”, que deveria educar os brasileiros a adotar determinadas noções de civilidade, higiene e moral.

Fico (2004) explica, ainda, que duas formas distintas de censura foram desenvolvidas durante o regime: a censura da imprensa e a censura das diversões públicas. A primeira estava voltada sobretudo para temas políticos e acontecia de maneira acobertada, por meio de bilhetes e ligações a redações de jornais e revistas. A segunda, por sua vez, era uma prática antiga, legalizada desde 1945. Voltada às produções artísticas, era praticada por funcionários especialistas, com a função de zelar pela “moral e os bons costumes” de nossa sociedade, evitando a veiculação de conteúdos considerados impróprios. O autor chama a atenção para o fato das fases mais punitivas de uma e de outra não terem coincidido:

A censura da imprensa acompanhou o auge da repressão (quando se pensa em cassações de mandatos parlamentares, suspensões de direitos políticos, prisões, torturas e assassinatos políticos) que se verificou entre finais dos anos 60 e início dos anos 70. A censura de diversões públicas, porém, teve seu auge no final dos anos 70, já durante a “abertura” (FICO, 2004, p.37).

Apesar dessa separação entre as censuras, uma voltada à política e outra ao comportamento, nas ações repressivas dos dois tipos é evidente o vínculo que se supunha entre “desvio moral” e “subversão política”. “Drogas, liberalidade sexual e até mesmo o rock seriam portas de entrada para o comunismo, perigo que estariam sujeitos, sobretudo, os jovens” (FICO, 2014, p.15).

Volmar Santos (2016) conta que o Coliseu nunca teve uma apresentação ou show censurado pela ditadura, assim como nunca foi alvo de operações repressivas.

Muitas vezes foram policias lá e tal, mas como eu te disse onde existe respeito, onde existe ordem, existe progresso, como diz a nossa bandeira, porém hoje não existe mais isso devido à crise que nós estamos no país, mas na época existia muito, entende? Então o pessoal ia lá e acabava ficando e assistindo, sendo amigo da gente, e sem problema nenhum, nunca encontraram nenhum tipo de problema. A própria Brigada Militar, muitas vezes, foi lá dentro e, aliás, eu fazia questão que fossem para a própria segurança do público que frequentava a boate e nossa também. Hoje em dia é totalmente diferente, as pessoas veem uma batida da Brigada, uma Balada Segura¹⁷⁰ alguma coisa, ficam apavorados. Acho que quem não deve não teme acho isso muito importante para a segurança das pessoas (SANTOS, 2016, p.7).

¹⁷⁰ Balada Segura é uma operação que consiste em blitzes de fiscalização e educação tanto em locais de grande concentração de bares e casas noturnas, como em roteiros/itinerários de deslocamento para festas e eventos, visando combater, principalmente, a condução de veículos por motoristas alcoolizados.

A descrição de Volmar retrata com naturalidade a presença policial como uma ação de fiscalização apenas em busca de eventuais “problemas”. Fica clara, ainda, sua visão de que eles traziam segurança ao local e que não havia nenhum receio de sua parte sobre essa ação, uma vez que no Coliseu “sempre esteve tudo em dia, sem problema nenhum, e os alvarás e as licenças todas estavam sempre na porta, num quadro na porta. Sem problema nenhum” (SANTOS, 2016, p.8).

Miguel e Serginho endossam o relato de Volmar. Também os dois só presenciaram abordagens policiais em boates do juizado de menores. Ambos, contudo, mencionam que a presença de menores de idade era recorrente nas casas noturnas, inclusive no Coliseu. Para evitar as prisões, os frequentadores e mesmo os estabelecimentos tinham estratégias como esconderem-nos em salas ou permitir sua saída por portas localizadas nos fundos (Diário de Campo, 22 de junho de 2016; CUNHA, 2017).

Entretanto, cabe pontuar que as ações policiais contra estabelecimentos de frequência LGBT geralmente tinham como justificativa justamente a procura de menores, a identificação de irregularidades ou queixas de vizinhos com relação a barulho, por exemplo (MORANDO, 2014). Morando (2014) verificou que tais argumentos geraram a abertura de inquéritos contra proprietários de uma série de boates em Belo Horizonte, levando a seu fechamento.

A ausência de episódios de censura e violência por parte da polícia e de convívio pacífico entre frequentadores e policiais – que “ia lá e acabava ficando e assistindo, sendo amigo da gente”, como conta Volmar – podem indicar menor vigilância dos circuitos LGBT de Porto Alegre em relação à outras capitais nas quais se evidenciou a ocorrência de frequentes rondas e batidas policiais (COWAN, 2014; MORANDO, 2014; OCANHA, 2014). Por outro lado, pode também ser sinal de negociações entre xs proprietárixs e frequentadorxs e as forças policiais que vigiavam tais espaços (OCANHA, 2014).

Para além do controle das diversões, o policiamento autoritário também agia nas vias públicas. A contravenção penal de vadiagem¹⁷¹ foi uma ferramenta recorrentemente utilizada para a prisão de uma série de indivíduos. Na redação de tal contravenção constava a seguinte proibição: “Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita: Pena – prisão simples, de 15 (quinze) dias a 3 (três) meses” (OCANHA, 2014, p.155). A forma de aplicação dessa lei dependia da subjetividade dos

¹⁷¹ Ocanha (2014) explica que o Código Penal de 1890 previa a vadiagem como crime. Já no Código Penal de 1941, seu status foi alterado de crime para contravenção penal, uma tipologia jurídica que descreve crimes tidos como leves.

investigadores que, como dito, não raro adotavam como alvos preferenciais gays, lésbicas e, sobretudo travestis¹⁷² (OCANHA, 2014; PERLONGHER, 1987).

Essa experiência de recorrente abuso do poder policial foi relatada por Marcelly:

[Era presa] quase todo dia. Porque no tempo da ditadura a gente era considerada de acordo com o artigo 55, que é a vadiagem, entendeu? Mas a gente era presa praticamente todo dia, na prostituição. E durante o dia tu não podia sair porque... Da maneira de vestir roupa feminina a gente não podia porque já era considerada vadiagem. Ainda existe até hoje, mas a vadiagem naquela época era considerada pras travestis (MALTA, 2015, p.14).

O vínculo com a prostituição certamente agravava a imagem de subversão das travestis para os órgãos ditatoriais, mas a ruptura com os padrões de gênero cisheteronormativos bastavam para que elas fossem alvo especial da repressão. Segundo Ocanha (2014), havia rondas específicas voltadas a estabelecimentos e a regiões frequentadas pelo público homossexual que não se limitavam a coibir aqueles em atividade de prostituição. Nesse sentido, a vigilância e violência eram influenciados pela expressão de gênero, potencialmente havendo uma maior possibilidade de circulação quanto mais fossem “discretos”¹⁷³.

Talvez privilegiados por uma maior discricção, nenhum dos demais entrevistados mencionou ter sido abordado por qualquer ação policial e nem mesmo sentiram-se cerceados de alguma forma. Miguel afirma que a homossexualidade nunca lhe gerou problemas com a polícia ou com algum transeunte qualquer. Como exemplo de sua tranquilidade, inclusive no período ditatorial, ele conta que, após as noitadas no Coliseu, costumava ir para a Redenção com o rapaz com quem estivesse naquela noite. Passavam o fim de noite se beijando em uma praça pública, sem jamais ter sido incomodado. Ele é enfático ao afirmar que nunca sofreu agressões, nunca teve problema em lugar algum, nunca sofreu homofobia, por fim, que a ditadura militar nunca o afetou (Diário de Campo, 22 de junho de 2016 e 22 de junho de 2017).

De forma similar, Serginho, quando perguntado sobre como foi ser gay durante a ditadura, respondeu:

Olha, todo mundo pergunta isso e quando eu respondo isso as pessoas as vezes não acreditam. Eu nunca tive problema, eu frequentava a rua da praia, quando jovem, adolescente, menor ainda né, era o point das bichas na rua da praia né.

¹⁷² A comprovação do status de trabalhador dependia da posse da carteira de trabalho assinada, coisa que muitos trabalhadores pobres não possuíam. Ocanha (2014), ao analisar fichas de inquéritos policiais referentes à vadiagem na década de 1970, identifica que, diferentemente de outros crimes, bastava uma testemunha, na maioria das vezes o próprio investigador de polícia, além da não comprovação de renda, para a formulação do inquérito. Tais exigências deixavam grande parte da população em situação de vulnerabilidade, permitindo à polícia determinar alvos aos quais a contravenção penal seria aplicada.

¹⁷³ A noção de discricção é comumente acionada para se referir à não expressão de gestualidades associadas à homossexualidade. Um homossexual discreto, assim, poderia passar-se por heterossexual no ambiente público.

Vinham aqueles carros, pegavam quem fazia programa né, não era o meu caso, mas quem fazia programa isso aí. Eu nunca tive problema com isso, eu só ouvia muito é comentário né, fulano bateu porque era gay na televisão, enfim não aceitavam. Mas Luiza, eu não tive problema nenhum. Então assim ó, eu não senti na pele a ditadura com relação a gay, eu senti assim de ouvir falar, mas eu nunca senti absolutamente nada (CUNHA, 2017, p.30).

Careca, por sua vez, chega a defender o governo militar:

Bom, eu te digo com sinceridade uma coisa, eu queria a ditadura de volta. Porque nós éramos respeitados, nós nunca fomos agredidos, na boate nunca entrou soldado nenhum lá para revistar ninguém, na rua você andava normalmente, você não tinha aquela coisa de ser parado pela polícia, pelo exército... Acho que a ditadura fez bem, mesmo que as pessoas não queiram acreditar, mas fez bem, porque todo mundo tinha respeito, nós nunca desrespeitamos ninguém, nós andávamos na rua, fazendo campanha do Grêmio, vestidos com as roupas da Coligay e nunca fomos paralisados (RODRIGUES, 2017, p.10).

A fala de Careca demonstra o entendimento que a maior sensação de segurança nos espaços públicos percebida por ele seria fruto do governo ditatorial, o que justificaria seu desejo do retorno dos militares ao poder. Volmar não chega a defender abertamente tal volta, mas também faz associação similar entre a maior segurança e o governo:

Porto Alegre na época a segurança era bem melhor do que hoje né, bem melhor, então obviamente que as pessoas entravam não só na boate Coliseu como em todas as outras boates, restaurantes e havia sim uma fiscalização geral né, rígida, ver se não tinha menor na boate como deveria acontecer hoje que não acontece mais, devido aos governos ou desgovernos (SANTOS, 2016, p.8).

O antigo empresário defende, assim, que a presença e fiscalização policiais são necessárias para a manutenção da segurança. Em outro momento, ele complementa esse raciocínio em relação ao controle do comportamento das pessoas. Ele descrevia seu sentimento em relação a chacotas e histórias mentirosas e pejorativas feitas sobre a Coligay:

V.S – Fico triste, fico triste. Fico triste porque eu acho uma ignorância muito grande. Se fosse na época da ditadura não aconteceria isso. Estavam todos presos. É verdade, todos presos. Que aliás o povo está querendo isso porque está uma confusão nesse nosso país que, nossa! Eles não sabem o que é ditadura, eles não sabem o que é ditadura.

L.A – Quais são suas lembranças com relação a isso, com relação a ditadura?

V.S – Eu acho, assim, muito respeito entre as pessoas. Tinha-se um medo de fazer qualquer coisa contra o... Não fariam o que estão fazendo hoje! Hoje eles não respeitam mais a justiça, não respeitam mais ninguém. É diferente, né? Na ditadura eles são obrigados a respeitar (SANTOS, 2016, p.23).

Apesar do entrevistado identificar a ignorância como causa das práticas de preconceito citadas, ele não defende ações de conscientização. Há aí uma defesa do autoritarismo, a imposição de respeito através da força e do medo.

Segundo Cowan (2014, p.36):

A homossexualidade nunca chegou a ser a razão principal pela qual as pessoas foram presas, torturadas e sujeitas aos abusos dos direitos humanos e civis – mas formou parte de um conjunto de ansiedades sobre a ameaça, vaga e supostamente difusa de subversão.

A homossexualidade era entendida, assim, como parte de “um complô mais amplo, inspirado no comunismo internacional e baseado na dissolução moral” (COWAN, 2014, p.49). A crença de conexão entre diferentes “inimigos do regime” não era totalmente descabida. Diferentes movimentos englobados pelo rótulo genérico de “minorias” eventualmente constituíam alianças (MACRAE, 1990). Isso porque, apesar de suas reivindicações específicas e inúmeras discordâncias, em comum, esses movimentos tinham a luta contra o regime militar e a divergência quanto à oposição tradicional, baseada exclusivamente na luta de classes¹⁷⁴. Assim, em contrapartida, também a vigilância e repressão sobre os emergentes ativistas gays acontecia conjuntamente com outros movimentos identitários, sobretudo os movimentos feministas e negros. Nesse sentido, o não envolvimento dxs meus entrevistados com movimentos sociais e mesmo certa concordância com práticas do governo ditatorial podem também ter sido outros fatores a contribuir para que eles não tivessem sido impactados individualmente pelo autoritarismo e repressão do regime ditatorial.

No que tange à percepção de alguma atenção policial nos estádios, em meio à Coligay, nenhum dos torcedores mencionou qualquer controle ou repressão à torcida, nem mesmo Marcelly, a única a mencionar que foi alvo de abordagens policiais em outros espaços.

Não. Não tinha. Tinha fora, lá dentro não. Na rua, as manifestações eram muito grandes. A questão, travesti ser preso, aquela coisa toda. [No estádio]

¹⁷⁴ Exemplo da disputa de movimentos de militância contra aqueles que defendiam o foco exclusivo na luta de classes é retratado por Trevisan (2011) quando relembra a participação do SOMOS – reconhecido como primeiro grupo de militância homossexual do Brasil – em um debate sobre homossexualidade organizado pela Faculdade de Filosofia e Letras da USP no ano de 1979, parte de uma série de eventos sob o tema “Minorias”. No encontro, segundo Trevisan relata, a maior resistência às visões apresentadas pelo incipiente movimento homossexual não era a de grupos conservadores tradicionais, mas sim de grupos de esquerda fiéis à luta de classes. Aqueles oponentes defendiam, assim, prioridades revolucionárias, entendendo que as demais lutas eram não só irrelevantes, mas também divisionistas. Cabe pontuar, também, que, se o governo militar via na homossexualidade um risco associado ao comunismo, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) negava tal vinculação. As mudanças comportamentais em cujo seio se via as práticas homoafetivas e homoeróticas eram entendidas por suas lideranças como desvios ideológicos, sintomas de decadência da burguesia em oposição à pureza moral a que o proletariado estava associado (VENTURA, 1988).

Tinha segurança, tinha Brigada Militar, tinha tudo isso, porque tem que ter, muita brigada militar, mas ali a gente não sofria aquela retaliação...

L.A. – Você nunca foi abordada junto com a torcida?

M.M. – Tsc tsc tsc [som indicando negação], nunca. (MALTA, 2015, p.14)

Apesar de ser comum – nas entrevistas, reportagens, no livro e no documentário que analisei – que a dimensão do caráter de ousadia e subversão da Coligay seja dada pela afirmação que eles existiram “em plena ditadura”, as falas dxs integrantes da Coligay sobre o período indicam que o governo não lhes impôs dificuldades, como sintetiza o relato de Volmar

L. A. – Em que medida vocês existirem durante o governo militar afetou a própria existência da torcida? Vocês sentiram algum tipo de repressão?

V. S. – Não, não afetou nada, não afetou em nada. Até quando começou a dar aquelas repercussões todas lá, eu achei que poderia dar problemas, muitas pessoas inclusive me disseram “cuidado que a polícia vem”, mas vem para que? Ninguém está fazendo nada de mais, inclusive, foi muito elogiada a atitude da polícia, em relação, a Coligay. Nunca, nunca nos falaram absolutamente nada, nunca nos procuraram, nunca nos criticaram, acho que isso foi realmente bem interessante, talvez seja pelo comportamento da torcida. (SANTOS, 2015a, p.24)

Ainda que não tenha havido qualquer ação contra a torcida, uma reportagem da revista Placar mencionou uma fala do Comissário Teotário Pielewski, chefe do setor de Meretrício e Vadiagem da Delegacia de Costumes na qual afirma: “Estamos de olho nos rapazes e até agora não notamos nenhuma atitude inconveniente. Se algum provocar os outros torcedores, será retirado. Só isso. Nem a faixa que os identifica como homossexuais é ilegal” (FONSECA, 1977, p.49). Apesar de não haver menção a repressões contra a TO, o policiamento se mostrava atento a suas atividades, pronto a controlá-las se necessário fosse.

3.5.2 A COLIGAY E A MILITÂNCIA LGBT

No Rio Grande do Sul, o primeiro grupo LGBT a ser criado foi o **Nuances – Grupo pela Livre Expressão Sexual**¹⁷⁵, que surge no contexto da terceira onda do movimento¹⁷⁶, mais

¹⁷⁵ Esse é o nome atual do coletivo que, no momento de sua fundação, era chamado Nuances – Grupo pela livre Orientação Sexual – Construindo Cidadania (GOLIN, 2017).

¹⁷⁶ Facchini (2003) propõe que, para fins analíticos, observemos a trajetória do movimento LGBT no Brasil organizando-o em três “ondas”. A primeira compreende o seu surgimento e expansão, durante o período de abertura política nacional, até a emergência da aids, em meados da década de 1980. A segunda onda se inicia no fim da década de 1980, e representa um momento de declínio das ações ativistas. Com início na década de 1990, a terceira onda caracteriza-se pela retomada das iniciativas militantes, com maior presença na mídia, vinculação a redes e associações internacionais de defesa de direitos humanos, ações junto a parlamentares reivindicando direitos por meio de projetos de lei, organização de grupos e associações, e eventos de rua.

precisamente no ano de 1991 (GOLIN, 2017). Tendo como base as datas de constituição desse grupo, verifica-se que os coletivos de militância LGBT de Porto Alegre surgem de forma tardia quando comparado a outros centros urbanos brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Brasília, entre outros, que emergiram ao longo das décadas de 1970 e 1980 (LUZ, 2011; SIMÕES; FACCHINI, 2009).

As mobilizações destinadas à prevenção da aids representaram um antecedente importante para a formação de grupos de militância na capital gaúcha. Em abril de 1989, o Grupo de Apoio e Prevenção à aids (GAPA)¹⁷⁷ passou por um processo de expansão e foi fundada em Porto Alegre a GAPA/RS (LUZ, 2011). Junto a outras Organizações Não-Governamentais (ONG), a entidade organizou na capital gaúcha, ainda naquele ano, o II Encontro da Rede Brasileira de Solidariedade (ONGs/aids) (LUZ, 2011; GOLIN, 2017). Glademir Antônio Lorensi, que seria um dos fundadores do Nuances, estava entre os organizadores. O encontro lhe possibilitou conhecer militantes de diferentes grupos bastante atuantes do país (GOLIN, 2011).

Em 1990, durante uma palestra do GAPA/RS no auditório do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Glademir conheceu Célio Golin. A identificação de ideias e posições políticas levou à discussão sobre a criação de um grupo para tratar de questões referentes à homossexualidade. Inicialmente utilizando a sala de reuniões do DCE e depois a garagem do GAPA/RS, os dois realizaram encontros com outras pessoas que vieram a integrar o coletivo. A primeira reunião oficial ocorreu em 1991, contando com 28 presentes. Apesar da consideração desse dia como o momento de criação do Nuances, sua Assembleia de fundação com aprovação de seu Estatuto ocorreu apenas em 1993 (GOLIN, 2017).

Ao longo da década de 1990, o Nuances permaneceu sendo o único grupo de militância LGBT de Porto Alegre. Suas atividades envolviam sobretudo manifestações em prol dos direitos dessa comunidade, atividades que possibilitassem o encontro e discussão entre homossexuais e atendimento jurídico para casos de violência (LUZ, 2011).

Não é ocasional que o movimento LGBT tenha iniciado nos anos finais do governo militar, já em um momento de transição, e ainda mais tarde em várias cidades do país. Perguntado acerca dos impactos da ditadura para a militância LGBT brasileira, Célio Golin, afirma:

¹⁷⁷ Segundo Luz (2011), a GAPA é uma Organização Não-Governamental fundada inicialmente em São Paulo, em 1985, que atua na promoção de programas de prevenção da infecção pelo HIV e na luta pela garantia de direitos de pessoas com HIV/aids.

Eu acho que a ditadura atrasou não só... Toda a militância, toda a militância social no Brasil teve digamos um impacto. Organização sindical... porque várias lideranças tiveram que sair do Brasil. Toda aquela questão da repressão, toda aquela ideia do progresso do Brasil naquela época, sabe aquela coisa assim? Então houve um retrocesso no movimento feminista, nos outros movimentos sociais, sindical mesmo, todos os movimentos sofreram (2015, p.11).

Apesar da inexistência de grupos LGBT constituídos em Porto Alegre durante a trajetória da Coligay, é esperado que, mesmo sem coletivos constituídos, a capital sul-riograndense estivesse sendo sensibilizada pela circulação de ideias e performances relativas à liberdade sexual e à exploração do corpo, por meio da imprensa, das artes e das próprias pessoas, influenciadas pelo que se passava em outros centros urbanos brasileiros e de fora do país.

Sobre esse período que antecedeu a fundação do Nuances, Célio descreve:

Eu por exemplo, eu não comprava o Lampião, mas tinha, porque o Lampião era incrível, naquela época o Lampião ele era vendido nas bancas de revista, nas capitais principalmente. E em Porto Alegre tinha porque depois conversando com as outras bichas mais da antiga “ah eu comprava ali na Salgado Filho, na banca tal” E claro, e depois a gente foi e ficou sabendo toda esta questão e fomos vendo, então havia, porque havia claro, havia todo um movimento, há toda uma sociabilidade, mas claro uma sociabilidade clandestina, que era aquela coisa de se passar e se olhar, diferente de hoje, havia, a cidade havia vários guetos, saunas, lugares de pegação, isto desde a década de 1940, 1950, pelo menos os relatos que a gente tem e o que a gente tem conhecimento, provavelmente sempre existiu (GOLIN, 2015, p.5).

A Coligay inegavelmente compõe esse circuito de sociabilidade LGBT citado por Célio, mas, além disso, devemos interpretar que a Coligay representou embrião da militância que estava por vir? Rosa (2010) defende que não, que esta torcida não deve ser incluída como constituinte do movimento homossexual ou de seus precursores. Para o autor, apesar da coragem louvável envolvida em suas manifestações, a Coligay jamais chegou a ser um movimento social, especialmente por não possuir uma missão clara e explícita de lutar pela equidade dos homossexuais, através da elaboração de críticas e posicionamentos coletivos.

Já para Pinto (2017), mesmo ligada ao campo das sociabilidades, as trajetórias da Coligay – e, também, da Fla- Gay – podem ser interpretadas como desdobramentos de ativismos e movimentos políticos articulados por “minorias”, em especial o movimento homossexual.

Essa associação, vez ou outra, era colocada ou questionada pelos periódicos. O cronista social Paulo Raimundo Gasparoto, citado na ZH, disse achar “propagação do movimento gay através do esporte é uma idéia (*sic*) muito boa” (TORCIDA..., 1977, p.42). O líder da TO

gremista, Volmar Santos, ao definir a atuação da torcida afirmou: “Não somos um grupo de vanguarda do movimento gay. Claro que concordamos com o movimento, mas aí é outra história” (BUENO, 1977, p.44).

Já Milton e Beto, por meio de carta publicada no jornal *Lampião da Esquina*, defendiam algo diferente. A correspondência foi enviada em resposta a uma mensagem na edição anterior do jornal, na qual um gaúcho perguntava sobre a existência de grupos gueis¹⁷⁸, cuja resposta do periódico foi a de que infelizmente ainda não havia nenhum (SEM INSTRUÇÃO, 1980). À afirmação, os gremistas replicaram:

Infelizmente, tem que pessoas que ou não são bem informadas, ou pouco conhecem das coisas que as rodeiam; em Porto Alegre, terra de conhecidos machões, há quatro anos existe o mais famoso e comentado grupo guei do Brasil: a nossa fabulosa torcida Coligay, do Grêmio Porto-Alegrense. Estamos aqui, vivos, lutando dentro dos estádios de futebol, nas arquibancadas por nossos direitos – o direito de nascer e viver como homossexuais [...] Existe muito mais que um grupo guei no Rio Grande do Sul; existe, sim – e isso é muito mais importante – uma consciência do guei em relação à sociedade, uma conscientização grande e espontânea, através do principal esporte brasileiro, o futebol. E nós temos consciência total dos problemas dos gueis no Brasil; mas achamos que, pra começo de conversa, temos que lutar pelo direito de escolher a forma de agrupamento que convém a cada um (BANDEIRAS..., 1980, p.12).

Valorizando o grupo que compunham, Milton e Beto mencionaram sua presença no Maracanã em um jogo contra o Flamengo, no qual enquanto “nós da Coligay entramos no estádio e badalamos aos montes, e torcemos feito loucas, condenadas, por nosso glorioso clube”, não havia agrupamentos gays do lado rubro-negro. A inexistência de torcidas assim no centro do país – onde já há grupos militantes – era sinal da coragem ímpar dos gremistas.

Na mesma edição, o *Lampião* endossou a posição de militantes reivindicada pelos torcedores. Em um relato em resposta à cinco grupos de homossexuais que cobravam do periódico mais ativismo, defenderam que esse conceito não compreendia apenas as atividades desenvolvidas pelos coletivos, podendo ser muitas outras coisas. Ao fim do texto, bradam:

Viva o Auê, viva o Somos/RJ, viva o Gols ABC, viva o Bando de cá/Niterói, viva o GGB Bahia, viva todos os demais da nossa lista do “Escolha seu grupo” e viva, também, o que acaba de entrar na lista, o Coligay, que surgiu antes dos outros, mas que tinha sido, até aqui (pedimos desculpas pelo nosso preconceito), esnobado por todos nós: comparados com certos ativistas homossexuais que se escondem debaixo da mesa quando vêem um fotógrafo, ou que só se apresentam em recintos fechados e sob pseudônimo, vocês, turma da Coligay, que desfraldam suas bandeiras em estádios ocupados por mais de 80 mil pessoas, são verdadeiros Panteras Negras (SILVA, 1980, p.12).

¹⁷⁸ O jornal *Lampião da Esquina* adotava a grafia “abrasileirada” **guei** para o termo em inglês **gay**.

Uma edição posterior do *Lampião*, traz uma espécie de réplica à discussão, em que o correspondente afirma conhecer o líder da Coligay “que é ótima pessoa, mas está interessado APENAS em futebol, pois, como sabem, a Coligay (*sic*) é uma torcida organizada do Grêmio” (TERCEIRO..., 1981, p.2, grifo do original).

O diálogo indica as divergências em torno não apenas da definição dos limites do que era entendido como ativismo, mas também dos diferentes projetos políticos que os sujeitos buscavam defender para a população homossexual. Nesse sentido, interpreto o posicionamento do *Lampião* não como uma reivindicação de um pioneirismo da Coligay como primeiro grupo de militância homossexual, e sim como uma defesa da multiplicação de ações que visibilizassem homossexuais, que reivindicassem lugares a eles negados, que incentivassem a mobilização de mais sujeitos. E no contexto específico desse texto, tal argumento era acionado, ainda, para reafirmar o ativismo do próprio jornal.

Nesse sentido, é inegável que a torcida desnaturalizava o heterossexismo do futebol e impunha novos parâmetros de sociabilidade nas arquibancadas, representando uma “pedra nos sapatos dos preconceituosos”, como dito na Coluna do Meio, de Celso Curi (reproduzida na ZH, TUDO..., 1977) e um “golpe no lendário machismo gaúcho”, nas palavras de Divino Fonseca, da Placar (1977, p.48). Ainda que isentas de um projeto de politização, eram uma mobilização com importantes efeitos políticos.

Entretanto, identifiquei, também, uma cobrança para que a Coligay expandisse seus horizontes de atuação, se envolvendo em ações politizadas junto a outras pessoas e grupos gays. A notícia de 1983 dizia:

Um influente círculo de gays da cidade pensa que a classe está cada vez mais desunida e como minoria deveria ser bem mais atuante. Prova disso, seria a atuação [...] Há queixas até contra a pouca ação da Coligay, torcida organizada homossexual do Grêmio” - prometem “passeata-monstro. (PASSEATA..., 1983, p.3).

O cronista homossexual Tatata Pimentel condiciona um maior apoio ao grupo ao estabelecimento desse tipo de organização:

[...] como sou frequentador da boate, estou dando força para o grupo. Mas por enquanto, ainda não dei muito apoio. Eu acho o movimento gay uma coisa muito séria. Por isto, enquanto ele continuar sendo underground, não vejo muito sentido em ajudar. Quando a coisa for realmente às abertas e com força de reivindicação, como é nos Estados Unidos, daí sim, eu farei questão de apoiar (BUENO, 1977, p. 44).

Embora Volmar destaque a importância da Coligay fundamentalmente a partir de seus “méritos esportivos” e de negar sua vinculação ao movimento gay, ele demonstrou acreditar que a torcida contribuía à militância. “Pela primeira vez, num Estado machista como o nosso, os homossexuais se manifestam em público. Não é pouca coisa, não? Às vezes, chego a ficar assustado” (FONSECA, 1977, p.50). Em reportagem da Manchete Esportiva, o líder fazia um apelo para que outras torcidas gays também se assumissem, o que ele julgava ser “muito importante para o movimento gay em todo o Brasil” (FLORENZANO, 2017).

No que tange ao envolvimento dos integrantes da Coligay no movimento LGBT, Marcellly é a única que atuou e atua. Volmar e Miguel nunca integraram nenhum grupo, sendo que a única ação mencionada de aproximação da torcida com o movimento foram depoimentos fornecidos ao Nuances para matérias no jornal produzido pelo grupo (SANTOS, 2015a, 2016; Diário de Campo 22 de junho de 2017).

Serginho justifica seu desinteresse pelo movimento pelo fato de

na nossa gente a maioria dos gays [...] a maioria das vezes é muito nariz empinado, sabe, muita coisa que não pode ter, sabe? Comem arroz e feijão e querem comer caviar e essa coisa do gay, isso me incomoda até hoje. Porque eu não sei se eu... Não que eu seja o correto, não, longe disso. Mas como eu sempre fui muito transparente e sempre fui aquilo que eu sou, como eu te disse, as pessoas me amam ou me odeiam, e eu não faço questão que não seja diferente. Então essa coisa assim dessas militâncias, essas coisas de querer bateção de boca, direitos iguais... Gente, sempre vai ter preconceito contra gays, sempre, infelizmente, ou felizmente, porque pra mim não mudou nada, eu não senti diferença nenhuma. Mas então assim, esta pose, da gente, do nosso, do nosso meio gay, essa pose me incomoda muito, muito (CUNHA, 2017, p.29).

Careca, por sua vez, manifestou ser contra movimentos identitários de forma geral, expressando discordar de atuações baseadas na consideração das diferenças entre as pessoas. “Nunca fiz parte de movimento gay, nunca fiz parte de movimento de passeata de coisa para promover a minha pessoa. O meu movimento sempre foi em amizade, em um ajudar o outro, um precisar do outro. É esse o movimento que eu faço” (RODRIGUES, 2017, p.26).

Já Marcellly, como já mencionado anteriormente, começou a atuar junto à população de travestis e transexuais na década de 1980, tornando-se militante em prol dessa população na década de 1990. Ela, contudo, não relaciona sua trajetória na Coligay com seu interesse pela atuação política junto ao movimento LGBT (MALTA, 2015).

Em que pese todos os integrantes da Coligay, por motivos óbvios, serem contra a homofobia, seu entendimento acerca de quais práticas seriam entendidas como homofóbicas e qual a melhor forma de combatê-las é bastante distinta. E, como afirma Junqueira (2012, p.2):

Os efeitos do empenho anti-homofóbico podem depender das lutas travadas não só entre setores contrapostos quanto às diferentes modalidades de reconhecimento da diversidade e, mais especificamente, da diversidade sexual: podem ser igualmente decisivos os conflitos travados dentro de cada uma dessas áreas. É preciso não negligenciar o quanto politicamente relevante pode ser o fato de que agentes situados ou identificados como pertencentes às fileiras da anti-homofobia dissintam em torno de concepções ou de modalidades de enfrentamento e, sobretudo, disputem duramente posições e recursos com outros agentes situados nas mesmas fileiras.

Diante da divergência de posições políticas sobre a homossexualidade que identifiquei entre xs integrantes da Coligay, parece-me improvável que a torcida pudesse alinhar alguma forma de projeto político do grupo. Mantendo-se centrada na sociabilidade, com ações motivadas pelo seu caráter lúdico é que seu potencial questionador e subversivo pôde ser levado adiante.

Isso não significa, contudo, que a experiência do torcer em uma torcida gay não possa representar um passo que aproxime seus/suas integrantes de modos de militância tradicionais, junto à ONGs e coletivos reivindicando direitos. A experiência de Marquita Quevedo, antiga integrante da Maré Vermelha, é um exemplo disso.

A torcedora afirma que, especialmente na ausência de grupos de militância, a torcida era um espaço privilegiado para reunir pessoas socialmente excluídas, possibilitar a construção de vínculos, trocas, alianças e empodera-lxs. Hoje, Marquita é servidora pública do município de Santa Maria, integra o coletivo Igualdade, coordena o grupo que promove a “Parada Livre” da cidade há 16 anos e é figura amplamente conhecida na cidade por suas atividades de militância LGBT. Segundo ela afirma, a Maré Vermelha foi um ambiente fundamental para que essa subjetividade fosse forjada:

ela [a Maré Vermelha] me encorajou a ser o que eu sou hoje. Eu acho que se eu não tivesse participado daquela torcida, eu não seria Marquita, hoje. Que as pessoas respeitam, que eu fui militar em busca de um direito, de uma causa. Construí essa pessoa que eu sou através da Maré Vermelha, porque a gente passava por vários processos, era a questão do preconceito, e a gente rompeu com essa barreira dentro de um estádio que era de futebol, que era só homem, que era só isso. E nós tínhamos essa coragem. Eu acho que isso me fortaleceu, me ajudou muito para eu ser a Marquita hoje” (QUEVEDO, 2017, p.24).

É importante pontuar que uma aparente inexistência de qualquer relação direta ou explícita da Coligay com algum movimento de militância homossexual não determina uma total desconexão entre eles. Sendo produtos de um mesmo contexto histórico compartilham influências que fazem com que a análise de um auxilie também na compreensão do outro.

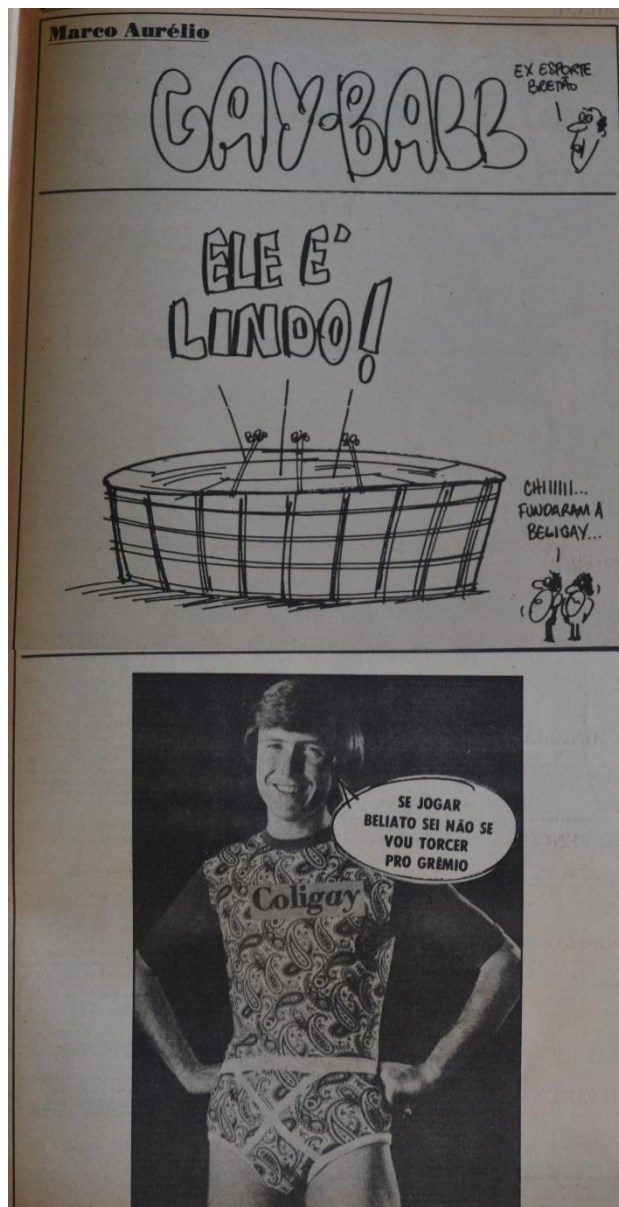
Nesse sentido, recorro às reflexões de França (2012) sobre as conexões entre o movimento LGBT e o mercado segmentado voltado à tal público. Sem defender a elevação do mercado e do consumo a esferas privilegiadas de atuação política, ela argumenta como eles não podem ser desconsiderados enquanto meios nos quais também ocorrem questionamentos, contestações e deslocamentos de normatizações sexuais e espaço para a afirmação da diversidade.

Podemos dizer que o âmbito do mercado eventualmente responde a questões diferentes das usualmente colocadas pelo movimento, enfatizando aspectos relacionados ao prazer, ao lazer, a subjetividades mais ou menos desvalorizadas, questões que aparecem mais como individuais, mas que são também políticas. O movimento eventualmente dá respostas que o mercado não pode dar, quando se dirige mais aos direitos coletivos e atuações mais amplas, prioriza a questão da violência como ponto aglutinador de demandas, oferece um espaço para a construção de sujeitos políticos por afinidade, e não por identidade específica (FRANÇA, 2012, P.249-250).

De forma similar, a Coligay, no ambiente futebolístico, levanta questões acerca do lazer esportivo e da sociabilidade numa mobilização diferente à do movimento, mas igualmente necessária para a ocupação dos estádios por sujeitos desalinhados à norma cisheteronormativa ali imposta.

4 ADMIRAÇÃO, ACEITAÇÃO, REPULSA E JOCOSIDADE

Figura 23 - Charge com referência à Coligay



Fonte: Zero Hora (1977).

Esse capítulo visa problematizar como o encontro entre homossexualidade e futebol promovido pela Coligay lhe impôs um lugar *sui generis* enquanto torcida. Reações positivas ou negativas ao grupo inegavelmente perpassam esse lugar. A charge acima ilustra o senso comum de onde partem as avaliações iniciais sobre a Coligay. A suposição da heterossexualidade e da masculinidade normativa como fundantes da essência do futebol faria com que a presença afirmativa e acintosa de sexualidades dissidentes o transformassem em outra coisa. O “ex

esporte bretão” se tornaria o “Gayball”. Para além da incompatibilidade, o chargista Marco Aurélio também expõe a desconfiança quanto a legitimidade do interesse dos invasores do “verdadeiro” esporte bretão. Diante de um belo jogador adversário, abandonariam seu clube para torcer pela equipe de maiores atributos físicos. Ainda que esse julgamento acompanhe a trajetória da Coligay, ele não é capaz de explicar o que a Coligay representou em termos de deslocamentos nas práticas torcedoras, assim como das relações estabelecidas com diferentes agentes do meio futebolístico, aspectos que pretendo desenvolver nesse capítulo. Entretanto, antes de apresentar seu conteúdo, faço um conjunto de considerações relevantes ao que segue.

Quando iniciei minha pesquisa, acreditava, pelas informações que possuía naquele momento, que a Coligay era formada unicamente por sujeitos auto identificados como homens gays. Adiante, tomei conhecimento da presença também de travestis, além de homens e mulheres heterossexuais, o que ocorreu tanto pela menção no livro “Coligay: tricolor e de todas as cores”, quanto por algumas pessoas que entrevistei e por registros nos periódicos.

Entretanto, minhas fontes, mesmo aquelas que reconheciam a presença dessas pessoas, invisibilizam tal pluralidade, atribuindo seus elogios, reflexões, críticas ou repúdios exclusivamente aos homossexuais masculinos. Em parte pelo que encontrei nas próprias fontes, em parte por dificuldades enquanto pesquisadora, reconheço que acabei compactuando com o protagonismo atribuído aos sujeitos assim identificados. Entretanto, esforcei-me para, de algum modo, não deixar que esse protagonismo se transformasse em universalidade.

Ainda sobre esse aspecto, apesar de reconhecer que o termo “torcida gay”, utilizado no trabalho, reforça não apenas a invisibilidade de muitos sujeitos¹⁷⁹ como a diferenciação (e eventual inferiorização) ante outras torcidas (“não-gays”). Entendo que seu uso, tendo em vista a abordagem que desenvolvi, foi necessário e útil para as problematizações acerca das performances da Coligay, assim como dos modos que ela é representada. Nesse sentido, o termo serve de instrumento para pensar se a identificação de uma maioria dos integrantes como gays, bastaria para atribuir à torcida esse título, em reflexão similar à trazida por Bessa para definir festivais (e filmes) GLBT:

¹⁷⁹ Como Butler, em entrevista a Osborne e Segal (1996), destaca, a produção de binarismos (nesse caso, simultaneamente considera-se os binarismos homens/mulheres e heterossexuais/homossexuais) inerentemente produz uma série de exclusões. Wellard (2006, p.85. Tradução livre.) afirma, ainda, que “posicionar espaços gays e lésbicos como alternativos é inicialmente problemático, pois reforça o binário heterossexual/homossexual ao invés de expor seu caráter construído” [positioning gay and lesbian space as ‘alternative’ is initially problematic since it reinforces the heterossexual/homossexual binary rather than exposing their constructed characters]. E, por fim, em diálogo com Camargo (2016), que afirma que a expressão “esportes LGBT” seria um equívoco, visto que as modalidades em si não sofrem adaptações, penso que o modelo de coletividade implementado em uma torcida gay, apenas em função da orientação sexual de seus integrantes, também seria indevido. Por outro lado, o entendimento de uma performance vinculada à tal identificação permitiria pensar na assertividade de adjetivações desse tipo, aspecto que abordarei no item 4.1.

A demarcação do que hoje se entende por um festival GLBT foi, e ainda é, objeto de controvérsias. Embora pareça possuir um recorte claro – “gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais” –, ficam as perguntas: existiria uma estética gay que serviu de critério para a seleção da filmografia exibida nos festivais? Ou ainda, bastaria que os filmes abordassem a temática, personagens e/ou situações homoeróticas? (BESSA, 2007, p.259)

Se não pude abolir por completo os binarismos referentes à sexo, gênero e sexualidade, dado que identidades pautadas nessa lógica são constantemente acionadas pelos sujeitos da pesquisa, destaco que as considero como processos em permanente fabricação, não se referindo nem à um eu verdadeiro e estável, nem à uma unidade coletiva. Tomo-as, nesse sentido, como designadoras de um campo inesgotável de diferenças, permanentemente aberto à ressignificação, e não como categorias descritivas dos sujeitos aos quais se referem (FRANÇA, 2012)¹⁸⁰.

Outra categoria utilizada nesse trabalho que permite questionamentos é homofobia. Leal e Carvalho (2009) destacam algumas limitações que a expressão possui. Conforme explicam, além da ambiguidade do prefixo homo, podendo se referir imprecisamente ao que é igual, a “expressão ‘fobia’ dá um peculiar acento psicológico a essa repulsa, ressaltando, talvez em demasia, aspectos individuais de um fenômeno social” (p.3). Junqueira (2012) destaca que mesmo ações de combate à homofobia com frequência seguem tal perspectiva, se apoiando em aspectos médicos e biológicos, utilizando como argumento o posicionamento dos Conselhos de Medicina e Psicologia que não mais consideram a homossexualidade uma doença e buscando “causas naturais” para legitimar a diversidade sexual.

Compreender a homofobia ultrapassa os estudos isolados de preconceito social e de cunho psicanalítico, exigindo atenção às relações de poder, de gênero e de sexualidade presentes na cultura e que definem a própria constituição dos sujeitos (LEAL; CARVALHO, 2009). Desse modo, a homofobia, como o sexismo e a violência de gênero, se manifesta tanto na esfera do sujeito – na relação com si e com o outro – quanto nas matrizes culturais de uma sociedade.

É nessa perspectiva ampliada que Daniel Borillo (2010) propõe pensar a homofobia. Para tal, ele apresenta algumas classificações que permitem perceber as diferentes manifestações desse fenômeno.

¹⁸⁰ Caudwell (2006, p.2) pondera que: “Apesar de abandonar as políticas de identidade, a perspectiva *queer* se relaciona com a ideia de identidade para atingir muitas de suas metas. Essas metas frequentemente incluem: expor o caráter contruído da sexualidade; expôs a ilusão/ficção da identidade sexual; evitar identidades normativas e essencializadas; resistir à regimes de ‘normalidade’; violar relações compulsórias de sexo/gênero; dismantelar relações de gênero binárias; e minar discursos heteronormativos hegemônicos”.

O autor designa como **homofobia afetiva** o sentimento de medo, aversão e repulsa direcionado contra homossexuais. Trata-se de uma manifestação emotiva do tipo fóbico de origens em conflitos individuais. Paralelamente a essa forma de homofobia de cunho psicológico que se caracteriza pela condenação da homossexualidade, há outra de cunho social, a **homofobia cognitiva**. Essa outra expressão de homofobia, por sua vez, pretende simplesmente perpetuar a diferença homo/hétero e, por isso, preconiza a tolerância. Nessa perspectiva, ninguém rejeita os homossexuais, mas não entende que eles devam possuir os mesmos direitos dos heterossexuais, nem mesmo vê problema em torná-los objeto de piada e escárnio.

Outra distinção é entre o que Borillo (2010) chama de **homofobia específica** e **homofobia geral**. A primeira faz referência à intolerância direcionada à grupos específicos, a fim de considerar as particularidades dos modos de expressão de violência inerentes a cada um deles. A homofobia específica, assim, contempla e poderia ser dividida em gayfobia, lesbofobia, bifobia, travestifobia e transfobia. O segundo termo, por sua vez, parte do reconhecimento de que a homofobia tem como alvos não apenas os homossexuais, mas todos aqueles que não respeitam as expectativas de gênero dele esperadas em função de seu sexo. Assim, a homofobia geral é definida pelo autor como “a discriminação contra pessoas que mostram, ou às quais são atribuídas, determinadas qualidades (ou defeitos) imputadas ao outro gênero” (BORILLO, 2010, p.26).

A partir dessas várias expressões, Borillo (2010) sintetiza o seguinte conceito de homofobia:

A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas (p.34).

As distinções de Borillo são úteis para compreender as nuances do preconceito homofóbico, além de dar ênfase ao aspecto social previamente defendido. Sua conceituação, contudo, não dá resposta à todas as críticas que o termo recebe. Para Miskolci (2011):

O termo homofobia é limitado não apenas por supostamente referir-se somente ao preconceito, a discriminação ou a violência dirigida a gays, deixando de se referir a identidades socialmente mais rechaçadas como travestis e transexuais ou à forma particular de discriminação sofrida por lésbicas. O termo homofobia deixa de expressar componentes fundamentais

do que nossa sociedade aponta como sinal de abjeção, em especial o medo do efeminamento em homens e a recusa do feminino em geral. Deixa de questionar a dominação masculina, hetero ou homo, sobre as mulheres e homossexuais femininos (p.48).

O autor critica, também, a busca de uma solução por meio da divisão da homofobia em homofobia, lesbofobia e transfobia, o que ele acredita ser uma “armadilha identitária”, ao adotar uma estratégia que busca proteger as identidades, ao invés de problematizar as normas sexuais e de gênero.

Tendo levantado as prévias considerações, alinho-me à perspectiva de Junqueira (2012, p.18), para quem “abandonar o conceito de homofobia pode comportar o risco de jogarmos fora a criança junto com a água do banho, mas empregá-lo de modo acrítico pode certamente comprometer a produção dos efeitos que dele se espera”. Desse modo, esforço-me para utilizá-lo sempre de forma contextualizada e reflexiva.

Nessa tentativa, considero os apontamentos de Bandeira (2017) quanto ao uso do termo para a análise do universo futebolístico. Para o autor, o termo homofobia, ao vincular-se imediatamente à violência, abre pouco espaço para pensar a dimensão estética das práticas torcedoras. Diante disso, ele opta por qualificar cânticos e gritos dos estádios como heterossexistas. Dito de forma sucinta, minha opção é de utilizar tal termo justamente quando o que está em questão é a violência.

Isso exposto, apresento os conteúdos presentes nesse capítulo. No item 4.1, abordo as manifestações torcedoras da Coligay entendendo-as como performances nas quais são acionados elementos estéticos associados tradicionalmente à homossexualidade. No 4.2, demonstro como certas características e estratégias possibilitaram à Coligay ser aceita em um cenário aparentemente inóspito à sua existência. E, por fim, no 4.3, descrevo como a Coligay esteve presente como tema de jocosidades entre torcedorxs e de que modo xs gremistas respondiam a esse lugar de repúdio atribuído à torcida.

4.1 MANIFESTAÇÕES DE UMA TORCIDA GAY

As torcidas organizadas

Para uma oficializada e protegida Camisa 12 do Inter, o Grêmio responde com a sua Força Azul. Se no Beira-Rio a Força Independente briga e tenta se impor, a Torcida Jovem faz o mesmo no Olímpico. Só a fulgurante Coligay permanece a primeira e única no seu gênero, aqui no Brasil e talvez no mundo. Escassas em adeptos, as torcidas organizadas continuam a ser um espetáculo à parte no campo.

Bandeiras tricolores: azuis como um céu de noite tropical, listras negras com estrelas douradas e um fundo virginalmente branco. Agitadas por tipos humanos incrivelmente originais, no alto de uma arquibancada: nada mais nada menos que a Coligay, “a torcida mais animada do mundo”.

Rapazes depilados e alegres acompanhados de outros peludos e não tão alegres, transformam a cada jogo, um dos cantos do Olímpico no mais extraordinário espetáculo do futebol brasileiro. Com suas roupas extravagantes, assexuadamente dentro das três cores do clube, uma charanga incansável, a rapaziada da Coligay é fiel. Já foram em maior número, e a chuva de ontem deve ter espantado ainda mais seus adeptos. Mas nem por isso os que lá estavam eram menos vibrantes. Agitando suas enormes bandeiras finamente confeccionadas, a cada lance mais decisivo soltavam gritinhos. E demonstravam sentir muita raiva quando o Inter fez seus dois gols (AS TORCIDAS ORGANIZADAS, 1978, p.55).

Conforme já apontado em outros momentos desse trabalho, a Coligay é identificada, pelas diversas fontes de minha pesquisa, como uma torcida diferente das demais. No excerto acima não é dito que a Coligay é diferente por ser formada por homossexuais, nem se referem a ela como uma **torcida gay**. Essa expressão – torcida gay –, cabe destacar, apareceu apenas raramente nos periódicos que consultei que datavam no período de atividade da agremiação¹⁸¹. A referência à homossexualidade não deixa, todavia, de estar presente no modo de descrever o grupo, como o uso de um tom poetizado para descrever as bandeiras da torcida¹⁸². A isso, somam-se as características do coletivo e ou de seus integrantes que são mencionadas, buscando enfatizar aspectos tradicionalmente representados como típicos de homens homossexuais: corpos depilados e roupas extravagantes, por exemplo. O parágrafo se encerra, todavia, com uma afirmação que, simultaneamente, assegura o gremismo daqueles torcedores e lhes confere um atributo dito masculino: o sentimento de raiva ante os gols do adversário.

A suposição de que a depilação e a extravagância no vestuário seriam indícios de homossexualidade se dá por serem essas características vinculadas à feminilidade normativa, essa historicamente associada à beleza, vaidade, emoção, fragilidade. De maneira relacional, ainda, ela é posta em oposição à masculinidade, a qual relacionaria-se, por sua vez, à força, coragem, uso da razão, competitividade, rudeza e, sobretudo, virilidade. Ainda que tempos, espaços, culturas e contextos, produzam especificidades nesse entendimento amplo, genérico e singular de masculinidade e feminilidade (OLIVEIRA, 2004), o senso comum os toma como produtos de determinados corpos, dotados de um ou outro órgão sexual, uma lógica

¹⁸¹ A expressão foi utilizada uma vez na Folha da Manhã, cinco na Zero Hora (sendo três na sessão de Humor), uma na Placar e uma no Jornal da República. Pontuo que a adjetivação possui efeito de diferenciação, tal qual ocorre na prática do futebol (e outros esportes), em que os homens jogam futebol e as mulheres futebol feminino (BANDEIRA, 2017).

¹⁸² Minha afirmação parte do pressuposto que a sensibilidade é reconhecida culturalmente como uma característica feminina.

essencialista, portanto. Assim, é o alinhamento entre sexo, gênero e sexualidade que garante que os sujeitos e seus corpos sejam interpretados como legítimos e inteligíveis (BUTLER, 2003; LOURO, 2009).

Em concordância, Silva e Gomes (2013) salientam que a masculinidade normativa é culturalmente associada à heterossexualidade. Paralelamente, a condição de desajustado à norma heterossexista dos homens gays faz com que eles sejam comumente definidos a partir de uma suposta ausência de masculinidade, como descreve uma reportagem da Veja na qual é dito que a única exigência da Coligay a seus componentes seria “não levar muito a sério a masculinidade” (EM ACINTOSO..., 1977, p.71), indicando, por associação, que essa é uma demanda imposta aos heterossexuais.

Sobre isso, Butler (2011) destaca a necessidade de reconhecer, ao mesmo tempo, que a sexualidade não determina unilateralmente o gênero, mas que uma conexão entre sexualidade e gênero não causal e não reducionista ainda é crucial.

Precisamente porque a homofobia frequentemente opera através da atribuição aos homossexuais de um gênero problemático, falho, ou de outra forma abjeto, isso é, chamando homens gays de “femininos” ou chamando lésbicas de “masculinas”, e porque o terror homofóbico sobre a performance de atos homossexuais, quando existem, são muitas vezes também um terror de perder o gênero apropriado (“não sendo mais um homem verdadeiro ou adequado” ou “não sendo mais uma mulher verdadeira ou adequada”), parece crucial manter um aparato teórico que explicará como sexualidade é regulada através do policiamento e da vergonha do gênero (BUTLER, 2011, p.182. Tradução livre do inglês.)¹⁸³.

De antemão, parto do princípio que a singularidade e binarismo, além da causalidade entre orientação sexual e gênero, anteriormente descritos é incapaz de explicar a diversidade e a complexidade dos sujeitos. Masculinidades e feminilidades são plurais, são flexíveis, são transitórias, são contingentes e não são produtos de um dado corpo ou sexualidade.

A partir de Butler (1996, 2003), compreendo que o gênero é performativo, ou seja, que ele é o efeito de atos repetidos, num engajamento cotidiano em determinados comportamentos, gestos, estilos, que pela reiteração constante alcançam sua naturalização. Ao mesmo tempo, ele é performativo na medida em que é efeito de um regime regulatório de diferenças de gênero, que divide, hierarquiza e dá inteligibilidade aos sujeitos (BUTLER, 2011). Nesse sentido, tendo

¹⁸³ Precisely because homophobia often operates through the attribution of a damaged, failed, or otherwise abject gender to homosexuals, this is, calling gay men “feminine” or calling lesbians “masculine”, and because the homophobic terror over performing homosexual acts, where it exists, is often also a terror over losing proper gender (“no longer being a real or proper man” or “no longer being a real or proper woman”), it seems crucial to retain a theoretical apparatus that will account for how sexuality is regulated through the policing and the shaming of gender.

em vista sua dimensão normativa, o gênero também pode ser interpretado como o o aparato a partir do qual a produção e normalização do masculino e feminino ocorrem, mantendo uma matriz de inteligibilidade cultural que define os limites culturais de sexo e gênero (BUTLER, 2011).

Tal noção não supõe uma escolha deliberada do sujeito acerca do gênero a ser performando. Liberdade, possibilidade e agência são negociados dentro de uma matriz de poder (BUTLER, 2011). Desse modo, instâncias como família, religião, escola, meios de comunicação são atravessadas pelas normas de gênero e, simultaneamente, servem como aparatos pedagógicos que contribuem com a manutenção e naturalização de ideais regulatórios (MEYER, 2009).

O esporte é, também, um lugar privilegiado de generificação dos sujeitos, no qual o interesse, envolvimento e adequação são associados aos homens e à masculinidade normativa¹⁸⁴. Vigarello (2013, p.271) aponta que “a história do esporte evidencia uma história da virilidade”, mostrando suas reiterações e continuidades assim como suas desconstruções e rupturas. Dunning e Maguire (1997) destacam-no como espaço de validação da masculinidade (normativa) e de superioridade física dos homens sobre as mulheres. Anderson (2008b) identifica que a socialização esportiva comumente ensina meninos/homens a desvalorizarem as meninas/mulheres, a feminilidade e os homens gays. Ademais, é comum que a trajetória de homossexuais na Educação Física envolva experiências discriminatórias motivadas por questões de gênero e sexualidade, o que muitas vezes, produz o seu afastamento das práticas corporais e esportivas (CUNHA JÚNIOR; MELO, 1996), o mesmo ocorrendo com aqueles cuja expressão de gênero levante suspeitas acerca da heterossexualidade esperada (MORAES E SILVA, 2008; PRADO, 2017; SANTOS, 2008).

O futebol, na sociedade brasileira, é o esporte no qual a associação aos homens e a masculinidade é especialmente reiterada. Faria (2009) defende que, em nosso país, esse é uma prática histórica e socialmente prescrita para que meninos se tornem homens. A proeminência masculina na prática e assistência do futebol levam Damo (2005) a oferecer a hipótese de que a modalidade poderia ser uma espécie de residual do patriarcado. Prado (2014), pesquisando o universo escolar, evidenciou que meninos identificados como homossexuais demonstravam dificuldades em se relacionar com tal modalidade. Bandeira (2009; 2017) demonstra que,

¹⁸⁴ Assumo aqui uma visão genérica e ampla dos esportes. Não suponho, todavia, que a marca do masculino atravessa desse modo **todas** as modalidades esportivas, sendo notório que há algumas práticas associadas à feminilidade.

também nas arquibancadas, existe um currículo de masculinidade a partir do qual se opera uma pedagogia do que é legítimo ou não em termos de performances de gênero.

Por outro lado, constantemente são produzidas, também, performances que desafiam padrões de inteligibilidade e legitimidade, fato demonstrado, inclusive, em muitas das pesquisas previamente citadas. E se, por um lado as estruturas de poder limitam o gênero, elas não impedem processos subversivos. Antes pelo contrário, como a produção de identidades inteligíveis opera pela repetição de uma “ação” em oposição à suas alternativas, é

somente no **interior** das práticas de significação repetitivas que se torna possível a subversão da identidade. A ordem de ser de um dado gênero produz fracassos necessários, uma variedade de configurações incoerentes que, em sua multiplicidade, excedem e desafiam a ordem pela qual foram geradas (BUTLER, 2003, p.209, grifo do original).

Evidenciando exemplos disso no contexto esportivo, Anderson (2002; 2005) indicou que formas hegemônicas de masculinidade produzidas nos esportes coletivos são desafiadas pela presença de atletas homossexuais publicamente assumidos.

Camargo (2016), por sua vez, aborda a possibilidade de identificar nas vivências esportivas de LGBTs¹⁸⁵ em competições – analisando em especial os Gay Games e World OutGames – “práticas esportivas dissonantes”, definidas por ele como manifestações atléticas que não se enquadrariam nos moldes de reproduzibilidade técnica dos gestos corporais do universo esportivo convencional e que, mesmo assim, obtêm resultados. Para o autor, tais práticas teriam um potencial subversivo e, o que mais lhe importa, podem apresentar novas possibilidades de vivência esportiva.

Ao longo dessa tese, venho demonstrando que o mesmo pode ser pensado sobre uma torcida gay. Ainda que as torcidas de futebol não sejam formalmente divididas por gênero, tal ocorre na prática esportiva convencional, a existência de um referente masculino normativo é evidente, mantido por um currículo de masculinidade constantemente em curso (BANDEIRA, 2008, 2012). Nesse sentido, pode ser identificado na Coligay o “poder provocativo das exceções” ou um “devir disruptivo” (CAMARGO, 2016, p.1346), trazendo novas luzes sobre aspectos normativos do esporte e, mais especificamente, das arquibancadas.

Nesse sentido, concordando com Soares e Mourão (2017), acredito que a

exposição e reflexão das histórias de vida e experiências esportivas de sujeitos que “escapam” e divergem das normas de gênero e sexualidade emerge como possibilidade instigante para expor a “fragilidade” e instabilidade dessas normas (p.74).

¹⁸⁵ Remeto aqui especificamente a LGBTs, mas o trabalho em questão aborda também as pessoas com deficiência.

Assim, ao transitar com seus corpos e performances generificadas à margem da inteligibilidade cultural do possível, aceitável e legítimo, torcedorxs da Coligay colocam em xeque representações acerca do comportamento esperado de torcedores e, também, de homens gays, cujo encontro, no senso comum, se supõe incompatível (ANJOS, 2014b).

Por isso, para Rosa (2010), mesmo reiterando o estreitamento entre homossexualidade e afeminação, a performance da Coligay provoca deslocamentos significativos ao elaborar uma paródia a partir da recontextualização ou ressignificação do fenômeno futebolístico que, até então, presumia-se imaculadamente masculino e heterossexual.

Para desenvolver a discussão acerca dos deslocamentos provocados pela Coligay, primeiramente, esclareço que tomo as ações de TOs nas arquibancadas como performances, entendidas aqui como atividades que pressupõe a interação entre quem executa a performance e quem a testemunha, e voltadas a influenciar de algum modo alguém (SCHECHNER, 2013). A performance das torcidas é voltada fundamentalmente aos jogadores, objetivando motivar sua equipe a dedicar-se ao máximo pela vitória, assim como desestabilizar os oponentes. Mas há também o desejo de serem admiradxs por outrxs torcedorxs e torcidas, pela imprensa, comissão técnica, dirigentes. Para isso, executam coreografias, cânticos, gritos, gestos, vestem-se de modo específico, pintam os rostos, utilizam bandeiras, rojões, buzinas. Ainda que as torcidas tenham muitas semelhanças, buscam também diferenciarem-se entre si, reafirmando uma identidade própria superior à das demais.

Importa destacar que esse conceito de performance se diferencia da noção de performatividade, utilizada para explicitar o processo de generificação também adotado nesse trabalho. A própria Butler, quem propôs analisar o gênero desse modo, destaca tal distinção. Conforme explica:

Em nenhum sentido pode-se concluir que a parte do gênero que é performada é, portanto, a “verdade” do gênero; performance como “ato” delimitado é distinguida da performatividade na medida em que esta última consiste em uma reiteração de normas que precede, restringe e excede o sujeito que performa e, nesse sentido, não pode ser considerada a fabricação do “desejo” ou “escolha” desse sujeito que performa; mais além, o que é “performatizado” trabalha para esconder, e não negar, o que permanece opaco, inconsciente, imperformável. A redução da performatividade à performance seria um erro (BUTLER, 2011, p.178. Tradução livre do inglês.)¹⁸⁶.

¹⁸⁶ In no sense can it be concluded that the part of gender that is performed is therefore the “truth” of gender; performance as bounded “act” is distinguished from performativity insofar as the latter consists in a reiteration of norms which precede, constrain, and exceed the performer and in that sense cannot be taken as the fabrication of the performer’s “will” or “choice”; further, what is “performed” works to conceal, if not to disavow, what remains opaque, unconscious, unperformable. The reduction of performativity to performance would be a mistake.

E, complementarmente, enquanto performance pressupõe um sujeito, a performatividade contesta a própria noção de sujeito (BUTLER, 1996). Na perspectiva que adoto, considero que o torcer envolveria um sujeito anterior, o não-torcedor¹⁸⁷. Não nego, todavia que a “performance torcedora” de tais sujeitos está necessariamente atravessada pela performatividade de gênero, uma vez que nunca nos expressamos destituídos dela.

Entender as manifestações torcedoras como performance pressupõe que, em suas práticas, há algum nível teatralização ou encenação motivada pelo desejo de ser visto, ouvido, sentido, enfim, de expressar algo para alguém naquele determinado “lugar cênico”, diferenciando-se, de algum modo, das expressões cotidianas dos sujeitos. Suas performances são, nesse sentido, elementos acionados no contexto específico do jogo, o qual caracteriza-se como tempo-espaco de evasão da vida ordinária (HUIZINGA, 1993). Ainda que essa evasão não estabeleça uma total desconexão com a vida cotidiana, o contexto do jogo adota certas regras e valores éticos próprios.

Assim, ao focar na performance torcedora da Coligay, entendo que as transgressões às normas de gênero ali manifestas dialogam com o contexto público e específico em que estão inseridas. Nesse sentido, sua prática torcedora repleta de gestos não conformados com heteronormatividade não ocorre **independentemente** ou **apesar** de estarem no ambiente do estádio – ou nos demais ambientes de vivência coletiva do torcer –, mas (também) **porque** estavam nele. Para discutir isso, apresento algumas narrativas de integrantes da TO:

As pessoas esperavam a gente, Luiza! Fora do Brasil, aqui dentro do país, mais lá pra cima. As pessoas esperavam! Primeira coisa que perguntavam quando chegava. Porque os ônibus as vezes não saiam juntos e a gente sempre gostava de sair por último pra causar impacto. Tu sabe que bicha gosta dessa coisa de causar impacto. Então os primeiros chegavam e no tempo de chegar a segunda parte, “a Coligay vem?”, “a Coligay vem?” Era só o que perguntavam para as outras torcidas organizadas. “Ah, eu acho que vem”, enfim. Mas todos esperavam, todos (CUNHA, 2017, p.31).

Miguel afirmou que em qualquer lugar que iam, inclusive no interior do estado ou em grandes estádios, como o Maracanã, eram aplaudidíssimos de pé, sem preconceito algum. Lembra de serem aguardados na porta dos estádios para conversas e fotos, mencionando que eram abordados, inclusive, por famílias e crianças (Diário de Campo, 31 de agosto de 2016)

A torcida, a própria torcida do Grêmio, muitas vezes ia aos jogos, alguns torcedores que estavam acostumados a frequentar o Estádio Olímpico, iam aos jogos não só para ver o Grêmio, mas também para ver mais a Coligay, de tanta alegria que o pessoal transmitia para os jogadores, para o público, para a

¹⁸⁷ O que considero como “sujeito não-torcedor” é o sujeito fora do tempo-espaco de manifestação desse vínculo. Não suponho uma abstenção do pertencimento clubístico em certos momentos da vida, mas sim da sua expressão.

direção. [...] A imprensa toda do Brasil, inclusive, do exterior vinha a Porto Alegre para ver a Coligay, para saber algo sobre a Coligay, para fazer reportagens sobre a Coligay, acho que saiu até no New York Times uma reportagem da Coligay (SANTOS, 2015a, p.9)

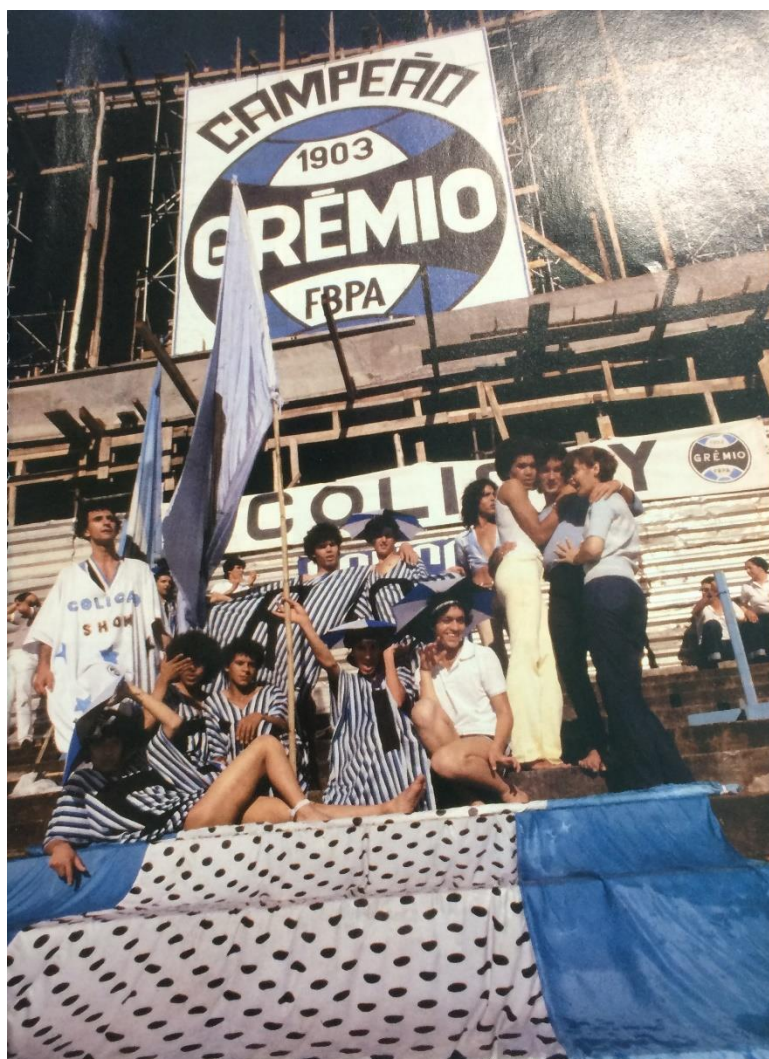
As falas dos três torcedores demonstram uma relação de interesse e admiração dos demais torcedores em relação a eles¹⁸⁸. Ao mencionar famílias e crianças, Miguel parece argumentar que tal relação atravessava diferentes grupos. Volmar destaca, ainda, a atenção midiática. Serginho, por sua vez, destaca o fato deles gostarem de “causar impacto”. Em todos os casos é evidente a memória prazerosa dessa atenção que atraíam.

Apesar da generalização do gosto pela atenção entre gays, diferentes pesquisadores que analisaram a participação de atletas LGBT em clubes ou competições voltadas à LGBTs verificaram que a maioria delxs adequa-se ao esporte mainstream, buscando reproduzir as técnicas corporais e modo de organização, evitando modos “alternativos” de vivência esportiva (CAMARGO, 2016; DAVIDSON, 2006; JARVIS, 2006; WELLARD, 2006). Assim, ainda que performances dissidentes ocorram nesses espaços, os autores notam que ainda se sobressai a apropriação do esporte por uma via assimilacionista, o que torna a experiência da Coligay ainda mais *sui generis*.

A relação com o olhar alheio também se manifesta em muitas das imagens da Coligay, nas quais xs integrantes estão fazendo poses para as fotos. Nesses registros, também podemos ver os vestuários adotados nas partidas, os quais, ao mesmo tempo que se assemelham à vestuários culturalmente tidos como femininos, como vestidos e grandes chapéus, mais parecem fantasias do que propriamente roupas.

¹⁸⁸ A Zero Hora também afirmou em uma matéria que torcedores tinham ido ao estádio ver a Coligay (CADÊ..., 1977).

Figura 24 - Coligay nas arquibancadas do Estádio Olímpico



Fonte: Revista Imortal Tricolor (2006).

Figura 25 - Integrantes da Coligay



Fonte: Acervo Placar, publicado no site do El País - Brasil (2017).

A exposição das pernas, o modo de segurar a bandeira com apenas dois dedos, o aceno para a fotografia com o punho flexionado (Figura 24), o corpo e cabeça inclinados (Figura 25), todos indicam delicadeza, aspecto considerado culturalmente incoerente com a masculinidade. Por outro lado, os kaftas devidamente identificadas como da torcida e os guarda-chuvas na cabeça reiteram a desconexão com o cotidiano.

Algumas das manifestações que realizavam eram tratadas por elas como **shows**.

[...] eu cansei de fazer show em Copacabana, assim, na beira da calçada, ali na avenida Atlântica. E eu mandava pras bichas “passa o chapéu” e nos recebíamos... Show que eu digo assim, a gente dançava e se fresqueava, enfim. E aí os shows... E aí mandava as biba passar o chapéu e as pessoas davam. Sabe que a gente arrecadava um bom dinheiro nessas bobagens?! Mas só no Rio isso aconteceu e no Uruguai. Nós fomos num jogo em Montevideú e tinha João Carlos, a famosa Joanita, que também não está mais conosco. Nós invadimos o Monumental, estádio Nacional, não sei como é o nome do estádio lá do Uruguai. Invadimos ovacionados pela torcida uruguaia e nós fizemos um show depois do jogo em baixo da arquibancada. Gente! Nós ganhamos dinheiro, assim, não sei em valores, mas nós viemos pra Porto Alegre cada um com um bom dinheiro no bolso, um bom dinheiro no bolso. Eles ado... Porque na época lá não era permitido também né, não tinha. Eu uma vez cheguei fora da organizada, cheguei no Uruguai com dois brinquinhos, brinquinhos não, brincões, vamos combinar né? E fui obrigado a tirar, me pediram pra eu tirar o brinco porque lá não podia entrar. Mas eu não desisti, continuei [riso] (CUNHA, 2017, p.21).

a gente fazia shows dentro do estádio também, alguém dublava alguma coisa, a gente levava aqueles... na época era gravador, uma caixa de som, e sempre tinha uma que ia montada assim pra fazer algum show, alguma coisa no intervalo ou antes de começar o jogo (CUNHA, 2017, p.31).

Quando nós viajávamos nós chegávamos nas cidades e íamos para as praças públicas fazer show, era um show. E juntava um povo para ver o show daquele (SANTOS, 2015a, p.19).

A ideia de show reforça o entendimento de uma performance voltada a ser assistida por um público. Cabe notar, ainda, que os exemplos citados por Serginho – danças, “fresqueagens” e dublagens – são de performances aparentemente desconectadas com o universo futebolístico, mas ocorridas, como ele demarca, fora do estádio ou “no intervalo ou antes de começar o jogo”.

Há registros de performances também fora do ritual específico das partidas. Uma nota de um evento em homenagem aos 80 anos do Grêmio realizado pelo Jockey Club do Rio Grande do Sul mencionava a expectativa dos apostadores de ver uma “exibição da Coligay, sempre animada e que pode fazer o seu carnaval também fora do Olímpico” (HOMENAGEM, 1983, p.46).

As imagens da Coligay exibidas nos jornais evidenciam a vontade do coletivo de destacar-se, por meio de sua originalidade e extravagância. Ilustro isso a partir das imagens de duas cerimônias em que a torcida desfilou no gramado do Estádio Olímpico:

Figura 26 - Departamento Eurico Lara (acima) e Coligay (abaixo) desfilam na cerimônia de entrega de faixas de campeão gaúcho de 1977 ao Grêmio



Fonte: jornal Zero Hora (1977).

Figura 27 - Integrante da Coligay desfilando no Estádio Olímpico em cerimônia anterior à partida em que o Grêmio se sagrou campeão gaúcho de 1979



Fonte: Zero Hora (1979).

A primeira imagem (Figura 26) evidencia a diferença entre a Eurico Lara e a Coligay. Os integrantes da primeira com cabelos curtos, alguns de barba, todos de calças compridas e camisetas, caminhando e carregando suas bandeiras. Entre xs da segunda, por sua vez, há integrantes de kaftas e faixas nos cabelos, seguidos de um componente com calça e casaco com amplas pernas e mangas boca de sino, um grande chapéu e carregando uma haste com plumas, em movimento de dança. A postura descontraída está presente também na outra imagem (Figura 27) em que se vê x torcedorx com uma espécie de vestido, um chapéu com um grande enfeite, carregando pompons, aparentemente saltitando. À retidão da Eurico Lara se opõe a malemolência da Coligay.

O orgulho que os torcedores tinham das performances também é mencionado por André, integrante da Força Azul na década de 1990. O gremista lembra que ex-integrantes da Coligay que conheceu na TO que integrou gostavam de compartilhar suas memórias das antigas experiências na arquibancada, inclusive, demonstrando-as: “o pessoal adorava falar isso pra nós na época da Força Azul e eles demonstravam como eles ficavam no estádio, indo de um lado pro outro com pompons...” (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.13).

No item 3.1, didaticamente, organizei em quatro categorias as características apontadas nas entrevistas e periódicos como elementos que distinguem a Coligay: torcer ininterrupto, animação, estética chamativa e original e afeminação. Ao longo do presente subcapítulo, ao me aprofundar sobre performance da torcida, torna-se evidente como a referência à homossexualidade, de alguma forma, atravessa todas essas categorias, sem, contudo, restringi-la a esse aspecto.

Com frequência, a manifestação da Coligay é caracterizada utilizando o termo “gay” ou expressões similares como forma de adjetivar o modo como expressavam-se nas arquibancadas. “Eles eram **bem gays mesmo pra torcer**. Não tô falando pejorativamente. Era bem o jeito deles de torcer” (VIEIRA, 2017, p.22, grifos meus). “É, eu me lembro que tinha uma manifestação bem diferenciada do restante da torcida, **bem caracterizada e tal, bem assumida**, interessante que era **bem assumida**” (QUADROS, 2016, p.7, grifos meus). “A Coligay tinha uma coreografia e era uma **coreografia gay**” (BUENO, F., 2017, p.22, grifos meus). “E aí era uma festa mesmo, mas, assim, né Luiza, a gente brincava, a gente se divertia, **a gente bichava um pouco também né?**” (CUNHA, 2017, p.3, ênfase do entrevistado).

Quando solicitados a caracterizar essas “manifestações gays”, xs entrevistadxs faziam referências sobretudo às danças, à certas movimentações performáticas e ao vestuário:

Eu me lembro que tinha **muita coreografia**, que era uma coisa eu não sei se era mais ensaiada ou se era mais espontânea do que ensaiada, mas talvez houvesse. Como hoje as torcidas organizadas são ensaiadas, [talvez] eles também ensaiassem as manifestações. E isso aí que eu não esqueci. Também **a indumentária que vestiam** e tal. Isso aí também era característico, a presença deles era marcante por esta razão (QUADROS, 2016, p.7, grifos meus.).

Eles usavam **as roupas**, eles eram bem refestelados né? Bem... Bah! Tudo que nós não tínhamos visto ainda, os caras apareceram. Eles **usavam uns roupões** assim listrados, cada um com um letra “G”... **Ficavam dançando, dançando**, fazendo as performances deles lá (VIEIRA, 2017, p.15, grifos meus).

Eles **andavam de um lado para o outro** com pompons, uns **até rebolavam** na arquibancada, davam uns **passinhos tipo de carnaval**, dois passinhos para lá, dois passinhos para cá (CARMOS DOS SANTOS, 2015a, p..14-15, grifos meus).

[...] eles ficavam, acho que seis, porque era “Grêmio” ne, cada um com seu roupão. Depois tinham os outros que ficavam atrás e **eles faziam aquela dancinha** (COSTA, 2017, p.15, grifos meus).

Eles faziam umas **danças**. Eu não me lembro agora exatamente como é que era, mas eu me lembro deles se movimentando lá e tal, faziam *danças* lá, e ficavam **em fileiras, com aquelas roupas**, eu me lembro muito **daquelas roupas listradas** assim, sabe? Não me lembro agora, da **coreografia** em si eu não lembro (COIMBRA, 2016, p.5, grifos meus).

Nos periódicos, por sua vez, os principais aspectos referentes à manifestação da Coligay são os rebolados e a estridência de seus gritos:

[...] pouca gente prestou atenção naquele grupo pequeno, de **rebolados constantes, de gritos um tanto histéricos** (BUENO, 1977, p.44, grifos meus).

No início era apenas um bando de garotos de **rebolados frenéticos e gritinhos um tanto histéricos**, debaixo de uma pequena faixa de tecido barato (TORCIDA..., 1977, p.42, grifos meus).

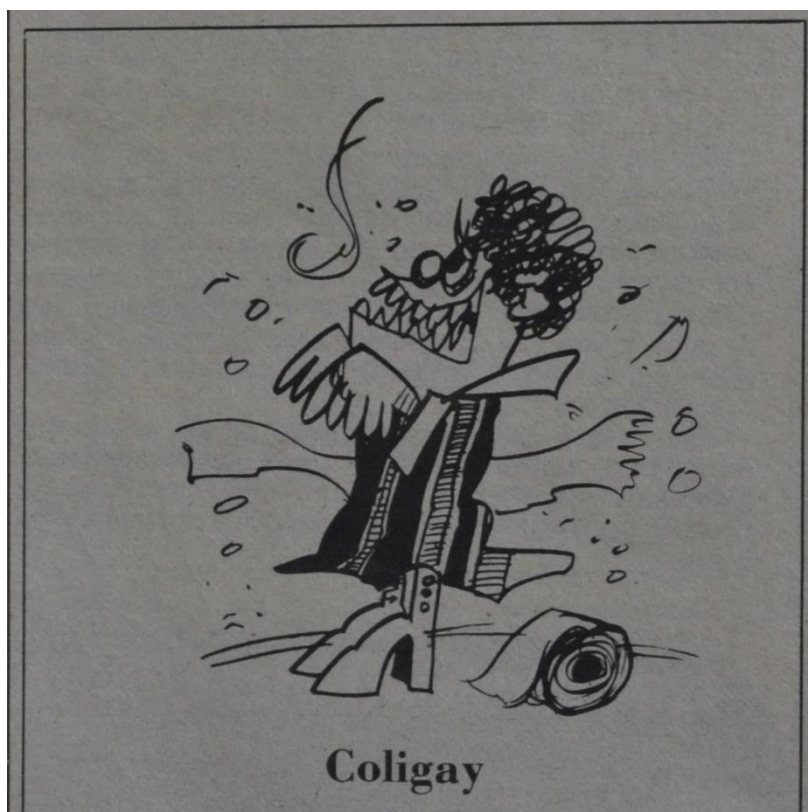
[...] pouco antes da partida apareceu nas gerais um grupo estranho. Os **rebolados, os gritinhos**, a batucada da charanga, a faixa pequena de tecido ordinário não chamaram muito a atenção (O GRITO..., 1977, p.50, grifos meus).

A cozinha foi reforçada, eles passaram a levar faixas indicativas, a bailar – **rebolando e levantando graciosamente o pezinho** – e, quando uma bola raspava a trave defendida pelo goleiro do Grêmio, juntavam as palmas das mãos e soltavam **agudos gritinhos** de emoção (FONSECA, 1977, p.48, grifos meus)

Na estética de suas roupas, faixas e acessórios estavam presentes muitos elementos associados à feminilidade normativa: a kafta que se assemelha a um vestido, o uso de adereços com plumas e paetês (BRITO, 2006; GERCHMANN, 2014; PLUMAS..., 1977, p.28), de flores ornando uma de suas faixas (FESTA..., 1979, p.43). A Coligay rompia com aquilo que se esperava de uma TO, comportamentos como já ditos, vinculados à uma masculinidade normativa. Essa ruptura atravessa todo o corpo daquels torcedorxs, passando por seus comportamentos, gestos, voz, roupas e adereços. Por outro lado, tudo isso parece ser interpretado dentro da composição da performance torcedora, o que possivelmente contribuiu para sua aceitação por outrxs torcedorxs que a qualificavam como alegre, festiva, engraçada.

Pontuo que, nas representações da mídia sobre a Coligay, as características que qualificam a performance do grupo enquanto uma “manifestação gay” nem sempre são destacadas nos textos que compõem as matérias. Nas imagens (considerando apenas desenhos, não as fotos), por sua vez, independentemente do conteúdo da reportagem em questão, a torcida foi sempre ilustrada a partir de elementos que à associassem à feminilidade. Abaixo, apresento um exemplo:

Figura 28 - Imagem em referência à Coligay



Fonte: Zero Hora (1978)

O seguinte texto acompanha a imagem:

Uma faixa com os dizeres “A maior torcida do Rio Grande do Sul” vai ser agitada durante o jogo de hoje pela Torcida Coligay, no estádio Olímpico. Os rapazes da Coligay estão muito satisfeitos com as arrecadações nos últimos jogos. Para hoje, contra o Vasco, eles levarão pó, papéis cortados, serpentinas e papel higiênico, com que saudarão a entrada do time em campo (COLIGAY (3), 1978, p.56).

Enquanto a ilustração traz um torcedor com as mãos com punho dobrado, em referência ao ato de “desmunhecar” associado aos gays, de vestido e salto alto, em meio à papéis picados e papel higiênico, itens utilizados pela torcida, o texto apenas aborda os elementos referentes à prática do torcer.

Apesar da suposta inadequação das manifestações que empreendiam às masculinidades previstas aos torcedores organizados, algumas das performances da torcida foram apontadas como iniciativas pioneiras de práticas que, depois, espalharam-se por outras TOs. Rosa menciona que a postura de manifestar o apoio de forma incessante durante toda a partida era algo que não havia no período e que foi inaugurado pela Coligay e que, hoje, é adotada pela Geral do Grêmio e por TOs de vários outros clubes brasileiros (FORESTI, 2015). O jornalista

Wianey Carlet, citado por Gerchmann (2014, p.142-143), também afirma que “não está errado quem os compara à Geral do Grêmio”. Apesar da síntese da proposta torcedora, de apoiar o time o tempo todo, sem vaias, ser a mesma, meus dados não parecem indicar que há alguma influência da Coligay na Geral, que se somaria à já afirmada inspiração castelhana da torcida atual. A menção à semelhança também pode se justificar pela diferença dessa atitude em relação ao conjunto da torcida tricolor, assim descrita por dois entrevistados:

[A torcida do Grêmio] é uma torcida mais rabugenta, ela cobra muito dos jogadores, ela vaia, ela é muito... A torcida do Inter é menos rabugenta que a torcida do Grêmio sabe. A do Grêmio é muito assim, muito cobradora (COIMBRA, 2016, p.2-3).

Eu acho que a torcida do Gremio sempre foi mais aguerrida no sentido de cobrar mais, de ser mais, às vezes, até cruel, na hora de criticar um jogador. E a torcida do Inter ela é mais condescendente, assim, sabe? (OLIVIER, 2016, p.3)

Também algumas coreografias presentes nas arquibancadas atualmente foram identificadas como inovações trazidas pela Coligay.

Inclusive essa coreografia, se assim pode ser chamada, de pular para os lados, de um lado e depois para o outro lado, eles já faziam. Eles já faziam já. Foram eles que começaram com isso aqui, ao menos no Rio Grande do Sul, pelo que eu sei, e no Brasil. Talvez fosse até no Brasil, pela época, por que eu nunca tinha visto essa questão de sair pulando de lado, pro lado e depois voltar para o outro lado, todos juntos, sabe? (WEDMAN, 2016, p.4).

Esse deslocamento lateral sincronizado foi descrito, inclusive, como uma das “performances gays” da TO, segundo Fernando Bueno, conforme descrevo nos registros que fiz após nossa entrevista:

Aproveitei para perguntar [para Fernando Bueno] como era a manifestação da Coligay, que ele descreveu como “coreografias gays”. Ele tinha mencionado que eles faziam uma espécie de deslocamento similar a um trenzinho, mas em que se deslocavam lateralmente, com todos virados para frente. Ele imitou o movimento, dando pulinhos baixos e curtos enquanto deslocava-se para a direita. Mencionou também um movimento feito em grupo similar a uma “ola”, em que todos ficam ligeiramente agachados com os braços para baixo, levantando-os a medida em que se erguem, até ficarem de pé com os braços esticados para cima. Diferentemente da “ola”, todos se agacham e se levantam simultaneamente. Além disso, o movimento era acompanhado de um constante balançar das mãos e, no momento de erguer os braços, ele fazia um som de “uhl”, num gesto de trejeitos afeminados (Diário de campo, 2 de dezembro de 2017).

Novamente a delicadeza dos gestos e a estridência dos gritos é mencionada.

A referência e comparação dessas manifestações caracterizadas como gays com a feminilidade também é presente na narrativa de André, que, tratando das coreografias e do uso de pompons, assemelhou os integrantes da Coligay à “*cheerleaders* americanas” (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.13). Em que pese a justificativa da comparação em função da realização de uma coreografia e o uso do adereço comum, é necessário também considerar que o *cheerleading* é visto como atividade tradicionalmente feminina, e homens que dela participam são frequentemente estigmatizados como gays (ANDERSON, 2008a). O ex-dirigente gremista Nelson Olmedo, por sua vez afirmou que “o homossexual torcedor tem as mesmas características das mulheres no futebol, ou seja, traz uma contribuição diferenciada. São mais sensíveis aos problemas que ocorrem e, por isso, têm participação mais intensa” (GERCHMANN, 2014, p.166).

As características individuais dxs componentes da Coligay, por vezes, também são apontadas para caracterizar a distinção daquela TO em relação à outras e para reafirmar as supostas marcas da homossexualidade nos corpos generificados daqueles torcedores. Na reportagem de Bueno (1977, p.44-45), Volmar Santos é descrito por seus “gestos delicados, cabelos pretos arrumados com laquê, mãos bem tratadas, um pouco de blush na face”. Já Fonseca (1977, p.50) destaca “seu chapéu enfeitado e sua bandeira de fina seda”.

A alegria e animação são outras características identificadas como próprias da homossexualidade masculina. Opondo à sisudez e desânimo de outros grupos, André (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.14) descreve as manifestações da Coligay como “quase carnaval” e Vô Vida Loka (WEDMAN, 2016, p.4) como “sempre festa”. Volmar Santos também propõe a associação desse comportamento com o público gay: “Acho que a nossa classe é a mais animada, mais descontraída por natureza, não é verdade? Veja só que beleza, a turma não pára nunca” (FONSECA, 1977, p. 50); “eu gostei do nome [Coligay]. Ele me pareceu muito apropriado, porque gay em inglês, também significa alegria e nós somos realmente muito alegres, sabemos incentivar como ninguém” (BUENO, 1977, p.44). A mesma relação entre alegria, extroversão e a homossexualidade masculina está presente na fala de Serginho, ao descrever o comportamento dos grupos em suas viagens:

A gente saia daqui se divertindo muito, todo mundo já meio bebinho, já cantando, parávamos nesses paradouros de beira de estrada dançando, cantando, enfim, era essa... **Era uma viagem gay mesmo** assim sabe, todo mundo alegre, todo mundo brincando... (CUNHA, 2017, p.21, grifos meus).

Nota-se, assim, que a homossexualidade é tratada pelas pessoas que entrevistei, assim como nos periódicos consultados, como um marcador que se conecta, ou mesmo determina, a performatividade de gênero.

Quanto à recepção à performance da Coligay, foram mencionados diferentes reações e sentimentos. Reproduzo duas narrativas:

Ah, um dia nós fomos num jogo lá e surgiram os caras. Aí “Ué, quem são esses caras aí?”, botaram umas roupas estranhas lá, umas camisetas e vieram. E ficavam assim ó: ficava Força Azul, ficava a Eurico Lara, no campo né? Nós [Eurico Lara] éramos no meio, assim, porque não tinha o alambrado, não tinha a parte superior, era alambrado. Então nós ficávamos no meio assim, bem encostado na parede lá e a Força Azul aqui. E aí surgiram eles no meio da curva lá assim, surgiram eles lá. Aquele pessoal lá, divertido, “ah, os caras são gay, não sei o que”, aquela coisa toda, mas ali não tinha problema, não houve assim... Não tinha uma homofobia. Tavam lá, “ah, é gremista, meu? Vão bora” [risos]. Às vezes, nas viagens, eles tavam nas viagens também. Assim, ninguém enchia o saco de ninguém, eles tinham a vida deles, opção sexual deles, que ninguém tem nada a ver com isso (VIEIRA, 2017, p.14).

Então, foi uma coisa que chocou um pouco todo mundo, mas eles eram assim, eles inovaram muito. Aquela história daqueles roupões, os roupões que eles usavam, as bandeiras. Todas aquelas danças deles no jogo, foi uma coisa super inovadora. Eu achava o máximo aquilo. Eu achava... Porque o que mais me admirava é que os caras eram muito gremistas. Assim, é que, na época, o Internacional estava em um nível muito mais alto. Já tinha ganho título nacional e tal. E o Grêmio não tinha chegado num ponto desse. Por exemplo, eu, na minha escola, era o único gremista numa... Eu e mais um outro, que não era muito fanático, em uma sala de, num sei, trinta alunos. Então, quando tu via aqueles caras lá fazendo aquela festa toda pelo teu clube, tu tinha que admirar. Era uma coisa muito bacana. Eu gostava muito (COSTA, 2017, p.14).

A fala de Gerson realça o estranhamento, seguido de indiferença. Já Bobis fala em “choque”, termo também utilizado na entrevista de André (CARMO DOS SANTOS, 2015). Por outro lado, o primeiro afirma que a inovação e o intenso gremismo conquistaram sua admiração. Miguel também exaltou a surpresa e interesse que provocavam e justificou: “foi um fenômeno, gay fazer torcida naquela época” (Diário de campo, 31 de agosto de 2016). Hélio Dourado, diz que ficou “apaixonado pela vestimenta deles” (DOURADO, 2015, p.10). Em 1979, a Zero Hora chamou atenção para o fato do ex-jogador gremista Paulo César Lima estar sendo requisitado pela mídia carioca para tratar de assuntos como Grêmio, seleção brasileira e **a Coligay** (NOSSO..., 1979), reiterando o interesse que a TO provocava. Anteriormente, ainda nesse subcapítulo, também mencionei o fato de muitxs torcedorxs manifestarem seu gosto por assistir a torcida, além de aplaudí-los, solicitarem fotos e autógrafos. Em contrapartida, houve, registros de resistência àquele grupo (BUENO, 1977; FONSECA, 1977; FORESTI, 2015)

Assim, aquelas performances transgressoras, inovadoras e alegres conseguiam produzir, ao mesmo tempo, incômodo, choque, estranhamento e admiração. Goellner e Fraga (2003; 2004) trataram de situação similar referente às *strongwomen* ou mulheres “forçadas”, que se apresentavam em feiras, circos, shows de teatro e *music halls* de vários lugares do mundo, ao longo da transição do século XIX e XX. “Seus espetáculos percorriam a Europa e os Estados Unidos e se caracterizavam, fundamentalmente, por demonstrações de força física em que cada qual inventava diferentes formas de exibir sua arte e, assim, adquirir prestígio e respeito” (GOELLNER; FRAGA, 2004, p.78). Os corpos delas, em sua estética e exercitação física, representavam a fuga da norma imposta às mulheres da época. Mas a condição de excentricidade lhes possibilitava ocupar lugares nos quais a exibição desses corpos produzia admiração. Respeitando as diferenças entre essas mulheres “forçadas” e os integrantes da Coligay, o que visio destacar é como corpos e performances abjetas podem, também, ser alvo de fascínio.

Esse interesse, assim, não necessariamente deve ser interpretado como ausência ou superação do preconceito. O próprio Volmar Santos defende tal compreensão: “Era gozado, era interessante, era alegre, era bonito, mas na concepção deles não eram pessoas normais. Eles achavam que os gays eram... Que nem o preconceito que tem contra os negros...” (SANTOS, 2016, p.13).

Diante do exposto até aqui, sintetizo que as manifestações da Coligay, ao serem qualificadas por minhas fontes como alegres, festivas, animadas e engraçadas remetem a uma espécie de **performance torcedora gay**, ou seja, composta por elementos – gestos, expressões, músicas etc – associados a representações, frequentemente estereotipadas, da homossexualidade mas coerentemente colocadas em prática em um contexto futebolístico.

A curiosidade e admiração provocadas por tal “performance torcedora gay”, no tempo em que estive em atividade, coaduna com um cenário de interesse por manifestações artísticas com temáticas e personagens homossexuais (sobretudo masculinos) no teatro, cinema e televisão naquele período (TREVISAN, 2011).

Trevisan (2011) pondera que, em que pese a visibilidade alcançada, as produções de maior sucesso retratavam os gays de forma estereotipada, fazendo deles objeto de deboche. Por isso, ao mesmo tempo em que tais obras geravam críticas de grupos conservadores e moralistas, além de serem alvo de censores, elas também provocavam a revolta de militâncias homossexuais que não gostavam de serem retratados de forma pejorativa e como alvo de riso nacional.

Não à toa, o comportamento de “afetação” da Coligay foi motivo de crítica pelo jornal *Lampião da Esquina*, periódico voltado a questões de interesse do público homossexual. Para o autor do texto publicado, João Antônio Mascarenhas (1978), a presença dessa torcida nas arquibancadas não lhes conferia nenhum tipo de integração com os outros torcedorxs; pelo contrário, a performance de seus integrantes os distinguia e segregava dos demais, além servir como espetáculo “de circo para o *Establishment* e para o povão” (MASCARENHAS, 1978, p.5). O autor assim explica:

Os componentes do grupo, ao unirem-se pela identidade dos gestos afetados, dos requebros e do agressivo exibicionismo, representam exatamente o papel que a eles atribuem os machões, o de bichas efeminadas e escandalosas, ainda que de briga, quando fisicamente agredidas, o que lhes confere maior pitoresco.

Sem se darem conta, atuam como machistas, pois introjetaram os estereótipos da nossa sociedade, que erradamente – e de má-fé – identifica homossexualidade com efeminação. (MASCARENHAS, 1978, p.5)

Na leitura do autor, o fato das performances da Coligay condizerem com o estereótipo dos homossexuais masculinos socialmente vigente contribuía para reforçar essa representação. O incômodo demonstrado com isso indica, ainda, certo repúdio às expressões afeminadas pelos gays.

É importante considerar que, nesse período, a discrição era um signo de masculinidade valorizado pelos homossexuais, o que provocava certa rejeição a atitudes afeminadas. Assim, mesmo rompendo com a norma sexual ao relacionarem-se com outros homens, parte deles defende a manutenção de parâmetros de gênero, inclusive como forma de amenizar o preconceito (LOPES, 2011)¹⁸⁹.

Outro ponto relevante no texto de Mascarenhas é a menção à disposição a confrontos físicos posicionada em oposição aos “gestos afetados, dos requebros e do agressivo exibicionismo”. Nessa perspectiva, o autor coaduna com o binarismo masculino/feminino, classificando como pitoresco o fato de “bichas efeminadas e escandalosas” serem, também, “de briga”.

Tal organização binária também está presente no relato de Serginho. O torcedor, após afirmar que na Coligay xs integrantes brincavam, se divertiam e bichavam, salienta: “mas na hora do jogo era torcer pro Grêmio, **aí virava tudo homem, tudo bofe**, sabe? Tudo... Nada de dessas, digamos, frescuras de dança. Era tudo Grêmio, Grêmio!” (CUNHA, 2017, p.3, grifos meus). O torcer, assim, é adjetificado como prática masculina e, como tal, heterossexual. As

¹⁸⁹ Atualmente essa rejeição à efeminação em homens não foi extinta, mas não é tão abertamente defendida como naquele período.

expressões que fugiam à masculinidade heteronormativa, as performances gays, deveriam, então, se restringir aos momentos antes e depois da “bola rolando”. Durante a partida, cabia a eles **virarem homens**.

Wellard (2006), pesquisando um clube de tênis gay inglês, observou fenômeno similar. O autor identificou que as atitudes que perturbam ou ampliam os limites heteronormativos vigentes nos contextos esportivos – nomeadas por ele de atos *queer* – ocorrem, ou têm maior possibilidade de ocorrer, em momentos fora das quadras. Na prática do esporte em si e nas performances em quadra, a masculinidade normativa ainda impera, sendo algo que lhes confere maior capital no círculo de integrantes do grupo.

O simples envolvimento da Coligay no ambiente futebolístico, para alguns, já demonstrava sua aproximação com a virilidade e seu afastamento da representação negativizada da homossexualidade afeminada, como indica a fala do cronista social Paulo Raimundo Gasparoto, citado em matéria da ZH: “A propagação do movimento gay através do esporte é uma ideia muito boa. Melhor do que ficar se fresqueando por aí, não é não? Estou dando muita força pra Coligay” (TORCIDA..., 1977, p.42). A visão de que torcer por um clube de futebol ao invés de “se fresquear” seria algo positivo coaduna com a percepção de Prado (2017, p.120), de que “a homossexualidade, se masculinizada, parece ser delineada como ‘modelo tolerável’, pois o problema encontra-se na ostentação de qualidades ‘femininas’ em um homem”. Em concordância, para Richardson (2009), uma série de situações de violência e preconceito contra homens seriam melhor interpretadas como práticas de efeminofobia do que de homofobia, quando se tratam de reações de repúdio à afeminação¹⁹⁰. Conforme o autor explica, tais reações relacionam-se à duas motivações. A primeira pelo incômodo diante do pressuposto de que homens afeminados estariam regredindo na hierarquia de gênero ao renunciarem seus privilégios de homens, se apropriando da feminilidade. A segunda pelo fato de homens afeminados exporem a plasticidade do gênero, evidenciando que a masculinidade não é um atributo natural de corpos masculinos.

A ideia de que a participação de homens gays no futebol, um esporte tradicionalmente masculino, masculiniza-os dialoga com achados das pesquisas de Anderson (2008a) e Grinstaff e West (2006). Analisando homens heterossexuais que integravam equipes de *cheerleading*, os autores verificaram que a inserção deles nessa atividade, considerada tradicionalmente feminina, fazia com que eles sofressem uma espécie de “homossexualização” e

¹⁹⁰ Pontuo que as manifestações afeminofóbicas podem se inserir no escopo do que Borillo (2010) define como homofobia geral. Por outro lado, o uso do termo efeminofobia oferece maior destaque à dimensão misógina envolvida no preconceito contra homens afeminados.

“feminilização”, ou seja eles passaram a ser vistos como homens possivelmente gays e tiveram seu capital masculino¹⁹¹ maculado. Meus dados indicam que fenômeno similar ocorre com a Coligay. Entretanto, essa atribuição não é automática, sendo necessário que elxs provem a legitimidade de seu envolvimento com o futebol, executando as práticas viris esperadas de um torcedor.

A principal atitude interpretada culturalmente como masculina que a Coligay exerceu foi a disposição às brigas, já previamente mencionada. Os episódios de confronto protagonizados pela Coligay são lembrados por muitas pessoas que entrevistei:

[...] a Coligay correu com a torcida do Internacional em pleno Beira Rio. Correram! Correram! Correram! Correram! Eles estavam entre uns oito, não, uns doze mais ou menos, doze, treze, contra toda torcida dos colorados. E saíram todos, e eles partiram para cima e a torcida do colorado recuou toda e eles entre doze, quer dizer então, o bicho pegava... (WEDMAN, 2016, p.2-3).

Eu fui uma vez em Bagé, a temperatura estava quase zero grau e nós fomos numa excursão e eles foram num outro ônibus. E chegando lá em Bagé, na entrada a torcida do Bagé... Na época, eu tinha uns dezesseis, dezessete anos... A torcida do Bagé também quis começar a gozar com eles e eles partiram para cima e a do Bagé saiu correndo também (WEDMAN, 2016, p.7-8).

[...] lá no Beira Rio, quando dava confusão, a Coligay estava sempre na frente. A briga quem encarava era a Coligay **sempre**. [...] não era como é hoje, era uma coisa mais leve, mas claro já participei [de brigas]. Teve um Gre-Nal, lá no Beira-Rio, que a gente chegou e aí, bah, os colorados estavam lá na frente, nos esperando e tal, aí quem tomou mesmo a linha de frente foi a Coligay.” (COSTA, 2017, p.7-8, ênfase do entrevistado).

Quando dava briga, alguma coisa, eles que iam pra linha de ataque. Os caras lutavam não sei o que, eram bons de briga e nós éramos gurizada, né? [...] Porque a gente chegava de manhã no estádio, antes, e aí vem a torcida encher o saco, xingar, não sei o que e aí eles iam, eles é que iam, né? Iam lá correr os caras. A gente era uma gurizada, né, não tinha... (VIEIRA, 2017, p.16).

Em nenhum dos casos, o envolvimento em brigas foi avaliado como uma característica negativa da Coligay ou como episódios lamentáveis de sua trajetória. Eram prova de coragem e de virilidade.

A mesma ótica positivada dessas experiências é compartilhada pelxs próprixs integrantes da Coligay, que não apenas valorizam sua capacidade de impor-se fisicamente, como debocham do fato de homens heterossexuais, de quem tal atitude era esperada, serem suplantados por elxs.

¹⁹¹ Para Anderson (2005), o capital masculino se refere ao capital obtido a partir de características culturalmente associadas à masculinidade: heterossexualidade, virilidade, coragem, força, competitividade (em especial com outros homens).

Aconteceu um fato pitoresco aqui em Passo Fundo. Uma vez eu trouxe a torcida para Passo Fundo em um jogo que era contra o Gaúcho, de Passo Fundo. Quando eles entraram no estádio estava super lotado. Aí, atrás de uma das goleiras do estádio, um torcedor pegou uma laranja e jogou e deu no lado da orelha de uma das componentes. Tal qual foi a surpresa de todo aquele povo que estava presente, essa pessoa correu subiu as escadas todas, as arquibancadas e foi lá e bateu valendo no cara, e o cara ficou desmoralizado e a torcida, imagina, fez a maior festa (SANTOS, 2015a, p.22).

Eu não lembro de títulos, eu lembro de pauleira em Caxias do Sul, onde os heteros entre aspas, correram todos para os ônibus e nós ficamos brigando. Nós usávamos umas tamanquinhas de cepa, que não é do teu tempo, né amiga? E com aquele tamanquinho nós batíamos, nós nos defendíamos muito. A gente não batia, a gente se defendia. Só em caso que não desse mesmo. E isso foi o que mais me marcou, eu dizia “pô, tão machos, tão heteros, tão só querem saber de mulheres”, que eu não tenho nada contra também, mas na hora do pega pra capar quem fazia a linha de frente sempre éramos nós, o pessoal da Coligay. (CUNHA, 2017, p.5).

Mas fomos nós que tivemos que enfrentar a torcida do Caxias porque eles, os machões, fugiram (Citação de fala de Joanita) (TORCIDA I, 1982, p.42).

Para Vô Vida Loka, essa habilidade em lutar era um dos motivos que lhes possibilitou permanecer nas arquibancadas. Descrevendo a postura de resistência que atribuía ao grupo, afirma:

“Nós vamos continuar e acabou! Quem não estiver contente que não fique perto de nós”. E eles [demais torcedores] sabiam que eles eram de briga também. Pessoal sabia que eles não eram... Apesar da opção sexual (*sic*) deles, eles eram de briga, eles não corriam da briga, não corriam da luta (WEDMAN, 2016, p.5)

Além disso, as situações de embate físico nas quais a Coligay saiu-se vitoriosa foram frequentemente citadas pelxs torcedorxs entrevistadxs como argumento para contrapor ofensas direcionadas ao grupo e, por extensão, ao Grêmio e aos/às gremistas:

[...] quando me dizem “Ah, porque a Coligay...” “Ó cara, a Coligay correu os colorados dentro do Beira Rio.” Então não dá para falar. Defendeu até a gente até” (COSTA, 2017, p.17).

Eu, até, quando o pessoal folga na minha “bá, tu é da Coligay, tu é da Coligay”, eu digo “olha cara, inclusive os caras da Coligay é que nos defendiam no interior, cara, quando dava briga, alguma coisa, eles que iam pra linha de ataque” (VIEIRA, 2017, p.16).

Mais do que apenas a afirmação de um valor masculino, as brigas fazem parte, também, da masculinidade valorizada no universo específico das torcidas de futebol. Observando o contexto argentino, Garriga Zucal (2005; 2010) argumenta que a masculinidade dos integrantes das *hinchadas* – como são nomeadas as TOs daquele país - está pautada centralmente no *aguante*, um valor que pode ser associado à resistência, à valentia, à garra. Nesse sentido, autor

aponta a necessidade do investimento em uma série de disposições corporais – movimentos corporais, gestos com as mãos, consumo de álcool e, sobretudo, o combate com outros torcedores – a fim de reafirmarem sua virilidade e distinguiem-se dos não-machos, os *putos*, expressão que no espanhol designa pejorativamente os homossexuais. São esses – e não as mulheres, por exemplo – que são postos como figuras de alteridade aos torcedores, ao serem do sexo masculino como eles, mas não portando/exercendo os atributos do macho. Assim, Garriga Zucal (2010, p.79. Tradução livre do espanhol) aponta que “o ‘*puto*’ do *aguante* é uma forma de controle interno do grupo e das práticas aceitas como válidas”¹⁹². Em que pese o uso do termo *puto*, a questão central na legitimidade dos torcedores nas *hinchadas* é a presença ou ausência de *aguante*. Assim, mesmo formada por homossexuais, a Coligay não seria um grupo de *putos* uma vez que demonstraram ter *aguante*.

Noto que os próprios discursos sobre as performances viris da Coligay parecem redirecionar-nos para as dicotomias masculino/feminino e homossexual/heterossexual, uma vez que são descritas de forma a opor homossexualidade e atitudes masculinas: eles são bichas, **mas** brigam.

Apesar da suposição dessa incoerência, a postura alinha-se com o cenário esportivo pelo qual se interessam e no qual estão inseridos enquanto torcedorxs. De forma similar, Camargo (2012, p.57) observou como “mesmo entre atletas gays, a evocada ‘masculinidade esportiva’, por assim dizer, baseia-se nos rituais de dominação de gênero, ‘velhos conhecidos’, propostos pelo sistema patriarcal e reproduzidos pelos sujeitos, e presentes no mundo dos esportes”.

Por outro lado, contextos culturais específicos trazem condições mais ou menos resistentes ou permeáveis a transgressões. Brito (2017), por exemplo, demonstrou como o voleibol, uma modalidade na qual, segundo afirma, há número elevado de mulheres e homens gays e bissexuais como praticantes e torcedorxs, é permissivo à emergência de performances de gênero não-normativas, as quais “já se mostrava[m] naturalizada[s] no contexto do campeonato de voleibol” (*ibidem*, p.100). Ele cita que jogadores “batiam cabelo”, faziam “pegação” homoerótica nos vestiários e escolheram nomes de jogadoras como seus nomes fictícios na pesquisa em questão. Para o autor, o “voleibol, em alguma medida, desconstrói o binarismo masculino/feminino, no contexto de exclusão do feminino no esporte, como também o dualismo de masculinidades normativas/masculinidades desviantes” (BRITO, 2017, p.102).

Diferentemente da naturalização das performances dissonantes que Brito encontrou no contexto do voleibol escolar, percebi na análise da Coligay que, ainda que aceita, a torcida

¹⁹² el “puto” como otredad del aguante es una forma de control interno de la membresía y de las prácticas aceptadas como válidas.

sempre se manteve na condição de diferente e, por isso, estranha, não-natural. Nesse sentido, foi fundamental que a TO tivesse elementos desejáveis sobrepostos à sua sexualidade indesejável.

Nesse sentido, relembro, aqui, a resposta de um gremista ao grito de “bichonas” direcionado à integrantes da Coligay: “São bichas, mas são nossas” (SÃO NOSSAS, 1977, p.30). Certamente, a comprovação do gremismo, reconhecido na afirmação de seu pertencimento como “um de nós”, foi uma pré-condição para a conquista dessa aceitação. Mas não foi o único. No próximo subcapítulo, dedico-me a explorar esses elementos.

4.2 UMA BOA TORCIDA GAY

Liberação gay é mais do que um movimento para liberar eros; é uma revolução de gênero. A luta contra a dicotomia homo/hetero é entrelaçada com a luta contra um sistema de papéis sexuais que vê a masculinidade e a feminilidade como categorias mutuamente exclusivas de identidade de gênero (WARNER, 1993, p.113-114. Tradução livre do inglês.)¹⁹³.

Mesmo em meio a transgressões aos parâmetros normativos desempenhados pela Coligay, identifiquei uma série de referências à existência de limites que xs integrantes deveriam obedecer. Uma nota da ZH registrou uma advertência de Volmar a seus colegas de torcida, para ação no Olímpico de apoio à Hélio Dourado nas eleições presidenciais do Grêmio: “Não exagerem, queridinhas” (AGITA-SE..., 1978, p.40). Em sua entrevista, o gremista explicou seu entendimento com relação ao comportamento que esperava dos membros da torcida:

Eu acho, assim... Olha, ser gay não é andar rebolando pela rua e se vestindo de mulher e tomando certas atitudes que não deve tomar entende? Acho que não é por aí a coisa. Existe hoje, inclusive, muitas pessoas que tu não imagina que são gays e que são gays. [...] Mas a gente não pode também criticar né? Cada um sabe da... Como é que se diz? Onde aperta o calcanhar. Cada um sabe como deve agir e como deve ser. Eu sou totalmente contra esse negócio de andar por aí se fresqueando, como se diz na gíria. Sou totalmente contra porque não tem necessidade disso (SANTOS, 2016, p.25-26).

[...] eu sempre fui muito firme nas minhas propostas e na minha maneira de agir e de ser. Sempre ajudei muito e acho que eu devo ter dado muita força para determinadas pessoas, que até mudaram a maneira de ser por tudo aquilo que eu falava e que eu explicava. Porque eu fazia muitas reuniões com o pessoal e explicava “não é assim que se faz, tem que procurar melhorar, não é

¹⁹³ Gay liberation is more than a movement to liberate eros; it is a gender Revolution. The struggle against the homo/hetero dichotomy is intertwined with the struggle against a sex-role system that views masculinity and femininity as mutually exclusive categories of gender identity.

assim, pare com isso”. E aos poucos foram aprendendo a se comportar um pouco melhor, né? (SANTOS, 2016, p.26)

“Fresqueagens”, andar rebolando pela rua e o uso de vestidos são apontadas como atitudes desnecessárias e que, com a devida orientação, poderiam ser evitadas para que um comportamento considerado melhor fosse adotado. O ponto de vista exposto pelo gremista privilegia expressões de gênero normativas e coaduna com uma perspectiva heteronormativa, na qual toda pessoa, heterossexual ou não, deve adequar sua vida ao modelo supostamente coerente da heterossexualidade (NOGUEIRA; COLLING, 2015). Essa lógica pressupõe a imposição da cultura heterossexual como “forma elementar de associação humana, como o próprio modelo das relações intergênero, como a base indivisível de toda comunidade, e como a os meios de reprodução sem os quais a sociedade não existiria” (WARNER, 1993, p.xxi). Assim, se dados contextos tornam a homossexualidade uma sexualidade possível, sua aceitabilidade está atrelada à expressão de um gênero inteligível, coerente com a linearidade sexo-gênero (BUTLER, 2003).

Sobre à cobrança referente aos padrões comportamentais, notei que xs integrantes, de forma geral, não demonstravam sentir-se propriamente controlados por Volmar. Ainda que reconheçam sua liderança e autoridade, parecem, se não necessariamente concordar com os limites impostos, ao menos aceitá-los. Descrevendo a direção de Volmar, Serginho afirma que ele “comandava sem mandar”, o que ele assim explica:

Na verdade, eu não tenho nem ideia de como é que ele agia, só que a gente respeitava ele, de maneira geral. Não sei se é porque ele era dono da boate, talvez seja por isso, porque lá na boate a gente tinha que ter uma certa conduta... Mas ele não dizia nada, só “você sabe o que você tem que fazer, vai ter que torcer pelo Grêmio, vamos nos divertir até a hora do jogo, na hora do jogo torcer pelo Grêmio, quando terminar o jogo nos divertimos de novo, até chegar em Porto Alegre ou cada um nas suas casas”. Não tinha nada de comando, só do legal, não tinha nada de mandar, ele não mandava em ninguém. Se ele não gostava de algum comportamento de alguém ele chamava esse alguém de canto e dizia “olha, próximo jogo tu não vai”, “vamos ver se tu muda seu comportamento”, enfim, era uma pessoa maravilhosa (CUNHA, 2017, p.10)

Outros relatos ajudam a compreender as precauções e regras referentes ao seu comportamento, assim como da cobrança do líder quanto a isso:

O Volmar dizia aquilo, a gente cumpria tudo normalmente, a gente não saia daquilo que ele, digamos assim, projetava pro jogo né, não. Depois do jogo bom, aí cada um levava a vida que quisesse, fizessem o que quisessem fazer, mas no jogo não. A gente procurava, mesmo dançando, pulando, se fresqueando, bichando, o termo que tu queira usar, a gente respeitava muito as pessoas né? Porque o nosso objetivo era Grêmio e Coligay. Gay é ser feliz,

é ser alegre e era o que nós éramos [...] É isso que eu te falei. assim, ser gremista, que muitos não eram, e a gente se comportar ao ponto de respeitar as pessoas. Agora dentro daquele quadrado que eles botavam uma corda pras organizadas, ali a gente pulava, dançava, saracotiava, brincava, mas nunca, nunca fomos, no meu tempo, agressivos com ninguém. Às vezes ouvíamos algumas coisas que não, eh... Mas eu nunca me importei, alguns ficavam meio brabos aí a gente acalmava, enfim né não tinha... Pra não ter problemas de encontrar alguém na rua sozinho e aí alguém poder, digamos, machucar, bater, enfim, a gente procurava sempre se dar ao respeito que é pra tentar que eles nos respeitassem, mas eles não respeitavam muito [riso] (CUNHA, 2017 p.10).

Tinha um regime, não podia haver confusão, nós tínhamos regime de não ter desrespeito, de bagunça, não falar essas putaria, que hoje o gay se acha com mais liberdade de fazer putaria abertamente, nós éramos tudo na base da sacanagem, da brincadeira... (RODRIGUES, 2017, p.13).

A fala de Serginho destoa do que, anteriormente, defendeu Volmar. Enquanto o líder diz ser “totalmente contra esse negócio de andar por aí se fresqueando”, o integrante reafirma que o coletivo fresqueava e bichava (ainda que com a ressalva referente ao respeito às pessoas). Interpreto essa aparente contradição como mais um indício de que as manifestações desenvolvidas no contexto da arquibancada são interpretadas como performances, inseridas num contexto ritual específico do jogo de futebol. Assim, as fugas à masculinidade normativa seriam bem recebidas quando figuram no tempo-espaço do jogo, mas não fora dele.

Mas mesmo o jogo possui suas regras (HUIZINGA, 1993) e isso também é notável nas falas dxs torcedores, como quando Serginho afirma que “mesmo dançando, pulando, se fresqueando, bichando, o termo que tu queira usar, a gente respeitava muito as pessoas” e “Depois do jogo, bom, aí cada um levava a vida que quisesse, fizessem o que quisessem fazer, mas no jogo não”. Havia, assim, uma certa forma adequada de dançar, pular, fresquear e bichar para que a fronteira do desrespeito não fosse invadida.

A palavra **respeito** é frequente nas entrevistas que realizei.

o grande segredo do sucesso da Coligay foi realmente isso, foi o respeito que eu fiz as pessoas terem conosco e eu também tinha com as pessoas (SANTOS, 2016, p.6).

[...] nós éramos tratados com muito carinho e muito respeito também, mas isso tudo porque a gente se fez respeitar, entende? As pessoas inclusive comentavam muitas vezes “eles não estão fazendo mal para ninguém, pelo contrário eles estão aqui torcendo, ordeiramente” (SANTOS, 2015a, p.22).

a gente procurava sempre se dar ao respeito que é pra tentar que eles nos respeitassem (CUNHA, 2017, p.10).

Eu nunca tive nada contra a Coligay. Eu só não afinava com o que eles faziam, mas eu não tenho nada que ver com isso. Do ponto de vista humano, de relacionamento, dez. Sempre estive dez com eles. Sempre fui respeitado por eles e sempre os respeitei (DOURADO, 2015, p.16).

A afirmação da atitude de respeito partindo da Coligay parece remeter especificamente aos homens heterossexuais, entendendo que seriam eles os potencialmente incomodados, ofendidos ou invadidos, seja por falas, toques, iniciativas de flerte, ou por performances transgressoras.

Tinha alguns que extrapolavam um pouquinho mais, aí a gente chegava e chamava para um canto “é assim, assim e assim” e até tem um fato marcante que esse Osmar, que fez parte da Máquina, uma vez em uma festa na Fundação de Recursos Humanos, ali perto do Praia de Belas. Ele começou a dar em cima dos guri e os guri vieram falar comigo “ó Luiz, nós vamos terminar colocando o Careca dentro daquele buraco ali porque, pô, está cheio de guriazinha aí na festa e o cara dando em cima de nós”. Aí eu chamei ele “ó Careca, está acontecendo isso, isso e isso. Os guris disseram que vão te atirar dentro daquele buraco e eu não vou me meter. Pô, os guris estão aí, cheio de guria na volta e tu dando em cima deles”. Terminou ali. Ele apresentou a festa, do modo dele e não teve mais problema nenhum (ROCHA, 2017, p.12).

Eram pessoas divertidíssimas na arquibancada e não me arrependo de ter feito parte de viagens e jogos com eles. Nunca tive problema em sentido nenhum contrário a direção deles. Eles faziam a parte deles e a gente fazia a nossa na arquibancada, mas tudo dentro do limite (ROCHA, 2017, p.12).

A descrição indica que atos de (homo)afetividade e (homo)sexualidade geram incômodo e são vistos como impróprios. A situação pode ser relacionada à pesquisa de Eng (2006), que verificou que expressões homofóbicas contra sportistas gays, lésbicas e bissexuais ocorrem principalmente quando a sexualidade é comunicada por ações de flerte ou outras iniciativas sexuais.

Apesar das iniciativas de sedução, comentários ou convites sexuais serem frequentemente entendidos como ultrajes, o respeito não é visto um valor igualmente partilhado por todxs xs torcedorxs que frequentam o estádio. Cabia aos homens gays¹⁹⁴ primeiramente **conquistar** o respeito alheio, obedecendo os limites por eles impostos. Há, então, uma distinção entre quem deve conquistar e quem irá conceder o respeito.

Além disso, a valorização do respeito como uma demanda importante para as relações entre torcedorxs é algo restrito às relações entre homens. A presença de poucas mulheres e a frequência com que essas são assediadas e ofendidas são mencionadas, mas tratadas com certa naturalidade. Pelas falas, não parece haver nem mesmo a possibilidade da conquista do respeito. Ainda que as práticas sejam identificadas como desrespeitosas, são vistas como inerentes ao ambiente futebolístico daquele período.

¹⁹⁴ Nesse caso, as falas dxs entrevistadxs desconsidera (ou desconhece) a presença de travestis da Coligay. Acredito que os limites e possibilidades de aproximação e performance, nesse caso, seguiriam lógicas específicas, as quais não são possíveis de serem discutidas tendo em vista os dados que possuo.

Outra das interdições que compõem as regras do jogo da Coligay envolvem as demonstrações de afeto entre xs torcedores. Segundo Volmar, nunca ocorreram beijos no contexto da torcida (SANTOS, 2015b). Já Miguel, afirma que demonstrações discretas de carinho ocorriam, mas que, de fato, havia a intenção de não serem notadas pelxs demais torcedorxs (Diário de Campo, 22 de junho de 2017). A restrição é condizente com as liberdades cerceadas da época, mas o líder defende que essas expressões sejam mantidas privadas:

Hoje a coisa está mais livre, né? Até em Passo Fundo a gurizada passeia no shopping de mão dada, se beijando, eu não sei se isso aí é legal, né, em todo caso. Eu não tenho preconceito nenhum, tudo bem. Eu passei esses dias tavam se beijando ali e uma colega minha “Volmar, olha o que tá acontecendo” digo “É a vida deles, eles sabem, de repente pra eles é certo isso, então tudo bem” (SANTOS, 2015b, p.14).

As falas referentes à privatização das expressões de afeto e sexualidade pode indicar que não houvesse nem mesmo tentativas de burlar aquela restrição. Entretanto, a intenção de manter essas manifestações imperceptíveis, não significa que o ambiente esportivo fosse desprovido de qualquer exploração do desejo entre homens.

Miguel descreveu diversas aventuras sexuais que ocorriam no ambiente da torcida e da boate Coliseu, muitas delas envolvendo homens heterossexuais. Ele conta que o recato daquela época fazia com que a maioria das mulheres não aceitassem o sexo anal, assim, muitos homens buscavam os gays para isso (Diário de Campo, 22 de junho de 2016). O próprio afirma que namorava com um integrante da banda¹⁹⁵, fazendo questão de afirmar “Meu namorado não era bicha, quem era bicha era eu” (Diário de Campo, 22 de junho de 2016)¹⁹⁶. Miguel lembra, também, das histórias que ouviu acerca da viagem em que a torcida foi à São Paulo torcer pelo Corinthians. Segundo me contou, xs integrantes da Coligay “fizeram horrores com os paulistas” e “o pessoal da torcida deles partiu pro abraço” (Diário de Campo, 31 agosto 2016).

As relações com pessoas de fora da torcida, mas do contexto do futebol, seja aqueles identificados como heterossexuais ou homossexuais, enrustidos ou não, são mencionados por outros entrevistados. Paulo cita que “quem gostava daquele tipo de atividade participava, mas quem não queria, eles não se metiam e a gente ficava na nossa” (BERTOTTO, 2017, p.2). Frey Rocha menciona que, nas viagens pelo interior, “nenhum de nós saía da cidade sem um

¹⁹⁵ Segundo Gerchmann (2014), o percussionista mantinha um casamento heterossexual, mas durante décadas manteve um relacionamento com o cabeleireiro.

¹⁹⁶ É interessante notar que Miguel reafirma a heterossexualidade de seu namorado, não supondo que ele seja uma “bicha enrustida”, reconhecendo, assim, a distinção entre práticas eróticas e identidades sexuais e de gênero (ANDERSON, 2008a).

namorado” (BARRERO, 1987, p.80). Volmar e Serginho, sem citar nomes, contam que alguns deles se relacionaram com jogadores de clubes da capital (CUNHA, 2017; SANTOS, 2016).

De todo modo, a discrição com que tratavam as relações que tinham fazia com que, publicamente, eles pudessem ser vistos como assexuados, o que, aos olhares conservadores, era algo positivo.

Compondo o conjunto de restrições que determinava a fronteira das transgressões permitidas pelo grupo estava, também, a interdição à participação de travestis. Em reportagem da Placar, Volmar expôs tal critério: “Não estamos aqui por vaidade, para aparecer – mas para torcer à nossa maneira. Mas tem uma coisa. Travesti, aqui não entra. Aí seria uma avacalhação” (FONSECA, 1977). Já em relato recente, publicado no livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores”, o gremista apresenta justificativa diferente para a exclusão, relacionando-a a questões de segurança. “A avaliação é que podiam ser agredidos (*sic*), em razão da ostensividade das vestes” (GERCHMANN, 2014, P.114). Na entrevista para minha pesquisa o líder confirmou que travestis não entravam na torcida e, perguntado do porquê, evitou maiores explicações: “Não, não, porque o pessoal... Não tinha nenhum motivo não!” (SANTOS, 2015a, p.14). A mudança na explicação de Volmar Santos pode ter sido provocada por sua percepção de que a explicação aceita na década de 1970, na atualidade poderia gerar críticas a ele e à torcida.

Apesar da regra, travestis participaram a Coligay (GERCHMANN, 2014; MALTA, 2015; Diário de Campo, 22 de junho de 2016 e 22 de junho de 2017). Marcelly, a quem entrevistei, foi uma delas. Ela frequentou a Coligay de forma intermitente ao longo de aproximadamente um ano e menciona que, no período, não se recorda de conviver com outras travestis na torcida:

Da época [em que frequentou a Coligay] era a única que já era, vamos supor, que já era travesti naquela época, entendeu? Meu gênero era travesti, entendeu? Não sei como é que as outras pessoas me viam, mas eu vestia roupa feminina e aquela coisa toda. Não tinha prótese, não tinha nada, mas naquela época trabalhava na rua, eu me identificava como travesti (MALTA, 2015, p.8).

Miguel, que integrou a torcida durante toda sua existência, se lembra de algumas outras, mas afirma que não podiam ir como travestis “para não agredir”. Segundo ele, adornos como cílios e batom eram permitidos, mas que vestidos ou outras roupas “de mulher” não (Diário de Campo, 22 de junho de 2017).

No esquema binário e cisheteronormativo que a torcida busca respeitar, as travestis situam-se justamente na fronteira, corpos que escapam à norma e, por isso, ocupam o lugar da abjeção.

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do inabitável é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2010, p.155).

Elas, assim, não são vistas como possibilidades de existência humana ou de performance de gênero legítima. São avacalhação, são agressões (seguindo o dito pelos entrevistados). A invisibilidade dessas pessoas, marcada desde o nome do coletivo – **Coligay** – parece ter sido um elemento que contribuiu para a sua aceitação. Quando perguntei à Hélio Dourado, antigo presidente do Grêmio, sobre ter encontrado alguma resistência entre conselheiros ou diretores do clube, ele afirmou que “eles nunca deram motivo pra ter” e justificou:

Nenhum deles veio de vestido, quer dizer eram homens. Se começassem a vir de vestido, né? Não tá certo. Não, eles eram... Depende de como os caras atuam, eles atuavam muito bem e eles tinham um baita comandante, o Volmar, baita comandante. Isso era importante (DOURADO, 2015, p.9).

O enquadramento na performance de gênero esperada de um homem é apontado como elemento fundamental para que não houvesse resistência conta o grupo. Se fugissem a isso e colocassem sua condição de homem sob questionamento **dariam motivo** para que não fossem bem vindos.

Mas não foram apenas aspectos referentes à gênero e sexualidade que funcionaram como facilitadores para que a Coligay obtivesse sucesso em sua ousada empreitada.

Conforme já dito em outro momento, o grupo tinha como participantes ou apoiadores “gente importante”, “bem nascidas”, “de fino trato” (FONSECA, 1977, p.49), “pessoas da alta sociedade” (BUENO, 1977, p.48) e as “bichas mais famosas da nossa praça” (PORTO, 1977, p.30). Segundo lembra André:

a maioria era ligado a salão de beleza e na época dava muito bom, o dinheiro. Minha mãe, inclusive, era cabeleireira e eu lembro que nenhum deles eram pobres, mas não meeesmo. O mais humilde era o Pedro, bem humilde, mas pobre pobre não era. Os outros, o Serginho, o Miltinho, o Luizinho e outros que eu não lembro o nome, nenhum era mal de vida. Todos tinham uma condição bem razoável. Não vou dizer que eram ricos, mas passavam muito longe de pobre. Talvez sejam o que chamam de classe média hoje (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.9-10).

Os privilégios de classe eram importantes, inclusive, para o sustento de uma torcida que se mantinha sem apoio financeiro do clube.

É importante considerar, em especial, a figura de Volmar, dado que sua liderança era centralizada e amplamente reconhecida¹⁹⁷, sendo ele não apenas o presidente, mas uma espécie de porta-voz do coletivo. Sem desconsiderar os méritos referentes à habilidade de liderar e à dedicação de Volmar, destaco que sua condição de homem cisgênero, branco e empresário da noite gay porto-alegrense representavam uma posição privilegiada em termos de status social e de rede de relações às quais poderia acionar. Ademais, no diálogo com homens heterossexuais do universo futebolístico, o fato de dotar de certa passabilidade heterossexual¹⁹⁸ possivelmente foi um facilitador. Em conjunto, a masculinidade que performava, a cor, a condição social e mesmo a personalidade de Volmar contribuíram para que a Coligay adquirisse respeitabilidade em círculos sociais diversos. Os relatos do torcedor e do então presidente do Grêmio, Hélio Dourado, sobre a reunião que fizeram, são indicativos disso:

[Volmar se referindo à Hélio Dourado] Foi muito receptivo, porque eu sempre fui uma pessoa que sempre soube como chegar nas pessoas. Eu não levei os componentes, eu fui sozinho conversar com ele, entendesse? E quis mostrar para ele a experiência que eu tinha da vida, através de tudo que eu já tinha passado, tudo que eu já tinha vivido em outros lugares, e demonstrei para ele que realmente nós não estávamos fazendo aquilo por uma brincadeira (SANTOS, 2015a, p.10).

[Hélio Dourado se referindo à Volmar] Eu gostei muito dele, o modo dele se dirigir, tal e tal. Ele tinha um acesso muito grande aos outros [...] A Coligay foi um espetáculo, porque o presidente da Coligay realmente era um sujeito pra frente, sujeito pra frente, sujeito espetacular, me encontrei com ele agora depois de anos e anos, ele fez uma festinha aqui em Porto Alegre, fez um churrasco. É uma beleza de pessoa continua o mesmo sujeito, muito bacana (DOURADO, 2015, p.6).

O fato de ir sozinho à reunião e de falar de sua trajetória pessoal indica seu entendimento acerca da necessidade de demonstrar que ele, como responsável pela torcida, era uma pessoa confiável e que o grupo que coordenava era sério. Sua capacidade de “chegar nas pessoas”, referenciada na lembrança positiva de Dr. Hélio ao “modo dele se dirigir” indica a adequação do torcedor às expectativas referentes à postura por alguém que ocupa o mais alto cargo da hierarquia gremista.

Mas não é apenas a conduta de Volmar que é elogiada. André destacou a educação e boa índole de todos os torcedores que conheceu:

¹⁹⁷ Entre todos os meus/minhas entrevistados o nome de Volmar foi mencionado, evidenciando sua notoriedade como líder da Coligay.

¹⁹⁸ Por passabilidade heterossexual considero a condição de “passar por” heterossexual, tendo em vista a inteligibilidade social dos corpos sexuais (DUQUE, 2013).

E eles eram muito divertidos, e o principal dos integrantes da Coligay: todos eram muito legais, muitos gente boa, não tinha nenhum que tu pudesse dizer que fosse alguém de difícil convivência, de má índole, pessoas ligadas a coisa ruins, drogas e coisa e tal. Todos eram extremamente educados, extremamente gente fina, receptivos, amigos, tudo. Tenho ótimas lembranças de todos eles (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.8-9).

Se vestiam muito bem e eram pessoas muito educadas, eu lembro muito bem também. Que eles eram muito finos, muito educados, nada de escândalo, nada daquelas pessoas que... cachaceiro, bagaceiros, não, não. Eram todos muito elegantes, muito finos e educados, sobretudo (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.10).

A atitude polida, simpática e hígida dxs integrantes da Coligay facilitavam, assim, que fossem aceitos e bem quistos em meio à outrxs torcedorxs. Conforme Hélio Dourado afirma “Eu nunca vi nada que os desabonasse. Sempre foram muito bacanas, cordatos, trabalhadores” (GERCHMANN, 2014, p.169).

Outro importante valor da Coligay é a sorte. Por ter surgido no início do Campeonato Gaúcho no qual o Grêmio deu fim a um jejum de oito anos sem títulos, ela ficou marcada como uma torcida pé-queute.

No futebol brasileiro, os rituais preparatórios de jogadorxs e torcedorxs estão permeados de práticas supersticiosas (DAOLIO, 2006; MENANDRO, 2014). Entrar com o pé direito no gramado, sentar sempre em um mesmo lugar do estádio, utilizar determinada roupa em jogos importante, fazer promessas pela vitória, os exemplos são inúmeros. Ser vista como uma torcida pé-queute, assim, faz da Coligay um amuleto, um elemento que contribuiria para que o time alcançasse resultados positivos. Somada a essa contribuição no campo do sobrenatural, a Coligay também ajudava a performance dos jogadores na sua condição objetiva de torcida, se fazendo presente em todos os jogos do Grêmio e apoiando de forma animada e ininterrupta, como já demonstrei anteriormente – em especial nos itens 3.1 e 4.1.

Anderson (2005) identifica que atletas gays que são vistos como importantes para o sucesso esportivo de suas equipes têm maior chance de aceitação entre colegas heterossexuais. O autor aponta que a homossexualidade ainda seria majoritariamente vista como uma desvantagem por dirigentes, treinadorxs e atletas, a qual seria mais facilmente aceita diante da compensação em termos de performance esportiva que aquele atleta puder trazer¹⁹⁹. O suposto bom agouro trazido pela Coligay poderia funcionar de forma similar, ou seja, contribuindo para

¹⁹⁹ Wellard (2006) verifica que, mesmo entre equipes e clubes esportivos gays, habilidade esportiva e performance corporal são os fatores centrais para uma participação bem sucedida. De forma similar, Camargo (2014, p.44) menciona que “mesmo entre atletas homossexuais, a evocada “masculinidade esportiva”, em meus termos, baseia-se nos rituais de dominação de gênero, algo já bastante conhecido e proposto pelo sistema patriarcal e reproduzido, em geral, à exaustão pelos sujeitos presentes no mundo dos esportes”.

a tolerância – e não necessariamente o acolhimento e valorização – daqueles que, *a priori*, poderiam mobilizar-se em prol de sua exclusão.

Nesse sentido, uma série de atributos da Coligay lhe conferem os requisitos para que fosse aceita, ou mesmo respeitada e valorizada, por gremistas. Inspirada nas recitações prescritivas do “bom sujeito gay”²⁰⁰ identificadas por PocaHy (2011), entendo que a Coligay poderia ser vista, assim, como uma “boa torcida gay”, por congregar aspectos da cisheteronormatividade e da cultura futebolística, os quais pontuo: seus integrantes compactuam com o binarismo masculino/feminino, invisibilizando os corpos dissonantes; as transgressões da norma de gênero ocorrem no contexto específico e restrito do jogo; suas performances são engraçadas e animadas para xs que xs cercam; elxs respeitam os limites impostos pelos homens heterossexuais a sua volta e conquistam seu respeito; são educados, trabalhadores, sem vícios; são dispostos ao confronto físico, sem, contudo, serem violentos; são pé-quente; e, por fim, gremistas.

4.3 UM DOS OUTROS OU UM DE NÓS?

A torcida Coligay conclama todos os seus adeptos para o Gre-Nal. Então já vi que o dia 14, em vez do Dia do Pai, vão comemorar, ao menos no Olímpico o **Dia da Boneca** (NOBRE, 1977c, p.55. Grifos do autor.).

A boneca é alheia, oposta até, ao futebol. Dentro de tradições conservadoras, enquanto meninos ganham sua primeira bola de futebol, meninas ganham uma boneca, a qual pode ser vista como um símbolo da distância que devem ter do esporte bretão. Também as bonecas metafóricas, os homossexuais, parecem ter nessa modalidade um universo inóspito. Nesse sentido, a existência da Coligay aponta para muito mais do que a superação de uma rejeição simples, manifesta em piadas ou ofensas, por um grupo de corajosos e animados subversores. A existência da torcida, sua estética e as relações que estabeleceu no espaço do futebol, tensionam não apenas a dicotomia da bola e da boneca, concreta e metafórica, mas as próprias noções essencialistas acerca da boneca-homossexual.

²⁰⁰ Articulando gênero, norma sexual, classe social e racialização, PocaHy (2011, p.106) afirma que a representação do “bom sujeito gay” encontra-se apoiada em uma “imagem de adequação homossexual” colada aos referentes de família, status econômico e intelectual, discursos eugenistas de uma sexualidade pasteurizada e binarismos generificados, que na reinterpretação da vida heteronormalizada elevam a trama discursiva do amor romântico a um patamar de elegibilidade humana e de forma privilegiada de reconhecimento. Isto é: “alguém até pode ser homossexual”, mesmo com toda a onda religiosa ou familista fundamentalistas, mas desde que demonstre amor pelo outro e queira-se mostrar um sujeito viável, possível, reconhecível.

A condição de algo a se negar e de quem se zombar fez parte da trajetória da Coligay e contribuiu para a manutenção de sua memória até os dias atuais. Se esse aspecto não resume a forma como a torcida era e é tratada e representada, não pode ser também ignorada como parte relevante de sua história. Nesse item, assim, busco discorrer acerca da recorrência, conteúdo e efeitos dos duelos verbais de conteúdo homossexual especificamente do período de atividade da Coligay²⁰¹, ainda que parte das discussões possa ser adequada a situações contemporâneas. Apresento, também, as relações de convívio que ocorreram à margem dessa suposta repulsa.

Para discutir o lugar de rejeição imposto aos gays no universo do futebol, considero o vínculo que torcedorxs estabelecem com os clubes que apoiam a partir da noção de identidade. Reconheço, nesse sentido, que torcer é mais que uma ação, mas uma parte importante da constituição de si: não torço para o Atlético, **sou** atleticana.

Assim, para xs aficcionadxs por um clube de futebol, assumir-se torcedor não se limita a apoiá-lo durante o intervalo temporal de uma partida, mas é mais um traço que os constitui enquanto sujeitos. A expressão dessa identificação pode se fazer visível de diversas formas: as camisas do clube sendo usadas mesmo quando não há campeonatos sendo disputados, as cores dos rivais sendo evitadas, a exposição de bandeiras em janelas de suas residências, os filhos batizados com nomes de ídolos do clube, as vitórias e derrotas determinando o bom ou mau humor do dia seguinte, entre outras manifestações de vínculo clubístico. Ainda que nem todo torcedor possua tal sentimento de intensa pertença, são eles os protagonistas da atualização do valor emocional do futebol, diferenciando essa modalidade de outros esportes, artes e produtos, fazendo de tantos clubes brasileiros instituições centenárias (DAMO, 2015).

Para especificar a conexão desse seguimento torcedorx militante e seu clube, Damo (1998) propôs o conceito de pertencimento clubístico. Essa relação se supõe intensa, duradoura e exclusiva, fazendo com que as emoções vividas no espaço-tempo dos jogos se estendam para além deles. Nesse vínculo, fidelidade²⁰² e o engajamento são bases fundamentais, o que envolve indissociavelmente estética, emoção e política (DAMO, 2014).

²⁰¹ Aponto que discussões acerca de manifestações contemporâneas disso estão presentes no item 5.3.3.

²⁰² A fidelidade como aspecto estruturante dessa forma de vínculo, além da imutabilidade e, na maioria das vezes, exclusividade da relação torcedor-clube, vão ao encontro de noções basilares da identidade pós-moderna, como a fluidez, fragmentação e flexibilidade (DAMO, 2015). Por outro lado, ainda que haja a expectativa de que umx torcedorx se mantenha atrelado a um determinado clube por toda a vida, isso não implica estabilidade nessa relação, ou seja, xs torcedorxs manifestam seu pertencimento de modos bastante diversos ao longo de suas vidas.

O pertencimento clubístico não raro vincula-se a outras pertenças, como família, bairro²⁰³, cidade²⁰⁴, estado. Apesar disso, a produção de identidades no espectro do clubismo, não envolve necessariamente um vínculo prévio que a impulsiona²⁰⁵. De formas bastante heterogêneas, os clubes podem ser associados a uma empresa, uma escola, um partido político, uma causa, uma cidade etc. Todavia, ao voltar nossos olhares para os chamados grandes clubes, verificamos que suas identificações extrapolam tais fronteiras, de modo a produzir uma identidade própria (DAMO, 2012). Os confrontos futebolísticos trazem à tona também essas disputas pelo que os clubes representam, com frequência teatralizando questões sociais externas ao esporte.

Apesar de ser possível identificar diferentes dilemas sociais dramatizados no futebol – classe social, raça, gênero, religião –, é necessário destacar que eles não parecem ser todos fenômenos de uma mesma natureza, ou organizados a partir de uma mesma lógica. Isso porque, como o futebol está historicamente associado aos homens e à masculinidade cisheteronormativa, as disputas agonísticas protagonizadas por clubes rivais, via de regra, sempre recorrem a tais fatores para construir a oposição entre um eu, macho viril, e um outro, afeminado.

Os outros confrontos simbólicos, baseados em etnia, cor e religião, por sua vez, parecem sobrepostos ao espectro esportivo. Nesse sentido, aparecem em algumas rivalidades, países, épocas ou situações, mas não em outras, notadamente por parecerem ser confrontos típicos de uma dada cultura e circunstância, mas socialmente exógenos ao esporte e apenas ocasionalmente inseridos no futebol. Também nesses casos, é comum que os dois grupos assumam consensualmente suas posições antagônicas – católicos x protestantes; negros x brancos; povo x elite –, enquanto no caso das disputas de gênero/sexualidade ambos os clubes se identificam como machos e impõem a seus adversários o rótulo de afeminados e/ou gays.

Assim, o enquadramento a um modelo próximo de uma masculinidade normativa é um fator central para um clube dizer-se melhor que os demais. E, mais além, é também na fraqueza da masculinidade do outro que um grupo de torcedorxs garante sua superioridade (BANDEIRA, 2009). Desse modo, em um confronto que aparentemente opõe apenas um resultado esportivo entre dois clubes rivais, também expõe uma disputa por legitimidade e reconhecimento no que tange a gênero e sexualidade.

²⁰³ Um exemplo notório disso são os clubes argentinos e, mais especificamente da Grande Buenos Aires, nos quais os clubes são associados a seus bairros de origem.

²⁰⁴ Isso é perceptível, sobretudo, em torcedorxs de clubes de cidades do interior.

²⁰⁵ O que diferencia-o do vínculo com equipes do circuito do nacionalismo (que representam Estados-Nação), no qual o engajamento ocorre a partir do deslizamento a partir do sentimentos de pertença à Nação.

Dentro das discussões pautadas nas questões de gênero observáveis nesse esporte, várias autorxs focaram nos obstáculos para o ingresso e permanência de mulheres no futebol e nos processos por elas empreendidos para superá-los (CAMPOS, 2011; FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2000; 2005; KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003; MENDES, 2015; PISANI, 2014; entre outros). Se essas pesquisas demonstram que, para ter livre acesso ao amplo universo do futebol, ser do sexo masculino é uma pré-condição, dificultando a participação das mulheres, outros estudos acrescentam a percepção de que também os homens sofrem pressões e constrangimentos.

Estudos desenvolvidos em diferentes contextos culturais (BANDEIRA, 2009; DUNNING; MAGUIRE, 1997; FARIA, 2009; GARRIGA ZUCAL, 2005, 2010) apontam para um modelo similar de masculinidade perpetuado nas arenas futebolísticas. Segundo demonstram, existe uma hierarquização das tantas masculinidades possíveis, na qual a virilidade é o valor central do modelo legitimado. Na verdade, mais preciso seria apontar que essas tantas masculinidades possíveis são simbolicamente divididas em dois grupos: os viris e legitimados e os não-viris e, portanto, desqualificados.

Essa oposição binária instaurada a partir de uma identificação e de uma diferenciação é favorecida pela própria estrutura agonística dos esportes, organizada na lógica **nós contra eles**, e intensificada no universo dos torcedorxs de futebol, pela existência de vínculos que se supõem permanentes de amor e pertencimento por seus clubes, e de ódio e repulsa por seus rivais (DAMO, 2015). No exercício da identidade junto aos demais membros de sua coletividade, e da alteridade perante seus oponentes, os dois polos constituem-se enquanto partes indissociáveis de um sistema de oposições em que um depende do outro para garantir a continuidade de tal dinâmica (TOLEDO, 2010; DAMO, 2015).

Conforme já dito, ao observar a construção de representações de si protagonizadas pelxs representantes dos clubes evidencia-se que, via de regra, todos constroem um ideal de “nós” baseado em uma masculinidade viril, enquanto menosprezam os adversários associando-os a valores não-viris. A caracterização dessa não-virilidade em cânticos, xingamentos e piadas a associa à homossexualidade e, mais além, a uma condição de passividade em uma relação sexual simbólica (TOLEDO, 1993).

Na percepção dos torcedores, os momentos de jogo são momentos ritualísticos, de maior permissividade na expressão de sentimentos seja por gestos ou falas (TOLEDO, 1993). A fala torcedora, é dividida por Toledo (1993) em quatro modalidades: vaias, xingamentos, cânticos e/ou gritos de guerra.

Analisando cânticos e/ou gritos de guerra de clubes paulistas utilizados naquele período, o autor destaca como de forma satírica, jocosa, ofensiva ou grotesca essas manifestações expressam uma visão do outro, baseada em diferenciações sociais.

Para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas e codificadas em músicas e versos, a partir de temas e pares de oposição mais recorrentes na própria sociedade (TOLEDO, 1993, p.23).

Há de se destacar que se o contexto de uma partida necessariamente produz a alteração dos ânimos dos torcedores aficionados, não lhes é permitido dizer qualquer coisa. Também no estádio “há códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos” (DAMO, 2005, p.388).

Toledo (1993) aponta a recorrência do uso de palavrões acionados com diferentes intenções, como incentivo, protesto, intimidação e auto-afirmação, nos quais o exercício de falas de cunho heterossexista é recorrente.

Nestas ocasiões, as arquibancadas entoam – em uníssonos que tomam todo o estádio, ou a partir de grupos organizados e de localização territorial bem definida – canções, gritos, palavras de ordem e outros sons baseados em repertórios simbólicos que trabalham distinções heteronormativas entre homem e mulher, heterossexual e homossexual; atividade, submissão e passividade; valentia, apatia e covardia (MARRA, 2017, p.56).

Apesar dos inúmeros cânticos e gritos de guerra que se baseiam no que descreveu Marra, só tomei conhecimento de um cântico que faz referência explícita à Coligay, o qual versa: Grêmio me diz como se sente/ Por ter jogado a Série B/ Levar ferro do Anapolina/ Depois fazer um DVD/ É o clube da Coligay/ Da poltrona 36²⁰⁶/ Essas manchas nunca iremos esquecer/ Filhos do Internacional/ Sempre choram no Gre-Nal/ Que amargos são os putos da geral²⁰⁷.

A música é uma versão colorada da composição argentina “Brasil, decime qué se siente”, utilizada durante a Copa do Mundo de 2014. Foi criada após essa data, portanto. Referências de cânticos ou gritos ofendendo a Coligay direta ou indiretamente, no período em que esteve em atividade, não foram mencionadas.

²⁰⁶ A “poltrona 36” faz referência a uma história que afirma que, em 2004, um atleta do Grêmio teria praticado sexo oral em um companheiro de clube em tal assento do ônibus gremista Trovão Azul, durante uma viagem de retorno à Porto Alegre, após uma partida.

²⁰⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yV9UDUxohyY&feature=youtu.be%E2%99%AB>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

Esse dado não surpreende, visto que Toledo (1993) identifica que o uso de palavrões de forma frequente, gritado em coro e transbordando os limites do estádio parece ter se constituído, sobretudo, a partir da segunda metade da década de 1970. Em concordância, Gerson (VIEIRA, 2016) e Hélio Dourado (2015) mencionaram a restrição de palavrões na Eurico Lara, ainda na década de 1970. De forma similar, Pancho conta que a torcida do Grêmio da época tinha seus gritos de guerra, mas que gritava principalmente o nome Grêmio, de forma repetida e com diferentes ritmos (RIVAS, 2015).

As manifestações de posituação de si e de desqualificação dos rivais, contudo, não se restringem aos momentos das partidas. “Brincadeiras”, “zoações”, “tiradas” ou “cornetadas” constituem, elas mesmas, uma modalidade de jogo, no qual se destaca o torcedorx que mostrar melhor capacidade de provocar o riso dos demais (DAMO, 2015). De caráter ordinário, tais interações ocorrem entre pessoas com certo nível de intimidade e apresentam um tom ambíguo entre a hostilidade e a amistosidade (*ibidem*). É nessa modalidade de interação que identifiquei uma presença maior das lembranças da Coligay.

Isso porque, esses duelos verbais, baseiam-se tanto em placares, títulos e outras conquistas campais, quanto em elementos subjetivos que fazem com que um clube justifique sua superioridade perante o outro, os quais se apoiam em representações que seus adeptos alimentam com relação a seu clube – e, por consequência a seus representantes, jogadores, torcedorxs, dirigentes – em oposição às demais agremiações, em especial aos seus rivais. Referindo-se ao cenário da capital gaúcha, “o duelo verbal acerca do Gre-Nal é, antes de tudo, uma forma de manifestar, publicamente, o que se pensa sobre si mesmo e sobre os outros” (DAMO, 1998, p.131).

Essas disputas são parte inegavelmente relevantes para a dimensão de sociabilidade que o futebol possui na sociedade brasileira. Além disso, concordando com Toledo (2014) e Damo (2005), acredito que esses rituais cotidianos que envolvem piadas, tomadas de posição e contendas verbais são fundamentais à constituição da identidade torcedora, servindo como uma “forma de atualização cotidiana do sistema de pertencas” e como combustível da circulação de emoções futebolísticas (DAMO, 2005, p.71).

Nas entrevistas que realizei, são citadas menções ao uso da Coligay como argumento para atribuir aos gremistas o rótulo de gays, entendido, nesse contexto, como algo desqualificante.

[...] a Força Azul era chamada de Coligay. “Ah, tu é da Coligay, né? Tu é da Coligay, Coligay, Coligay”. Os colorados marcavam isso na pele, inclusive até hoje eles marcam na pele a torcida do Grêmio falando em “Coligay,

Coligay, Coligay”. Claro, para eles isso é agressivo, eles levam no fator, assim, “ah, é um ponto a menos que vocês têm”, como se não houvesse gays na torcida colorada (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.12)

L.A. – A Coligay era um motivo de ofensa, ou de piadas para menosprezar o Grêmio?

C.W. – Sim, inclusive até hoje existe esse fato, que para mim é lamentável, mas existe até hoje. Assim como a gente usa também. Quando falam em Coligay, a gente usa a Inter-Flowers e por aí vai...

R.W.²⁰⁸ – Vocês usam o Falcão também né...

C.W. – Sem contar obviamente o Falcão né? Que para nós é mais conhecido como Beija Flor [riso]...

L.A. – Por que esse apelido de Beija Flor?

C.W. – Falcão é um animal de raça, de caça, um animal guerreiro e Beija Flor já é uma coisa mais delicada e o Falcão, eu não sei se tu conhece a história dele...

L.A. – Se você puder contar...

C.W. – É que a primeira esposa dele chegou... Inclusive eu tenho a declaração, posso até te enviar a declaração da primeira esposa dele que pegou ele com o professor de tênis dele. E até ela achava que ele tinha uma amante. Inclusive a Geral do Grêmio tem um hino que canta “que até a Cristina sabe”, a Cristina Ranzolin²⁰⁹, “que até a Cristina sabe, que em Roma era rainha e não era rei, Falcão é gay, Falcão é gay”²¹⁰ (WEDMAN, 2016, p.5-6).

Os dois entrevistados indicam que o uso pejorativo da existência da Coligay já ocorria desde sua atuação, mantendo-se até a atualidade. De forma geral, as respostas gremistas à tais afirmações no contexto das disputas verbais com outros rivais seguiam uma das duas opções abaixo:

1) Identificar a homossexualidade como algo presente em todos os clubes, anulando sua identificação como um “clube de gays”

Esse aspecto está presente na fala dos dois entrevistados mencionados. Na fala de André, ao indicar que também há gays na torcida colorada e, na do Vô Vida Loka, ao mencionar a suposta torcida gay do Internacional, Inter-Flowers, e ao questionar a heterossexualidade de um ídolo do adversário, Falcão.

2) Masculinizar a Coligay

Tal fato, já abordado em um subcapítulo anterior (4.1), busca anular o caráter negativo atribuído à homossexualidade, positivando o grupo a partir de atributos viris valorizados no universo futebolístico, sobretudo o envolvimento em confrontos físicos com adversários.

²⁰⁸ O R.W. refere-se à Rosane Martini Wedman, esposa do Vô Vida Loka, a qual estava ao lado dele durante a realização da entrevista. Ela, eventualmente, teceu comentários ou acréscimos às respostas do marido.

²⁰⁹ Cristina Borges Ranzolin Falcão, esposa do ex-atleta colorado.

²¹⁰ O cântico completo versa: “A gurizada do Grêmio nas prostitutas/ Pra comemorar o jogo do Tricolor/ O Falcão e o instrutor de tênis/ A Cristina conhece bem/ Em Roma era rainha, não era rei/ O Falcão é gay, o Falcão é gay, o Falcão é gay, o Falcão é gay”.

Eventualmente, ambas as respostas são condensadas, reconhecendo a presença de homossexuais em ambas as torcidas, mas identificando que os gremistas são superiores e mais masculinos que os colorados, como em frases mencionadas por Eduardo Bueno (2017, p.29): “nossos viados são mais machos que os teus”; “meu viado é mais macho que tu”.

Ainda que mais raras, também houve situações nas quais os torcedores afirmaram negar a atribuição negativa à Coligay presente naquele duelo verbal:

[...] uma certa vez eles me viram com uma camiseta da Força Azul na rua e diziam “ah, gayzinho, gayzinho, anda com os gayzinhos. Força Azul só tem gay”, e eu não dava bola, estava nem aí. No ambiente futebolístico do Rio Grande do Sul todo mundo sabia, não tinha o menor mistério que a Força Azul era assim, e eu nunca me afetei com isso também, cada um faz de si o que achar melhor, né? (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.9)

No final de um dos últimos jogos do Olímpico, eu me lembro, acho que em 2010, 2009, algum amigo meu me viu abraçar uma figura folclórica da torcida do Grêmio, também gay e me cobrou depois “bá, mas tu te dá com esse gay?”, e eu falei “mas qual é o problema, cara? O que eu tenho a ver se o cara é gay, te incomoda? Muda a tua vida isso? Me explica melhor o que tu está pensando” (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.11).

Cabe destacar que todas as pessoas que entrevistei afirmaram não se incomodar com a orientação sexual dos componentes da Coligay, o que era de se esperar considerando que as informei do teor de minha pesquisa ao solicitar a entrevista. De todo modo, destaco que os diferentes modos de responder aos duelos mencionados nas citações diz respeito não necessariamente ao sentimento daquelsxs torcedorxs para com LGBTs, e sim de sua disposição em aceitar ou não participar de uma disputa verbal que se estabelece a partir da negativização da homossexualidade.

Ademais, tendo em vista a premissa anteriormente apresentada de que os duelos verbais são, eles mesmos, modalidades de jogos (DAMO, 2015), mais do que defendendo suas crenças, os torcedores estariam fazendo uso do repertório que possuem para vencer o duelo em questão, sendo que a capacidade desempenhada nesses confrontos é fruto de um aprendizado de “regras quanto a espaços, tempos, pessoas, e, sobretudo, um certo autocontrole acompanhado de humor, sarcasmo, ironia e criatividade” (DAMO, 2005, p.98). Nesse sentido, dado o uso corrente da homossexualidade como tema de jocosidades, dentro e fora do futebol, acredito que xs torcedorxs entrevistadxs foram educados de forma a construir repertórios que adotam tal perspectiva heterossexista. Assim, aquelsxs que não compactuam com essa lógica possivelmente abandonaram uma prática anteriormente seguida.

Sobre essa “pedagogia do insulto” (JUNQUEIRA, 2009) e as possibilidades de superá-la, o torcedor Roger discorre sobre sobre o uso do termo macaco, recorrente entre gremistas:

[...] começamos [um grupo de integrantes da Geral do Grêmio] a nos dar conta que estávamos repetindo um discurso racista, que a torcida as vezes cantava como brincadeira por alguma coisa, mas não tinha... O discurso por trás era além do folclore. Então foi um, digamos, que foi um soco no estômago ter se dado conta de toda essa repetição que... E é muito difícil ter um gremista que nunca cantou macaco, é bem difícil, bem difícil... Eu cantei já e pô, autocrítica é fundamental! (CANAL, 2017, p.11)

A recusa a continuar utilizando termos com referências racistas e homofóbicas, assim como o incômodo em integrar um grupo que os reproduzia em seus cânticos, fez, com que tais torcedores decidissem sair da Geral, fundando uma nova torcida, a Tribuna 77.

É mais comum, todavia, encontrar torcedorxs que divergem da posição de Roger e seus colegas da nova torcida, para quem há um exagero do policiamento do que é dito nos estádios de futebol (BANDEIRA, 2017). Cashmore e Cleland (2011), analisando o contexto inglês, verificaram que mesmo que a grande maioria dxs torcedorxs (93%, em sua pesquisa) defenda que “não há espaço para homofobia no futebol”, ainda há uma ampla adoção e defesa de gritos de guerra, cânticos ou jocosidades que recorrem à homossexualidade.

Embates verbais como os mencionados parecem encaixar-se no que McCormack e Anderson (2010) nomeiam como “discurso gay”. Analisando elementos como intenção, o conteúdo e o efeito da fala, os autores propuseram tal termo para a linguagem de tema homossexual²¹¹ em que não há intenção de estigmatizar a homossexualidade, caso das brincadeiras entre homens heterossexuais, por exemplo. Eles reconhecem que essas situações reforçam uma associação negativa a homossexualidade e podem eventualmente ofender alguém, mas consideram um equívoco usar o mesmo termo (discurso homofóbico) adotado para situações em que há intenção e efeitos de prejuízo a alguém ou algum grupo. Apesar de defenderem a diferenciação entre os nomes utilizados em cada circunstância, os autores enfatizam sua compreensão de que ambos os discursos são produtos e contribuem para a heteronormatividade.

O esforço de diferenciação dessas falas é válido, mas nem sempre preciso, como explicitam Bandeira e Seffner (2017, p.4).

De que lugar se poderia definir uma manifestação como piada ou como xingamento no contexto dos estádios de futebol? Se concordamos com Michel Foucault de que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (2006, p. 9), quem poderia contar uma piada e quem estaria, necessariamente, xingando?

²¹¹ Homosexually-themed language.

Analisando interações verbais entre torcedores, pautadas na lógica da piada e da brincadeira, Gastaldo (2010) apresenta conclusões que coadunam com a perspectiva de McCormack e Anderson. Percebendo semelhanças entre o que foi identificado por alguns antropólogos em cenários não-esportivos como relações jocosas, e aquilo que observava no contexto do futebol, Gastaldo propôs o conceito de relações jocosas futebolísticas.

Ele se apoia nos trabalhos de Lowie, Radcliffe-Brown e Mauss, os quais tecem suas análises a partir de estudos desenvolvidos em sociedades tradicionais e identificaram tal forma de sociabilidade, sobretudo, entre indivíduos envolvidos em relações de parentesco. Todos, contudo, reconhecem a similaridade com algumas situações das sociedades ocidentais contemporâneas, nas quais pessoas escapam da formalidade excessiva e se permitem certa forma de brincadeira baseada no insulto.

Mauss (2013), apesar de não ousar propor regras para diferentes circunstâncias em que as relações jocosas são identificadas, afirma que elas possuem uma “função muito clara”:

Elas expressam um estado emocional que é psicologicamente definido: a necessidade de aliviar tensões; um “viva e deixe viver” que oferece um descanso a um comportamento que é excessivamente rígido. Um ritmo é estabelecido no qual estados emocionais opostos sucedem um ao outro sem perigo. As ressalvas da vida cotidiana buscam um estado avesso e o encontram na indecência e na grosseria (MAUSS, 2013, p.327. Tradução livre do inglês)²¹².

Radcliffe-Brown (1952), adotando um viés funcionalista, argumenta que essas relações de desrespeito consentido “são modos de organizar um sistema definido e estável de comportamento social em que componentes conjuntivos e disjuntivos [...] são mantidos e combinados” (p.95. Tradução livre do inglês)²¹³.

É, por sua vez, na compreensão de Lowie acerca das relações jocosas que Gastaldo (2010) encontra uma definição que melhor lhe ajuda a pensá-las no contexto do futebol. O autor explica que Lowie, diferentemente de Radcliffe-Brown e Mauss, dá menos ênfase às relações de parentesco para a emergência de tais formas de sociabilidade. Em suas palavras:

a ênfase na compreensão do fenômeno está antes na relação propriamente dita (hoje diríamos “interação social”) do que nos liames estruturantes do parentesco. Em todos os seus termos, Lowie enfatiza a relação entre indivíduos ou grupos com outros indivíduos e grupos, e o modo como a

²¹² They express an emotional state that is psychologically defined: the need to relax tensions; a live-and-let-live that gives respite from deportment that is too stiff. A rhythm is established whereby contrary states of heart succeed one another without danger. The reserve of daily life looks for a counter-state and finds it in indecency and rudeness.

²¹³ [...] are modes of organising a definite and stable system of social behaviour in which conjunctive and disjunctive components [...] are maintained and combined.

jocosidade medeia esta interação, negociando com humor situações sociais de conflito. Os laços de parentesco aparecem como parte do quadro estruturante geral daquelas sociedades, mas não como o “motivo” daquela modalidade de relação (GASTALDO, 2010, p.312).

Lowie (*apud* GASTALDO, 2010) destaca, ainda, outro ponto relevante para as reflexões que busco tecer nesse texto. Para o autor, essa forma de sociabilidade tem uma função moral de controle social dos valores do grupo, o que o leva a afirmar que os “gozadores de um homem são também seus censores morais.” (LOWIE *apud* GASTALDO, 2010, p.312). Vale pontuar que, ainda que com menor destaque, Mauss (2013) também reconheceu o exercício da censura e da vigilância moral por meio da jocosidade.

Para Gastaldo (2010), esse aspecto é fundamental para a compreensão das relações jocosas futebolísticas. O que poderia ser visto como “apenas futebol”, segundo ele, é parte – produto e produtor – de um sistema de enquadramento moral da sociedade, envolvendo a defesa da honra, da dignidade e da autonomia, atributos vinculados à masculinidade normativa.

Ainda que reconhecendo o notável crescimento da participação de mulheres no universo do futebol, Gastaldo (2010) defende que esse esporte ainda é, em termos simbólicos e concretos, hegemonicamente um território masculino, evidência essa compartilhada com muitos outros estudos, alguns previamente citados. Nesse sentido, o autor defende que as relações jocosas futebolísticas se conectam intimamente com a homosociabilidade masculina, impressão compartilhada por Damo (2005). Dentro desse raciocínio, então, é possível pensar nas relações jocosas enquanto dispositivos de controle de uma norma de gênero pautada no heterossexismo e na masculinidade normativa.

Paralelamente aos duelos verbais, havia também ofensas direcionadas à Coligay. Tais falas, diferentemente das abordadas anteriormente, têm caráter intencionalmente ofensivo e, por vezes, de intimidação.

Sempre tinha os machistas, os machistas tu sempre vai achar, quando tu tens um local público tu achas... [...] tinha gente que me falava, dizia piadinha e eles não estavam nem aí e eles se impuseram, eles impuseram ser respeitados porque eles não temeram. Podiam falar ou soltar piadinha, eles não caíam nesse jogo. Isso eu lembro muito bem, que eles eram muito autênticos. Eu, inclusive, minha turma de casais, no caso nós éramos noivos, tinha uns cinco ou seis casais, tinha uns maridos [que diziam] “porque é um absurdo, que esses viado não tem o que fazer... Gente drag queen” (FORESTI, 2015, p.7).

L.A. –E era comum que vocês fossem alvo de piadas ou ofensas?

S.C. – Ah sim... Olha, eu nunca levei pro lado de ofensa, né? Começavam a ofender assim eu “ai, tá querido, fica na tua, fico na minha, sem problema nenhum”. Eu entendo, cada um, cada um. Mas piada, mas piadas boas assim né. Tipo, não lembro assim, na verdade de nenhuma, mas é assim, tipo assim, “ai, hoje tu não vai pra tua casa, tu vai pra minha”, coisas de gozação, que não

tinha nada a ver né. Mas é, legal, muito legal. E com as pessoas que eram contra, praticamente ou radicalmente, que começavam a querer ir pra parte ofensiva a gente deixava de lado, cantava, dançava, e eles cansavam. E aí no fim, depois, eu mesmo tenho amigos hoje, que na época não eram... Eram contra, eram radicais, não aceitavam bichas dentro do campo de futebol. “Nós íamos lá pra ver homem”. Mentira! Não era verdade, não era verdade. Também era, vamos combinar, vamos ser honestos. Também era pra assistir um pouquinho, ver as pernas dos jogadores, enfim. Mas a gente era gremista, a gente ia pra torcer mesmo. E hoje são amigos meus casados, com filhos, com netos, eu frequento a casa deles, maravilhosos. (CUNHA, 2017, p.24-25)

As duas falas mencionam o fato dos integrantes preferirem ignorar as ofensas recebidas. Tal fato vai ao encontro da afirmação recorrentes em diversas fontes de que eles evitavam as brigas, ainda que estivessem dispostos a encará-las quando necessário: “não era eles que provocavam, eles só estavam preparados para isso” (BUENO, E., 2017, p.29).

Serginho destaca também o fato de uma série de torcedores que anteriormente eram contrários a presença de gays nas arquibancadas, vieram a se tornar seus amigos, destacando a possibilidade de uma mudança na postura homofóbica deles e na abertura do integrante da Coligay para aceitar o vínculo de pessoas que algum dia o discriminaram.

O relato de Serginho descreve, ainda, situações nas quais ele participa de piadas e “gozações” que fazem menção à homossexualidade, evidenciando a possibilidade do estabelecimento de relações jocosas com tal temática também com a participação de membros da Coligay, não apenas entre pessoas externas à torcida ou entre heterossexuais. Um registro da ZH também cita a Coligay “tocando a sua flauta” no túnel do Pelotas após uma vitória, reiterando que o grupo participava do circuito de jocosidades (COM QUE CARA..., 1977, p.42).

Cabe pontuar que, a jocosidade pautada em aspectos de gênero e sexualidade ocorre apenas eventualmente nas falas dos entrevistados. Na maior parte das vezes elxs reconhecem sua existência, mas poucos fazem “brincadeiras” do tipo ou se reconhecem enquanto eventuais autores. Em uma das minhas entrevistas, na qual o torcedor estava acompanhado de esposa, intervenções pontuais dela em suas respostas evidenciaram o esforço do conjugue em selecionar os termos utilizados, de forma a não se demonstrar preconceituoso:

C.W. – Tinha a alegria. Era a mesma coisa que a Coligay, era uma alegria, eles torciam com alegria...

R.W. – A bicharada que vocês diziam! Ele não gosta de usar os termos...

C.W. – Para!

R.W. – Desculpa. (Riso)

C.W. – Então, era alegria, eles eram realmente bem mais alegres [...]

Já nas publicações da Zero Hora²¹⁴, a jocosidade evitada pelas pessoas que entrevistei era recorrente. Com relação ao periódico, é fundamental reconhecer que inúmeras vezes a torcida é citada sem nenhuma referência ofensiva ou jocosa, havendo, inclusive, elogios. As piadas se concentram, via de regra, na coluna Humor, de autoria de Carlos Nobre, aparecendo apenas raramente em outros espaços do jornal. Como ilustração acerca do conteúdo encontrado no Jornal apresento um quadro no qual quantifico as menções à torcida, separando-as entre elogiosas, descritivas e jocosas (Quadro 5):

Quadro 5 - Menções a Coligay no Jornal Zero Hora divididas por linguagem utilizada (abril/1977-dezembro/1983)

Ano	Mês	Caderno Esportes			Caderno Humor	Total
		Elogiosas	Descritivas	Jocosas	Jocosas	
1977	Abril	0	0	0	0	0
	Maio	3	3	5	11	22
	Junho	0	1	3	4	8
	Julho	0	1	0	1	2
	Agosto	2	4	2	8	16
	Setembro	1	5	0	6	12
	Outubro	0	10	2	12	24
	Novembro	0	0	0	0	0
	Dezembro	0	2	0	2	4
1978	Janeiro	0	2	1	3	6
	Fevereiro	0	1	0	1	2
	Março	0	1	0	1	2
	Abril	0	1	0	1	2
	Maio	0	0	0	0	0
	Junho	0	2	0	2	4
	Julho	0	4	1	5	10
	Agosto	0	1	0	1	2
	Setembro	0	1	1	2	4
	Outubro	0	3	2	2	7
	Novembro	0	2	0	1	3
	Dezembro	0	3	1	3	7
1979	Janeiro	0	0	0	0	0
	Fevereiro	0	1	0	1	2

²¹⁴ Faço referência exclusivamente à Zero Hora, visto que os demais periódicos tiveram um número pequeno de menções à Coligay.

	Março	0	2	0	1	3
	Abril	0	1	0	0	1
	Maió	0	0	1	1	2
	Junho	0	0	0	2	2
	Julho	0	1	0	0	1
	Agosto	1	0	0	0	1
	Setembro	0	9	0	0	9
	Outubro	1	7	3	0	11
	Novembro	0	1	0	0	1
	Dezembro	0	0	0	0	0
1980	Janeiro à Dezembro	0	0	0	0	0
1981	Janeiro à Novembro	0	0	0	0	0
	Dezembro	0	1	0	0	1
1982	Janeiro à Fevereiro	0	0	0	0	0
	Março	0	1	0	0	1
	Abril	0	0	2	0	2
	Maió à Agosto	0	0	0	0	0
	Setembro	0	1	1	0	2
	Outubro à Dezembro	0	0	0	0	0
1983	Janeiro à Fevereiro	0	0	0	0	0
	Março	0	2	0	0	2
	Abril à Maio	0	0	0	0	0
	Junho	0	4	0	2	6
	Julho	0	0	0	2	2
	Agosto	0	0	0	0	0
	Setembro	0	1	0	0	1
	Outubro à Dezembro	0	0	0	0	0
TOTAL		8	79	25	75	187

Fonte: Elaborado pela autora

O antigo repórter Paulo Burd, que atuava como setorista do Grêmio quando a torcida surgiu, afirma que Volmar costumava ir à redação pedindo para que os jornalistas divulgassem ações e mensagens do grupo (GERCHMANN, 2014), motivo que ajuda a explicar a frequência com que a Coligay é citada na ZH.

Pontuo que, no período de 1977 a 1979 – intervalo que acredito que a torcida esteve em plena atividade –, as demais torcidas gremistas tiveram um número de menções na ZH

notadamente inferior: 8 em 1977, 5 em 1978, 18 em 1979. Em muitas dessas vezes, eram apenas citadas em textos que mencionavam sua presença em um jogo ou evento do clube, casos em que geralmente estavam todas elas, como na festa de entrega da faixa de campeão estadual do ano de 1977:

Muitos preparativos estão sendo feitos para tornar a entrega das faixas de campeão para o Grêmio na próxima quinta-feira uma festa histórica. [...] A primeira parte começa com 20 mil balões, com as cores azul, branco e preto, que serão soltos no gramado. Depois começam os desfiles. Primeiro, das torcidas organizadas com suas charangas: Eurico Lara, Força Azul, Coligay e Gre-Puc. [...] (QUINTA-FEIRA..., 1977, p.43).

Ainda que tendo em vista os esforços de Volmar, a existência dessa diferença de visibilidade entre a Coligay e as demais torcidas organizadas, não sendo algo pontualmente situado no momento de surgimento da torcida – ou outro momento qualquer –, mas que se mantém ao longo dos três anos de sua existência mais atuante, são também indicativos de que a Coligay provocava maior interesse midiático, interesse esse que, considerando o conteúdo, parece estar associado às performances produzidas por essa torcida.

No que tange ao conteúdo da Sessão de Humor, de Carlos Nobre, havia alguma variedade em relação ao modo de fazer piada a partir da Coligay. Eram especialmente comuns a atribuição de características culturalmente associadas às mulheres, a sugestão da ocorrência de práticas homoeróticas, a deslegitimação de seu interesse pelo futebol e os trocadilhos com palavras referentes à homossexualidade, como ilustro a partir de alguns exemplos:

A localização da torcida do Olímpico não será mais alterada. Por exemplo, a torcida Coligay ficará atrás do arco que dá para a Avenida Carlos Barbosa, sentada no colo da torcida normal do Grêmio (NOBRE, 1977b, p.47).

A torcida gay do Grêmio promete que vai empurrar o time como nunca contra o Penharol. Donde se conclui que, mais que o bicho, o que mais vai entusiasmar os jogadores vão ser as bichas (NOBRE, 1983b, p.55)

Entreouvindo no Olímpico:

- Tu sabe calé o novo nome da torcida Coligay?

- Não. Calé?

- “Elma Chips”

- Causo do quê?

- Uai, porque “é impossível comer um só”. (NOBRE, 1983a, p.59)

Sim, o Fluminense pode ser o time pó-de-arroz, mas o Grêmio deve ser o do batom e rouge. Tem que ver o que tinha de bicha maquilada vendo o jogo no seio da torcida Coligay. (NOBRE, 1982, p.63)

35 graus à sombra ontem no Maracanã. Quem refrescou o ambiente foi a Coligay (NOBRE, 1979b, p.63)

A torcida Coligay vibrando com a onda da vinda do Figueroa “Até que enfim um homem lindo no Grêmio”! (NOBRE, 1979a, p.51)

Gerchmann (2014, p.51-52) defende que o deboche de Carlos Nobre era “desprovido de ranços homofóbicos” e que isso se evidenciaria pelo fato de Volmar ter dito lembra-se apenas vagamente de suas anedotas, além de classifica-lo como “um humorista fantástico”. Sem buscar individualizar a produção do humorista, reconhecendo que ele estava alinhado ao humor da época, entendo que sua abordagem reitera processos de diferenciação e hierarquização das identidades e performances referentes à gênero e sexualidade. A oposição entre a Coligay e a “torcida normal do Grêmio” citada na primeira nota evidenciam a visão de normalidade assumida pelo humorista. Se no que tange a conteúdo e intenção, as jocosidades se assemelham àquelas desenvolvidas entre torcedorxs, o espaço midiático que ocupa produz efeitos distintos, certamente amplificados.

A cartunista Laerte publicou na revista Placar uma charge cujo humor se ampara em premissas similares às de Carlos Nobre:

Figura 29 - Charge tematizando a Coligay



Fonte: Placar (1977)

Refletindo sobre seu conteúdo em “Para o que der e vier”, ela pondera:

Essa charge que eu fiz é cheia de pequenas maldades. Não chega a ser uma mensagem agressiva no sentido de estimular a violência ou a homofobia ou coisas assim, mas ela é cheia de pequenas maldades e cheia de mal-entendidos propositais, como por exemplo o fato de representar homens homossexuais como afeminados, sempre. Botar salto alto, gente meio maqueada... Outra é essa coisa da decepção do jogador que está no vestiário ao achar que vai ser coberto de garotas sedentas de sexo e amor e ao invés disso entra um grupo de meninos, homens. A piada lida com essa quebra de expectativa e procura também trabalhar isso no leitor. Quer dizer, essa historinha tem a expectativa de que o leitor pense assim também. Assim se trabalha o humor dela. Ela é feita com base numa cumplicidade desse tipo. Então, era assim que eu via e me comportava na época. Negando minha homossexualidade e vendo a homossexualidade com esses olhos preconceituosos (PARA O QUE DER..., 2016, transcrição minha).

A posição da cartunista coaduna com o argumento de McCormack e Anderson (2010) sobre os discursos gays, pois reconhece o caráter preconceituoso da charge e suas “pequenas maldades”, mas a diferencia de outras práticas e falas em que há explícita intenção de ofender e discriminar homossexuais.

Com relação ao conteúdo da sessão esportiva da ZH, no recorte analisado, houve três reportagens longas que focaram exclusivamente na Coligay, todas publicadas em 1977²¹⁵, a primeira delas ocupando duas páginas inteiras.

Essa primeira reportagem foi escrita por Eduardo Bueno, jornalista então em início de carreira, que ganhou notoriedade pelo sucesso profissional, mas também, entre interessados pelo futebol, por seu forte vínculo com o Grêmio. Nela, o repórter relatou a história do surgimento da TO, além de apresentar opiniões de alguns personagens do universo gremista: dois diretores da Eurico Lara, um integrante da Força Azul, o então treinador do Grêmio Telê Santana. Além disso, também foi entrevistado o apresentador de televisão e jornalista Tatata Pimentel, homossexual e frequentador do Coliseu, mas que por não gostar de futebol e, ainda, ser colorado não participou da Coligay.

Bueno afirma que a Eurico Lara tratava a Coligay com apreensão, e que seus diretores não gostavam de falar sobre o assunto, e que a torcida desagradava muita gente. O jornalista menciona, ainda, que Volmar guardava recortes de jornais em que a torcida era citada²¹⁶, entre os quais havia também alguns contendo comentários negativos:

²¹⁵ “Grêmio está recebendo um incentivo diferente”, de Eduardo Bueno, publicada em 16 de maio de 1977; “Torcida: Coligay: história e pedágio da vitória”, sem autoria, publicada em 26 de setembro 1977; “O grito (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão”, sem autoria, publicada em 02 de outubro de 1977.

²¹⁶ Em meus encontros com Volmar perguntei acerca de acervos que ele pudesse ter guardado, ao que ele respondeu que não possuía mais nenhum recorte, fotografia ou qualquer outro material sobre a torcida.

Na pequena sala que serve de sede da Coligay, nos fundos da boate, Volmar guarda os comentários feitos sobre o grupo e publicados pelos jornais. Num pequeno espelho, que serve para uma maquiagem rápida, estão colados muitos recortes. Mas só os elogiosos. Guardadas em uma gaveta, ficam as críticas, muitas vezes agressivas, debochadas. No entanto, Volmar não parece muito preocupado com isto: “Estão querendo nos destruir. Tentam nos ridicularizar de todas as maneiras. Claro que não é o povo que está fazendo isso. O povo nos adora e somos queridíssimos, apesar de existirmos há tão pouco tempo. Quem age maldosamente são alguns cronistas mal-intencionados. Mas não tem problema, vamos continuar em frente até o fim. Fazendo o que sabemos fazer como ninguém: incentivar (BUENO, 1977, p.44).

O reconhecimento de Volmar da existência de opositores à sua torcida foi mencionado em reportagem publicada na revista Placar, também em 1977 (FONSECA, 1977). Nos relatos recentes de Volmar, contudo, ele raramente menciona qualquer retorno negativo²¹⁷, além de exaltar a atenção midiática que recebiam:

L. A. – E você teve alguma repercussão negativa, ou por parte da imprensa ou por parte de outras pessoas?

V. S. – Muito pelo contrário, a imprensa **sempre** nos incentivou, sempre, sempre, muitas matérias, em todos jornais, Porto Alegre foi uma loucura, todas as emissoras de rádio televisão, o Brasil inteiro (SANTOS, 2015a, p.23, ênfase do entrevistado).

A imprensa toda do Brasil, inclusive, do exterior vinha a Porto Alegre para ver a Coligay, para saber algo sobre a Coligay, para fazer reportagens sobre a Coligay, acho que saiu até no New York Times uma reportagem da Coligay. Na revista Placar que é a revista do esporte no Brasil, muitas e muitas reportagens. Inclusive, uma época, saíram quatro páginas cor de rosa sobre o Grêmio, sobre a Coligay (SANTOS, 2015a, p.9).

São notáveis o carinho e orgulho que Volmar sente da torcida que fundou e presidiu. Não causa surpresa, assim, que suas lembranças se voltem menos às rejeições e mais aos elogios, de forma a valorizar o retorno de seus esforços. Pois como afirma Thomson (1997, p.57):

A memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo.

Se a jocosidade é apontada como algo recorrente na relação de torcedorxs com a Coligay, são menos comuns as menções de resistência contra a Coligay. Bueno (1977), Fonseca (1977) e Porto (1977) relatam o descontentamento de muitxs torcedorxs gremistas no momento

²¹⁷ Uma exceção é no documentário “Para o que der e vier” (2016).

de seu surgimento, mas esse posicionamento perde espaço nos periódicos ao longo do tempo. E mesmo nessas matérias não havia nenhum indício de mobilização do clube, de torcedorxs ou de outras torcidas para dar fim ao grupo. Vô Vida Loka (WEDMAN, 2016), por sua vez, afirmou que havia torcedorxs que defendiam sua expulsão das arquibancadas do Olímpico:

É, havia discriminação. Havia discriminação, muitos falavam que: “Bah! Como é que pode deixar eles fazerem parte, ou vestir a camisa ou assumirem a opção sexual deles, isso não pode”. E já tinha outros “Ah, o problema é deles!” (WEDMAN, 2016, p.4).

Miguel conta que, apesar de se relacionarem de forma amigável com a maioria dxs torcedorxs e TOs, havia um integrante da Raça que constantemente os agredia verbalmente, chamando-os de “putos” e “putões” (Diário de Campo, 22 de junho de 2016 e 31 de agosto de 2017). Outro indício de manifestações de oposição vindas dessa torcida é uma notícia da ZH, de 1982, que anuncia uma reclamação por parte de uma integrante da Coligay:

Juanita, fundador da Coligay e um dos idealizadores da Força Azul (que surgiu em 1974), ligou para a redação de ZH/Espportes queixando-se de discriminação por parte de integrantes da Torcida Raça Tricolor. Contou que, em Caxias, todas as torcidas se uniram menos a Raça, “alegando que não se misturaria com homossexuais” (TORCIDA I, 1982, p.42).

Outro registro da ZH menciona a irritação de todas as TOs do Internacional com a FICO por ter aceitado o apoio da Coligay em uma determinada partida. “Se a FICO repetir essa iniciativa, amanhã à noite, seu relacionamento com as demais torcidas do clube deve piorar ainda mais” (GUERRA..., 1982). Nesse caso é provável, contudo, que o desgosto tenha sido não por tratar-se da Coligay, mas pelo apoio de uma torcida arquirrival.

Segundo as pessoas que entrevistei, as eventuais rejeições em momento algum se materializaram em embates físicos. As brigas nas quais a Coligay se envolveu sempre são citadas como confrontos entre o coletivo de gremistas contra xs torcedorxs de outrxs clubes.

Os relatos de relações amistosas e mesmo de amizades formadas entre antigos integrantes da Coligay e membros de outras TOs estiveram presentes em várias entrevistas (BERTOTTO, 2017; COSTA, 2017; CUNHA, 2017; ROCHA, 2017; VIEIRA, 2015).

Bertotto (2017) lembra de uma situação em que contou com a ajuda de dois integrantes da Coligay. O torcedor conta que, em 1983, em uma partida em Montevideo contra o Peñarol, pela Copa Libertadores da América, o policiamento uruguaio não autorizou que a Raça entrasse com seus instrumentos e bandeiras. Desrespeitando a proibição, eles utilizaram cordas para passar o material de fora do estádio, para integrantes que já estavam lá dentro. Enquanto o jogo

não começava, eles mantiveram tudo escondido em meio aos próprios torcedores. Em algum momento, contudo, dois policiais começaram a se aproximar do grupo, deixando-os receosos.

Aí vem vindo dois policiais deles lá para a nossa direção, aí nós pegamos e falamos com dois que eram... Vou falar um nome que não é pejorativo, as duas bichinhas que estavam lá mais espalhafatosas, aí disse “ô, vocês vão lá e dão em cima dos brigadianos, não deixa eles virem para cá”. Brigadianos, dos policiais. E aí eles foram lá tudo [riso] espalhafatoso, aí já chegaram, já abraçaram os caras e tal, começaram a conversar e já viraram eles de costa, já levaram eles embora e nós ficamos com os instrumentos ali. Então, eles eram assim, não tinha ruim para eles. Se era para ajudar eles ajudavam, não tinha problema. E aí eles foram embora, já estava quase na hora do time do Grêmio entrar em campo e aí o time já estava entrando já estava com as bandeiras todas nos mastros, e o time apontou lá e nós já levantamos as bandeiras e começou o coro a comer, e papel picado e tal, e fumaça e ficamos ali, e ninguém reclamou do nosso material ali. Aí nessa situação eles deram uma ajuda boa para nós (BERTOTTO, 2017, p.29).

A extinção da Coligay acabou contribuindo para que muitos de seus ex-integrantes criassem uma relação mais próxima com outros torcedores, ao ingressarem em outras TOs: “durante esse tempo lá do Grêmio, eu tive contato com muitos deles. Uns estavam na Força Azul, outros na Garra, tinha gente na Jovem, na Raça. Na Máquina, o nosso fundador...” (ROCHA, 2017, p.12).

André diz não lembrar de discriminação dessas pessoas entre as torcidas.

[...] em Gre-Nais, tinha uma época que a torcida do Grêmio em Gre-Nais tanto no Olímpico, como fora no Beira-Rio, ficava todo mundo junto, tudo mundo junto, todas as organizadas juntas, porque o Departamento Eurico Lara numa reunião determinou e pediu que todas as torcidas ficassem juntas, porque claro, as torcidas eram pequenas na época né, a que tinha mais tinha cento e cinquenta, que era a Jovem e a Raça. Então óbvio, todo mundo junto canta mais alto né, todo mundo junto faz um barulho bem maior, e mesmo nesses dias não tinha problema, todo mundo convivia extremamente bem, inclusive aqueles músicas que torcida toda se abraça, laiálaiá, todo mundo junto, todo mundo junto, e o importante era que o Grêmio ganhasse, ninguém falava nada. (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.15-16).

Bobis e Paulo mencionam suas amizades com Milinho, com quem integraram em certo momento a Real Torcida Jovem (COSTA, 2017). Cleber relata que regularmente encontra com Careca nos jogos do Grêmio no Rio de Janeiro, estado em que ambos residem, ocasião em que sempre “batem papo” (VIEIRA, 2015). Ele também lembra de Serginho pelo apelido carinhoso “Shampoo”. Ele, ainda, descreveu, rindo, um episódio antigo no qual ele, junto a vários outros membros de TOs foram à casa de Miguel:

Pô, o Miguel era um baita gayzão e eu meio constrangido né? Pô, dezesseis anos. Bah, esse cara vai... Mas era nós, da Garra, e mais uns caras de torcida.

O Grêmio ganhou um jogo e ele “bah, vamos lá em casa tomar uma cerveja”. Eu lembro que na casa do Miguel, ele eram bem financeiramente, ele tinha um puta carro, que era um Monza, me lembro que o cara tinha microondas na casa dele. Pô, ter um microondas em casa naquela época era de alto nível! Pô, isso aí tô te falando era 1981, 1980. E aí eu todo... Tinha quinze anos “Bah, se os caras aqui se botar em mim, eu vou dar um soco na cara de um”. Aí ele viu que eu tava meio assustado “oh cara, não fica de frescura aí, ô viado de merda! A gente tem o cara que a gente quer”. Porque o Miguel era todo estiloso, cabelão e tal, todo presença. E o Miguel era um cara que na época andar de avião era caro, ele ia nos jogos de avião e tal. Morava num apartamento show de bola, era um cara bem, Miguel cabeleireiro... (VIEIRA, 2015, p.19)

Segundo ele, com o passar do tempo, “nós fomos ficando mais velhos e esses caras ficaram nossos amigos” (*ibidem*, p.18).

Tratando dessa presença, Luiz, membro da Máquina Tricolor, assim se referia ao convívio de torcedores homossexuais dentro das torcidas organizadas do Grêmio: “Normal, normal. Como se tu tivesse um irmão teu que fosse gay e que estava ali na arquibancada contigo” (ROCHA, 2017, p.12). Sua fala não apenas reitera a aceitação àqueles sujeitos, como também a proximidade dos laços afetivos criados, comparados à de um irmão. Luiz mantém, inclusive, uma amizade com Serginho (ROCHA, 2017; CUNHA, 2017). Durante nossa entrevista ele se dispôs a me informar o telefone do amigo e ligou para ele para mencionar que estava em uma entrevista comigo, falando da Coligay.

Relatos como esse indicam que os modos de superação de dificuldades e obstáculos encontrados pelos integrantes da Coligay se deram não apenas por vias do enfrentamento, mas também pelo afeto e pela conquista do respeito e da admiração. A ideia de necessidade da **conquista** do respeito e da valorização, todavia, parece prevalecer. Se ela não é universal – Serginho, ao citar a amizade com Luiz, afirma que ele “nunca foi contra”, por exemplo – me pareceu preponderante.

5 DO ESQUECIMENTO AO RESSURGIMENTO

Esse capítulo se volta para a reflexão sobre Coligay após sua extinção, da continuidade de sua história enquanto uma memória do Grêmio e de seus/suas torcedorxs.

Descrevo, primeiramente, um apagamento da existência dessa torcida, o qual identifico a partir da falta de reconhecimento institucional, da parca presença em livros sobre o Grêmio, da invisibilidade em trabalhos acadêmicos sobre o clube e do desconhecimento entre diversos gremistas jovens.

Em seguida, demonstro como nos últimos anos é possível notar um cenário de permissividade ao ressurgimento da Coligay, descrito a partir da emergente visibilidade da participação de LGBTs nos campos e arquibancadas do futebol brasileiro, assim como da desnaturalização dos obstáculos impostos à elxs para participar desse universo. Em item posterior, descrevo como esse esgarçamento da visibilidade e da conquista de direitos por LGBTs perpassa diversos outros espaços. Nesse sentido, o que se observa no futebol dialoga com demandas sociais mais amplas.

Enfim, no item 5.3, reflito sobre o ressurgimento da Coligay, conectando essa retomada à um processo de invenção de uma tradição (HOBBSAWN, 1984) de pluralidade pelo Grêmio. Com isso em vista, numa primeira sessão, busco discorrer acerca do que representa ser gremista. Em seguida, analiso dois artefatos culturais que julgo terem notável importância no ressurgimento da torcida: o livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores” e a exposição permanente do Museu do Grêmio. E, por fim, dialogo com as reações de torcedorxs acerca desse processo de rememoração, identificando e problematizando disputas pelo que a Coligay representa na atualidade. Encerro discutindo como, no âmbito institucional, é possível identificar uma resignificação da Coligay reconfigurando-a como um valor do Grêmio, que se pretende afirmar como um “clube de todos”.

5.1 INDÍCIOS DE UM APAGAMENTO DAS MEMÓRIAS DA COLIGAY

Começo esse item retomando um trecho de meu projeto de ingresso no Programa de Pós-Graduação, que data de 2014:

Apesar de não ser difícil encontrar fontes que mencionem sua existência, raras são as informações encontradas acerca da Coligay. A torcida aparece algumas

vezes como exemplo de um fenômeno atípico, outras como tópico superficialmente explorado em matérias jornalísticas pontuais, mas ainda não foram encontrados textos que, de fato, se dedicaram a narrar sua história²¹⁸. Nesse primeiro momento, a breve descrição que farei da torcida será baseada, sobretudo em algumas reportagens publicadas sobre a mesma.

O trecho rememorado busca ilustrar a raridade de registros da Coligay que encontrei quando iniciei essa pesquisa, indicando uma existência ignorada ou invisibilizada, que não parecia digna de atenção ou lembrança. As reportagens sobre o grupo a que me referi no excerto datavam de 1977 (revista Placar), 1978 (O Lampião da Esquina) e 1987 (revista Placar), evidenciando a pouca atenção dada ao grupo pelas mídias em períodos mais atuais até então.

No mesmo texto, eu mencionava que o lançamento de uma obra dedicada à torcida, de autoria do jornalista Léo Gerchmann, vinha sendo anunciada. Ainda em 2014, o livro foi lançado. Logo em sua primeira página, o autor relata algo que complementa minhas impressões anteriormente descritas:

[...] quem fosse à internet no momento em que eu escrevia este livro, em 2013, e lançasse a palavra “Coligay” num buscador veria que, além dos diversos erros de informação, a maior parte das referências citadas possuía teor homofóbico (GERCHMANN, 2014, p.10-11).

Em seguida, o autor já antecipa um fato que é possível, hoje, verificar: “Talvez isso já tenha mudado quando você estiver lendo as presentes linhas, o que me deixaria gratificado pela possível contribuição desta obra para causa tão justa e nobre” (*idem*, p.11).

No prefácio do livro, o jornalista David Coimbra, reitera a ideia de que a trajetória da Coligay sofria de certo apagamento, lembrada mais pela presença nas injúrias de adversários, ao afirmar que “Léo recupera uma bela história” que “deveria ser retomada, e talvez o seja depois deste livro” (GERCHMANN, 2014, p.6). Indo também ao encontro de meu raciocínio, Bandeira (2017) indica que um deslocamento do significado das memórias da Coligay, de um motivo de vergonha para um de orgulho, pode ser identificado como um dos propósitos do livro.

Com o intuito de verificar que registros da Coligay poderiam estar presentes nesse período de esquecimento ou ocultação da torcida na história do Grêmio, busquei algumas obras literárias sobre o clube. Tais publicações, muitas abertamente parciais, em grande medida são

²¹⁸ Já então, tinha conhecimento de um trabalho de autoria de Rossi e Guazzelli (2002), o qual apenas o resumo encontra-se disponível. Posteriormente, soube que o trabalho de conclusão de curso do primeiro autor também tratou da torcida, mas ele não se encontra nos arquivos físicos ou virtuais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde foi produzido, nem foi preservado pelo autor. Um texto sucinto produzido como desdobramento dessa pesquisa foi preservado e é utilizado nessa tese. Ademais, Rosa (2010) trata da torcida de forma secundária em sua dissertação “Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte”, em que também utiliza como fonte matérias de jornais.

quem “criam, fazem circular e cristalizam a tradição e a mitologia dos clubes, estebelecendo os lugares de memória, as referências comuns em que se baseiam os sentimentos de pertencimento que constituem as duas comunidades” (SILVA, 2014, p.110).

Eduardo Bueno (popularmente conhecido como Peninha), jornalista e escritor, produziu quatro livros em que trata do clube do qual é um fanático torcedor, dos quais tive acesso a três²¹⁹. Apesar de em todos eles mencionar episódios nos quais a Coligay estava presente, o grupo não é citado em nenhuma de suas obras.

No primeiro deles, intitulado “Grêmio: nada pode ser maior” (BUENO, 2005), o autor dedica um capítulo aos “matadores”²²⁰ do tricolor gaúcho, onde conta sobre o cenário que o Grêmio vivia em 1977 e a equipe que conquistou o título estadual desse ano após longa hegemonia colorada. O contexto é narrado a fim de descrever o gol do atacante André Catimba, além de destacar outro atacante a participar daquela final, Alcindo. O jogo que tirou o Grêmio do jejum de oito anos sem títulos também foi abordado pelo escritor em outra de suas obras “Grêmio: campeão acima de tudo” (BUENO, E.; BUENO, F., 2009), no qual por meio do personagem Augusto Scravaglione Romulo, relembra memórias vitoriosas do clube, entre as quais aquelas que sucederam o que chama de “Era das Trevas II”, que englobam o próprio título estadual de 1977, as conquistas do Campeonato Brasileiro em 1981, a Copa Libertadores da América e Copa Intercontinental em 1983. A terceira produção de Eduardo Bueno sobre o Grêmio, “A América aos nossos pés: 25 anos de uma Libertadores de verdade”, por sua vez, trata do primeiro dos títulos internacionais dessa fase (BUENO, E.; BUENO, F., 2008). Vê-se, então, que, à princípio, as temáticas das obras oportunizam a menção à Coligay, visto que envolvem conquistas nas quais a torcida esteve presente, mas que, por algum motivo, o autor não fez tal opção.

Perguntado acerca dessa escolha em entrevista que realizei, Peninha respondeu que

Esses livros eram escritos todos por encomenda. Tudo com prazo atrasado e eu tendo que escrever que nem um louco, assim, e vinha o que vinha na cabeça, entendeu? Então, se tem pouco ou se não tem, é só porque na hora da loucura não deu para pôr, porque eu sempre fui defensor e tal... (BUENO, E., 2017, p.44)

A fim de evidenciar sua posição de defensor da Coligay, o escritor lembra de sua participação em ações que deram visibilidade à torcida: ele escreveu a primeira reportagem

²¹⁹ O quarto e único livro a que não tive acesso é “Grêmio 110 anos: da Baixada à Arena”, produzido em parceria com o irmão Fernando Bueno e lançado em 2012. Trata-se de uma edição limitada produzida em comemoração ao aniversário do clube.

²²⁰ Termo utilizado no universo do futebol para se referir a atacantes que marcam muitos gols.

sobre a TO, na Zero Hora, em 1977; era o editor da Revista do Grêmio, em 2003, quando foi publicada uma matéria sobre o grupo; e, como consultor da exposição do Museu do Grêmio, apoiou a presença de um painel sobre a agremiação. Ele chega a me perguntar algumas vezes se realmente não há nenhum trecho, em algum dos livros, sobre eles e, reconhecendo a possibilidade de não haver, enfatiza: “mas não pensa que foi por vergonha” (BUENO, E., 2017, p.45).

A ausência da Coligay também ocorre em “Até a pé nós iremos”, do jornalista Ruy Carlos Ostermann (2000) e Coração Tricolor: História Completa do Grêmio (1903-2007), de Gianfranco Spolaore (2008). Na primeira dessas obras, o autor retrata personagens, lugares e períodos representativos para a história do clube, sobretudo a partir de trechos de falas de pessoas com conhecimento acerca dos assuntos abordados, seja pela relação de intimidade com as pessoas descritas ou pela participação nos fatos narrados. A conquista do Campeonato Gaúcho de 1977, do Campeonato Brasileiro de 1981 e da Copa Intercontinental de 1983 têm cada um, um capítulo, nos quais a Coligay também não é mencionada. Já o livro de Spolaore tem um perfil informativo. Dividido por cada ano da trajetória do Grêmio, traz dados sobre as competições disputadas, complementadas por descrições sucintas sobre a situação vivida pelo clube, na qual não há menção à Coligay.

Outro livro a que recorri em busca de vestígios de memórias sobre a torcida foi “Jogos Monumentais: memórias do Estádio Olímpico” (FERLA, 2012), do jornalista Marcelo Ferla. Nele, o autor elege onze partidas do Grêmio que julga, em suas palavras, “certamente significativas para a história do clube”. Entre elas, encontra-se o já citado embate contra o Internacional pela final do Campeonato Gaúcho de 1977. Apesar de toda a exaltação à Coligay nos jornais da época – como mostrei ao longo desse trabalho –, a torcida não é mencionada na obra de Ferla, sendo a torcida oficial, Eurico Lara, a única a ser citada. Todavia, em obra anterior intitulada “O Imortal Tricolor” (FERLA, 2002), o mesmo autor ao tratar da mesma competição teve escolha diferente. A Coligay foi a torcida citada, ainda que em uma breve menção na qual tratava da invasão do campo por diversos gremistas nos momentos finais do jogo: “Enlouquecida, a torcida tricolor – inclusive a alegre Coligay – invadiu o campo minutos antes de Luís Torres apitar o final do jogo decisivo, em 25 de setembro” (FERLA, 2002, p.141).

Outra referência à torcida ocorre no “Dicionário Gremista: Futebol de verdade de A a Z”. No livro, o escritor Paulo Seben (2010), dedicou um verbete exclusivamente a duas torcidas organizadas do clube, a Geral e a Coligay. De forma sucinta (característica adotada em todos os verbetes da obra), o autor lembra do cenário de jejum de títulos vivido pelo Grêmio no momento em que a torcida surgiu, menciona o fato de ter sido criada pelos frequentadores da

boate Coliseu e destaca sua alegria e entusiasmo contrastando com a frieza de “nós, heterossexuais, [que] ficávamos sentados assistindo ao jogo com toda a atenção” (p.211). Ele finaliza o verbete fazendo do grupo um símbolo da superioridade gremista, tanto pelo seu caráter democrático, quanto pela maior macheza de seus homossexuais em comparação aos “deles”, em referência implícita aos rivais colorados:

a Coligay alcançou fama nacional e internacional que as congêneres não conseguiram, e serviu para conscientizar o conjunto da torcida gremista de que os tempos eram outros e de que não cabia mais aquela severidade toda dentro de um estádio de futebol. Tendo chegado, em seu auge, a contar com mais de seiscentos integrantes, a Coligay, deixando de ser novidade e não sendo essencial num clube que é democrático de verdade, acabou absorvida pelas demais organizadas ou diluída na torcida (SEBEN, 2010, p.211-212).

[...] nós não temos culpa se os nossos homossexuais (como tudo, no Grêmio) são melhores do que os deles, são torcedores mais fiéis e mais machos do que os torcedores deles de qualquer orientação sexual (*ibidem*, p.212).

Por fim, a Coligay é também lembrada no livro “Heróis de 77: A história do maior campeonato gaúcho de todos os tempos”. O livro tem 64 capítulos, um dos quais dedicado à essa torcida. Baseando-se na obra de Gerchmann, Daniel Rubin (2017), descreve um pouco da trajetória da Coligay, retrata sua performance e destaca sua coragem. O capítulo se encerra com a afirmação:

Porque é o seguinte: você pode ser gay, heterossexual ou transexual; você pode ser cristão, judeu, muçulmano, budista, hindu e até mesmo adepto do Santo Daime; você pode ser de direita, de esquerda ou de centro; você pode ser negro, branco, amarelo e, até mesmo, veja só, pele vermelha; você pode ser tudo isso, porque, se você for gremista, nós iremos acolhê-lo. Com certeza, nós iremos acolhê-lo. Assim como fizemos com a Coligay (RUBIN, 2017, p.70).

Tendo escrito sua obra após Gerchmann, não gera surpresa a presença da Coligay no livro. Cabe destacar que seu discurso, alinhado ao do jornalista, também dá ênfase ao acolhimento do Grêmio à Coligay, justificado pela ideia de que o gremismo se sobrepõe a qualquer diferença entre torcedorxs.

Esses exemplos não são representativos da totalidade de livros dedicados ao Grêmio, mas são capazes de apresentar indícios do espaço que a Coligay ocupava/ocupa na memória no clube. Ainda que não possa afirmar que a torcida foi totalmente ignorada ou invisibilizada, é notável que os registros de sua presença são esparsos e sutis.

Além do livro de Léo Gerchmann, outras produções da última década evidenciam um processo de recente rememoração da Coligay. Em 2017, a torcida foi tema do documentário

“Para o que der e vier”, de direção de Pedro Guindani (PARA O QUE DER..., 2016). No filme, são apresentados relatos acerca da torcida por entrevistados com diferentes aproximações com a mesma, entre os quais o líder do grupo Volmar Santos, o ex-presidente do Grêmio Hélio Dourado, o jornalista Léo Gerchmann, os ex-jogadores Tarciso e Alcindo, o pesquisador Gustavo Bandeira, entre outros. O filme foi exibido na TVE/RS²²¹, além de integrar o ciclo de cinema “Imagens em Movimento”²²², organizado pelo Centro de Memória do Esporte em parceria com o Museu da UFRGS, onde foi sucedido de um debate sobre a Coligay.

Além dos artefatos culturais, analisei a presença da Coligay em um espaço privilegiado de registro de memórias do Grêmio, o Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt, inaugurado em 2015 e localizado no novo estádio do clube, a Arena do Grêmio. Antes disso, quando a sede do clube e o local em que mandava seus jogos ainda era o Estádio Olímpico, já havia um espaço reservado à memória do clube. Nele, havia uma foto da Coligay inserida junto à uma espécie de cronologia do Grêmio, estando a imagem no período de 1977 a 1983 (SOUZA, 2015; RODRIGUES, 2017; GOLIN, 2015).

A discreta presença – louvável e digna de reconhecimento – em uma foto 18x15cm no Memorial se opõe, no espaço do Museu atual, a um painel com altura superior a dois metros dedicado exclusivamente à Coligay, honraria que não foi oferecida a nenhuma outra torcida. Considero de particular relevância o destaque recebido em um espaço institucional do Grêmio, ação que pode ser interpretada como uma espécie de oficialização da existência da torcida por parte do clube (BANDEIRA, 2017). Mais adiante nesse capítulo, analisarei mais detidamente o conteúdo do painel em questão e o significado dessa ação.

A Coligay também esteve presente em outro espaço institucional, a revista oficial do Grêmio, Imortal Tricolor, na qual a torcida foi tema de uma matéria publicada em 2006. O texto, de autoria de Lúcia Brito, relembra a torcida, destacando sua performance animada, extravagante e bem-humorada, a superação do preconceito dxs mais conservadorxs e o gremismo genuíno de seus/suas integrantxs. Ao final afirma “A Imortal Tricolor decidiu prestar uma homenagem aos corajosos gremistas gays que foram à luta de seu direito de torcer para o time do coração dentro dos estádios” (BRITO, 2006, p.24). A reportagem é ilustrada por uma imagem da torcida em pose para uma foto (ver Figura 24, na sessão 4.1).

²²¹ TV Educativa de Porto Alegre, emissora de televisão afiliada da TV Brasil e TV Cultura e pertence à Fundação Piratini, da Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

²²² O ciclo aconteceu no período de maio de 2017 a maio de 2018 e integrou a programação educativa da exposição Paisagens da Memória: cidade e corpos em movimento.

A realização dessa matéria poderia indicar que o Grêmio desde já tinha o interesse de reconstruir e valorizar a memória da Coligay. Entretanto, ao entrevistar alguns dos responsáveis pelo periódico verifico que esse não era o caso.

A revista Imortal Tricolor era um projeto comercial em parceria com o Grêmio, mas que era produzido integralmente por um conjunto de jornalistas desvinculado da agremiação (BUENO, E., 2017; BUENO, F., 2017). Peninha e Fernando Bueno lideravam essa equipe. Segundo os dois irmãos, apesar de ser um periódico oficial do clube, eles tinham liberdade editorial total.

Ao retratar a decisão de realizar a matéria, Fernando evidencia desde já a intenção de modificar a imagem segregacionista do Grêmio:

Eu me lembro perfeitamente desse assunto. Não vou te dizer que a gente resolveu fazer uma matéria sobre a Coligay pra provocar o Grêmio, mas tava na hora de fazer uma coisa contundente em que mostrasse que o Grêmio sempre foi libertário e inovador, e que de racista o Grêmio não tem merda nenhuma (BUENO, F., 2017, p.6).

A matéria não foi, contudo, bem vista pelo clube. Segundo Peninha descreve, “aquilo deu muito problema no Grêmio, muito, os caras ‘pô como é que é?!’ E a gente bancou e a direção peitou. Fábio Koff disse ‘não, vai ter’ e teve” (BUENO, E., 2017, p.39). Ele afirma que as pautas da publicação eram definidas pela equipe da revista, toda composta por torcedores do clube, e não dependiam de consulta prévia à direção do Grêmio.

[...] a gente acima de tudo, que é o que interessa, é gremista e com discernimento, com visão jornalística e com conhecimento da história do Grêmio, então chegamos assim ó “isso aqui vai estar aqui” e colocamos e aí depois de posto é que os caras “porra, uma revista oficial do Grêmio falar da Coligay?!” e aí chamaram o meu irmão numa cúpula ali para reclamar e se fuderam (BUENO, E., 2017, p.41)

O irmão, Fernando, relata sobre o encontro em questão:

Quando a gente disse que ia fazer seis páginas²²³ da Coligay teve um “huuumm”, mais ou menos assim. Não foi uma histeria. E aí veladamente chegou um aviso assim ó: “Olha, o Grêmio não gostaria”. Isso aí disseram para as pessoas erradas, disseram pros Bueno. “Ah, é? Vocês não gostam? Então agora nós vamos fazer mesmo”. E eu tive uma conversa com a diretoria do Grêmio dizendo o seguinte: “Bom. Primeiro, em 1974, quando dar o cu ou ter um comportamento homossexual era quase crime de código penal, era crime de comportamento e tinha uma repressão fodida, nós estávamos no meio ditadura, no meio da ditadura, o Grêmio teve uma torcida gay espetacular, espetacular. Agora, quando é crime discriminar se o cara dá o rabo ou não dá,

²²³ Diferentemente da recordação de Fernando, a matéria publicada teve duas páginas, uma de texto e uma com uma foto da torcida.

se é homossexual ou não é homossexual, quando Hollywood faz filme sobre cowboy gay, quando no Congresso tem gay, na Câmara dos Deputados tem gay, na Câmara dos Vereadores tem gay e no Conselho do Grêmio tem gay, o Grêmio vai dizer que não vai fazer uma matéria sobre a Coligay?! Menos, né? Está na época errada, está na época errada!” Não precisei dizer mais nada né? “Ou vou sugerir então, quem sabe tu faz uma matéria sobre os gays do Grêmio, que não foram os torcedores, pegamos aí o Conselho. Não preciso dizer quem é, mas eu sei que tem”. “Faz sobre a Coligay! Para de encher o saco, faz a matéria sobre a Coligay”. Foi isso, a manifestação é essa, não teve nada assim de “estão proibidos de escrever sobre a Coligay”; “você não vão me falar sobre a Coligay”, houve um questionamento “por que a Coligay?”, “porque a Coligay foi inovadora cara, a Coligay teve avante do seu tempo” (BUENO, F., 2017, p.7-8).

Assim, ainda que a cúpula gremista tenha cedido²²⁴, a manifestação de desgosto e a declaração clara de que não gostariam que a Coligay fosse tema em uma mídia oficial do clube demonstram que, naquele momento, o clube ainda desejava manter a torcida esquecida.

Além do silenciamento evidenciado nos artefatos culturais, também na memória de muitos torcedores é verificado um esforço de apagamento (BANDEIRA, 2017; BANDEIRA; SEFFNER, 2017). “Em alguma medida, ela se construiu como tema proibido dentro da torcida do Grêmio e uma das formas mais legítimas de se relacionar com a histórica torcida é não conhecê-la” (BANDEIRA, 2017, p.292). Diogo Olivier afirma que a Coligay era “uma coisa, assim, pra ser escondida” e indica também sua percepção de uma invisibilidade em termos de registros históricos: “Tanto que nunca tinham feito nada, livro, que eu me lembre pelo menos, artigos, que falasse disso mais abertamente. [...] “Não, imagina, dizer que tem viado num time de futebol” [falando com uma voz diferente]” (OLIVIER, 2016, p.7).

Bandeira e Seffner (2017) indicam, ainda, como sinal de invisibilidade da Coligay, o fato dela não ter sido mencionada em duas pesquisas de mestrado, uma sobre masculinidades em estádios de futebol empreendida junto a torcedores do Grêmio e do Internacional (BANDEIRA, 2009) e outra sobre pertencimento clubístico em torcedores do Grêmio (DAMO, 1998). Destaco que ambas as investigações empreenderam etnografias nas quais observaram torcedores durante as partidas das referidas equipes, em 2008 na primeira delas e em 1996 na segunda. Dados os temas das pesquisas, se a Coligay fosse tema recorrente em cânticos, xingamentos e jocosidades nos estádios dificilmente os autores não teriam registrado tal questão. Esse dado indica, assim, não apenas o apagamento da Coligay no universo gremista, mas também entre seus rivais colorados.

²²⁴ Eduardo menciona que a Diretoria dificilmente imporá sua vontade contra os irmãos Bueno, diante de possíveis reações dos dois que trariam ainda mais repercussão do que a matéria. Ele explica a preocupação dos dirigentes: “primeiro um louco [riso], segundo o Peninha, famoso, mídia... Imagina o escândalo, porque eu ia fazer escândalo, eu ia fazer escândalo, pelo Grêmio, não só pela coisa...” (BUENO, E., 2017, p.42).

A efetividade desse processo de ocultação se evidencia no desconhecimento da existência da torcida por parte de alguns gremistas mais jovens, que não a viram em atividade, fato evidenciado por Bandeira (2017).

Dentro do dispositivo pedagógico dos estádios de futebol, a Coligay acabou ocupando um lugar de destaque. O lugar do apagamento, do desconhecimento, da ignorância. Talvez um dos conteúdos mais significativos para as masculinidades nos estádios de futebol tenha sido, justamente, esse não conhecimento da existência da Coligay (BANDEIRA; SEFFNER, 2017, p.4).

Considerando o panorama exposto, sintetizo o argumento que, se em 1977 a Coligay encontrou condições para sua existência, parece-me que nos últimos anos ela encontrou possibilidades para ser lembrada. Com isso, defendo que tanto o surgimento dessa torcida quanto a recente ampliação dos espaços de registro e divulgação da sua história são fruto do encontro entre certos sujeitos e certas circunstâncias. Ademais, aponto que as narrativas contemporâneas acerca desse grupo produzem uma existência em muitos aspectos ressignificada, aspecto que defenderei mais adiante.

No próximo item, volto-me para episódios recentes nos quais a homossexualidade ou a homofobia no futebol ganharam atenção, tomando como evidências disso sua repercussão no espaço midiático. Tais fatos e seus desdobramentos são indicativos desse contexto diferenciado em que localizo uma maior permissividade ao ressurgimento da Coligay. Cabe pontuar que, em algumas dessas matérias, a Coligay é citada, fazendo com que esses textos sirvam, também, como vetores do processo de rememoração desse coletivo

5.2 CAMINHOS PARA O RESSURGIMENTO DAS MEMÓRIAS DA COLIGAY

Esse subcapítulo está dividido em duas sessões. Na primeira, apresento um conjunto de acontecimentos recentes ocorridos no futebol brasileiro e que permeiam os temas homossexualidades, diversidade sexual e homofobia/LGBTfobia. Sem o intuito de contemplar a profusão de fatos ocorridos, viso demonstrar como essas questões passaram a estar mais presentes tanto em ações institucionais, quanto na mídia. Na segunda, a partir de quatro dimensões - militância, mercado, mídia e esporte – busco sinalizar um processo mais amplo de conquista de acesso a espaços e direitos e de visibilidade de sujeitos LGBTs na sociedade brasileira, ainda que pautada por muitos obstáculos.

5.2.1 As discussões recentes acerca da homossexualidade e da homofobia no futebol brasileiro

Parece-me notável como, nos últimos anos, processos inerentes a participação de sujeitos LGBTs têm se tornado um tópico de análise e discussão no universo do esporte, e mais especificamente no futebol. Torcidas, jogadores, clubes e federações, que durante décadas ignoraram a existência de tais sujeitos – e mesmo contribuíram com sua invisibilidade – têm sido convocados a responder e agir sobre alguns dos processos que os mantêm à margem, com destaque para as manifestações homofóbicas, mas não apenas.

Voltando-me ao contexto específico do futebol, uma questão que tem sido debatida e problematizada em diferentes matérias jornalísticas²²⁵ é o hábito que se tornou recorrente a partir de 2014 em torcidas de diversos clubes brasileiros de gritar “Oooooohhhh...Bicha!” no momento do tiro de meta da equipe adversária. Se o grito de “bicha” não chega a ser uma novidade nas arquibancadas, o grito uníssono da multidão que essa manifestação produz, chamou atenção da mídia esportiva.

É interessante apontar que semelhante manifestação coletiva foi proferida em 2011, em um ginásio de voleibol, contra o jogador Michael. Apesar de tratar-se de um outro esporte, a comparação é pertinente sobretudo porque o Vôlei Futuro, equipe na qual atuava Michael, jogava contra o Sada Cruzeiro, clube de tradição no futebol nacional. Nos jogos da equipe era (e é) comum, então, a presença de camisas e bandeiras que faziam referência ao esporte bretão, além de cânticos comumente entoados nos estádios. Em trabalho no qual analisei a repercussão midiática deste episódio nos sites dos jornais Estado de Minas, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo (ANJOS, 2014a), verifiquei que as matérias não se prestam a problematizar ou analisar a questão sob uma perspectiva de sexualidade e/ou gênero, e algumas delas nem mesmo afirmam ter sido aquele um ato de preconceito, identificando o ocorrido como uma **denúncia** ou **acusação** de homofobia pelo clube paulista. Também não houve consenso entre os clubes: enquanto o Vôlei Futuro protestou contra o ocorrido, o Sada Cruzeiro refutou as afirmações, ainda que tenha tentado banir a repetição do ocorrido em partida seguinte.

²²⁵ Entre inúmeros textos disponíveis, cito como exemplos: <<http://torcedores.uol.com.br/noticias/2015/05/todo-goleiro-e-bicha>>; <http://www.goal.com/br/news/7038/an%C3%A1lises/2015/04/23/11068282/opini%C3%A3o-%C3%B4%C3%B4%C3%B4-bicha-uma-heran%C3%A7a-maldita-da-copa>>; <<https://medium.com/puntero-izquierdo/bicha-a-homofobia-no-futebol-como-legado-da-copa-9cbe4bc18df2>>; <<http://espnfc.espn.uol.com.br/santos/eu-vim-de-santos/14931-o-que-homossexuais-que-frequentam-estadios-pensam-da-quele-grito-no-tiro-de-meta>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

Dado o tema da pesquisa, é relevante pontuar que o episódio motivou a Revista ESPN a publicar, no mês seguinte, uma entrevista com Volmar Santos, idealizador da Coligay, na qual ele avalia as manifestações dos torcedores contra Michael e relembra suas experiências junto à torcida que liderou²²⁶.

Em oposição ao tratamento dado às manifestações contra Michael, nas reportagens que abordam o “Oooooohhhh...Bicha!” dos estádios de futebol, os gritos são amplamente taxados como homofóbicos. Mais do que isso, a problematização provocada chegou, inclusive, a fazer com que alguns clubes e torcidas se posicionassem contra o grito. O Rio Claro²²⁷, do interior de São Paulo, no primeiro semestre de 2017, lançou uma campanha contra a homofobia, exibindo faixas nas arquibancadas e distribuindo panfletos educativos, além de manifestar publicamente a posição assumida com relação ao tema²²⁸. Já a torcida organizada do Paysandu²²⁹, Banda Alma Celeste emitiu uma nota oficial anunciando que excluiu de seu repertório cânticos de teor homofóbico²³⁰.

Essa torcida acabou protagonizando outro episódio referente à temática pouco tempo depois. Em um confronto contra o Santos²³¹, válido pela Copa do Brasil, a pedido do governo do estado do Pará, que patrocina seu campeonato estadual e já tinha feito uma ação de combate aos preconceitos na final da competição local dias antes²³², o grupo estendeu junto a seus torcedores, na arquibancada, uma bandeira contendo o arco-íris, símbolo LGBT²³³. Desgostosa do gesto, membros de outra torcida organizada do Paysandu, a Terror Bicolor, agrediram integrantes da Alma Celeste como forma de represália. Dada a motivação da briga, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) denunciou o Paysandu por não garantir prevenção ou repressão a desordens (artigo 213), mas também por praticar atos discriminatórios (artigo 243-

²²⁶ Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/190329_ate-torcedores-do-inter-tentaram-entrar-relembra-fundador-da-primeira-torcida-gay-do-gremio>. Acesso em: 27 mar. 2018.

²²⁷ Rio Claro Futebol Clube, de Rio Claro (SP).

²²⁸ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/30/deportes/1490911021_319029.html?rel=mas>. Acesso em: 28 ago. 2017.

²²⁹ Paysandu Sport Club, de Belém (PA).

²³⁰ Nota disponível em: <<https://www.facebook.com/search/top/?q=alma%20celeste%20paysandu>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

²³¹ Santos Futebol Clube

²³² A ação consistiu na entrada dos atletas de Remo e Paysandu, equipes finalistas, com camisetas com o slogan da campanha do Governo do Pará contra a LGBTfobia: “Diversidade. Eu respeito e você?”, além da entrada no gramado de uma bandeira do arco-íris.

²³³ Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/05/18/torcida-se-desculpa-por-chamar-rival-de-gay-e-abre-bandeira-lgbt-em-estadio.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

G)²³⁴. Entretanto, ao fim do processo, o clube foi absolvido²³⁵. Cabe destacar que a acusação ao Paysandu foi o primeiro caso de denúncia por homofobia feito a um clube de futebol no Brasil²³⁶.

Outro acontecimento que gerou repercussão na imprensa²³⁷ foi o surgimento de comunidades no *Facebook* autointituladas “torcidas *queer*” ou “torcidas livres”, como Galo *Queer*, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre, Grêmio *Queer*, Queerlorado²³⁸. Tais grupos surgiram em sua maioria ao longo do ano de 2014 e são compostos por torcedores de um mesmo clube interessados em se posicionarem contra manifestações machistas e homofóbicas no contexto do futebol. No espaço virtual que ocupam, são divulgados conteúdos próprios ou de terceiros (textos opinativos e matérias jornalísticas) relacionados ao seu clube e ao combate à homofobia e, também, a outras formas de preconceito como o machismo e o racismo, por exemplo. Ameaças e hostilidades geraram receio nxs integrantes desses grupos de levar suas manifestações para os estádios (PINTO, 2014), mas elxs continuam manifestando-se no espaço virtual, contribuindo para a circulação e produção de reflexões sobre o tema.

Em 2017, houve outro fato digno de nota. Na data de comemoração do Dia do Orgulho LGBT, 28 de junho, alguns clubes de grande expressão do país fizeram homenagens em suas mídias oficiais à essa parcela de seus torcedores. Fazendo uma busca entre as agremiações que integram as Séries A e B do Campeonato Brasileiro do ano em questão identifiquei ações de Avaí²³⁹, Bahia²⁴⁰, Flamengo, Grêmio e Internacional, ilustradas na imagem abaixo:

²³⁴ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/07/1901430-apos-brigas-entre-torcidas-paysandu-e-denunciado-por-homofobia-no-stjd.shtml>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

²³⁵ Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-b/ultimas-noticias/2017/07/19/paysandu-e-absolvido-pelo-stjd-de-acusacao-de-homofobia.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

²³⁶ Fato informado em diversos veículos de comunicação, entre os quais: <https://globoesporte.globo.com/pa/futebol/times/paysandu/noticia/paysandu-e-o-primeiro-clube-denunciado-por-discriminacao-homofobica-no-futebol.ghtml>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²³⁷ Exemplos de matérias que trataram desses grupos estão disponíveis em: <<http://www.ebc.com.br/esportes/2013/04/torcidas-organizadas-gays-usam-redes-sociais-para-enfrentar-preconceito-no-futebol>>; <http://espn.uol.com.br/noticia/323162_apos-sucesso-da-galo-queer-torcidas-contraintolerancia-ganham-espaco>; <<http://globoesporte.globo.com/mg/noticia/2013/04/torcedores-de-galo-e-cruzeiro-criam-paginas-contrahomofobia-e-sexismo.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

²³⁸ Torcidas dos clubes: Clube Atlético Mineiro (MG), Cruzeiro Esporte Clube (MG), São Paulo Futebol Clube (SP), Sociedade Esportiva Palmeiras (SP), Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (RS) e Sport Club Internacional (RS), respectivamente.

²³⁹ Avaí Futebol Clube, de Florianópolis (SC).

²⁴⁰ Esporte Clube Bahia, de Salvador (BA).

Figura 30 - Imagens veiculadas por clubes da Série A e B no Dia do Orgulho LGBT, em 2017



Fonte: Produção da autora a partir da página oficial do *Facebook* dos clubes.

Cabe destacar que já no mês anterior, por ocasião do Dia internacional contra a Homofobia, Bifobia e Transfobia, 17 de maio, durante partida válida pela Copa do Brasil contra o Fluminense Football Club, o Grêmio exibiu nas costas do seu uniforme a frase “Diversidade nos fortalece”²⁴¹. Além disso, a Grêmio Rádio Umbro – rádio institucional do clube – transmitiu trechos de entrevistas com os jornalistas Léo Gerchmann, autor do livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores”, e Eduardo Bueno (Peninha), autor de reportagem sobre a torcida publicada no jornal Zero Hora, em 1977²⁴². Ambas as ações foram noticiadas também no **Guia da Partida**²⁴³ do jogo seguinte, entre Grêmio e Zamora Fútbol Club, pela Copa Libertadores da América (BANDEIRA; 2017; BANDEIRA; SEFFNER, 2017).

Ademais, ao longo do mês de junho, considerado também o Mês do Orgulho LGBT, foi veiculada no canal de televisão ESPN uma série intitulada “Futebol fora do armário”²⁴⁴. No

²⁴¹ Noticiado em: <<http://www.gremio.net/news/view.aspx?id=20418&language=0>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

²⁴² BUENO, Eduardo. Coligay: Grêmio está recendo um incentivo diferente. Zero Hora, Porto Alegre, p.44-45, 06 mai. 1977.

²⁴³ Material de divulgação das partidas disputadas pelo Grêmio na Arena distribuído no interior do estádio. O impresso conta com reportagens sobre o cotidiano do clube, campanhas institucionais, estatísticas etc.

²⁴⁴ A série de três reportagens está disponível em: <http://espn.uol.com.br/video/706248_o-futebol-saiu-do-armario-a-homofobia-e-a-dificuldade-de-assumir-a-sexualidade-no-esporte-veja-a-1-reportagem-da-serie>; <http://espn.uol.com.br/video/706513_futebol-fora-do-armario-torcedores-lgbt-ainda-nao-pertencem-ao-ambiente-dos-estadios-veja-a-2-reportagem-da-serie>; <http://espn.uol.com.br/video/706758_futebol-fora-do-armario-nos-campos-de-pelada-o-futebol-lgbt-ja-e-realidade-veja-a-reportagem-final-da-serie>. Acesso em: 11 jul. 2017.

primeiro episódio, intitulado “Tabu nos vestiários” foi abordada a dificuldade de jogadores de futebol gays assumirem-se publicamente no Brasil; no segundo, “Torcidas livres” o foco foram as experiências de torcedorxs LGBTQs, demonstrando seus constantes receios, além de estratégias individuais e coletivas de resistência; o terceiro, “Orgulho Futebol Clube” tratou de equipes de futebol compostas por LGBTQs, formadas como forma de escaparem da discriminação sofrida em outros times.

No mês seguinte, outro canal televisivo, o SporTV, realizou iniciativa similar veiculando uma série de reportagens intitulada “Homofobia no Futebol”²⁴⁵. Na primeira delas, foi abordada a homofobia nos estádios, com depoimentos de torcedorxs que deixaram de frequentá-los por terem sido discriminados e outrxs que continuam indo, mas temem assumir-se. Na segunda, o tema foi a trajetória da Coligay. E a última, assim como a reportagem da ESPN, tratou de equipes formadas por LGBTQs.

Em texto publicado em seu blog²⁴⁶, a jornalista Gabriela Moreira, responsável pelas vídeo-reportagens da ESPN, relatou que a maioria dos clubes procurados no momento de sua produção informou que preferia não se manifestar sob o argumento do intenso machismo ainda presente no futebol, ainda que os próprios clubes tenham declarado não serem eles mesmos preconceituosos (MOREIRA, 2017). A jornalista relata, ainda, que outras agremiações chegaram a discutir a veiculação de peças publicitárias, mas não levaram a ideia adiante, como narra:

Em conversas com assessores, empresários, jogadores e publicitários durante a produção da série de reportagens, soubemos de clubes nos quais ideias de ações como essa do Flamengo foram levadas para as diretorias, VPs, CEOs desse futebol que se diz moderno, mas o assunto fora engavetado, geralmente depois de longas risadas e interrupções para piadas de arquibancada (MOREIRA, 2017, s.p.).

Ponto que os “times LGBTQ” mencionados nas séries das duas emissoras também ganharam notoriedade em muitas outras reportagens na mídia televisiva e impressa, o que, inclusive, contribuiu para que novos grupos fossem formados em diferentes cidades brasileiras (ANJOS; SILVA JÚNIOR, 2018). Eles, também, se articularam e constituíram uma associação entre os coletivos, a Ligay. Por meio dela, promoveram duas edições de um campeonato

²⁴⁵ A série de três reportagens está disponível em: <<http://sportv.globo.com/ta-na-area/videos/v/homofobia-no-futebol-gritos-homofobicos-a-adversarios-ganham-cada-vez-mais-espaco/6013705/>>; <<http://sportv.globo.com/ta-na-area/videos/v/homofobia-no-futebol-serie-mostra-como-torcedores-reagem-ao-preconceito-no-esporte/6029814/>>; <<http://sportv.globo.com/videos/ta-na-area/t/ultimos/v/homofobia-no-futebol-confira-o-terceiro-episodio-da-serie/6045956/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

²⁴⁶ Disponível em: <<http://espn.uol.com.br/blogs/gabrielamoreira>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

nomeado de Champions Ligay de Futebol. A primeira contou com oito equipes participantes e ocorreu em novembro de 2017, no Rio de Janeiro²⁴⁷, enquanto a segunda ampliou para 12 o número de equipes (de oito estados brasileiros diferentes), tendo sido realizada em abril de 2018, em Porto Alegre²⁴⁸. Tais equipes também participaram das duas primeiras edições da Taça Hornet da Diversidade, em 2017 e 2018, a qual é vinculada ao calendário oficial das comemorações da Parada do Orgulho LGBTI+ de São Paulo e dos Jogos da Diversidade²⁴⁹.

É relevante, ainda, mencionar algumas ações recentes realizadas em tradicionais estádios brasileiros, promovidas por seus Museus. Motivados pelo tema da Semana dos Museus “Museus e Histórias Controversas: dizer o indizível em museus”²⁵⁰, em maio de 2017, o Museu Brasileiro do Futebol, localizado no Mineirão (MG), e o Museu do Futebol, sediado no Estádio Pacaembu (SP), realizaram ações nas quais incluíram discussões acerca de pessoas LGBTs no futebol. Em Minas Gerais, foram realizadas quatro mesas redondas sob o tema “Controvérsias e o Indizível no Futebol: machismo, homofobia e racismo”, uma das quais voltada à discussão da diversidade sexual no futebol²⁵¹. Já em São Paulo, foi promovido um encontro²⁵² nomeado de “Violências Indizíveis”. Nele, reuniaram-se membros de coletivos de torcedorxs, pesquisadorxs, atletas gays e trans, além de outros representantes da sociedade civil para refletir sobre a representação ou não dos grupos LGBTs no futebol e no próprio Museu do Futebol.

Outras ações do Museu do Futebol merecem ser lembradas. Em junho do mesmo ano, foi promovido um bate-papo com intitulado “Esportes nos grupos LGBT - Como tornar o esporte mais inclusivo?”²⁵³. Já o Festival Ocupa Pacaembu, uma intervenção artística, cultural, esportiva no estádio paulistano, contou com a presença de equipes LGBTs, sendo que o time de homens trans Meninos Bons de Bola foi homenageado na ocasião, pela comemoração de seu primeiro ano de existência²⁵⁴. E, ainda, por meio de uma parceria com o pesquisador Maurício

²⁴⁷ Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/respeito-tolerancia-e-equipe-afeminada-campea-marcam-a-champions-ligay.ghtml>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

²⁴⁸ Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/04/porto-alegre-recebe-a-champions-ligay-campeonato-brasileiro-de-futebol-gay-cjfx0qlkq01xz01tg6zzw8g3i.html>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

²⁴⁹ Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/agenda-de-eventos/2a-taca-hornet-de-futebol-da-diversidade-2018/>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

²⁵⁰ A Semana de Museus é um evento coordenado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) a partir de tema proposto anualmente pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) para celebrar o Dia Internacional de Museus (18 de maio).

²⁵¹ Disponível em: <<http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/imprensa/noticias/mbf-discute-na-semana-de-museus-os-silencios-no-futebol/>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

²⁵² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oE2i2ssv5BI>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

²⁵³ Disponível em: <https://www.museudofutebol.org.br/evento/bate-papo-esportes-nos-grupos-lgbt>. Acesso em: 11 jul. 2018.

²⁵⁴ Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/ocupa-pacaembu/>>; <<https://medium.com/ocontra-ataque/festival-ocupa-pacaembu-luta-por-diversidade-f9008a58325d>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

Rodrigues Pinto, foram realizadas entrevistas de histórias de vida de representantes de movimentos e coletivos de torcedorxs que reivindicam o direito de serem reconhecidos como tal, confrontando a homofobia e o machismo presente nos espaços do futebol. Reunidas no projeto “Pelo Direito de Torcer”, vídeos e transcrições das entrevistas estão disponibilizadas no acervo virtual do Museu.

O Mineirão, por sua vez, também promoveu algumas iniciativas. No dia 28 de junho de 2017, em função da comemoração do Dia Internacional do Orgulho LGBT, a fachada do estádio foi iluminada com as cores do arco-íris²⁵⁵. No ano seguinte, a mesma data foi celebrada com a realização de três casamentos, um entre homens, um entre mulheres e um entre um homem trans e uma mulher cis²⁵⁶. No mesmo mês ocorreu, ainda, no gramado do estádio, uma comemoração do aniversário do Bhabixas, time gay da capital mineira²⁵⁷. O evento envolveu uma série de atrações, com destaque a um amistoso disputado entre o Bhabixas e um combinado de jogadores de outros times gays do Brasil²⁵⁸.

Por fim, menciono uma última notícia relacionada à homossexualidade que ganhou repercussão nas mídias em 2017. Um vídeo de 11 segundos no qual três jogadores do Sport Club Gaúcho, de Passo Fundo, envolvem-se em práticas de masturbação e sexo oral entre si no vestiário foi compartilhado virtualmente. Gilmar Rossi, presidente do clube em questão, rapidamente tomou a decisão de desligar os atletas sob a alegação de que houve atitude anti-profissional por parte dos jogadores, visto que eles estavam em seu ambiente de trabalho²⁵⁹.

Meu esforço em narrar esse conjunto de manifestações referentes à homossexualidade e/ou homofobia no futebol – o qual não pretende se apresentar como um levantamento de sua totalidade – tem como principal intuito evidenciar tanto o crescimento de ações no meio futebolístico voltadas à LGBTs, quanto a maior visibilidade midiática sobre esse tópico, os quais indicam condições permeáveis a um ressurgimento da Coligay na memória do Grêmio e

²⁵⁵ Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/as-cores-do-arco-iris-iluminaram-o-mineirao-no-dia-internacional-do-orgulho-lgbt/>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

²⁵⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/mineirao-comemora-o-dia-internacional-do-orgulho-lgbt-com-casamentos.ghtml>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

²⁵⁷ A definição do Bhabixas como um time gay é feita por um de seus diretores, Gustavo Mendes (ANJOS; SILVA JUNIOR, 2018).

²⁵⁸ Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2018/06/05/noticia_futebol_nacional,476718/time-gay-de-bh-comemora-aniversario-com-amistoso-no-mineirao.shtml>. Acesso em: 19 jun. 2018.

²⁵⁹ Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/07/04/video-de-masturbacao-coletiva-em-vestiario-tira-emprego-de-atletas-no-rs.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

O episódio e seus desdobramentos permitem questionamentos, discussões e problematizações, que não cabem, contudo, ao escopo desse trabalho.

de seus torcedores. Diante da especificidade de cada caso, não houve, assim a intenção de analisá-los e problematizá-los.

Cabe registrar, também, a recorrência na qual a Coligay é citada em reportagens mais longas, nas quais os episódios citados motivam uma discussão mais ampla acerca da homossexualidade no futebol.

Se, por um lado, não é possível identificar de forma assertiva os motivos que possibilitaram a mudança no tratamento da questão da homossexualidade e da homofobia no futebol, considero importante apresentar, ainda que sucintamente, aspectos do contexto recente que contribuíram para tal deslocamento. Para isso, no próximo item, volto-me para o cenário mais amplo de transformações no que tange à vida da população LGBT no Brasil nesse período, com foco nas conquistas referentes à visibilidade. Discuto esse processo a partir de quatro focos: militância, mercado, mídia e, enfim, esporte.

5.2.2 A conquista de direitos, espaços e visibilidade por LGBTs

Dado o recente ressurgimento das memórias da Coligay e a percepção de que esse fato (ou conjunto de fatos) se insere em um cenário de maior atenção à baixa presença (explícita/reconhecida) e à invisibilidade de LGBTs no futebol, assim como de desnaturalização contra o preconceito e as violências à elxs direcionado, parece-me importante situar algumas das mudanças sociais mais amplas no que tange à vida de sujeitos cujas identidades ou performances de gênero lhes colocam à margem da sociedade cisheteronormativa. Dado o objeto dessa pesquisa, meus apontamentos têm como início a década de 1970.

No final da década de 1970 inicia-se a organização do movimento de militância homossexual brasileiro (FACCHINI, 2003). Tomo aqui sua atuação – depois ampliada para outras identidades – como fundamental para uma série de mudanças sociais e políticas para a vida de pessoas cuja sigla LGBT busca contemplar. Antes desse momento, já havia grupos de homossexuais, contudo com ações voltadas centralmente à sociabilidade dos integrantes. Realizavam festas e concursos de miss, produziam e distribuíaam jornais artesanais, geralmente de forma clandestina e tendo como objetivo central a diversão daquele coletivo (MACRAE, 1990).

Em 1978, surge um jornal de circulação nacional que trata abertamente da homossexualidade, o *Lampião da Esquina*, cuja contribuição foi notória para a articulação das primeiras iniciativas dos movimentos homossexuais (GREEN, 2000; FACCHINI, 2003;

ROSA, 2010; TREVISAN, 2011). Cabe citar que muitos periódicos voltados ao público homossexual o antecederam, sendo distribuídos durante a década de 1960. Tais publicações, contudo, não tinham um caráter crítico ou político, basicamente tratavam de amenidades e eventos sociais, além de apresentar acontecimentos culturais e sessões de classificados (RODRIGUES, 2014; GREEN, 2000).

Também durante a década de 1970, alguns jornais da grande imprensa passaram a ter colunas sociais gays como, por exemplo, “Tudo Entendido”, de Fernando Moreno, na Gazeta de Notícias, “Guei”, de Glorinha Pereira, no Correio de Copacabana e a “Coluna do Meio”, de Celso Curi, na Última Hora (RODRIGUES, 2014).

Meses após o surgimento do Lampião, é formado – segundo alguns estudiosos²⁶⁰ – o primeiro grupo do movimento homossexual brasileiro: o “SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual” (SOMOS), de São Paulo. Ele foi fundado por estudantes, artistas e intelectuais homossexuais. Inicialmente composto apenas por homens, reunia-se semanalmente com o objetivo de trazer ao Brasil do final do regime militar as discussões sobre a sexualidade, que já há algum tempo existiam nos Estados Unidos e na Europa, de forma a tornar a homossexualidade algo visível à sociedade brasileira, tida como conservadora e preconceituosa (FACCHINI, 2003). A partir da iniciativa pioneira, não tardou a criação de outros grupos como o Eros e o Libertos, de Guarulhos (SP), o Beijo Livre, de Brasília (DF), 3º ato, de Belo Horizonte (MG), o Grupo de Afirmação Gay e o Auê, do Rio de Janeiro (RJ) (LUZ, 2011). Na década seguinte, surgiram, ainda, o Grupo Gay da Bahia, de Salvador (BA), o Grupo de Atuação Sexual, de Recife e Olinda (PE), o Triângulo Rosa e o Atobá, do Rio de Janeiro (RJ) (SIMÕES; FACCHINI, 2009).

No SOMOS, e em grupos que surgiram posteriormente, é marcante a presença de intelectuais exilados da ditadura que traziam, de sua experiência no exterior, inquietações políticas feministas, sexuais, ecológicas e raciais que então circulavam nos países nos quais encontraram abrigo (LOPES, 2002).

A visibilidade e aceitação crescentes da homossexualidade na sociedade brasileira são, então, fortemente abaladas pela disseminação da epidemia da aids que se inicia na década de 1980. Sendo chamada de o câncer gay, a doença renovou a homofobia, antes aparentemente abrandada pela militância homossexual (LOURO, 2001).

²⁶⁰ Entre eles: MacRae (1990), Green (2000), Facchini (2003) e Trevisan (2011).

Possivelmente em função dessa epidemia, houve, nesse período, uma notável diminuição do número de grupos ativistas brasileiros²⁶¹. Para Facchini (2003), a aids pode ter funcionado tanto como um fator desmobilizador das propostas de liberação sexual como, também, pode ter provocado o deslocamento de lideranças que passaram a focar no combate à epidemia²⁶².

Por outro lado, Miskolci (2011) destaca que o impacto da disseminação da doença, em meio ao processo de redemocratização do país, possibilitou a aproximação do então Movimento Homossexual Brasileiro com o Estado e a Academia, “criando um ambiente mais acolhedor às demandas dos movimentos sociais e uma sensibilidade para a urgência instaurada pela epidemia” (p.40).

No início da década de 1990, ocorre uma retomada das iniciativas militantes, com maior presença na mídia, vinculação a redes e associações internacionais de defesa de direitos humanos, ações junto a parlamentares reivindicando direitos por meio de projetos de lei, organização de grupos e associações, e eventos de rua (FACCHINI, 2003). Miskolci (2011) afirma, ainda, que a experiência de aproximação entre Movimento, Estado e Academia também passou a se fazer presente em políticas de outras áreas da saúde e, também, da educação, cultura e do reconhecimento de direitos.

Como conquistas obtidas junto ao Estado já nos anos 2000, destaco o programa “Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT e de Promoção da Cidadania Homossexual”²⁶³, lançado em maio de 2004. Sua implementação desdobrou-se, entre outras ações, na realização de três conferências nacionais voltados aos

²⁶¹ James Green (2000) cita outros fatores que poderiam ter contribuído para esse declínio: o crescimento da inflação e do desemprego como fator que dificultaria a mobilização dos ativistas; a falsa ideia de que em tempos democráticos os direitos civis dos homossexuais poderiam expandir-se mais facilmente; o espaço dado para a homossexualidade em meios de comunicação comerciais e a expansão de um mercado voltado para homossexuais produzindo uma ilusão de liberdade e de que a organização política não era necessária. Facchini (2003) acrescenta que os movimentos parecem não ter conseguido se adaptar a um ideal e estilo de militância coerente com o período democrático após o fim da ditadura. Ela identifica como características dos grupos que se mantiveram ativos no período: o caráter formal e institucionalizado, afastando-se do perfil comunitário; a formulação de estratégias de ação mais pragmáticas, focadas exclusivamente na causa gay e não em uma transformação social mais ampla.

²⁶² Trevisan (2011) e Facchini (2003) apontam que outros grupos conjugaram a luta pela legitimidade da homossexualidade e o combate à epidemia, desenvolvendo um novo tipo de militância gay.

²⁶³ Entre suas ações destacam-se: “(i) as que visam capacitar o Estado, especialmente instituições escolares, policiais, judiciais, de saúde e de fiscalização do trabalho, a atuar de modo não discriminatório, seja através da mudança de suas práticas, seja através da criação de novos dispositivos, como Disque Denúncia e centros de referência nas secretarias estaduais de segurança pública; (ii) o incentivo à participação de lideranças do movimento nos diferentes conselhos e mecanismos de controle social do governo federal; (iii) a produção de conhecimento sobre violência e discriminação homofóbica e sobre as condições de saúde de gays, lésbicas, travestis e transexuais; e, finalmente, (iv) o apoio a iniciativas brasileiras no plano internacional no sentido do reconhecimento e proteção dos direitos LGBT e à criação de uma Convenção Interamericana de Direitos Sexuais e Reprodutivo” (CARRARA, 2010, p.140).

direitos LGBT (2008, 2011 e 2016)²⁶⁴, no lançamento do 1º Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT (2009), na estruturação do Conselho Nacional de Combate à Discriminação de LGBT (2010) e a formação do Sistema Nacional de Enfrentamentos contra LGBT e Promoção de Direitos (2013).

Atualmente, os limites da política identitária por trás de conquistas institucionais da agenda do Movimento LGBT como o reconhecimento legal de relações afetivo-sexuais, adoção de crianças, direito à adoção do nome social por pessoas trans, a promoção de programas estatais contra a homofobia, entre outros²⁶⁵, têm sido mais debatidos e questionados, sobretudo por estudiosos das Teorias *Queer*, ainda que não apenas (MISKOLCI, 2011; COLLING, 2011).

Nessa direção, Carrara (2010) – que não é um teórico *queer* - elenca alguns “perigos” que mereceriam atenção do movimento LGBT brasileiro. Destaco dois deles. O primeiro é o estabelecimento de “uma nova moralidade sexual, projetando novos sujeitos perigosos ou abjetos em oposição a cidadãos respeitáveis, ou seja, aqueles que merecem, por suas qualificações morais, ser integrados, assimilados à sociedade” (p. 144). O segundo trata da

reificação das identidades sexuais e de gênero em jogo nesse contexto e de seu possível impacto sobre políticas e direitos que, por serem “especiais”, podem acabar sendo mais excludentes que inclusivos. Fechamentos identitários e fragmentação social estão no horizonte, e a naturalização de novas clivagens sociais pode continuar a estabelecer fronteiras intransponíveis: (heterossexuais ou homossexuais, homens ou mulheres, gays ou travestis), fazendo com que a balança penda cada vez mais para um modelo de justiça social baseado no ideal de “iguais, mas separados” (CARRARA, 2010, p.144).

O que busco com esse breve panorama é demonstrar como o desenvolvimento do Movimento LGBT foi capaz de promover um notável avanço nas políticas para a diversidade sexual, ao mesmo tempo que seu amadurecimento – do próprio movimento e dos estudos acadêmicos que o acompanham e tensionam – têm levado à questionamentos sobre suas pautas e estratégias, num processo que busca desconstruir a compactuação com perspectivas binárias e heteronormativas vigentes.

Isso porque, no contexto em que nos encontramos, cada vez mais, a heteronormatividade, enquanto processo, passa a predominar em relação à heterossexualidade

²⁶⁴ Nomeadas respetivamente como Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais; 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais; 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas LGBT.

²⁶⁵ Cabe pontuar que a conquista desses marcos jurídicos não necessariamente garante sua aplicação no cotidiano das pessoas, assim como ocorre com legislações ligadas a outros campos sociais.

compulsória²⁶⁶. Para Miskolci (2009) e Nogueira e Colling (2015), essa mudança de ênfase é iniciada a partir da segunda metade do século XX, sobretudo a partir da despatologização da homossexualidade em 1973²⁶⁷. Para os autores, nesse contexto de emergentes mudanças no que tange tolerância e aceitação, não se exige necessariamente que homossexuais “tornem-se heterossexuais”, mas sim que vivam como eles. Pautas políticas assimilacionistas²⁶⁸ como o casamento gay e a adoção por casais homossexuais inserem-se nesse cenário (MISKOLCI, 2009). E, conforme King (2008) atenta, a adequação ao padrão heteronormativo e a afirmação de seu caráter de normalidade reforçam e ampliam a distância para aqueles ainda mais longe desse lugar de aceitação e respeitabilidade.

À essa reflexão, é necessário considerar, ainda, o papel do mercado na divulgação e representação das homossexualidades, sobretudo a partir da segunda metade da década de 1990²⁶⁹ (FRANÇA, 2012; MISKOLCI, 2011). “Criaram-se modelos para ser gay, lésbica e, mais recentemente, se esboça o mesmo para outras identidades sexuais. Esses modelos ligam-se a uma clara segmentação mercadológica em que muitos não titubeiam afirmar que ‘ser gay é consumir’” (MISKOLCI, 2011, p.50).

A década de 1990 representa um ponto de inflexão, pois é quando o então movimento de Gays, Lésbicas e Travestis (GLT) passa a utilizar estratégias de maior visibilidade, além de promover junto a suas reuniões atividades de lazer e sociabilidade, levando à uma aproximação

²⁶⁶ Cabe pontuar, contudo, que isso não significa que o discurso da heterossexualidade compulsória foi extinto. Basta lembrar o veto às produções do projeto Escola sem homofobia e o amplo número de assassinatos a sujeitos LGBT, por exemplo, sem mencionar o fato de que ainda há países nos quais a homossexualidade é um crime. Fica claro, assim, que a análise dos autores com relação a modificação – da heterossexualidade compulsória para a heteronormatividade –, ainda que pertinente, não pode ser generalizada. Além disso, a despatologização no discurso das instituições médicas não impediu que continuassem a circular discursos que reafirmem a heterossexualidade como a única vivência possível e sadia da sexualidade, mesmo em países nos quais a ideia de respeito às diferenças predomina.

²⁶⁷ Considero aqui como despatologização a retirada da homossexualidade da lista de transtornos mentais ou emocionais da Associação Americana de Psiquiatria. A partir desse marco, outras instituições médicas seguiram tal iniciativa de não mais classificar a homossexualidade como doença desvio ou perversão, casos da Associação Americana de Psicologia (em 1975) e, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (em 1985). Destaco, ainda, a retirada da homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1990. Cabe citar, também, que, em 2018, a transexualidade deixou de figurar na CID como uma doença mental, mas estando ainda presente no dumento como uma condição relativa à saúde mental.

²⁶⁸ As políticas assimilacionistas reconhecem que a sociedade é multicultural e que há desigualdade de oportunidades e de acesso a serviços, bens e direitos entre os diferentes grupos sociais. Seus modos de ação favorecem “que todos se integrem na sociedade e sejam incorporados à cultura hegemônica. No entanto, não se mexe na matriz da sociedade, procura-se assimilar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica.” (CANDAU, 2008).

²⁶⁹ França (2012) descreve que, assim como em 1990, também na década de 1970 houve uma efervescência do mercado voltado aos homossexuais, períodos que coincidem com o momento de organização inicial do movimento LGBT (então Movimento Homossexual) e seu reflorescimento após certo refluxo na década anterior. Na década de 1970, contudo, havia certa rejeição do “gueto” gay pelos militantes, ainda que muitos dos futuros integrantes fossem frequentadores desse circuito noturno.

com o mercado (FRANÇA, 2012). “Essas duas tendências influenciariam sobremaneira na adesão à proposta das Paradas²⁷⁰, que se tornaram, no Brasil, ocasiões de maior visibilidade do movimento LGBT e, também, em muitas cidades, de maior interação com o mercado segmentado” (*ibidem*, p.229).

A ideia do **orgulho** presente nas Paradas era representativa dos esforços de posituação das identidades inseridas no coletivo LGBT (sobretudo a identidade gay), atravessando outras ações do movimento e as transformações sofridas pelo “gueto”, agora um mercado ampliado e diversificado conhecido como “GLS”, em referência a gays, lésbicas e simpatizantes (FRANÇA, 2012).

França (2012) ressalta que o mercado segmentado não funciona apenas como um cenário, nem é uma simples resposta à uma demanda de um dado grupo social pré-existente, mas é também um produtor de subjetividades, categorias de identidade e estilos, “colaborando para construir e reforçar identidades coletivas que servem de referência para a atuação do movimento social e vice-versa” (*ibidem*, p.227). Nesse sentido, a autora aponta que ocorre uma aproximação entre militância e mercado:

Empresários começam a se ver, e a serem vistos, como articuladores de uma ação política, no sentido de que estimulam a “autoestima de gays e lésbicas” e a formação de uma “identidade positiva” – através de iniciativas como festivais de cinema, editoras e mesmo espaços de lazer e sociabilidade – e fazem circular informações por esse público – por meio de sites e revistas especializadas (FRANÇA, 2012, p.230).

Mas a autora enfatiza que também o público consumidor é protagonista em ações políticas articuladas ao mercado, promovendo ações que cobram “responsabilidade social” de estabelecimentos e empresas ou utilizando de seu circuito de consumo para reivindicar certos direitos sociais ou promover ações de solidariedade.

Um terceiro *locus* no qual sucintamente abordo a presença de sujeitos LGBTs, a fim de ilustrar as transformações sofridas nas últimas décadas, é a mídia.

Leal e Carvalho (2012), analisando 364 edições de periódicos impressos e televisivos²⁷¹ ao longo do ano de 2008, encontraram 1060 notas, notícias ou reportagens, o que consideraram uma quantidade de material relativamente grande. Eles perceberam, também, o tratamento de temas diversos e “boa presença” de material de cunho opinativo: 243 artigos, 71 cartas de

²⁷⁰ O primeiro evento do tipo no Brasil foi a “Parada do Orgulho Gay”, de São Paulo, ocorrida em 28 de junho de 1997.

²⁷¹ A pesquisa realizada analisou todas as edições publicadas ou transmitidas entre fevereiro e agosto de 2008 de: jornais Folha de São Paulo, O Globo e O Tempo, revista Veja, telejornais Jornal Nacional e MGTV 2ª edição.

leitores e 50 comentários. Estão presentes discussões em geral favoráveis à direitos e cidadania LGBT como combate à homofobia, união civil, família, leis, direitos humanos. Se por um lado, não há um silenciamento generalizado do tema, os autores pontuam que há certos assuntos, matérias e veículos nos quais há formas sutis de silenciamento²⁷².

Moreno (1995), por sua vez, tendo como objeto de pesquisa o cinema nacional analisou 67 filmes lançados entre 1923 e 1996. O autor verificou que, a partir da década de 1970, ocorreu uma explosão de filmes que abordavam temáticas relacionada as homossexualidades. Quanto às representações das personagens, ele aponta que 60% apresentam-nos de modo pejorativo, recorrendo à estereótipos do homossexual masculino afeminado e da lésbica masculinizada.

Já na década de 1990, acompanhando o aumento de visibilidade de sujeitos LGBTs, multiplicam-se em diversos países, incluindo o Brasil, os festivais de cinema gays e lésbicos (BESSA, 2007). Bessa (2007) enfatiza que, além do aumento numérico, passam a haver mais obras com abordagens que contrastam com as películas pioneiras de cunho mais militante-identitário, acionando novas sensibilidades e subjetividades e apresentando novos tensionamentos no que tange a corpo, gênero e sexualidade.

Na mesma década, também o mercado editorial passou a investir no público gay, com destaque ao lançamento das revistas *Sui Generis* (1995), *Homens* (1997) e *G Magazine* (1997), as duas últimas com conteúdo de teor erótico. Na década seguinte, essas e outras revistas voltaram-se também a questões de cultura e comportamento, ainda que muitas mantendo ensaios nus (SANTOS; VELOSO, 2010).

Também nas telenovelas nacionais é observável o crescimento da visibilidade de homossexuais. X primeirx homossexual das novelas da TV Globo foi o mordomo Conrad, de *O rebu*, transmitida em 1974 (PERET, 2005). Ainda nessa década, houve 4 novelas com personagens homossexuais, em 1980, 9, em 1990, 9 e entre 2001 e 2005²⁷³, mais 10, evidenciando um aumento dessas representações (*ibidem*). Quanto à representação de homossexualidade dessxs personagens, Colling (2007) identifica padrões em modificação ao longo do tempo:

Na década de 70, os gays foram ligados com a criminalidade e a maioria era efeminada, afetada ou baseada em estereótipos. Na década de 80, a emissora começa a alternar personagens efeminados e afetados com personagens ditos “normais”, que não demonstravam nenhum traço que os distinguisse dos

²⁷² Eles exemplificam citando o episódio envolvendo o ex-jogador Ronaldo e três travestis (uma das quais Andréa Albertini), no qual as travestis foram frequentemente silenciadas.

²⁷³ Além desse quantitativo, Peret (2005) também verifica a presença de alguns personagens heterossexuais que se passavam ou eram confundidos como homossexuais, em geral para conseguir algum tipo de benefício. Foram 3 personagens assim em 1980 e 1 em 1990.

demais. Uma parte significativa dos personagens não mantém relação com ninguém e, quando isso ocorre, as cenas de sexo ou mesmo beijos não são exibidos. Ou seja, a televisão não mostra exatamente o principal aspecto que nos diferencia dos heterossexuais: com quem fazemos sexo. Além disso, a partir da década de 90, verificamos que, quando os personagens não são afetados, eles passam a se comportar dentro de um modelo heteronormativo (COLLING, 2007, p.16).

Ainda na década de 1990, o autor aponta que os personagens heteronormativos inserem-se no que chama de “narrativas de revelação”, conceito de Dennis Allen para definir a presença de homossexuais nas histórias que se resumem à suspeita de suas orientações, reveladas somente próximo ou no final das tramas (COLLING, 2007). Nos anos 2000, por sua vez, Colling (2007) verifica a consolidação desse modelo de alternância entre personagens caricatos com os de “narrativas de revelação”, além de aumentar o espaço desses personagens nas tramas. Além disso, há um maior número de casais inscritos no modelo heteronormativo, nos quais “desaparecem por completo as afetações e vigora o desejo de casar e de adotar crianças, ou seja, os casais gays pouco ou nada diferem dos casais heterossexuais considerados ideais em nossa sociedade” (COLLING, 2007, p.11).

É importante destacar que, em oposição a essa conquista de visibilidade, direitos e cidadania, é possível verificar também movimentos reativos expressos em manifestações conservadoras recrudescidas. Exemplos não faltam. Em 2011, diante da atuação de grupos religiosos, representados por inúmeros parlamentares, a produção de um material educativo sobre o tema da homofobia, do programa nacional Escola Sem Homofobia, foi suspensa. Pressão similar levou o termo “gênero” a ser suprimido do Plano Nacional de Educação, publicado em 2014, assim como dos planos de muitos estados e municípios, produzidos nos anos subsequentes. Para além da intervenção nesses documentos, o argumento da “ideologia de gênero”²⁷⁴ tem sido frequentemente acionado em outros momentos e contextos²⁷⁵, atuando como um importante instrumento do discurso político-sexual conservador.

Esse avanço do conservadorismo é mencionado por diferentes entrevistados mostrados no documentário “Para o que der e vier” (2016), como motivos pelos quais não há torcidas gays na atualidade. Noto, assim, que essas disputas também se presentificam no universo estudado nesse trabalho, o esporte e, mais especificamente, o futebol. Como demonstrei no item anterior, em anos recentes a invisibilidade de LGBTs no futebol, assim como a naturalização de práticas

²⁷⁴ “Expressão que faz referência ao entendimento de que o reconhecimento da categoria gênero pressupõe a completa desconsideração do sexo, o que provocaria a deturpação de uma suposta natureza de homens e mulheres, e do modelo tradicional de família, composto por marido, esposa e filhos” (ANJOS; GOELLNER, 2017, p.66-67).

²⁷⁵ Lembro, como exemplo, o fechamento da exposição Queermuseu: Cartografias da diferença da arte brasileira, em Porto Alegre, no ano de 2017.

heterossexistas, passou a ser questionada em diferentes espaços, não sem resistência por parte daqueles que desejam manter as ditas tradições dessa modalidade.

Tais pressões acompanham – o que não significa que sejam causadas por – o processo de elitização pelo qual passa o futebol brasileiro, o qual tem acompanhado de ações vinculadas ao maior controle das práticas torcedoras empreendidas nos estádios, muitas das quais associadas ao popular (BANDEIRA, 2017).

A partir de uma modernização de nossas praças esportivas, os dirigentes e gestores públicos buscam também modernizar o comportamento dxs torcedorxs: de um torcedor “emocional, intenso, excitado, agressivo, viril” que “sofre, grita, reclama, reivindica, ameaça” para um consumidor que “contempla, aplaude, filma e fotografa o cenário” (MASCARENHAS, 2014, p.210). Os torcedorxs, por sua vez, tendem a positivar o primeiro modelo, considerado o “verdadeirx torcedorx” (BANDEIRA, 2017). Entendo, todavia, essas descrições como arquétipos, úteis para dar ênfase à mudança desse público de estádios, mas que não podem ser tomados em sua totalidade, pois, como destaca Bandeira (2017, p.80), “muito mais do que separar as experiências de consumo e afetivas, os sujeitos negociam estes processos em que o dinheiro e as paixões caminham de forma muito próximas”.

A fim de verificar se as expectativas de gestores se refletiam em uma mudança no perfil demográfico dxs frequentadorxs dos jogos *in loco* do Grêmio, Reale (2016) realizou duas *survey* de perfil de público, uma no Olímpico, em 2012, e outra na Arena, em 2014. Em síntese, os dados do autor apontam:

Aumento significativo da renda familiar, da expectativa de gastos, do nível de instrução, alterações no perfil de mobilidade e diminuição da presença de negros e pardos indicam mudanças nesse sentido. No entanto, a presença de famílias não apresentou diferenças significativas. Em sentido correlato, foi identificado certo aumento da presença masculina²⁷⁶, da ida aos jogos acompanhado(as) de amigos(as) e a diminuição dos cônjuges, assim como houve aumento pequeno da média de idade dos assistentes aos jogos. Uma interpretação possível desses dados relaciona-se com o fato de que a elitização dos estádios não necessariamente precisa acontecer pela maior presença de famílias, com mais mulheres e crianças, tal qual predomina no imaginário dos dirigentes, mas por um aumento de homens, brancos, mais maduros, de maior poder aquisitivo e com perfil de gastos mais elevado.

²⁷⁶ Sobre a redução do público de mulheres (de 26,2% para 17,2%), o autor menciona a ressalva de que entre os três jogos nos quais realizou coleta na Arena Grêmio, consta um Gre-Nal. Por isso ele pondera que seja possível que os questionários advindos dessa partida tenham influência nesse dado, “uma vez que o clássico tem a fama de ser mais violento e perigoso do que outros jogos, o que tende, pelo menos pela lógica de senso comum, a afastar mais o público feminino” (REALE, 2016, p.211).

Sem desconsiderar os dados identificados por Reale, que já indicam uma mudança de público a partir da troca de estádio, é necessário cogitar a hipótese de que transformações no perfil dos torcedores que frequentavam os jogos do Grêmio já vinham ocorrendo mesmo antes da adoção da Arena.

Indo de encontro aos dados previamente citados de Reale (2016), Bandeira (2017), a partir de sua percepção como frequentador assíduo do Olímpico e da Arena ao longo de 30 anos, defende a ocorrência de um aumento do número de mulheres no estádio gremista ao longo do tempo, impressão compartilhada por seus interlocutores (homens frequentadores da Arena), assim como pelas minhas. Outra percepção dos torcedores entrevistados por Bandeira, que também destoa dos dados de Reale (2016), é de que o novo estádio tricolor é mais convidativo às famílias. Ponto que o senso comum expresso por dirigentes e pela mídia esportiva supõe uma associação entre o aumento da presença feminina e do público familiar, desdobrando-se numa expectativa de comportamentos mais educados e “civilizados” (REALE, 2016), vinculados, por sua vez, à elitização das praças esportivas (BANDEIRA, 2017). As famílias, mais do que representarem em si figuras supostamente ordeiras e pacíficas, seriam também capazes de controlar os ânimos dos homens, de quem mais se espera atitudes exaltadas indesejáveis:

[A] família ajudaria a controlar a irrupção de comportamentos masculinos considerados destoantes para o bom andamento do espetáculo esportivo. Em alguma medida, a família dificultaria o ingresso dos indivíduos torcedores no sujeito coletivo torcida, diminuindo, com isso, as alterações de subjetivação dos indivíduos. Ela acaba funcionando como uma instância que poderia refrear os impulsos e ordenar os comportamentos de forma bastante ativa (BANDEIRA, 2017, p.136).

No conjunto de ações que estão sob vigília crescente nas novas praças futebolísticas inclui-se a fala torcedora: “Invadidos por discursos que se aproximavam de demandas dos direitos humanos, a elitização e a contenção dos públicos torcedores também vieram acompanhadas de um olhar mais atento ao que os torcedores dizem, gritam e cantam” (BANDEIRA, 2017, p.45). Além da participação da mídia na desnaturalização dessas práticas, como evidenciei o item anterior, também as entidades dirigentes têm tomado medidas punitivas.

No segundo semestre de 2015, a FIFA passou a punir confederações sul-americanas e a do México por cânticos entendidos por ela como homofóbicos. Naquele momento, foram punidas, além da federação mexicana, as federações do Chile, Argentina, Peru e Uruguai. Durante a premiação dos melhores futebolistas de 2013, em janeiro de 2014, o então presidente da FIFA, Joseph Blatter informou que a federação ampliaria seu olhar contra ofensas de ordem sexual, conjuntamente com as de conteúdos religiosos e étnico/raciais, que até

aquele momento já haviam implicado em sanções para clubes, torcedores e atletas. Em alguma medida, tanto os olhares que denunciavam o preconceito de entidades não governamentais como o próprio reconhecimento da necessidade de enfrentamento a determinadas manifestações pela entidade máxima do esporte, nos permitem apontar que existe um entendimento de que o dito nas praças esportivas pode, sim, ser entendido como prática de violência (BANDEIRA, 2017, p.175).

A punição por parte da FIFA evidencia que a preocupação com o combate à homofobia no futebol não é uma questão exclusivamente brasileira. Antes pelo contrário, diversos outros países já vêm apresentando iniciativas nesse sentido há mais tempo, o que gera certa pressão para que a CBF também se alinhe à perspectiva (ao menos supostamente) inclusiva defendida em âmbito mundial²⁷⁷.

Comparativamente, cito que a *English Football Association* (FA), responsável pela gestão do futebol inglês, em 2012 um plano de ação intitulado “*Opening Doors and Joining in*” voltado a incluir lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros no futebol, além de combater a homofobia e transfobia (BURY, 2015)²⁷⁸.

Poderia esse conjunto de alterações intra e extra-futebol contribuir para uma maior aceitação do público LGBT nos estádios?

Uma série de estudos empreendidos fora do Brasil apontariam para tal possibilidade. Pesquisas realizadas na Europa e nos Estados Unidos ao longo das décadas de 1980 e 1990 são enfáticas na afirmação de que os esportes, sobretudo coletivos, são espaços privilegiados de manifestações homofóbicas, com efeitos negativos a esses sujeitos quanto a permanência na prática (BRACKENRIDGE et al., 2007; GRIFFIN, 1998; PRONGER, 1990). Já trabalhos que tratam das últimas duas décadas, apontam para um cenário de mudança, evidenciando uma redução de preconceito e intolerância contra homossexuais (ANDERSON, 2005, 2009; CASHMORE; CLELAND, 2011, 2012).

Mundialmente, nos últimos anos, tem ocorrido um crescimento do número de atletas de diversos esportes que publicamente se declaram homossexuais, muitos dos quais ainda em atividade (ANDERSON, 2005, 2009; CAMARGO, 2018). Cashmore e Cleland (2011), todavia, percebem que há um número inferior de jogadores que se assumiram homossexuais no futebol, quando comparado a outros esportes, o que pode indicar uma maior força da heterossexualidade compulsória nessa modalidade. Camargo (2018) reitera tal impressão a partir da observação

²⁷⁷ Um exemplo de que essa postura não é de todo coerente é o fato da última Copa do Mundo FIFA, de 2018, foi sediada pela Rússia, país em que o que chamam de “propaganda homossexual” é crime. A próxima edição da competição, por sua vez, ocorrerá no Catar, onde a homossexualidade também é criminalizada.

²⁷⁸ Pondero que Bury (2015) tece críticas quanto à capacidade do Plano de ter efetividade.

dos posicionamentos de diferentes autoridades políticas e agentes esportivos quanto à contrariedade ou receio em relação a futebolistas homossexuais se assumirem.

Mas, para além das diferenças concernentes ao futebol, Camargo (2018) defende que, considerando explicitação de homofobia-bi-transfobia (no esporte ou não), a sociedade brasileira parece estar “bem longe de um “decrécimo” do fenômeno observadas nos estudos empreendidos nos Estados Unidos e em alguns países europeus, assim como nossas legislações não oferecem similar proteção à LGBTs.

A maioria das pessoas que entrevistei acredita que os estádios atuais seriam menos acolhedores à uma torcida gay, do que foi o Olímpico quarenta anos atrás, como demonstro a partir das falas abaixo:

O Olímpico era diferente do estádio de hoje, tinha dois anéis, tinha a parte de... a social, a parte de baixo e a parte de cima, que era geralmente o lado da social. Eles [da Coligay] ficavam na parte de cima, com bandeiras lilás, bandeira colorida, era uma coisa diferente assim. E ficavam lá cantando e torcendo. E depois eles começaram a ficar famosos, daí antes do jogo eles entravam e davam a volta olímpica e depois eles iam para a parte deles no estádio. E todo mundo aplaudia, todo mundo achava interessante, não tinha... porque até, uma coisa que eu estava conversando com o Édison²⁷⁹, parece que hoje as coisas estão mais excludentes e com mais preconceito do que eram antes. O mundo tá mais separatista hoje do que era antes, é impressionante. (HEINE, 2016, p.2).

Era divertido assim, era engraçado. Claro que tu tinha assim as brincadeiras, o preconceito e tal. Mas eu não consigo me lembrar de assim uma coisa agressiva, violenta, sabe? Eu não consigo me lembrar assim. Eu fico tentando acreditar... Se hoje uma torcida como a Coligay entra no estádio de futebol, eu duvido que alguém não batesse neles. Sabe, incrível, a gente involuiu nisso. Eu, essa imagem que eu tenho, tinha preconceito, gozação, “a olha lá, em que banheiro que entra? Não pode entrar no banheiro dos homens, vai lá e tal”, mas eles conviviam, andavam ali entendeu? Não era nada acintoso, assim, não era nada que agredisse tanto assim as pessoas. As pessoas viam mais como, enfim, divertido. Tinha preconceito, mas não nesse patamar que se acontecesse hoje, não teria esse grau de intolerância, uma coisa meio, meio não, completamente fascista se acontecesse (OLIVIER, 2016, p.5)

Hoje em dia as coisas são mais violentas, mais agressivas, por incrível que pareça, mesmo que hoje haja menos preconceito. Porque hoje é comum, uma pessoa se diz gay, ela é recebida com naturalidade, a gente vê aí na sociedade, mas mesmo assim existe um pouco de perigo, sabe? Por que? Porque um time perde, por exemplo, sabe? Alguma coisa assim, pode... Tu não sabe o que que pode acontecer sabe? No conflito que pode dar. Eu, como jornalista, eu frequentei, sempre frequentei estádios, eu senti a mudança de uns tempos pra cá, quando Grêmio ou Inter perdem, e está em uma fase ruim, o que que... [...] E aí as pessoas se tornam agressivas, hoje em dia não tem mais aquela briga que havia antes, trocava uns tapas ali e depois acabava. Hoje é facada, é tiro. A gente tem gangues, tem torcidas violentíssimas (COIMBRA, 2016, p.11)

²⁷⁹ Refere-se ao pesquisador Édison Gastaldo, amigo do entrevistado e quem o indicou para minha pesquisa.

Os argumentos expostos nas falas acima atravessam xs de outrxs entrevistadxs. Sinteticamente, as percepções apontam: o estabelecimento de uma divisão mais extrema entre pessoas que divergem na sociedade; o crescimento das manifestações de intolerância; a maior violência física no futebol e na sociedade.

De forma geral, acreditando ou não na possibilidade de uma existência da Coligay nos dias atuais, xs antigos integrantes da torcida percebem um incremento da homofobia e da violência nos estádios. Volmar (SANTOS, 2015a, p.13) afirma que “obviamente que sempre existiu o preconceito, mas eu tenho que te dizer que hoje o preconceito é muito maior do que na época, da ditadura”. Além disso, ele afirma que “o pessoal gosta muito de confusão de briga”, aumentando o risco a que estariam expostos (SANTOS, 2016, p.22). Marcelly acredita que a Coligay, se existisse hoje, encararia maior discriminação (MALTA, 2015). Careca, por sua vez, dá ênfase à mudança das torcidas – “as torcidas se matam umas com a outra, sem saber por que estão se matando, porque elas querem ser melhores do que a outra” (RODRIGUES, 2017, p.17) – e à mudanças sociais que vão além do esporte – “a educação era outra, o pessoal tinha muito mais amor, muito mais carinho do que hoje, hoje não se tem não” (*ibidem*, p.16). Miguel compartilha da impressão que também naquela época já havia homofóbicos, mas que “os homofóbicos de antigamente não davam bola. Não gostavam e ficavam na sua. Não tinha nenhuma agressão. Os homofóbicos de hoje matam”, motivo pelo qual ele acredita que nenhum lugar do Brasil conseguiria, tranquilamente, ter uma torcida gay (Diário de Campo, 22 junho 2017).

Tendo em vista a percepção de manifestações mais violentas de homofobia, Miguel menciona que evita assistir os jogos do Grêmio junto à Geral. Apesar da precaução, ele diz que é uma figura conhecida entre xs torcedorxs gremistas, inclusive xs integrantes da Geral, e que não é incomodado no estádio. Contudo, ele acredita que homossexuais cuja performance de gênero destoasse de forma mais acintosa de referenciais de masculinidade viril não seriam aceitos pelos demais torcedorxs (Diário de Campo, 19 de abril de 2016). A Geral é, nesse sentido, identificada como o foco maior da resistência à diversidade. A referência à torcida se justifica pelo lugar de protagonismo que ocupa na representação gremista do torcer.

Junto à crença predominante que encontrei da impossibilidade de uma nova torcida gay gremista, Bandeira (2017) descreve posicionamentos de torcedores que acreditam na aceitação de homossexuais nas torcidas, mas contrários à formação de um agrupamento específico: “pode ter gay aonde quiser, não precisa ter um espaço destinado para isso (DC11)” (p.197-198) “o cara que é gay não tem problema nenhum, vai na Geral, vai na Torcida Jovem, vai torcer o que quiser, vibra igual, torce igual” (DC 26) (p.198). **Vibrar igual e torcer igual**, todavia, parece

ser não uma evidência ou uma expectativa, mas uma pré-condição para que esses sujeitos sejam, de fato, aceitos. Podem torcer **onde quiserem**, desde que camuflados entre xs demais, em seu armário de vidro (SEDGWICK, 2007).

5.3 A COLIGAY E O GRÊMIO

Torcedorxs comumente definem o coletivo no qual se inserem como sua **nação**. A apropriação vai além da metáfora se consideramos a dimensão simbólica dos clubes e tomarmos a coletividade de aficionados que se reúnem ao seu entorno como uma comunidade de sentimento que tem no clube o seu totem²⁸⁰ (DAMO, 2005).

Complementarmente, Souza (1996) demonstra como o conceito de nação de Benedict Anderson (2008, p.32) de “uma comunidade política imaginada” pode ser adotado às torcidas de futebol, pois “um torcedor de futebol não se encontra, ouve ou interage com todos os outros membros da torcida da qual faz parte, nem com os integrantes da equipe de sua preferência, mas imagina-os como pertencendo a uma mesma coletividade, uma mesma comunhão” (SOUZA, 1996, p.32).

A manutenção da coesão dessa comunidade imaginada se dá tanto pela sua atualização permanente, por meio de constínuos novos enfrentamentos esportivos do time que os representa, quanto pela existência do clube que conecta o presente a um passado, dando sentido a esses confrontos para além de meros resultados isolados. Sobre esse segundo aspecto, Damo (2005, p.224) argumenta:

Para ser um bom totem é preciso um incessante investimento representacional. As jocosidades, por exemplo, que circulam à margem do controle institucional, não são suficientes para sustentar uma rivalidade como a Gre-Nal, sendo imprescindível dotar a trajetória dos clubes com narrativas e rituais de cunho oficial. Comemoram-se datas, homenageiam ex-jogadores e dirigentes, fazem publicar livros ditos de história, criam museus, patrulham a opinião de cronistas esportivos e assim por diante. Afinal, é preciso dotar a nação clubística [...] de um conjunto de símbolos a serem partilhados, condição indispensável à existência de um “nós”. Tal produção deve ser incessante e criativa, não abrindo mão das narrativas míticas, como é recorrente na origem e na atualização dos nacionalismos.

²⁸⁰ Como explicado pelo autor, “o que está no cerne do totemismo, enquanto conceito, é uma modalidade de projeção e representação coletivas articuladas em forma de sistema” (DAMO, 2005, p.68).

Essas narrativas, símbolos e rituais conectam-se à **tradição** dos clubes, a qual possui um papel determinante para suas imagens e para a identidade de seus torcedores²⁸¹ (DAMO, 1998). Ainda que a manutenção da tradição dependa da continuidade e da repetição, esse processo não deixa de estar sujeito a mudanças. Situações novas podem fazer emergir tradições inventadas, conceituadas por Hobsbawm (1984, p.9) como:

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

Nesse subcapítulo, busco demonstrar como a rememoração da Coligay pode ser interpretada como parte de um processo de atualização – ou invenção – de tradições do Grêmio.

5.3.1 O que o Grêmio representa e o que significa ser gremista?

Conforme já abordado previamente (item 4.2), considero que o pertencimento clubístico é uma categoria que situa e define os sujeitos e, por isso, pode ser interpretada a partir do conceito de identidade.

Considerando que as identidades são fabricadas pela marcação das diferenças (SILVA, 2000), faço uso justamente da produção de distinções entre alteridades para descrever o que representa o Grêmio. O primeiro par é Rio Grande do Sul e Brasil, e o segundo Grêmio e Internacional.

5.3.1.1 Nós e os outros: o Rio Grande do Sul e o Brasil

O ser gremista está intimamente vinculado ao regionalismo gaúcho. Com frequência, esses torcedores tomam os valores atribuídos ao seu estado como aspectos distintivos de sua identidade. O hábito dos torcedorxs gremistas de empunharem bandeiras do Rio Grande do Sul, assim como cantar o hino do estado ou músicas que remetam à sua cultura durante as partidas são exemplos disso (DAMO, 1999; RODRIGUES, 2012).

²⁸¹ A importância da história e tradição dos clubes de futebol é manifesta, inclusive, em seus aspectos gerenciais. No Plano Estratégico 2003-2008 do Grêmio, analisado por Ghisleni (2005), a “valorização da história” é um dos valores do clube, entendido como um dos aspectos fundamentais de suas atividades. Além disso, “tradição, história e hino” são citados como uma das cinco forças mais atuantes de sua instituição, capazes de contribuir para o alcance dos objetivos almejados no Plano.

Apesar das práticas citadas fazerem referência ao Grêmio, a valorização da cultura regional é uma característica partilhada por outras equipes do estado. Atributos como coragem, força, virilidade e bravura são tratados como traços distintivos da tradição gaúcha, sendo especialmente evocados quando há uma disputa com equipes de outros estados brasileiros (DAMO, 1999; GUAZZELLI, 2000). Em momentos pontuais é possível, inclusive, que os clubes do estado ignorem suas rivalidades locais, fazendo preponderar um sentimento regional que os une. Um deles ocorreu em 1972, quando, por ocasião da comemoração dos 150 anos da independência do Brasil, foi promovido um torneio de futebol, a Copa de Futebol Independência. O lateral esquerdo Everaldo, único gaúcho a fazer parte do elenco brasileiro da Copa de 1970, ficou de fora da convocação para essa competição, insuflando os ânimos no estado, que entendeu o ato como uma afronta a todo o seu povo.

Buscando uma solução pacificadora, Rubens Hoffmeister, presidente da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), propôs que a desfeita fosse resolvida em campo e desafiou a Seleção Brasileira a enfrentar a Seleção Gaúcha num jogo amistoso no Estádio da Beira-Rio. Guazzelli (2010) relata que o episódio propiciou uma “guerra na imprensa” entre jornalistas do sudeste e aqueles do Rio Grande do Sul, na qual era constante a reafirmação da distinção entre o futebol praticado no estado e no centro do país, o “futebol força” e o “futebol arte”, respectivamente.

Conflito similar ocorreu em 1978, quando houve o corte dos jogadores Tarciso, do Grêmio, e Falcão, do Internacional, do grupo que disputaria a Copa do Mundo de 1978. O texto de Kenny Braga que trata do corte do gremista, publicado no jornal Zero Hora, ilustra bem os argumentos acionados para justificar a revolta dos gaúchos.

A imprensa carioca, tantas vezes apressada e fútil, identificou nas opiniões de comentaristas gaúchos, sobre o corte de Tarciso, o vírus do separatismo, reservando para si, embora não diga, as melhores virtudes patrióticas. A leviandade e o ridículo da afirmação só se comparam ao enraizado bairrismo, que nem a inegável posição do Rio de Janeiro, na vanguarda cultural do país, consegue disfarçar. A nós, gaúchos, talvez por uma tradição libertária incompreensível ao espírito carioca, não foi imposto o sentimento de medo, nem a incosequência e o servilismo de quem aplaude incondicionalmente. A crítica que se faz aos critérios da Comissão Técnica não se faz de uma visão regionalista ou separatista. Nasce, isto sim, da consciência de uma injustiça, da verificação de uma farsa, da comprovação de uma baixeza e de uma maldade. Porque a entrevista de Heleno Nunes sobre o jogador Tarciso foi rasteira, vil e maldosa. E isto, nós não aceitamos, parta de onde partir. Quanto à acusação de separatismo, em futebol ou em política, cuidado: não se brinca com essas coisas. A não ser que se tenha inveja de um povo que, de lança na mão, fixou as fronteiras meridionais da pátria, brigando com os castelhanos. E que, na revolução de 1930, amarrou seus cavalos no Obelisco da Avenida Rio Branco (BRAGA, 1978, p.40).

Nos dois episódios mencionados, diante da oposição circunstancial do Rio Grande do Sul contra o Brasil, a rivalidade clubística entre gremistas e colorados se desfaz em prol dessa causa – ao menos momentaneamente – maior. O retrato traçado por Kenny Braga não diferencia os adeptos de um ou outro clube, são todos parte de um mesmo povo gaúcho. O Rio de Janeiro pode ser visto no texto, em alguma medida, como representante do Brasil, do governo central, aquele que desconhece, não compreende e, ainda, inveja as tradições do longínquo Rio Grande do Sul, estado cujo povo não teme, não se rebaixa e que tem como orgulho a conquista de fronteiras e a coragem de confrontar até mesmo a República, experiências suas e de nenhum outro povo do país.

Cabe pontuar que essa afirmação de distinção do gaúcho perante os brasileiros caminha, não raramente, substituída ou acompanhada por manifestações de pertença ao país, ora mais ora menos explícitas (OLIVEN, 1992). Do mesmo modo no futebol, isso também acontece, sobretudo quando equipes gaúchas enfrentam equipes internacionais.

Para melhor analisar a oposição entre os estilos de jogo associados ao Rio Grande do Sul e ao Brasil, trato primeiramente da produção do estilo brasileiro de futebol: o “futebol-arte”. Não é novidade a afirmação de que, mediante um processo de construção continuamente atualizado, a seleção brasileira de futebol se constitui como um notório símbolo da identidade nacional. Esse processo se inicia, notadamente, na primeira metade do século XX, quando o futebol, assim como o samba e a capoeira, foi escolhido como símbolo da brasilidade a ser forjada pela república que enfim buscava distanciar-se da corte (SOARES, 1999).

A valorização da miscigenação racial, ideia cujo principal porta-voz era Gilberto Freyre, era central para o projeto empreendido. Tal princípio se manifestava também no futebol, onde se afirmava que os negros, antes renegados, teriam inventado uma “nova e sedutora forma de jogar o rígido esporte bretão, um estilo original cheio de floreios, de dança, de ginga e de malícia, às margens do aristocrático, disciplinado e coletivo jogo inglês” (SOARES, 1999, p.131). Sob a polarização “futebol-arte” *versus* “futebol-força” condensa-se o esforço de diferenciação entre nós, brasileiros, e eles, europeus, a partir do futebol. A partir das questões estéticas e de valor que compõem os estereótipos desses dois extremos, Damo (1999) compôs o seguinte quadro (Quadro 6):

Quadro 6 - Elementos, características ou valores associados ao futebol brasileiro e, em oposição, ao futebol europeu

Futebol brasileiro	Futebol europeu
Artístico	Competitivo

Espetáculo	Eficiência
Dionisíaco	Apolíneo
Barroco	Clássico
Intuitivo	Racional
Natureza	Cultura
Dom	Aprendizado
Rua	Clube / escola
Jogo	Esporte
Individual	Coletivo
Agilidade	Rigidez
Habilidade	Força
Malandro	Caxias
Candomblé/ umbandismo	Catolicismo/ protestantismo
Futebol-arte	Futebol-força

Fonte: Damo (1999)

Cabe pontuar que a adoção do futebol belo, imprevisível e sedutor não é consensual. Tantas vezes, o argumento acionado para justificar maus resultados do escrete nacional era justamente o excesso de arte (DAMO, 1999). Contudo, se a eficiência do “futebol-arte” foi e continua sendo eventualmente questionada, esse estilo permaneceu historicamente reconhecido, ainda que com ressalvas, como próprio da natureza brasileira.

Nem todo o Brasil, entretanto, se identifica com tal representação. É certo, diante da diversidade cultural que compõe o nosso país e da incapacidade de qualquer arquétipo de traduzi-las, que nenhum estado ou região estará plenamente contemplado nesse estilo. De todo modo, parece evidente que alguns o são mais ou menos que outros. O Rio Grande do Sul é, sem grandes divergências, um dos que menos se identifica sob a alcunha do futebol-arte, adequando-se, inclusive, muito mais aos qualitativos do “futebol-força” (DAMO, 1999). Como descreve Guazzelli (2000, p.28): “Já tornou-se um axioma do senso comum que o futebol do Rio Grande do Sul apresenta características próprias que se diferem do futebol do resto do País: mais virilidade que habilidade, mais força que malícia, mais entrechoque que negaça”. Bandeira (2009) destaca que para jogadores alcançarem sucesso nos grandes clubes de Porto Alegre era necessário vincular-se às representações desse futebol regional, adequando-se inclusive à uma masculinidade viril.

Como já brevemente antecipado no texto do jornalista Kenny Braga, a compreensão da identificação gaúcha com certo estilo de jogo dito não-brasileiro vincula-se com a história do estado e sua relação ao resto do país, marcada pela tensão entre autonomia e integração. Até a década de 1930, a memória do passado do Rio Grande do Sul priorizava principalmente dois

elementos. O primeiro é a presença de uma “fronteira viva” com outras nações que colocou seus habitantes em contato direto com argentinos e uruguaios, possibilitando intercâmbios culturais manifestos na alimentação, nas vestimentas, na língua entre outros, além de recorrentes enfrentamentos belicosos (RODRIGUES, 2012; GUAZZELI, 2010). O segundo é a marcante presença de imigrantes europeus, sobretudo alemães e italianos, fazendo-o um estado “mais branco” em cor e costumes (GUAZZELLI, 2010).

É interessante pontuar que as próprias origens do futebol no Rio Grande do Sul passam por uma “via platina”. Segundo Mascarenhas (2000), mesmo antes da chegada de Charles Miller ao Brasil, trabalhadores europeus, além de argentinos e uruguaios, já jogavam futebol em condições improvisadas em algumas cidades do estado, em especial no entorno do porto do município de Rio Grande.

Essa cidade, no final do século XIX, era o maior centro urbano e industrial do estado, impulsionada pelo ciclo do charque, cuja produção era majoritariamente escoada por seu porto. Essa atividade de exportação, assim, colocava-os em contato direto com ingleses, além de atrair a imigração de outros europeus, que desempenharam importante papel de difusores do futebol na região (MASCARENHAS, 2000). Exemplo disso é o Sport Club Rio Grande, clube mais antigo do Brasil que ainda se encontra em atividade, fundado na cidade por alemães em 1900.

Mas é menos por essa origem *sui generis* do futebol quando comparado com as demais unidades federativas, e mais por uma história de constante atualização de traços culturais distintivos – dentro e fora do esporte – que o futebol gaúcho se afirma diferente.

Nesse rol de desencaixe são evocadas, com maior frequência, a posição geográfica, a partir da qual se estabeleceriam intercâmbios múltiplos com os países do Prata (portanto, diferentemente da população dos demais estados brasileiros, os gaúchos teriam forte influência hispânica); a tradição política de enfrentamento em relação ao poder central; a presença maciça dos imigrantes europeus e, como corolário, as noções de “civilidade” e “progresso” (que contrastam com o estereótipo rude e antiquado do gaúcho); a convivência permanente com os levantes armados; e, finalmente, a própria “essência” do gaúcho, tida como libertina e altiva, tal qual a dos remotos tropeiros forjados na lida com o gado xucro. De todos esses e outros tantos traços formadores da identidade gaúcha, são justamente os dois últimos os mais frequentemente evocados. Da Revolução Farroupilha (1835-45) à “Legalidade”, que deu sustentação a João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, passando pela Revolução Federalista (1893-95), a Coluna Prestes e a Revolução de 30, somam-se outros confrontos internos ou fronteiriços em nome dos quais se afirma ser o gaúcho um “produto das guerras” (DAMO, 1999, p.95).

A figura do gaúcho composta pelos desencaixes descritos por Damo teria sido forjada a partir de passado glorioso em vastos campos, mais especificamente à região da Campanha

(sudoeste do Rio Grande do Sul, com fronteiras com Argentina e Uruguai), em proximidade com a natureza, sempre em companhia do cavalo e sujeito à disputa por fronteiras. As dificuldades impostas pela natureza e pelos inimigos de guerra teriam moldado suas virtudes: bravura, coragem, virilidade, lealdade, honra (OLIVEN, 1992).

A evidência de tal singularidade não é recente, mas a constituição do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que se dá na década de 1950, possibilita a ampliação da visibilidade do que se definiu como cultura gaúcha, além da própria constituição de novos contornos para essa tradição (OLIVEN, 1992).

Como previamente exposto, o regionalismo e a valorização de elementos associados ao homem dos pampas foram e são exercidos também no campo futebolístico, sendo a manifestação mais emblemática a afirmação do estilo de jogo gaúcho. A garra e a força que caracterizam – ainda que, em alguma medida, no terreno da representação – esse estilo de jogo resulta, assim, da apropriação por parte dos futebolistas – jogadores, torcedorxs, dirigentes, cronistas esportivos – de um discurso preestabelecido de culto às tradições (DAMO, 1999). Esse modelo de jogo se contrasta não apenas com o de outras unidades federativas, mas com a representação do tradicional estilo de jogo brasileiro, expresso no termo “futebol-arte”.

O reconhecimento da diferença cultural expressa no estilo de jogo parece mútuo, partindo de gaúchos e cidadãos de outros estados, ainda que apreciado ou criticado conforme convém a cada parte em uma dada circunstância. O que para um é bravura, para outro é violência; o que para um é arte, para outro é firula.

O futebol, nesse sentido, se constitui como um dos espaços nos quais o gauchismo se expressa e se atualiza, tendo em vista a perspectiva que o regionalismo não é algo acabado ou enrijecido, mas uma relação que se elabora ao longo do desenrolar do tempo e da história.

Nessa disputa de significados sobre traços identitários do gaúcho – questão que, conforme já exposto, não se restringe ao campo esportivo – a virilidade é um valor central. A força, a bravura, a coragem, a honradez, todos pressupõem a virilidade. Nesse sentido, é notável que o regionalismo gaúcho envolve a exacerbação de atributos associados a noções normativas de masculinidade. Apresento dois trechos de diferentes obras literárias para discutir tais aspectos.

O mulato brasileiro deseuropeizou o foot-ball dando-lhe curvas, arredondados e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o cronista europeu que

chamou aos jogadores brasileiros de “bailarinos da bola”. Nós dançamos com a bola²⁸².

Futebol-arte, todo mundo sabe, é coisa de veado. Não é a toa que já houve quem o tenha chamado, muito propriamente, de “futebol bailarino”. Afinal, quem joga futebol-arte mais cedo ou mais tarde acaba dançando (BUENO, 2005, p.11).

Enquanto o pernambucano Gilberto Freyre, um entusiasta do futebol-arte, se encantava com o futebol floreado, exaltando a ginga e os dribles comparando-os a movimentos da dança, o gaúcho – e gremista – Eduardo Bueno, em livro que trata do Grêmio²⁸³, desqualifica o estilo, identificando-o pelos mesmos atributos como “coisa de veado”, expressão comumente utilizada para atividades ou comportamentos pouco viris ou femininos. Ele, vai além, professando, por meio de um trocadilho, que a força sempre supera a arte. A premissa inicial parece tão relevante ao autor, que Bueno escolhe iniciar e concluir seu livro com essa mesma sentença.

A estratégia utilizada pelo jornalista gaúcho de se referir à homossexualidade como forma de afirmar, de forma jocosa, a falta de virilidade de um oponente é bastante comum no cenário futebolístico e não se restringe ao Rio Grande do Sul, como foi abordado no item 4.2. O que se percebe aqui é menos uma particularidade e mais uma ênfase.

Por outro lado, a valorização da virilidade na construção da identidade gaúcha é, também, revertida em piadas que justamente questionam a heterossexualidade dos homens do estado. Essa associação costuma ser rejeitada pelo povo riograndense, não apenas pela suposição de que a homossexualidade seria um defeito, mas também sob o argumento de que tais manifestações jocosas seriam um desrespeito às tradições locais.

5.3.1.2 Nós e os outros: o Grêmio e o Inter

Entre as tantas alteridades clubísticas que umx torcedorx possui, algumas se destacam. Sobretudo a partir da proximidade geográfica – clubes de uma mesma cidade –, mas eventualmente por confrontos historicamente marcantes, dois clubes estabelecem entre si uma relação de rivalidade. Com relação a seu rival, x torcedorx parece ter a necessidade de reafirmar sua oposição cotidianamente, praticamente na mesma medida em que deve afirmar a identidade com seu clube. A aversão é ela própria um valor positivo ao clube à qual é direcionada, valendo-

²⁸² Do Texto “Foot-ball Mulato”, de Gilberto Freyre, publicado no Diário de Pernambuco em 17 de junho de 1938. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto_freyre.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2017.

²⁸³ BUENO, Eduardo. Grêmio: nada pode ser maior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

lhe como sinal de prestígio (DAMO, 2005). A manifestação do torcer é expressa, então, tanto por demonstrações de amor ao seu clube, como de repulsa ao rival. Apesar disso, esse sentimento de rejeição não anseia pelo extermínio do outro, mas, pelo contrário, visa sua perenidade, necessária para a manutenção da rivalidade, que pode ser considerada a hipérbole da alteridade clubística, sendo desejável e, arrisco dizer, indispensável.

O estado do Rio Grande do Sul expressa sua principal rivalidade clubística, entre Grêmio e Internacional, de forma intensa e explícita. Dois aspectos contribuem para a força dessa rivalidade. O primeiro é o fato de serem apenas dois os “grandes clubes” do estado do Rio Grande do Sul, diferente de outros estados que possuem mais agremiações, gerando múltiplas rivalidades, casos de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, por exemplo. O segundo ponto é o fato de serem poucos os torcedorxs de equipes de outros estados em terras gaúchas²⁸⁴, enfatizando ainda mais a polarização Grêmio *versus* Inter.

A importância dessa disputa local esteve presente nas falas de vários dos meus entrevistados. Entre os pontos que poderiam ilustrar isso, destaco o próprio valor atribuído ao título do Campeonato Gaúcho de 1977, para alguns deles uma conquista mais importante do que as conquistas do Campeonato Brasileiro, Libertadores e Mundial que o sucederam.

Embora o [título] mais importante tenha sido, para mim eu acho, e eu estava presente, foi a Libertadores de 83, foi a primeira Libertadores que o Grêmio ganhou, aquilo foi uma coisa, assim, extraordinária na época, mas eu acho que o Campeonato Gaúcho de 77 foi mais marcante porque, como eu te falei, foram anos e anos de dominação do Internacional e que a gente extravasou em um Gre-Nal, que a gente ganhou por um a zero e fomos campeões gaúchos depois de oito anos (PREZZI, 2015, p.7)

Na fala desse torcedor fica evidente que a importância atribuída por ele àquele título está associada à superação da hegemonia do rival. Tal exemplo é sintomático do que representa um jogo de futebol, menos uma disputa entre times e mais um confronto entre comunidades de sentimento, o que faz com que o valor de cada embate seja flexível e pouco (ou nada) restrito a critérios racionais.

Nesse cenário, os clássicos destoam-se de outras partidas pelo maior valor simbólico que possuem. Como descreve Damo (1998), a frase comumente dita entre torcedores gaúchos “‘Gre-Nal é Gre-Nal’ evoca a institucionalização de uma rivalidade na qual o componente residual, geralmente caracterizado como “tradição”, se sobrepõe às contingências de cada

²⁸⁴ Damo (2012) cita dados do Datafolha de 2007 que indicam que aproximadamente 84% dos habitantes do Rio Grande do Sul torcem por clubes sediados no próprio Estado, sendo que este índice alcança 91% em relação à cidade de Porto Alegre.

evento em particular” (p.72). Esses confrontos são, então, momentos privilegiados de atualização da tradição que sustenta a rivalidade entre os dois clubes.

As disputas travadas entre dois rivais, então, envolvem mais do que aspectos meramente futebolísticos, como o número de vitórias e títulos que cada um possui. Ela envolve a atualização de suas identidades e da própria positividade a elas associada por cada coletivo de torcedorxs. São momentos em que se renovam características, valores, comportamentos associados aos clubes e à comunidade que os representa (jogadores, torcedores, dirigentes). “Discute-se qual é a mais violenta, apaixonada, fiel e sofredora sem que ao cabo se chegue a um consenso” (DAMO, 1998, p.84). Essa contenda não permanece estática. Ao longo do tempo, mudanças ocorrem dentro das agremiações e no contexto social mais amplo, levando os clubes a modificarem, de maneira geralmente lenta e nem sempre evidente, os valores que tomam para si e para seus adversários.

No caso da dupla Gre-Nal, uma noção outrora aparentemente aceita era a de que o Internacional seria o clube do povo, enquanto o Grêmio seria o clube da elite. Se atualmente essa premissa tem sido questionada, questão que abordarei com maior profundidade mais adiante, fato é que durante muito tempo a associação com o povo era motivo do orgulho dos colorados e tomado como pauta para deboche e ofensas pelos gremistas (DAMO, 1998). Tendo em vista que essa crença não se verifica em dados estatísticos, Damo (1998) defende que essa imagem foi forjada pelxs próprixs torcedorxs num determinado período histórico, sendo constantemente atualizada como um traço constitutivo do “ser gremista” e do “ser colorado”.

Se considerarmos os protagonistas e o contexto de surgimento das duas agremiações não há justificativa para tais rótulos. Por um lado, de fato, parece apropriado considerar o Grêmio, fundado em 1903, em seus primórdios, um clube de elite. Entre seus fundadores, encontram-se descendentes de alemães e italianos, sendo que seu primeiro presidente, Cândido Dias, e vice-presidente, Joaquim Ribeiro, eram os únicos não-descendentes de alemães da primeira diretoria. Nesse quadro de fundadores, havia donos de indústrias, comerciantes, profissionais liberais e estudantes abastados (RODRIGUES, 2012) e novos sócios só eram aceitos mediante indicações de associados (DAMO, 1998). O Internacional, no entanto, fundado em 1909, não foi formado propriamente pelo “povo”. Embora com critérios de adesão menos rígidos que o dos tricolores, também os impunha, e seus frequentadores eram em sua maioria jovens em busca de afirmação social: pequenos comerciantes, comerciários, funcionários públicos e estudantes. Em oposição à predominância de germânicos e descendentes do Grêmio, o quadro colorado era formado majoritariamente por porto-alegrenses e estudantes vindos do interior do estado (DAMO, 2005). Os integrantes de ambos os clubes,

respeitadas suas particularidades, compartilhavam de um contexto sociocultural alinhado com os *habitus* das elites (DAMO, 1998). E nesse primeiro momento, os negros não eram bem quistos nem no Grêmio, nem no Inter (DAMO, 2005). As diferenças eram suficientes, todavia, para que o Internacional já começasse a se afirmar como um “clube nativo”, opondo-se ao coirmão que, pela notável presença das elites germânicas, era tido como clube “estrangeiro” (MASCARENHAS, 2014).

A conotação popular do Inter, por sua vez, parece ter se configurado principalmente ao longo das décadas de 1930 e 1940, em função da incorporação de negros e pobres pela agremiação no período (DAMO, 1998; MASCARENHAS, 2014). Assim, mais do que uma questão meramente socioeconômica, esse processo envolve também aspectos raciais. Mais especificamente, entendo que a construção da imagem do Internacional como “clube do povo” é imbricada à sua afirmação como “clube dos negros”.

Analisando tal processo, Damo (1998) identifica que o “profissionalismo marrom”²⁸⁵ e, posteriormente, o “profissionalismo oficial”²⁸⁶ configuraram-se em oportunidades de o Internacional fortalecer seu escrete de forma a fazer frente ao Grêmio, que deteve a supremacia esportiva local até os anos finais da década de 1930. Isso porque enquanto o Internacional buscava reforçar-se com os jogadores que se destacavam em clubes de menor expressão, o Grêmio resistia em incorporar negros a seu plantel, não entrando na disputa com os colorados pela contratação dos destaques afrodescendentes.

Mascarenhas (2014) relata que a perspectiva adotada pelo clube colorado já vinha sendo praticada entre os clubes da Campanha Gaúcha, influenciados pelos países vizinhos do Rio da Prata, onde o profissionalismo já estava consolidado desde a década anterior: “tais clubes investiam abertamente na contratação de jogadores talentosos, sem qualquer restrição relacionada a raça ou origem social do atleta” (*ibidem*, p.129). Apoiados também pelo poderio econômico dos latifundiários locais, na década de 1930, os clubes de Pelotas, Rio Grande, Livramento e Bagé conquistam sete dos dez títulos estaduais, impondo sua superioridade aos clubes da capital.

Em Porto Alegre, o futebol ainda estava estruturado em ligas independentes, que reproduziam a hierarquia socioeconômica vigente na cidade. Na liga principal, os princípios

²⁸⁵ O termo “profissionalismo marrom” refere-se à uma lógica na qual oficialmente o futebol ainda regia-se pelos princípios do amadorismo, mas ilegalmente havia clubes que remuneravam atletas de classes populares (muitos dos quais negros) para jogar futebol. Tal prática esteve presente, sobretudo, ao longo da década de 1920.

²⁸⁶ O profissionalismo oficial se dá quando, enfim, são constituídas ligas profissionais, ou seja, na qual os atletas são legalmente remunerados. No Brasil, o marco do profissionalismo no futebol ocorre em 1933, quando é formada a Liga Carioca de Football (PEREIRA, 2000).

amadorísticos ainda persistiam, mas sob forte pressão do crescente público torcedor, cada vez mais interessado em vitórias da equipe do que na distinção de seus integrantes (MASCARENHAS, 2014).

Os primeiros negros chegaram ao Inter na década de 1930, mas foi em 1940 que a equipe colorada passou a superar o Grêmio. Mais do que isso, o pejorativamente chamado “time de negrinhos” da década anterior, passou a ter o elogioso apelido de “rolo compressor”, por se tratar de uma equipe de grande qualidade técnica e que conseguiu manter-se no auge até 1955, sendo grande motivo de orgulho a seus torcedores.

Mas não era apenas o futebol - a técnica, a força, a ousadia etc – que impressionava os torcedores dos vários lugares por onde o “rolo” andava. Nem tanto no Nordeste brasileiro ou no centro do País, mas principalmente no interior do Estado, a exuberância de Assis, Ávila e Abigail – os três ases que mais tarde seriam imortalizados no Hino Oficial do Inter, “Celeiro de Ases” – , somados a Nena, Alfeu e Tesourinha, todos negros, simbolizavam também o fim da segregação racial e a afirmação do profissionalismo. Raça, condição social e estilo de vida já não eram critérios para inclusão/exclusão de atletas, pelo menos no Internacional (DAMO, 1998, p.108).

Enquanto isso, o Grêmio não apenas seguia sofrendo derrotas em campo para o rival, como adquiria a fama de racista e germanófilo. Com a crescente popularização do futebol, com a ampliação e diversificação dos públicos, o ar aristocrático do tricolor passava a ser um ônus que contribuía para a perda da adesão popular ao clube (DAMO, 1998).

Damo (1998) revela, ainda, que em 1942 o Departamento de Futebol do Grêmio correu o risco de ser fechado. Segundo depoimento do ex-presidente do clube Dr. Renato Souza,

o clube tinha dificuldades para se adequar às novas exigências do profissionalismo, especialmente no que se refere às questões econômicas, salário dos jogadores e comissão técnica, compra e/ou aluguel do “passe” dos atletas, despesas com treinamentos, viagens e, até mesmo o Fortim da Baixada, orgulho dos primeiros gremistas, precisava ser substituído (DAMO, 1998, p.140).

Também segundo o ex-dirigente, entre as demandas impostas pelo profissionalismo com as quais alguns conselheiros não estavam de acordo estava a aceitação de negros no plantel. A tradição era o argumento utilizado para manter a segregação.

Os conselheiros, ou melhor, o foco de resistência que dele fazia parte, alegava a existência de uma “cláusula” imposta pela família Mostardeiro, de quem o Grêmio adquirira o terreno da Baixada. Tal cláusula nunca chegou ao domínio público e é bem provável que jamais tenha existido e se era apenas um “acordo de cavalheiro” poderia ter sido renegociado. Seja como for, o certo é que os trâmites burocráticos para que a “ruptura da antiga tradição” fosse efetivada

tinham que passar pelo conselho e este era terminantemente avesso às reformas (DAMO, 1998, p.141).

Mais do que a manutenção, viu-se naquele período um esforço de resgate às tradições do clube. Uma das estratégias que seguiam tal perspectiva foi a criação, em 1946, do título de “patrono do Grêmio”, sendo ele concedido ao Dr. Aurélio de Lima Py, ex-presidente do clube entre 1912 e 1930, e de seu Conselho Deliberativo entre 1937 e 1943. Dr Py não apenas dotava de grande prestígio ante a sociedade, como seu vínculo com o Grêmio era tal que ele viria a ser descrito como um símbolo das tradições do clube (DAMO, 1998).

Um texto que expressa com nitidez o pensamento do antigo patrono em relação ao Grêmio é seu discurso de posse, registrado em ata e posteriormente divulgado em diversas publicações do clube, na qual ele versa o “credo do bom gremista”²⁸⁷. Adotando um discurso de viés positivista, o patrono destacava a grandeza e força do clube, seu mérito na formação de corpos sãos e livres de vícios e por colaborar na formação de uma raça eugênica para o futuro, e no respeito às tradições, responsáveis por manter a família gremista unida e forte (DAMO, 1998). A fala de Dr. Py indica que a segregação racial era um dos princípios associados à tradição do Grêmio que ele defendia manter.

Cabe destacar, também, que os movimentos de torcedores também foram importantes articuladores de reafirmação dos valores do Grêmio, nesse caso, sobretudo, sua fidelidade. Em 1942, foi criado o departamento Pela Pujança do Grêmio, composto por torcedores e associados que tinham o papel de divulgar e propagandear o clube. Mais adiante, formou-se o já citado

²⁸⁷ “CREIO no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense porque sempre foi, é e será um propugnador leal e honesto do esporte integralmente pelos esportes e para o esporte, com a finalidade bendita do aprimoramento físico e moral dos seus associados moços.

CREIO no Grêmio porque ele é um dos baluartes da grandeza esportiva do nosso querido Rio Grande do Sul.

CREIO no Grêmio porque ele é um centro de brasilidade de nossa mocidade.

CREIO no Grêmio porque ele foi, é e será forte nas horas alegres como nas tristes.

CREIO no Grêmio porque propicia aos moços associados as bases de uma educação física, preparando uma geração sã e forte para o engrandecimento de nossa Pátria.

CREIO no Grêmio porque sempre defende as boas causas da mocidade.

CREIO no Grêmio porque é um centro de educação e luta da virtude contra o vício.

CREIO no Grêmio porque, procurando integrar a fórmula do MENS

SANA IN CORPORE SANO, ele batalha para a formação física e mental do homem para as lutas da vida.

CREIO no Grêmio porque ele é, a um só tempo, um centro de irradiação esportiva e de educação moral.

CREIO no Grêmio porque, trabalhando pelo aprimoramento da raça, colabora na formação de uma raça eugênica para o nosso futuro.

CREIO no Grêmio porque a tradição mantém a família gremista unida, forte e entusiasta.

CREIO no Grêmio porque ele cultua a tradição dos seus feitos através de várias gerações.

CREIO no Grêmio pela vibração de alma que esse culto realça.

CREIO no Grêmio pela continuidade de suas vitórias glorificadoras.

CREIO no Grêmio por tudo isso, e mais, pelo destemor de suas atitudes na defesa do bom nome esportivo da nossa amada gleba.

CREIO, por fim, no Grêmio, com o entusiasmo que faz milagres, pelo bem de todo gremista sincero.

Peço perdão a família gremista pelo pouco que aqui fica dito em face do muito que mereceria ser dito” (DAMO, 1998, p.143).

Departamento do Torcedor Gremista, cujas inovações nas arquibancadas contribuíram para popularizar a torcida tricolor (DUARTE, 2012). Cabe pontuar, entretanto, que a carnavalização da torcida gremista não era bem vista por todos os setores do clube, entendendo que aquela era uma característica típica dos rivais colorados e que os gremistas deviam manter um apoio “sem tanto estardalhaço” (DAMO, 1998, p.151).

Ao longo dos anos de crise da década de 1940, era também na “tradição” e no “passado glorioso” que se apoiavam os presidentes que assumiam o desafio de resgatar o clube, fato evidenciado em seus discursos de posse (DAMO, 1998). Com o tempo, contudo, o limite do que era aceitável ser modificado no clube entrou em disputa entre conservadores e reformistas.

Para os primeiros, a noção de tradição englobava todo o passado do clube, suas conquistas dentro de campo, os procedimentos administrativos e os princípios morais que lhes davam suporte. Para os reformistas, muito mais pragmáticos, importava resgatar a hegemonia futebolística mesmo que para tanto fosse necessário extirpar alguns “sentimentalismos” considerados ultrapassados, dentre eles a crença nos valores do amadorismo (DAMO, 1998, p.146).

Importante figura para a transição do Grêmio rumo à adequação ao profissionalismo e, com ele, à ruptura definitiva com a segregação racial no clube, foi Saturnino Vanzelotti, que assumiu a presidência do clube em 1949²⁸⁸, permanecendo no cargo até 1954. Já em seu primeiro ano, gradativamente, o presidente iniciou um “amorenamento” do elenco gremista (DAMO, 1998, 2005). A contragosto de alguns conselheiros, um ou outro negro, de pele não tão escura, “que se pudesse dizer que era bronzeado ao invés de afrodescendente” foram se inserindo no elenco tricolor (DAMO, 2005, p.233).

É, todavia, na década seguinte em que ocorre o marco na inclusão de negros no Grêmio. Em 1952, o clube tricolor realiza a contratação do ídolo colorado Tesourinha, sobre a qual seu presidente divulga o seguinte comunicado à imprensa:

A diretoria do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense vem trazer a conhecimento de seus associados e simpatizantes que, por decisão unânime, resolveu tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida de não incluir atletas de cor em sua representação de futebol. Sob o ponto de vista legal, se havia procedimento irregular, este era o de estabelecer a diferenciação em apreço, contrariando o princípio básico da própria democracia — o da igualdade de todos. O uso que se formou, a tradição que se consolidou, mais por uma questão de sentimentalismo e de homenagens aos próprios fundadores e aos primeiros dirigentes do Grêmio, embora merecedores de todo o nosso respeito, não podem mais prevalecer na época atual, onde um profissionalismo absoluto

²⁸⁸ Damo (1998) destaca que o fato de, também em 1949, ter falecido Dr. Py, ainda que deixe evidente que o antigo patrono não possa ser – ao menos não singularmente – responsabilizado pela manutenção da resistência a negros no clube.

está sempre a exigir as mais decididas medidas para a garantia da sobrevivência das agremiações.

As épocas mudaram e daquele amadorismo sadio de então nos transportamos, como sinal dos tempos, para a realidade de hoje, muito mais diversa e arrebatadora, onde todas as energias são convocadas para as permanentes porfias, que constituem situação normal em todos os setores de atividades.

Assim também no futebol. Não há possibilidade de restrições, de peias e embaraços. A agremiação esportiva vive pela pujança de sua representação, pela união de seus associados, pelo entusiasmo de seus torcedores. A agremiação esportiva vive em função de seus feitos, projetando mais ou menos o seu prestígio, na razão direta das vitórias que obtém e dos galardões que conquista.

Seguimos o exemplo das mais gloriosas e tradicionais agremiações do Brasil e do continente. Temos a convicção de que, acima de tudo, estamos prestando mais um serviço ao nosso Grêmio porque, como sempre, procuramos torná-lo mais pujante, mais glorioso, mais respeitado e mais “vezes campeão”. [Decreta-se, então, o fim] do hediondo, improcedente e intolerável preconceito

Eis a explicação que a diretoria do Grêmio sente-se no dever de prestar ao mundo esportivo em geral e a seus simpatizantes em particular, com a certeza que a imensa família tricolor bem compreenderá as razões que ditaram a nossa iniciativa, permanecendo unida, coesa e forte para maior glória de nosso estremecido Clube”.²⁸⁹

Mais do que simplesmente divulgar uma contratação, o texto anuncia a ruptura de uma tradição, apresentando as devidas justificativas para tal atitude, gesto identificado no texto como um dever a ser prestado pela diretoria.

Salin Nigri conta que a vinda de Tesourinha respondia a desejo antigo de Vanzelotti que buscava desfazer a imagem segregacionista do clube e que acreditava ser necessário trazer um jogador renomado, tal qual era Tesourinha, para tal tarefa (DAMO, 1998).

Dois dias depois, o mesmo periódico publica uma resposta de “ex-associados e simpatizantes descontentes” na qual manifestam sua insatisfação com a forma como ocorreu a contratação de Tesourinha, justificando que esse não era um caso rotineiro, pois não respeitava “a norma que vinha sido seguida” e que, por isso, deveria ser debatido junto ao Conselho Deliberativo do clube (DAMO, 1998, p.113). Se tal manifestação demonstra que a vinda do atleta negro gerou certa polêmica, tal posição foi periférica, e a contratação pareceu cumprir com a intenção de contribuir para o resgate da imagem do Grêmio.

Além de Tesourinha, outro a cumprir importante papel na modificação da imagem racista do Grêmio foi Lupicínio Rodrigues. Um ano após a contratação do ex-atleta colorado, o compositor negro compôs o Hino do Cinquentenário do clube, que mais tarde foi adotado como

²⁸⁹ Publicação do Correio do Povo, de 6 de março de 1952. Disponível em: <<http://observatorioracialfutebol.com.br/historias/futebol-a-cores-uma-historia-deracismo-no-rio-grande-do-sul/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

hino oficial, gesto que reforçou a relação do já notório torcedor com o clube. “A paixão de Lupicínio serviu como prova de que o Grêmio tinha inserção popular e, acima de tudo, de que em se tratando de racismo nem o rival era inocente” (DAMO, 1998, p.154).

A reestruturação do Grêmio e sua inclusão oficial dos negros, tendo Tesourinha e Lupicínio Rodrigues como figuras marcantes, simboliza, por sua vez, um deslocamento do clube das antigas tradições às quais se vinculava.

Mas tanto o passado segregado do Grêmio, quanto vários outros elementos e fatos anteriores e posteriores à década de 1940 são acionados para reiterar tais imagens, quando convém. Um exemplo é a localização dos primeiros estádios dos clubes: o Fortim da Baixada, do Grêmio, em uma zona nobre, e o Estádio dos Eucaliptos, do Internacional, em um bairro de subúrbio. Mascarenhas (2014) cita outros símbolos do status de popular do Inter: o tom carnavalesco da torcida implementado pelo líder Vicente Rao, que era também Rei Momo; o fato de uma cabrita – animal desprovido de nobreza – ter sido adotada como espécie de mascote do clube, sendo levada à suas partidas e batizada de “Chica”; a adoção de figuras folclóricas negras como mascotes, casos do negrinho e do saci. A recorrente referência a tais elementos contribui para reiterar as representações sobre os clubes.

Outro fator importante no processo de atualização da oposição da dupla Gre-Nal em elite/alemães x povo/negros é a atribuição do termo macaco ao Internacional e aos colorados por parte dos gremistas. É incerto o momento preciso em que tal forma pejorativa de remeter a negros passou a ser utilizada pelos tricolores, mas Damo (1998) acredita que desde 1940 já ocorre tal referência, sendo que no final da década de 1960 a alcunha já era popular. A expressão que hoje é motivo de debate e polêmicas, fato que discutirei no próximo item, faz parte dos cânticos de torcidas organizadas desde os anos 1990. Ademais, o próprio Internacional e seus torcedores, assumiram a imagem do macaco, positivando-os como símbolo de força e imposição de respeito, num ato de anulação do racismo gremista (BANDEIRA, 2009; RODRIGUES, 2012). Assim, ao adotarem a alcunha, fazem “do suposto estigma o próprio antídoto e a sua marca de identidade ostensiva. Adotando o xingamento, reverterem o caráter pretensamente negativo da expressão, imprimindo-lhe uma conotação orgulhosamente provocativa” (WISNIK, 2008, p.47-48).

Destaco que o entendimento de que o Grêmio se manteve fechado aos negros até 1952, quando contrata Tesourinha, é, atualmente, questionada por muitas pessoas. Se é possível reconhecer a presença de jogadores de pele escura e/ou com traços característicos de

afrodescendentes no Grêmio em décadas anteriores²⁹⁰, o fato da contratação desse atleta ser caracterizada, sobretudo pelo clube e pela imprensa, como evento pioneiro que rompia com uma tradição segregacionista indica que era esse o significado atribuído por tais instituições àquele episódio.

Mas, mais importante do que a afirmação de minha posição quanto a isso, é identificar que a recusa de gremistas a essa narrativa histórica é representativa de um novo esforço de rompimento com uma memória racista e elitista do Grêmio. Voltarei a esse ponto, conectando-o ao processo de ressurgimento da Coligay, no próximo item.

5.3.2 O ressurgimento da Coligay

Conforme venho argumentando, defendo que a homossexualidade e a homofobia têm se tornado pauta mais frequente nos noticiários esportivos, o que pode ser compreendido como desdobramentos da desnaturalização de processos regulatórios de gênero e sexualidade, que também atingem os campos de futebol.

Nos registros da mídia esportiva que encontrei, mesmo aqueles que tratam de fatos contemporâneos como o surgimento de coletivos de torcedores, ações de marketing dos clubes e denúncias no STJD, a lembrança da existência da Coligay, “uma torcida gay em plena ditadura”²⁹¹, é recorrente. Esse dado reforça a representação desse agrupamento como um marco e um símbolo da presença LGBT no universo esportivo e, mais especificamente, futebolístico.

Nesse cenário de rememoração da Coligay, o livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores”, de Léo Gerchamann é uma fonte recorrente acionada para abordar aspectos da trajetória do grupo. Diante desse fato, somado ao de que esse livro é a primeira obra que se detém a relatar especificamente a história da TO, parece-me importante para essa tese a análise dessa obra, exercício que empreendo na próxima sessão desse trabalho. Subsequentemente, debruço-me sobre outro espaço de visibilidade da Coligay, o Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt. A escolha desse segundo objeto de análise se dá pela relevância do reconhecimento institucional ao dar-lhe destaque em um lugar de memória do clube. Tendo isso em vista, é importante analisar qual a representação da torcida visibilizada nesse local.

²⁹⁰ A definição de tais atletas como negros a partir da simples consideração de traços fenotípicos observadas em fotos é questionável, tendo em vista que raça é uma categoria que não pode ser desvinculada de aspectos históricos e culturais.

²⁹¹ Esse é o modo como recorrentemente a Coligay é citada nas mídias por mim consultadas.

5.3.2.1 Coligay: Tricolor e de todas as cores

O livro “Coligay: tricolor e de todas as cores” foi publicado em 2014. Seu autor, Léo Gerchamann, é jornalista e gremista. Nascido em 1964, chegou a conhecer a Coligay, tendo lembranças pessoais da torcida, ainda que poucas e esparsas, visto que ele era ainda uma criança quando o grupo estava em atividade. Assim ele relata sobre a motivação para a escrita dessa obra:

Bom, foram duas coisas que se encontram. Uma é o meu gremismo e o orgulho de que a Coligay tenha nascido dentro do Grêmio, que foi o Grêmio que inventou isso. Isso é muito legal! E outra é uma criação toda que eu tenho de valorizar muito esse sentimento do respeito às diferenças. Então, juntando outras coisas, foi uma coisa natural. [...] Se for falar bem curto, bem sintetizado, assim, são duas coisas: a minha paixão pelo Grêmio e a minha paixão pelo valor da diversidade (GERCHMANN, 2017, p.1).

A fala de Gerchmann destaca de antemão seu interesse em tratar da história de um grupo que é motivo de orgulho do clube pelo qual torce. Uma motivação pessoal, portanto, de dar destaque a uma invenção do Grêmio, como afirmado por ele. A menção ao “respeito às diferenças” ou ao “valor da diversidade” reconhece um status de **diferente** da Coligay, diferença essa que, quase automaticamente, associamos à identidade homossexual de seus integrantes, o que implica no entendimento da heterossexualidade como referência ou padrão. Assim, para o autor, essa condição de diferente, em alguma medida, parece já justificar ou fortalecer os motivos de registrar sua trajetória.

O lançamento do livro de Gerchmann foi noticiado em diferentes veículos de comunicação²⁹², o autor foi convidado para abordá-lo em programas de televisão²⁹³, na Feira do Livro de Porto Alegre de 2014 houve um debate sobre a publicação e já foram vendidos cerca de 1100 exemplares da obra²⁹⁴. Essas diferentes formas de circulação do livro potencialmente ampliam o conhecimento acerca da existência da torcida, além de notabilizá-lo como fonte de informações para melhor conhecê-la, posição defendida em algumas reportagens sobre a obra:

²⁹² Como exemplos, menciono Globoesporte.com, El País Brasil e BOL.

²⁹³ Entre eles, Redação SporTV e Globo Esporte.

²⁹⁴ Informação fornecida pelo autor em julho de 2018.

Ainda há muitas histórias para serem contadas no futebol. Mais uma prova disso é o recente lançamento do livro "Coligay, tricolor e de todas as cores", escrito pelo jornalista gaúcho (e gremista) Léo Gerchmann. **Antes do livro de Gerchmann, era praticamente impossível encontrar registros organizados daquela que é considerada a primeira torcida gay do Brasil, seja em livros e jornais ou na internet** (RUIZ, 2014. s.p., grifo meu.).

Um dos poucos registros históricos sobre os seis anos de existência da torcida gremista é o livro “Coligay, tricolor e de todas as cores”, escrito pelo jornalista Léo Gerchmann e publicado pela editora Libretos, em 2014 (PIRES, 2017. s.p., grifos meus).

O relato de um torcedor gremista citado na pesquisa de Bandeira (2017) também indica que o livro contribuiu para que a Coligay fosse um assunto mais falado:

Rodrigo afirmou: “ouvi falarem da Coligay duas vezes” (DC 14). Giuliano, amigo de Rodrigo, interrompeu e disse que “foi colorado. Vi e conheci a torcida por causa dos colorados” (DC 14). Rodrigo completou: “tirando a questão dos colorados, eu nunca tinha visto” (DC 14). Ele contou ter visto uma reportagem de jornal: “eu acredito que tenha sido postada por um colorado, que foi a primeira vez que eu li sobre o que era. Eu acho que isso foi no ano passado ou retrasado que foi lançado um livro e daí se tornou um assunto mais falado, mas até então não sabia nada, nunca vi”. (DC 14). (BANDEIRA, 2017, p.294).

Diogo Olivier (2016, p.9-10), apresenta visão similar:

Eu acho que isso [a publicação do livro] naturalmente quebra um pouco de barreiras assim. A repercussão pelo o que ele [Léo Gerchmann] me disse foi super boa, do livro. Assim, teve uma venda legal dentro do mercado regional e tal, e ele conseguiu espaço em vários lugares para divulgar o livro, o que também é legal. Eu acho que sim, acho que em alguma medida ele serviu para virar o paradigma, entendeu? Todo mundo agora que for atrás desse assunto, vai ter como referência o livro dele.

De fato, como Diogo Olivier supõe, Gerchmann parece ter se tornado uma referência no tema Coligay e, mais além, homossexualidade e futebol, o que noto pelas recorrentes menções ao autor por diferentes pessoas durante a realização da minha pesquisa, além de citações suas em diversas reportagens, nem sempre sobre a própria torcida gremista. Tal relevância de “Coligay: Tricolor e de todas as cores” fica evidente ao observar as recentes matérias que abordam a presença de homossexuais e/ou de práticas homofóbicas no futebol, algumas das quais mencionadas no item 5.2 desse trabalho. Dada a presença pouco notabilizada e até mesmo invisibilizada de sujeitos LGBT no ambiente futebolístico ao longo de toda a sua história, a Coligay é tratada como um ícone e, como tal, é recorrentemente mencionada em textos sobre os mais diferentes fatos e com as mais diferentes abordagens no que tange ao amplo

e multifacetado assunto que é a relação homossexualidade e futebol. Neles, é perceptível que o livro serve de fonte para o que se diz sobre o grupo, sendo a obra citada ou não.

Bandeira e Seffner (2017), ao tratarem da publicação de Gerchmann, compartilham algumas impressões que vão ao encontro das minhas:

A publicação de um livro sobre a Coligay nos chamou a atenção por diferentes motivos. Um deles foi nossa ignorância em relação a torcida sendo que um de nós é gremista e investigador de práticas torcedoras no Grêmio. Outro, ainda, foi o entendimento de que a publicação somente poderia aparecer neste momento em que as ações dos torcedores dos estádios de futebol estavam sendo colocadas em questão. Nos pareceu, também, que a elitização de público e certo deslocamento ético, estético e moral dos estádios é o que daria condição de possibilidades para essa publicação (p.10).

A ignorância reconhecida pelos autores reforça a impressão de uma condição de certa invisibilidade da Coligay na memória do Grêmio e seus torcedores. Concordo, ainda e sobretudo, que deslocamentos de diferentes ordens manifestas no futebol, nos estádios e nxs torcedorxs é que ofereceram condições de possibilidade para a publicação dessa obra. Nesse sentido, pelos argumentos expostos, entendo que “Coligay: tricolor e de todas as cores” é um marco importante no que tange à visibilidade dessa torcida e de sua trajetória, sem com isso representar o **motivo** pelo qual a Coligay é rememorada, mas sim uma das consequências desse processo de ressurgimento e, simultaneamente, tendo contribuído para isso ao ter se constituído como uma importante (e talvez a principal) fonte de informações sobre a mesma²⁹⁵.

Isso posto, penso ser importante destrincha-lo, buscando verificar os pontos centrais da representação que essa obra traz acerca do que foi essa torcida.

A obra tem 190 páginas, organizadas em quinze capítulos antecedidos de uma introdução e procedidos de um epílogo. Tomando como fontes reportagens de periódicos da época e entrevistas com integrantes da Coligay, jogadores e dirigentes do Grêmio, e membros da imprensa esportiva, Gerchamann divide seu conteúdo de forma temática, não necessariamente adotando uma sequência cronológica dos fatos. Analisando-o, elenquei cinco assertivas acerca da Coligay que são construídas ao longo do texto:

- 1) A existência da Coligay foi fruto de coragem e resistência pacíficas
- 2) A Coligay era diferente das demais torcidas
- 3) Volmar Santos é personagem primordial na fundação, manutenção e fim da Coligay
- 4) A Coligay era “pé-quente”

²⁹⁵ Outro indício desse reconhecimento se deu ao longo dessa pesquisa quando inúmeros de meus entrevistados me sugeriam o livro ou seu autor como fontes para o trabalho.

5) O surgimento da Coligay no Grêmio não é aleatório nem fortuito

Abaixo, apresento cada uma delas, descrevendo como o autor constrói essas características ao longo do livro²⁹⁶.

1. A existência da Coligay foi fruto de coragem e resistência pacíficas

Logo em sua primeira frase, o livro já anuncia o entendimento que parece nortear a narrativa de Gerchmann: “A Coligay é um símbolo da **luta pela diversidade**” (GERCHAMANN, 2014, p.10., grifo meu.). A noção de luta só se faz pertinente porque parte de um entendimento de algo a ser combatido, nesse caso, a sociedade, apresentada como conservadora e avessa à pluralidade, sendo os estádios de futebol espaços apontados como especialmente resistentes, e mesmo hostis, à diversidade de gênero e de orientação sexual.

Assim, as barreiras enfrentadas pela Coligay não se limitavam ao universo esportivo. Para Gerchmann, a homossexualidade era uma “angustiosa vivência de ser uma minoria pouco compreendida” (2014, p.22). Ele defende que os estádios, assim como as boates, foram justamente apropriados como espaços de escape necessários diante do conservadorismo imposto fora desses ambientes de lazer.

Os títulos dos capítulos reforçam os valores de luta e resistência atribuídos pelo autor à história da Coligay, trazendo referências à superação (Capítulo 5: Superação também dentro de campo; Capítulo 9: Desconfiança, depois, aceitação), ousadia (Capítulo 6: Ousadia em anos de chumbo) e progresso (Capítulo 11: Um exemplo para o mundo; Capítulo 12: Avanço Extraordinário).

O processo de superação descrito pelo autor envolve o clube, atravessando os demais torcedores gremistas, os torcedores adversários e a imprensa esportiva, e encerra-se com a conquista da aceitação e acolhimento de todos esses segmentos.

O jornalista Divino Fonseca, em uma reportagem publicada na revista Placar no dia 27 de maio de 1977, mencionada no livro, retrata algumas das primeiras reações que o grupo obteve. Ele conta que o presidente do Grêmio, Hélio Dourado, na primeira vez que viu a Coligay, “franziu o cenho”, demonstrando não entender ou mesmo não apreciar o grupo. A Eurico Lara, torcida oficial do clube, por sua vez, era refratária à Coligay. Seu comandante, José Buaes, expunha sua insatisfação considerando aquilo lamentável e uma vergonha para o clube. Já a Força Azul, torcida dissidente, aceitou-os com maior facilidade, havendo inclusive

²⁹⁶ Ênfase que, nesse item da tese, apenas descrevo a forma como Gerchmann apresenta a Coligay, sem triangular informações obtidas em outras fontes, nem interpretar os dados em diálogo com a literatura acadêmica.

alguns de seus integrantes que passaram a integrar a Coligay. Gerchmann (2014) também menciona o estranhamento inicial dos jogadores Walter Corbo, Iúra e Tarciso. Todavia, ele argumenta que “No começo do século 21, o discurso é bem outro. Dirigentes e jogadores da época reconhecem, hoje, a importância da Coligay” (GERCHMANN, 2014, p.120).

Algumas das estratégias e recursos para superar as dificuldades são mencionadas ao longo da obra. Em texto publicado na revista Placar, há menção de Volmar Santos, idealizador e líder da Coligay, sobre o acesso a “advogados e tudo mais” que garantiriam que ninguém poderia tentar nada contra a torcida. O torcedor também argumenta que estavam “perfeitamente dentro da lei” – fato também confirmado na reportagem pelo chefe do setor de Meretrício e Vadiagem da Delegacia de Costumes –, outro impeditivo para tentativas de extinção do grupo (GERCHMANN, 2014, p.73). O líder da torcida ainda fez uma afirmação em tom ameaçador: “Só queremos paz e alegria, mas já vou avisando a quem quiser mandar contra nós; tem muita gente importante, que não pode aparecer, nos apoiando” (GERCHMANN, 2014, p.74).

Somado ao suporte jurídico e de “gente importante”, seguranças eram contratados para acompanhá-los às partidas, garantindo que também não fosse possível expulsá-los na base da força física. Além disso, Volmar possibilitou aos integrantes que fizessem aulas de karatê, caso precisassem enfrentar algum agressor. Essas medidas eram afirmadas como meramente protetivas, em caso da necessidade de se defenderem, jamais como estímulo à violência, havendo, inclusive, regras de comportamento para evitar problemas, entre os quais as brigas.

Apesar de mencionar esses recursos, Gerchmann lhes atribui menor importância, sendo a alegria e a descontração o que ele destaca como a principal forma de conquista dos opositores como mostra, entre outros, o trecho: “Qual a arma da Coligay contra a carranca das ditaduras militares e dos costumes tomados pelo conservadorismo? O bom humor” (GERCHMANN, 2014, p.82). Após tal afirmação, o autor relata um caso que parece uma metáfora de seu ponto de vista. No episódio, contado a ele por Volmar, um integrante do grupo fantasiou-se e representou a personagem de Chico Anysio Salomé de Passo Fundo²⁹⁷, em frente ao então presidente do Brasil, o general João Batista Figueiredo, que estava em visita ao Estádio Olímpico. A performance debochada provocou tensão e risos abafados entre os que assistiam, mas o Presidente aceitou a brincadeira com uma risada amarela.

Mais de uma vez, o termo *sadio* é utilizado para qualificar o convívio da Coligay com outros grupos e a festa que produziam, como no trecho que cita a “algazarra *sadia* daqueles

²⁹⁷ Personagem do comediante Chico Anysio que satirizava a ditadura civil-militar, aparecendo sempre conversando ao telefone com “João Batista”, uma referência ao então presidente Figueiredo, também fazendo menções satíricas a outras personalidades políticas utilizando apelidos, como “Japonesinho do Geisel” (ex-Ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki), por exemplo.

rapazes que apenas queriam se dar o direito de ser autênticos e felizes torcendo pelo seu time” (GERCHMANN, 2014, p.19). O termo parece indicar que o comportamento da Coligay, no que tange ao modo de manifestar sua animação e humor, seria interpretado como adequado, dentro de limites de respeito aos outros.

A percepção desse limite também é demonstrada no caráter ordeiro do grupo. Esse aspecto é mencionado, inclusive, pelo ex-presidente gremista Hélio Dourado ao relatar que a conduta da torcida fez com que fosse “aceita por todo mundo” (GERCHMANN, 2014, p.170). Ele conta, também, que a gentileza e a educação com que conversaram com ele ao pedir autorização para formar a torcida surpreenderam-no: “achei completamente diferente dos outros”, disse (GERCHMANN, 2014, p.170).

Indo ao encontro do relato de Dourado, segundo conta Gerchmann, os integrantes da Coligay, uma vez nas redondezas do estádio, tal qual tantos outros torcedores, antes de entrar comumente bebiam e socializavam no Bar do Ramón, estabelecimento localizado próximo ao Olímpico. Também dentro do estádio era possível continuar a bebedeira que começara ainda na noite anterior, na Boate Coliseu. Assim, para evitar que o excesso de álcool ampliasse a possibilidade de confusões envolvendo integrantes da torcida, Volmar controlava o consumo, até mesmo limitando a quantidade de dinheiro que levavam. Assim, saber beber “na medida exata para chegarem àquela euforia típica de quem sabe o momento adequado de estancar a volúpia para não dar vexame” era outra das qualidades da Coligay retratadas por Gerchmann (2014, p.91). Em outro exemplo, até mesmo o respeito ao tráfego dos carros nos momentos em que caminhavam pelas ruas em grupo rumo ao estádio Olímpico – seguindo o sentido dos carros, pela direita – foram valorizadas como sinal da postura comportada da torcida.

Ademais, o adjetivo **sadio** parece também remeter à não violência da Coligay, aspecto bastante enfatizado ao longo do livro. Um momento que ilustra esse traço pacífico da Coligay descrito por Léo é a menção ao primeiro jogo em que apareceram no Estádio Olímpico. Assim é descrita pelo autor a reação apresentada pela torcida diante do comportamento julgador recebido de alguns conservadores:

Agiam como estavam acostumados a agir: aparentavam ignorar os olhares que os fuzilavam, o escárnio que já enfrentavam no cotidiano de uma sociedade preconceituosa, nas ruas de uma cidade e de um país homofóbicos. A tática foi a de sempre, a de fazer de conta que não era com eles, adotando aquele clássico olhar de paisagem, de uma indiferença doída, dissimulada, mas não resignada. **O jeito era evitar confusões.** Ajudar, **com alegria, civilidade e inteligência**, a remover a tal cultura obtusa de ser contra uma simples orientação sexual. (p.19., grifos meus).

O modo pacífico da Coligay de lidar com a rejeição e mesmo com manifestações contrárias à sua presença do universo do futebol e do Grêmio é enfatizado ao longo de toda a obra de Gerchmann. Essa opção, como demonstra a citação, é vista como uma inteligente estratégia de resistência e não como resignação, e, mais além, que seria capaz de provocar mudanças sociais no sentido de reduzir o preconceito contra homossexuais. Como descreve, eram imbuídos de “sentimento pacífico e revolucionário” (GERCHMANN, 2014, p.19).

Segundo relata, a torcida dificilmente se envolvia em episódios de violência e, se surgisse algum integrante violento, Volmar o expulsaria sumariamente. Gerchmann afirma que a garantia dessa conduta ocorria pela índole de seus integrantes, que “não era a da força bruta” (p.91) e pelo controle de Volmar, que não consumia bebidas alcóolicas e permanecia atento ao grupo durante todo o tempo.

Gerchmann chega a narrar um episódio de confronto no qual a Coligay se envolveu. Na cidade de Passo Fundo, em jogo contra o Gaúcho, os gremistas foram apedrejados, levando-os a reagir fazendo uso dos golpes de karatê aprendidos. A situação é descrita como uma reação à agressão sofrida, fato enfatizado pela afirmação de que a atitude foi compreendida por todas as testemunhas, reafirmando a postura essencialmente não-violenta da torcida.

Outra demonstração do caráter pacífico da Coligay que Gerchmann descreve ao longo da obra é a intenção que teria havido de realizar uma festa para a qual seriam convidados os integrantes da torcida gay colorada Inter-Flowers, superando a rivalidade em prol da união e do convívio amistoso com um grupo com o qual partilhavam de experiências e interesses afins que não o pertencimento clubístico. Todavia, segundo conta o autor, essa torcida não passou de um projeto, não chegando a ser formada, e a festa, por isso, acabou não ocorrendo.

A boa imagem da Coligay também é reforçada pelas ações filantrópicas que promovia ou das quais participava. Exemplo disso foi quando, por ocasião de uma viagem a Pelotas para acompanhar o Grêmio, levaram roupas, medicamentos e remédios a cidadãos da cidade que tinham sido acometidos por um longo período de chuvas intensas no inverno daquele ano.

Tendo em vista o exposto previamente, percebo que apesar da constante afirmação do caráter de luta e superação da Coligay, esse processo é descrito, na maior parte das vezes, como se ocorrido de forma não apenas pacífica, mas em alguma medida harmoniosa, ou até mesmo rápida. Ainda que o autor cite um episódio de apedrejamento, ele é mencionado de forma pontual, sendo mais comum sua menção a olhares e falas preconceituosos, mesmo eles continuamente e mesmo ligeiramente suplantados, como é possível ilustrar no seguinte trecho:

O início da Coligay, claro, foi complicado. Xingamentos, piadas, olhares enviesados e até casos de apedrejamento houve. Aos poucos, no entanto, os mais homofóbicos simplesmente se afastaram do local onde os rapazes se instalaram. [...]

Rapidamente frutificou a ousadia transgressora. O respeito preponderou, e a torcida homossexual gremista durou seis longos anos (GERCHMANN, 2014, p.21-22).

O caráter harmonioso da aceitação da Coligay que acaba sendo evidenciado na obra de Gerchmann, é percebido notadamente no tratamento do grupo pela imprensa esportiva. Aponto que vários dos entrevistados que contribuíram para a escrita de seu livro fizeram ou fazem parte desse segmento profissional, incluindo repórteres, colunistas, narradores, comentaristas e fotógrafos. Entre eles, o discurso de aceitação da torcida nos meios de comunicação é unânime. Segundo Paulo Sant’Ana, a torcida era, inclusive, promovida pela imprensa. Ele, ainda, afirma-se amigo de Volmar Santos, fato que Gerchmann aponta ser indicativo de que “a Coligay abriu espaço no coração do clube e cativara a imprensa” (p.23). A afirmação é seguida de uma espécie de exemplo disso: uma coluna de Sant’Ana em que ele trata da Coligay de forma positivada, adjetivada, entre outros, como “boa de torcida” e “pé-quentíssima” (GERCHMANN, 2014, p.24-25).

Na primeira partida em que a torcida esteve presente, contudo, não houve registros nos jornais da época²⁹⁸. Para Gerchmann, os jornais não tinham se dado conta da relevância do fato ou, talvez, avaliaram que “era coisa de viado” (*ibidem*, p.49). Entretanto, conforme conta, não tardou para que a Coligay tornasse tema frequente dos periódicos. Isso não ocorria, contudo, apenas no noticiário esportivo. No Jornal Zero Hora, a sessão de Humor, produzida por Carlos Nobre, era onde a torcida mais era lembrada. Gerchmann é enfático na crença de tratar-se de humor desprovido de qualquer caráter homofóbico, sendo prova disso o fato de Volmar lembrar apenas vagamente dos deboches e considerar Nobre um “humorista fantástico”. Não vendo má intenção nem teor preconceituoso, o autor até mesmo cita algumas das piadas do colunista nas quais é destacada a “frescura” que teriam os homossexuais.

O entendimento da ingenuidade e do caráter inofensivo dos gritos ou piadas que recorrem ao “bicha” ou aos comportamentos afeminados é reforçado pelo autor no relato de que também os integrantes da Coligay os utilizavam contra juízes e bandeirinhas, explicados caracterizando o clima que criavam como “de despreendimento, iconoclastia, diversão” (GERCHMANN, 2014, p.93). O autor também argumenta que “era época de intensa cultura conservadora, de um público reprimido e ávido por piadinhas” do teor mencionado (*ibidem*,

²⁹⁸ Tomo aqui a afirmação de Gerchmann. Em minhas pesquisas isso se confirma, mas é possível que periódicos não consultados por nós tenham noticiado o fato.

p.11), o que lhe permite contemporizar certas falas, atitudes e situações descritas por ele e que hoje poderiam ser consideradas preconceituosas e reprováveis.

Para Gerchmann, os integrantes da Coligay tinham consciência do significado da atitude daquele grupo e clareza das barreiras que enfrentariam, ainda que deixe em aberto a dúvida se seria aquele um “calculado gesto político” (p.20). Segundo o autor, havia a intenção de quebrar tabus esportivos – marcados na hegemonia do Internacional – e sociais – manifestos na moral comportamental da época –, mesmo que esse segundo possa ter ocorrido por transgressões, por vezes, involuntárias e necessariamente motivadas pela diversão.

O conservadorismo contra o qual a Coligay é apresentada como combatente é, com frequência, relacionado ao governo ditatorial então em voga no país. Se Gerchmann não se atém a descrever longa e detidamente o governo militar e seus impactos no contexto da época, ele chega a tratar exclusivamente disso em um de seus quinze capítulos e, também, em pequenas menções dispersas no livro. Neles evidencia-se sua crítica à política repressiva do período, assim como o entendimento de que a Coligay se impunha – conscientemente ou não – como um contraponto ao que este governo fazia e representava.

No capítulo em que há maior atenção ao tema, “Capítulo 6 - Ousadia em anos de chumbo”, o título já anuncia o posicionamento do autor. Nele, Gerchmann começa situando temporalmente o surgimento da Coligay tendo como referência o momento de instituição do AI-5²⁹⁹, caracterizando-o como instrumento que “afundara o Brasil nas trevas mais escuras da repressão” (GERCHMANN, 2014, p.65). A fim de demonstrar a violência do período, o autor cita a ocorrência de mortes duvidosas de opositores do regime – João Goulart, Juscelino Kubitschek e Carlos Lacerda –, o exílio do ex-governador gaúcho Leonel Brizola e a ocorrência de casos de tortura, prisões, assassinatos e desaparecimentos. Ele menciona, ainda, o fato de vários países sul-americanos viverem também períodos ditatoriais, e que havia um aparato de apoio entre esses governos, a Operação Condor.

O autor descreve, também, as medidas reformistas presentes no chamado Pacote de Abril, lançado em 1977, menos de uma semana após o surgimento da Coligay. Segundo ele, tratavam-se de medidas de caráter conservador em reação à vitória da oposição nas eleições legislativas. Outro movimento de luta lembrado na obra é a retomada do movimento estudantil, a partir da reestruturação dos Diretórios Centrais de Estudantes (DCEs), Uniões Estaduais de Estudantes (UEEs) e da União Nacional dos Estudantes (UNE). Entre forças, de um lado pela

²⁹⁹ A torcida surgiu menos de nove anos depois do ato.

manutenção do conservadorismo e da repressão, e por outro por mudanças, vê-se intensas relações de disputa em ação.

Apesar de indicar que a Coligay era impactada pela política governamental repressiva e violenta previamente citada, Gerchmann não chega a mencionar ações estatais desse tipo diretamente contra a população LGBT, nem explicar como o grupo, em específico, foi afetado.

Além dos aspectos políticos, o jornalista destaca o fato da Coligay questionar o conservadorismo repressivo no âmbito dos costumes. Situando a torcida em um contexto mais amplo de mudanças, o autor lembra da instituição da Lei do divórcio no ano de 1977.

Gerchmann revela também que o Coliseu serviu de espaço para exploração de experiências sexuais não normativas também entre jogadores de futebol, fossem eles homossexuais ou não. Nesse sentido, destaca que era um costume da época a prática de bacanais, orgias que incluíam diversas pessoas com diferentes orientações sexuais, interesses e desejos. Para o autor, a repressão do período, de maneira paradoxal, acabava por estimular essas práticas, ainda que de forma clandestina.

Para além do contexto político e cultural brasileiro e sul-americano, em certo momento do livro, Léo Gerchmann (2014) menciona algumas coincidências envolvendo a data de estreia da Coligay e outras ocorrências do período histórico. Ele cita os seguintes fatos: a volta à legalidade do Partido Comunista na Espanha, o que ele caracteriza como um sinal de redemocratização do país; a morte de Khalil Gibran, escritor filósofo e pintor libanês, de Cora Coralina, poetisa e contista brasileira e de Stuart Sutcliffe, baixista que integrou os Beatles em sua fase inicial. Tais episódios parecem reforçar o valor daquele momento como um momento de mudanças e de marcos históricos no que tange a um processo progressista e de transgressão.

Em outro momento, inserido no capítulo denominado “Mundo em transformação”, é apontada, em breves tópicos, uma série ampla de elementos que, em conjunto, retratam transformações nas mais diversas áreas – política, cinema, movimentos sociais, música, tecnologia, meio ambiente etc – de 1977 até os dias atuais. Parece haver, nesse outro recorte, a intenção de demonstrar que as mudanças não se limitaram ao ano de 1977, enfatizando que vivemos hoje “outros tempos”.

Por fim, vários são os elementos que permitem afirmar que a Coligay é apresentada na obra de Gerchmann como integrante de um processo de mudança social e de costumes, mas, mais além, de um movimento contra a ditadura, como resume a afirmação: “os ares de mudança esboçados por iniciativas como a da Coligay forçavam uma contrarreação da ditadura” (GERCHMANN, 2014, p.67).

Ao fim da obra, Gerchmann retoma a noção de mudança olhando para acontecimentos mais atuais. Refletindo especificamente acerca da possibilidade da presença de homossexuais no contexto futebolístico, ele lamenta a intolerância sexual praticada na Rússia, então futura sede da Copa do Mundo de 2018, teorizando que a presença da Coligay na atualidade naquele país poderia constituir-se enquanto um crime. Por outro lado, registra as resistências empreendidas no contexto virtual por páginas de *Facebook* que visam combater a homofobia como “Grêmio *Queer*”, “Queerlorado”, “Galo *Queer*”, entre outras. Ele relembra, também, o episódio desencadeado a partir da postagem em rede virtual pelo jogador Emerson Sheik em que dá um selinho em um amigo³⁰⁰. Entre exemplos de situações que demonstram a manutenção ou a retomada do conservadorismo, e outros de resistências progressistas, evidencia-se que as mudanças, termo tão utilizado ao longo do livro de Léo, não seguiram um rumo linear. Tendo isso em vista, o autor destaca como ao longo dos anos a história da Coligay permaneceu pouco notabilizada, não estando presente no Memorial do Grêmio (referindo-se ao Memorial do Olímpico³⁰¹) e sendo mencionada em poucas “reportagens de maior fôlego”, espécie de manifestação dessa não linearidade.

Apesar do reconhecimento dessas disputas em curso, no capítulo 12, a partir de um diálogo com o jornalista Ruy Carlos Ostermann, o autor identifica a Coligay como protagonista de “um dos avanços mais extraordinários que o futebol, no país e talvez no mundo, já teve” (GERCHMANN, 2014, 164), ao diversificar o público presente nos estádios e mesmo modificar as possibilidades de manifestação dentro dele. Em alguma medida se contradizendo, o autor chega a defender que o futebol atual é admirado por todos, tendo como única forma de exclusão os aspectos econômicos.

2. A Coligay era diferente das demais torcidas

Um dia, em uma das partidas, comecei a notar que as torcidas estavam muito desanimadas, no meu modo de ver, e não apoiavam o time como deviam. Na época, existiam a torcida oficial do Grêmio, a Eurico Lara, e a Força Azul. Fiquei com uma ideia na cabeça, de fundar **uma torcida mais animada e totalmente diferente** das outras. Um dia, após o término do horário de funcionamento da boate, reuni vários gays frequentadores da Coliseu e lancei a ideia, que foi muito bem aceita por todos (GERCHMANN, 2014, p.36, grifo meu.).

³⁰⁰ Em 2013, após uma vitória do Corinthians, o atleta do clube Emerson Sheik postou em uma rede social uma imagem em que dava um selinho em um amigo. A atitude foi recebida com muitos protestos de corinthianxs, inclusive com uma manifestação na porta do Centro de Treinamento da equipe alvinegra, na qual foram expostas faixas com os dizeres “Vai beijar a PQP, aqui é lugar de homem” e “Viado não”.

³⁰¹ Tal fato foi contradito em entrevistas que realizei com Ema Teresa Facchin Coelho de Souza, Carlos Eduardo Moll dos Santos e Célio Golin.

O trecho acima reproduz uma fala de Volmar em que a noção da distinção da Coligay é anunciada desde o momento da ideia de sua criação. A mesma expectativa é mencionada em uma fala de Careca, um dos integrantes presentes desde a fundação, que acreditava que a Coligay “renovaria todo o esquema de torcer no Rio Grande do Sul” (GERCHMANN, 2014, p.81).

O autor destaca os aspectos originais que a torcida apresentava. A estética chamativa, com destaque aos kaftãs listrados, incluía também plumas e paetês, além de ser animada por uma “coreografia cadenciada, pernas jogadas de um lado para o outro no compasso da charanga, os cânticos e a dança” (GERCHMANN, 2014, p.14). Eles também levavam bandeiras e faixas, algumas das quais com desenhos de flores e recados ao time e à jogadores. Na descrição do repórter Wianey Carlet, em entrevista a Gerchmann, eles eram “muito coloridos, muito alegres, muito festivos” (GERCHMANN, 2014, p.142). Segundo conta Volmar Santos, líder da torcida, havia pessoas que iam ao estádio justamente para ver a performance da Coligay, tamanha atração gerava.

O estilo caricato, contudo, não eximia a Coligay do compromisso com o apoio ao Grêmio. Antes pelo contrário, a fidelidade e a presença cativa em todas as partidas é uma característica da torcida frequentemente destacada pelo autor. Exemplo da valorização de Gerchmann a tal presença é sua descrição da estreia do grupo, em que caracteriza a data como um dia morno, num feriado de Páscoa no qual muitos viajavam para o litoral e para a Serra Gaúcha, e também mencionando as várias opções de lazer que concorriam com a partida daquele dia, incluindo uma série de programas de televisão e um show de Beth Carvalho em Porto Alegre. Gerchmann relata, também, que certa vez Volmar reclamou do quórum de 25 pessoas num jogo amistoso contra o Novo Hamburgo em um chuvoso domingo de manhã.

Além da presença regular, o jornalista destaca o apoio constante e incondicional da Coligay ao Grêmio. Esse apoio permanente seria, segundo ele, uma forma de suplantar as críticas que recebia, o que a motivava a aumentar o número de faixas, integrantes e energia na charanga jogo a jogo.

O grupo chegava cedo às partidas. Eram os primeiros a chegar, conta Gerchmann. Eles partiam para os jogos aproximadamente às seis da manhã, caminhando em torno de dois quilômetros do Coliseu ao estádio (caso o jogo fosse no Olímpico) após a noitada na boate, levando em mãos apetrechos como roupas e faixas. A própria romaria, realizada em euforia, acompanhada de bandeiras e cantos, tornou-se uma exibição do grupo para aqueles que viviam ou passavam pelo trajeto. A torcida também esperava a chegada dos jogadores no Olímpico.

Quando os atletas saíam dos carros, os torcedores formavam uma roda ao seu redor e cantavam músicas em sua homenagem. A animação do grupo é lembrada por diversos ex-jogadores gremistas entrevistados pelo autor. Iúra afirma que era uma “torcida espetacular” (p.134), Oberdan afirma que eles os “apoiavam no início ao fim do jogo” (p.135), Tarciso menciona sua “energia empolgante” (p.137) e Ancheta conta que eram “bastante barulhentos” e que foi “uma das primeiras torcidas mais fervorosas” (p.120).

A característica da animação fez com que eventualmente o grupo fosse comparado à Geral, torcida gremista criada na década de 2000 e hoje hegemônica entre as torcidas organizadas do clube. Essa comparação é vista pelo autor como adequada no que tange a beleza da vibração, cânticos e apoio, mas bastante incoerente com relação ao comportamento. Gerchmann faz questão de destacar que na Coligay não havia integrantes que se envolviam em brigas, como ocorre entre membros da Geral.

Destacando a fidelidade clubística do grupo, Gerchmann faz questão de enfatizar que no episódio em que foram acompanhar a final do Campeonato Paulista de 1977 em apoio ao Corinthians, a torcida foi munida de bandeiras, camisas e faixas **do Grêmio**. Ele afirma: “fizeram as vezes de cônsoles do seu Grêmio, sem envolvimento emocional ou paixões de ocasião, sentimentos que poderiam ser interpretados como traição amorosa” (GERCHMANN, 2014, p.113). Assim, se a possibilidade de viajar e acompanhar uma final estadual com os gastos pagos pelo presidente corinthiano que os convidou era atrativa, o aceite em momento algum representou nada além de uma aliança ocasional. A fidelidade também não permitiu que colorados, mesmo que homossexuais, ingressassem na Coligay. A condição de ser gremista era primordial para integrar a torcida.

Segundo relata Gerchmann, a Coligay começou com cerca de 60 integrantes e chegou a alcançar 200, no início de 1980. Ainda que houvesse um registro de identificação de integrantes, Volmar afirma que ninguém tem condições de contabilizar seu tamanho ao longo de seus anos de existência. Além disso, durante as partidas, muitos heterossexuais que apreciavam sua entrega e animação, se juntavam a eles de forma esporádica, sobretudo em Gre-Nais no Beira-Rio, quando toda a torcida gremista ocupava um mesmo espaço.

Ao descrever o modo particular de manifestar-se da Coligay, Gerchmann destaca, também, a qualidade de sua charanga. Importante atributo do grupo, ela era regida por Neri Caveira, mestre de bateria da Escola de Samba Imperadores do Samba. Ao mencionar a presença do regente na Coligay, Gerchmann explica que ele era heterossexual – assim como os demais instrumentistas –, tendo se casado três vezes e sendo inclusive pai de pelo menos 18 filhos. Apesar disso, como gremista e amigo de alguns integrantes da Coligay, topou participar

de sua charanga. A presença desses heterossexuais reforça a aceitação da torcida. Neri é descrito, ainda, como um transgressor, tendo rompido com diversos paradigmas no campo musical, condizendo com sua escolha de liderar a bateria da torcida gay tricolor.

Além de Neri Caveira, a torcida contou também com a ajuda de outro renomado musicista, Hamilton Chaves. Parceiro de Lupicínio Rodrigues em suas composições, ele colaborou na criação do hino da torcida. A letra, tal qual o hino do clube composto por Lupicínio, também faz referência a sua presença cativa junto ao Grêmio, nos versos “Com o Grêmio eu sempre estarei” e “estaremos presentes, onde o Grêmio estiver” (GERCHMANN, 2014, p.38).

Menções da Coligay em reportagens da Placar, Time, Veja, Revista da ESPN parecem reforçar a ideia de que a torcida era diferente ou mesmo mais especial que as demais, pelos diversos aspectos descritos até aqui.

Nelson Olmedo, vice-presidente de futebol do Grêmio em 1977, em entrevista para Gerchmann (2014), destaca, ainda, que a Coligay foi uma das precursoras de grupos de torcedores organizados (em 1977, havia no Grêmio a torcida oficial do clube, Eurico Lara, e uma outra independente, a Força Azul). O dirigente destaca ainda que não se recorda da torcida pedir favores ao clube, como ingressos e ônibus, o que considera prova da dedicação do grupo ao clube. Esse mesmo fato também é afirmado por Volmar em outro trecho da obra.

3. Volmar Santos é personagem primordial na fundação, manutenção e fim da Coligay

A importância de Volmar Santos está marcada em todos os registros que encontrei acerca da Coligay, nos quais ele é citado como quem tem a ideia de criação da torcida, lidera a mobilização o grupo de frequentadores da boate que gerencia para integrá-la, e realiza as articulações financeiras e logísticas necessárias para sua existência. Não obstante o amplo reconhecimento de seu protagonismo à frente da Coligay, é pertinente destacar a forma como isso é desenvolvido na obra aqui analisada.

O livro reserva um capítulo – o segundo da obra – e o epílogo especificamente à Volmar, além de sua presença e contribuições atravessarem vários outros momentos do texto. No capítulo a ele dedicado, Gerchmann inicia afirmando que “É possível personificar a façanha da Coligay em Volmar Santos”, evidenciando a importância que atribui ao líder do grupo.

Nessa parte da obra, o autor começa a apresentação de Volmar a partir de seu vínculo com o Grêmio, ilustrada pela atenção dispendida à agremiação em seus diálogos no momento

de produção do livro, e pela demonstração de conhecimento futebolístico no que tange à aspectos técnicos, táticos e motivacionais da equipe de então.

Sua capacidade de iniciativa, articulação e liderança são descritas não apenas pelo que fez na Coligay, mas também a partir de diferentes situações de sua vida. Também são valorizados seus fortes laços com seus familiares, manifestos em atitudes de solidariedade, cuidado e responsabilidade. Ele perdeu o pai logo aos 12 anos, quando já começou a trabalhar. Na década de 1980, voltou a morar em Passo Fundo, sua terra natal, com o objetivo de cuidar da mãe adoentada e, após seu falecimento, cuidou também do padrasto e do irmão mais velho. Segundo Gerchmann foram raras as vezes em que presenciou Volmar triste – descrito como figura extrovertida, alegre e de fácil trato –, sendo essas situações geralmente quando relembra das perdas de entes queridos.

Volmar é, ainda, descrito a partir de sua trajetória profissional como cantor, gestor de casas noturnas e colunista social. As diversificadas atividades em que se envolveu são condensadas, por Gerchmann, na referência “agitador cultural”.

Como cantor, Volmar participou de inúmeros programas de auditório e concursos, além de fazer shows em casas noturnas. Em busca de oportunidades, morou em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. De volta a Porto Alegre, passou a gerenciar casas noturnas, vindo a adquirir o Coliseu, boate onde surgiu a Coligay. O autor conta que o local, inicialmente voltado a casais heterossexuais, tinha pouco público e, a partir da visão empreendedora e visionária de Volmar, foi transformada em uma movimentada boate gay.

Em todas as suas empreitadas descritas no livro, o autor destaca em Volmar um caráter aventureiro, desbravador, criativo e inovador, classificando-o como “um revolucionário” (GERCHMANN, 2014, p.33). É possível evidenciar, também, sua personalidade vaidosa, orgulhoso dos feitos acumulados ao longo da vida, das vitórias nas competições de canto no Programa do Bolinha e no Programa Sílvio Santos, ao título obtido pelo Coliseu de “a mais bela casa gay do Brasil” e das reportagens sobre a Coligay que chegaram até à revista americana *Time*, entre outras façanhas (GERCHMANN, 2014, p.34).

Outra característica enfatizada é a centralidade, ou até mesmo certo autoritarismo, com que definia os rumos da Coligay. Ainda que dito de forma despojada, dando a entender certa concordância dos demais com tal condução, quando questionado acerca da tomada de decisões no grupo, Volmar afirmou aos risos: “Era bem democrático, bem ao estilo de uma “democracia” naquela época: eu dizia que assim seria feito, e assim se fazia” (GERCHMANN, 2014, p.37).

Volmar é apontado também como aquele que garantia o comportamento respeitoso, ordeiro e pacífico dos integrantes da torcida. Mantendo-se sóbrio e vigiando atentamente as

atitudes dos demais, evitava que se metessem em confusões e brigas, zelando pelo nome da instituição que compunham e evitando que eventuais deslizes fossem utilizados como pretexto para que os “guardiões dos bons costumes” decretassem a dissolução da torcida.

Além disso, o líder oferecia sua casa para eventuais cochilos entre a noitada as partidas e, quando o jogo era fora de casa, os integrantes eram transportados em um micro-ônibus com direito a lanche e garçom a bordo, além dos ingressos. Gerchmann relata que tal estrutura era financiada por contribuições do movimento gay de Porto Alegre e de outros apreciadores do grupo, todos devidamente registrados num sigiloso “livro de ouro” mantido por Volmar.

Se a criação e manutenção da Coligay são creditados a Volmar, assim também é o seu fim. Segundo conta Gerchmann, em 1983 o líder da Coligay voltou a Passo Fundo, conforme já dito em função do adoecimento da mãe. O autor defende que esse foi o motivo da extinção da Coligay, novamente reforçando o protagonismo que atribui a tal personagem para a existência da torcida: “Não há data precisa sobre o final da Coligay, mas o retorno do idealizador, líder e craque do empreendedorismo Volmar Santos para sua Passo Fundo, em 1983, é o motivo, disso ninguém duvida” (GERCHMANN, 2014, p.22).

Ainda sobre a extinção da Coligay, de forma sutil, Gerchmann explicita que a emergência da epidemia de aids não contribuiu para tal fato, hipótese alternativa que poderia ser levantada. Isso porque, conforme conta, o primeiro diagnóstico no Rio Grande do Sul ocorreu em 1984, posterior a dissolução do grupo, portanto.

4. A Coligay era “pé-quente”

A história da Coligay parece intimamente associada ao título conquistado pelo Grêmio no ano de seu surgimento, o Campeonato Gaúcho de 1977. Gerchmann (2014) relembra que a conquista estadual naqueles tempos tinha maior importância do que outorgamos na atualidade e que, de toda forma, mais do que um título estadual, a conquista representou a ruptura da hegemonia do rival Internacional, que era então octacampeão estadual. Era a “recuperação da dignidade gremista”, nas palavras do autor (GERCHMANN, 2014, p.49). Não à toa, esse título e a partida final que sagrou sua conquista são frequentemente mencionados entre os episódios mais importantes e memoráveis do Grêmio. Assim, ao ser fundada nesse fatídico ano e ter sido presença cativa e empolgante nas arquibancadas ao longo da competição, contribuindo para que o título fosse alcançado, a Coligay ganhou o status de torcida pé-quente.

Se por um lado, Gerchmann (2014) destaca a importância da Coligay para a obtenção do título estadual do Grêmio, de forma mais sutil possibilita a percepção também da relevância

do título para esse grupo. O autor relembra que em 1979, surgia no Rio de Janeiro a Fla-gay, torcida gay do Flamengo. Sua estreia ocorreu em um ano em que um grande elenco rubro-negro não obteve o título estadual, perdendo para o Fluminense. O presidente flamenguista declarou, em seguida, ter sido “praga da Fla-gay”.

Gerchmann não desenvolve maiores comparações entre as experiências das torcidas gays gaúcha e carioca, mas o relato permite ao leitor imaginar que o resultado futebolístico pode ter contribuído para cenários mais e menos favoráveis, respectivamente, à continuidade dos grupos.

Retomando a atenção para o contexto vivido pelo Grêmio naquele início de 1977, diante da longa má fase que vivia antes desse importante título, havia a crença de que era necessário mudar também a mentalidade do time, fazendo-o mais otimista e imponente. Em fala de Telê Santana, treinador da equipe naquele ano, mencionada na obra, a equipe de fato alcançou tal espírito: “Eu acreditava no time porque estava muito por cima o nosso astral. Sabe, os jogadores todos acreditando muito [...]” (GERCHMANN, 2014, p.60-61). E, para Gerchmann: “o que a Coligay tinha em entusiasmo era o que o Grêmio mais precisava para mudar seu perfil emocional” (p.56).

O título estadual marcou, ainda, o início do período mais vitorioso do Grêmio, no qual conquistou o Campeonato Brasileiro em 1981, e a Copa Libertadores e Copa Intercontinental em 1983.

Se, em 1977, houve a conquista de um título gaúcho redentor, que rompeu a hegemonia colorada e alçou o Grêmio a ousados futuros voos, em 1983, o ano de despedida dos rapazes, de suas caftãs e de seus instrumentos musicais, o Tricolor, que no meio do caminho já havia sido campeão (1981) e vice-campeão (1982) brasileiro, foi campeão da América e do mundo, sempre com o apoio irrestrito da sua vibrante torcida gay nas arquibancadas (p.26).

O título brasileiro de 1981 foi o primeiro de âmbito nacional do Grêmio. Ainda que a grandeza do clube já fosse reconhecida, essa conquista, sobretudo quando acompanhada dos títulos continental e mundial dois anos depois, alçaram-no a outro patamar de prestígio esportivo. De 1977 para 1983, o presidente, alguns integrantes da diretoria, o treinador e vários jogadores do elenco mudaram, não obstante as conquistas são analisadas na obra como parte de um mesmo período, sendo o título estadual apontado como evento que “abriu o portal para ser hoje o clube de prestígio mundial que é” (GERCHMANN, 2014, p.61).

A fama de pé-queante da Coligay se reforça, pois, além de acompanhar o fim de oito anos de hegemonia colorada e inaugurar esse período de glórias, naquele mesmo 1977 ela também assistiu o Corinthians interromper uma seca de 23 anos sem conquistas. A torcida foi à final do

campeonato paulista a convite do presidente do Corinthians, Vicente Matheus, que acreditava na fama do grupo e queria que eles também os ajudassem no embate contra a Ponte Preta. Matheus pagou as passagens aéreas e demais gastos dos cerca de 20 gremistas que foram a São Paulo, além de recebê-los pessoalmente. O investimento foi recompensado. Seja ou não pela sorte levada pela Coligay, o Corinthians sagrou-se, enfim, campeão.

O período em que a Coligay esteve em atividade, além de envolver as crescentes conquistas mencionadas, foi corresponde à realização das obras de ampliação do Estádio Olímpico. Finalizada em meados de 1980, a construção consistiu no fechamento de seu anel superior, quando foi renomeado como “Estádio Olímpico Monumental”.

A iniciativa foi um dos feitos do então presidente do clube Hélio Dourado que até hoje é exaltada. Para obter os recursos necessários à obra, foi realizada uma campanha de doação de dinheiro e cimento, divulgada presencialmente por Dourado em inúmeros municípios do estado. Gerchmann conta que a Coligay participou ativamente desse processo, fazendo doações, mas também organizando festas no interior que potencializavam os donativos. O relato dessas ações reforça como a torcida estava intimamente envolvida com os feitos de dentro e de fora do campo que o clube vinha empreendendo ao longo dos seis anos de sua existência.

5. O surgimento da Coligay no Grêmio não é aleatório nem fortuito

Gerchmann propõe que “Não é irrelevante nem casual o fato de iniciativas ousadamente desafiadoras como a da Coligay terem surgido, com todas as restrições da época, justamente no Grêmio” (GERCHMANN, 2014, p.12). Todavia, mais do que demonstrar a não casualidade da Coligay no Grêmio, o que o autor efetivamente defende é sua não contraditoriedade. Antecipando uma possível reação de surpresa ao surgimento de uma torcida gay em um clube que carrega a fama de segregacionista e elitista, Gerchmann discorre sobre a injustiça de tal status, afirmando que essas seriam características de seus tempos passados e, mesmo assim, que elas deveriam ser imputadas a todos os clubes da cidade, uma vez que são características presentes em toda a sociedade e, por isso, em todas as agremiações. Na atualidade, ele afirma, o Grêmio deveria ser reconhecido como clube de massa, fato demonstrado pela identidade cultural da “alma castelhana” manifesta em suas arquibancadas. A Coligay seria, assim, fruto e prova da pluralidade como verdadeira essência do Grêmio que é apenas eventualmente traída por torcedores pontuais. A argumentação acerca dessa essência plural é construída ao longo da obra a partir do acionamento de uma série de outros sujeitos, como, por exemplo, o repórter

Paulo Burd, que “se orgulha de sempre ter vivido um ambiente plural no seu Grêmio como instituição” (GERCHMANN, 2014, p.173).

Parece-me evidente como a crença da pluralidade como aspecto intrínseco ao clube se constrói a partir de fragmentos de razão e emoção, da soma de um cálculo racional de fatos e argumentos a que aciona, mas também de seu apaixonado gremismo. Se a separação entre proporções e contribuições de cada polo são tão impossíveis quanto desnecessárias, cabe destacar como o pertencimento clubístico marca sua obra e, mais especificamente, sua argumentação quanto à suposta “essência do Grêmio” e sua relação com a Coligay.

Sem a pretensão de desenvolver um texto analítico, Gerchmann mescla a descrição de suas descobertas jornalísticas com memórias pessoais, ao longo das quais não apenas reconhece como destaca e valoriza seu lugar de torcedor gremista. Isso está evidente na fala do autor, em entrevista, quando relata as motivações para a escrita do livro:

Eu sempre fui muito gremista. Eu ia pro estádio desde muito novinho com meu pai. Meu pai era conselheiro do Grêmio e eu sempre gostei muito. E sempre me incomodou uma visão que se tinha do clube como um clube segregacionista, um clube elitizado (GERCHMANN, 2017, p.1, grifos meus).

A relação com o pai está presente na própria obra, onde é apontado como um dos motivos para a escrita do livro. No trecho, o autor narra lembranças de idas com ele ao Olímpico, das quais a Coligay não faz parte. Ou seja, o pai é descrito como importante não por sua relação com o tema do livro, mas especificamente em sua participação na construção do autor como gremista, vínculo sem o qual talvez o livro jamais fosse escrito. A menção ao incômodo com a imagem segregacionista e elitizada, retomada na fala da entrevista, evidencia que seu lugar de torcedor tricolor faz com que ele seja especialmente interessado em visibilizar a imagem da Coligay não apenas porque ela representa um capítulo memorável da história do clube, mas, mais além, porque representa um capítulo que contribui à desconstrução de uma imagem negativa a ele associada.

É interessante destacar que tal imagem negativa não se relaciona a questões referentes a homossexuais ou outros sujeitos LGBTs – preconceito esse presente aparentemente na mesma medida em todo clube brasileiro até o momento – mas sim aos pobres e, sobretudo, aos negros. As menções à aspectos de classe e raça que emergem no livro, assim, partem do reconhecimento de que elas seriam minorias sociais que passaram e passam por processos discriminatórios no contexto do futebol e que princípios como o respeito à diversidade, uma vez estabelecidos, atravessariam igualmente todos esses marcadores identitários.

Diante dessa licença auto atribuída de ampliar o foco da homossexualidade para a diversidade, Gerchmann traz um texto de Lupicínio Rodrigues em que o cantor justifica os motivos de seu fanatismo pelo Grêmio, não obstante ser o cantor “um homem do povo e de origem humilde” (GERCHMANN, 2014, p.41). O motivo apresentado faz referência à negativa do Internacional ao ingresso do Rio-Grandense, formado por “uma turma de mulatinhos”, na Liga da qual fazia parte no início do século passado. Lupicínio ainda faz menção à mudança dos estatutos dos clubes porto-alegrenses que proibiam a presença de “pessoas de cor” em seus quadros. Ele defende que o Internacional não foi pioneiro em tal atitude, o que seria esperado diante de sua alcunha de “Clube do Povo”, e justifica o fato do Grêmio ter sido o último a tal: em seus estatutos constaria uma cláusula que dizia que o clube perderia seu campo, doado por alemães, caso passasse a aceitar negros em seu quadro, cláusula essa já abolida, segundo conta.

Gerchmann acrescenta, ainda, que, apesar das restrições, o Grêmio teria sido o primeiro grande clube gaúcho a contar com um negro em seu plantel. A história oficial aponta o ingresso de negros no Internacional na década de 1930, enquanto o primeiro negro a jogar no Grêmio teria sido Tesourinha, que chegou ao clube em 1952. O autor argumenta, contudo, que, antes da mudança das normas institucionais dos clubes, em 1928, Dirceu Alves já havia estreado no Inter, e, em 1925, Adão Lima tornou-se pioneiro no Grêmio. Conforme defende, o Inter teria ganhado injusto status como quem antes e melhor acolheu os negros por montar, na década de 1940, uma equipe composta por muitos jogadores negros que obteve grande sucesso esportivo, ficando conhecida como “rolo compressor”. O Grêmio, contudo, não apenas teria tido, antes, Adão Lima, como também outros negros como Hélio, Mário Carioca e Hermes da Conceição.

É lembrado, ainda, o fato de que a estrela dourada presente na bandeira do Grêmio é dedicada a Everaldo, jogador negro que, enquanto atleta do Grêmio, compôs o escrete brasileiro tricampeão mundial, em 1970. A celebração dos gremistas com o êxito do jogador, único da agremiação a integrar a seleção naquela oportunidade, motivou o Conselho Deliberativo do clube à dedica-lhe essa homenagem.

Por fim, o capítulo no qual essa discussão é exposta termina com uma frase publicada na Zero Hora, em reportagem de 1977, do advogado Werner Becker, apresentado como jurista notabilizado pela defesa dos direitos humanos: “Eu sempre disse que o Grêmio é o time mais democrático e popular do Rio Grande do Sul. Brancos, negros e mulatos são bem aceitos. O primeiro, o segundo e o terceiro sexo também. Qualquer um que queira torcer e incentivar o time será sempre bem aceito” (GERCHMANN, 2014, p.45). A frase condensa a pluralidade racial e sexual que Gerchmann defende, além de ganhar força por ter sido proferida por uma autoridade do assunto.

Em outro momento do livro, Gerchmann também relembra contextos e episódios de preconceito racial, religioso e sexual que se manifestam por meio do futebol em diferentes lugares do mundo. Entre os exemplos citados, o autor menciona episódios nos quais uma vítima atuava pelo Grêmio (Jeovânio, em partida contra o Juventude em 2006), e outro era ex-atleta do clube (Grafite, atuando pelo São Paulo contra o Quilmes, em 2005). Intencionalmente ou não, Gerchmann (2014) demonstra que o Grêmio também eventualmente ocupa a posição de alvo de preconceito racial. Segue a esses relatos, a menção a uma campanha contra o racismo realizada pelo clube em 2013, caracterizada como uma “atitude meritória, que só pode encher de orgulho seus torcedores” (GERCHMANN, 2014, p.157).

Observa-se, assim, a argumentação de que é sob a essência plural – nas palavras de Gerchmann – do Grêmio que se apresentam as bases para o surgimento de uma torcida como a Coligay. Mais além, a Coligay é vista, assim, como um feito **do** Grêmio, como outro trecho evidencia: “o Grêmio, por meio de sua apaixonada torcida, aplicava naquele momento uma goleada no preconceito” (GERCHMANN, 2014, p.49). A torcida é tratada, então, como espécie de **instrumento** do Grêmio, ele sim quem supera o preconceito.

Gerchmann lembra, inclusive, que outros grupos de torcedores homossexuais se constituíram em outros clubes, como Fluminense, Cruzeiro e Flamengo, mas que foram menos expressivos do que a torcida gremista. Esse menor sucesso dos demais parece reforçar a condição de exceção da Coligay e do acolhimento gremista.

Volmar conta que contava com o apoio inclusive financeiro de conselheiros do clube e mesmo do presidente Hélio Dourado. Além disso, a Coligay obteve uma sala no estádio Olímpico, onde podiam guardar instrumentos, faixas e demais objetos que utilizavam em suas performances. Nelson Olmedo, vice-presidente de futebol do Grêmio no ano de 1977, é citado afirmando que “a Coligay surgiu quando o Grêmio já era um clube alicerçado em bases populares, mas ela ampliou isso, ao levar um setor da sociedade para o clube” (GERCHMANN, 2014, p.140).

Um dos capítulos do livro é dedicado a Hélio Dourado, presidente do Grêmio entre 1976 e 1981. Nele são reafirmados a colaboração da Coligay com a campanha do cimento para conclusão do terceiro anel do estádio Olímpico, assim como a colaboração do Grêmio disponibilizando uma sala para a torcida e transporte para jogos fora de casa.

O treinador do time que viu a Coligay surgir, Telê Santana é também apontado como alguém que aceitava bem a presença da torcida, apesar de ser classificado por Gerchmann como “um dos [treinadores brasileiros] mais conservadores em termos de costumes” (2014, p.94). Além dele, diversos ex-jogadores do Grêmio entrevistados por Léo Gerchmann (Ancheta,

Cassiá, Jurandir, Iúra, Oberdan e Tarciso) fizeram elogios ao apoio oferecido pela Coligay e relembram haver uma relação de carinho e respeito entre eles. Iúra, inclusive, relata que jogadores e integrantes da torcida costumavam se encontrar após os jogos em um bar na frente do Olímpico, onde comiam, bebiam e batiam papo, evidenciando o clima amistoso que existia nesse encontro.

Apresentado o livro que tanto norteia a rememoração da Coligay, passo a tratar dessa torcida nos espaços de memória institucional do Grêmio, seu antigo Memorial e seu atual Museu.

5.3.2.2 Coligay nos espaços da memória oficial do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre: Memorial Hermínio Bittencourt e Museu do Grêmio – Hermínio Bittencourt

Em 1983, iniciou-se o projeto do primeiro espaço museológico do Grêmio, no Estádio Olímpico, então sede do clube e local em que mandava seus jogos. Tal local foi constituído por iniciativa de Ema Tereza Facchin Coelho de Souza³⁰², mais conhecida como Dona Ema (SOUZA, 2015; DOURADO, 2015; MOLL DOS SANTOS, 2016).

Dona Ema é uma gremista que desde a infância acompanha os jogos do clube. Seu envolvimento para além da condição de torcedora começou quando ela exercia o cargo de diretora do Departamento Municipal de Limpeza Urbana. Pela função, ela precisou lidar com demandas de descarte de resíduos do restaurante do Grêmio, o Mosqueteiro, o que a aproximou de alguns diretores. Acabou, durante um tempo, contribuindo com o clube na reestruturação de suas formas de descarte de lixo e consumo de água (SOUZA, 2015; DAMO, 1998).

Anos depois, em 1983, a servidora se aposentou, ainda com 46 anos. Incomodada com a desocupação e buscando uma atividade em que se fizesse útil, Dona Ema cogitou atuar como voluntária em alguma instituição beneficente, mas, antes que se envolvesse em alguma delas, um dia, passando de ônibus em frente ao Estádio Olímpico, teve a ideia de se oferecer para trabalhar voluntariamente no clube. Desceu do veículo e procurou Dr. Mario Rodrigues Leitão, então vice-presidente do Grêmio, o qual ela conhecia por terem trabalhado juntos na prefeitura. O diretor, então, sugeriu que ela conduzisse um desejo de dois conselheiros do clube, Henrique Amábil Filho e Hermínio Bittencourt, a criação de um Museu do Grêmio. Foi marcada uma reunião entre os quatro, na qual Dona Ema, apesar do receio de atuar em uma atividade distante de sua área de formação, aceitou o desafio proposto (SOUZA, 2015).

³⁰² Para mais informações sobre a trajetória de Dona Ema no Grêmio, ver Damo (1998).

Sobre o início de seu trabalho, ela descreve:

Eles me levaram em uma sala lá no Olímpico, embaixo das cadeiras, onde tinha uma sala gigante, enorme, onde os troféus estavam todos no chão. Foi o primeiro contato que eu tive com o patrimônio esportivo do Grêmio, foi quando eu vi aquela sala com os troféus todos no chão. Em pé, todos em pé, mas tudo preto, tudo... Eu digo... Pois eles queriam organizar aquilo e criar a partir daí um museu do Grêmio, com as peças que tinham. Foi aí que eu comecei. Então todos os dias eu pegava um banquinho que era da minha filha pequena, um radinho de pilha, uma pranchetinha e pegava os troféus. Daí este troféu, este troféu... Só que eu pegava um troféu, aí tu olhava o troféu, “futebol de salão”, aí tu pegava outro troféu, “ciclismo”, aí tu pegava outro troféu... Todas as modalidades esportivas que o Grêmio tinha troféu estavam ali misturadas. Então o meu primeiro trabalho foi separar [...] (SOUZA, 2015, p.11)

Ao notar a evolução do trabalho e a dedicação de Dona Ema, o Grêmio disponibilizou uma estagiária e alguns funcionários para ajudar-lhe no trabalho braçal (DAMO, 1998). E desse trabalho de limpeza, identificação e organização surgiu a “Sala de Troféus Henrique Amábilis”, inaugurada no dia 11 de dezembro de 1984, data de comemoração de um ano do título mundial (MEMORIAL..., 2005).

À sala, em 1989³⁰³, foi incorporado um setor que contava histórias do clube, apresentando uma espécie de cronologia de sua trajetória esportiva, nomeado como “Museu do Grêmio”. Esse espaço cresceu e diversificou-se ao longo dos anos, agregando novos objetos à história oficial de embates e conquistas, muitos dos quais doados por (ex-)jogadores e torcedorxs (SOUZA, 2015; MOLL DOS SANTOS, 2016; MUSEU/SALA..., 1996).

No dia 19 de setembro de 2004, dia de comemoração dos 50 anos da inauguração do Estádio Olímpico, foi inaugurado um novo espaço para expor o acervo tricolor (MOLL DOS SANTOS, 2016; MEMORIAL..., 2005)³⁰⁴. Renomeado como **Memorial Hermínio Bittencourt**, passou a ocupar um salão localizado ao lado da loja do clube, a Grêmio Mania, ainda no Estádio Olímpico (GRÊMIO..., 2002). Lá estavam expostos “parte das taças conquistadas [...], faixas, fotos, sons e imagens, maquetes, uniformes e painéis fundamentais para a compreensão da história do tricolor, além de computadores à disposição dos interessados em pesquisar sobre o clube” (MEMORIAL..., 2005, p.12).

³⁰³ No site do clube, assim como na revista *Imortal Tricolor* consta que isso ocorreu em 1988. Opto, contudo, por considerar a data informada pela senhora Ema Coelho em entrevista para essa tese, assim como em depoimento anterior fornecido para o trabalho de Damo (1998).

³⁰⁴ A reportagem citada menciona que a inauguração teria ocorrido em 2003, por ocasião do centenário do clube (somada ao aniversário do Olímpico). Moll dos Santos e o site do Museu se referem ao ano de 2004, o qual adoto em meu texto.

Mas menos de uma década depois, com a construção do atual estádio do tricolor gaúcho, a Arena do Grêmio, inaugurada em 2012, o clube teve que projetar mais uma vez um novo ambiente dedicado à sua memória. Dessa vez, buscando adequar-se à grandiosidade e modernidade da Arena, a diretoria do Grêmio dedicou maiores investimentos à empreitada e contratou uma empresa multinacional especializada no ramo para projetar o **Museu do Grêmio – Hermínio Bittencout**³⁰⁵, que foi aberto ao público em 2015³⁰⁶.

Meu especial interesse no Museu, advém de que, em sua exposição permanente, há um painel sobre a Coligay. Mas antes de abordar o conteúdo sobre a torcida ali exposto, tratarei do significado desse lugar de memória para um clube de futebol, a fim de contextualizar esse espaço de visibilidade recebido da agremiação. Em seguida, tratarei não apenas do painel dedicado à Coligay, mas à toda a exposição do Museu, no intuito de interpretar o significado da presença da torcida ali.

Para Azevedo e Alfonsi (2010), a partir da década de 1970, são observadas mudanças no campo da museologia que ampliam as noções sobre o que é patrimônio e qual o papel de um museu. Entre outras transformações, tal processo levou à compreensão de que o futebol, entre outras manifestações populares, também é passível de musealização.

A experiência de constituição do primeiro memorial do Grêmio, conduzido por iniciativa de uma torcedora sem experiência na área, com ajuda de poucos funcionários e com investimentos financeiros restritos (SOUZA, 2015; MOLL DOS SANTOS, 2016), indica que as transformações citadas pelas autoras tardaram a se materializar na valorização da memória do futebol brasileiro e na profissionalização do trabalho que a envolve.

Parece ser apenas na última década que clubes e outras instituições no Brasil têm se preocupado com a criação e/ou qualificação de espaços museológicos voltados ao futebol³⁰⁷. Museus voltados à memória do futebol nacional ou regional, assim como de clubes, estão presentes em muitas das chamadas “novas arenas” do futebol brasileiro, modelos de estádios que emergem no Brasil a partir da década de 1990 e se multiplicam a partir da Copa do Mundo FIFA de 2014, nos quais se privilegia o conforto e a segurança dos espectadores, incentivando-os ao consumo (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2006; MASCARENHAS, 2014). Esses equipamentos também têm o status de multiuso, oferecendo atrativos para além do espetáculo esportivo, como restaurantes, lojas, shows e, também, os já citados museus.

³⁰⁵ A fim de facilitar a diferenciação dos dois espaços destinados à memória do Grêmio no meu texto, remeterei àquele do Estádio Olímpico como Memorial do Grêmio e o da Arena Grêmio como Museu do Grêmio.

³⁰⁶ Uma inauguração de cunho meramente formal havia ocorrido ainda em 2012.

³⁰⁷ Destaca-se, em 2008, o lançamento do Museu do Futebol, sediado no estádio Pacaembu, em São Paulo (SP).

Soutto Mayor, Souza Neto e Silva (2013) identificam que o incremento ou a criação dessas instituições voltadas à memória futebolística e/ou clubística é uma das formas de preservação de certo passado, da tradição que os velhos estádios carregam, os quais não se pretende perder com os processos de modernização implementados. Conforme explicam, “a tomada de medidas que visa tornar o estádio mais afeito aos preceitos dos espetáculos da atualidade, não descarta totalmente o vínculo com uma memória do espaço possível de se preservar” (p.213). E conforme afirma Damo (1998), a relação dos torcedores com seus respectivos estádios está permeada por aspectos simbólicos, muitos dos quais sacramentados a partir da sua ocupação desses espaços, levando-os a serem definidos como “suas casas”:

Demarcam-no com suas presenças, em menor ou maior quantidade; através das cores, bandeiras, faixas; enfim, emblemas e símbolos com os quais se identificam “entre si” – compondo grupos geralmente definidos como “família”, “nação” ou “galera” - e contrastam com os “outros”; e também, por meio de cânticos, xingamentos, coreografias, em suma, diferentes formas de expressar e partilhar o sentimento de pertença (DAMO, 1998, p.118).

O modo de fruição do jogo nas arenas é impactado pelas diferenças arquitetônicas em relação aos antigos estádios, que impelem algumas ações enquanto inibe outras (BANDEIRA, 2017), proporcionando diferenças em relação às vivências obtidas nos antigos estádios. Ademais, entre as arenas futebolísticas brasileiras, algumas são resultado de reformas, casos de Beira-Rio, Maracanã, Mineirão³⁰⁸, entre outros, enquanto outras são construções inteiramente novas, algumas das quais construídas em localidades diferentes de onde os clubes anteriormente mandavam seus jogos, como Engenheiro³⁰⁹ e Arena do Grêmio, por exemplo.

Assim, a mudança da sede do Grêmio do Olímpico para a Arena envolveu não apenas a criação de um novo equipamento arquitetônico, mas uma mudança geográfica de seu campo de jogo, saindo do bairro Azenha e indo para o Humaitá, há aproximadamente onze quilômetros ao norte do estádio anterior. Essa alteração espacial impôs aos torcedores que frequentam o local o estabelecimento de novas rotinas em função de alterações no tempo de deslocamento ao estádio, dos trajetos a serem utilizados para chegar ao local e as opções de transporte público disponíveis, bares e restaurantes em que consumirão nas imediações etc.

Tratando da última mudança de estádio do Grêmio, do Olímpico à Arena, Bandeira (2017) identifica como um elemento recorrente na fala dos gremistas o fato de que o novo espaço, ao menos por ora, ainda carece de “alma” e que, no antigo estádio, podiam se associar

³⁰⁸ Cujos nomes oficiais, respectivamente, são: Estádio José Pinheiro Borda, Estádio Jornalista Mário Filho e Estádio Governador Magalhães Pinto.

³⁰⁹ Estádio Olímpico Nilton Santos, denominado até 2015 como Estádio Olímpico João Havelange.

mais facilmente à história do clube e às suas memórias pessoais como torcedores. Ao analisar a exposição do Museu do Grêmio, é evidente o esforço de trazer esses elementos para a experiência do torcedor nesse novo espaço, reiterando o entendimento levantado por Soutto Mayor, Souza Neto e Silva (2013) de que essa é uma das funções desses espaços museológicos. A fim de exemplificar isso, menciono duas instalações.

A primeira, nomeada de “Experiência Imersiva”, é uma sala em que, em todas as superfícies, são projetados vídeos de episódios memoráveis de partidas do Grêmio, alternando cenas dos lances em campo com imagens de torcedores, esses últimos valorizados também por uma reprodução constante do som da torcida. A segunda é uma ala voltada especificamente aos três estádios da história do clube: o Frotim da Baixada, o Estádio Olímpico e a Arena Grêmio. Esse espaço inclui uma pequena sala de cinema na qual há a transmissão de um vídeo que trata justamente da mudança do Olímpico e da Arena, em que atores argumentam que os torcedores serão capazes de trazer a mística e a memória do Estádio Olímpico para a Arena do Grêmio, aspecto também afirmado por alguns gremistas entrevistados por Bandeira (2017).

Parto do entendimento que o museu do clube é um espaço em que a agremiação expõe sua memória oficial. Assim, entre inúmeros fatos, personagens, símbolos que podem ser definidos como importantes em sua trajetória, e diante de diferentes versões de histórias que deles podem ser contadas, são feitas escolhas em que alguns ganham visibilidade e outros não. Há, ainda, o desafio inerente a musealização de uma manifestação cultural viva, dinâmica e múltipla, que envolve permanências e efemeridades (AZEVEDO; ALFONSI, 2010).

O produto final de uma exposição museológica passa, assim, pelas opções de seus curadores em diálogo com as decisões da instituição que sedia e promove tal exposição, além das condições materiais disponibilizadas para o projeto (verba e espaço disponíveis, por exemplo).

Para a realização da exposição do Museu do Grêmio em seu novo estádio, o Grêmio contratou de uma empresa multinacional do ramo de museus e exposições, a Muse. Conforme conta Carlos Moll dos Santos, coordenador do Museu, os diretores do clube “queriam fazer uma coisa que estivesse à altura, mais moderna, uma coisa modernizada em relação ao Museu antigo, que tivesse à altura do estádio novo, que é um estádio cheio de novas concepções também” (2016, p.10).

Azevedo e Alfonsi (2010) identificam que a maioria dos espaços de memória voltados ao futebol optam por explorar a dimensão material do fenômeno expondo itens como troféus, flâmulas, camisas, bolas etc, enquanto o Museu do Futebol, espaço no qual atuam, possui uma proposta

mais ampla e audaciosa por, justamente, abrir mão de representar o futebol por sua materialidade e considerá-lo nas suas potencialidades em termos de experiências sensoriais: dos gritos da torcida à prática de um chute, passando pelo registro de fatos que emocionam o apaixonado por futebol (p.281)

O Museu do Grêmio dialoga com essas duas possibilidades: a materialidade e a imaterialidade. No primeiro andar, há uma galeria de troféus e a já citada “Experiência Imersiva”. No segundo andar, há uma ala reservada à uniformes históricos do clube, outra voltada à torcida gremista e aquela reservada aos estádios que o Grêmio já ocupou³¹⁰.

A ala das torcidas é composta por diversos painéis sobre pessoas, grupos e manifestações da torcida gremista, entre os quais se encontra um sobre a Coligay. Além dele, são tematizados: o torcedor ilustre e compositor do hino do clube, Lupicínio Rodrigues; o torcedor icônico Bombardão; a Avalanche; os torcedores gremistas pelo mundo; a grandiosidade e o fanatismo da torcida gremista. A Coligay é, assim, a única torcida organizada nessa seção, não apenas sendo mencionada, mas recebendo destaque, com um painel exclusivamente seu.

Ao entrar nessa instalação, nos deparamos com um texto que busca definir o que é torcer para o Grêmio:

A TERRA É AZUL

Torcer pelo Grêmio é muito mais do que acompanhar os jogos do time e apoiá-lo nas arquibancadas, pelo rádio ou pela TV.

Torcer pelo Grêmio é mergulhar num oceano de paixão e fervor; é dedicar-se com foco e afinco a uma equipe de fibra, um time ilustre, de lustro e de lastro, que sempre busca a vitória e quando não a consegue, deixa a certeza que lutou por ela até o fim.

Torcer pelo Grêmio é reverenciar um elenco centenário de craques do passado e do presente – e apostar no futuro. É celebrar os títulos e troféus que sobrelotam dependências do clube, pois não cabem todos em um só espaço.

Torcer pelo Grêmio é viver de paixão. Uma paixão antiga, pois desde o seu primeiro jogo, em março de 1904, o time já tinha fiéis admiradores – e lindas moçoilas faziam parte do grupo. Torcer pelo Grêmio é algo inexplicável que todo gremista entende no ato.

Torcer pelo Grêmio é estar com o Grêmio onde, quando e como o Grêmio estiver. Porque o Grêmio está em muitos lugares, mas especialmente em nossos corações.

Analisando os textos e imagens dos demais painéis dessa seção (intitulados “A maior, melhor e mais fanática”, “O trem azul”, “Com o Grêmio onde o Grêmio estiver”, “Bombardão”,

³¹⁰ O projeto original do Museu envolve outras instalações, que seriam abertas ao público em uma segunda fase, cujas obras ainda não foram iniciadas por imbróglis jurídicos do parceiro que custearia a construção (MOLL DOS SANTOS, 2016).

“Diversidade da Alegria”, “Gremistas pelo Mundo”, “Avalanche!”) me propus a identificar os elementos principais que compõem a representação dxs torcedorxs gremistas ali apresentada e, por extensão, do próprio Grêmio. Nesse exercício, percebi dois valores centrais associados aos gremistas:

- 1) Fidelidade: por estarem presentes onde quer que o clube fosse jogar, fato representado na história do trem azul e registrado na faixa “Com o Grêmio, onde estiver o Grêmio”; por acompanharem-no mesmo em fases ruins; por manterem seu vínculo clubístico em qualquer lugar do mundo em que estivessem, como evidenciam as imagens de gremistas em diversas cidades do mundo e pelo amplo número de consulados do clube; por manterem uma numerosa torcida ao longo do tempo, ilustrado por meio da exibição de dados de pesquisas estatísticas.
- 2) Diversidade: pela existência e apoio de uma torcida gay, a Coligay; por terem um “homem simples que vivia de pequenos serviços e donativos” como torcedor-símbolo, Bombardão; pelo hino do clube³¹¹ ter sido composto por um “mulato nascido e criado no Bairro da Ilhota³¹²”, Lupicínio Rodrigues.

Ao tratar do projeto que deu origem a essa ala, o coordenador do Museu, Carlos Moll dos Santos, afirmou que “o projeto [do setor da exposição] das torcidas, ele falava de outras coisas que falavam justamente dessa questão de como a torcida do Grêmio era plural ao contrário do que a imprensa repete” (MOLL DOS SANTOS, 2016, p.15), compactuando com a percepção do segundo valor que aponto.

No painel dedicado à Coligay, há um texto que brevemente apresenta a torcida, uma imagem do grupo nas arquibancadas do Olímpico e uma reprodução de uma reportagem do jornal Zero Hora que também tematizava o grupo, com uma citação em destaque, conforme exposto abaixo (Figura 31)

³¹¹ Me refiro ao Hino do Cinquentenário do Grêmio, composto por Lupicínio Rodrigues no ano de 1953, e considerado o hino atual do clube.

³¹² No período em que Lupicínio ali residiu, o Bairro da Ilhota era uma região pobre, que sofria com inundações, habitada majoritariamente por negros.

Figura 31 - Partes do painel dedicado a Coligay exposto no Museu do Grêmio



Fonte: Autora (2016).

Reproduzo também, a seguir, o texto do painel:

DIVERSIDADE DA ALEGRIA

Na cinzenta década de 1970, o Brasil atravessava um dos períodos mais obscuros de sua história, com repressão e censura suprimindo e sufocando as liberdades democráticas. Era preciso ser muito corajoso para expor sua preferência sexual, ainda mais dentro de um estádio de futebol. Mas a torcida Coligay encarou a ditadura e tomou para si o desafio de reequer a moral do time que andava baixo.

Vestindo figurino extravagante e ousado de túnicas esvoaçantes, plumas e paetês – tudo em azul, preto e branco, é claro –, cerca de 60 rapazes gremistas provaram que o Grêmio é mesmo o clube mais plural e inovador do país.

Volmar Santos, então gerente da célebre boate Coliseu, de Porto Alegre, foi quem organizou a festa: “Eu queria a torcida incentivando mesmo quando o time não ia bem... Quando parti para recrutar, pensei em gente como eu!” Cantando, pulando e dançando o tempo todo ao som de sua potente charanga, a Coligay embalava o time e os estádios por onde passava. O que realmente a distinguia era a animação e o bom humor.

O clube acolheu a torcida e esta, além de alegria, trouxe sorte e foi pé quente! Logo todos os gremistas puderam comemorar o mais festejado título gaúcho da história (1977) e seguiram comemorando, Brasileiro, Libertadores, até a conquista do Mundo, em 1983.

A torcida chegou ao fim, pois seu líder, Volmar, retornou naquele ano para sua terra natal, Passo Fundo. Mas a Coligay já havia ajudado a colorir os anos de chumbo!

O texto exposto apresenta uma narrativa similar àquela do livro de Léo Gerchmann. Também nele está presente a coragem da Coligay e sua oposição à repressiva ditadura, a extravagância de suas vestes, ilustrando o perfil diferente do grupo, a liderança de Volmar, a

fidelidade da torcida e seu status de pé-quento e, sobretudo, o fato de serem uma comprovação da pluralidade do Grêmio.

Tendo isso em vista, não questionando a importância da Coligay na história do Grêmio, destaco que ela se insere na exposição do Museu dentro de uma narrativa maior, que busca representar a torcida gremista como fiel e diversa.

Carlos, todavia, busca relativizar tal impressão. Embora tenha afirmado que a ala das torcidas visava mostrar a pluralidade da torcida gremista, quando perguntado sobre a presença da Coligay em específico, o coordenador do Museu afirmou que ela ocorre não pela homossexualidade de seus integrantes, mas por serem uma torcida que se diferenciava pelo apoio que prestava nas arquibancadas.

Apesar de [o painel] falar especificamente da Coligay, mas não porque é a Coligay, não porque é gay, é porque é uma coisa especial, entende? O que é especial na Coligay? Claro que o lado de ter o lado gay tem todo o aspecto social disso, mas o que diferenciou eles realmente, além de serem pessoas corajosas que enfrentaram, é que eles faziam a diferença também como torcida. Então são coisas que se unem nesse aspecto (MOLL DOS SANTOS, 2016, p.11-12).

Apesar de iniciar sua fala rejeitando a homossexualidade dos integrantes como motivo da presença da torcida na exposição, o historiador acaba reconhecendo que é um fator relevante (seja pelo “aspecto social” ou pela coragem) que se une ao fato de serem uma torcida muito atuante. Percebo também em sua fala referências à Coligay que podem ser associadas aos valores que identifiquei previamente na representação dos gremistas que o Museu apresenta: a diversidade, pelo fato de ser uma torcida gay, e a fidelidade no fato de fazerem “diferença também como torcida”.

Questionado sobre essa torcida ser a única elencada como merecedora de um espaço no Museu, Carlos afirma que a Geral do Grêmio, tal qual a Coligay, tem características e méritos que justificariam sua inclusão no Museu, mas que aspectos políticos influenciaram a escolha por não a citar.

A Geral, que nasceu como a Alma Castelhana, ela também é muito importante, eu diria. Se tu olhar do futuro, olhar para atrás, tu vai ver o papel que essa torcida teve, nascendo como Alma Castelhana, muito importante. Porque ela modificou também muito significativamente a maneira de torcer. E foi influenciar as outras torcidas do Brasil também. [...] Então, a Geral não está contemplada como a... Até porque entra esse aspecto político. Assim, o que tem da Geral? Tem a avalanche. Avalanche que talvez seja o símbolo dessa torcida que ficou conhecida (MOLL DOS SANTOS, 2016, p.12).

O potencial conflituoso da relação entre Geral e a direção do Grêmio também foi verificada por Reale (2016). O autor aponta que, apesar do agrupamento, sob condições específicas, representar um valioso recurso ao marketing do clube, de forma geral ele é visto como um problema para a gestão do Grêmio. Isso porque, na visão dos dirigentes a que o pesquisador teve acesso, a Geral estaria se consolidando como um “poder paralelo” altamente perigoso para o clube.

Mas observando a descrição da Avalanche exposta no Museu, noto que não é apenas esse “símbolo dessa torcida”, nas palavras de Carlos Moll dos Santos, o que é apresentado. O painel dedicado à essa manifestação, descreve uma atitude torcedora claramente referente à Geral, estabelecendo como referência temporal da consolidação desse modo de torcer a última década – quando surge a Geral – e mencionando as faixas estendidas verticalmente na arquibancada e os cânticos em espanhol. Assim, ainda que haja um esforço de coletivizar essas práticas como um “modo gremista de torcer”, é possível afirmar que a Geral do Grêmio está presente no Museu do clube, todavia, sem ser nomeada.

A escolha pela não menção, como reconhecido na fala do coordenador do Museu, é intencional. Ela é também relevante, visto que é representativa dos aspectos políticos que envolvem as decisões sobre o que visibilizar e o que não visibilizar na história de um clube, no museu e, também, fora dele. A não citação da Geral, contribui para evidenciar que a presença da Coligay não é fortuita, mas também uma escolha, tomada no momento de construção da exposição, mas também continuamente, visto que a qualquer momento o clube pode alterar elementos originalmente expostos.

Como já mencionado, no Memorial do Grêmio, do Estádio Olímpico, havia uma foto da Coligay entre as ilustrações do período de 1977 a 1983, na cronologia da história do clube ali exposta (SOUZA, 2015; RODRIGUES, 2017; GOLIN, 2015). Essa imagem é indício da aceitação da torcida pelo clube já naquele momento. Quando comparamos, todavia, a presença da torcida no Memorial e no Museu, a aceitação transforma-se em reconhecimento, ampliação da visibilidade e valorização. Tratando sobre o espaço dedicado às torcidas no antigo espaço, Carlos Moll dos Santos explica:

Aí que está. Não só a Coligay, todas as torcidas organizadas, o que se foi guardado delas é muito mais o que aparece no jornal, o que apareceu no jornal ou que apareceu em matérias futuras sobre o passado. A Coligay existiu de 1976, 1977 até 1983, e o Museu começou em 1983, quer dizer, começou a sala de troféus, o Museu foi começar mais adiante. Dona Ema começou a guardar material em 1983. Então na verdade, assim, ela fez uma espécie de uma taxação, que ela chamava, uma clippagem desde 1983 em diante, procurando guardar os momentos principais, pelo menos, do clube, matéria de jornal.

Então essas coisas que têm antes de 1983, elas ficaram... Principalmente, assim, tem um grande furo de pouco material, que existe justamente desde o final das revistas do Grêmio³¹³ (MOLL DOS SANTOS, 2016, p.12).

Nesse sentido, a gestão amadora e conduzida por número insuficiente de funcionários se refletia na exposição. Diante desse cenário, é coerente com aquele período³¹⁴, que os fatos ocorridos dentro de campo fossem priorizados em relação aos/as torcedorxs e torcidas ou mesmo outros elementos referentes à dimensão simbólica do clube.

Mas além do maior destaque recebido pela Coligay, há também um deslocamento de seu significado em uma e outra exposição. Enquanto no Memorial, a torcida ilustrava, primordialmente, um período, 1977 a 1983, no Museu, ela representa um valor, a diversidade.

Pontuo o “primordialmente”, pois, desde o Memorial, notam-se indícios de certo empenho de desconectar o Grêmio de uma imagem segregacionista, ainda que a diversidade não fosse desde já um elemento central no espaço museológico do Estádio Olímpico. Dona Ema afirmou que “sempre quis tirar este estigma de Grêmio ser racista” (SOUZA, 2015, p.44). Como exemplos desses esforços, ela cita que na cronologia das torcidas, além da presença da Coligay, havia também a do torcedor-símbolo Bombardão, e, também, que fez um levantamento e expôs imagens de jogadores negros do Grêmio anteriores à Tesourinha, buscando desmistificar que ele teria sido o primeiro negro no clube: “Tem uma relação no museu de todos os afrodescendentes, até eu nem botei negro, [coloquei] afro descendentes. Todos eles que eu pude levantar e que eu tinha fotos para poder comprovar tem lá, e aí por causa disso. E na homenagem à torcida aparece a Coligay por causa disso” (SOUZA, 2015, p.43). Além do que cita Dona Ema, menciono outros dois elementos. A primeira, é o uso do depoimento de Lupicínio Rodrigues, justificando seu pertencimento pelo Grêmio, ter sido exposto num dos painéis do Museu gremista (DAMO, 1998). O segundo, o fato de dois dos manequins que expunham alguns uniformes do clube serem pretos.

³¹³ Durante muitos anos o Grêmio produziu periódicos que relatavam as atividades do clube e que, como conta o entrevistado, serviram de fonte para seu Memorial e Museu. Essa produção, contudo, foi intermitente, havendo uma série de períodos sem essa publicação, nos quais há carência de materiais e fontes para sua exposição.

³¹⁴ No Brasil, a produção de estudos na área da História do Esporte ainda estava marcada, até a década de 1990, por trabalhos mais factuais e descritivos (MELO; FORTES, 2010). Segundo Macedo (2017), a apropriação da História Cultural, notável especialmente a partir daí, possibilita olhar para outros objetos (sobretudo para além de documentos produzidos por instituições e autoridades) e de outras formas, não mais priorizando o levantamento cronológico de datas e acontecimentos.

Figura 32 - Manequins no Memorial do Grêmio, no Estádio Olímpico



Fonte: Damo (1998)

Se a visibilidade da Coligay é bastante desigual entre o que se vê no Memorial Hermínio Bittecourt e no Museu do Grêmio, o mesmo não pode ser dito dos símbolos na negritude gremista, os quais são similares. Mas, se antes, me parece haver um evidente esforço de negar o pioneirismo de Terousinha, o que se observa no espaço de memória atual é uma dispersão mais sutil de símbolos de pluralidade, e não apenas de negritude. É nesse projeto em que a **diversidade da alegria** que a Coligay representa ganha espaço.

5.3.3 Ressignificando a Coligay e atualizando a tradição gremista

[...] essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa (POLLAK, 1989, p.4)

No texto de que foi extraído o trecho acima, Michael Pollak trata do interesse de pesquisadorxs por períodos históricos nas quais se percebe um esforço de revisão da memória

coletiva³¹⁵. A partir de três exemplos, ele mostra como políticas de reformas de certos Estados-Nação suscitaram a irrupção de memórias até então silenciadas por serem proibidas, indizíveis ou vergonhosas. O autor demonstra que são necessárias circunstâncias favoráveis para que haja tanto a escuta quanto expressão dessas memórias marginalizadas.

Respeitadas as especificidades dos exemplos observados por Pollak, tomo-o como referência para pensar como a Coligay ressurgiu em um momento de conjuntura propícia para a emergência de uma memória marginalizada na memória coletiva do Grêmio. Se, talvez, seja extremo supor a existência de uma crise, não o é assumir um cenário de permissividade à legitimação da trajetória de pessoas e grupos que, tal qual a Coligay, representassem “minorias sociais”. No subcapítulo 5.2 descrevi alguns dos elementos que demonstram isso.

Já no presente item, volto-me para uma reflexão acerca da rememoração da Coligay, demonstrando como sua emergência recente passa por processos condizentes não apenas com a sociedade atual, mas também com a identidade e tradição gremistas que se busca atualizar.

A memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo. Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que me leva a um segundo sentido, mais psicológico da composição: a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver (THOMSON, 1997, p.57).

É nesse fluxo da relação passado-presente gremista que a Coligay é silenciada, rememorada e, mais além, transformada.

5.3.3.1 Deslocamentos dos significados das memórias da Coligay

Os depoimentos das pessoas que entrevistei evidenciam que, se na memória oficial do Grêmio, a Coligay viveu algumas décadas de apagamento, para muitos torcedores ela manteve-se viva por meio de afirmações jocosas de colorados direcionada aos gremistas, que usam a Coligay como forma de ofender o rival. “Ela marca mais pelo lado pejorativo da parte do Internacional, porque eles acham que isso aí foi uma... Como eu te falei, que foi uma página negra (sic) na história do Grêmio” (BERTOTTO, 2017, p.29). O mesmo conhecimento por

³¹⁵ Sobre memória coletiva, ver: HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

meio de “piadas” e “cornetas” de torcedorxs do Internacional foi encontrado na pesquisa de Bandeira (2017).

Não à toa, quando uma faixa da Coligay surgiu em uma partida do Grêmio, em 2009, a suspeita de que seria uma obra de colorados foi apontada. O episódio em questão ocorreu no dia 27 de maio, nas quartas-de-final da Copa Libertadores da América, em jogo contra o Caracas³¹⁶, na Venezuela.

Figura 33 - Faixa “Coligay” estendida na partida entre Caracas e Grêmio, na cidade de Caracas, no dia 27 de maio de 2009



Fonte: Globoesporte.com

A legenda da foto no Globoesporte.com levanta dúvidas sobre a autoria, mas não cogita a possibilidade de tratarem-se de gremistas resgatando a torcida ou sua memória:

Pode ser coisa de colorado infiltrado, pode ser coisa de venezuelano que pesquisou a história do Grêmio. O fato é que uma faixa chamou a atenção no Estádio Olímpico da Universidade Central da Venezuela nesta quarta-feira, antes do jogo contra o Caracas. Com letras pretas e azuis, a mensagem resgata

³¹⁶ Caracas Fútbol Club, da Venezuela.

a Coligay, polêmica reunião de torcedores homossexuais que existiu nos anos 70 no Rio Grande do Sul³¹⁷.

O texto qualifica a Coligay como polêmica. Destaco que, no período de atividade da torcida, esse não era um termo comumente utilizado para caracterizá-la. Por outro lado, em trabalhos recentes que abordam as homossexualidades e manifestações heterossexistas e/ou homofóbicas de torcedores de futebol, é evidente o uso recorrente do termo, tanto por torcedores quanto por jornalistas (ANJOS, 2014a; BANDEIRA, 2017; PINTO, 2017).

Foucault, em uma entrevista (RABINOW, 1999), manifestou seu desgosto pela polêmica justificando que, nela, o intuito é impor um pensamento a partir de uma afirmação de autoridade. Ela se diferencia, assim, de uma discussão que pretende a busca pela verdade, na qual

aquele que pergunta está apenas exercendo o direito que lhe foi concedido: o de não estar convencido, perceber uma contradição, requerer mais informação, enfatizar postulados diferentes, apontar raciocínios defeituosos etc. Quanto ao que responde, também ele exercita um direito que não vai além da própria discussão; pela lógica de seu próprio discurso, está comprometido com o que disse antes e, por aceitar o diálogo, com o questionamento pelo outro (RABINOW, 1999, p.17).

Na polêmica, por sua vez, o polemista atribui a si um lugar de privilégio, de uma autoridade inquestionável. Ele toma seu posicionamento como a verdade e assume a função de abolir seu interlocutor, visto não como um parceiro em um trabalho de elucidação recíproca, mas como inimigo errado e nocivo. Nega-se, assim, a possibilidade de uma discussão igualitária a partir da qual poderiam surgir novas ideias (RABINOW, 1999).

Complementando, para Wainberg (2010), a polêmica é um enfrentamento retórico no qual o desejo dos contendores é conquistar algum grau de poder e controle sobre a opinião pública. Nessa disputa, prepondera a persuasão à lógica.

Nesse tipo de controvérsia predomina mais a apologia e a pregação e menos o diálogo; mais a oratória, menos a audição; mais a imposição, menos o consenso; mais a certeza do orador e menos as dúvidas da audiência; mais o carisma do polemista e menos o espírito crítico do receptor, seja ele leitor, ouvinte, espectador ou fiel seguidor (WAINBERG, 2010, p.10).

Retomando a afirmação, datada de 2009, da Coligay como “polêmica reunião de torcedores homossexuais”, apresento um contraponto. Essa TO, durante o período em que

³¹⁷ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Gremio/0,,MUL1170401-9868,00-FOTO+FAIXA+PROVOCA+O+GREMIO+COM+LEMBRANCA+A+COLIGAY.html>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

esteve atuante nas arquibancadas, ainda que provocasse reações diversas – positivas e negativas – de observadorxs, como demonstrei no capítulo 4, elas não culminaram em uma disputa tipicamente polêmica.

Os ex-integrantes da Coligay não rememoram confrontos físicos ou retóricos referentes à não aceitação de sua presença nas arquibancadas. Volmar menciona a existência de torcedores preconceituosos, mas entende que eles se acostumaram com o convívio com sua torcida (SANTOS, 2015a). Serginho afirma que os desgostosos nunca lhes geraram problemas (CUNHA, 2017). Careca diz que “não tinha nada de homofobia, não tinha nada de preconceito” (RODRIGUES, 2017, p.10) e Marcelly que “se tinha preconceito, não sei, nunca deixaram a gente perceber isso” (MALTA, 2015, p.10). Em consonância, Miguel conta que aqueles que eram homofóbicos não demonstravam (Diário de campo, 31 de agosto de 2016).

Esses relatos vão ao encontro do que relembram, também, gremistas que integraram outras TOs. Pancho e Cleber, ambos da Garra Tricolor, dizem não lembrar de ofensas e xingamentos direcionados à Coligay (RIVAS, 2015; VIEIRA, 2015). Pancho completa que, mesmo os preconceituosos, apreciavam a agremiação: “Tinha os machistas e coisa e tal, mas gostavam, porque era engraçado” (RIVAS, 2015, p.6). Bobis, da Super Raça Gremista, afirma que “foi uma coisa super bem aceita”, e que mesmo a ida posterior de ex-integrantes da Coligay para outras TOs também não provocou incômodos nesses grupos (COSTA, 2017, p.8).

O jornalista gaúcho Lauro Quadros, também em entrevista à pesquisa, reitera a percepção de um deslocamento no significado da Coligay. Ao justificar uma suposta pouca atenção que o próprio teria dado à torcida gremista, no período de sua atuação, ele discorre:

É um sintoma. Como eu te disse, se a Coligay acontecesse hoje, teria mais repercussão, porque, hoje, as pessoas estão mobilizadas intelectualmente, socialmente e profissionalmente em um mundo completamente diferente. Embora não tenha passado tantos anos assim, as coisas mudam com muita rapidez, velocidade. E, se isso acontecesse hoje, teria uma repercussão maior ainda, eu acho. **Aquilo que era só uma coisa folclórica, hoje teria um peso político muito interessante.** Se existisse uma Coligay hoje seria bah, maravilhosa! Seria uma situação maravilhosa, e naquela época me marca mais como uma coisa folclórica. Pode ser uma injustiça isso, né? (QUADROS, 2016, p.9, grifos meus.).

Em sua entrevista, em mais de uma ocasião, Quadros volta a afirmar que, enquanto estava em atividade, a Coligay era interpretada como um registro folclórico. A fim de explicar seu entendimento do termo, ele compara a presença da torcida à de um Papai Noel azul na torcida gremista: “tem o Papai Noel azul que alguns gremistas promovem e tal, então é uma coisa estranha, diferente” (QUADROS, 2016, p.8). Noto que também o jornalista David

Coimbra os classifica desse modo: “Era divertido, a gente achava engraçado, **era um pedaço folclórico da torcida**” (COIMBRA, 2016, p.5, grifos meus). De forma similar, Roger afirma que “A Coligay é uma lenda urbana antes de mais nada” (CANAL, 2017, p.18). Complementarmente, Léo Gerchmann afirma que “a repercussão foi menor do que teria hoje, inclusive o tratamento jornalístico que seria dado levaria à outra repercussão. A gente ia olhar por outros ângulos” (PARA O QUE DER..., 2016, transcrição minha).

Penso que é justamente a aquisição do “peso político”, nas palavras de Quadros, que provoca o entendimento, de alguns, da Coligay como uma torcida polêmica. Para entender essa mudança, é preciso considerar o cenário mais amplo de transformações no que tange à vida da população LGBT no Brasil durante esse período, assim como do universo do futebol, os quais tratei no item 5.3. Como dito naquele momento, houve uma série de conquistas sociais e do aumento de visibilidade da população LGBT, acompanhadas, sobretudo mais recentemente, de um aumento do recrudescimento de grupos conservadores que buscam restringir tais avanços. No futebol, a intensificação da violência na década de 1990 e a crescente elitização, acompanham uma disputa pelo comportamento torcedor legítimo e possível nos estádios. E é nesse novo cenário que a Coligay passa a ser entendida como polêmica, sendo representativa das disputas entre esses grupos.

Mas, para além desse cenário amplo, é preciso considerar, também, as especificidades do contexto do Grêmio e seus efeitos para a permissividade do resgate e ressignificação das memórias da Coligay.

Como mencionado em diversos momentos desse trabalho, essa torcida é recorrente nas discussões retóricas entre os rivais gremistas e colorados, tanto podendo a Coligay ser acionada como um mérito, uma prova de diversidade do Grêmio, ou como uma vergonha, um símbolo de uma carência de masculinidade (normativa) e virilidade do clube tricolor.

No caso específico da faixa com o escrito “Coligay” estendida no estádio venezuelano, sua rememoração parece partir, principalmente, de torcedores do Inter que usam o fato como forma de debochar do rival, sendo incomum a suposição de um retorno ou homenagem à Coligay³¹⁸. Cabe pontuar que o fato do adereço estar no setor da arquibancada reservado à torcida do Caracas contribui para a crença de que ela tenha sido obra de adversários do Grêmio. Também a favor dessa versão, um de meus entrevistados, o gremista Cleber Vieira, afirmou que teria sido um colorado o responsável por ela:

³¹⁸ Essa é uma impressão pessoal a partir de diálogos com gremistas e colorados, reiterada pelo conteúdo encontrado na internet ao fazer uma busca com os termos “faixa Coligay Caracas” e “faixa Coligay Venezuela”, exemplificado na legenda do Globoesporte.com.

Um primo meu, idiota, que mora, agora tá morando em Porto Alegre, mas ele morou na Venezuela, e o Grêmio foi jogar lá, o Grêmio foi jogar, ou não sei se era o Inter, e ele levou uma faixa de Coligay lá. Bah, nada a ver. [...] levou porque ele é colorado, levou pra ironizar a história. Se ele achou aquilo bacana, eu achei ridículo da parte dele (VIEIRA, 2015, p.17).

Em oposição, Volmar Santos, idealizador da Coligay, defende que teria sido um antigo integrante da torcida quem estendeu a faixa (SANTOS 2015a, 2016; GERCHMANN, 2014):

[...] tem um outro menino, que participava muito, ele era de... Ele foi depois para a Venezuela, até ele colocou uma faixa da Coligay em um jogo da Libertadores que o Grêmio foi a Caracas, e as pessoas começaram a falar e tal, que a Coligay estava voltando, era porque ele tinha ficado com a faixa, e daí ele colocou lá.

L. A. – Você se lembra do nome dele?

V. S. – É Elton. (SANTOS, 2015a, p.13-14).

Conheço uma pessoa que mora em Caracas que levou uma das faixas da Coligay pra lá e teve um jogo da Libertadores há uns três anos atrás e apareceu lá a faixa da Coligay e todo mundo “ah, a Coligay tá voltando”. Mas não era, ele que estava lá e colocou lá a faixa. Mora lá até hoje³¹⁹. (SANTOS, 2016, p.18)

Em 2017, outra faixa da Coligay voltou a ocupar arquibancadas de jogos do Grêmio. Nesse caso, o feito ocorreu no estádio do clube e havendo o reconhecimento por parte dos autores, o coletivo de torcedores gremistas Tribuna 77³²⁰. O registro no qual se lê “Coligay 40 anos” foi exposto como forma de homenagem à torcida, tendo em vista o aniversário de 40 anos de seu surgimento, atribuído ao dia 9 de abril de 1977.

Seguindo uma prática que se popularizou em Porto Alegre a partir da Geral do Grêmio (RODRIGUES, 2012), a Tribuna 77 adota o uso de trapos ao invés de faixas e bandeiras convencionais. O espaço que a torcida fica no estádio, geralmente está ocupado por muitos trapos. Na homenagem à Coligay, o seu trapo foi colocado junto a outros, mas em local de destaque, como vê-se na imagem abaixo (Figura 34).

³¹⁹ Careca, que não mencionou o episódio de Caracas em sua entrevista, chegou a mencionar que Elton “hoje parece que mora na Bolívia” (RODRIGUES, 2017, p.12). Diante da incerteza demonstrada na fala, é possível que o entrevistado tenha confundido os dois países sul-americanos.

³²⁰ Em sua página do *Facebook* o grupo assim se define: “A Tribuna 77 é um coletivo multicultural #DIY [do it yourself, em português “faça você mesmo”] de torcedores do Grêmio FBPA que se reúne na Arquibancada Superior Norte da Arena. Entre as principais pautas do movimento, estão a redemocratização dos espaços de futebol, o resgate e manutenção do patrimônio histórico e cultural do clube, além do combate ao racismo, LGBTfobia, machismo, misoginia e todos os tipos de preconceito”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tribuna77/>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

Figura 34 - Trapo exposto pela Tribuna 77 em homenagem aos 40 anos da fundação da Coligay, na partida entre Grêmio e Deportes Iquique³²¹, válida pela Copa Libertadores da América, no dia 11 de abril de 2017



Fonte: Richard Ducker, publicado na página do *Facebook* da Tribuna 77 (2017).

Em sua página de *Facebook*, a Tribuna 77 publicou a imagem reproduzida acima, acompanhada do seguinte texto:

Memória, Identidade e Cultura de Grêmio

Nossa homenagem pela passagem dos 40 anos de fundação da Coligay, torcida transgressora e vanguardista, página fundamental na história do Grêmio FBPA.

Reiteramos nosso máximo respeito às diferenças e o direito a diversidade, afirmando o Grêmio FBPA como um clube plural e inclusivo, motivo de orgulho para os mais de oito milhões de torcedores.

Relembre a Coligay:

http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.htm

Vamos, Tricolor! Queremos a copa!

Foto do Richard Ducker / Todos os direitos reservados.

Grêmio FBPA 3 x 2 Club Deportes Iquique

Futebol é Cultura

Diga não a violência

Seja sócio do Grêmio

Quer participar da 77?

³²¹ Club Deportes Iquique, do Chile.

As diretrizes básicas estão aqui: <http://bit.ly/27M3yc1>³²²

O texto destaca como atributos da Coligay a transgressão e o vanguardismo, traços abraçados e valorizados pelos integrantes da Tribuna 77 em seus posicionamentos e manifestações públicas. É divulgado, também, o link de uma reportagem que trata da história da torcida gay gremista, possibilitando que os leitores acessem mais informações sobre o extinto grupo. Além disso, aproveita-se o espaço para destacar a posição do coletivo de respeito às diferenças e à diversidade, vinculando essa atitude como uma característica do Grêmio, “um clube plural e inclusivo”.

Sobre a motivação para o gesto, Roger Canal (2017), um dos fundadores da Tribuna 77, relata que o grupo sempre nutriu uma admiração pela Coligay e que o marco das quatro décadas do surgimento da torcida foi visto como uma oportunidade para alguma ação. Cabe, inclusive, destacar que o 77, que consta no nome do coletivo, é uma referência à 1977, ano de surgimento da torcida gay gremista, uma das razões para a escolha do número:

1977 foi um ano chave dentro do Grêmio, que representa todos esses ideais que nós levamos adiante. O Grêmio em 1977 era um clube progressista valendo, né? Não só na formação de futebol e na maneira de se pensar dentro do Grêmio, mas nas arquibancadas, com aceitação da Coligay, com o Grêmio começando a construir um estádio através da força da sua torcida, tendo um presidente humanista, um cara progressista. Então esse ano, além desse título, que quebrou a hegemonia do Inter e começou uma construção vitoriosa pro Grêmio, de reerguer seu estádio e terminar lá no Campeonato Mundial, ele foi fundamental. Acho que 1977 hoje soaria [como] um ano atual [...] (CANAL, 2017, p.6).

Na fala do torcedor, o vínculo da Coligay com o ano de 1977 se dá pelo caráter vanguardista de sua existência e de sua aceitação pelo Grêmio, que se somam a outros feitos da agremiação, que fazem com o clube seja identificado pelo entrevistado, naquele ano, como “progressista valendo”. Essa interpretação diferencia-se dos pontos de vista de outros entrevistados de minha pesquisa. Ainda que, nxs demais, recorrentemente, haja a valorização de aspectos citados por Roger, como a presidência de Hélio Dourado, a finalização do Estádio Olímpico, a quebra da hegemonia colorada e a trajetória até o título mundial, eles são mencionados como símbolos de uma boa fase do Grêmio, e não de seu caráter progressista. A natureza transgressora da Coligay, ainda que eventualmente afirmada, não é interpretada como parte de um fenômeno mais amplo. Para esses outros colaboradores, o vínculo da torcida com o ano de 1977 é, fundamentalmente, pela sua contribuição à conquista do campeonato gaúcho,

322

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/tribuna77/photos/a.1716479455294767.1073741828.1702300320046014/1888178261458218/?type=3&theater>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

como “torcida pé-quente”, aspecto esse ignorado em toda a entrevista com o integrante da Tribuna 77.

O sentido que Roger atribui à Coligay vai além do futebol, como expressa: “eu encaro como um movimento multicultural e não como uma torcida” (CANAL, 2017, p.21); “eram militantes de uma causa” (*ibidem*, p.20); “a Coligay, na época, abrigava muitas mulheres no estádio, então foi um reduto das mulheres também, tipo assim, de resistência feminina e feminista também” (*ibidem*, p.20); “aposto que tinha muita gente que eram guerrilheiros da época da ditadura que frequentavam a tribuna com eles. Com certeza, com absoluta certeza” (*ibidem*, p.22).

As diferentes interpretações da Coligay expressas pelas pessoas que entrevistei mostram como uma mesma trajetória pode ser retratada de modos distintos, dadas as perspectivas particulares dos autores de cada narrativa. São “histórias dentro da história”, acontecimentos lembrados e interpretados de forma diferente entre meus minhas interlocutorxs, o que amplia as possibilidades de interpretação do passado protagonizado por essa torcida (ALBERTI, 2010, p.155).

A recepção ao trapo homenageando a Coligay foi bastante diversa, como descreve Roger:

Porque nós chegamos, abrimos a faixa no lugar e as pessoas não credi... Eu lembro que foi meio incrível. Todo mundo ficou meio, tipo assim, “o que que esses caras estão fazendo?” Teve bastante gente que xingou. Rolou um questionamento brutal [...] rolou bastante enfretamento, rolou bastante questionamento, mas rolou muito apoio, mas muito apoio. Foi muito... [...] então, tipo assim, as reações foram as mais diversas, mas eu acho que elas foram bem mais positivas do que essas reacionárias, que houve bastante. Houve ameaça, houve tudo que se pode imaginar (CANAL, 2017, p.23).

O gremista menciona que a Tribuna 77 já tinha sido ameaçada anteriormente em função de outra manifestação de cunho anti-homofóbico. Em 2016, a torcida levou uma bandeira do arco-íris, símbolo do movimento LGBT, em sinal de protesto contra o atentado à uma boate voltada a esse público, ocorrida em Orlando (Estados Unidos), no dia 12 de junho daquele ano, que deixou 50 mortos e 53 feridos³²³. “Nós levamos a bandeira e, através da bandeira, já recebemos as primeiras ameaças e retaliações e tal, tudo mais” (CANAL, 2017, p.24). Além do gesto na Arena, foi feita uma publicação na página de *Facebook* do grupo, na qual a Coligay foi lembrada:

³²³ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/policia-diz-que-ataque-em-boate-nos-eua-deixou-50-mortos.html>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

Homenagem da Tribuna 77 - GFBPA às vítimas do ataque terrorista na boate Pulse, Orlando - USA, no último 12/06. **E, também, um tributo à nossa história de diversidade dentro do clube, com a Coligay**, e à comunidade LGBT brasileira, que vem sofrendo muitos ataques nos últimos tempos.

Reiteramos nossa postura na luta por um futebol e uma sociedade de todos e para todos, baseado no respeito e na cultura de Grêmio que há décadas é pioneiro em ações inclusivas para com o direito às diferenças e à diversidade. Reflitam: todo dia é Orlando por aqui.

Mais amor, pelo fim da cultura do ódio!

Quer participar da 77? As diretrizes básicas estão aqui: <http://bit.ly/27M3yc1>

Futebol é cultura

Diga não à violência

*Seja sócio do Grêmio*³²⁴

Antes da manifestação em campo, a Tribuna 77 já havia declarado virtualmente seu repúdio ao ocorrido em uma postagem no *Facebook* com um texto bastante similar ao anterior, que também rememorava a torcida gay gremista reiterando seu “imenso orgulho por tudo o que significa a história da #Coligay” e vinculando a luta por uma sociedade de todos e todas à “cultura de Grêmio”³²⁵. Anteriormente, também por essa rede social, o coletivo publicou uma postagem motivado pelo Dia Internacional contra a Homofobia – dia 17 de maio – e, nela, a Coligay era novamente destacada, no texto e na ilustração que o acompanhava.

17 de maio, Dia Mundial de Combate a Homofobia e expressamos nosso orgulho pela Coligay e pela diversidade Tricolor. Uma das páginas mais bonitas escritas na histórica arquibancada do velho Estádio Olímpico Monumental.

Reiteramos nossa postura na luta por um futebol de todos e para todos, baseado no respeito e na cultura de Grêmio que há décadas é pioneiro no respeito às diferenças e à diversidade.

Que possamos manter viva esta chama!

Antifascistas sempre!³²⁶

³²⁴

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/tribuna77/photos/a.1716479455294767.1073741828.1702300320046014/1741222589487120/?type=3&theater>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

³²⁵

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/tribuna77/photos/a.1716479455294767.1073741828.1702300320046014/1739004243042288/?type=3&theater>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

³²⁶

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/tribuna77/photos/a.1716479455294767.1073741828.1702300320046014/1727533904189322/?type=3&theater>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

Figura 35 - Imagem da Coligay, na publicação da página do *Facebook* da Tribuna 77, em função do Dia Internacional contra a Homofobia, em 2016



Fonte: Página do *Facebook* da Tribuna 77 (2016).

No ano de 2017, em sequência à homenagem à Coligay, outras duas manifestações da torcida contra à homofobia foram feitas na Arena do Grêmio, todas acompanhadas de registros na página do *Facebook* do grupo. Houve ainda, duas ações apenas virtuais. Entre elas, a torcida estava presente em uma.

Em 2018, novas postagens na página da Tribuna ocorreram em função do Dia Internacional contra a Homofobia³²⁷ e do Dia Internacional do Orgulho LGBT³²⁸. Na segunda delas, o texto afirma que: “A Coligay, uma das páginas mais bonitas da história do Grêmio FBPA e farol mundial na luta contra o preconceito nos espaços esportivos, não serve apenas como influência, mas como norteio na forma de fazer e sentir Gremismo”.

Nota-se, assim que a partir de 2016, tornaram-se frequentes as manifestações da torcida contra a homofobia, totalizando, até o momento, quatro no estádio e dez virtuais, indicando uma efervescência maior do tema e da necessidade e interesse de sua afirmação pelo coletivo.

³²⁷

Disponível em:
<<https://www.facebook.com/tribuna77/photos/pcb.2099831046959604/2099830576959651/?type=3&theater>>.
Acesso em: 2 jul. 2018.

³²⁸

Disponível em:
<<https://www.facebook.com/tribuna77/photos/a.1716479455294767.1073741828.1702300320046014/2129338764008832/?type=3&theater>>. Acesso em: 2 jul. 2018.

Além disso, vê-se pelos relatos de Roger Canal e das ações e postagens da Tribuna 77 um esforço de dar visibilidade e valorização à Coligay, interpretando-a como símbolo da “cultura de Grêmio”, da “história da diversidade dentro do clube”, e um exemplo de que ele é um “clube plural e inclusivo”. Essa perspectiva, então, não apenas positiviza a Coligay, mas, ao tomar as características da TO como virtudes essenciais **do Grêmio**, positiviza o próprio clube.

Bandeira (2017), tendo dialogado com gremistas para sua tese³²⁹, descreveu algumas das impressões dos torcedores atuais sobre a memória da Coligay, a partir das quais identifiquei quatro modos centrais de interpretação da relação da Coligay com o Grêmio: 1) visibilizar a Coligay é/pode ser positivo para o clube; 2) Coligay é motivo de piada sobre o clube; 3) Coligay é pouco importante ou irrelevante para o clube; 4) Coligay foi importante para o clube, como qualquer outx torcedorx ou torcida o é. Uma quinta forma, ainda, seria o desconhecimento sobre a Coligay. Encontro posicionamentos similares entre meus entrevistados, ainda que as categorias não sejam estanques e seja possível que um mesmo indivíduo apresente falas que alternem entre mais de uma delas.

A primeira, que considera que a ampliação da visibilidade da Coligay na historiografia do Grêmio pode ser positiva para o clube, vai ao encontro da perspectiva de Roger e da Tribuna 77, ainda que não necessariamente pelos mesmos motivos. Entre meus/minhas entrevistadxs que compartilharam as arquibancadas do Olímpico com a Coligay, situação rara entre os interlocutores de Bandeira (2017), esse é o entendimento preponderante, ainda que também a partir de motivações diferentes entre si e sob nuances no que tange à expectativa de visibilidade. De forma geral, há uma valorização da TO por sua alegria e, sobretudo, apoio incessante ao time, justificando sua relevância na história do Grêmio. Alguns, por sua vez, endossam a pertinência de que a trajetória da torcida seja valorizada pelo clube, como descreve a fala do jornalista Mário Marcos:

[...] se eu sou historiador do Grêmio, se eu sou responsável pelo museu do Grêmio, se eu sou dirigente do Grêmio, eu falo da Coligay com orgulho, não tenho dúvida nenhuma disso, porque... Como eu disse a pouco, um time, um clube que aceita uma torcida como a Coligay, que acolhe uma torcida como a Coligay, que tem um período importante da sua história ligado a Coligay porque ela participava ativamente das festas na arquibancada mostra evolução, mostra mentalidade aberta, quarenta anos antes de se falar tanto em diversidade. Então eu, se eu sou historiador do Grêmio, se eu sou pesquisador, se eu sou dirigente do Grêmio, eu valorizo essa participação. Eu valorizo como

³²⁹ O autor realizou diálogos com grupos de dois a cinco torcedores homens na Arena do Grêmio, em dias de jogos. Foram 32 jogos observados, com uma a três conversas por partida, com noventa e três torcedores participantes no total.

um capítulo nobre da minha história, “Olha como nós éramos evoluídos, olha como o clube era evoluído, nós tínhamos uma torcida que tinha uma participação importante na arquibancada, acolhida pelo clube naquela época” (MARCOS, 2016, p.11).

Já David Coimbra sugere que o marco que a Coligay representa para o Grêmio poderia servir de incentivo para que novxs torcedorxs homossexuais se aproximassem do clube:

Ah eu acho que talvez o Grêmio até devesse aproveitar mais isso, sabe? O Grêmio como instituição, essa primazia vamos dizer assim, de ter tido a primeira torcida gay ou devia de alguma forma incentivar isso, mas é claro que os clubes têm tantas outras preocupações, de repente fica fora da esfera de preocupações do clube (COIMBRA, 2016, p.10).

Entretanto, tal forma de relacionar-se com a Coligay e sua memória não parece hegemônica entre o coletivo mais amplo de torcedorxs gremistas. Conforme já dito no início desse subcapítulo, as jocosidades vindas de torcedores rivais parecem ser a principal forma de relação e memória, na atualidade, de gremistas com a Coligay, percepção compartilhada por mim e por Bandeira (2017).

O terceiro modo, por sua vez, seria aquele que defendia que torcida não teve tanta importância quanto alguns discursos parecem supor. Na fala de um dos interlocutores de Bandeira (2017): “a torcida tomou uma proporção muito maior do que realmente ela era. Era meia dúzia de homossexuais que tinham a sua preferência clubística e que decidiram ir lá para o estádio fazer a sua festa” (p.290).

Reconhecer o valor da Coligay, diante do entendimento que qualquer gremista é bem-vindo no apoio à equipe, seria a quarta forma de relacionar a torcida com o clube. Nessa perspectiva, o gremismo sobrepõe-se a qualquer marcador identitário, suprimindo as diversidades entre sujeitos e grupos. Na afirmação de um gremista citado por Bandeira (2017, p.297): “se o cara quer dar o rabo problema é dele. Se ele vai torcer para o Grêmio, melhor ainda, mais gente gritando para o Grêmio e apoiando. A opção sexual (*sic*) do cara para mim não vai fazer diferença nenhuma”. Um de meus entrevistados, Carlinhos, frequentador da Geral do Grêmio e que durante alguns anos esteve entre as lideranças da torcida, manifestou-se de forma similar:

Uma vez o Peninha perguntou se eu era contra a Coligay. Disse que se foi uma torcida que cantava pro grêmio, que pra mim era isso que importava. Gosto de Queen. E meu gosto não passa pela sexualidade do vocalista. [...]

L.A. – Você acha que a Coligay tem importância na história do Grêmio?

C.C. – Acho que todo gremista é importante na história do Grêmio.

(CALOGHERO, 2017, s.p.)

Esse posicionamento também atravessa algumas falas de pessoas formalmente vinculadas ao Grêmio, como atletas e dirigentes. O ex-jogador e ídolo do clube Oberdan afirmou que “Torcedor é torcedor, não tem gênero, até porque paixão pelo esporte e por ídolos não tem gênero” (VILAIN, 2016, p.6). Já o ex-presidente e patrono do Grêmio, Hélio Dourado, disse que não tinha nada a ver com o que eles faziam (DOURADO, 2015), posição que já endossava quando comandava o clube, como ilustra uma fala, feita em Gravataí, durante suas Caravanas para angariar doações para as obras do Estádio Olímpico:

Quero Olímpico cheio. E uma vez, quando fundaram a Coligay, me perguntaram se eu ia permitir. Eu disse: se pagarem podem vir. Não importa que seja bicha. Pagando bem que mal tem. E se todos os bichas da cidade fossem ao Olímpico, lotava o estádio e era uma festa (NA HORA..., 1979, p.43).

E, como já citado, há, ainda, uma série de torcedores que afirmam desconhecer a Coligay. Carlinhos também faz um posicionamento nessa perspectiva.

A Coligay, como torcida do Grêmio, não fosse pelo ineditismo e coragem de ser um grupo, que naquela época, quando até mulheres não eram frequentes aos estádios... Gremistas homossexuais marcarem esse espaço na arquibancada é uma quebra de paradigma enorme, que certamente tem importância na luta pelos direitos LGBT. Mas como torcida, tirando esse lado, dessa luta, eu sinceramente desconheço a história (CALOGHERO, 2017, s.p.).

O gremista reconhece características positivas na TO – ineditismo e coragem – e identifica sua existência como uma “quebra de paradigma enorme”, mas situa esse feito como algo importante para o movimento LGBT, e não para o futebol ou para o Grêmio. Esse entendimento é reforçado quando perguntei ao entrevistado sobre o painel do Museu do Grêmio dedicado à Coligay:

L.A. – Qual sua opinião sobre a Coligay ter um painel no museu do clube, mas nenhuma outra torcida ter esse privilégio ou destaque?

C.C. – Eu não tenho nenhuma opinião, sinceramente falando. A Coligay não rivaliza com nenhuma outra torcida do Grêmio

L.A. – Por estar extinta ou por outro motivo?

C.C. – Por estar extinta. E, também, porque está lá por questões que fogem da arquibancada no sentido tradicional. Pra falar a verdade nem sabia do tal painel [riso]. Fosse a Coligay um grupo que, ao invés de lutar pelos direitos LGBT, fosse um grupo anti-ditadura estaria lá também, independente de cantar na arquibancada, viajar pra todos os lados, pelas bandeiras, banda, repertório (CALOGHERO, 2017, s.p.).

No trecho, o torcedor volta a reiterar que a diversidade que a Coligay representa é um aspecto louvável, mas que, em suas palavras, foge da arquibancada. Aparentemente, ao futebol e ao Grêmio caberia valorizar as “coisas do futebol”: gritar e cantar na arquibancada,

acompanhar o time em viagens, produzir bandeiras etc. Nesse sentido, para ele, as exclusões presentes no futebol – entre elas a de sujeitos LGBT – não seriam uma questão do esporte ou da arquibancada.

Acrescento, ainda, que tanto na fala de Carlinhos, quanto naquelas citadas por Bandeira (2017), noto um esforço de demarcação do desconhecimento que afirmam possuir. Mesmo trazendo alguma informação sobre a TO, fazem questão de pontuar sua ignorância quanto a maiores detalhes, eventualmente até deixando certa dúvida sobre o grupo ter ou não, de fato, existido.

Destaco, também, outro aspecto evidenciado na entrevista de Carlinhos. Se a valorização institucional por meio da presença no Museu não gerou nenhum incômodo ao torcedor, que disse não ter opinião sobre assunto, a neutralidade não se mantém quando levanto a hipótese de tal reconhecimento ocupar algum espaço das arquibancadas da Arena:

L.A. – E se, ao invés de um painel no Museu, a Coligay estivesse estampada numa faixa ou coisa do tipo num espaço da arquibancada, acha que a repercussão seria diferente? Ou se o clube mesmo colocasse algo sobre a Coligay no espaço da arquibancada. Igual tem “a torcida mais fanática do Brasil”, ter algo tipo “o clube com a primeira torcida gay do Brasil”.

C.C. – O Grêmio é de todos. Tem gremista de direita, de esquerda, ateu, judeu, gay, hetero. Esse tipo de coisa deveria ficar fora do estádio, na minha opinião. O Grêmio não é um Livorno³³⁰, clube pequeno italiano ligado à esquerda. O Grêmio é um país. Não temos uma só bandeira. O que deve ter é respeito Mas colocar o que? A Coligay não existe mais. O Grêmio é fundado por alemães e não vejo razão pra ter isso dentro do estádio (CALOGHERO, 2017, s.p.).

A fala alinha-se com a posição anteriormente mencionada de que o Grêmio deveria sobrepor-se às diferenças entre seus/suas torcedorxs, mas vai mais além, ao reivindicar que haja um apagamento dessa diversidade em prol da unidade do clube.

Quando citei a manifestação da Tribuna 77 em homenagem à Coligay, Carlinhos mencionou não ter visto nenhuma repercussão e questionou as intenções da torcida na adoção, em suas palavras, de uma “marca de respeito e tolerância”: “Na arquibancada as coisas nem sempre são como parecem. Se eles realmente acreditam no que fazem acho válido. Eu achei estranho porque como te disse, existe um vídeo que mostra que esse respeito é de fachada” (CALOGHERO, 2017, s.p.). O vídeo a que ele se refere mostra uma travesti sendo agredida por um homem que, segundo ele, é líder do grupo. Acusações à parte, a fala me parece remeter mais à disputa entre torcidas organizadas, na qual há um interesse em definir-se como melhor, nesse caso por meio do questionamento dos elementos de distinção da outra.

³³⁰ Associazione Sportiva Livorno Calcio, da Itália.

Apesar de Carlinhos não ter tomado conhecimento de repercussões referentes à homenagem da Tribuna 77, muitas reportagens noticiaram o fato e houve torcedorxs descontentes com o ato e sua visibilidade, o que se evidencia nos comentários da postagem do grupo que registrou o feito. Além disso, como já mencionado, ela gerou ameaças à torcida, o que, segundo Roger, ocorrem com frequência após ações do coletivo ligadas à posicionamentos políticos como combate à preconceitos (CANAL, 2017). O Museu, por sua vez, nunca sofreu ameaças ou manifestações de repúdio ao painel da Coligay.

As diferentes reações quanto à presença da Coligay no Museu ou na arquibancada justificam-se diante do valor atribuído pelxs gremistas a cada espaço. Apesar do Museu de um clube colaborar para a construção e/ou manutenção de referenciais identitários comuns de sua comunidade de pertença (ALEGRIAS, 2017), esse processo não depende exclusivamente desse espaço institucional. Streapco (2009) destaca como outras formas de preservação da memória “as práticas corporais utilizadas dentro do campo pelos jogadores (dribles, passes, gingas de corpo etc.) e as utilizadas pela torcida (cantos, músicas, gritos, danças etc.)” (p.4).

Enquanto jogadores e torcedorxs compõem o cenário fundamental do espetáculo futebolístico, o Museu é um elemento secundário, visto que o clube pode existir sem ele. É um espaço dotado de credibilidade e legitimidade dado o caráter institucional, mas seu conteúdo não é acessado por todx torcedorx, seja por desinteresse ou desinformação.

Contribuindo para tal reflexão, apresento alguns dados sobre o público visitante do Museu do Grêmio. Segundo a assessoria do setor, sua média mensal de frequência é de 1.000 visitantes, número consideravelmente inferior ao quantitativo de torcedorxs que vai ao estádio para uma partida do clube³³¹. Aponto essa informação não por supor que esses números são comparáveis, mas para destacar que o que se passa no Museu é visível por um número notavelmente inferior em relação aos acontecimentos das partidas, esses últimos, ainda, ampliados pela transmissão televisiva e repercussão midiática posterior.

Levanto, ainda, uma dúvida. Seria o público frequentador do Museu diferente daquele que costuma ir aos jogos? O Museu ainda não realizou uma pesquisa que possa responder assertivamente à questão, mas a impressão subjetiva de sua equipe é que o espaço recebe uma grande procura entre frequentadorxs regularxs do estádio e que a dificuldade de aumento de visitas decorre do valor dos seus ingressos³³². Ademais, em dias de jogos, o público do

³³¹ Como referência, a média de público do Grêmio no Campeonato Brasileiro de 2017 foi de 21.021 pagantes. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2017/11/media-de-publico-em-2017-corinthians-e-lider-e-inter-fica-a-frente-do-gremio-cj9k20ct702uc01pgohcxvx32.html>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

³³² Os valores atualmente cobrados são: R\$16,00 a inteira, R\$8,00 a meia, R\$6,00 para sócios e R\$60,00 o pacote para dez pessoas. Disponível em: <<https://gremio.net/conteudo/index/46>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

Museu tem um “aumento considerável em relação aos demais dias da semana”, nas palavras da assessoria. Também ocorre crescimento em períodos de sucesso esportivo do tricolor gaúcho, evidenciando uma oscilação similar àquela sofrida no público das partidas.

À minha pergunta sobre quem é o público visitante do Museu, recebi a resposta: “Em sua grande maioria torcedores do Grêmio que vêm ao museu com suas famílias”. E sobre a presença de integrantes de TOs foi dito que

A torcida que mais se aproxima do Museu é a Tribuna 77 que apoia a re-significação da memória do clube. Atualmente estamos recebendo também os Consulados para auxiliar em mostras itinerantes do nosso acervo. Outras torcidas nunca se identificaram no espaço museológico³³³.

Esse conjunto de informações parece reforçar a diferença dos efeitos oriundos de ações de valorização da Coligay no Museu do Grêmio e outras que, de algum modo, perpassem o campo e as arquibancadas, as quais, devido à maior visibilidade e valorização por parte dos torcedorxs – e possivelmente de sua maior torcida, a Geral – eventualmente provocam manifestações de contrariedade.

Por fim, os diferentes sentimentos e opiniões quanto à existência pregressa da Coligay, assim como a sua rememoração ampliada pelo livro de Léo Gerchamann, ao reconhecimento institucional no espaço do Museu do Grêmio e a gestos de homenagem como o da Tribuna 77 demonstram que não há consenso sobre a Coligay por gremistas. E nessa disputa por representações em que tantos diferentes agentes - torcedorxs, imprensa, autores de livros, documentaristas, dirigentes de federações, dirigentes do Grêmio, jogadores e ex-jogadores etc – participam, o posicionamento do Grêmio tem especial força simbólica. Volto-me, assim, a refletir acerca das ações institucionais relacionadas à rememoração e (res)significação da Coligay, entendendo-o como parte de um esforço de atualização de sua **tradição**.

5.3.3.2 A Coligay e a atualização da tradição gremista

Não é tarefa simples definir a tradição de um clube. Ela relaciona-se com sua história e memória coletiva, sem, contudo, espelhá-las. Ela se produz a partir da sobreposição e do arranjo de acontecimentos que envolvem os enfrentamentos esportivos, sem se limitar a eles (DAMO, 1998). É na tradição que torcedorxs se apoiam para compor, justificar e legitimar sua

³³³ Resposta do Museu do Grêmio, enviada via email.

identidade. Diante de sua importância, raramente faltam apoiadores de sua preservação, o que não garante, contudo, sua permanência.

Conforme tratado no item 5.3.1, na década de 1950, a contratação do jogador Tesourinha foi anunciada pelo então presidente gremista Saturnino Vanzelotti e interpretada na imprensa esportiva como a ruptura de uma tradição do tricolor gaúcho. Em termos institucionais, o gesto era visto por muitos conselheiros como uma necessidade em um contexto de crise vivido pelo clube. Diante do sucesso e popularização do Inter, era fundamental que o Grêmio extirpasse o rótulo de racista adquirido a reboque da representação elitista e germânica forjada na década de 1940.

A simbologia da vinda de Tesourinha, assim como a da composição do Hino do Cinquentenário por Lupicínio, a mudança de sede do clube da elitizada região do Moinhos de Vento para o proletário bairro da Azenha, auxiliadas pelas conquistas esportivas a partir de 1955, conduziram o Grêmio à popularização e ao prestígio futebolístico (DAMO, 1998).

Apesar disso, a representação do confronto Gre-Nal como uma disputa de brancos contra negros nunca deixou propriamente de existir, mas nem sempre ou com a mesma intensidade essa representação se desdobrou na imputação de um status de racista ao Grêmio. Para Bandeira (2017, p.218), a “preocupação em desvincular o Grêmio de sua representação racista tem atravessado a instituição nos últimos anos”.

Tal preocupação parece ter sido catalisada pelo chamado **caso Aranha**, episódio que gerou uma punição ao Grêmio inédita no futebol brasileiro e que recebeu ampla repercussão pública.

O episódio em questão ocorreu em agosto de 2014, quando Grêmio e Santos se enfrentaram no estádio do tricolor gaúcho. Próximo ao fim da partida, que era vencida pelo clube paulista por 2 a 0, torcedores do Grêmio posicionados na Arquibancada Inferior Norte – setor sem assentos, com ingressos mais baratos e que é destinado às torcidas organizadas –, incomodados com o retardo da reposição da bola pelo goleiro, bradavam ofensas ao atleta entre as quais “preto fedido” e “macaco”, além de reproduzirem sons do animal. O goleiro reagiu, batendo no próprio braço indicando o orgulho de sua negritude – conforme explicação dada posteriormente –, além de indicar ao árbitro o que ocorria, apontando para os torcedores, o qual ignorou e ordenou a continuidade da partida. Ao final do jogo, o atleta manifestou sua tristeza e indignação a jornalistas que o entrevistaram.

Na madrugada imediatamente posterior ao ocorrido, o Grêmio emitiu uma nota oficial posicionando-se:

O Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense lamenta e repudia o ato de racismo ocorrido na noite desta quinta-feira, durante partida realizada pela Copa do Brasil, na Arena do Grêmio. O Clube se solidariza com o atleta Aranha e com seu clube, Santos, ressaltando que atos como esse são fruto de atitudes individuais e isoladas, que em nada representam a grandiosidade e o respeito da torcida gremista.

Informamos que o Departamento Jurídico do Clube, em conjunto com a administração da Arena, já está tomando todas as medidas possíveis para que os envolvidos neste episódio sejam identificados e para que os materiais disponíveis sejam enviados às autoridades policiais, a fim de tomarem as providências cabíveis no âmbito criminal.

No que se refere às ações administrativas, caso os responsáveis identificados sejam sócios do clube, estes serão imediatamente suspensos do Quadro Social e proibidos de ingressar no estádio. Reiteramos que o Grêmio tem sido um incentivador de iniciativas que visam coibir esse tipo de crime e que continuará alerta e atuante na luta contra a discriminação racial³³⁴.

As manifestações posteriores do clube voltavam a reiterar sua inocência, atribuindo exclusivamente aos/as torcedorxs que proferiam as ofensas a responsabilidade do ocorrido, estando o Grêmio tomando as medidas que lhe cabiam: identificar e punir aqueles que, para ele, eram xs devidxs culpadx³³⁵ (BANDEIRA; SEFFNER, 2016). Imagens captadas pela emissora ESPN flagraram uma torcedora gritando “macaco”, a qual foi amplamente repercutida. “A imagem da jovem e loira torcedora conseguiu personificar a injúria racial e acabou servindo como argumento para que o clube apresentasse a hipótese de que a ofensa se tratava de uma ação isolada” (BANDEIRA; SEFFNER, 2016, p.988).

As ofensas foram, posteriormente, incluídas na súmula por meio de um adendo, fazendo com que o Grêmio pudesse ser enquadrado pelo STJD no artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva por “praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência”³³⁶.

Antes mesmo do julgamento, desdobramentos do caso foram percebidos na Arena Grêmio. No jogo seguinte ao embate contra o Santos, o Grêmio enfrentou em seu estádio o Bahia, pelo Campeonato Brasileiro. Os atletas gremistas entraram em campo com uma faixa com os dizeres “Somos azuis, pretos e brancos. Chega de racismo”. Torcedorxs em diferentes

³³⁴ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2014/08/gremio-se-solidariza-aranha-e-reitera-que-tomara-medidas-apos-racismo.html>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

³³⁵ Bandeira e Seffner (2016) destacam como em outras situações nas quais o Grêmio foi punido financeiramente por atos individuais de torcedorxs, discussão similar sobre a (não)responsabilidade do clube não foi levantada. “Seria o caso de investigar se para situações de punições pecuniárias os clubes buscam indenização junto aos autores das ações que produziram as eventuais multas ou se as pagam dentro do ‘risco do negócio’ ou por se perceberem responsáveis por tais condutas” (p.992).

³³⁶ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rs/noticia/2014/08/sumula-recebe-adendo-e-gremio-sera-denunciado-por-racismo-na-arena.html>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

setores do estádio reforçavam a mensagem com cartazes: “O Grêmio não é racista”; “Gremista sim, racista não. Não generalizem”; “Diga não ao racismo!!”; “#Somostodosgremistas. Não somos todos racistas. Punição para aqueles que não nos representam. Somos azuis pretos e brancos” (BANDEIRA; SEFFNER, 2016, p.989). O que mais chamou atenção, contudo, foi uma mudança quanto ao comportamento dos torcedores em relação a alguns tradicionais cânticos, geralmente iniciados pela torcida Geral do Grêmio, que fazem uso dos termos macaco e macacada, em referência aos rivais colorados. “Ao contrário do recorrente apoio ou da adesão de torcedores de distintos segmentos aos cânticos, as manifestações vindas da Geral foram recebidas com vaias por uma parte significativa do restante do público” (BANDEIRA; SEFFNER, 2016, p.989).

Em sequência, o então presidente tricolor Fábio Koff pronunciou-se lamentando a atitude da Geral, reconhecendo o caráter preconceituoso dos cânticos. Seguindo a posição do mandatário, a direção do Grêmio suspendeu a Geral e “admitiu, talvez pela primeira vez na história, que considerava os termos “macaco” e “macacada”, repetidamente cantados no estádio gremista, como uma manifestação racista” (BANDEIRA; SEFFNER, 2016, p.989).

Uma vez julgado pelo STJD pela injúria racial, o Grêmio foi excluído da Copa do Brasil e multado em R\$50 mil reais³³⁷. Na audiência, os cânticos foram mencionados (BANDEIRA; SEFFNER, 2016). Diante disso, a Geral, já suspensa pela direção gremista, decidiu suspender o termo macaco de seus cânticos “por tempo indeterminado, até que seja esclarecido que cantar a palavra dentro do contexto do folclore do futebol não é um ato racista”³³⁸. Segundo descrevem Bandeira e Seffner (2016), até o fim da temporada de 2014 os termos “macaco” e “macacada” permaneceram interditos. Mesmo no Gre-Nal daquele ano, os termos foram evitados. No ano seguinte, por sua vez, eles retornaram em alguns dos cânticos, mas em incidência bastante menor.

O torcedor Carlinhos compartilha da impressão dos autores, afirmando que a punição ao clube, classificada por ele de absurda, gerou a adoção de certo cuidado por parte dos gremistas. Segundo ele, hoje em dia, a precaução se manifesta na legitimação de certos cânticos, mas não de outros: “São coisas estranhas. O Grêmio faz gol, todo o estádio canta ‘Olha a festa

³³⁷ Disponível em: <https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201409/20140903191452_0.pdf?rel=mas>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Adiante, o STJD alterou a decisão substituindo a exclusão do Grêmio da competição pela perda de pontos, o que, diante da derrota tricolor na primeira partida, teve o mesmo efeito.

³³⁸ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2014/09/geral-do-gremio-confirma-suspensao-da-palavra-macaco-de-seus-canticos.html>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

macaco, torcida é coração...’, mas o ‘chora macaco imundo...’, por conta da imprensa, acaba sendo evitada. Ou seja, o problema é o ‘imundo’” (CALOGHERO, 2017, s.p.).

Discordando da premissa de Carlinhos, Marra (2017) defende que a ofensividade de um mesmo termo pode variar, conforme a situação em que são acionados e a relação entre xs interlocutorxs. A emissão individual ou coletiva, o uso como resposta a um acontecimento do jogo ou como iniciativa espontânea, a frequência, a entonação empregada são elementos que produzem efeitos distintos. Considerando esses aspectos, o autor demonstra como diferentes vocalizações torcedoras dão ênfase à ódio, indignação, brincadeira ou amor. Ainda que tais categorizações se atravessem e sua percepção envolva certa ambiguidade, elas parecem influenciar na legitimidade do uso de termos pejorativos e na promoção de ofensas no contexto futebolístico.

Acrescenta-se, ainda, que há constantes discordâncias sobre o caráter ofensivo, violento ou inocente das manifestações torcedoras, mantendo sua legitimidade sempre em disputa, como os desdobramentos do caso Aranha evidenciam.

A forma com a qual o Grêmio e seus torcedores lidam com esse episódio não pode ser desconectada da representação racista que o clube carrega e da qual insistentemente busca se livrar. As referências a ele inerentemente conectam-se a esse passado, ampliando o valor simbólico daquele acontecimento. Comparativamente, relembro que a torcida do Cruzeiro, em um confronto de sua equipe de vôlei, já protagonizou um episódio de injúria similar, nesse caso de viés homofóbico, contra o jogador Michael. Apesar da ampla repercussão do episódio, e mesmo diante de uma nota oficial do Cruzeiro desprovida de qualquer lamento ou pesar pela vítima, nem de preocupação com futuras medidas preventivas, o clube celeste não foi tachado como homofóbico (ANJOS, 2014a). Sem dúvidas, por tratar-se de uma partida de vôlei e de uma manifestação de homofobia, há distinções em relação ao caso Aranha. De toda forma, sem desconsiderar as particularidades de cada situação, parece-me claro que, para o Cruzeiro, o episódio Michael encerra-se em si mesmo, enquanto, para o Grêmio, o caso Aranha está intimamente vinculado aos dilemas do clube e de sua identidade.

O esforço de desconectar o Grêmio ao racismo ficou evidente em minhas entrevistas com torcedorxs do clube. Mesmo sem incluir nenhuma pergunta acerca de questões raciais ou racismo em meus roteiros, foi recorrente o acionamento desses temas por meus/minhas entrevistadxs. Dado o status de “minorias sociais” dxs integrantes da Coligay, que os aproximariam dxs negrxs, a torcida acaba servindo de mote para argumentar contrariamente ao rótulo indesejável atribuído ao Grêmio.

[...] até hoje eles [torcedores do Inter] marcam na pela a torcida do Grêmio falando em “Coligay, Coligay, Coligay”. Claro, para eles isso é agressivo, eles levam no fator assim “ah, é um ponto a menos que vocês têm”, como se não houvesse gays na torcida colorada, como se não houvesse racismo na torcida colorada. Isso é uma questão que eu grifo muito, Luiza, que me agride, essa questão deles imputarem na torcida do Grêmio o racismo, e eu sempre digo, da maneira que eu penso, o gaúcho é racista, não é o gremista ou o colorado. Isso está impregnado na cultura gaúcha (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.9-10).

Como exemplos de seu ponto de vista de que a naturalização das injúrias raciais e que a presença de episódios de racismo são fatos que atravessam igualmente os dois rivais porto-alegrenses, André cita algumas situações em que torcedorxs coloradxs ofenderam jogadores do próprio clube. Ademais, negando (ou, ao menos, problematizando) o racismo institucional do Grêmio, ele menciona a estrela amarela do escudo do clube:

Essa estrela amarela é em homenagem ao Everaldo Marques , que foi o único jogador gaúcho campeão do mundo em 1970, e que era negro e só jogou no Grêmio. Agora como é que tu vai apropriar o racismo só para a torcida do Grêmio? De que jeito se o Grêmio tem na bandeira uma estrela amarela em homenagem ao Everaldo, que era negro? É complexo, né? Eu não aceito, não aceito (CARMO DOS SANTOS, 2015, p.10).

A argumentação apresentada pelxs torcedorxs para negar o estigma racista imputado ao Grêmio é bastante similar entre si. Ainda que usando de exemplos e argumentações diferentes, basicamente afirmam que há pessoas racistas em qualquer clube e mencionam “provas” da presença e/ou valorização de negros no/pelo Grêmio.

Ademais, nas falas sobre as questões raciais foi recorrente a menção ao “caso Aranha”. Tendo em vista que a maioria de minhas entrevistas ocorreu em 2016 e 2017, dois a três anos após aquela fatídica partida, o fato dxs entrevistadxs mencionarem o episódio evidencia a relevância que ele teve para o Grêmio e seus/suas torcedorxs. Nesses relatos, por diferentes vieses, xs entrevistadxs enfatizaram a inocência do clube.

Bandeira e Seffner (2016) mencionam que não era a primeira vez que o uso dos termos macaco ou macacada pela torcida gremista havia sido questionado. Segundo contam, quando casos de racismo eclodiam no futebol, tais discussões afluíam, mas que, apesar disso, os cânticos que os utilizavam continuavam ocorrendo regularmente nas partidas do clube, evidenciando sua naturalização entre a maior parte de sua torcida.

Por outro lado, a discordância do uso também se fazia presente entre gremistas. Bandeira (2017) relembra de uma manifestação feita após um caso de injúria racial durante um Gre-Nal, quando o então zagueiro colorado Paulão foi chamado de macaco por um torcedor adversário. Pelo fato, o Grêmio foi multado em R\$80 mil reais. Um dos gremistas responsáveis pelo site

Grêmio Libertador utilizou, então, o espaço para fazer um apelo pelo fim do uso do termo nas arquibancadas da Arena³³⁹.

Esse fato antecedeu o caso Aranha, o qual parece ter dado nova dimensão ao debate acerca do uso da expressão macaco pelos gremistas. Indício de uma maior preocupação e sensibilidade quanto a isso foi a ocorrência de ameaças à Tribuna 77 após a publicação de um manifesto contra o uso desse termo nos estádios gremistas, em agosto de 2017. Segundo Roger, essa era a terceira ou quarta postagem que o grupo tinha feito defendendo tal pensamento, mas essa teve uma repercussão muito maior que as anteriores. Na época, estávamos tentando agendar nossa entrevista para essa tese. Em nossas primeiras conversas, ele já tinha me dito que precisava tomar certas precauções para evitar encontros com alguns opositores da torcida e pediu que fizéssemos a entrevista no horário da tarde pois andava “um pouco receoso de andar sozinho de noite por aí, os fochos estão meio revoltados conosco”, segundo mensagem que me enviou. As respostas intimidadoras ao manifesto levaram nosso encontro, originalmente marcado para ocorrer no centro de Porto Alegre, a ser transferido para Novo Hamburgo, onde Roger reside, pois ele tinha deixado de ir à capital por motivos de segurança. Conversamos em uma lanchonete, sentados em uma mesa pouco visível aos transeuntes que passavam pela calçada. Era perceptível a tensão do entrevistado, especialmente em nossa chegada e saída ao local.

É perceptível como o caso Aranha intensificou o incômodo dos torcedores e a preocupação do clube com o rótulo de racista. Tornou-se, mais do que nunca, fundamental para o Grêmio demonstrar que a agremiação não era preconceituosa ou, melhor ainda, que sempre foi um clube **plural**. É, nesse cenário, em que a lembrança da Coligay ganha força.

A conexão da desvinculação do clube à uma pejorativa imagem de preconceituoso e a rememoração da Coligay estão presentes na descrição de Léo Gerchmann sobre o momento em que teve a ideia de escrever o livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores”.

Eu tenho um casal de filhos, uma menina de dez e uma menino de quinze anos e os dois são muito gremistas. Meu filho chegou um dia em casa chorando porque um primo dele disse que o Grêmio era segregacionista. E quando ele chegou chorando eu tive duas certezas. Uma é que eu estava educando muito bem o meu filho, porque eu fiquei feliz dele se importar com isso. E outra foi que eu precisava escrever o livro da Coligay, porque eu posso falar de Lupi [Lupicínio Rodrigues], eu posso falar de Everaldo, que é a estrela que tem na

³³⁹ Disponível em: <<http://www.gremiolibertador.com/pelo-fim-da-macacada/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Observando de forma panorâmica o site, identifiquei outras postagens que já defendiam essa interdição, a primeira delas de 2011. Pontuo, todavia, que também identifiquei conteúdos que argumentavam o caráter não-racista do termo, o que se justifica pelo site não posicionar-se de forma coletiva, como evidenciado em sua apresentação: “é um blog onde cada um expõe sua opinião, por mais divergentes que seja”.

bandeira do Grêmio, é o Everaldo, que é negro, que tem toda essa história de negritude do Grêmio, eu posso falar muito sobre isso, mas tem um elemento, um episódio que põe o Grêmio no patamar muito a cima em termos de diversidade, que é a Coligay. Então eu escrevi o livro da Coligay pensando na diversidade como um todo (GERCHMANN, 2017, p.9).

Tal analogia é fortalecida pelo fato do mesmo autor ter publicado no ano seguinte o livro “Somos azuis, pretos e brancos”³⁴⁰, no qual afirma desmontar “uma lenda urbana que tem sobre o passado do Grêmio de ter sido mais segregacionista [que o Internacional]” (GERCHMANN, 2017, p.8). A iniciativa, segundo conta Gerchmann, foi uma sugestão do então executivo de marketing do clube, Beto Carvalho. A instituição ainda apoiou a empreitada disponibilizando os acervos de seu Museu para a pesquisa do autor (GERCHMANN, 2017), além de promover um evento de lançamento em sua loja, o que não ocorreu com o livro sobre a Coligay (BANDEIRA, 2017).

A afirmada intenção de atribuir o valor da diversidade ao Grêmio, é abordada com certo tom crítico por Carlinhos. Para ele, a produção do livro da Coligay por Gerchmann, seria fruto de uma estratégia comercial:

O lançamento do livro é muito mais uma estratégia comercial do que parte da luta deles dos [anos] 1970. Com essa dualidade da sociedade é um momento oportuno pro lançamento do livro. Parabéns pela sacada (CALOGHERO, 2017, s.p.).

Ao defender que o livro não seria uma conquista da torcida e destacar o oportunismo do autor, o torcedor minimiza o valor da obra e, mais especificamente, das memórias da Coligay. Julgamento similar é feito quanto a presença da torcida no Museu do clube:

O clube lembrou pra mostrar que é um clube que respeita as diferenças da torcida. Uma ação de RP [relações públicas], que certamente é uma das muitas ações do clube no seu papel de responsabilidade social. (CALOGHERO, 2017, s.p.).

O entendimento de que a rememoração da Coligay é uma estratégia de marketing também foi identificado por interlocutores gremistas de Bandeira e Seffner (2016):

Jonas creditou a colocação da Coligay no museu a uma estratégia de marketing do clube, “foi uma jogada boa do marketing do Grêmio ter assumido e não fugir do assunto como fugia antigamente” (DC 25). Para Ferdinando, a presença da Coligay passava por uma estratégia de defesa contra as acusações de que o Grêmio seria um clube racista, “o Grêmio tinha que se proteger e o Grêmio está tentando trazer, resgatar esse passado valorizar isso aí, assim como o clube” (DC 27) (BANDEIRA; SEFFNER, 2017, p.6)

³⁴⁰ GERCHMANN, Léo. Somos azuis, pretos e brancos. Porto Alegre: L&PM, 2015.

Se a presença da Coligay no Museu do Grêmio é o principal gesto institucional de valorização dessa torcida, e, também, da diversidade sexual, outras ações recentes demonstram um esforço mais amplo em posicionar-se como um clube inclusivo, plural e não preconceituoso. Menciono alguns exemplos.

O site oficial do Grêmio possui um espaço voltado à um coletivo de torcedoras do clube, o Núcleo de Mulheres Gremistas, dando destaque ao grupo³⁴¹. Ainda quanto à valorização das mulheres, em 2017, o clube retomou as atividades do futebol feminino, as quais haviam sido extintas em 2003. Com um projeto cuja formulação se iniciou no ano anterior, o tricolor gaúcho agora conta com a equipe adulta, além de uma “escolinha” com três categorias, sub-13, sub-15 e sub-17 (MAIA, 2018). Nos dois anos de atividade, a equipe principal disputou o campeonato estadual e o Campeonato Brasileiro. Apesar da estrutura aquém do possível e desejável, e da limitada divulgação da equipe e das partidas nas mídias do próprio clube, a retomada do futebol de mulheres não deixa de ser um elemento que contribui à noção do Grêmio como um “clube de todos”. Pondero, todavia, que essa iniciativa também se relaciona com a obrigatoriedade da manutenção de uma equipe feminina adulta e uma juvenil para a obtenção pelos clubes da licença da Confederação Sul-Americana de Futebol Conmebol (CONMEBOL), necessária para a disputa da Copa Sul-Americana e da Copa Libertadores, competições organizadas pela entidade. De forma similar, a formação da equipe de mulheres também está associada à imposição de uma contrapartida de investimento no futebol feminino em função da adesão do Grêmio ao Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (PROFUT)³⁴².

Menciono, também, ações referentes ao combate ao racismo. Em 2013, o departamento de marketing do clube lançou a campanha “Azul, Preto e Branco: o Grêmio é contra o racismo”³⁴³, tendo como principal produto um vídeo no qual atletas dão depoimentos sobre o tema. No ano seguinte, outro vídeo foi lançado, em comemoração ao aniversário de 111 anos do clube, intitulado “Uma História em Azul, Preto e Branco”. Nele, imagens do clube são transmitidas enquanto frases que identificam ou adjetivam os gremistas alternam-se na tela. Junto à demarcação dos valores (raça, garra, força e paixão) e feitos (brasileiros, libertadores,

³⁴¹ Não pude identificar quando tal espaço foi cedido, mas Ghisleni e Marchiori (2008) já havia registrado tal presença em 2008.

³⁴² O PROFUT oferece condições vantajosas de parcelamento de dívidas dos clubes junto à União. Em que pese a existência de uma série de contrapartidas previstas em lei, o seu cumprimento, até o momento, não tem sido cobrado. Lei disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13155.htm>. Acesso em: 29 set. 2018.

³⁴³ Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/348485_azul-preto-e-branco-gremio-divulga-video-contrao-racismo>. Acesso em: 16 jun. 2018.

mundial) do clube, as afirmações também buscavam ilustrar a diversidade: “somos homens e mulheres/ Jovens e velhos/ pais e filhos / amigos e irmãos / somos pioneiros, **plurais**/ Cidadãos e sociedade”³⁴⁴.

Já em 2015, a agremiação lançou uma websérie baseada na publicação “Somos Azuis, Pretos e Brancos”, de Léo Gerchmann. Tendo o mesmo título do livro, a série possui quatro episódios nos quais resgata histórias de alguns de seus atletas negros³⁴⁵.

A essas, somam-se as ações previamente mencionadas no subcapítulo 5.2 de combate à homofobia, como as iniciativas motivadas pelo Dia Internacional contra a Homofobia, Bifobia e Transfobia (17 de maio) e do Dia do Orgulho LGBT (28 de junho), de 2017. A segunda tratou-se de uma publicação no *Facebook* do clube, enquanto a primeira envolveu o uso da frase “Diversidade nos fortalece” no uniforme durante uma partida; a transmissão de uma entrevista com Léo Gerchmann e Peninha sobre a Coligay na Grêmio Rádio Umbro e a publicação dessas ações no Guia da Partida do jogo seguinte.

Sobre esse último material, Reale (2016), menciona que seu conteúdo envolve:

Matérias com ex-dirigentes, ex-jogadores, títulos históricos, datas comemorativas e os estádios seguem a linha de glorificação do Grêmio como “o maior” e “o melhor” em tudo o que faz, “um grande clube” que sempre defendeu os “valores mais elevados”, bastante em linha com elementos centrais da história do clube (p.126).

Desse modo, incluir as ações de valorização da Coligay nesse material parece reforçar a ideia de que o clube busca retomar a memória dessa torcida como um atributo positivo de sua trajetória, utilizando-a como sinal de sua grandiosidade.

Já em 2018, na primeira das datas representativas, o clube publicou um vídeo com uma mensagem contra o preconceito³⁴⁶. Nele, sobre um fundo em que se vê e escuta a torcida gremista, a seguinte mensagem vai sendo formada sequencialmente: Azul/ Preto/ Branco/ Todas as cores/ Igual ou Diferente/ Todos temos valor/ E todos merecemos respeito/ 17 de maio Dia Mundial contra a Homofobia/ Grêmio, o clube de todos. Já no dia 28 junho, em meio à ocorrência da Copa do Mundo, a página do clube dedicava-se a publicar imagens de gremistas na Rússia, não tendo feito nenhuma postagem voltada à data.

³⁴⁴ Disponível em: <<http://www.futebolmarketing.com.br/2014/em-filme-gremio-mostra-tudo-que-foi-e-e-em-111-anos-de-historia/>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

³⁴⁵ Disponível em: <<http://www.futmkt.com/2015/somos-azuis-pretos-e-brancos-a-webserie-do-gremio-contra-o-racismo/>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

³⁴⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/Gremio/videos/2029400777091962/>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

Acrescento, ainda, a presença de personalidades ligadas ao Grêmio na cerimônia de lançamento do livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores”: Nestor Hein, então vice-presidente; Paulo Odone, ex-presidente; Hélio Dourado, patrono do clube e presidente no período de atividade da Coligay; Tarciso, ex-jogador que atuou também nessa época³⁴⁷. Assim, se por um lado não houve a realização do evento na sede do clube tal qual no lançamento do livro seguinte de Gerchmann, não se pode dizer que o clube ignorou o acontecimento. Antes pelo contrário, ocupantes antigos e atuais de altos cargos da direção da agremiação compareceram.

Volmar Santos, em sua entrevista, lembrou das palavras que Hélio Dourado dedicou à Coligay na oportunidade, demonstrando-se prestigiado: “Enfático, foi ele, durante o seu discurso, quando falou, agradecendo a mim e a torcida, enfim, que tanto incentivou ao Grêmio, que tantas coisas diferentes apresentou no estádio Olímpico” (SANTOS, 2015a, p.10).

Roger reitera a percepção de que o clube tem abraçado as ações de valorização à Coligay. Ele defende isso considerando o retorno que a Tribuna 77 teve a partir da homenagem que fizeram aos 40 anos da torcida, a qual ele relaciona com as ações institucionais que descrevi anteriormente:

[...] após o episódio da [homenagem à] Coligay, através do Léo [Gerchmann] e de outras pessoas, levaram isso para conhecimento dentro do clube. O clube endossou, achou massa, achou lindo, achou essencial dentro dessa proposta que o Grêmio quer criar de um clube de todos. Então eu digo para ti que o clube endossou por conta de: no dia mundial de luta contra a homofobia, durante a transmissão da Grêmio Rádio, se leu diversos trechos do livro da Coligay. O Grêmio entrou com a camisa escrita aqui... Agora eu não vou lembrar... Qual que era a mensagem... Me escapou, me escapou, me escapou... Mas fez um documento passando para um pessoal da imprensa, então teve uma ação imensa do clube nesse dia. Então acho que por si só, por isso, já valeu a pena. Ter levado a bandeira na vez que rolou o atentado em Orlando e valeu ter levado a faixa da Coligay porque fatalmente influenciou. Essa pressão e a repercussão positiva que deu o fato da torcida 77 ter levado a faixa em homenagem aos 40 anos da Coligay repercutiu completamente direta nessa ação do Grêmio contra a homofobia. Então acho que por si só já valeu a pena e isso já demonstra um respaldo do clube em uma repercussão bastante positiva que o clube abraçou, entende? Re-abraçou, no caso, a identidade. Então acho que por isso foi fundamental (CANAL, 2017, p.26).

Essa postura contrasta com aquela encontrada por Rossi que, para uma pesquisa sobre a Coligay desenvolvida ao longo dos anos de 2001 e 2002, questionou um dirigente sobre a torcida. O autor afirma que o interlocutor foi reticente e limitou-se a dizer que “hoje em dia é normal existirem homossexuais nas torcidas organizadas” (ROSSI, 2004, p.12).

³⁴⁷ Disponível em: <<http://blogdalibretos.blogspot.com/2014/05/fotos-lancamento-do-livro-coligay.html>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

Lembranças de atitudes de resistências quanto ao “tema Coligay” por parte da diretoria gremista também foram mencionados por Eduardo Bueno e Fernando Bueno, editores da Revista Nação Tricolor, quando produziram uma matéria sobre a torcida, episódio narrado no item 5.1.

Apesar disso, segundo a conselheira do clube Rosa Foresti:

Eles [integrantes da Coligay] têm o respeito sim, pessoas da diretoria, antigos com quem eu me dou têm muito respeito. São muito respeitados dentro do clube. Eu digo, esse sentimento de homofobia, esse é mais o pessoal mais jovem. O pessoal mais antigo, que viveu a Coligay na época da Coligay e a importância da Coligay, que vivia o clube, respeita. Respeita bastante. Essa é a imagem que eu tenho (FORESTI, 2015, p.12).

Parece-me que o respeito e mesmo a valorização não necessariamente se convertem em um desejo de visibilizar a torcida. Uma fala de Roger contribui com essa hipótese. Quando perguntado se ele acredita que a direção do Grêmio apoiaria um hipotético retorno da Coligay, Roger diz que:

Alguns [dirigentes] sim, mas outros vejo como resistência, vejo como que “ah uma faixa está ok”. “Um livro, ok”. “[A Coligay] Ficou, passou, está lá [no passado]”. “É uma coisa legal, mas fica lá, senão vai dar problema”. Eu acho que [um retorno da Coligay] iria causar bastante problemas, não para mim né, mas acho que eles vão se sentir incomodados (CANAL, 2017, p.31).

Enquanto no início dos anos 2000, Rossi e os irmãos Bueno a resistência dos diretores em relação à Coligay, atualmente o clube já promove e endossa ações de rememoração da torcida. Por outro lado, a descrença quanto ao apoio à uma “nova Coligay” demonstra os limites percebidos ao apoio à construção de um “clube de todos”.

O torcedor também mencionou outro fato que indica como as disputas dentro da direção do clube, nos quais diferentes pontos de vista são defendidos, por vezes, se traduzem em práticas contraditórias. Apesar das várias ações de marketing voltadas ao repúdio ao racismo e da afirmação de sua identidade “azul, **preta** e branca”, o gremista afirmou que o clube, internamente, expressou discordar do manifesto contra o uso do termo macaco. Para o torcedor, “bastante gente dentro do Grêmio não está preparado para lidar com essa autocrítica e com uma estratégia de mudança desse pensamento” (CANAL, 2017, p.28). Além disso, ele percebe o receio dos diretores de que “se parar de usar o termo “macaco” de uma hora para outra vai endossar que antes era racista, que era um clube racista” (*ibidem*, p.27).

Lembro que após o caso Aranha, o comunicado oficial do clube e uma manifestação do então presidente Fábio Koff admitiam o caráter preconceituoso do termo bradado pelxs

torcedorxs. Por outro lado, o então vice-presidente Adalberto Preis fez uma declaração na qual culpabilizou Aranha e afirmou que nada havia ocorrido, posição também expressa publicamente pelo ex-presidente do clube, Luis Carlos Silveira Martins (BANDEIRA; SEFFNER, 2016). As divergências entre figuras importantes do clube endossam a impressão de Roger de que muitas pessoas do clube não estão preparadas (ou dispostas) a desenvolver uma autocrítica quanto ao uso do termo macaco e, mais amplamente, ao racismo no clube³⁴⁸.

Apesar das claras divergências entre lideranças do clube e da ocorrência de práticas contraditórias, noto um conjunto de acontecimentos em curso no Grêmio que podem ser interpretadas como um processo de invenção de uma tradição de **pluralidade** nessa agremiação, catalisado após ao caso Aranha, mas já em curso antes dele³⁴⁹.

Com isso não quero sugerir que os difusos pontos de rememoração da Coligay são fruto de um bem arquitetado projeto de marketing do clube. O que defendo é que num cenário de visibilidade e reivindicações de minorias sociais na sociedade brasileira, e de elitização e vigília aos comportamentos nos estádios de futebol (BANDEIRA, 2017), diferentes agentes pertencentes ao universo do futebol e, nesse caso, mais especificamente, do Grêmio – profissionais, torcedorxs, dirigentes, mediadores especializados (DAMO, 2005) – , de diferentes formas, vêm rearticulando-se no sentido de ressignificar memórias do clube.

Desse modo, não percebo aí um projeto coerentemente alinhado entre os atores. Tanto Léo Gerchmann, quanto a Tribuna 77, por exemplo, rememoram a Coligay de forma positivada e como um produto da essência do Grêmio, mas cada um a seu modo. O jornalista dá destaque ao apoio constante, autofinanciamento e não violência, o que pode ser vista como uma forma de pedagogia do torcer alinhada às normativas emergentes no período pré-Copa do Mundo no Brasil (BANDEIRA, 2017, p.319). A Tribuna 77, por sua vez, dá ênfase ao seu caráter combativo, progressista, politizado.

Para além das nuances entre aqueles que veem na Coligay um capítulo a ser valorizado na história do Grêmio, há ainda tantos outros que relativizam ou mesmo rejeitam essa importância, defendem a manutenção da invisibilidade da torcida. E essas disputas tornam-se ainda mais complexas e inflamadas à medida que se aproximam das arquibancadas e das práticas torcedoras, em especial quando se cogita a formação de uma torcida gay hoje, quando

³⁴⁸ Destaco que não estou pressupondo que essa reflexão é uma demanda exclusiva do Grêmio. Mesmo acreditando que as diferentes histórias e contextos culturais de cada clube lhes impõem especificidades quanto a esse problema, entendo que o racismo é uma questão a ser encarada e combatida por todos os clubes brasileiros.

³⁴⁹ Como exemplo desse processo em curso, destaco que o projeto do novo Museu do Grêmio começou no final de 2011, com a inauguração do espaço ocorrendo em 2015. Parece-me improvável, assim, que o painel da Coligay tenha sido incluído após o episódio Aranha.

são questionados os cânticos heterossexistas ou quando a homossexualidade é trazida à tona em ações nas arquibancadas.

Noto que o receio quanto a intervir nesses espaços e comportamentos ocorre devido às divergências entre diretores do clube, mas também devido à resistência por parte da torcida gremista, como demonstrei em diferentes momentos

Afirmar uma tradição de **pluralidade** e identificar-se como um **clube de todos** é uma óbvia intenção do Grêmio. Entretanto, quais ações isso implica e quais os limites desse projeto são pontos ainda em disputa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não me parece exagero dizer que, ao iniciar minha pesquisa sobre a Coligay, minhas informações sobre ela se limitavam ao fato de ser uma torcida gay gremista atuante na década de 1970. Conforme dito na introdução, a ideia de pesquisá-la me ocorreu a partir de menções esporádicas e pontuais. Nunca tinha ouvido histórias sobre ela. Naquele momento, eu acreditava que esse desconhecimento era fruto dos mais de 30 anos de sua extinção, somados à minha idade e local de nascimento e residência – tinha, então, 27 anos, sou mineira e sempre havia morado em Belo Horizonte.

Durante a escrita do projeto, localizei reportagens sobre o grupo que me permitiram construir meus primeiros referenciais sobre sua composição e performance. Soube, também, que o livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores” estava por ser lançado. A obra, inegavelmente, me forneceu informações que contribuíram para a produção desse trabalho. Mas, mais do que isso, ele foi um marco importante para que eu evidenciasse que a Coligay tinha passado por um processo de apagamento e que, por isso, também entre muitos jovens porto-alegrenses sua existência era desconhecida.

Depois da publicação do livro, em 2014, a Coligay também foi visibilizada na exposição do Museu do Grêmio, em 2015, no documentário “Para o que der e vier”, lançado em 2016, e por meio de uma homenagem nas arquibancadas da Arena Grêmio, em 2017.

Esse ressurgimento da torcida demandou que, nesse trabalho, eu analisasse não apenas sua existência no período em que esteve em atividade nas arquibancadas, mas também na presença enquanto memória no Grêmio³⁵⁰.

Ao reconstruir uma história da Coligay, parece-me evidente que, se não se pode negar seu caráter revolucionário, rebelde e corajoso, a ênfase desses aspectos a partir de sua existência durante a ditadura, constantemente acionado, carece certa ressalva. Meus dados indicam que o controle dos espaços de sociabilidade LGBT em Porto Alegre não sofreram com a repressão tal qual ocorreu em outras capitais brasileiras. Com a exceção de Marcelly, meus/minhas entrevistadxs não mencionam ter sofrido violências, seja por parte do estado ou de civis, durante o governo ditatorial. E, consensualmente, afirmam que, em meio à Coligay, se sentiam protegidos, entendendo que hoje, a homofobia na sociedade e, mais especificamente, no futebol é maior do que naquele período.

³⁵⁰ Esse segundo movimento, cabe destacar, foi desenvolvido dentro de minhas possibilidades, uma vez que, a todo momento, pareciam surgir novos fatos relevantes, muitos dos quais não fui capaz de analisar à fundo, além de possivelmente não ter considerado ou tomado ciência de tantos outros.

O contexto de certa permissividade à emergência de agrupamentos LGBT se mostra, também, a partir da enunciação da tentativa ou concretização da formação de outras torcidas gays, acompanhando outros movimentos potencialmente subversivos no campo da cultura.

A Coligay mostrou-se, também, uma torcida com inegável importância entre as torcidas gremistas, não apenas por refutar o suposto caráter universalmente cisheterossexual e viril do futebol, mas também pelo pioneirismo em diversas iniciativas de organização torcedora e performance nas arquibancadas.

Cabe notar que, se considerarmos a ocorrência de três modelos principais de torcidas no Grêmio, as torcidas uniformizadas (Eurico Lara), as torcidas organizadas (Jovem, Super Raça Gremista, Garra, Máquina Tricolor etc) e as torcidas de alento (Geral), a Coligay compartilha alguns elementos bastante característicos com todas elas.

Na voz de Volmar é evidente seu entendimento de um papel de controle e regulação do comportamento que ele deveria empreender à frente do grupo que liderava, de forma similar ao que se esperava de José Buaes ao chefiar a Eurico Lara. Ainda que o comando da Coligay não partisse do Grêmio, o esforço do alinhamento às expectativas institucionais era tal que seu mandatário fez questão de obter a chancela do clube para sua atuação. Ainda que, por outro lado, não abrisse mão de sua autonomia financeira e operacional.

Fundada em período anterior àquele no qual ocorre a formação da maior parte das torcidas organizadas gremistas, a Coligay antecipou também algumas de suas práticas. Adotava uma performance carnavalizada, com forte impacto visual e sonoro: contava com uma qualificada charanga, fazia coreografias, cantava gritos e cânticos próprios, expunha faixas e bandeiras. Tinha também sua sede, ainda que, diferentemente das demais, ela fosse um espaço adaptado para tal e externo ao Estádio Olímpico.

E, por fim, antes que a Geral tornasse o alento uma referência quanto à forma de torcer no Olímpico, a Coligay já defendia o apoio constante e ininterrupto.

Apesar da performance torcedora da Coligay, em muitos aspectos, ser similar àquela de outras torcidas, é recorrente que suas manifestações sejam marcadas pelo que as diferencia: a afeminação que atravessa suas gestualidades, expressa em rebolados, danças, gritos histéricos, roupas e acessórios similares à vestuários tradicionalmente femininos.

Foi comum, também, a menção a sua disposição ao confronto físico, característica lembrada quando necessário. Vista como um valor masculino, é usada como argumento para legitimar a presença ou memória da torcida.

As falas dxs próprixs integrantes acionam o binarismo e o essencialismo da identificação de certos comportamentos como femininos (ou de bichas) ou masculinos. De todo

modo, na prática, não se furtam de performar o que definem como masculinidades e feminilidades conforme lhes convém, ainda que dentro de limites que se impõem, os quais necessariamente estão articulados à norma e às consequências concretas que sua ultrapassagem representaria.

A participação de antigos integrantes por outras TOs ao longo de, ao menos, a década de 1980 e 1990, também indica que não havia uma completa rejeição de homossexuais assumidos nesses coletivos, ainda que o mesmo não possa ser dito quanto às travestis, as quais mesmo na Coligay foram invisibilizadas, embora aceitas. Tal invisibilidade faz parte de um conjunto de características e estratégias da torcida que pareceram contribuir para sua aceitação e eventual valorização.

A Coligay demonstrou ser um espaço que congrega simultaneamente a vivência do pertencimento clubístico e da sociabilidade entre LGBTs. Se o clubismo é inegavelmente presente entre seus/suas componentes, o grau de interesse pelo futebol e de vínculo com o Grêmio, são bastante variáveis. Se muitxs já eram torcedorxs apaixonadxs e frequentadorxs de estádios, o coletivo também atraiu muitas pessoas que não iam a partidas de futebol, tanto pela diversão que proporcionavam quanto pelo acolhimento e proteção que ofereciam.

Ao olhar para o passado da Coligay, mas também para o presente, pude lançar a hipótese de um deslocamento em curso sobre o significado da torcida: de “São bichas, mas são nossas” para a “Diversidade da alegria”. “São bichas, mas são nossas” define o reconhecimento de uma homossexualidade indesejável, mas aceita em função da atribuição de uma condição de **nós**, gremistas, dxs integrantes da agremiação, verificado e conquistado a partir de seu apoio dedicado e fiel. A “Diversidade da alegria”, por sua vez, desloca a homossexualidade: de um defeito a ser tolerado para um valor a ser exaltado. Se o esforço de implantação de um projeto de afirmação de uma tradição de pluralidade no Grêmio é facilmente identificável, também o são seus limites: não se lembra a Coligay em qualquer hora, de qualquer modo ou em qualquer lugar.

O estigma de racista que o Grêmio carrega como desdobramento de uma identidade de clube elitista e germânico, contribuiu para que a agremiação percebesse a necessidade de ressignificar suas tradições. O caso Aranha amplificou a revolta de muitxs gremistas quanto ao rótulo de segregacionistas e preconceituosxs, e catalisou ações vinculadas à afirmação do Grêmio como um “clube de todos”. A negação do clube da marca racista a ele frequentemente atribuída não é atitude propriamente nova, como evidenciado em diferentes momentos desse texto. O que há de original nos últimos anos é o esforço de provar-se não apenas um clube não-excludente, mas uma agremiação plural e inclusiva. Como destaca Souza (1996, p.45): “a nação

é (re) construída e atualizada continuamente, a partir de seus critérios de pertencimento coletivo, e de acordo com “posições” desejadas para os sujeitos sociais ocuparem, na coerência dessa coletividade”. Assim, é no cenário de disputas pelo lugar que a comunidade afetiva gremista deseja ocupar que se insere a valorização, repúdio ou indiferença à Coligay.

É fundamental destacar que contribui para o ressurgimento de memórias da Coligay o fato dela poder ser apresentada não “apenas” como uma torcida gay, no sentido que ela não tem como único mérito a identidade sexual de seus integrantes. Ela também conquistou sua importância a partir de uma série de “valores esportivos”, como o torcer animado e ininterrupto, a presença fiel e cativa em todas as partidas e a promoção de uma performance original e qualificada – conforme falas de diferentes agentes futebolísticos afirmam.

De todo modo, a exaltação de tais aspectos ou o uso eventualmente estratégico da pluralidade da Coligay pelo Grêmio, não invisibiliza as transgressões performadas pela torcida. Nesse sentido, aciono uma reflexão feita por Butler (2003), acerca das possibilidades de subversão de gênero a partir da performance do drag, na qual ela discorre:

A paródia não é subversiva em si mesma³⁵¹, e deve haver um meio de compreender o que torna certos tipos de repetição parodística efetivamente disruptivos, verdadeiramente perturbadores, e que repetições são domesticadas e redifundidas como instrumentos da hegemonia cultural. Uma tipologia dos atos certamente não bastaria, pois o deslocamento parodístico, o riso da paródia, depende de um contexto e de uma recepção em que se possam fomentar confusões subversivas. Que performance inverterá a distinção interno/externo e obrigará a repensar radicalmente as pressuposições psicológicas da identidade de gênero e da sexualidade? Que performance obrigará a reconsiderar o lugar e a estabilidade do masculino e do feminino? E que tipo de performance de gênero representará e revelará o caráter performativo do próprio gênero, de modo a desestabilizar as categorias naturalizadas de identidade e desejo? (BUTLER, 2003, p.198).

Sem propor que a performance torcedora da Coligay possa também funcionar como uma paródia de gênero, trago essas ponderações de Butler para deixar em suspenso uma adjetivação definida e conclusa de que a torcida é subversiva. Tal qual Camargo (2016, p.1340) propõe ao analisar práticas esportivas dissonantes – no estudo em questão, praticadas entre LGBTs e pessoas com deficiência –, penso que, também aqui, “o que está em jogo é pensar, no limite, novas possibilidades de prática (para, inclusive, pensar novos modelos de esporte)”.

³⁵¹ Butler (2003, p.197) explica que “a noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é da própria ideia de um original”.

A Coligay, novamente, está fora do armário e visibilizar sua trajetória é, nesse sentido, um esforço de vislumbrar outras formas de torcer e outrxs sujeitos possíveis a serem legitimados como torcedorxs.

REFERÊNCIAS

- AARÃO REIS FILHO, Daniel. **Ditadura e democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: Simpósio Nacional de História, 22. João Pessoa, PB. **Anais eletrônicos**. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10f.
- _____. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.
- ALEGRIAS, Lúcia. O futebol na construção das representações identitárias nos museus. **Cadernos de Sociologia**, v.54, n.10, 2017.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Eric. **In the game: Gay athletes and the cult of masculinity**. New York: State University of New York Press, 2005.
- _____. “Being Masculine is not About who you Sleep with...:” Heterosexual Athletes Contesting Masculinity and the One-time Rule of Homosexuality. **Sex Roles**, v.58, p.104-115, 2008a.
- _____. “I used to think women were weak”: Orthodox masculinity, gender-segregation, and sport. **Sociological Forum**, v.2, n.23, 2008b.
- _____. **Inclusive masculinity: the changing nature of masculinities**. New York: Routledge, 2009.
- _____. Openly gay athletes: contesting hegemonic masculinity in a homophobic environment. **Gender & Society**, v.16, n.6, p.860-877, dec. 2002.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Quando o silêncio é rompido: homossexualidades e esportes na Internet [recurso eletrônico]**. Porto Alegre: Orquestra, 2014a.
- _____. Representações sobre homossexualidades e esportes: desdobramentos para o campo do lazer. **Licere**, v.17, n.1, p.1-36, mar.2014b.
- _____. “Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-24, jan./mar. de 2015.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos; SILVA JÚNIOR, José Aelson da. Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v.9, n.14, p.214-231, 2018.
- ANTUNES, Ricardo; RIDENTI, Marcelo. Operários e estudantes contra a Ditadura: 1968 no Brasil. **Mediações**, v. 12, n. 2, p. 78-89, jul./dez. 2007.
- AZEVEDO, Clara; ALFONSI, Daniela. A patrimonialização do futebol: notas sobre o Museu do Futebol. **Revista de História**, v.1, n.163, p.275-292, jul./dez. 2010.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação, 10, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2011.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. “Eu canto, bebo e brigo...alegria do meu coração”: Currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 127f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio. 2017. 342f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v.22, n.3, p.985-998, jul./set. 2016.

_____. O que pensam os torcedores do Grêmio sobre a experiência da torcida Coligay. In: XI Seminário Internacional Fazendo Gênero & 13th Women’s Worlds Congress, 11, 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2017.

BERTÉ, Isabela Lisboa. “Anistia ampla, geral e irrestrita”: um estudo sobre a relação entre futebol, luta pela anistia e torcidas organizadas. **Arquibancada**. São Paulo, v.79, n.7, s.p., 2016.

BESSA, Karla. Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade. **Cadernos Pagu**, n.28, p.257-283, jan./jun. 2007.

BORILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp: Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRACKENRIDGE, Celia; RIVERS, Ian; GOUGH, Brendan; LLEWELLYN, Karen. Driving down participation: homophobic bullying as a deterrent to doing sport. In AITCHISON, Cara Carmichael. **Sport & Gender identities: masculinities, femininities and sexualities**. New York: Routledge, 2007.

BRITO, Leandro Teófilo de. “Afeminada! Afeminada!” – Queerizando as masculinidades no contexto do voleibol. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Orgs.). **Educação Física e Sexualidade: Desafios Educacionais**. v.1. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

BUENO, Eduardo. **Grêmio: nada pode ser maior**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BUENO, Eduardo; BUENO, Fernando. **A América aos nossos pés: 25 anos de uma Libertadores de verdade**. Virtual Livros, 2008.

_____. **Grêmio: campeão acima de tudo**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

BURY, Jonah. Non-performing inclusion: A critique of the English Football Association’s Action Plan on homophobia in football. **International Review for the Sociology of Sport**, v.50, n.2, p.215-226, 2015.

BUTLER, Judith. Gender as Performance: Judith Butler. In: OSBORNE, Peter (Edit.). **A critical sense: Interviews with intellectuals**. New York: Routledge, 1996.

_____. BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **Bodies That Matter: On the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 2011.

CAMARGO, Wagner Xavier. Por uma “etnografia dos vestiários”: do futebol e outros esportes na sexualização dos espaços. In: 36º Encontro Anual da ANPOCS, 36, 2012, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindóia, SP: ANPOCS, 2012.

_____. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. **Revista de @ntropologia da UFSCar**, v.6, n.1, p.41-62, jan./jun. 2014.

_____. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, 1337-1350, out./dez. 2016.

_____. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.26, n.1, p.1-18, 2018.

CAMPOS, Flávio de; TOLEDO, Luiz Henrique. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *Revista USP*. São Paulo, n. 99, p.123-138, set./out./nov. 2013.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. As mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão: suas características e relações com o clube e com o estádio. In: SILVA, Silvio R.; SILVA, Tiago F.; DEBORTOLI, José Alfredo. (Org.). **Futebol nas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p.45-56, jan./abr. 2008.

CARRARA, Sérgio. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. **Bagoas: revista de estudos gays**, Natal, v. 4, n. 5, p. 131-147, jan./jun. 2010.

CASHMORE, Ellis; CLELAND, Jamie. Glasswing butterflies: Gay professional football players and their culture. **Journal of Sport & Social Issues**, v.35, n.4, p.420–436, 2011.

_____. Fans, homophobia and masculinities in association football: evidence of a more inclusive environment. **The British Journal of Sociology**, v.63, n.2, 2012.

CAUDWELL, Jayne. Introduction. In: CAUDWELL, Jayne (Ed.). **Sport, sexualities and Queer/Theory**. New York: Routledge, p.1-9, 2006.

_____. Does your boyfriend know you're here? The spatiality of homophobia in men's football culture in UK. **Leisure Studies**, London, v. 30, n. 2, p. 123-138, 2011.

COELHO, Claudio Novaes Pinto. Contracultura: o outro lado da modernização autoritária In: VÁRIOS AUTORES. **Anos 70: trajetórias**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2005.

COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. **Gênero**, v.8, n.1, p.207-222, Ago. 2007.

_____. Políticas para um Brasil além do Stonewall. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador : EDUFBA, 2011.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no Regime Militar. In GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (Org.) **Ditadura e Homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira de.; MELO, Victor Andrade de. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. **Movimento**, Porto Alegre, v.3, n.5, p. 18-24, 1996.

DAMO, Arlei Sander. Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 247 f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____. Ah! Eu sou gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro. **Estudos Históricos**, v.13, n.23, 1999.

_____. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. **Tese** (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. Paixão partilhada e participativa: o caso do futebol. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 57, p. 45-72, jul./dez. 2012.

_____. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

_____. Futebol, engajamento e emoção. In: HELAL, Ronado; AMARO, Fausto. (Org.). **Esporte e Mídia - Novas Perspectivas: a influência de Hans Ulrich Gumbrecht**. 1ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 74-94, 2015.

DAOLIO, Jocimar. Dente de alho, galho de Arruda... Crenças e superstições mp futebol brasileiro. In: DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol**. 3a Ed rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

DAVIDSON, Judy. The necessity of queer shame for gay pride: the Gay Games and Cultural Events. In: CAUDWELL, Jayne (Ed.). **Sport, sexualities and Queer/Theory**. New York: Routledge, p.1-9, 2006.

DUARTE, Vinícius Vidor. Notícias que vêm da arquibancada: a popularização do Grêmio FBPA expressa nas páginas do Correio do Povo (1933-1946). 2012. 43f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos nos esportes. **Estudos Feministas**. IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.312-348, 1997.

DUQUE, Tiago. Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por. 2013. 198f. **Tese** (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

ENG, Heidi. Queer athletes and queering in sport. In: CAUDWELL, Jayne (Ed.). **Sport, sexualities and Queer/Theory**. New York: Routledge, p.49-61, 2006.

FACCHINI, Regina. Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, v.10, n.18/19, p. 81-125. 2003.

FARIA, Eliene Lopes. Jogo do corpo e corpo do jogo: futebol e masculinidade. **Cadernos de Campo** (USP. 1991), v. 18, p. 65-86, 2009.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 10 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

FERLA, Marcelo. **Jogos Monumentais**: memórias do Estádio Olímpico. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012

_____. **Imortal tricolor**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.24, n.47, p.29-60, 2004.

_____. Prefácio. In GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (Org.) **Ditadura e Homossexualidades**: repressão, resistência e a busca pela verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: FEPESP; EDUC, 2010.

_____. República dos torcedores. **Arquibancada**. São Paulo, v.96, n.8, s.p., 2017.

FRANÇA, Isadora Lins. Sexualidade e política: uma abordagem a partir do mercado e do consumo. **Bagoas: revista de estudos gays**, v.1, n.7, p.223-252, 2012.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.25, n.50, p.315-328, 2005.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. The soccer stadium as a disciplinary space. **Revista Esporte e Sociedade**, v.1, n.1, nov. 2005-fev. 2006.

GARRIGA ZUCAL 'Soy Macho porque me la aguanto': etnografia de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculino". In: ALABARCES, Pablo. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeu, p. 39-72, 2005.

_____. **Nosotros nos peleamos**: violência e identidade de uma hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

GASTALDO, Édison. As Relações Jocosas Futebolísticas: futebol, sociabilidade e conflito no Brasil. **Mana**, v. 16, p. 311-325, 2010.

GERCHMANN, Léo. **Coligay**: Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GHISLENI, Taís Stefanello. O planejamento estratégico do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e do Sport Club Internacional através de modelos interpretativos. 2005. 125f. **Dissertação** (Mestrado em Engenharia de Produção). – Centro de Tecnologia, Universidade Federal de Santa Maria, 2005.

GHISLENI, Taís Stefanello; MARCHIORI, Viriato Surreaux Vargas. Comunicação e Internet: os websites da dupla Gre-Nal. **Caderno de Educação Física**, v. 7, n. 12, p. 41-54, 1.sem.2008.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar o futebol? In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Org.). **Futebol**: paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FRAGA, Alex Branco. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v.9, n. 3, p.59-82, set./dez. de 2003.

_____. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004.

GOLIN, Célio. **Nuances 25 anos**. Uma trajetória inconformada com a norma. Porto Alegre: s.n., 2017.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan. Introdução. In GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (Org.) **Ditadura e Homossexualidades**: repressão, resistência e a busca pela verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

GRIFFIN, Pat. **Strong women, deep closets**: Lesbians and homophobia in sport. Champaign, IL: Human Kinetics, 1998.

GRINSTAFF, Laura; WEST, Emily. Cheerleading and the Gendered Politics of Sport. **Social Problems**, v.53, n.4, 2006.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “Província de Chuteiras”. **Anos 90**, Porto Alegre, n.13, p.21-50, jun.2000.

_____. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Aurora**, n.9, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HENN, Ronaldo. Apontamentos intersemióticos sobre a Folha da Manhã. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação de torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

_____. A voz da torcida: Biografia, História Oral e Memória nos relatos de antigas lideranças torcedoras. **Aurora**, v.1, n.9, p.27-47, 2010.

_____. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de.; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de.; MELO, Victor Andrade de. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

JARVIS, Nigel. Ten men out: Gay sporting masculinities in Softball. In: CAUDWELL, Jayne (Ed.). **Sport, sexualities and Queer/Theory**. New York: Routledge, p.62-75, 2006.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. (Trad.) Mário Vilela. 2a Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, p.13-51, 2009.

_____. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas: revista de estudos gays**, v. 1, n.1, p.1-22, 27 nov. 2012.

KING, Samantha. What's Queer About (Queer) Sport Sociology Now? A Review Essay. **Sociology of Sport Journal**, n.25, p. 419-442, 2008.

KNIJNIK, Jorge Dorffman; VASCONCELOS, Esdras Guerreiro. Mulheres Na Área No País Do Futebol: Perigo De Gol. In: SIMÕES, Antônio Carlos (Org). **Mulher e Esporte** – mitos e verdades. Barueri: Manole, p.165-175, 2003.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar? **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.12, n.2, mai./ago. 2009.

_____. A grande mídia brasileira e identidades LGBT: um retrato em 2008. **Diálogos de la comunicación**, v. 84, p. 1-24, Jan./Jun. 2012.

LEITE, Fernando; FONSECA, Vicente. **Grêmios hoje e sempre**: a história tricolor em cada dia do ano. Porto Alegre: Dublinense, 2012.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Ano 9. 2 sem., p. 541-553, 2001.

_____. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento. In: LOPES, Denilson et al. (Orgs.). **Imagem & Diversidade Sexual**: estudos da homocultura. Brasília: Nojosa, p.24-28, 2004.

_____. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LUZ, Fernanda Ferreira Canfield da. Diversidade afetiva: uma leitura sobre os Movimentos sociais LGBT de Porto Alegre. 2011. 145f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, 2011.

MACEDO, Christiane Garcia. O movimento de constituição dos Centros de Memória da Educação Física das Universidades Federais brasileiras (1996-2014). 2017. 207f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MACEDO, Christiane Garcia; BERTÉ, Isabela Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. História oral na era digital: a experiência do projeto Garimpando memórias. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 41-58, jan./jun. 2016.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MAIA, Mayara Cristina Mendes. Gurias em campo: o futebol de mulheres no Sport Clube Internacional e no Gremio Football Porto Alegre (2015-2020). 2018. 107f. **Projeto de qualificação de Tese** (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MARRA, Pedro Silva. “Ei, juiz, vai tomar no cu”: políticas torcedoras e do futebol e sonoridades de xingamentos em performances masculinas. **FuLiA/UFMG**, v.2, n.2, mai./ago.2017.

MASCARENHAS, Gilmar. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. *Encuentro Deporte y Ciencias Sociales*, 3, 2000, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: UBA, 2000.

_____. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo Futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MATTOS, Amana Rocha; CIDADE, Maria Luiza Rovaris. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. **Periódicus**, n.5, v. 1, p.132-153, mai./out. 2016.

MAUSS, Marcel. Joking Relations. (Trad.) Jane I. Guyer. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v.3, n2, p.317–334, 2013.

MCCORMACK, Mark; ANDERSON, Eric. The re-production of homosexually-themed discourse in educationally-based organised sport. **Culture, Health & Sexuality**, v.12, n.8, p.913–927, November 2010.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MENANDRO, Paulo Rogério Meira. A Copa do Mundo é nossa: futebol e comportamento supersticioso. **Psicologia e Saber Social**, v.3, n.1, p.118-123, 2014.

MENDES, Bárbara Gonçalves. Flávias, Fernandas e Marias, sem chuteiras: A inserção de mulheres em uma Torcida Organizada de Belo Horizonte/MG. 2015. 178f. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MENEGOTTO, Francine Morim. Que rosa nada, elas usam é azul! Um estudo sobre a participação de mulheres na Torcida Jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. 2011. 61f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MENEZES, Isabella Trindade. **Entre a Fúria e a Loucura**: análise de duas formas de torcer pelo Botafogo de Futebol e Regatas. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, P.11-29, 2009.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO,

Marlucy Alves. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v.11, n.21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

_____. Não somos, queremos: reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011.

MORAES E SILVA, Marcelo. Entre a ilha deserta e o arquipélago: mapeamentos e Cartografias das percepções de professores (as) sobre as Masculinidades produzidas nas aulas de educação física. 2008. 216f. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). In GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (Org.) **Ditadura e Homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

MORENO, Antônio do Nascimento. A personagem homossexual no cinema brasileiro. 1995. 140f. **Dissertação** (Mestrado em Artes). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

NOGUEIRA, Gilmaro; COLLING, Leandro. Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade. In COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

NUNES, João Sedas. Torcendo e nem tanto: onde pára a (re)produção (social)? Congresso Brasileiro de Sociologia, 15, 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2011.

OCANHA, Rafael Freitas. In GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (Org.) **Ditadura e Homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEN, Ruben. George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

OSTERMANN, Ruy Carlos. **Até a pé nós iremos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

PARA O QUE DER e vier. Direção: Pedro Guindani. Porto Alegre: Lockheart, 2016.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PEREIRA, Leonardo Affonso. **Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERET, Luiz Eduardo Neves. Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira. 2005. 278 f. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PERLONGHER, Néstor O. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PINTO, Agnes Caroline; PINHEIRO, Patrícia; VIEIRA, Neiva; ALVES, Maria Dalva. Compreensão da pandemia da aids nos últimos 25 anos. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST/UFF**, v.19, n.1, p.45-50, 2007.

PINTO, Maurício Rodrigues. Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. 2017. 126f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

_____. Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol. **Ponto Urbe**, v.14, p.1-9, 2014.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe**, v.14, p. 1-15, 2014.

POCAHY, Fernando Altair. Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. 2011. 167f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 59-72, 1996.

_____. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**, n. 14. São Paulo, PUC, p. 25-39, 1997.

PRADO, Vagner Matias do. Entre ditos e não ditos: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas escolares da Educação Física. 2014. 258f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

_____. “Fica no gol para pegar as bolas”: Educação Física Escolar e o dispositivo da (homo)sexualidade. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Orgs.). **Educação Física e Sexualidade**: Desafios Educacionais. v.1. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

PRONGER, Brian. **The arena of masculinity**: Sports, homosexuality, and the meaning of sex. New York: St. Martin’s Press, 1990.

RABINOW, Paul. Política da Verdade: Paul Rabinow entrevista Michel Foucault. In: RABINOW, Paul. **Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. **Structure and Function in Primitive Society**: essays and addresses. Glencoe, Illinois: The Free Press, 1952.

REALE, Getúlio Sangalli. Construção de mundos: a onto-política de marketing no contexto do futebol de espetáculo brasileiro. 2016. 310 f. **Tese** (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RICHARDSON, Niall. Effeminophobia, misogyny and Queer friendship: the cultural themes of channel 4’s Playing it straight. **Sexualities**, v.12, n.4, p.525-544, 2009.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. Amizade, trago e alento. A torcida geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro. 2012. 140f. **Dissertação** (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. De Denner a Chrysóstomo, a repressão invisibilizada: as homossexualidades na ditadura. In GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (Org.) **Ditadura e Homossexualidades**: repressão, resistência e a busca pela verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

ROSA, Rodrigo Braga do Couto. Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte. 2010. 210f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ROSSI, Elvio Antônio. **Coligay “uma torcida diferente”**: espaço de visibilidade homossexual em Porto Alegre – RS (1977-1980). Porto Alegre, 2004. 17p. Não publicado.

ROSSI, Elvio Antônio; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Coligay – “uma torcida diferente”: espaço de visibilidade homossexual em Porto Alegre – RS (1977-1980). In: Salão de Iniciação Científica (14.: 2002: Porto Alegre). **Livro de Resumos**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

RUBIN, Sperb Rubin. **Heróis de 77**: A história do maior campeonato gaúcho de todos os tempos. Porto Alegre: Editora AGE, 2017.

SALDANHA, Renato Machado. Placar e a produção de uma representação de futebol moderno. 2009. 100f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTHIAGO, Ricardo. Da fonte oral à história oral: Debates sobre legitimidade. **Saeculum** (UFPB), v. 18, p. 33-46, 2008.

SANTOS Joseylson Fagner dos; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. Corpo e sentimento: 46 anos de imprensa gay no Brasil. **BOCC**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v. -, p. 01-11, 2010.

SANTOS, Luciene Neves. Corpo, gênero e sexualidade: educar meninas e meninos para além da homofobia. 2008. 136f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies**: na introduction. London: Routledge, 3rd. Ed., 2013.

SEBEN, Paulo. **Dicionário Gremista**: Futebol de verdade de A a Z. Caixas do Sul, RS: Belas-Letras, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.1, n.28, p.19-54, jan./jun. 2007.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Quem desloca tem preferência**: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

SILVA, Paula; GOMES, Paula Botelho. Masculinidades como singularidades múltiplas: uma proposta de análise das masculinidades no desporto. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENWTZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Orgs.). **Educação Física e Gênero**: Desafios Educacionais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

SILVA, Silvio Ricardo da. Tua imensa torcida é bem feliz... da relação do torcedor com o clube. 2001. 130f. **Tese** (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. A construção social da identidade e da diferença. In SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOARES, Antônio Jorge. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.23, 1999.

SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila. “Corpos que escapam”: Performatividades de Gêneros, Sexualidades e a Abjeção no Levantamento do Peso. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Orgs.). **Educação Física e Sexualidade: Desafios Educacionais**. v.1. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

SOUSA, Vinícius Gomes de; CAMARGO, Wagner Xavier. ‘Coligay’ e a diversidade sexual no campo esportivo. **Recorde**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p.1-6, jan./ jun. 2015.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de; SILVA, Sílvio Ricardo da. Dos novos e velhos territórios no futebol: interstícios reflexivos do torcer na transição estádio/arena. **Espaço Plural**, Cascavel, v.XIV, n.29, p.193-218, jul-dez. 2013.

SOUZA, Marcos Alves de. A “nação em chuteiras”: raça e masculinidade no futebol brasileiro. 1996. 62f. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 1996.

SPOLAORE, Gianfranco. **Coração tricolor: História completa do Grêmio de 1903 a 2007**. Porto Alegre: Ed. Alcance, 2008.

STREAPCO, João Paulo França. Representações e memória social através do futebol em São Paulo. In: XXV Simpósio Nacional de História (ANPUH), 25, 2009, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ANPUH, 2009.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. Jornalismo alternativo no Rio Grande do Sul. **BOCC**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. -, p. 1-19, 2008.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, v.1, n.15, p.51-84, abr. 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Por que xingam os torcedores de futebol? **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 3, p.20-29, 1993.

_____. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. **No país do Futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

_____. Torcer: metafísica do homem comum. **Revista de História** (USP), v. 1, p. 175-190, 2010.

- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988
- WAINBERG, Jacques A. **Línguas ferinas: um estudo sobre a polêmica e os polemistas**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2010.
- WARNER, Michael. Introduction. In: WARNER, Michael (Ed.). **Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- WELLARD, Ian. Exploring the limits of queer and sport: Gay men playing tennis. In: CAUDWELL, Jayne (Ed.). **Sport, sexualities and Queer/Theory**. New York: Routledge, p.76-89, 2006.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PERIÓDICOS

- A ALEGRE torcida gremista. **Revista do Grêmio**, v.21, n.71, p.20, jan. 1975.
- A BOA relação das torcidas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.46, 18 mai. 1982.
- A BOATE... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.43, 05 set. 1978.
- A COLIGAY... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.36, 09 out. 1979.
- A COLIGAY rebola outra vez. **Placar**, n.681, p.25, 10 jun. 1983.
- A TORCIDA Coligay.... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 25 out. 1978.
- A TORCIDA não foi. Era noite de circo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.49, 26 out. 1978.
- A “TORCIDA JOVEM”... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.36, 04 set. 1979.
- A.P. Os gays do Flamengo e a bixórdia do Flamengo 2)... E alguns conselhos. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, v.2, n.18, p.9, nov. 1979.
- AGITA-SE... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 28 dez. 1978.
- AS TORCIDAS... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.38, 03 set. 1979.
- AS TORCIDAS em festa. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.45. 29 dez. 1978a.
- AS TORCIDAS Organizadas preparam seus carnavais. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.68, 17 dez. 1978b.
- AS TORCIDAS ORGANIZADAS. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.55, 24 jul. 1978.
- ALEGRIA e entusiasmo dos que foram ao jogo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.47, 24 abr. 1978.
- APELO. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 11 out. 1983.
- BAIXADA. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.46, 04 out. 1982.
- BANDEIRAS desfraldadas. Ativismo. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, v.3, n.31, p.12, dez. 1980.
- BARRERO, Marcos. Os desafios da Coligay. **Placar**, n.869, p.80, 26 jan. 1987.

- BATISMO da “Fla-Gay”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.33, 11 out. 1979.
- BRIGAS.... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.46, 28 fev. 1980.
- BANDEIRAS. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.44, 24 ago. 1982.
- BORER não é contra, nem a favor. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p.7, 20 out. 1979.
- BRAGA, Kenny. Sem título. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 28 abr. 1978.
- BUENO, Eduardo. Grêmio está recebendo um incentivo diferente. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.44-45, 16 mai. 1977.
- CABRAL, Cid Pinheiro. Afinal, a reação. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.45, 21 out. 1979a.
- CABRAL, Cid Pinheiro. Bira e Galvão. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.47, 28 out. 1979b.
- CADÊ a Coligay. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.31, 29 jun. 1977.
- CARNAVAL depois do tapetão. O Grêmio já é campeão. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.7, 28 set. 1977.
- CHEQUE para a Coligay. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.32, 05 out. 1977.
- CHRYSÓSTOMO, Antônio. Os gays do Flamengo e a bixórdia do Flamengo 1) Uma carta aberta... **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, v.2, n.18, p.9, nov. 1979.
- COLIGAY. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 09 mai. 1977.
- COLIGAY beneficente. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.34, 16 ago. 1977a.
- COLIGAY invade. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.34, 19 set. 1977b.
- COLIGAY (1). **Zero Hora**, Porto Alegre, p.59, 16 jul. 1978.
- COLIGAY (2). **Zero Hora**, Porto Alegre, p.56, 30 jul. 1978.
- COLIGAY (3). **Zero Hora**, Porto Alegre, p.38, 30 set. 1978.
- COLIGAY (I). Camisa 12. **Placar**, n.373, p.33, 17 jun. 1977.
- COLIGAY PRESENTE. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.39, 13 out. 1977.
- COLIGAY se agita. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.30, 13 jan. 1978.
- COM QUE CARA vamos voltar para Pelotas? **Zero Hora**, Porto Alegre, p.42, 01 ago. 1977.
- CONCORRENTE da Fla-Gay. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p.14, 17 out. 1979.
- DEZ MINUTOS... **Folha da Manhã**. Porto Alegre, p.32, 26 set. 1977.
- DRAGÕES investem contra a Fla-Gay. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.26, 12 out. 1979.
- É DE RIR.... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 25 out. 1978.
- É UMA VERGONHA. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.2, 14 out. 1979.
- EFICIÊNCIA. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 24 mai. 1983
- ELA agora curte futebol. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.5, 14 out. 1979.
- EM ACINTOSO... **Veja**, São Paulo, p.71, 01 jun. 1977.

- ENQUANTO isso, no aeroporto. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.44, 02 set. 1981.
- ESCALAÇÃO de Adílio só sai depois da recreação de hoje. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p.14, 13 out. 1979.
- ESTÁ nascendo a “Leão-Gay”, a nova torcida do São Paulo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 19 out. 1979.
- EVANDRO fala da Fla-Gay, Calçada só quer título. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.5, 26 set. 1977.
- FALA mais grosso, xará. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.2, 18 out. 1979.
- FESTA na chegada do Grêmio. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.43, 26 fev. 1979.
- FESTA para Obino. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.54, 06 mai. 1982.
- FICO. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 22 abr. 1983.
- FLA-GAY é problema social. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.5, 14 out. 1979.
- FONSECA, Divino. Para o que der e vier. **Placar**, n.370, p.48-50, 27 mai. 1977.
- GAY. **Diário de Natal**, Natal, p.15, 19 out. 1979.
- GUERRA de torcidas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.39, 06 mar. 1982.
- GUERRA I. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.32, 27 out. 1979.
- GUERRA II. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.32, 27 out. 1979.
- GUERRA III. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.32, 27 out. 1979.
- GRANDE excursão a Pelotas. **Folha da Manhã**, Porto Alegre, p.31, 26 abr. 1977.
- GRÊMIO prepara novo Memorial. **Nação Tricolor**, Porto Alegre, v.1, n.2, p.12, out.2002.
- GRE-NAL... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 19 nov. 1979.
- HOJE estreia a “Zé-Gay”. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.38, 20 mar. 1982.
- HOMENAGEM. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.46, 16 set. 1983.
- IDÉIAS. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.48, 12 out. 1983.
- INTER-FLOWERS não vai sair. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.34, 17 mai. 1977.
- JAPIASSU, Moacir. Atenção: vem aí os Gayviões da Fiel. **Jornal da República**, São Paulo, p.14, 16 out. 1979a.
- JAPIASSU, Moacir. _____. Bombom ataca Bornay. **Jornal da República**, São Paulo, p.16, 18 out. 1979b.
- MÁRCIO: foi praga da Fla-Gay. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.1, 15 out. 1979.
- MÁRCIO BRAGA, o totalitário. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p.5, 14-15 out. 1979.
- MÁRCIO PEDE proteção contra a Fla-Gay. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.14, 13 out. 1979.
- MÁRCIO PÕE PM contra Fla-Gay. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.26, 13 out. 1979.

- MARÉ... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.46, 4 jun. 1979.
- MASCARENHAS, João Antônio. Noticiário Esportivo (2). **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 03, p. 05, 1978.
- MINAS: tá assim de gay. Bixórdia. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n.21, p.16, fev.1980.
- MOBILIZAÇÃO. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.52, 26 ago. 1982.
- MOREIRA, Gabriela. Futebol é para heteros, lésbicas, gays, bis, travestis e trans. Flamengo sai na frente pela diversidade. **ESPN.com.br**. 28 de junho de 2017. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/706702_futebol-e-para-heteros-lesbicas-gays-bis-travestis-e-trans-flamengo-sai-na-frente-pela-diversidade>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- NA HORA do discurso, todos ouviram Dourado. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.43, 27 mar. 1979.
- NA TORCIDA, um dia de incentivos e brigas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.43, 08 ago. 1977.
- NO CEARÁ e no Vasco, não. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.5, 14 out. 1979.
- NO COMEÇO, o azul no beira-Rio. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.48, 19 set. 1977.
- NOBRE, Carlos. Sem título. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.55, 09 mai. 1977a.
- NOBRE, Carlos. Sem título. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.47, 10 ago. 1977b.
- NOBRE, Carlos. Sem título. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.55, 11 ago. 1977c.
- NOBRE, Carlos. Sem título. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.51, 07 mar. 1979a.
- NOBRE, Carlos. Sem título. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.63, 19 nov. 1979b.
- NOBRE, Carlos. Sem título. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.63, 05 abr. 1982.
- NOBRE, Carlos. Sem título. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.59, 20 jun. 1983a.
- NOBRE, Carlos. Sem título. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.55, 27 jul. 1983b.
- NOSSO... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.36, 18 set. 1979.
- O GRITO (alegre) da Coligay ajudou o Grêmio a ser campeão. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.50, 02 out. 1977.
- O PRESIDENTE... **Zero Hora**, Porto Alegre, p.53, 16 jun. 1983.
- PARABÉNS. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 30 nov. 1982.
- PARABÉNS, Real. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.36, 05 jun. 1982.
- PLUMAS e paetês. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.28, 13 agosto. 1977.
- PORTO, Antônio Carlos. O torcedor sabe o que é bom. **Folha da Manhã**, p.30, 12 mai. 1977.
- PASSEATA gay. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 05 mar. 1983.
- QUADROS, Lauro. Olheiro. **Folha da Manhã**, p.24, 17 mai. 1977.
- QUINTA-FEIRA é dia de festa. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.43, 04 out. 1977.

PIRES, Breiller. Em plena ditadura, a torcida Coligay mostrava a cara contra o preconceito. **El país Brasil**. 12 de abril de 2017. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.html?id_externo_rs_oc=TW_BR_CM>. Acesso em: 27 nov. 2017.

REAL ELEGE. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 11 dez. 1982.

REAL TORCEDOR. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.38, 11 jan 1982.

REIS na Coligay. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.35, 18 mai. 1977.

RIZZATTI, Lucas. Pioneira e pé- quente torcida de gays do Grêmio ganha livro 30 anos depois. **Globoesporte.com**. 08 de maio de 2014. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2014/05/pioneira-e-pe-quente-torcida-de-gays-do-gremio-ganha-livro-30-anos-depois.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

RUIZ, Vanessa. Livro conta como torcida gay do Grêmio ajudou o Corinthians a sair da fila. **Bol notícias**. 22 de maio de 2014. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2014/05/22/torcida-gay-do-gremio-ajudou-o-corinthians-em-77-veja-historias-da-coligay.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

SALLES, Milton. Bola no chão. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.5, 23 out. 1979.

SEM INSTRUÇÃO. Cartas na Mesa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, v.3, n.27, p.18, ago. 1980.

SANTANA, Paulo. Disciplina total. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.35, 20 jul. 1977a.

SANTANA, Paulo. O super-campeão. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.42, 6 out. 1977b.

SANTANA, Paulo. Ganha o Grêmio. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.38, 27 dez. 1978.

SILVA, Aguinaldo. Lampiônicos: ativistas, astronautas? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, v.3, n.31, p.12, dez. 1980.

TELÊ: sorrisos e uma conclusão: o Inter não melhorou. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 09 mai. 1977.

TELÊ GOSTOU: deu pra movimentar sua equipe. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.43, 16 mai. 1977.

TELLES, Odil. Flamengo é time sério. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p.13, 17 out. 1979.

TEM que assumir. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.44, 06 jan. 1978.

TERCEIRO mundo. Cartas na Mesa. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, v.3, n.33, p.2, fev. 1981.

TIMÓTEO está ao lado da Fo-Gay. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p.7, 20 out. 1979.

TODO mundo está aderindo a Fo-Gay. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p.1, 20 out. 1979.

TORCEDORES “queimam” Hofmeister na praça. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 03 ago. 1979.

TORCIDA. **Diário de Pernambuco**, Recife, p.D-8, 04 nov. 1979.

TORCIDA: Coligay: história e pedágio da vitória. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.42, 26 set. 1977.

TORCIDA faz abaixo-assinado a favor da situação. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.50. 17 dez. 1981a.

TORCIDA fez muita festa no embarque da delegação. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.41, 06 dez. 1983.

TORCIDA foi em peso ao aeroporto. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p.20, 04 mai. 1981b.

TORCIDA gay. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.37, 06 jun. 1978.

TORCIDA gremista tem patrono: Eurico Lara. **Revista do Grêmio**, v.18, n.66, jul./ago. 1973.

TORCIDA pé-frio. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.38. 13 abr. 1982.

TORCIDA DESLUMBRARÁ, domingo no MF. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.7, 17 out. 1979.

TORCIDA MUITO louca. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.47, 15 mai. 1977.

TORCIDAS. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.42, 16 out. 1981.

TORCIDAS. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.45, 11 jun. 1983.

TORCIDAS II. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.42, 06 out. 1981.

TORCIDAS ORGANIZADAS querem ser um exemplo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.24, 24 ago. 1981.

TORCIDAS (1) Organizadas: Torcida Jovem. **Nação Tricolor**, v.1, n.2, p.42-43, 1996.

TORCIDAS (2) Organizadas: Garra Tricolor. **Nação Tricolor**, v.1, n.3, p.42-43, 1996.

TORCIDAS (3) Organizadas: Máquina Tricolor. **Nação Tricolor**, v.1, n.4, p.42-43, 1996.

TORCIDAS (1) Organizadas. **Nação Tricolor**, v.1, n.5, p.42-43, 1997.

TORCIDAS (2) Organizadas: Nós somos a Garra do Grêmio! **Nação Tricolor**, v.1, n.8, p.42-43, 1997.

TRIMEDAL? Uma palhaçada. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.43, 10 jul. 1978.

TUDO com a Coligay. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.46, 29 mai. 1977.

UM ANO de Raça. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.42, 27 set. 1982.

UM CLÁSSICO, com bicho-extra e guerra de torcidas. **Zero Hora**. Porto Alegre, p.53, 08 jul. 1979.

UMA FAIXA... **Folha da Manhã**, Porto Alegre, p.27, 30 mai. 1977.

WERNECK, José Inácio. **Campo Neutro**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.27, 16 out. 1979.

DEPOIMENTOS

BERTOTTO, Paulo Gilberto. **Depoimento de Paulo Gilberto Bertotto: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

BUENO, Eduardo Rômulo. **Depoimento de Eduardo Rômulo Bueno (Peninha)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

BUENO, Fernando. **Depoimento de Fernando Bueno**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

CALOGHERO, Carlos. **Depoimento de Carlos Caloghero (Carlinhos)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

CANAL, Roger. **Depoimento de Roger Canal**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

CARMO DOS SANTOS, André Luís. **Depoimento de André Luís Carmo dos Santos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

COIMBRA, David. **Depoimento de David Coimbra**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

COSTA, Luiz Heitor Meirelles da. **Depoimento de Luiz Heitor Meirelles da Costa (Bobis)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

CUNHA, Sérgio Luiz. **Depoimento de Sérgio Luiz Cunha (Serginho)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

DOURADO, Hélio. **Depoimento de Hélio Dourado**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

FORESTI, Rosa. **Depoimento de Rosa Foresti**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

GERCHMANN, Leonardo. **Depoimento de Leonardo Gerchmann**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

GOLIN, Celio. **Depoimento de Celio Golin**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

HEINE, Ricardo. **Depoimento de Ricardo Heine**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

MALTA, Marcelly. **Depoimento de Marcelly Malta**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

MARCOS, Mário. **Depoimento de Mário Marcos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

MOLL DOS SANTOS, Carlos Eduardo. **Depoimento de Carlos Eduardo Moll dos Santos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

OLIVIER, Diogo. **Depoimento de Diogo Olivier**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

PREZZI, Jairo Prezzi. **Depoimento de Jairo Prezzi**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

QUADROS, Lauro. **Depoimento de Lauro Quadros**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

QUEVEDO, Marquita. **Depoimento de Marquita Quevedo**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

RIVAS, Francisco Jackson. **Depoimento de Francisco Jackson Rivas (Pancho)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

ROCHA, Luiz Afonso Oliveira da. **Depoimento de Luiz Afonso Oliveira da Rocha**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017

RODRIGUES, Osmar Dziekaniaki. **Depoimento de Osmar Dziekaniaki Rodrigues**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

SANTOS, Volmar. **Depoimento de Volmar Santos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

SANTOS, Volmar. **Histórias de Vida e Ação Política**: entrevista com Volmar Santos. Porto Alegre: Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde/ UFRGS, 2015b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cJuHfIGkZEU>>. Acesso em 10 jun. 2018.

SANTOS, Volmar. **Depoimento de Volmar Santos**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

SOUZA, Ema Tereza Facchin Coelho de. **Depoimento de Ema Tereza Facchin Coelho de Souza**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

SOUZA, José Tarciso de. **Depoimento de José Tarciso de Souza (Tarciso)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

TITOW, Júlio. **Depoimento de Júlio Titow (Yúra)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

VIEIRA, Cleber Luiz de Almeida. **Depoimento de Cleber Luiz de Ameida Vieira**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

VIEIRA, Gerson Luiz de Almeida. **Depoimento de Gerson Luiz de Ameida Vieira**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2017.

VILAIN, Oberdan Nazareno. **Depoimento de Oberdan Nazareno Vilain**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

WEDMAN, Carlos Roberto. **Depoimento de Carlos Roberto Wedman (Vô Vida Loka do Grêmio)**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

ANEXO A – MODELO DE CARTA DE CESSÃO DO PROJETO GARIMPANDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
 CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, _____
 _____ CPF n°
 _____, declaro, ceder ao Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Projeto Garimpando Memórias.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do depoente

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM JORNALISTA

Entrevistado: Lauro Quadros

1. Queria que você começasse me falando sobre como começou sua relação com o futebol.
2. Você costumava frequentar estádios?
3. Você fez parte de alguma torcida organizada?
4. Você costuma se atentar aos torcedores e torcidas organizadas?
5. Como você caracterizaria as torcidas do Grêmio e do Internacional?
6. Você percebe mudanças dessas características ao longo do tempo? Quais?
7. Como você ingressou no jornalismo? Você poderia me falar sobre sua trajetória?
8. Porque optou pelo jornalismo esportivo?
9. Seu ingresso na imprensa esportiva modificou sua relação com o futebol? Como?
10. Como você tomou conhecimento da existência da Coligay?
11. Quais as lembranças que você tem dessa torcida?
12. O que você sabe ou já ouviu falar sobre essa torcida?
13. Como a imprensa reagiu ao surgimento de uma torcida formada por homossexuais?
14. Como os torcedores gremistas se relacionavam com a Coligay?
15. Como os torcedores do Internacional se relacionavam com a Coligay?
16. Você acha que os torcedores do Grêmio que viveram a década de 1970 e 1980 têm alguma lembrança do Coligay?
17. Você percebe alguma estratégia de manutenção de memórias da Coligay por parte dos torcedores do Grêmio ou do clube?
18. Você percebe os torcedores do Internacional participando da manutenção da lembrança da Coligay de alguma forma?
19. Que reações de torcedores, do clube e da imprensa você notou quando ocorreu o lançamento do livro do Léo Gerchmann sobre a Coligay, que acabou gerando grande visibilidade para essa torcida?
20. Você tem conhecimento ou já ouviu falar de outras torcidas gay?
21. O que você sabe ou ouviu falar delas?
22. Você percebeu algum impacto do governo militar no futebol, para os torcedores e torcidas?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM TORCEDOR

Entrevistado: Jairo Prezzi

1. Queria que você começasse me falando um pouco sobre sua relação com o futebol e com o Grêmio.
2. Quando começou a frequentar estádios e com que companhias?
3. Você já fez parte de uma torcida organizada?
4. Quando foi a primeira vez que você tomou conhecimento da existência da Coligay?
5. Que outras torcidas organizadas existiam nesse período?
6. O que você se lembra sobre a performance da Coligay nas arquibancadas?
7. Você conheceu algum dos integrantes?
8. Como era o convívio das outras torcidas e torcedores com os integrantes da Coligay?
9. Havia algum tipo de resistência ou incômodo dos outros torcedores com os integrantes da Coligay?
10. Era comum que os torcedores do próprio Grêmio ofendessem ou fizessem piadas com a Coligay? Se sim, como os integrantes da Coligay costumavam a reagir com relação a isso?
11. E como era a reação das torcidas dos outros clubes, principalmente a do Inter, com relação a existência da Coligay?
12. Você se lembra do momento em que a Coligay parou de existir? Houve algum tipo de reação dos demais torcedores e torcidas?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX-JOGADOR DO GRÊMIO

Entrevistado: Oberdan Nazareno Vilain

1. Queria que você começasse me falando sobre como começou sua relação com o futebol.
2. Você costumava frequentar estádios como torcedor?
3. Você já integrou alguma torcida organizada?
4. E falando do seu período como jogador, como você chegou ao Grêmio?
5. Quais são suas lembranças mais marcantes como jogador?
6. Quais são suas lembranças mais marcantes de sua trajetória no Grêmio?
7. Quais são suas lembranças mais marcantes do Campeonato Gaúcho de 1977?
8. Como você descreveria as torcidas de futebol no período em que você atuou como jogador?
9. Como você caracterizaria a torcida do Grêmio no período em que jogou aqui, final da década de 1970?
10. Você se recorda das torcidas organizadas dessa época? De quais? Como elas eram?
11. Como era a relação dos jogadores com os torcedores?
12. Você se lembra da Coligay?
13. Quando foi a primeira vez que você tomou conhecimento da existência da Coligay?
14. Em que aspectos o comportamento da Coligay se diferenciava do das demais torcidas?
15. Como era a relação dos jogadores com os integrantes da Coligay?
16. Havia algum tipo de incômodo dos jogadores com a Coligay?
17. Você costumava ouvir piadas sobre a Coligay, seja entre os jogadores ou em outros ambientes?
18. E por parte da torcida do Internacional? Você lembra deles usarem a Coligay para zombar dos gremistas?
19. Você chegou a conhecer algum ou alguns dos integrantes?
20. Você se recorda do momento em que a Coligay parou de existir?
21. Que reações você percebeu a partir do lançamento do livro do Léo Gerchmann sobre a Coligay, que acabou gerando grande visibilidade para essa torcida?
22. Você percebeu algum impacto da ditadura militar nos estádios de futebol ou nas torcidas organizadas?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX-FUNCIONÁRIO DO GRÊMIO

Entrevistado: Hélio Dourado

1. Queria que você começasse me falando sobre como começou, lá na infância, sua relação com o futebol e com o Grêmio.
2. Quando começou a frequentar estádios e com que companhias?
3. Em que a experiência de assistir um jogo no campo se diferencia de assistir na TV ou ouvir no rádio?
4. Você já integrou alguma torcida organizada?
5. Quando você passou a participar da direção do Grêmio? Que funções exercia?
6. Participar da gestão do clube mudou sua relação como torcedor do Grêmio?
7. Como funcionava a gestão das torcidas pelo Departamento Eurico Lara? Você sabe quando ele foi fundado e quando foi fechado?
8. Que torcidas organizadas existiam nesse período?
9. Quando foi a primeira vez que você tomou conhecimento da existência da Coligay?
10. Em que aspectos o comportamento da Coligay se diferenciava do das demais torcidas?
11. Como era a relação do clube com a Coligay?
12. O clube dava algum tipo de ajuda para a torcida, como ingressos, dinheiro para aluguel de ônibus etc?
13. Dentro da direção do clube chegou a haver algum tipo de incômodo ou resistência com a Coligay?
14. Como era o convívio das outras torcidas e torcedores com os integrantes da Coligay?
15. E quais são as suas lembranças mais marcantes com relação a presença da Coligay no estádio?
16. Havia algum tipo de resistência ou incômodo dos outros torcedores com os integrantes da Coligay?
17. Era comum que os torcedores do próprio Grêmio ofendessem ou fizessem piadas com a Coligay? Se sim, como os integrantes da Coligay costumavam a reagir com relação a isso?
18. E como era a reação das torcidas dos outros clubes com relação a existência da Coligay?
19. Você se recorda do momento em que a Coligay parou de existir? Houve algum tipo de reação dos demais torcedores e torcidas?

20. Você percebeu algum impacto da ditadura militar nos estádios de futebol ou nas torcidas organizadas?